Série 2ª LIVROS DIDÁTICOS Vol. 5
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

EDUARDO CARLOS PEREIRA

GRAMÁTICA EXPOSITIVA

CURSO SUPERIOR

Adaptada à Ortografia Oficial

por

LAUDELINO FREIRE
(da Academia Brasileira)

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Série 2.ª LIVROS DIDÁTICOS Vol. 5
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

EDUARDO CARLOS PEREIRA

*

GRAMÁTICA EXPOSITIVA

CURSO SUPERIOR

*

65.ª EDIÇÃO

ADAPTADA À ORTOGRAFIA OFICIAL

por

LAUDELINO FREIRE

da Acadêmia Brasileira

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo - Rio de Janeiro - Recife - Bahia - Pará - Pôrto Alegre
1945

PRÓLOGO DA 1.ª EDIÇÃO

A boa regência de nossa cadeira de português no Ginásio Oficial da cidade de São Paulo nos levou ao presente trabalho.

Depois que Júlio Ribeiro imprimiu nova direção aos estudos gramaticais, romperam-se os velhos moldes, e estabeleceu-se largo conflito entre a escola tradicional e a nova corrente. Vai a esta hora viva a requesta em todo o campo gramatical. A incerteza das teorias pede meças à variedade desorientadora do método expositivo e à exuberância da tecnologia abstrusa e cansativa.

Nestas condições é natural que o professor de português sinta necessidade de abrir caminho próprio. Foi o que nos aconteceu, embora tivéssemos de fazer da fraqueza fôrças.

A orientação que seguimos, expô-la-emos em poucas palavras.

Em primeiro lugar, procuramos a resultante das duas correntes — da corrente moderna, que dá ênfase ao elemento histórico da língua, e da corrente tradicional, que se preocupa com o elemento lógico na expressão do pensamento. Há verdade nas duas correntes: o êrro está no exclusivismo de uma e de outra, ou, melhor, na confusão de ambas.

Ninguém contesta, certamente, que os fatos atuais da língua têm sua explicação racional nos antecedentes históricos da mesma língua. E' na fonologia, morfologia ou sintaxe históricas que encontramos a razão de ser das regras atuais da gramática expositiva sôbre a pronúncia, sôbre a forma dos vocábulos, ou sôbre os processos sintáticos. Daí não se segue, porém, que o estudo da gramática histórica deva anteceder ou mesmo acompanhar o estudo da gramática expositiva. E' esta, entretanto, a lamentável confusão que tem grandemente prejudicado, nestes últimos tempos, o ensino da língua nacional. Basta, para satisfazer as exigências racionais do ensino expositivo, seguir-se a opinião criteriosa de Brachet, isto é, basta ministrar a dosagem histórica ao alcance do aluno, suficiente para a clara inteligência dos fenômenos atuais, sem que seja necessário baralhar o estudo da gramática histórica com o estudo da gramática expositiva. Obedecendo a êste critério, consignamos, nas *Notas* e *Observações,* rápidas explanações históricas sôbre a regra expendida no texto.

Demais, a lei da organização do ensino ginasial discrimina sàbiamente o ensino expositivo do ensino histórico na cadeira de português. Os três primeiros anos são consagrados ao estudo da gramática expositiva; no 4.º ano se faz o estudo da gramática histórica, como complemento necessário de um estudo perfeito da língua vernácula.

A gramática histórica entressachada na gramática expositiva traz, como natural resultado, a interrupção na exposição didática, o desânimo e a confusão no espírito de alunos, que não têm ainda o indispensável conhecimento prévio do latim (que só começa no 3.º ano dos ginásios), para poderem compreender as leis glóticas rudimentares da evolução histórica do português; finalmente, traz a anulação recíproca de matérias que, no pensamento do programa oficial, devem mùtuamente completar-se.

Acompanhando, pois, a lei da organização do ensino secundário, apenas desenvolvemos neste curso, com certa amplitude, a matéria reclamada pelo programa oficial dos três primeiros anos, não perdendo de vista o seu complemento nos estudos históricos do 4.º ano.

Em segundo lugar, fugimos da "terminologia gramatical abstrusa e cansativa", na frase cortante da "Comissão de programas de línguas". Não rejeitamos, todavia, os *neologismos* já correntes e apropriados.

Em terceiro lugar, amparamos nossas teorias gramaticais na autoridade de mestres de reconhecida competência, tais como — *F. Diez, A. Darmesteter, C. Ayer, Mason, Bain, Brachet, Andrés Bello, F. Zambaldi*, para não mencionar o grande número de gramáticos nacionais e portuguêses, antigos e modernos, que tínhamos diante de nós.

Ao lado dêstes mestres, tivemos de colocar, com igual escrúpulo, os exemplos clássicos, que firmavam a doutrina. Como se vê da lista, que em seguida publicamos, escolhemos autoridades clássicas de reputação incontestada, e de preferência os escritores modernos. Dada a evolução da língua, não se pode provar, em boa lógica, a vernaculidade atual de uma expressão qualquer com a autoridade de um clássico antigo. E' esta a razão por que, em nossa abundante citação, demos preferência a Alexandre Herculano e a Antônio Feliciano de Castilho, êsses "dois grandes mestres do moderno classicismo", no dizer acertado do Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro.

Cumpre-nos aqui confessar, agradecido, que, na pesquisa de exemplos clássicos, largo subsídio nos forneceu a luminosa polêmica, a qual, na redação do Código Civil, se travou entre dois agigantados cultores de nosso idioma, queremos falar do Dr. Rui Barbosa e do Dr. Ernesto Carneiro

Ribeiro. Graças a êsse manancial e ao esfôrço próprio, pudemos abonar amplamente a doutrina exposta com a citação de numerosos textos de escritores abalizados.

Além disso, levado por uma sugestão do programa oficial de português, que determina "a apreciação de trechos em que entrem provérbios, máximas e sentenças morais", enriquecemos o nosso humilde trabalho com dezenas de provérbios, máximas e ditos sentenciosos, que demos para aclarar e fixar as regras. Com tais exemplificações colimamos três fins: *a*) a fixação fácil da regra pelo frisante e agradável do exemplo; *b*) o enriquecimento do espírito da mocidade com o legado venerável da boa e velha linguagem contida nos prolóquios populares; *c*) a influência salutar dos princípios morais, que êles contêm. Destarte satisfazemos o excelente princípio da pedagogia alemã: aguçar o intelecto e formar o caráter.

Quanto ao nosso método expositivo, dois princípios nos serviram de fio condutor através da multiplicidade e mobilidade dos fenômenos gramaticais: *a*) não partir a gramática *em pequeninos*, multiplicando ao extremo as divisões e subdivisões, com grave detrimento da clareza; *b*) classificar os fatos e prendê-los na unidade de um todo harmônico.

Seguindo êstes princípios, que nos parecem verdadeiramente científicos, procuramos sistematizar os fatos numerosos da língua em grupos ou classes subordinadas a leis, concatenando êsses grupos em suas relações naturais, de modo que formássemos da gramática um corpo harmônico e simétrico de doutrinas. Foi êsse nosso escopo, principalmente na Taxeonomia, Etimologia e Sintaxe.

No estudo do verbo, p. ex., não nos limitamos a enumerar suas espécies, porém dividimo-las em grupos sistemáticos subordinados a princípios distintos de classificação.

Estudando os *afixos*, não tomamos por base de classificação a sua mera ordem alfabética, porém a sua *idéia*, elemento racional e fecundo para o estudo comparativo, que procuramos fazer.

No estudo dos fatos sintáticos, tentamos prender e sistematizar a extrema multiplicidade e variabilidade dos fenômenos nos três processos fundamentais de concordância, regência e ordem, encarando-os sucessivamente em seu aspecto normal e figurado.

Se algum êxito coroou esta nossa tentativa, não nos compete dizê-lo.

Em suma, cremos ter satisfeito plenamente as exigências dos três primeiros anos dos programas oficiais de nossos ginásios. Se nestas páginas

puder a nossa mocidade estudiosa encontrar alguma luz, que lhe revele os poderosos recursos de nosso belo idioma, e os nossos colegas no magistério algum auxílio de sua nobre profissão, dar-nos-emos por compensado dos aturados labores, que elas representam.

Lacunas, erros e senões deve de havê-los com certeza, e grato ficaremos à crítica sensata que os apontar.

São Paulo, 14 de fevereiro de 1907.

O AUTOR.

PRÓLOGO DA 2.ª EDIÇÃO

NESTA 2.ª edição julgamos não ter desmerecido do favor público que acolheu a 1.ª. Ampliamos a matéria e a sua exemplificação clássica retocando aqui e ali a doutrina e a sua disposição metódica. Além disso, alargamos o nosso trabalho com um *Esbôço histórico e geográfico da língua*, um breve estudo sôbre a *Sintaxe* e a *Estilística*, e com um *Índice alfabético*.

Tendo publicado o *Curso Elementar* para o 1.º ano dos Ginásios, procuramos nesta 2.ª edição do *Curso Superior* satisfazer plenamente o programa oficial do 2.º e do 3.º anos do curso ginasial, bem como atender igualmente ao desenvolvido programa de português da *Escola Normal* desta capital.

Aplicamos o maior cuidado à *análise*, fornecendo sôbre todos os domínios da gramática expositiva *modelos* e *exercícios* apropriados. Sem pruridos de inovação, fomos, todavia, coagido a dar neste assunto orientação que nos parece nova e segura. A crítica, entretanto, nos dirá se fomos bem sucedido. Cremos que, sem um perfeito conhecimento da análise, não pode ser perfeito o conhecimento da língua.

Na incerteza e deficiência de nossa legislação gramatical, sentimos necessidade de nos pôr em contato mais íntimo com a língua viva de pessoas cultas, e, cônscio de que a língua é um fato social cujas normas não se formulam *a priori*, de gabinete, ao sabor de gramáticos, esmeramo-nos em alargar a documentação clássica de modernos escritores de incontestável competência, em abono das regras que estabelecemos.

Os discursos, em geral, de nossos homens públicos e as polêmicas de nossos literatos revelam quão descurado vai entre nós o estudo de nossa língua. Entretanto, não só para as classes dirigentes, mas para tôdas as classes sociais, é patriótico e de alta conveniência um conhecimento mais perfeito da língua materna. Esperamos que para isso não seja inútil nosso trabalho.

São Paulo, 13 de dezembro de 1909.

PRÓLOGO DA 8.ª EDIÇÃO

SAI expurgada e bastante melhorada esta edição. Deu-nos novos estímulos a larga aceitação dêste nosso curso por ilustres professôres tanto do Sul como do Norte do Brasil. Forneceram novos subsídios estudos posteriores e a crítica sugestiva de ilustrados colegas. Dêste modo fomos habilitado a sistematizar melhor algumas definições, ampliar exemplificações e notas, e aumentar parágrafos. Na fonética coordenamos mais cuidadosamente os grupos vocálicos; na prosódia a quantidade e a acentuação tônica. Demos na morfologia mais atenção à flexão genérica e ao papel das conjunções. Na sintaxe metodizamos melhor e ampliamos o estudo dos membros essenciais da proposição, e retocamos, desenvolvendo-as, as teorias sôbre a regência. Finalmente, encerramos nossa revisão com um estudo sôbre composição literária em prosa e verso.

Nêle damos conselhos e preceitos em relação aos diversos gêneros de composição, bem como temas, modelos e sumários, rematando com um sucinto tratado sôbre metrificação portuguêsa.

Esta parte prática de nosso compêndio segue-se à *Estilística*, e substitui, no *Apêndice*, o *Esbôço histórico e geográfico da língua portuguêsa*, que melhor irá como *Introdução* a uma seleta, que breve deverá servir de complemento à nossa *Gramática histórica*.

O amor ao estudo da língua vernácula, rica herança de nossos avós, o apoio animador de uma parte respeitável do professorado nacional, o desejo ardente de que o idioma pátrio seja não só o vínculo sagrado e forte de nossa nacionalidade, mas a nobre expressão de nosso caráter, levam-nos a aproveitar o escasso tempo nesses labores didáticos, na esperança de assim trazer modesta contribuição à futura grandeza de nosso país.

São Paulo, 25 de abril de 1918.

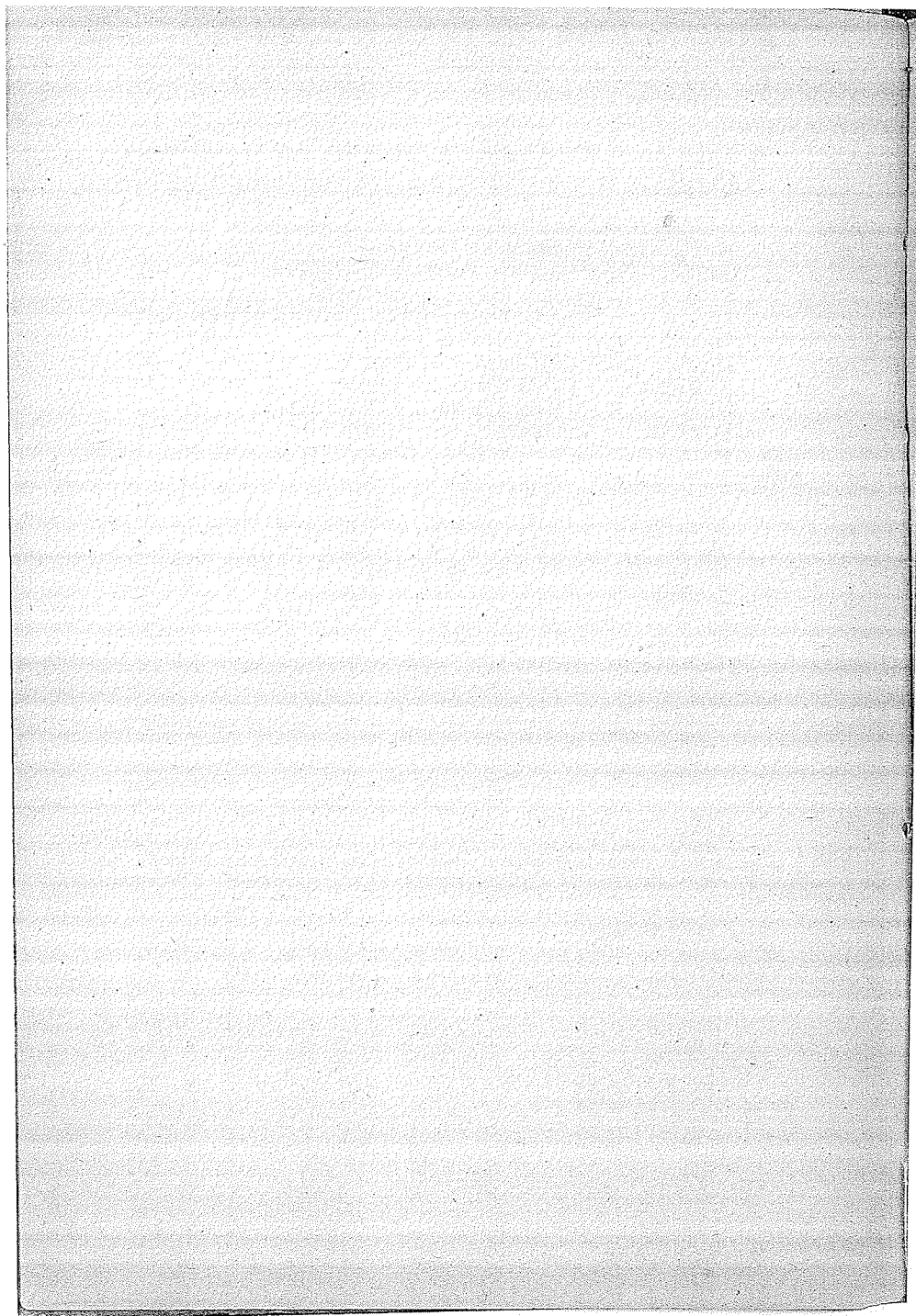
AUTORIDADES CLÁSSICAS QUE AMPLAMENTE AUTORIZAM AS TEORIAS DESTA GRAMÁTICA

A. H. ...... — Alexandre Herculano.
A. C....... — Antônio Feliciano de Castilho.
L. C. ...... — José Maria Latino Coelho.
G. .... — João Batista da Silva Leitão d'Almeida Garrett.
G. D. ...... — A. Gonçalves Dias.
O. M. ...... — M. Odorico Mendes.
F. Lisboa .. — João Francisco Lisboa.
R. S. ...... — Luís Augusto Rabelo da Silva.
C. C. B..... — Camilo Castelo Branco.
F. E. ...... — Filinto Elísio, Francisco Manuel do Nascimento
A. P. ...... — Padre Antônio Pereira.
A. V. ...... — Padre Antônio Vieira.
A. de F. ... — *Arte de Furtar*, atribuída a A. V.
M. B. ...... — Padre Manuel Bernardes.
L. S. ...... — Fr. Luís de Sousa.
J. Freire ... — Jacinto Freire de Andrade.
F. M. ...... — D. Francisco Manuel de Melo.
S. de Menezes — Sá de Menezes.
F. R. L. ... — Francisco Rodrigues Lôbo.
C. .... — Luís de Camões.
G. V. ...... — Gil Vicente.

EXPLANAÇÕES

No **2.° ano**, de acôrdo com o programa oficial dos ginásios, revendo a matéria do ano antecedente, o professor entrará no desenvolvimento mais amplo da Fonologia e Morfologia, encetando, então, o estudo da Etimologia.

No **3.° ano**, o professor, revendo a matéria do ano anterior, entrará no estudo mais desenvolvido da sintaxe aplicando-se às "particularidades de construção", às figuras e aos "vícios de linguagem", a que damos largo desenvolvimento, satisfazendo destarte o programa oficial.

As seguintes *abreviaturas*, usadas nesta obra, são fàcilmente inteligíveis: *lat.*+ino; *gr.*+ego; *obs.*+ervações; *ex.*+emplo; *exc.*+eção; *exs.* = exemplos; *excs.* = exceções; *p. ex.* = por exemplo; *fut.*+uro; + (mais) indica reunião; = (igual a) indica equivalência; *v.*+elho; *port.*+uguês; → indica a procedência da forma proposta, p. ex., *coecum* → *cego, cego* vem de *coecum*.

1. **Linguagem** é "a expressão do pensamento por meio de palavras".

2. A **palavra** pode ser *falada* ou *escrita*: daí a *linguagem falada* ou *glótica*, e a *linguagem escrita* ou *gráfica*. A estas, por analogia, agrega-se a *linguagem gesticulada*, *mímica* ou *de ação*, constituída pelos *gestos* ou vários movimentos do corpo, de que se servem os mudos e, em parte, os oradores para darem vida ao discurso.

3. **Palavra** é um som oral ou combinação de sons orais, que exprime a idéia de alguma coisa, como: *pé*, *rosa*, *amar*, *justiça*, *belo*, *ser*, *é*.

4. Distinguem-se, na palavra:

a) a *forma material* — o *som* ou a *letra*, e

b) a *idéia* ou *significação*. Donde dois aspectos da palavra — o vocábulo e o têrmo.

5. **Vocábulo** ou DIÇÃO é a palavra em relação à forma material, e TÊRMO em relação à idéia.

6. **Língua** "é um sistema natural de palavras de que se servem os agrupamentos de homens para entre si comunicarem seus pensamentos".

7. **Vocabulário** ou LÉXICO de uma língua é a lista de seus vocábulos ou dições. Esta lista chama-se especialmente DICIONÁRIO ou LÉXICON, quando as palavras ou dições, dispostas em ordem alfabética, vêm acompanhadas da explicação de seu sentido.

Obs. — A língua pode ser — *viva*, *morta* ou *extinta*. *Viva*, quando falada por algum povo, como o *português*, o *francês*, etc.; *morta*, quando

não mais falada por povo algum, e só conhecida por documentos escritos, como o *latim*, o *hebraico*, etc.; *extinta*, quando dela não existe, sequer, um documento.

8. **As palavras**, expressão das *idéias*, combinam-se para formar a *frase*, expressão do *pensamento*.

9. **Frase** é a combinação de palavras, que exprime um pensamento, é o elemento fundamental da linguagem. A frase pode ser a expressão *completa* ou *incompleta* do pensamento: *a flor do jardim* — é uma frase ou expressão de sentido *incompleto*; *a flor do jardim é bela*, de sentido *completo*. Esta última constitui o que se chama *proposição* ou *oração*.

10. **Proposição** é a frase de sentido *completo*, que contém a declaração de alguma coisa, p. ex.: *O sol ilumina a terra com luz extremamente viva.*

Obs. — Na proposição acima, *sol* é o SUJEITO de que se declara que *ilumina*, o verbo *ilumina* é o PREDICADO, a coisa declarada do sujeito; *a terra, com luz extremamente viva*, são dois COMPLEMENTOS do predicado. Todo o *adjetivo* na frase modifica um substantivo, de que é complemento; o mesmo acontece com o *advérbio*, em relação à palavra por êle modificada, assim os artigos *o* e *a* são respectivamente complementos de *sol* e *terra*; bem como *viva* de *luz* e *extremamente* de *viva*. As *preposições* e *conjunções* são têrmos de *relação* ou *ligação*. Assim, cada palavra representa um papel na frase — de *sujeito*, *predicado*, *complemento* ou têrmo de *ligação*. O *sujeito* é, geralmente, representado por um substantivo ou pronome; o *predicado* por um verbo, e o *complemento* por qualquer espécie de palavra, e pode completar o sentido do sujeito, do predicado ou do próprio complemento.

Tôda proposição deve conter dois *têrmos essenciais* — o SUJEITO e o PREDICADO, e um *acessório* — o COMPLEMENTO.

Sujeito — Compl.	**Predicado — Compl.**
As — cãs — de — a — velhice	merecem — respeito.
O — amor — a — a — pátria	é — a — glória — de — os — cidadãos.
Os — países — de — a — América — de — o — Sul	ocupam — a — maior — parte — de — o — continente.
A — fé — sem — caridade	é — virtude — sem — valor.
Êle — e — ela	estão — sem — esperança.

GRAMÁTICA E SUA DIVISÃO

11. Gramática (gr. *gramma* = *letra*) é a sistematização dos fatos da linguagem.

Obs. — "Gramática é a ciência das palavras e suas relações, ou a arte de usar as palavras com acêrto na expressão do pensamento" — é a definição de nossas edições anteriores. Aí encarávamos os dois aspectos da gramática — o especulativo e o prático, seguindo a generalidade dos competentes na matéria. A gramática, define-a Mason, é a ciência que trata do discurso ou da linguagem. E o exímio romanista Arsène Darmesteter, cuja autoridade está acima de qualquer contestação, escreve, na Introdução de seu *Cours de Grammaire Historique de la Langue Française*: "A concepção de gramática como ciência é, podemos dizê-lo, uma idéia nova nascida com a lingüística moderna. Assim entendida, é a gramática de uma língua a determinação das leis naturais, que a regem em sua evolução histórica. A gramática, acrescenta êle, pode ser considerada como arte. Dêste modo a encararam os gregos e os latinos, e a Idade Média, e assim a encaram os gramáticos modernos que não se prendem à escola histórica. Da antiga Roma nos veio esta definição: *A gramática é a arte de escrever e falar corretamente.* Existe uma boa tradição: a gramática tem o dever de a tornar conhecida e defendê-la contra qualquer alteração. E' ensinando o bom uso que ela não se contenta em ser *ciência*, e torna-se *arte*. (*Gr. historique*, págs. 6 e 9.)"

12. Divide-se a gramática em — *geral* e *particular*, *histórica* e *expositiva*.

13. Gramática geral é, hoje, o estudo comparado de um grupo de línguas congêneres, como a *Gramática das Línguas Românicas*, de F. Diez.

14. Gramática particular é o estudo dos fatos de uma língua particular, quer encarados em seu estado atual, quer em suas transformações históricas.

15. Gramática histórica é o estudo das transformações de uma língua, no tempo e no espaço, feito comparativamente com as transformações paralelas das línguas e dialetos congêneres. E' um estudo histórico-comparativo.

16. Gramatica expositiva, DESCRITIVA OU PRÁTICA, é a que expõe ou descreve metòdicamente os fatos atuais de uma língua determinada.

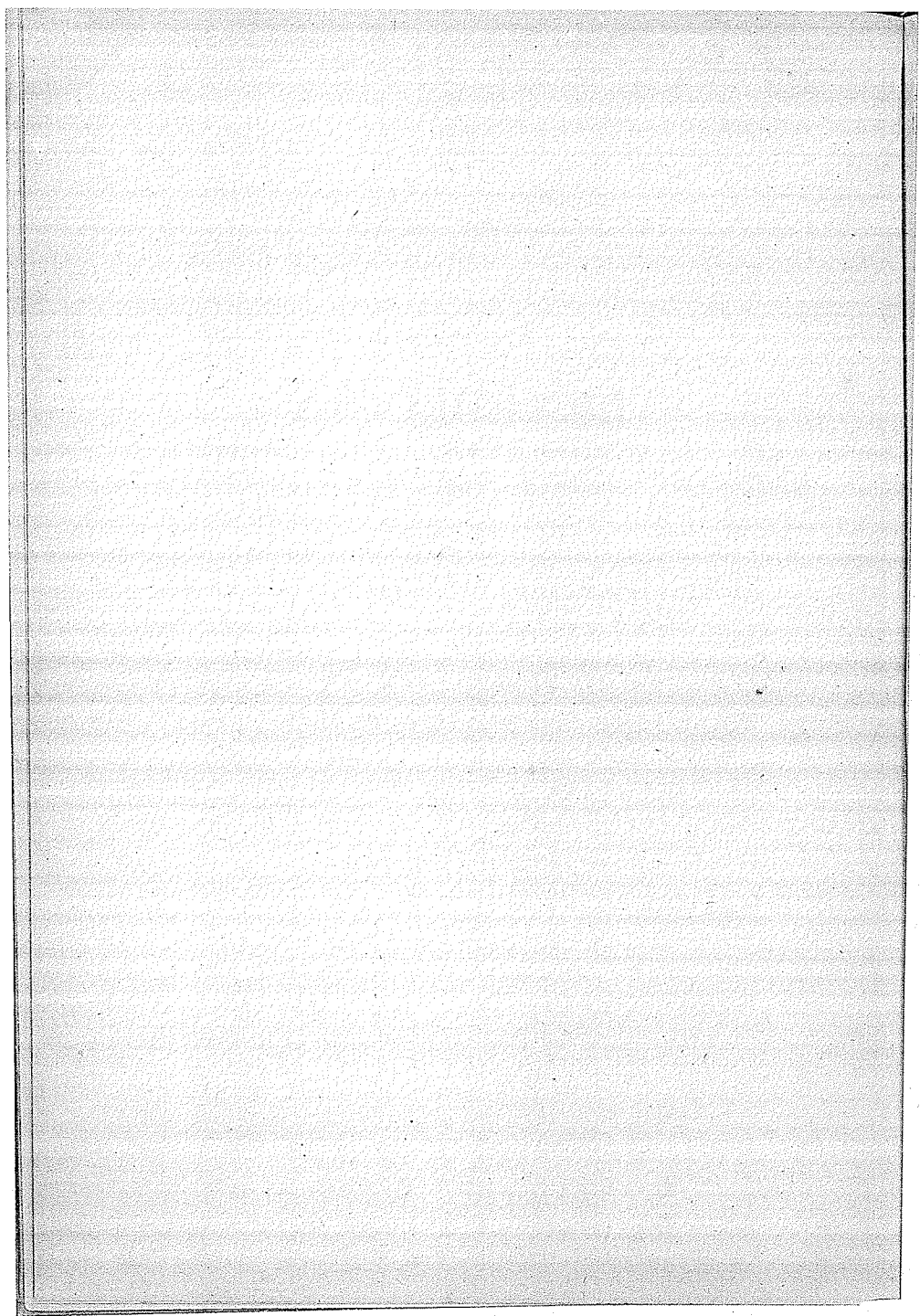
17. Gramática expositiva portuguêsa é a exposição metodizada das regras relativas ao uso correto da língua portuguêsa.

18. Estuda a gramática a palavra sob dois aspectos fundamentais: ISOLADAS e COMBINADAS. Daí o dividir-se o seu estudo em duas partes, a saber:

1. LEXEOLOGIA. — 2. SINTAXE

19. Lexeologia é a parte da gramática que estuda as palavras *isoladas*, CONSIDERADAS em si.

20. Sintaxe é a parte da gramática que estuda as palavras *combinadas* para a expressão do pensamento.

LEXEOLOGIA

ESTUDO DAS PALAVRAS ISOLADAS

21. Lexeologia (gr. *lexis* = *palavra*, *logos* = *tratado*) encara as palavras isoladamente em seus dois elementos fundamentais: em sua parte *material* que são os *sons* ou as *letras*, conforme se trata da palavra *falada* ou *escrita*, e em sua *idéia* ou *significação*. Por isso divide-se o estudo da *Lexeologia* em duas partes, a saber:

1. FONOLOGIA. — 2. MORFOLOGIA

FONOLOGIA

22. Fonologia (gr. *phonê* = *som*) é o estudo dos elementos materiais da palavra, isto é, dos *sons elementares*.

23. Os sons elementares oferecem três aspectos distintos: — ou ISOLADOS ou COMBINADOS na formação dos vocábulos, ou, ainda, FIGURADOS na escrita pelas letras. Daí as três divisões da *Fonologia*:

1. FONÉTICA. — 2. PROSÓDIA. — 3. ORTOGRAFIA

Fonética

24. Fonética é o estudo dos sons orais ou ARTICULADOS considerados em si isoladamente.

25. A fonética divide-se em FISIOLÓGICA e HISTÓRICA.

26. Fonética fisiológica é o estudo da formação dos sons da voz humana.

27. Fonética histórica é o estudo das transformações dêsses sons através do tempo nos vocábulos da língua.

SONS E LETRAS

28. Aos **sons elementares** da voz humana dá-se o nome genérico de FONEMAS, que são gràficamente representados pelas LETRAS.

29. Letras são sinais gráficos, que representam os *fonemas*.

30. Alfabeto, ABECÊ ou ABECEDÁRIO, é o conjunto sistemático das *letras*.

31. O nosso ALFABETO compõe-se de 23 LETRAS, que são:

1. Quanto à forma:

   a) *Maiúsculas: A B C D E F G H I J L M N O P Q R S T U V X Z;*

   b) *Minúsculas: a b c d e f g h i j l m n o p q r s t u v x z.*

2. Quanto à natureza:

   Vogais, 5: *a e i o u;*

   Consoantes, 18: *b c d f g h j l m n p q r s t v x z.*

As *consoantes* (*com+soantes*) são assim chamadas porque só podem soar com uma vogal: *be, ce, de,* etc.

Obs.

1.ª O *h* não representa por si só som oral nenhum, não é, rigorosamente falando, uma *letra*; porém já tem seu lugar tradicional no alfabeto. Serve: *a*) para formar as letras compostas ou DIGRAMAS (*nh* e *lh*), *b*) para indicar leve aspiração nas interjeições — *oh! ah, ha, ha!*, e *c*) para notação etimológica, como em *homem!* O *w* (dobre+u = dobleú) não pertence ao nosso

alfabeto, é letra teutônica. Só é empregado em vocábulos provindos do inglês e do alemão. Nos vocábulos de origem inglêsa tem êle o som vogal de u — *wist, tramway, railway* ; nos do alemão o valor consoante de *v* — *thalweg*. *Wagon* já se acha prosòdicamente incorporado na língua e, por isso, dir-se-á *vagão*.

2.ª O têrmo — *alfabeto* vem do grego, e é derivado do nome grego das duas primeiras letras — *alpha* = *a*, *beta* = *b*. A origem do *alfabeto* perde-se na noite dos tempos. Atribui-se esta admirável invenção aos antigos egípcios, que a passaram aos fenícios, êstes aos gregos, os gregos aos romanos, e os romanos a nós, por intervenção do latim, língua-mãe do português.

O alfabeto fenício só continha consoantes, e os gregos inseriram as vogais, transformando nelas certas consoantes aspiradas de que não faziam uso. Dêste modo se explica a colocação arbitrária das vogais em nosso alfabeto.

Por sua vez, os romanos deixaram de incluir no alfabeto, recebido dos gregos, quatro consoantes aspiradas, desnecessárias na fonação das palavras latinas, que são as seguintes :

Θ = theta = th
Φ = phi = ph
Ψ = psi = ps
X = chi = ch

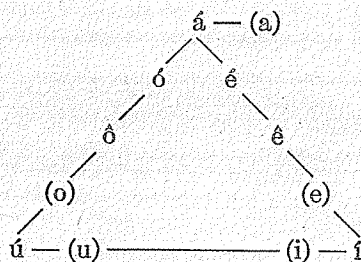
Nota. — Devemos distinguir nas *letras* três elementos : — *a*) o *nome* (o *efe*, o *eme*); *b*) a *forma gráfica* (= letra pròpriamente); *c*) o *valor fonético* (= fonema). — *Vogal* é a *letra* e também o *som* ou *fonema*.

CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS

32. Os FONEMAS de nossa língua dividem-se em fonemas vogais ou VOZES, e consoantes ou CONSONÂNCIAS.

Vozes

33. As VOZES ou *fonemas vogais* da língua portuguêsa são 17, sendo :

12 ORAIS, como se vê na seguinte escala vocálica:

5 NASAIS: *an, en, in, on, un.*

Obs. — VOZES ORAIS, também chamadas PURAS, são formadas pela *corrente expiratória* ou sôpro que, partindo dos *pulmões*, passando pelo tubo cartilaginoso denominado *traquéia-artéria*, e tornando-se em som pela vibração das *cordas vocais* na extremidade superior dêsse tubo, é modificada pelas sucessivas aproximações das *partes móveis* da bôca, que são: a *arcada dentária inferior*, os *lábios*, a *língua*, o *véu do paladar*. As VOZES NASAIS são formadas do mesmo modo, com a diferença, porém, de refluir, pelo abaixamento do véu do paladar, parte da corrente expiratória para as *fossas nasais: an, en, in, on, un.*

34. O valor QUALITATIVO das vogais nos é dado pelo *timbre*. Com relação à *qualidade* ou *timbre*, classificam-se as vogais orais em:

a) Abertas — *á, é, ó,* — sof*á*, vaca, — p*é*, verme, — p*ó*, lençol.
b) Fechadas — *ê, ô* — merc*ê*, verde, — av*ô*, povo.
c) Surdas ou graves — *a, e, i, o, u,* — fald*a*, op*a*, fac*a*, — livr*e*, pesar, — v*i*ver, l*i*dar, — livr*o*, pr*o*var, — trib*u*tário, l*u*tar.

O *â* (fechado) de Portugal (*dâma, câda*) é estranho ao Brasil.

O *i* e *u* não se distinguem pela *qualidade* ou *timbre*, mas antes pela *intensidade* ou *tônica*. — O *e* e *o surdos* são ambíguos, e ora sobem levemente a escala vocálica para *ê* e *ô*, ora descem para *i* e *u*, conforme a sua posição no vocábulo e os hábitos prosódicos do povo (*pesar = pêsar, livre = livri, provar = prôvar; livro = livru.*) Em São Paulo a tendência ascendente é mais pronunciada (mêninô), e em Minas Gerais, a escala descendente (mininu.) — As vogais *a, i, u,* que ocupam os ápices dos ângulos, geradas

nos pontos extremos, *garganta* (a), *paladar* (i), *lábios* (u), das linhas imaginárias, que formam o triângulo das vozes, são chamadas *primitivas* ou *primárias;* ao passo que as outras, formadas em pontos intermediários (*é, ê, e, ó, ô, o*) são *intermediárias* ou *secundárias*.

35. Havendo só 5 vogais para representarem na escrita as 17 vozes fundamentais da língua, recorremos, na deficiência de símbolos ou caracteres especiais, a certas notações modificadoras do valor fonético das vogais, chamadas sinais DIACRÍTICOS, e com elas compomos a letra — *á, é, ê, ó, ô, an, ã, on.* A letra se diz neste caso — COMPOSTA.

36. Damos em seguida o quadro dos valores *qualitativos* das vogais.

Quadro dos valores qualitativos das vogais

A	*aberto*	— p*á*, *f*ada.
	surdo	— val*e*r, prat*a*.
	nasal	— v*ã*, *a*mo.
E	*aberto*	— p*é*, adega.
	fechado	— v*ê*, espelho.
	surdo	— val*e*, cidad*e*.
	nasal	— entrar, pena.
I	*agudo*	— colibr*i*, jurit*i*.
	surdo	— dând*i*, júr*i*.
	nasal	— ru*i*m, *i*nverno.
O	*aberto*	— p*ó*, inodoro.
	fechado	— av*ô*, morro.
	nasal	— tom, consorte.
U	*agudo*	— sag*u*, urub*u*.
	grave	— ad*u*bar, p*u*lar.
	nasal	— t*u*nda, *u*ntar.

GRUPOS VOCÁLICOS

37. Grupos vocálicos são a reunião de duas ou três vogais em um vocábulo, tais como — *vaidade, nívea, iguais, quatorze, tia,* denominados: DITONGOS, SEMIDITONGOS, TRITONGOS, MONOTONGOS, HIATOS.

38. Ditongos (gr. *di* = *duplo*, *phthongos* = *som*) é um som vocálico duplo, isto é, duas vogais pronunciadas de um só impulso. E' chamada a primeira *prepositiva*, e a segunda *subjuntiva*, como se vê na seguinte lista dos ditongos de nossa língua, em suas variedades gráficas:

Orais

1.	ai		— mais, paiol, vaidade.
2.	au		— mau, pau, causa, pauta.
3.	ei	*aberto*	— papéis, réis, fiéis, platéia.
		fechado	— rei, grei, moveis.
4.	eu	*aberto*	— céu, troféu, chapéu, véu.
		fechado	— teu, judeu, feudo, perdeu, europeu.
5.	iu		— viu, partiu, riu, siu, psiu.
6.	oi	*aberto*	— dói, herói.
		fechado	— foi, boi, sois, joio.
7.	ou		— dou, sou, ouço, pousar, açoutar.
8.	ui ue		— fui, gratuito, drúida, cultue, preceitue.

Nasais

1.	ãe	— mãe, pães, escrivães, cães.
2.	ão, am	— pão, amarão e amaram.
3.	em (= ei)	— bem, vêem, tem, têm, põem, saem, doem.
4.	õe	— põe, propões, cordões, corações.
5.	ui	— muito.

39. Semiditongo, DITONGO IMPERFEITO OU IMPRÓPRIO, é aquêle em que as duas vozes intimamente ligadas se discriminam, entretanto, em ligeiros impulsos sucessivos. São êles os seguintes :

1. **ea** — nívea, áurea, área, cesárea, plúmbea, aleatório.
2. **eo** — níveo, áureo, cesáreo, plúmbeo.
3. **ia** — glória, vária, constância, Itália, Bulgária, Romênia, Urânia, vesânia.
4. **ie** — série, espécie, sénie, efígie, imundície (imundícia).
5. **io** — vário, Mário, canário, algárvio, finório, lírio, vício.
6. **oa** — mágoa, páscoa.
7. **ua** — água, quadra, quando, guarda, quatro, quase, sequaz, guarida, qual, régua, frágua, míngua, exígua.
8. **ue** — seqüela, eqüestre, têaue.
9. **ui** — acuidade, eqüidade, eqüino, sangüíneo, sangüinário.
10. **uo** — fátuo, equóreo, aquoso, inócuo, exíguo, quota.

40. Tritongo são três vogais sucessivas, no corpo do vocábulo, pronunciadas em uma emissão de voz. Opinam Duarte Nunes de Leão e F. Diez pela existência de tritongos, contra a opinião de J. Soares Barbosa e outros. De fato, os supostos tritongos são *semitritongos* uns, e *hiatos* outros. Tais são — *iguais, averigueis, Paraguai, guai,* onde se percebem duas sílabas intimamente ligadas, sendo a última ditongal ; em *caiais,* ambas são ditongais. Citam outros — *eia, meia, leiam, vivíeis,* onde duas sílabas se discriminam em franco *hiato.*

41. Monotongo é o grupo literal de duas vogais, em que só a última tem valor fonético, como *que, guerra, quatorze, distinguir, equipagem, equívoco.*

42. Hiato é o grupo vocálico de duas vozes pronunciadas em dois impulsos francos, tais são :

1. **ae** — baeta, aéreo, faetonte, Israel, Misael
2. **ao** — aorta, aortite, aoristo, caótico, Faraó
3. **au** — paul, saúde, ataúde, graúdo, espadaúdo
4. **ea** — teatro, beato, reato, ideal, meação
5. **ean** — meandro, meã, meão, peanha

6. **ee** — reeleger, preeminente, preexistir
7. **ei** — deísmo, deípara, ateísta
8. **eo** — teologia, neologia, Teodoro
9. **eon** — panteon (ou panteão), orfeon (ou orfeão)
10. **ia** — sabia, sabiá, vangloria, periferia, cacofonia, anestesia, hiate, hiato
11. **ian** — triângulo, curiango, ariano, persiano
12. **ie** — varie, hierofante, piedade
13. **ien** — odiento, ciente, eficiente
14. **io** — tio, pio, doentio, miolo, piorra, viola
15. **ion** — ambicionar, espionar
16. **iu** — ciúme, diurno, viúva, miúdo
17. **oa** — lagoa, voar, boa, proa
18. **oan** — voando, povoando, coando
19. **oe** — coelho, joelho, poeta
20. **oen** — coentro, eloendro, poente, doente
21. **oo** — vôo, cooperar, álcool
22. **ua** — tua, sua, falua, mingúa, argúa
23. **uan** — minguando, aguando, estuando
24. **ue** — mansueto, pirueta, puérpera
25. **ui** — jesuíta, pituíta, ruína, casuística
26. **uin** — ruim, qüinqüênio, constituinte
27. **uo** — averigúo, apazigúo, enxagúo.

Obs. — 1.ª Lavra confusão entre os gramáticos sôbre o número dos nossos ditongos orais. Fernão de Oliveira dá-nos 15; Duarte Nunes de Leão, 16; Roboredo, 17; João Franco Barreto, 19; Fr. Luís do Monte Carmelo, 10; J. Soares Barbosa, 16; Diez e Júlio Ribeiro, 19; Gonçalves Viana, 12; Franco de Sá, 7; Cândido de Figueiredo, 19; Constâncio, 35. Optamos por 8 (ou 11) de nossas edições anteriores, segundo o modo de contar, que é o de G. Viana, no qual *o* aberto e *o* fechado são computados dois. — E' evidente que a solução do problema está não só no modo de contar e no conceito do ditongo, como também no funcionamento do aparelho fônico. Sendo ditongo a prolação *monossilábica* de duas vozes, dificilmente poderão achar mais de 8 ou 11 no Brasil, e 12 em Portugal (ăi.) Os outros grupos vocálicos são *dissilábicos*, e o monotongo *assilábico*. Desprovido dêste critério e chamando ditongo a qualquer combinação de vozes justapostas, não é de espantar a conclusão a que chegou Constâncio. Para obviar o caso, notáveis foneticistas, como Darmesteter e G. Viana, dão-nos duas classes de ditongos — *crescentes* e *decrescentes*. Os *hiatos* e os *semiditongos*, acima expostos, estão na primeira classe, e os *ditongos*, pròpriamente ditos, estão na segunda. De fato, a condição para a existência de um ditongo natural é que a *prepositiva* seja *predominante*, devendo para isso ocupar lugar ascendente na escala vocálica (a + i, + u; e + i, + u; i + u; o + u, + i; u + i.) No funcionamento decrescente do aparelho bucal o sôpro ou voz pode ser *duplicada* qualitativamente sem interrupção; o que não sucede quando o aparelho tenha de funcionar inversamente, *crescendo* a abertura do canal bucal (e + a, i + a; o + a, u + a; i + e; u + o.) A mesma

interrupção de sôpro se dá quando as vogais são idênticas (e + e, o + o), e quando a *subjuntiva* é acentuada (a + ú, e + ó, i + ú, o + é, + ê, + en), ou proeminente (i + o, e + o, u + i: vário, níveo, tênue, eqüidade). Desde que haja a duplicação da emissão sonora, desaparece o *ditongo*, e surge o *semiditongo* ou o *hiato*, conforme é mais ou menos franca essa duplicação. — A marcha evolutiva da língua é do hiato para o semiditongo, e dêste para o ditongo e monotongo, quando a isso não se opõem os fatôres fisiológicos. E' por essa razão que o ditongo *ou* tende a desaparecer no monotongo *ou* = *ô*, e o hiato *io* a contrair-se no ditongo *iu* — *frio* em *friu*, *tio* em *tiu*, vício ainda de pronunciação generalizado na prosódia do Estado de São Paulo.

2.ª Na poesia, onde há menos rigor na contagem das sílabas, os semiditongos são monossilábicos, como os ditongos. E' aí freqüente a *sinérese* e a *diérese;* esta em dissilabar ditongos (trai-ção = tra-i-ção), aquela em monossilabar hiatos (su-a-ve = sua-ve.)

CONSONÂNCIAS

43. Os FONEMAS CONSOANTES ou *consonâncias* da língua portuguêsa são 19, a saber:

1. BE — *b*om, sá*b*ado	10. PE — *p*az, o*p*or
2. QUE (C) — *c*ão, *qu*atorze, or*qu*estra	11. RE — va*r*a
3. DE — *d*ar, a*d*erir	12. RRE — *r*io, retórica
4. FE — *f*az, *f*arol	13. CE — *s*ó, cê*s*to, a*ç*o
5. GUE (G) — *g*ás, *gu*itarra	14. TE — *t*io, a*t*ender, *t*eatro
6. JE — *j*az, *g*ente	15. VE — *v*ã
7. LE — *l*er, cá*l*o	16. ZE — *z*ebu, ro*s*a
8. ME — *m*ãe, cha*m*a	17. XE — *x*adrez, *ch*á
9. NE — *n*ão, a*n*o	18. NHE — se*nh*or
	19. LHE — ma*lh*a.

Obs. — Os fonemas consoantes ou consonâncias são formados pela corrente expiratória, que encontra obstáculo na *aproximação* ou *contato* de órgãos bucais. São, como os fonemas vogais, sons laríngeos, isto é, formados na laringe e caracterizados por maior aproximação das *partes móveis* da bôca. Por isso alguns gramáticos lhes chamam *vozes constritas* e *explosivas*, dando às *vocais* a designação de *vozes livres*.

44. Das LETRAS CONSOANTES, que representam gràficamente as consonâncias, uma (*r*) representa dois fonemas (*re*, *rre*), e para os fonemas *nhe* e *lhe* não há letra ou caráter especial. O fonema *ce* (*c* e *s*) tem dupla representação simples; e o fonema *ze* (*z*, *s* e *x*) tem tríplice representação simples. Daí

dois defeitos do nosso alfabeto: superabundância para a representação de certos fonemas, e deficiência para a representação de oütros (*nhe, lhe, an, en, in, on, un.*)

45. Os fonemas consoantes discriminam-se em referência — 1.º) *ao modo de sua formação*, 2.º) *ao lugar de sua articulação*, 3.º) *ao esfôrço de sua prolação*, isto é, dividem-se em CLASSES, ORDENS, GRAUS.

46. Quanto ao *modo de sua formação*, as consonâncias dividem-se em duas CLASSES: *explosivas* ou *momentâneas* e *constritas* ou *contínuas*.

47. As EXPLOSIVAS ou *momentâneas* formam-se pelo contato de órgãos bucais, que se apartam sùbitamente, deixando sair a corrente expiratória numa como explosão: *b, p, d, t, q, g*.

48. As CONSTRITAS ou *contínuas* são formadas pela aproximação de órgãos bucais, de modo que a corrente expiratória sai apertada ou constrita, permitindo continuar a prolação do fonema, tais são: *f, v, s, z, r, l, x, j, m, n*.

49. Quanto ao *lugar de sua articulação*, dividem-se em cinco ORDENS:

1.ª Labiais simples — *p, b, m*.
2.ª Labiais-dentais — *f, v*.
3.ª Linguais-dentais — *t, d, s, rr, z, r, l, n*.
4.ª Linguais-palatais — *x, j, nh, lh*.
5.ª Guturais — *q, g*.

Nota. — As que têm o mesmo órgão como *lugar de articulação* dizem-se *homorgânicas* (gr. *homo* = *mesmo*), e as de órgão ou ordem diferente *heterorgânicas* (gr. *hetero* = *outro*.)

50. Quanto ao *esfôrço* empregado na pronúncia, as *consonâncias* são de dois GRAUS: *fortes* ou *surdas*, e *brandas* ou *sonoras*; tais são, em pares *homorgânicos*, a primeira *forte* e a segunda *branda*: p e b, f e v, t e d, q e g.

Nota. — O *l, r, m* e *n* chamam-se consoantes *liquidas*, em virtude de poderem como que correr com outras na pronunciação, com as quais são *compatíveis* na formação das sílabas, por ex.: *a-plau-so, pra-ta, dig-no.*

O *t, d, s, z,* dizem-se *apicais* por serem estas consonâncias formadas com o *ápice* da língua na raiz dos dentes; o *s* e *z* dizem-se ainda *sibilantes*, pela natureza dos sons que representam; pelo mesmo motivo *j* e *x* dizem-se *chiantes* e *r tremulante* ou *vibrante*.

O *x* dúplice pertence simultâneamente às guturais e às linguais-dentais. Abaixo damos uma sinopse da classificação das consonâncias.

ORDENS	CLASSES					
	Explosivas *Graus*		Constritas *Graus*			
	Fortes	Brandas	Fortes	Brandas		
					Nasais	Molhadas
Labiais simples	p	b			m	
Labiais-dentais			f	v		
Linguais-dentais	t	d	s, rr	z, r, l	n	
Linguais-palatais			x	j		nh, lh
Guturais	q	g				

GRUPOS CONSONANTAIS

51. GRUPOS CONSONANTAIS são a reunião de duas ou mais consoantes no corpo do vocábulo, tais como *abdicar*.

Dizem-se GEMINADAS ou DOBRADAS, quando as consoantes são idênticas, p. ex., *fricção*; SONORAS, como em *pacto*.

Valores fonéticos das consoantes

B

52. O b nos grupos *bt, bd, bj, bc, bs,* é sempre SONORO, como em *obter, obturar, obtuso, subdelegado, subjugar, objeto, obcecar, subsídio*. Soa ligeiramente nos vocábulos seguintes

de origem hebraica: — *Moab, Achab, Caleb, Abib, Eliasib*; no de origem latina *sob*. E' sempre *rápido* ou *leve*, quando soa antes de qualquer consoante: *substantivo, obcecar, obter*, etc.

C

53. O **c** é GUTURAL EXPLOSIVA FORTE antes de *a, o, u*, p. ex.: *cabeça, copa, cultura*; é DENTAL CONSTRITA, SIBILANTE, FORTE, antes de *e, i*, ex.: *cêsto, cinto*. A cedilha lhe dá êste som SIBILANTE antes de *a, o, u*, como em — *praça, faço, açude*.

Nos grupos *cc, cç, ct*, o *c*, primeiro do grupo, sempre soa. Exs.:

convicção, confecção, cocção, defecção, decocção, introspecção, jactância, jacto, láctea, occíduo, occipital, pacto, provecto, afecção.

Soa o *c* final de alguns vocábulos de origem peregrina: *Amalec, Sidrac, Misac, Isaac, Habacuc*.

Cumpre observar que em todos êsses casos o *c* gutural soa levemente.

G

54. O g é GUTURAL antes de *a, o, u*, e PALATAL antes de *e, i*, p. ex.: *gado, gôzo, gula, gênio, gigante*. Para se lhe indicar valor gutural antes de *e, i*, intercala-se um *u*, que ora soa, ora não. Exs.:

Sonoro — argüir, argúo, aguar, agúo, contigüidade, consangüinidade, ingüinal, mingúa, pingüim, redargüir, redargúi, redargúo, ungüífero, ungüiculado.

Insonoro — distinguir, distingue, extinguir, extingue, extingui, extinguirei, guitarra, guerra, pingue.

Nos grupos — *gd, gm, gn*, tem o *g* leve som gutural.

amígdala, agnóstico, digno, gnoma, gneisse, gnóstico, ignavo, ignorar, pigmeu, persignar, signo, segmento, significar.

Soa levemente em certos vocábulos estrangeiros: *Agag, Gog, Abisag*. O vocábulo de origem alemã — *thalweg* melhor se grafa *talvegue*.

J

55. O **j** é LINGUAL-PALATAL, CONSTRITA, BRANDA e não perde nem altera o seu valor fonético — *jacto, justo, objeto.*

L

56. O **l**, LINGUAL-DENTAL, soa diversamente quando modifica a vogal antes de si ou depois, como *lábio* e *alto, lícito* e *ilícito.*

Nota. — Dá-se o nome de *lambdacismo* (gr. *lambda* = *l*) ao vício de se trocar o *r* pelo *l*: *planto* por *pranto*, *velbo* por *verbo.*

M

57. O **m**, LABIAL-NASAL, perde o seu valor literal, e funciona como mero sinal nasalador, quando o precede a vogal que êle modifica, como — *amparo, câmbio, impôsto, viagem.*

No grupo *mn* soa levemente, exs.:

amnésia, Mnemósina, mnemônico, mnemotécnico.

N

58. O **n**, LINGUAL-DENTAL NASAL, perde, nas mesmas condições do *m*, seu valor literal, e só indica nasalação da vogal antecedente, como — *Antônio, intento, Ontário, untar,* etc. — Soa, entretanto, brandamente em :

Abdômen, albúmen, alúmen, cólon, glúten, hímen, hífen, pólen.

P

59. O p é SONORO nos grupos *pn*, *pç*, *pt* e *ps*. Exs.:

Heptágono, hipnotismo, hipnose, opção, pneumático, psicologia, rapto, rapsódia.

Q

60. O q é sempre GUTURAL FORTE e vem invariàvelmente seguido do *u*, que ora soa, ora não. Exs.:

Delinqüir, delinqüente, eqüestre, eqüiângulo, eqüidade, loqüela, obliqüidade, qüiproquó, qüinqüênio.

R

61. O r tem som BRANDO entre vogais e FORTE nos outros casos, como — *caro*, *fora*, *carro*, *melro*.

Em *pároco*, *paróquia*, tem entre nós som *brando* embora recomende o *Dicionário Contemporâneo* som *forte*.

Tem o *r* o som especial quando fere a vogal antecedente, como em — *arma*, *erva*, etc.

Nota. — Dá-se o nome de *rotacismo* (gr. *rho* = *r*) ao vício de se trocar o *l* pelo *r*: *gróría* por *glória*, *sordado* por *soldado*.

S

62. O s possui, além do seu valor *próprio* de LINGUAL-DENTAL APICAL, SIBILANTE, FORTE, o som *acidental* da SIBILANTE BRANDA *z*, quando se acha entre vogais, como : — *pêso*, *rosa*, *transitivo* (*trãsitivo*), *transato* (*trãsato*), *intrínseco* (*intrĩseco*.)

Vale ainda por *z* em alguns vocábulos compostos dos prefixos *ob*, *sub*, *per*, tais como — *obsequiar*, *subsistir*, *persistir* ; guarda valor próprio em — *subsídio*, *observar*, *persignar*, *rapsódia*, etc.

T

63. O t é LINGUAL-DENTAL FORTE. E' consoante BRANDA (d) em *deficit* e soa levemente em *etnarca, étnico*.

V

64. O v soa uniformemente como LABIAL-DENTAL CONSTRITA BRANDA : — *viver*.

X

65. O x tem os seguintes valores :

1.º Som *próprio* ou alfabético de LINGUAL-PALATAL (chiante) FORTE : *laxo, caixa, feixe, enxada, xadrez*.

2.º Som *acidental* de LINGUAL-DENTAL APICAL (sibilante) FORTE : *próximo, trouxe, auxílio, máximo, defluxo, sintaxe, maxila, maxilar, axioma*.

3.º Som de *z*, LINGUAL-DENTAL APICAL (sibilante) BRANDA, nos vocábulos que começam por *ex* seguido de vogal, tais como : — *exame, exemplo, eximir, exato, exonerar, exultar, exutório, exílio, exuberante, exuviabilidade, exortar*, etc.

4.º Som de *s* quando fere vogal antecedente, como em — *exceder, texto, flux, index, cálix*.

5.º Som DÚPLICE (= cs) : *sexo, anexo, fixo, reflexo, prolixo, ortodoxo, doxologia, fluxo, tórax, ônix, sílex, axila, áxis, axóide, axífero, xilóide, axiômetro, ataraxia, tóxico, fluxão, defluxão*.

Z

66. O z, LINGUAL-DENTAL CONSTRITA BRANDA, pode, como o *r, l* e *s*, ferir a vogal antecedente como — *assaz, feliz*.

LH

67. O digrama **lh** indica o fonema consoante LINGUAL-PALATAL MOLHADO, para o qual não há letra especial no alfabeto, como em *lhano*, *trabalho*, *alho*, *pilha*.

NH

68. O digrama **nh** representa igualmente um fonema consoante LINGUAL-PALATAL MOLHADO, para o qual não há no alfabeto letra especial, como se vê em *sonho*, *lenha*.

Modêlo de análise fonética

PAUTAR

P	consonância labial, explosiva forte, homorgânica de *b*.
a	voz oral surda, prepositiva do ditongo *au*.
u	voz oral surda, subjuntiva do ditongo *au*.
t	consonância lingual-dental, explosiva forte, homorgânica de *d*.
a	voz oral aberta, tônica.
r	consonância lingual-dental, constrita branda.

COEXISTÊNCIA

C	consonância gutural, explosiva forte, homorgânica de *g*.
o	voz oral surda, forma hiato com a voz seguinte.
e	voz oral surda.
x	consonância lingual-dental, constrita branda, apical sibilante; som acidental.
i	voz oral surda.
s	consonância lingual-dental, constrita forte.
t	consonância lingual-dental, explosiva forte; homorgânica de *d*.
en	voz nasal, letra composta.
c	consonância lingual-dental, constrita forte, apical sibilante, som acidental.
i	voz surda, forma semiditongo com a voz seguinte.
a	voz oral surda.

Exercício analítico

Filosofia — Adaptação — Gratuito — Iguais — Bem-aventurado — Âmago — Mercê — Amnésia — Sintaxe — Zootecnia — Européia — Rio — Riu — Moinho — Sério — Várzea — Guitarra — Anexo.

Prosódia

69. Prosódia é a parte da Fonologia que trata da correta pronúncia dos fonemas combinados para a formação dos vocábulos.

Obs. — *Ortoépia, Ortologia* e *Ortofonia* são expressões mais apropriadas a um tratado sôbre a correta pronúncia das palavras insuladas e combinadas na frase. A *Prosódia* restringe-se ao terreno gramatical, como parte da Fonologia, e estuda os elementos indispensáveis de uma correta pronúncia no agrupamento dos fonemas em sílabas, e destas em palavras ou vocábulos. Ortoépia, Ortologia ou Ortofonia prestam-se a um estudo independente, que vai além do domínio gramatical; a Prosódia, porém, entra, no quadro da Gramática, como um aspecto particular do estudo geral dos fonemas vernáculos, que é o objeto da Fonologia. O têrmo grego *prosódia* (*pros+ode*) corresponde ao latino *acento* (*ad+cantus*), e lembra o caráter musical dessas duas línguas antigas, onde a *altura* do som representava papel importante na prolação vocabular.

70. Três são as condições para a ortofonia ou correta pronunciação de um vocábulo:

1.ª O conhecimento exato dos valores fonéticos das vogais e consoantes que entram na formação do vocábulo;

2.ª A enunciação discriminada dos fonemas ou grupos de fonemas, chamados SÍLABAS, de que se compõe o vocábulo;

3.ª O conhecimento da sílaba predominante, chamada TÔNICA.

A primeira condição já foi estudada na Fonética, e se refere à *qualidade* das vozes, bem como aos sons *próprios* e *acidentais*, e à *sonoridade* das consoantes. A última condição constitui pròpriamente o estudo da Prosódia.

SÍLABA

71. Sílaba é um fonema ou grupo de fonemas pronunciado em uma só emissão de voz na enunciação de um vocábulo, p. ex. : *a-po-iar, fran-que-za, ru-i-na, gra-tui-ta, je-su-i-ta, ti-o, par-tiu, va-di-o, vá-ri-o, gló-ri-a.*

Nota. — Na prosa os *semiditongos*, como os *hiatos*, são dissílabos; o que não se dá na poesia, onde aquêles são monossílabos, e às vêzes êstes, por *sinérese.*

72. As sílabas classificam-se pela sua NATUREZA e POSIÇÃO.

73. Quanto à *natureza* são : — SIMPLES, COMPOSTA, COMPLEXA e INCOMPLEXA. — *Simples*, se apenas contém uma vogal — DOR ; *composta* ou *ditongal*, se contém duas — PAU ; *complexa*, se contém mais de uma consoante — FLOR ; *incomplexa*, se contém uma só — VÁ.

74. Quanto à *posição*, a sílaba chama-se INICIAL, MEDIAL e FINAL, conforme ocupa o *princípio*, o *meio* ou o *fim* do vocábulo.

75. Em relação ao número de sílabas classificam-se os vocábulos em :

Monossílabo (gr. *monos* = *só*) — pá, pé, me, o.
Dissílabo (gr. *dis* = *duplo*) — livro, partiu, rio.
Trissílabo (gr. *tris* = *triplo*) — verdade, vadio, gratuita.
Tetrassílabo (gr. *tetra* = *quatro*) — justiceiro, desvario, ruindade
Polissílabo (gr. *poly* = *muito*) — vocábulos de mais de três sílabas — racional, generalidade, generosíssimamente.

Quantidade

76. Quantidade das sílabas é o tempo da prolação de sua vogal.

A noção de tempo nos é dada na relatividade da demora na prolação : *breve* é a sílaba ou a vogal, onde se despende *um*

tempo (ă, ĕ, ĭ, ŏ, ŭ), e *longa*, onde empregamos *dois tempos* (ā, ē, ī, ō, ū.)

Nota. — A bráquia (˘) indica vogal *breve* e o mácron (¯) *longa*.

Obs. — Esquiva, vária e de somenos importância é a determinação da quantidade prosódica em português. A tônica absorveu tôda a vida do vocábulo: são, em geral, *breves* as átonas, mormente as postônicas. Porém a vogal *breve* no Brasil pode considerar-se *longa* em relação à pronúncia rápida de Portugal, onde é ela brevíssima, chegando a ponto de obliterar-se o seu valor silábico, p. ex.: *chêgar — chĭgar portal — purtal soar — suar, menino — m'nino, quêrêr — qu'rêr, pêlotão — p'lutão.* — Apesar de nossa morosidade prosódica, fazemos, em geral, surdas tôdas as *átonas*; em Portugal, porém, guardam, na *abertura* de certas vogais a lembrança de uma contração histórica — *páder* (*paadar* de *paladar*), *pádeiro* (*paadeiro* de *panadeiro*) *vádio, sádio, cáveira, crêdor, mézinha, géração, córar*. São ainda lá vogais átonas *abertas* as que precedem certos grupos consonantais — *espétáculo* (espectáculo) *rétidão* (rectidão), *afétuoso* (afectuoso). No Brasil, neste ponto, temos avançado mais um pouco na evolução vocálica, e já não distinguimos no falar corrente, nem mesmo entre *pègada* e *pegada*, *prèga*: e *pregar* *amámos* e *amamos*. Podemos dizer que, na quantidade silabica das átonas e no timbre de certas vogais pré-tônicas, temos o caráter diferencial da prosódia lusitana e da brasileira.

77. Devemos considerar *longo* o *i intervocálico* — em *maio = maiio, rio = riio, navio = naviio, maior = maiior*; *longas* as sílabas *ditongais* — *paixão*; e *longas* as contratas — *à = a+a, àquele = a+aquêle*, se é que não devemos enxergar aí apenas o timbre aberto.

Obs. — Tem havido, no domínio prosódico, tradicional confusão entre *quantidade, qualidade* e *tonicidade*. A tradição latina e a sutileza da distinção entre a extensão, timbre e intensidade das vogais são a fonte constante de baralhamento entre gramáticos. A quantidade silábica quase desapareceu no domínio românico. Entretanto representou ela papel preeminente nas línguas clássicas — o grego e o latim. Nelas era o acento tônico subordinado à *quantidade*, ao passo que fenômeno inverso é o que se dá nas línguas neo-latinas, nas quais a *quantidade* se subordina à tonicidade. Naquelas línguas antigas a *quantidade*, na expressão de Guardia, era a alma do *acento tônico*; hoje, a tônica é o centro de gravidade do vocábulo neolatino.

Tonicidade

78. Tonicidade ou acentuação tônica é a pronunciação forte ou intensa de uma sílaba. A sílaba assim pronunciada

se diz *tônica* e as outras *atônicas* ou *átonas*, p. ex.: *justiça número, numero.*

79. O ACENTO TÔNICO, PROSÓDICO OU ICTO (*ictus* = *golpe*), não consiste na *altura* ou *duração* da voz, mas na voz *forte* ou *intensa*, que salienta a sílaba sôbre que recai. Nos vocábulos de mais de uma sílaba, a tônica recebe o nome de sílaba *predominante*. Em certos vocábulos, porém, há um *acento secundário* ou *subtônico*, de que trataremos mais adiante.

Obs. — Acento (do latim *accentus* = *canto*) é a modulação da voz humana, que se reforça e se enfraquece sôbre certas sílabas do vocábulo dando-lhes maior ou menor sonoridade; do que resulta a variedade, a harmonia, a beleza musical das palavras, elemento tão necessário como o próprio som. Há na palavra, disse Cícero, uma espécie de canto: *est in dicendo etiam quidam cantus.*

O *acento* dos gramáticos latinos correspondia, em significação etimológica e uso, ao têrmo *prosódia* dos gramáticos gregos. Para indicar o *acento* usavam também, acrescenta Guardia, o têrmo *tonus* (*tonores, tenores*) tomado aos gregos e derivado de um verbo cuja significação indica o ato de dar tensão às cordas da lira. A adoção dêstes têrmos denota o valor musical do acento tônico no grego e no latim. Êste acento, continua o mesmo autor, a que os gregos chamavam dominante, χύρτος τὸυος, era, segundo Diomedes, uma como alma da palavra, *velut anima vocis*. Um lingüísta italiano compara-o às pulsações, que batem o compasso da vida (*ictus*).

Por uma natural trasladação de sentido, a palavra *acento* designa também os sinais gráficos chamados *acento agudo, grave* e *circunflexo*, com que indicamos certos valores fonéticos na deficiência de símbolos literais.

Tônica

80. SÍLABA TÔNICA é a que recebe o acento tônico. Êste só recai, em português, na *última, penúltima* e *antepenúltima*. Daí três categorias de vocábulos.

1.ª OXÍTONOS ou AGUDOS, quando a tônica recai na *última*, como em — *café, timidez, papel.*

2.ª PAROXÍTONOS, quando recai na *penúltima*, como em *amizade, beleza.*

3.ª PROPAROXÍTONOS, ESDRÚXULOS OU DACTÍLICOS, quando recai na *antepenúltima*, como em — *pálido, âmbito, hábito.*

Nota. — Só no caso de se incorporarem pronomes *enclíticos* a verbos, pode dar-se o fenômeno prosódico do afastamento da *tônica* para a quarta sílaba, p. ex.: *Fála-se-lhe, préga-se-lhes.* — *Oxítono* designa na prosódia grega som *agudo* ou *aberto ;* é, porém, geralmente êste têrmo aproveitado nas gramáticas modernas para classificar o vocábulo em relação à sílaba acentuada, sem qualquer referência à sua qualidade.

81. As duas últimas categorias são compreendidas na denominação comum de *barítonos.*

82. Os monossílabos dizem-se — TÔNICOS OU FORTES quando a voz se apoia com fôrça na sua prolação — *fé, pó, más, rol ;* e ATÔNICOS OU FRACOS, quando a voz passa de leve sôbre êles — *a, lhe, se, me, nos, mas, que, e, de.*

Obs. — A *tônica* é a sílaba *retriz* ou reguladora da pronunciação do vocábulo, porém a sua determinação teórica é sobremodo esquiva, como observa Grivet. O trato de pessoas cultas e o uso de um bom dicionário prosódico são os meios de evitar constantes *silabadas* na pronúncia das palavras de nossa língua. Na incerteza das regras que se possam estabelecer, ao lexicógrafo, mais que ao gramático, compete a fixação da tônica.

Todavia algum proveito poderá colhêr o aluno das regras mais gerais e das principais exceções, que damos em seguida. Maior número de nossos vocábulos são paroxítonos ou graves. São relativamente poucos os vocábulos proparoxítonos ou esdrúxulos e êstes mesmos de uso erudito, pois o povo repele o *esdrúxulo.*

Oxítonos

83. São OXÍTONOS os vocábulos terminados

1. Por vogal nasal, p. ex. : *afã, semitom, jejum, vacum, bodum, atum.*

Excs.: *Ímã, órfã, álbum ;* as formas verbais — *amem, movem,* etc.; os terminados nos fonemas nasais EN, ON, são, em geral, *barítonos,* como: *líquen, albúmen, cólon, cânon, cróton, homeoptóton,* e, em geral, os que fazem soar O N.

2. Por ditongos orais, como : *falai, papéis, recebeu, jubileu, pediu.*

Excs.: A 2.ª pessoa do plural do imperfeito e mais que perfeito do indicativo, imperfeito do condicional e imperfeito do subjuntivo de todos os verbos — *faláveis, faláreis falarieis falásseis,* e o plural dos nomes em EL e IL átonos: *sável = sáveis, móvel = móveis, solúvel = solúveis, fácil = fáceis.*

3. Por ditongos nasais, como : *capitães, botão, amarão, armazém, sermões.*

Excs.: — *a*) As 3as. pessoas do plural dos tempos que terminam no ditongo ão (*am*) com exclusão do futuro do indicativo dos verbos regulares como : *amam, amaram* ; *b*) os vocábulos terminados em AGEM, IGEM, UGEM, que são paroxítonos, como : *folhagem, vertigem, ferrugem,* e *c*) os seguintes paroxítonos — *ordem, homem, órfão, acórdão, bênção, zângão, frângão, sótão, órgão, rábão, lódão, orégão, gólfão, Cristóvão, Estêvão, Pedrógão* e *Sátão* (*vilas de Portugal.*)

4. Por i, u : *rubi, javali, frenesi, movi, senti, coati, nebri, urutú.*

5. Por l : *cafèzal, laranjal, moral — dossel, hotel, novel, livel, olivel, nivel* (é mais usual a pronúncia bárbara *nível*), *betel — imbecil, ardil, pernil, funil, civil, pueril, fabril, febril, sutil — crisol, paiol, lençol, — paul, taful, azul.*

Excs.: *Setúbal, Tentúgal, Aníbal, Asdrúbal — arrátel, condestável, túnel, cível, Coramândel,* os adjetivos em *vel* (*ável, ével, ível, óvel, úvel*) — *amável, indelével, sensível, móvel, solúvel — réptil* e *projétil* (é mais comum — *reptil* e *projetil*), muitos adjetivos em IL (*ágil, fácil, fóssil, pênsil, tátil, têxtil, púgil, fléxil, grácil*) — *cônsul, êxul.*

6. Por r : *amar, lugar, andar, exemplar, Gibraltar, Trafalgar, Oscar — colhêr, colher, dizer, mover, halter, ureter, Cister, Belveder, Santander — partir, prosseguir, tapir — amor, torpor, falador, Castor, Nestor, Heitor — catur, Tibur.*

Excs.: — *Impar, âmbar, almíscar, açúcar, alcáçar, néctar, nácar, nenúfar, aljôfar* (aljôfre), *lúgar* (lugre, do ingl. *lugger*, navio mercante), *dólar, almocávar* (cemitério dos mouros), *almocôuver* (pastor), *Bolívar, Hamílcar, Almodôvar* (vila de Port.) — *éter, prócer, caráter, cadáver, catéter, estáter, éler, rangífer, vômer, tênder, repórter, revólver, cúter* (ingl. pequeno navio),

dura-máter, Deméter, Júpiter, Vésper, Câncer, Tânger, Férrer, Alcácer, Schiller, Wagner, Hanover, Lancaster (ingl. *Lâncaster*), *Manchester* (ingl. *Mânchester*) *Meyer* — *mártir* — *crêmor, sênior, júnior, sóror, Vítor* — *fêmur, súlfur.*

7. Por z: *rapaz, capaz,* — *feliz, motriz, sobrepeliz, nariz, matiz,* — *albatroz, algoz* — *alcaçuz.*

Paroxítonos

84. São desta classe a larga maioria das palavras portuguêsas. Apenas podemos dizer que os dissílabos terminados em *x* são sempre paroxítonos — *tórax, bórax, fênix, índex, bômbix, cálix* (cálice.)

Obs. — Dos vocábulos terminados em grupo vocálico os *hiatos* caracterizam os *paroxítonos*, e os *semiditongos* os *proparoxítonos* : *anuncio.* e *anúncio, gloria* e *glória, mingúa* e *míngua, subsidio* e *subsídio, azia* e *Ásia, Turquia* e *Bulgária, Pavia* e *Itália, Dario* e *Mário, falua* e *quíchua.* Grande é a divergência prosódica dos vocábulos em IA : são paroxítonos os seguintes : *Anervia, anestesia, dulia, hiperdulia, latria, diaconia, algaravia, Coxia, Andaluzia, Antioquia, Malvasia, Leria, Cafraria, Samaria, teurgia, velocipedia, disenteria, Almeiria, ambrosia, mercancia, almotolia, aravia, almadia.*

Proparoxítonos

85. São estranhos ao falar do vulgo os *proparoxítonos* ou *esdrúxulos*, e os que lhe caem no domínio são mudados em *paroxítonos*, p. ex. : *cosca* por *cócega*, *corgo* por *córrego*, *esprito, aspro, cambra* por *espírito, áspero, câmara* — *varíola, ricino* por *varíola, rícino.*

86. São PROPAROXÍTONOS :

1. Os superlativos sintéticos : *altíssimo, acérrimo, humílimo, ótimo, péssimo, máximo, mínimo.*

2. Os numerais multiplicativos polissílabos e os decimais : *quádruplo, décuplo, cêntuplo, multíplice, décimo, centésimo, milésimo.*

3. As primeiras pessoas do plural do imperfeito e mais que perfeito do indicativo, do imperfeito do condicional e do imperfeito do subjuntivo, como : *estudávamos, estudáramos, estudaríamos, estudássemos.*

4. Grande número de palavras de cunho ou uso erudito, vindas em geral do latim e do grego. Exs.:

Anódino
Atlântida
Alcáçova
Azáfama
Azêmola
Acéfalo
Andrógino
Arquétipo
Antífrase
Alígero
Austríaco
Ádito
Alvíssaras
Aréola
Autóctones
Auréola
Areópago
Ágape
Apóstata
Ápodo (sem pé)
Âmbito
Álamo
Âmago
Antílope
Aríete
Ávida
Antístrofe
Argólida
Benévolo
Brâmane
Bígamo
Búlgaro
Bátega
Bávaro
Basílica
Bímano
Cíbele
Condômino
Córdova
Carbonífero
Cátedra
Crástino
Cômputo
Carnívoro
Cônjuge
Centrífugo
Centrípeta
Crédulo
Cânhamo
Cérbero
Cáfila
Cíclades
Dámocles
Delículo
Dulcíssono
Decálogo
Dínamo
Diástole
Encéfalo
Estelífero
Espórtula
Espátula
Elegíaco
Egipcíaco
Édito
Energúmeno
Érebo
Efemérides
Écloga
Êxodo
Epístola
Ecônomo
Encélado
Estólido
Epíteto
Etíope
Évora
Ecumênico
Ênfase
Fócida
Famígero
Fábula
Grandíloquo
Glóbulo
Gárrulo
Gênesis
Gólgota
Gétulo
Górgona
Hégira
Húngaro
Híadas
Heródoto
Hélade
Hélice
Horóscopo
Hespérides
Hipopótamo
Hércules
Hálito
Hipérbole
Ínclito
Ítaco
Ídolo
Idólatra
Impávido
Ínterim
Ímpeto
Improbo
Ignívomo
Íncubo
Inículo
Invólucro
Lúpulo
Lúrido
Lívido
Lôbrega
Ládoga
Lérida
Lábaro
Lusíadas
Lúcifer
Maníaco
Madrépora
Mesóclise
Módena
Micrólogo
Málaga
Método
Niágara
Nubígeno
Noctívago
Neófito
Onocrótalo
Órbita
Óbice
Óbidos
Prónubo
Prólogo
Parônimo
Pentápolis
Pródromos
Prognóstico
Plêiade
Pontífice
Pitágoras
Protágoras
Pérgamo
Paralipômenos
Partênope
Pentágono
Pálpebra
Precípite
Polígamo
Pábulo
Páramos
Patíbulo
Pérfido
Pelópidas
Pélago
Prístino
Pórfiro
Prófugo
Próclise
Quadrúmano
Ródano
Sátrapa
Sinérese

Sátira	Sicômoro	Tucídides	Vivíparo
Século	Siríaco	Túlipa	Varíola
Sátiro	Sófocles	Vápido	Vândalo
Sêneca	Távola	Végeto	Vístula
Satélite	Tiberíades	Ventríloquo	Zéfiro

Obs.: — 1.ª Pela posição tônica distinguem-se muitos nomes e verbos cognatos. Exs.:

VERBOS	NOMES	VERBOS	NOMES
Amalgâma	Amálgama	Publíco	Público
Critíca	Crítica	Fotográfo	Fotógrafo
Celébre	Célebre	Pratíco	Prático
Cliníco	Clínico	Preambúlo	Preâmbulo
Cumúlo	Cúmulo	Reverbéro	Revérbero
Especifíco	Específico	Replíca	Réplica
Modúlo	Módulo	Sindíco	Síndico
Naufrágo	Náufrago	Ultímo	Último

2.ª Muitos vocábulos existem de pronúncia dupla pela incerteza da tônica. Exs.:

Autópsia	Autopsía	Madagáscar	Madagascár
Dálila	Dalíla	Oceânia	Oceanía
Édipo	Edípo	Tessalônica	Tessaloníca

Subtônica

87. Em certos vocábulos *compostos*, como *aguardente*, e *derivados*, como *altamente*, notamos que as sílabas tônicas dos vocábulos originais — *água* e *alta* não ficam completamente obliteradas, mas conservam certa proeminência, na tonalidade da voz, sôbre as *átonas* do novo vocábulo — *águardente*, *áltamente*. Estas sílabas são as *subtônicas*, e o acento que as distingue das *átonas* chama-se *secundário*, em relação ao da *tônica*, que, neste caso, se apelida *primário*. Em alguns vocá-

bulos derivados em segundo grau, descobre-se uma subtônica *terciária*. Exs.:

2 1 2 1 2 1 3 2 1
Cantochão, òrfãozinho, presentemente, pessoalmente,

3 2 1 2 1 2 1 2 1 2 1
virtuosamente, mulherzinha, felicidade, civilização, pontapé

2 1 3 2 1 2 1
vocabulário, bondosamente, homenzarrão.

Nota. — A boa pronúncia reclama o conhecimento da tônica e subtônica; a *silabada* pode acusar a ignorância de qualquer delas.

METAPLASMOS

88. Metaplasmo, FIGURA DE PALAVRA ou de DIÇÃO, são certas alterações autorizadas pelo uso, que sofrem alguns vocábulos em seus elementos silábicos ou materiais, sem modificação de sentido.

89. De quatro modos se podem dar essas alterações nas sílabas dos vocábulos, por — *adição, subtração, permuta* e *transposição* de sons.

Adição

90. A ADIÇÃO de sons dá-se no *princípio*, no *meio* e no *fim* do vocábulo: daí as três classes — *prótese, epêntese, paragoge*. Exs.:

1. PRÓTESE

levantar	alevantar	credor	acredor
recear	arrecear	balizar	abalizar
ruído	arruído	figurar	afigurar
lagoa	alagoa	presentar	apresentar
raiar	arraiar	renegar	arrenegar

2. EPÊNTESE

Marte	Mavorte	florinha	florzinha
pagão	pagano	amavam-o	amavam-no
registo	registro	ama-o	ama-lo

3. PARAGOGE

mártir	mártire	rapaz	rapace
feliz	felice	contumaz	contumace

Nota. — As formas *mártire, felice, rapace*, etc., são formas *arcaicas*, isto é, do velho português, que hoje sòmente são admissíveis na *poesia*. O mesmo acontece com *Mavorte, pagano*, etc. Não são tais formas, em rigor, metaplasmos, mas formas antigas.

Subtração

91. A SUBTRAÇÃO ou SUPRESSÃO de sons dá-se igualmente no *princípio*, no *meio* e no *fim* do vocábulo: daí as classes — *aférese, síncope, apócope*. Nesta última classe podemos incluir — a *sinalefa* e a *ectlipse*. Exs.:

1. AFÉRESE

aliança	liança	José	Zé
ainda	inda	Carlota	Lota
até	té		

2. SÍNCOPE

maior	mor	cuidadoso	cuidoso
inimigo	imigo	havemos	hemos
bondadoso	bondoso	haveis	heis

3. APÓCOPE

muito	mui	santo	são
belo	bel	desde (que)	des (que)
grande	grã, grão	mármore	mármor

a) SINALEFA consiste na supressão da vogal final átona de um vocábulo diante da vogal inicial do vocábulo seguinte.

O sinal gráfico que, às vêzes, a indica ('), chama-se APÓSTROFO. Exs.:

copo de água = copo d'água	me o = mo
mãe de água = mãe d'água	lhe o = lho
de o = do	outra hora = outrora
este outro = estoutro	minha alma = minh'alma
aquêle outro = aqueloutro	

b) ECTLIPSE consiste na supressão do *m* do vocábulo *com* diante de uma vogal ; *com o = co'o, com um = co'um.*

Permuta

92. **Permuta** é a substituição de um som articulado por outro, que se efetua por *crase* e *assimilação.*

a) CRASE consiste na fusão de dois sons vogais idênticos, fracos, em um som forte. Dá-se com a preposição *a* e o artigo *a* ou com o adjetivo *aquêle,* sendo a *crase* indicada gràficamente pelo *acento grave* (\`), p. ex.: *a+a = à, a+aquêle = àquele.*

b) ASSIMILAÇÃO consiste na atração de uma consoante sôbre outra, reduzindo-a à mesma *ordem, classe* e *grau.* A assimilação se diz *perfeita,* quando a redução se opera na *ordem, classe* e *grau,* e *imperfeita,* quando se opera só na *ordem ;* sendo *progressiva,* se a atração se opera da primeira para a segunda, e *regressiva* se em sentido contrário. Exs.:

ASSIMILAÇÃO PERFEITA

In+legítimo = ilegítimo — In+regular = irregular — Sub+por = supor — In+modesto = imodesto — Com+religionário = correligionário — Nos-o = nos-lo = nol-lo = no-lo — Amar-o = amar-lo = amal-lo = amá-lo — Amemos-as = amemos-las = amemol-las = amemo-las — Fiz-o = fiz-lo = fil-lo = fi-lo — Eis-o = eis-lo = eil-lo = ei-lo — Em-o = en-lo = enno = eno = no.

Nota. — O artigo *o, a, os, as,* o pronome *o, a, os, as,* tinham no antigo português a forma — *lo, la, los, las,* forma que ainda se observa em — *a la*

fé de cavaleiro, a la mira, alarma (a la arma), leste (lo este), ama-lo. En forma arcaica de *em.* Nos últimos exemplos dá-se a *aférese* do *l* e do *en* depois da *assimilação.* No último a assimilação é *progressiva* (*cn lo = enno*), e nos outros é *regressiva* (*eis-lo = eil-lo.*) — A assimilação opera-se gradualmente na evolução da língua.

ASSIMILAÇÃO IMPERFEITA

In+bibição = Imbibição *In+pio = impio*

In+perfeito = imperfeito

Obs. — Chamam muitos gramáticos *antítese* ao fenômeno de assimilação. A assimilação do *n* em *m* indica que eram primitivamente pronunciadas estas letras, embora ferissem vogal antecedente. Neste fenômeno se apoia a regra ortográfica de que antes das *labiais* — *b, p,* só se escreve a *labial m,* e não a *dental n.* — Em geral o fundamento destas alterações metaplásticas é a *eufonia* (gr. *eu = bom, phone = som*) ou bom soído. Muitos dêsses metaplasmos são banidos da *prosa,* e só têm uso na *poesia.* Na gramática histórica são êles de largo uso.

Transposição

93. Transposição é a deslocação de sons vocabulares por — *hipértese* e *metátese :*

a) A HIPÉRTESE efetua-se com a transformação de sons entre *sílabas : desvariar = desvairar, ressábio = ressaibo.*

b) A METÁTESE dá-se com a transposição de sons na *sílaba,* como *por,* de *pro* latino. Representou esta figura papel importante na evolução da língua ; hoje, porém, só se dá como vício de pronúncia : *frol* (flor), *cravão* (carvão.)

Modêlo de análise prosódica

ROMBOIDAL

a) Trissílabo oxítono ou agudo ; os vocábulos terminados em *al* são *oxítonos,* exceto Setúbal, Aníbal, Tentúgal, etc.; *b) Rom =* sílaba nasal, simples, incomplexa, inicial, átona ; *boi =* sílaba longa, ditongal, composta, incomplexa, medial, subtônica ; *dal =* sílaba tônica, simples, complexa, final.

Exercício analítico

Politécnica — Ginasial — Zoologia — Pentateuco — Patriarcal — Hidrografia — Morfologia — Orquídeas — Óxido — Unissexual — Léxico — Perpétua — Málaga.

Ortografia

94. Ortografia (gr. *orthos* = *correta*, *graphia* = *escrita*) é a correta transcrição dos vocábulos.

95. Sistemas ortográficos são os diversos modos de transcrição ou transliteração dos fonemas vocabulares. São três — o *fonético*, o *etimológico* e o *misto*.

96. Sistema fonético, FÔNICO ou SÔNICO, é o que consiste em se transcrever cada fonema pela letra correspondente, isto é, em se escrever como se pronuncia, de modo que a palavra escrita seja a imagem exata da palavra falada, p. ex.: *aflito, ação, ginasio, ato, abil, tisica, enceiar, isento, cisma, matar*.

Nota. — E' o sistema dos primeiros documentos da língua, e seria ideal se a pronúncia fôsse uniforme no espaço e no tempo.

97. Sistema etimológico é o que procura aproximar, quanto possível, a forma gráfica atual da forma gráfica original, p. ex.: *afflicto, acção, gymnasio, acto, habil, phthisica, inceptar, exèmpto, schisma, mactar*.

Nota. — E' êste sistema *tradicional*, que guarda, em consoantes insonoras, a lembrança de sons obliterados. A realização estrita de seu escopo daria no divórcio absurdo entre a linguagem falada e a escrita. Por isso tal sistema não passa de uma tendência, que se modifica a sabor das circunstâncias. Começou a desenvolver-se com os latinistas do século XV.

98. Sistema misto é a combinação dos dois sistemas antecedentes, modificando-se o rigor etimológico com o elemento fonético ; p. ex.: *afflicto, acção, acto, gymnasio*, porém — *tisica, scismar, matar*.

INSTRUÇÕES PARA A ORGANIZAÇÃO DO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA NACIONAL

APROVADAS UNÂNIMEMENTE PELA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, NA SESSÃO DE 12 DE AGÔSTO DE 1943

O **Vocabulário Ortográfico da Língua Nacional** terá por base o **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguêsa** da Academia das Ciências de Lisboa, edição de 1940, consoante a sugestão do Sr. Ministro da Educação e Saúde, aprovada unânimemente pela Academia Brasileira de Letras, em 29 de janeiro de 1942. Para a sua organização se obedecerá rigorosamente aos itens seguintes:

1.º — Inclusão dos brasileirismos consagrados pelo uso.

2.º — Inclusão de estrangeirismos e neologismos de uso corrente no Brasil e necessários à língua literária.

3.º — Substituição de certas formas usadas em Portugal pelas correspondentes formas usadas no Brasil, consoante a pronúncia e a morfologia consagradas.

4.º — Fixação da grafia de vocábulos cuja etimologia inda não está perfeitamente demonstrada, consignando-se em primeiro lugar a de uso mais generalizado.

5.º — Fixação das grafias de vocábulos sincréticos e dos que têm uma ou mais variantes, tendo-se em vista o étimo e a história da língua, e registro de tais vocábulos um a par do outro, de maneira que figure em primeira plana, como preferível, o de uso mais generalizado.

6.º — Evitar duplicidade gráfica ou prosódica de qualquer natureza, dando-se a cada vocábulo uma única forma, salvo se nêle há consoante que facultativamente se profira, ou se há mais de uma pronúncia legitimada pelo uso ou pela etimologia, casos em que se registrarão as duas formas, uma

em seguida à outra, colocando-se em primeiro lugar a de uso mais generalizado.

7.° — Registro de um significado ou da definição de todos os vocábulos homófonos não homógrafos, bem como dos homógrafos heterofônicos, — mas não dos homógrafos perfeitos, — fazendo-se remissão de um para outro.

8.° — Registro, entre parênteses, da vogal ou sílaba tônica de todo e qualquer vocábulo cuja pronúncia é duvidosa, ou cuja grafia não mostra claramente a sua ortoépia; não sendo, porém, indicada a sílaba tônica dos infinitos dos verbos, salvo se forem homógrafos heterofônicos.

9.° — Registro, entre parênteses, do timbre da vogal tônica de palavras sem acento diacrítico, bem como da vogal da sílaba pretônica ou postônica, sempre que se faça mister, em especial quando há metafonia, tanto no plural dos nomes e adjetivos quanto em formas verbais. Não será indicado, porém, o timbre aberto das vogais *e* e *o* nem o timbre fechado das dos vocábulos compostos ligados por hífen.

10.° — Fixação dos femininos e plurais irregulares, que serão inscritos em seguida ao masculino singular.

11.° — Registro de formas irregulares dos verbos mais usados em *ear* e *iar*, especialmente das do presente do indicativo, no todo ou em parte.

12.° — Todos os vocábulos devem ser escritos e acentuados gràficamente de acôrdo com a ortoépia usual brasileira e sempre seguidos da indicação da categoria gramatical a que pertencem.

Para acentuar gràficamente as palavras de origem grega, ou indicar-lhes a prosódia entre parênteses, cumpre atender ao uso brasileiro: registra-se a pronúncia consagrada, embora esteja em desacôrdo com a primordial; mas, se ela é de uso apenas em certa arte ou ciência, e ainda esteja em tempo de se corrigir, convém seja corrigida, inscrevendo-se a forma etimológica em seguida à usual.

O **Vocabulário** conterá:

a) o formulário ortográfico, que são estas instruções;

b) o vocabulário comum;

c) registro de abreviaturas.

O **Vocabulário Onomástico** será publicado separadamente, depois de aprovado por decreto especial.

I

ALFABETO

1. O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e três letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, z*.

2. Além dessas letras, há três que só se podem usar em casos especiais: *k, w, y*.

II

K, W, Y.

3. O *k* é substituído por *qu* antes de *e, i*, e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque, caqui, caulim, faquir, níquel*, etc.

4. Emprega-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K.* = potássio; *Kr.* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora, etc.

5. Os derivados portuguêses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acôrdo com as formas primitivas: *frankliniano, kantismo, kepleriano, perkinismo*, etc.

6. O *w* substitui-se, em palavras portuguêsas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche, talvegue, visigodo*, etc.

7. Como símbolo e abreviatura, usa-se em *kw* = quilowatt; *W.* = oeste ou tungstênio; *w* = watt; *ws* = watt-segundo, etc.

8. Nos derivados vernáculos de nomes próprios estrangeiros, cumpre adotar as formas que estão em harmonia com a primitiva: *darwinismo, wagneriano, zwinglianista,* etc.

9. O *y*, que é substituído pelo *i*, ainda se emprega em abreviaturas e como símbolo de alguns têrmos técnicos e científicos: *Y* = ítrio; *yd* = jarda, etc.

10. Nos derivados de nomes próprios estrangeiros, devem usar-se as formas que se acham de conformidade com a primitiva: *byroniano, maynardina, taylorista,* etc.

III

H:

11. Esta letra não é pròpriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras e no fim de algumas interjeições: *haver, hélice, hidrogênio, hóstia, humildade; hã!, hem?, puh!;* etc.

12. No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave, malho, rebanho; anti-higiênico, contra-haste, pré-história, sôbre-humano;* etc.

Observação. — Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico, biebdomadário, coonestar, desarmonia, exausto, inabilitar, lobisomem, reaver,* etc.

13. No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei, dir-se-ia,* etc.

14. Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro, ontem,* etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no comêço de alguns vocábulos que o uso consagrou sem êste símbolo: *andorinha, erva, felá, inverno,* etc.

15. Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto em o n.º 12) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*; etc.

IV

CONSOANTES MUDAS

16. Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, *ótimo*, *salmo*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*, *optimo*, *psalmo*.

Observação. — Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

17. Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

18. Devem-se registrar os vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, pondo-se em primeiro lugar o de uso mais generalizado, e em seguida o outro. Assim, serão consignados, além de outros, êstes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *conectivo* e *conetivo*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *espectro* e *espetro*, *excepcional* e *excecional*, *expectativa* e *expetativa*, *infecção* e *infeção*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sucção* e *sução*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*, *tecto* e *teto*.

V

SC.

19. Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *celerado*, *cena*, *cenografia*, *ciência*, *cientista*, *cindir*, *cintilar*, *ciografia*, *cisão*, etc.

20. Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico, contracenar, encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência, cônscio, imprescindível, insciente, ínscio, multisciente, néscio, presciência, prescindir, proscênio, rescindir, rescisão*, etc.

VI

LETRAS DOBRADAS

21. Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro, farra, massa, passo; convicção, occipital;* etc.

22. Duplicam-se o *r* e o *s* tôdas as vêzes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *albirrosado, arritmia, altíssono, derrogar, prerrogativa, pressentir, ressentimento, sacrossanto*, etc.

VII

VOGAIS NASAIS

23. As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã, cãs, flautim, folhetins, semitom, tons, tutum, zunzuns*, etc.

24. O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá, cristãmente, maçã, órfã, romãzeira*, etc.

25. Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes de *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos, campo; contudo, enfim, enquanto, homenzinho, nuvenzinha, vintènzinho;* etc.

VIII

DITONGOS

26. Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo, cai, cauto, degrau, dei, fazeis, idéia, mausoléu, neurose, retorquiu, rói, sois, sou, souto, uivo, usufrui*, etc.

Observação. — Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo e a 2.ª do singular do imperativo dos verbos terminados em *uir*: *aflui, fruis, retribuis*, etc.

27. O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar, calouro* e *caloiro, dourar* e *doirar*, etc. Cumpre registrar em primeiro lugar a forma que mais se usa, e em seguida a variante.

28. Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe, ãi, ão, am, em, en(s), õe, ui* (proferido *ũi*): *mãe, pães, cãibra, acórdão, irmão, leãozinho, amam, bem, bens, devem, põe, repões, muito*, etc.

Observação 1.ª — Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.

Observação 2.ª — Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão, dão, grão, não, quão, são, tão; alcorão, capitão, cristão, então, irmão, senão, sentirão, servirão, viverão*, etc.

Observação 3.ª — Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão, órgão, sótão*, etc.

Observação 4.ª — Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram, deveram, partiram, puseram*, etc.

Observação 5.ª — Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães, mães, pãezinhos; cãibo, zãibo*; etc.

Observação 6.ª — O ditongo nasal *ẽi(s)* escreve-se *em* ou *en(s)* assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem, cem, convém, convéns, mantém, manténs, nem, sem, virgem, virgens, voragem, voragens*, etc.

29. Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (*áurea*), *eo* (*cetáceo*), *ia* (*colônia*), *ie* (*espécie*), *io* (*exímio*), *oa* (*nódoa*), *ua* (*contínua*), *ue* (*tênue*), *uo* (*tríduo*), etc.

IX

HIATOS

30. A 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do conjuntivo e a 3.ª do singular do imperativo dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe*, e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

31. As três pessoas do singular do presente do conjuntivo e a 3.ª do singular do imperativo dos verbos em *uar* escrevem-se com *ue*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, *preceitue*, etc.

X

PARÔNIMOS E VOCÁBULOS DE GRAFIA DUPLA

32. Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*.

33. Deve-se registrar a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. E quando há dois vocábulos diferentes, v. g., um escrito com *e* e outro escrito com *i*, é necessário que ambos sejam acompanhados da sua definição ou do seu significado mais vulgar, salvo se forem de categorias gramaticais diferentes, porque, neste caso, serão acompanhados da indicação dessas categorias. Ex.: *censório*, adj. Cf. *sensório*, adj. e s. m.

Assim, pois, devem ser inscritos vocábulos como: *antecipar*, *criador*, *criança*, *criar*, *diminuir*, *discricionário*, *dividir*, *filintiano*, *filipino*, *idade*, *igreja*, *igual*, *imiscuir-se*, *invés*, *militar*, *ministro*, *pior*, *quase*, *quepe*, *tigela*, *tijolo*, *vizinho*, etc.

34. Palavras como *cardeal* e *cardial*, *desfear* e *desfiar*, *descrição* e *discrição*, *destinto* e *distinto*, *meado* e *miado*, *recrear*

e *recriar*, *se* e *si* serão consignadas com o necessário esclarecimento e a devida remissão. Por exemplo: *descrição*, s. f.: ação de descrever. Cf. *discrição*. | *Discrição*, s. f.: qualidade do que é discreto. Cf. *descrição*.

35. Os verbos mais usados em *ear* e *iar* serão seguidos das formas do presente do indicativo, no todo ou em parte.

36. De acôrdo com o critério exposto, far-se-á rigorosa distinção entre os vocábulos que se escrevem

a) com *o* ou com *u* : *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (v. ou subst.), etc.

b) com *c* ou *q* : *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinqüenta*, *quociente* (seguido de *cociente*), etc.

c) com *ch* ou *x* : *anexim*, *bucha*, *cambaxirra*, *charque*, *chimarrão*, *coxia*, *estrebuchar*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (notar; censurar), *taxar* (determinar a taxa; regular), *xícara*, etc.

d) com *g* ou *j* : *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jibóia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (subst.), *viajem* (do v. *viajar*), etc.

e) com *s*, *ss* ou *c*, *ç* : *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (cabo de navio), *bossa* (protuberância; aptidão), *bolçar* (vomitar), *bolsar* (fazer bolsos), *caçula*, *censual* (relativo a *censo*), *sensual* (lascivo), etc.

Observação. — Não se emprega *ç* em início de palavra.

f) com *s* ou *x* : *espectador* (testemunha), *expectador* (pessoa que tem esperança), *experto* (perito; experimentado), *esperto* (ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

g) com *s* ou com *z* : *alazão*, *alcaçuz* (planta), *alisar* (tornar liso), *alizar* (s. m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *blusa*, *brasileiro*, *buzina*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *emprêsa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *garcês*, *guizo* (s. m.), *improvisar*, *irisar* (dar as côres do íris a), *irizar* (atacar [o iriz] o cafèzeiro), *lambuzar*, *luzidio*, *mazorca*, *narcisar-se*, *obséquio*, *pezunho*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *sazão*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrêz*, etc.

Observação 1.ª — É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal, pelo que se deverá

indicar a sua pronúncia entre parênteses; quando, porém, a êsse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fôra dobrado: *obsequiar* (*ze*), *transoceânico* (*zo*); *transecular* (*se*), *transubstanciação* (*su*); etc.

Observação 2.ª — No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

37. O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, qual em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de

1.º — *ch*, no princípio e no interior de muitas palavras: *xairel*, *xerife*, *xícara*, *ameixa*, *enxoval*, *peixe*, etc.

Observação. — Quando tem êsse valor, não será indicada a sua pronúncia entre parênteses.

2.º — *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *complexidade*, *convexo*, *bórax*, *látex*, *sílex*, etc.

3.º — *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.º — *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.º — *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

38. No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

XI

NOMES PRÓPRIOS

39. Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portuguêses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

40. Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas,

sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

41. Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos nestas *Instruções*.

42. Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo "Bahia", que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm êsse nome.

Observação. — Os compostos e derivados dêsses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

XII

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

43. A fim de que a acentuação gráfica satisfaça às necessidades do ensino, — precípuo escopo da simplificação e regularização da ortografia nacional —, e permita que tôdas as palavras sejam lidas corrètamente, estejam ou não marcadas por sinal diacrítico, no *Vocabulário* será indicada, entre parênteses, a sílaba ou a vogal tônica e o timbre desta em todos os vocábulos cuja pronúncia possa dar azo a dúvidas.

A acentuação gráfica obedecerá às seguintes regras:

1.ª — Assinalam-se com o acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em *a, e, o* abertos, e com o acento circunflexo os que acabam em *e, o* fechados, seguidos, ou não, de *s*: *cajá, hás, jacaré, pés, seridó, sós; dendê, lês, pôs, trisavô;* etc.

Observação. — Nesta regra se incluem as formas verbais em que, depois de *a, e, o*, se assimilaram o *r*, o *s* e o *z* ao *l* do pronome *lo, la, los, las*, caindo depois o primeiro *l*: *dá-lo, contá-la, fá-lo-á, fê-los, movê-las-ia, pô-los, qué-los, sabê-lo-emos, trá-lo-ás*, etc.

2.ª — Tôdas as palavras proparoxítonas devem ser acentuadas gràficamente: recebem o acento agudo as que têm na

antepenúltima sílaba as vogais *a, e, o* abertas ou *i, u;* e levam acento circunflexo as em que figuram na sílaba predominante as vogais *e, o* fechadas ou *a, e, o* seguidas de *m* ou *n*: *árabe, exército, gótico, límpido, louvaríamos, público, úmbrico; devêssemos, fôlego, lâmina, lâmpada, lêmures, pêndula, quilômetro, recôndito;* etc.

Observação. — Incluem-se neste preceito os vocábulos terminados em encontros vocálicos que podem ser pronunciados como ditongos crescentes: *área, espontâneo, ignorância, imundície, lírio, mágoa, régua, tênue, vácuo,* etc.

3.ª — Os vocábulos paroxítonos finalizados em *i* ou *u*, seguidos, ou não, de *s*, marcam-se com acento agudo quando na sílaba tônica figuram *a, e, o* abertos, *i* ou *u;* e com acento circunflexo quando nela figuram *e, o* fechados ou *a, e, o* seguidos de *m* ou *n*: *beribéri, bônus, dândi, íris, júri, lápis, miosótis, tênis,* etc.

Observação 1.ª — Os paroxítonos terminados em *um, uns* têm acento agudo na sílaba tônica: *álbum, álbuns,* etc.

Observação 2.ª — Não se acentuam os prefixos paroxítonos acabados em *i*: *semi-histórico,* etc.

4.ª — Põe-se o acento agudo no *i* e no *u* tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior: *aí, balaústre, cafeína, caís, contraí-la, distribuí-lo, egoísta, faísca, heroína, juízo, país, peúga, saía, saúde, timboúva, viúvo,* etc.

Observação 1.ª — Não se coloca o acento agudo no *i* e no *u* quando, precedidos de vogal que com êles não forma ditongo, são seguidos de *l, m, n, r* ou *z* que não iniciam sílabas e, ainda, *nh*: *adail, contribuinte, demiurgo, juiz, paul, retribuirdes, ruim, tainha, ventoinha,* etc.

Observação 2.ª — Também não se assinala com acento agudo a base dos ditongos tônicos *iu* e *ui*, quando precedidos de vogal: *atraiu, contribuiu, pauis,* etc.

5.ª — Assinala-se com o acento agudo o *u* tônico precedido de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i*: *argúi, argúis, averigúe, averigúes, obliqúe, obliqúes,* etc.

6.ª — Põe-se o acento agudo na base dos ditongos abertos *éi, éu, ói*, quando tônicos: *assembléia, bacharéis, chapéu, jibóia, lóio, paranóico, rouxinóis,* etc.

7.ª — Marca-se com o acento agudo o *e* da terminação *em* ou *ens* das palavras oxítonas de mais de uma sílaba: *alguém,*

armazém, *convém*, *convéns*, *detém-lo*, *mantém-na*, *parabéns*, *retém-no*, *também*, etc.

Observação 1.ª — Não se acentuam gràficamente os vocábulos paroxítonos finalizados por *ens*: *imagens*, *jovens*, *nuvens*, etc.

Observação 2.ª — A 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter*, *vir* e seus compostos recebe acento circunflexo no *e* da sílaba tônica: (*êles*) *contêm*, (*elas*) *convêm*, (*êles*) *têm*, (*elas*) *vêm*, etc.

Observação 3.ª — Conserva-se, por clareza gráfica, o acento circunflexo do singular *crê*, *dê*, *lê*, *vê* no plural *crêem*, *dêem*, *lêem*, *vêem* e nos compostos dêsses verbos, como *descrêem*, *desdêem*, *relêem*, *revêem*, etc.

8.ª — Sobrepõe-se o acento agudo ao *a*, *e*, *o* abertos e ao *i* ou *u* da penúltima sílaba dos vocábulos paroxítonos que acabam em *l*, *n*, *r* e *x*; e o acento circunflexo ao *e*, *o* fechados e ao *a*, *e*, *o* seguidos de *m* ou *n* em situação idêntica: *açúcar*, *afável*, *alúmen*, *córtex*, *éter*, *hífen*; *aljôfar*, *âmbar*, *cânon*, *êxul*, *fênix*, *vômer*, etc.

Observação. — Não se acentuam gràficamente os prefixos paroxítonos terminados em *r*: *inter-helênico*, *super-homem*, etc.

9.ª — Marca-se com o competente acento, agudo ou circunflexo, a vogal da sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos acabados em ditongo oral: *ágeis*, *devêreis*, *escrevêsseis*, *faríeis*, *férteis*, *fósseis*, *fôsseis*, *imóveis*, *jóquei*, *pênseis*, *pusésseis*, *quisésseis*, *tínheis*, *túneis*, *úteis*, *variáveis*, etc.

10.ª — Recebe acento circunflexo o penúltimo *o* fechado do hiato *oo*, seguido, ou não, de *s*, nas palavras paroxítonas: *abençôo*, *enjôos*, *perdôo*, *vôos*, etc.

11.ª — Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tônico se outro acento não figura no vocábulo: *afã*, *capitães*, *coração*, *devoções*, *põem*, etc.

Observação. — Se é átona a sílaba onde figura o til, acentua-se gràficamente a predominante: *acórdão*, *bênção*, *órfã*, etc.

12.ª — Emprega-se o trema no *u* que se pronuncia depois de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i*: *agüentar*, *argüição*, *eloqüente*, *tranqüilo*, etc.

Observação 1.ª — Não se põe acento agudo na sílaba tônica das formas verbais terminadas em *qüe*, *qüem*: *apropinqüe*, *delinqüem*, etc.

Observação 2.ª — É lícito o emprêgo do trema quando se quer indicar que um encontro de vogais não forma ditongo, mas hiato: *saüdade*, *vaïdade* (com quatro sílabas), etc.

13.ª — Mantêm-se o acento circunflexo e o til do primeiro elemento nos advérbios em *mente* e nos derivados em que figuram sufixos precedidos do infixo *z* (*zada, zal, zeiro, zinho, zista, zito, zona, zorro, zudo*, etc.): *cômodamente, cortêsmente, dendêzeiro, ôvozito, pêssegozinho; chãmente, cristãzinha, leõezinhos, mãozada, romãzeira*, etc.; e o acento agudo do primeiro elemento passará a ser acento grave nos derivados dessa natureza: *avòzinha, cafèzeiro, faìscazinha, indelèvelmente, opùsculozinho, sòmente, sòzinho, terrìvelmente, voluntàriozinho, volùvelmente*, etc.

14.ª — Emprega-se o acento circunflexo como diferencial ou distintivo no *e* e no *o* fechados da sílaba tônica das palavras que estão em homografia com outras em que são abertos êsse *e* e êsse *o*: *acêrto* (s. m.) e *acerto* (v.); *aquêle, aquêles* (adj. ou pron. dem.) e *aquele, aqueles* (v.); *côr* (s. f.) e *cor* (s. m.); *côrte, côrtes* (s. f.) e *corte, cortes* (v.); *dêle, dêles* (contr. da prep. *de* com o pron. pess. *êle, êles*) e *dele, deles* (v.); *devêras* (v.) e *deveras* (adv.); *êsse, êsses, êste, êstes* (adj. ou pron. dem.) e *esse, esses, este, estes* (s. m.); *fêz* (s. m. e v.) e *fez* (s. f.); *fôr* (v.) e *for* (s. m.); *fôra* (v.) e *fora* (adv., interj. ou s. m.); *fôsse* (dos v. *ir* e *ser*) e *fosse* (do v. *fossar*); *nêle, nêles* (contr. da prep. *em* com o pron. pess. *êle, êles*) e *nele, neles* (s. m.); *pôde* (perf. ind.) e *pode* (pres. ind.); *sôbre* (prep.) e *sobre* (v.); etc.

Observação 1.ª — Emprega-se também o acento circunflexo para distinguir de certos homógrafos inacentuados as palavras que têm *e* ou *o* fechados: *pêlo* (s. m.) e *pelo* (*per* e *lo*); *pêra* (s. f.) e *pera* (prep. ant.); *pôlo, pôlos* (s. m.) e *polo, polos* (*por* e *lo* ou *los*); *pôr* (v.) e *por* (prep.); *porquê* (quando é subst. ou quando vem no fim da frase) e *porque* (conj.); *quê* (s. m., interj., ou pron. no fim da frase) e *que* (adv., conj., pron. ou part. expletiva).

Observação 2.ª — Quando a flexão do vocábulo faz desaparecer a homografia, cessa o motivo do emprêgo do sinal diacrítico. Acentuam-se, por exemplo, o masculino singular *enfêrmo* e as formas femininas *enfêrma* e *enfêrmas*, em razão de existirem *enfermo, enferma* e *enfermas*, com *e* aberto, do verbo *enfermar*, porém não se acentua gràficamente o substantivo plural *enfermos*, visto não haver igual forma com *e* aberto; *colhêr* e *colhêres*, formas do infinito e do futuro do conjuntivo do verbo *colhêr*, recebem acento circunflexo para se diferençarem dos homógrafos heterofônicos *colher* e *colheres*, substantivos femininos que se proferem com *e* aberto, mas não levam acento gráfico as outras pessoas daquela modo e tempo, em virtude da inexistência de formas cujo timbre de vogal tônica seja aberto.

15.ª — Recebem acento agudo os seguintes vocábulos, que estão em homografia com outros: *ás* (s. m.), cf. *às* (contr. da prep. *a* com o art. ou pron. *as*); *pára* (v.), cf. *para* (prep.); *péla, pélas* (s. f. e v.), cf. *pela, pelas* (agl. da prep. *per* com o art. ou pron. *la, las*); *pélo* (v.), cf. *pelo* (agl. da prep. *per* com o art. ou pron. *lo*); *péra* (el. do s. f. comp. *péra-fita*), cf. *pera* (prep. ant.); *pólo, pólos* (s. m.), cf. *polo, polos* (agl. da prep. *por* com o art. ou pron. *lo, los*); etc.

Observação. — Não se acentua gràficamente a terminação *amos* do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação.

16.ª — O acento grave, além de marcar a sílaba pretônica de que trata a regra 13.ª, assinala as contrações da preposição *a* com o artigo *a* e com os adjetivos ou pronomes demonstrativos *a, aquêle, aqueloutro, aquilo*, os quais se escreverão assim: *à, às, àquele, àquela, àqueles, àquelas, àquilo, àqueloutro, àqueloutra, àqueloutros, àqueloutras.*

Observação. — *Àquele* e *àqueles* dispensam o acento circunflexo, em razão de o acento grave os diferençar dos homógrafos heterofônicos *aquele* e *aqueles*.

XIII

APÓSTROFO

44. Limita-se o emprêgo do apóstrofo aos seguintes casos:

1.º — Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa, esp'rança, of'recer, 'star*, etc.

2.º — Reproduzir certas pronúncias populares: *'tá, 'teve*, etc.

3.º — Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (planta; lanche), *galinha-d'água, mãe-d'água, ôlho-d'água, pau-d'água* (árvore; ébrio), *pau-d'alho, pau-d'arco*, etc.

Observação. — Restringindo-se o emprêgo do apóstrofo a êsses casos, cumpre não se use dêle em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *del* (em *aqui-del-rei*); *dum, duma* (a par de *de um, de uma*), *num, numa* (a par de *em um, em uma*); *dalgum dalguma* (a par de *de algum, de alguma*), *nalgum, nalguma* (a par de *em algum, em alguma*); *dalguém, nalguém* (a par de *de alguém, em alguém*); *doutrem, noutrem* (a par de *de outrem, em outrem*); *dalgo, dalgures* (a par de *de algo, de algures*); *daquém, dalém, dacolá* (a par de *de aquém, de além, de acolá*); *doutro, noutro* (a par de *de outro, em outro*); *dêle, dela, nêle, nela; dêste, desta, neste, nesta, daquele, daquela, naquele, naquela; disto, nisto, daquilo, naquilo; daqui, daí, dacolá, donde, dantes, dentre; doutrora* (a par de *de outrora*), *noutrora; doravante* (a par de *de ora avante*); etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais: *mo, ma, mos, mas, to, ta, tos, tas, lho, lha, lhos, lhas, no-lo, no-la, no-los, no-las, vo-lo, vo-la, vo-los, vo-las.*

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte, destarte, homessa, tarrenego, tesconjuro, vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co, coa, ca, cos, cas, coas* (= *com o, com a, com os, com as*), *plo, pla, plos, plas* (= *pelo, pela, pelos, pelas*), *pra* (= *para*), *pro, pra, pros, pras* (= *para o, para a, para os, para as*), etc.

XIV

HÍFEN

45. Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção da composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido.

46. Dentro dêsse princípio, deve-se empregar o hífen nos seguintes casos:

1.º — Nas palavras compostas em que os elementos, com a sua acentuação própria, não conservam, considerados isoladamente, a sua significação, mas o conjunto constitui uma unidade semântica: *água-marinha, arco-íris, galinha-d'água, couve-flor, guarda-pó, pé-de-meia* (mealheiro; pecúlio), *pára-choque, porta-chapéus*, etc.

Observação 1.ª — Incluem-se nesta norma os compostos em que figuram elementos fonèticamente reduzidos: *bel-prazer*, *és-sueste*, *mal-pecado*, *su-sueste*, etc.

Observação 2.ª — O antigo artigo *el*, sem embargo de haver perdido o seu primitivo sentido e não ter vida à parte na língua, une-se por hífen ao substantivo *rei*, por ter êste elemento evidência semântica.

Observação 3.ª — Quando se perde a noção do composto, quase sempre em razão de um dos elementos não ter vida própria na língua, não se escreve com hífen, mas aglutinadamente: *abrolhos*, *bancarrota*, *fidalgo*, *vinagre*, etc.

Observação 4.ª — Como as locuções não têm unidade de sentido, os seus elementos não devem ser unidos por hífen, seja qual fôr a categoria gramatical a que elas pertençam. Assim, escreve-se, v. g., *vós outros* (locução pronominal), *a desoras* (locução adverbial), *a fim de* (locução prepositiva), *contanto que* (locução conjuntiva), porque essas combinações vocabulares não são verdadeiros compostos, não formam perfeitas unidades semânticas. Quando, porém, as locuções se tornam unidades fonéticas, devem ser escritas numa só palavra: *acêrca* (adv.), *afinal*, *apesar*, *debaixo*, *decerto*, *defronte*, *depressa*, *devagar*, *deveras*, *resvés*, etc.

Observação 5.ª — As formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos e os vocábulos compostos cujos elementos são ligados por hífen conservam seus acentos gráficos: *amá-lo-á*, *amáreis-me*, *amásseis-vos*, *devê-lo-ia*, *fá-la-emos*, *pô-las-íamos*, *possuí-las provêm-lhes*, *retêm-nas*; *água-de-colônia*, *pão-de-ló*, *pára-sóis*, *pesa-papéis*, etc.

2.º — Nas formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos: *ama-lo* (*amas* e *lo*), *amá-lo* (*amar* e *lo*), *dê-se-lhe*, *fá-lo-á*, *oferecê-la-ia*, *repô-lo-eis*, *serenou-se-te*, *traz-me*, *vedou-te*, etc.

Observação. — Também se unem por hífen as enclíticas *lo*, *la*, *los*, *las* aos pronomes *nos*, *vos* e à forma *eis* : *no-lo*, *no-las*, *vo-la*, *vo-los*, *ei-lo*, etc.

3.º — Nos vocábulos formados pelos prefixos que representam formas adjetivas, como *anglo*, *greco*, *histórico*, *ínfero*, *latino*, *lusitano*, *luso*, *póstero*, *súpero*, etc.: *anglo-brasileiro*, *greco-romano*, *histórico-geográfico*, *ínfero-anterior*, *latino-americano*, *lusitano-castelhano*, *luso-brasileiro*, *póstero-palatal*, *súpero-posterior*, etc.

Observação. — Ainda que êsses elementos prefixais sejam reduções de adjetivos, não perdem a sua individualidade morfológica, e por isso devem unir-se por hífen, como sucede com *austro* (= *austríaco*), *dólico* (= *dolicocéfalo*), *euro* (= *europeu*), *telégrafo* (= *telegráfico*), etc.: *austro-húngaro*, *dólico-louro*, *euro-africano*, *telégrafo-postal*, etc.

4.° — Nos vocábulos formados por sufixos que representam formas adjetivas, como *açu*, *guaçu* e *mirim*, quando o exige a pronúncia e quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada gràficamente: *andá-açu*, *amoré-guaçu*, *anajá-mirim*, *capim-açu*, etc.

5.° — Nos vocábulos formados pelos prefixos:

a) *auto*, *contra*, *extra*, *infra*, *intra*, *neo*, *proto*, *pseudo*, *semi* e *ultra*, quando se lhes seguem palavras começadas por vogal, *h*, *r* ou *s*: *auto-educação*, *contra-almirante*, *extra-oficial*, *infra-hepático*, *intra-ocular*, *neo-republicano*, *proto-revolucionário*, *pseudo-revelação*, *semi-selvagem*, *ultra-sensível*, etc.

Observação. — A única exceção a esta regra é a palavra *extraordinário*, que já está consagrada pelo uso.

b) *ante*, *anti*, *arqui* e *sôbre*, quando seguidos de palavras iniciadas por *h*, *r* ou *s*: *ante-histórico*, *anti-higiênico*, *arqui-rabino*, *sôbre-saia*, etc.

c) *supra*, quando se lhe segue palavra encetada por vogal, *r* ou *s*: *supra-axilar*, *supra-renal*, *supra-sensível*, etc.

d) *super*, quando seguido de palavra principiada por *h* ou *r*: *super-homem*, *super-requintado*, etc.

e) *ab*, *ad*, *ob*, *sob* e *sub*, quando seguidos de elementos iniciados por *r*: *ab-rogar*, *ad-renal*, *ob-repticio*, *sob-roda*, *sub-reino*, etc.

f) *pan* e *mal*, quando se lhes segue palavra começada por vogal ou *h*: *pan-asiático*, *pan-helenismo*, *mal-educado*, *mal-humorado*, etc.

g) *bem*, quando a palavra que lhe segue tem vida autônoma na língua ou quando a pronúncia o requer: *bem-ditoso*, *bem-aventurança*, etc.

h) *sem*, *sota*, *soto*, *vice*, *vizo*, *ex* (com o sentido de cessamento ou estado anterior), etc.: *sem-cerimônia*, *sota-pilôto*, *soto-ministro*, *vice-reitor*, *vizo-rei*, *ex-diretor*, etc.

i) *pós*, *pré* e *pró*, que têm acento próprio, por causa da evidência dos seus significados e da sua pronunciação, ao contrário dos seus homógrafos inacentuados, que, por diver-

sificados foneticamente, se aglutinam com o segundo elemento: *pós-meridiano, pré-escolar, pró-britânico;* mas *pospor, preanunciar, procônsul;* etc.

XV

DIVISÃO SILÁBICA

47. A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

48. Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.ª — A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se, dze-ta, gno-ma, mne-mô-ni-ca, pneu-má-ti-co,* etc.

2.ª — No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car, ac-ne, bet-sa-mi-ta, daf-ne, drac-ma, ét-ni-co, nup-ci-al, ob-fir-mar, op-ção, sig-ma-tis-mo, sub-por, sub-ju-gar,* etc.

3.ª — Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílaba nem os dos digramas *ch, lh* e *nh*: *a-blu-ção, a-bra-sar, a-che-gar, fi-lho, ma-nhã,* etc.

Observação. — Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no têrmo onomatopéico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: *sub-lin-gual, sub-rogar, ad-le-ga-ção,* etc.

4.ª — O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te, con-va-les-cer, des-cer, ins-ci-en-te, pres-cin-dir, res-ci-são,* etc.

Observação. — Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoante: *abs-tra-ir, ads-cre-ver, ins-cri-ção, ins-pe-tor, ins-tru-ir, in-ters-tí-cio, pers-pi-caz, subs-cre-ver, subs-ta-be-le-cer,* etc.

5.ª — O *s* dos prefixos *bis, cis, des, dis, trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa

por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to, cis-pla-ti-no, des-li-gar, dis-tra-ção, trans-por-tar, ex-tra-ir; bi-sa-vô, ci-san-di-no, de-ses-pe-rar, di-sen-té-ri-co, tran-sa-tlân-ti-co, e-xér-ci-to;* etc.

6.ª — As vogais idênticas e as letras *cc, cç, rr* e *ss* separam-se, ficando uma na sílaba que as precede, e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga, co-or-de-nar, du-ún-vi-ro, fri-ís-si-mo, ge-e-na, in-te-lec-ção, oc-ci-pi-tal, pror-ro-gar, res-sur-gir,* etc.

Observação. — As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de, cai-ais, ca-í-eis, ca-ir, do-er, du-e-lo, fi-el, flu-iu, fru-ir, gra-ú-na, je-su-í-ta, le-al, mi-ú-do, po-ei-ra, ra-i-nha, sa-ú-de, vi-ví-eis, vo-ar,* etc.

7.ª — Não se separam as vogais dos ditongos — crescentes e decrescentes — nem as dos tritongos: *ai-ro-so, a-ni-mais, au-ro-ra, a-ve-ri-güeis, ca-iu, cru-éis, en-jei-tar, fo-ga-réu, fu-giu, gló-ria, guai-ar, i-guais, ja-mais, jói-as, ó-dio, quais, sá-bio, sa-guão, sa-guões, su-bor-nou, ta-fuis, vá-rio,* etc.

Observação. — Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a voga que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bi-guo, e-qui-va-ler guer-ra, u-bi-quo,* etc.

XVI

EMPRÊGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS

49. Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º — No comêço do período, verso ou citação direta Disse o Padre ANTÔNIO VIEIRA: "Estar com CRISTO em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso."

"Auriverde pendão de minha terra
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que à luz do sol encerra
As promessas divinas da Esperança..."

(CASTRO ALVES.)

Observação. — Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em CASTILHO :

"Aqui, sim, no meu cantinho,
vendo rir-me o candeeiro,
gozo o bem de estar sòzinho
e esquecer o mundo inteiro".

2.º — Nos substantivos próprios de qualquer espécie — antropônimos, topônimos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José, Maria, Macedo, Freitas, Brasil, América, Guanabara, Tietê, Atlântico, Antoninos, Afonsinhos, Conquistador, Magnânimo, Coração de Leão, Sem Pavor, Deus, Jeová, Alá, Assunção, Ressurreição, Júpiter, Baco, Cérbero, Via Láctea, Canopo, Vênus,* etc.

Observação 1.ª — As formas onomásticas que entram na composição de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando constituem, com os elementos a que se ligam por hífen, uma unidade semântica; quando não constituem unidade semântica, devem ser escritas sem hífen e com inicial maiúscula: *água-de-colônia, joão-de-barro, maria-rosa* (palmeira), etc.; *além Andes, aquém Atlântico,* etc.

Observação 2.ª — Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, mas ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses, baianos, estremenhos, fluminenses, guarapuavanos, jequieenses, paulistas, pontalenses, romenos, russos, suíços, uruguaios, venezuelanos,* etc.

3.º — Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Hégira, Idade Média, Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

Observação. — Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agôsto, setembro, outubro, novembro* e *dezembro.*

4.º — Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco, Beco do Carmo, Largo da Carioca, Praia do Flamengo, Praça da Bandeira, Rua Larga, Rua do Ouvidor, Terreiro de São Francisco, Travessa do Comércio,* etc.

5.º — Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação, Estado, Pátria, Raça,* etc.

Observação. — Êsses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º — Nos nomes que designam artes, ciências ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura, Arquitetura, Educação Física, Filologia Portuguêsa, Direito, Medicina, Engenharia, História do Brasil, Geografia, Matemática, Pintura, Arte, Ciência, Cultura,* etc.

Observação. — Os nomes *idioma, idioma pátrio, língua, língua portuguêsa, vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relêvo.

7.º — Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo, Patriarca, Vigário, Vigário-Geral, Presidente da República, Ministro da Educação, Governador do Estado, Embaixador, Almirantado, Secretário de Estado,* etc.

8.º — Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino, Inspetoria do Ensino Superior, Ministério das Relações Exteriores, Academia Paranaense de Letras, Círculo de Estudos "Bandeirantes", Presidência da República, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Tesouro do Estado, Departamento Administrativo do Serviço Público, Banco do Brasil, Imprensa Nacional, Teatro de São José, Tipografia Rolandiana,* etc.

9.º — Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo, Horas Marianas, Correio da Manhã, Revista Filológica, Transfiguração* (de RAFAEL), *Norma* (de BELLINI), *Guarani* (de CARLOS GOMES), *O Espírito das Leis* (de MONTESQUIEU), etc.

Observação. — Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império, O Crepúsculo dos Deuses, Histórias sem Data, A Mão e a Luva, Festas e Tradições Populares no Brasil,* etc.

10.° — Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil, Descobrimento da América, Questão Religiosa, Reforma Ortográfica, Acôrdo Luso-Brasileiro, Exposição Nacional, Festa das Mães, Dia do Município, Glorificação da Língua Portuguêsa*, etc.

Observação. — Os nomes das festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval, entrudo, saturnais*, etc.

11.° — Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia, Escola Superior de Comércio, Ginásio do Estado, Colégio de Pedro II, Instituto de Educação, Grupo Escolar de Machado de Assis*, etc.

12.° — Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de sêres morais ou fictícios: A *Capital* da *República*, a *Transbrasiliana*, moro na *Capital*, o *Natal* de JESUS, o *Poeta* (CAMÕES), a ciência da *Antiguidade*, os habitantes da *Península*, a *Bondade*, a *Virtude*, o *Amor*, a *Ira*, o *Mêdo*, o *Lôbo*, o *Cordeiro*, a *Cigarra*, a *Formiga*, etc.

Observação. — Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: A *Lei* de 13 de maio, o *Decreto-lei* n.° 292, o *Decreto* n.° 20.108, a *Portaria* de 15 de junho, o *Regulamento* n.° 737, o *Acórdão* de 3 de agôsto, etc.

13.° — Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: Os povos do *Oriente;* o falar do *Norte* é diferente do falar do *Sul;* a guerra do *Ocidente;* etc.

Observação. — Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com inicial minúscula quando designam direções ou limites geográficos: Percorri o país de *norte* a *sul* e de *leste* a *oeste*.

14.° — Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D.* (*Dom* ou *Dona*), *Sr.* (*Senhor*), *Sr.ª* (*Senhora*), *DD.* ou *Dig.mo* (*Digníssimo*), *MM.* ou *M.mo* (*Meritíssimo*), *Rev.mo* (*Reverendíssimo*), *V. Rev.ª* (*Vossa Reverência*), *S. E.* (*Sua Eminência*), *V. M.* (*Vossa Majestade*), *V. A.* (*Vossa Alteza*), *V. S.ª* (*Vossa Senhoria*), *V. Ex.ª* (*Vossa Excelência*), *V. Ex.ª Rev.ma* (*Vossa Excelência Reverendíssima*), *V. Ex.as* (*Vossas Excelências*), etc.

Observação. — As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade, Ex.ma Sr.a Diretora, Sr. Almirante, Sr. Capitão de Mar e Guerra, MM. Juiz de Direito, Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz, Magnífico Reitor, Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Eminentíssimo Senhor Cardeal, Sua Majestade Imperial, Sua Alteza Real,* etc.

15.º — Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo, caro Colega, meu prezado Mestre, estimado Professor, meu querido Pai, minha amorável Mãe, meu bom Padre, minha distinta Diretora, caro Dr., prezado Capitão,* etc.

XVII

SINAIS DE PONTUAÇÃO

50. Aspas. — Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

"Aí temos a lei", dizia o Florentino. "Mas quem as há de segurar? Ninguém." (RUI BARBOSA.)

"Mísera! tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que tôda a luz resume!"
"Por que não nasci eu um simples vaga-lume?"
(MACHADO DE ASSIS.)

51. Parênteses. — Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses; mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro dêles se põe a competente notação:

"Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, êste suavíssimo nome); não: o coração não é

tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida." (RUI BARBOSA.)

"A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento." — "(Carta inserta nos *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. I.)" (CARLOS DE LAET.)

52. Travessão. — Emprega-se o travessão, e **não** o hífen, para ligar palavras ou grupos de palavras que formam, pelo assim dizer, uma cadeia na frase: O trajeto *Mauá — Cascadura*; a estrada de ferro *Rio — Petrópolis*; a linha aérea *Brasil — Argentina*; o percurso *Barcas — Tijuca*; etc.

53. Ponto final. — Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois êste, quando coincide com aquêle, tem dupla serventia. Ex.: "O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam: v. g.: **V. S.ª**; **Il.mo Ex.ª**; etc." (Dr. ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO.)

Aprovadas unânimemente na sessão de 12 de agôsto de 1943.

JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES
Presidente da Academia Brasileira de Letras.

EMPRÊGO DAS MAIÚSCULAS

99. Escrevem-se em letra MAIÚSCULA INICIAL:

1. A primeira palavra de um período, de um verso ou de uma citação:

E êle disse: Vês o céu?
E ela disse: Vejo, sim. (G. D.)

Nota. — Alguns poetas vão admitindo o uso de minúsculas como iniciais dos versos, nos casos em que a prosa as admite.

2. Os substantivos próprios:

Maria, Brasil, Bahia, América do Sul, Barra Mansa, Mar de Espanha, os Lusíadas, Gazeta de Notícias, o Grêmio do Comércio, o Arsenal da Marinha.

Nota. — Quando o substantivo próprio é representado por uma locução, como *Rio Grande do Sul*, as partículas (*de*) escrevem-se sempre com minúsculas.

3. Os substantivos comuns, quando quisermos DETERMINAR, DISCRIMINAR OU INDIVIDUAR o sentido. Exs.:

O estado das finanças e as finanças do Estado. — A antiguidade da Igreja e a igreja da Antiguidade. — O Cristianismo suplantou o Crescente. — Moro na Capital. — A festa de Natal, da Páscoa, da Ressurreição. — O Poeta (Camões) *morreu com a Pátria* (Portugal). — *Como nasceu êste indivíduo moral chamado a Nação?* (A. H.) — *Assim se acharam unidos os dois mais poderosos estados da Península* (Id.)

4. Os TÍTULOS de honra e dignidade: *V. Sa. — Dr. — Rev. — Sr. — D. — P.ᵉ*

Nota. — Vai-se generalizando no jornalismo o uso de minúsculas neste caso.

5. Os EPÍTETOS OU ALCUNHAS de certa *notoriedade*, pospostos aos nomes próprios: *Alexandre, o Grande; Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes.*

Sem essa *notoriedade* usam-se minúsculas: *Mário, o plebeu,* e *Sila, o patrício* (R. S.)

6. Tôdas as palavras designativas da DIVINDADE: *o Eterno, o Altíssimo, o Todo Poderoso, o Filho.*

7. Os sêres MORAIS OU ABSTRATOS PERSONIFICADOS: *Ao nume escoltam a Ira, a Traição, do Mêdo o aspecto baço* (O. M.)

8. Os nomes dos PONTOS CARDEAIS, quando designam, não limites geográficos, porém regiões:

Os povos do Oriente e o oriente da Ásia. — As escalas do Levante. — Os mares do Sul e o sul do Brasil. — A espada que triunfa no Oriente forjou-se desde o berço de Portugal (L. C.)

100. Escrevem-se com letra MINÚSCULA INICIAL, no meio da frase, as seguintes classes de palavras, que muitos escrevem com maiúsculas:

1. Os nomes de sistemas religiosos, teológicos, políticos e filosóficos, e os de seus adeptos:

No meio desta inversão completa das doutrinas do cristianismo D. Fernando Coutinho chegou a manifestar as suas idéias a respeito do judaísmo de um modo mais que severo (A. H.) — *Era impossível que os cristãos novos o ignorassem* (Id.)

2. Os nomes de nacionalidades, raça ou língua:

Os judeus não se haviam afastado da lei de Moisés (A. H.) — *Procuravam obstar a que os portuguêses fôssem enfeitiçados por bruxas e encantadores* (Id.) — *A remota cognação dos árias do Oriente com as principais famílias etnográficas da Europa* (L. C.)

3. Os nomes das festas pagãs e de certas divindades fabulosas: *As bacanais, as saturnais, o carnaval, as ninfas, os sátiros.*

4. Os nomes de dias, meses, estações do ano, como: *sábado, domingo, janeiro, primavera, verão.*

A lei de 14 de junho era como um facho de luz sinistra (A. H.)

ABREVIATURAS

101. Na arte da representação gráfica das idéias são de largo uso as *abreviaturas*, cujo conhecimento se prende à ortografia. Aqui damos algumas mais usuais :

Ilmo. Sr.	— Ilustríssimo Senhor
V. S.ª	— Vossa Senhoria
V. Ex.ª	— Vossa Excelência
Ex.mo	— Excelentíssimo
V. M.	— Vossa Mercê ou Vossa Majestade
V. A.	— Vossa Alteza
V. Rev.ma	— Vossa Reverendíssima
Rev.	— Reverendo
P.e	— Padre
Fr.	— Frei
V.	— Você
Dr.	— Doutor
B.el	— Bacharel
S. S.	— Sua Senhoria ou Sua Santidade
DD.	— Digníssimo
M. D.	— Muito Digno
Obr.º	— Obrigado
Cr.º	— Criado
S. Paulo	— São Paulo
P. S.	— *Post-Scriptum*
P. E. F.	— Por especial favor
P. D.	— Pede deferimento
E. R. M.	— Espera receber mercê
N. B.	— *Nota Bene*
A. D.	— *Anno Domini*
E. C.	— Era cristã
V. T.	— Velho Testamento
N. T.	— Novo Testamento
S. E. O.	— Salvo êrro ou omissão
S/C	— Sua casa ou sua conta
Etc.	— *Et cetera*
D. G.	— Deus guarde
Id.	— Idem (= o mesmo)
Ib.	— Ibidem (= no mesmo lugar)

MORFOLOGIA

102. Morfologia (gr. *morphê* = *forma*, *logos* = *tratado*) é a parte da LEXEOLOGIA que estuda a palavra em seu *elemento imaterial*, isto é, em sua idéia ou significação.

A FONOLOGIA, como vimos, estuda as *formas materiais* das palavras — os sons e as letras, e a MORFOLOGIA as *formas significantes*, que a palavra assume para indicar a categoria e as variações ou acidentes da idéia por ela expressada.

103. As diversas modalidades morfológicas podem ser estudadas em duas partes denominadas:

1. TAXEONOMIA — 2. ETIMOLOGIA

Taxeonomia

104. Taxeonomia (gr. *taxis* = *arranjo, classificação*, *nomos* = *lei*) estuda as diversas *classes* de palavras e as suas *propriedades* em relação à idéia que expressam.

105. Em relação à idéia as palavras dividem-se em OITO CLASSES OU CATEGORIAS, chamadas *partes da oração*, a saber: SUBSTANTIVO, ADJETIVO, PRONOME, VERBO, ADVÉRBIO, PREPOSIÇÃO, CONJUNÇÃO e INTERJEIÇÃO.

Nota. — Contam muitas gramáticas *dez partes da oração*, incluindo entre elas — *o artigo* e o *particípio*. Porém estas partes estão naturalmente incluídas na classe do *adjetivo*.

106. Estas oito categorias gramaticais classificam-se em dois grupos, quanto à *flexão*, isto é, quanto à propriedade de variarem ou não em sua desinência para indicarem os acidentes da idéia por elas expressada. Êsses *acidentes* são de *grau, gênero, número, caso, modo, tempo* e *pessoa*. Os dois GRUPOS OU CLASSES SÃO:

I. Variáveis ou flexivas: *substantivo, adjetivo, pronome e verbo.*

II. Invariáveis ou inflexivas: *advérbio, preposição, conjunção* e *interjeição.*

Dá-se o nome geral de flexionismo ao estudo das *flexões* das palavras. A flexão dos nomes substantivos e adjetivos chama-se nominal, e a dos verbos verbal.

Obs. — O estudo da *flexão* compreende também os *sufixos* derivativos ou a derivação das palavras, processo importante que estudaremos detidamente na Etimologia. O termo *flexionismo* é suficientemente expressivo, e dispensa os neologismos usados por alguns gramáticos para designar o mesmo processo gramatical: — *campenomia, camptologia, pteosonomia, organografia.* — De outras classificações de palavras trataremos em capítulo especial.

Palavras flexivas

1. SUBSTANTIVO

107. Substantivo é a palavra com que nomeamos sêres animados ou inanimados, por ex.: *Paulo, mulher, leão, árvore, alma, anjo, rei.*

Obs. — Devemos distinguir no substantivo a *compreensão* e a *extensão. Compreensão* são os caracteres distintivos do *ser* nomeado pelo substantivo; *extensão* são todos os *sêres* abrangidos nessa *compreensão.* Assim a *compreensão* do substantivo *animal* são os caracteres que constituem o animal, isto é, um organismo vivo, movendo-se por si; e *extensão* são todos os sêres designados por êste têrmo. Quanto maior for a *compreensão* de um substantivo, tanto menor será sua *extensão. Cavalo* tem maior compreensão do que *animal,* pois, além dos caracteres do animal, tem mais os que constituem a sua espécie; por isso tem menor extensão do que *animal,* abrange menor número de indivíduos.

Classificação do substantivo

108. As diversas espécies de substantivos podem ser estudadas nas seguintes classes:

1.° *Concreto* e *abstrato.*
2.° *Próprio* e *comum.*
3.° *Primitivo* e *derivado.*
4.° *Simples* e *composto.*
5.° *Coletivo.*

109. Concreto ou REAL é o substantivo que designa o ser subsistente por si só, como : — *homem, alma, anjo, rei.*

110. Entre os *concretos* devem-se distinguir os CONCRETOS FICTÍCIOS, que designam sêres, os quais, não tendo existência real, afiguram-se-nos existirem por si sós, como — *Júpiter, Vênus, lobisomem, sereia.*

111. Abstrato ou IMAGINÁRIO é o substantivo que designa sêres ideais ou imaginários, não subsistentes por si sós, ou meras qualidades abstraídas dos sêres concretos, tais como : *justiça, amor, ira, ligeireza, atenção.*

Nota. — Um mesmo substantivo pode ser concreto ou abstrato, conforme o sentido : *A mocidade é a primavera da vida.* — *A mocidade do ginásio é estudiosa.* No primeiro exemplo mocidade é *abstrato*, no segundo é *concreto*.

112. Próprio é o substantivo com que designamos um ou mais indivíduos da mesma classe, p. ex. : *Pedro, Brasil, Lisboa, Gazeta de Notícias.*

113. Os nomes próprios de pessoas formam na sua totalidade uma *locução substantiva*, por ex. : *Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Alferes* se diz PRENOME ; *Joaquim*, NOME ; *José*, SOBRENOME ; *Silva Xavier*, COGNOME ou apelido de família ; *Tiradentes*, AGNOME ou alcunha.

114. Patronímicos eram certos substantivos próprios, que por meio da terminação *ez* (= *ês*) indicavam, no v. português, filiação ; assim *Rodriguez* = *filho de Rodrigo ; Fernandez* = *filho de Fernando ; Paez* = *filho de Paio ; Sanchez* = *filho de Sancho.* Já perderam a fôrça patronímica, e são escritos com *s*.

115. Comum ou APELATIVO é o substantivo com que designamos todos os indivíduos da mesma classe, p. ex. : *homem, menino, ave, canário, mês, janeiro, domingo.*

116. Primitivo é o substantivo donde procedem outros que se dizem DERIVADOS, como, p. ex.: do primitivo *pedra* procedem os derivados — *pedreiro, pedreira, pedregulho, pedrinha, pedrisco.*

117. Simples é o substantivo que contém um só elemento vocabular, como: *pé, flor, couve;* **composto,** o que contém mais de um elemento, e designa um só objeto, como: — *pontapé, couve-flor, guarda-chuva.*

118. Coletivo é o substantivo comum que, no singular, traz a idéia do plural, indicando uma COLEÇÃO de sêres, como: — *povo, boiada, livraria, tropa, cafèzal.*

119. O COLETIVO pode ser — *geral* e *partitivo, determinado* e *indeterminado.*

120. Coletivo geral é o que abrange a totalidade dos sêres de uma coleção, e **partitivo** o que abrange apenas parte dêsses sêres. Exs.:

COLETIVO GERAL	COLETIVO PARTITIVO
exército	batalhão
tropa	lote
cafèzal	talhão
povo	multidão (do povo)
multidão	parte (da multidão)
centena	metade (da centena)
assembléia	maioria

121. Coletivo determinado é o que indica um número certo de indivíduos que constituem uma coleção, e o **indeterminado** um número incerto. Exs.:

COLETIVO DETERMINADO	COLETIVO INDETERMINADO
centena	exército
dúzia	multidão
mês	rebanho
semana	vinhedo

Nota. — Muitos substantivos podem ser coletivos ou deixar de o ser, conforme o sentido, tais como: — *humanidade, mocidade, banda, fôrça, parte.*

Flexão do Substantivo

122. Os substantivos variam em sua terminação, isto é, mudam de *flexão*, para indicarem os acidentes de GÊNERO, NÚMERO e GRAU.

GÊNERO

123. Gênero gramatical é a propriedade que tem o substantivo de indicar pela sua forma o sexo *real* dos sêres vivos, ou o sexo *suposto* dos sêres inanimados.

124. Dois são os gêneros gramaticais em português — O MASCULINO e O FEMININO.

O gênero gramatical corresponde, em regra, ao sexo natural dos sêres vivos. Assim, todos os substantivos que designam sêres vivos do *sexo masculino*, são do *gênero masculino*, p. ex.: *homem, boi, galo*; e os que designam sêres vivos do sexo *feminino*, são do *gênero feminino*, p. ex.: *mulher, ovelha, galinha.* Para os nomes de sêres inanimados que não têm sexo, inventou-se primitivamente o *gênero neutro*, palavra de origem latina que significa — *nem um, nem outro*, nem masculino, nem feminino. A língua, porém, repeliu o *neutro*, e por analogia estendeu a noção do gênero gramatical aos substantivos que designam coisas inanimadas.

Obs. — Distinguem-se nos sêres animados dois sexos — o *sexo masculino* ou o macho, e o *sexo feminino* ou a fêmea. Esta distinção natural dos indivíduos vivos é designada em gramática pela palavra — *gênero*, do latim *genus*, que quer dizer *classe*. Sendo, portanto, o gênero gramatical, a coordenação dos sêres sob a noção natural dos sexos, os sêres inanimados, como *livro, pedra*, não deveriam incluir-se nem na classe ou gênero masculino, nem na classe ou gênero feminino; deveriam pertencer a uma terceira classe denominada — *gênero neutro* (do latim *neuter* = nem um nem outro.) Tal, porém, não sucede; no uso vivo da língua os substantivos que indicam os entes inanimados são considerados ou *supostos* do gênero masculino ou feminino, por certas analogias na forma ou em razão da etimologia. O gênero gramatical, portanto, nem sempre corresponde ao *sexo natural*.

No latim e no grego existem três gêneros gramaticais: — o *masculino*, o *feminino* e o *neutro*. A existência dêsses três gêneros indica a intenção

primitiva de transportar para o uso vivo da língua as *distinções naturais*; conformando-se os fatos na linguagem falada com os fatos da natureza. A língua, porém, não se subordinou a êste pensamento, e o *gênero neutro* no latim, como no grego, não realizou a intenção de sua gênese primitiva. Perdido seu ponto de apoio nas *distinções naturais*, na própria língua-mãe (latim), o *gênero neutro* perdeu a sua razão de ser, e foi naturalmente banido do português, bem como das outras línguas novo-latinas, isto é, do espanhol, do francês e do italiano. No inglês existe o gênero neutro com o seu valor primitivo, salvo algumas exceções. Todavia, existem em nossa língua vestígios do gênero neutro, como veremos.

125. De dois modos se determinam os gêneros dos substantivos em português : pela *significação* e pela *terminação*.

Significação

126. São MASCULINOS pela significação :

1. Os nomes dos sêres vivos do *sexo masculino*, bem como os de *estados* ou *ofícios* próprios dêstes sêres, como — *Paulo, homem, veado, juiz, pai, rei.*

2. Os nomes de sêres fictícios, imaginados do sexo masculino, como : — *Júpiter, Marte, lobisomem.*

3. Os nomes de *mares, rios, lagos, montes, ventos, meses,* por influência do gênero dos respectivos substantivos que designam a classe, como : o (*mar*) *Biscaia*, o (*rio*) *Paraíba*, o (*lago*) *Ládoga*, o (*monte*) *Itatiaia*, o (*vento*) *Bóreas*, o (*mês*) *janeiro*.

4. Os nomes das *letras*, dos *algarismos* e das *notas musicais*, como — o *b*, os *bb*, o *quatro*, os *quatros*, o *ré*, os *rés*.

127. São FEMININOS :

1. Os nomes de sêres vivos do *sexo feminino*, bem como os dos *estados* ou *ofícios* próprios dêstes sêres, como : *Maria, Safo, mulher, gazela, mãe, costureira, rainha.*

2. Os nomes de sêres fictícios, imaginados do sexo feminino, como : — *a lâmia, a sereia, a bela Juno, a fabulosa Calíope.*

3. Os nomes das cinco *partes* do mundo, de *ilhas*, *cidades*, *vilas* e *aldeias*, por influência do gênero dos apelativos designativos da respectiva classe, como : — *Europa*, *Marajó*, *Cartago*, *Paris* (a bela Paris), *Londres* (a populosa Londres) ; excetua-se *Cairo*, o *Cairo*.

Nota. — Os nomes de cidades, que vêm de substantivos apelativos e próprios, guardam o gênero do primitivo, exs. — o *Pôrto*, o *Jaú*, *São Paulo*, etc.

Terminação

128. São MASCULINOS os nomes que, não pertencendo às classes antecedentes, terminam em :

1. **o** : *o banco*, *o livro*.

2. **ó** : *o cipó*, *o teiró*, *o manió*, *o chinó*, *o pó*.
Excs. : *a mó*, *a enxó*, *a ilhó*, *a eiró*.

3. **u** : *o bambu*, *o breu*, *o pau*.
Exc. : *a nau*.

4. **i** : *o coati*, *o júri*, *o nebri*, *o siri*.
Excs. : *a juriti*, e os terminados no ditongo *ei* — *a lei*, *a grei*.

5. **á** : *o sofá*, *o maná*, *o tafetá*.
Exc. : *a pá*.

6. **em**, **im**, **om**, **um** : *o bem*, *o fim*, *o tom*, *o álbum*.
Excs. : *a ordem*, *a adem*, e os terminados em *gem* — *a imagem*, *a folhagem*, *a fuligem*, *a ferrugem*.

7. **en** : *o dólmen*, *o pólen*, *o abdômen*, *o líquen*.

8. **l** : *o cafèzal*, *o vogal*, *o capital*, *o caudal*, *o sol*, *o sul*, *o papel*, *o barril*.
Excs. : *a cal*, *a pastoral*, *a decretal*, *a moral*, *a catedral*, *a saturnal*, *a vogal*.

9. **r** : *o açúcar, o âmbar, o aljôfar, o nenúfar, o mar, o nácar, o cateter, o caráter, o estáter, o calor, o favor, o catur.*

Excs. : *a dôr, a flor, a côr.*

10. **s** : *o pires, o lápis, o vírus, o ônus, o pus.*

Exc. : *a cútis.*

Nota. — Os terminados em *z* são vários. FEMININOS : *paz, pez, vez, luz, voz, noz, cerviz, variz, cicatriz, matriz, raiz, sobrepeliz, altivez.* — MASCULINOS : *nariz, verniz, almofariz, albatroz, arroz.*

11. **x** : *o ônix, o sílex, o tórax, o cálix, o index* (índice.)

Exc. : *a Fênix* (nis.)

Nota. — Os adjetivos em — *al*, como, em geral, todo adjetivo, substantivam-se no *masculino* : *o ritual, o radical, o funeral, o caudal, o final, o plural, o moral, o manual.* As exceções, como : *a pastoral* (carta), *a moral* (filosofia), *a catedral* (sé), *a capital* (cidade), *a diagonal* (linha), *a equatorial* (linha), *a vogal* (letra) — recebem o gênero feminino do substantivo latente.

129. São FEMININOS os terminados em :

1. **a** : *a casa, a raça, a onça, a cólera.*

Excs. : *dia, íncola, planeta, cometa, trema, tapa, proclama, lama* (animal), *agrícola, os emboras* (o *s* do plural não influi na terminação) e alguns mais de origem grega : *dogma, delta, antípoda, problema, sistema, tema, drama, diorama, poema, anátema, estratagema, diadema, programa, telegrama, cólera* (doença) (*a cólera*, A. Herculano, Garrett.)

2. **ã** : *a lã, a romã, a manhã.*

Excs. : *o talismã, o ímã.*

3. **ção** : substantivos abstratos : *a formação, a viação, a petição, a função, a manifestação, a argumentação, a prostração, a bênção* e muitíssimos outros.

4. **gem** : *a folhagem, a passagem, a vertigem, a lanugem.*

5. **dade** e **ice** : *a bondade, a meiguice.*

Nota. — Os terminados em E regulam-se pela *etimologia* e tradição da língua ; são geralmente femininos, mas há numerosíssimas exceções.

Femininos : *estrofe, análise, apócope, síncope, elipse, sinédoque*, e as figuras gramaticais e retóricas ; *clâmide, secante, tangente, pirâmide, tese, diátese, gênese, espécie, superfície, sânie, intempérie, cárie, imundície* (ou *imundícia*), *ave, árvore, base, clave, sêde, sede, carne, parede, estirpe, trípode, fé, falange, febre, morte, mole, neve, nave, sirte, serpente, serpe, noite, mente, hélice, lebre, prole, plebe, tarde, veste, peste, patente, fome*, etc. Masculinos : *desastre, guindaste, céspede, cone, ubre, talude, almude, ataúde, alaúde, eclipse, antílope, sangue, cerame, mangue, monte, dote, poente, vale, velocípede, camarote, beliche, joguête, foguete, Apocalipse, Gênese* (livros), e outros muitos.

Particularidades genéricas

130. Epicenos ou PROMÍSCUOS são os apelativos que, debaixo de uma só forma genérica indicada pela terminação, designam ambos os sexos, como : *a onça, a araponga, o jacaré, a criança, o algoz, a testemunha, o cônjuge.*

Obs. — Em relação aos sêres irracionais, distingue-se o sexo dizendo-se onça macho ou fêmea, a araponga macho ou fêmea ; ou, então, o macho ou a fêmea da onça, da araponga, etc.

131. Comum de dois é o apelativo que, com uma só forma, admite os dois gêneros gramaticais, determinados respectivamente pelo sexo que se quer indicar. Exs.:

o acrobata	a acrobata	o artista	a artista
o selvagem	a selvagem	o regente	a regente
o consorte	a consorte	o democrata	a democrata
o intérprete	a intérprete	o patriota	a patriota
o pianista	a pianista	o indígena	a indígena

132. Muitos substantivos formam O FEMININO com a simples mudança da terminação ou flexão da forma masculina. Exs. :

moço	moça	cêsto	cesta
espôso	espôsa	poço	poça
lôbo	lôba	madeiro	madeira
ministro	ministra	lenho	lenha
elefante	elefanta ou elefoa	saco	saca
juiz	juíza	rio	ria
Antônio	Antônia	fruto	fruta

gigante	giganta	caneco	caneca
parente	parenta	grito	grita
hóspede	hóspeda	monge	monja

133. Muitos substantivos, seguindo o processo antecedente, sofrem algumas irregularidades na flexão FEMININA. Exs. :

ermitão	ermitoa	sacerdote	sacerdotisa
varão	virago	diácono	diaconisa
rapaz	rapariga	barão	baronesa
duque	duquesa	rei	rainha
conde	condessa	herói	heroína
embaixador	embaixatriz, embaixadora	imperador	imperatriz
cantor	cantatriz, cantora	czar	czarina
abade	abadessa	pardal	pardoca
frade	freira	sultão	sultana
prior	prioresa, priora	avô	avó
papa	papisa	cão	cadela
poeta	poetisa	cidadão	cidadã
leão	leoa	mocetão	mocetona
réu	ré	abegão	abegoa
perdigão	perdiz	ladrão	ladra, ladrona
		ator	atriz

134. Outros seguem processos diferentes, indicando o feminino por palavras DESCONEXAS. Exs. :

homem	mulher	veado	cerva (veada)
pai	mãe	touro (boi,	vaca
padrinho	madrinha	carneiro	ovelha
cavalheiro	dama	bode	cabra
frei	sóror	cavalo	égua
genro	nora	zângão	abelha
gamo	corça	macho (mulo)	mula

135. Em muitos substantivos muda-se a *idéia* ou o *sentido*, com a mudança do GÊNERO. Exs. :

o capital	a capital	o cabeça	a cabeça
o lente	a lente	o língua	a língua
o cura	a cura	o corneta	a corneta
o guarda	a guarda	o crisma (óleo)	a crisma
o guia	a guia	o sota	a sota

Obs. — O gênero do substantivo composto é determinado pelo elemento principal — *o mestre-escola, a carta-bilhete, o papel-moeda, a moeda-papel, o cólera-morbo, o varapau, o pontapé.* — Nota-se em bons escritores incerteza genérica nos seguintes nomes : *farroupilha, personagem, drama, fantasma, tigre, foca, cólera* (doença), *radical, aneurisma, espia, apostema, sentinela, faringe, laringe, pampas.*

NÚMERO

136. Número é a propriedade que têm os substantivos de indicar, pela sua terminação ou flexão, a UNIDADE ou SINGULARIDADE e a PLURALIDADE dos sêres, como — *livro* e *livros*.

137. Dois são os números gramaticais : o SINGULAR, que indica um só objeto, como — *livro* ; e o PLURAL, que indica mais de um objeto, como — *livros*.

138. O s acrescentado ao singular dos substantivos forma o seu plural, porém êste acréscimo subordina-se às regras seguintes :

Regras para a formação do plural

1.ª Regra. — Aos nomes terminados em vogal pura ou nasal junta-se simplesmente um s. Exs.:

banco	bancos	paletó	paletós
sofá	sofás	tribo	tribos
lei	leis	grau	graus
irmã	irmãs	ímã	ímãs

2.ª Regra. — Aos nomes terminados em ão correspondem respectivamente três formas plurais — ãos, ões, ães :

1. — ãos

mão	mãos	cidadão	cidadãos
cristão	cristãos	pagão	pagãos

2. — ões

botão	botões	lição	lições
melão	melões	portão	portões
sermão	sermões	garrafão	garrafões

3. — ães

pão	pães	capitão	capitães
ermitão	ermitães	capelão	capelães
tabelião	tabeliães	escrivão	escrivães

Há em muitos substantivos oscilação na formação do plural; daí os plurais DUPLOS e TRIPLOS dos seguintes:

Duplos

cortesão	cortesãos	e cortesões
soldão	soldãos	e soldães
folião	foliães	e foliões
faisão	faisães	e faisões
sacristão	sacristães	e sacristãos
charlatão	charlatães	e charlatões
guião	guiães	e guiões
guardião	guardiães	e guardiões

Triplos

aldeão	aldeãos	aldeães	e aldeões
ancião	anciãos	anciães	e anciões
alão	alãos	alães	e alões
vilão	vilãos	vilães	e vilões
vulcão	vulcãos	vulcães	e vulcões

Obs. — 1.ª Os terminados em ÃO *átono* formam uniformemente o seu plural com o acréscimo de um *s*, de acôrdo com a 1.ª regra, exs.: *órfão — órfãos, sótão — sótãos, bênção — bênçãos, zângão — zângãos.*

2.ª Estas três formas no plural correspondiam a três formas singulares do velho português — ANO, ON, AN — *grano, coraçon, pan*, que mais tarde assumiram a forma comum ÃO guardando, entretanto, no plural, suas formas respectivas — ANOS, ONES, ANES — *granos, sermones, panes*, que com a síncope do N, que nasalou a vogal antecedente, deram — *grã(n)os = grãos, sermõ(n)es = sermões, pã(n)es = pães.*

3.ª A forma ÕES, sendo a mais eufônica, é a mais generalizada, e serve de padrão para o plural de todos os aumentativos em ÃO, e dos que, tendo essa terminação, são estranhos ao latim. Exs.:

garrafão	garrafões	rapagão	rapagões
vagão	vagões	limão	limões
botão	botões	leitão	leitões

3.ª **Regra** — Os nomes terminados em **al** e **ol** perdem o **l** e recebem **is**: *canal* — *canais*, *sol* — *sóis*; e os terminados em **ul** perdem o **l** e recebem **is**: *azul*, *azuis*, *taful*, *tafuis*.

Excs.: *Cal* (cano de escorregar a água do telhado), *mal*, *real* (moeda), *cônsul*, fazem o plural — *cales*, *males*, *réis* e *reales* (moeda espanhola), *cônsules*.

Obs. — No português antigo o plural dêsses nomes retinha o L, que lhe vinha da forma latina, como:. *annales*, *soles* e *paules*. As exceções representam os casos em que, por algum motivo, não se operou a *síncope* do L.

4.ª **Regra.** — Os nomes terminados em **el**, e os em **il** átono, mudam estas desinências em **eis**: *papel* — *papéis*, *fóssil* — *fósseis*.

Exc.: *Mel* faz *meles* ou *méis*.

5.ª **Regra.** — Os nomes terminados em **il** tônico perdem o **l** e recebem **s**: *funil* — *funis*, *anil* — *anis*.

Obs. — Os nomes das duas regras antecedentes conservavam no velho português o L das formas plurais latinas — *faciles*, *aniles*. Pela síncope do L intervocálico — faci(l)es, ani(l)es — e conseqüente aproximação das vogais, formou-se o *hiato* (*ies*, *ees*), que a língua destruiu pela DITONGAÇÃO nos vocábulos *paroxítonos* — *facies* = *faceis*, e pela SÍNCOPE dos *oxítonos* — (*anies* = *anis*).

6.ª **Regra.** — Os nomes terminados em **m** mudam esta desinência em **ns**: *homem* — *homens*, *fim* — *fins*, *som* — *sons*, *jejum* — *jejuns*.

Obs. — Os nomes desta classe formam o seu plural conforme o tipo latino conservado no português arcáico, dando-se a *síncope* da vogal *átona*, exs.: fin(e)s — fins, son(o)s — sons, jejun(e)s — jejuns, homin(e)s — homens.

7.ª **Regra.** — Aos nomes terminados em **r** e **z** acrescenta-se **es**: *lugar* — *lugares*, *mulher* — *mulheres*, *emir* — *emires*, *flor* — *flores*, *paz* — *pazes*, *nariz* — *narizes*, *noz* — *nozes*.

Nota. — *Caráter* faz *caracteres*, com deslocação excepcional da tônica e *Lúcifer* faz *Lucíferes*.

8.ª Regra. — Os nomes terminados em s conservam a mesma forma no plural : *o pires — os pires, o cais — os cais, o ônus — os ônus*.

Excs. : *Deus, cós, simples* (droga) fazem no plural — *deuses, coses, símplices*. Em A. de Castilho e outros escritores modernos encontra-se o plural *símplices* do adjetivo.

Obs. — Estas exceções representam restos da antiga flexão do plural dos nomes desta classe, que obedeciam à 7.ª regra como — *pireses, ourivesses, alfereses*.

9.ª Regra. — Os nomes terminados em x mudam esta desinência em ces : *cálix, cálices, apêndix — apêndices*.

Excs. : Os terminados em *x* dúplice (= cs), como *ônix, sílex, tórax, pólex, cóccix*, obedecem à 8.ª regra, ficando invariáveis no plural. *Índex* ou *índice* faz *índices*.

Nota. — Os nomes desta regra também se grafam no singular *apêndice, cálice, índice*, subordinando-se, neste caso, à 1.ª regra.

Regras dos substantivos compostos

139. Na formação do plural dos substantivos compostos, devem-se observar as seguintes REGRAS :

1.ª REGRA. — Só recebe a flexão do plural o último elemento, quando o elemento precedente é — *a*) INVARIÁVEL, *b*) APOCOPADO, ou *c*) JUSTAPOSTO.

1.º Caso

subdelegado	subdelegados	beija-flor	beija-flores
sempreviva	sempreviva s	passatempo	passatempos
vice-rei	vice-reis	avemaria	avemarias
sobremesa	sobremesas	girassol	girassóis
pára-raio	pára-raios	retaguarda	retaguardas

guarda-chuva	guarda-chuvas	vanguarda	vanguardas
guardanapo	guardanapos	malmequer	malmequeres
porta-bandeira	porta-bandeiras	bentevi	bentevis

2.° Caso

grand-almirante	grand-almirantes	planalto	planaltos
grão-cruz	grão-cruzes	pernalta	pernaltas
grão-mestre	grão-mestres	santelmo	santelmos
aguardente	aguardentes		

3.° Caso

madrepérola	madrepérolas	cantochão	cantochãos
pontapé	pontapés	lugar-tenente	lugar-tenentes
vanglória	vanglórias	varapau	varapaus
clarabóia	clarabóias	lengalenga	lengalengas
montepio	montepios		

Exc. : — *Gentil-homem* faz *gentis-homens.*

2.ª Regra. — Recebem flexão do plural os dois elementos quando ambos são numèricamente VARIÁVEIS e separados por HÍFEN. Exs. :

carta-bilhete	cartas-bilhetes	amor-perfeito	amores-perfeitos
couve-flor	couves-flores	segunda-feira	segundas-feiras
mestre-escola	mestres-escolas	obra-prima	obras-primas
banho-maria	banhos-marias	cirurgião-dentista	cirurgiões-dentistas

Excs.: — *Padre-nosso* faz *Padre-nossos* e também *Padres-nossos; salvo--conduto* faz *salvo-condutos* e *salvos-condutos; glória-patri, glória-patris.*

Quando o segundo elemento de um composto encerra a idéia de *finalidade*, geralmente fica invariável, por ex. : *escola--modêlo* — *escolas-modêlo* (para modêlo), *café-concêrto* — *cafés--concêrto* (para concêrto).

3.ª REGRA. — Deixam de receber flexão do plural os compostos de elementos numèricamente INVARIÁVEIS, e aquêles cujo último elemento já estiver NO PLURAL. Exs. :

o bota-fora	os bota-fora	o ganha-perde	os ganha-perde
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho	o papa-figos	os papa-figos
o leva-traz	os leva-traz	o papa-jantares	os papa-jantares

EXCS.: — *Vaivém, ruge-ruge, luze-luze,* fazem — *vaivéns, ruges-ruges, luzes-luzes.*

4.ª REGRA. — Os compostos de dois substantivos ligados pela preposição *de* recebem a flexão do plural só no primeiro elemento. Exs. :

pé-de-galinha	pés-de-galinha	pão-de-ló	pães-de-ló
cabo-de-esquadra	cabos-de-esquadra	pé-de-vento	pés-de-vento
ôlho-de-boi	olhos-de-boi	pé-de-boi	pés-de-boi
mestre-de-obra	mestres-de-obra	chefe-de-seção	chefes-de-seção

Particularidades numéricas dos substantivos

140. Os diminutivos em **zinho** e **zito** fazem o plural juntando-se respectivamente **zinhos** e **zitos** aos plurais dos seus *primitivos*, elidida a desinência *s*. Exs. :

coraçãozinho	coraçõe(s)zinhos	coraçõezinhos
cãozinho	cãe(s)zinhos	cãezinhos
cãozito	cãe(s)zitos	cãezitos
papelzinho	papéi(s)zinhos	papèizinhos
cordelzinho	cordéi(s)zinhos	cordèizinhos
colherzinha	colhere(s)zinhas	colherezinhas
leitorzinho	leitore(s)zinhos	leitorezinhos
irmãozinho	irmão(s)zinhos	irmãozinhos

141. A vogal tônica FECHADA **ô** dos paroxítonos terminados em **o** surdo torna-se ABERTA no plural. Exs.:

Povo	póvos	Môlho (de chaves)	mólhos
Ôlho	ólhos	Escolho	escólhos
Fogo	fógos	Molosso	molóssos
Cachopo	cachópos	Destrôço	destróços
Fôro	fóros	Tremoço	tremóços
Jôgo	jógos	Globo	glóbos

EXCS.:

Arrôjo	arrôjos	Estôjo	estôjos
Almôço	almôços	Estôrvo	estôrvos
Bôlo	bôlos	Estôfo	estôfos

Chôro	chôros	Farricoco	farricôcos
Côto	côtos	Ferrôlho	ferrôlhos
Contôrno	contôrnos	Fojo	fôjos
Colosso	colôssos	Gôsto	gôstos
Côco	côcos	Gafanhoto	gafanhôtos
Corro	côrros	Gogo	gôgos
Dorso	dôrsos	Jôrro	jôrros
Endôsso	endôssos	Lôdo	lôdos
Entrecosto	entrecôstos	Lôgro	lôgros
Encôsto	encôstos	Morno	môrnos
Enxacoco	enxacôcos	Mosto	môstos
Engôdo	engôdos	Morro	môrros
Esbôço	esbôços	Mocho	môchos
Escôrço	escôrços	Nojo	nôjos
Olmo	ôlmos	Rosto	rôstos
Perdigoto	perdigôtos	Sôldo	sôldos
Pescoço	pescôços	Sôpro	sôpros
Pilôto	pilôtos	Sorvo	sôrvos
Piolho	piôlhos	Sôro	sôros
Peixoto	Peixôtos	Tôpo	tôpos
Repôlho	repôlhos	Trambolho	trambôlhos
Rôdo	rôdos	Transtôrno	transtôrnos
Rôlo	rôlos	Volvo	vôlvos

Pôrto-Pôrtos (apelido de familia)

Quando ao **ô** tônico se segue **m** ou **n**, conserva-se êle FECHADO: *gomo — gômos, trono — trônos, colono — colônos.*

Nota. — Mandam Epifânio Dias, Adolfo Coelho e Monteiro Leite, em suas gramáticas, pronunciar-se *pescóços*, e o último, *almóços*. E' sem dúvida esta a pronúncia em Portugal.

142. Quando os nomes desta classe têm flexão feminina, o plural conserva o valor tônico da penúltima vogal da forma feminina. Exs.:

Canhoto	canhóta	canhótos	Chôco	chóca	chócos
Porco	pórca	pórcos	Lôbo	lôba	lôbos
Raposo	rapôsa	rapôsos	Fôsso	fóssa	fóssos
Espôso	espôsa	espôsos	Ôvo	óva	óvos
Bôlso	bôlsa	bôlsos	Garôto	garôta	garôtos
Maroto	marôta	marôtos	Moço	môça	môços
Trôco	tróca	trócos	Poldro	pôldra	pôldros
Pimpolho	pimpôlha	pimpôlhos	Bodo	bôda	bôdos

Excs.: Sogro, sógra, sôgros; tôldo, tólda, tôldos.

143. O mesmo fenômeno de afinidade fonética entre o feminino e o plural observa-se nos *adjetivos*, que aliás se subordinam às mesmas regras formativas do plural que os *substantivos*:

Penoso	penósa	penósos	Fôrro	fôrra	fôrros
Ôco	ôca	ôcos	Morno	mórna	mórnos
Rôto	rôta	rôtos	Bôto	bôta	bôtos
Gordo	gôrda	gôrdos	Gôdo	gôda	gôdos

144. Não são, em geral, usados no plural os nomes de *metais* ou *substâncias inorgânicas*, bem como os de produtos *vegetais* e *animais*: — *ouro, oxigênio, arroz, leite, canela*, etc.

Obs. — A razão da repugnância destas classes ao plural está na própria natureza dos objetos por elas significados. Indicando elas uma só substância em massa, dificilmente póde o espírito aplicar-lhes a noção de pluralidade, isto é, a soma das partes que constituem o todo. Todavia, o uso tem largamente sancionado alguns plurais dos nomes dessas classes, p. ex.: — *pedras, águas, ares*. Falando-se, entretanto, das diversas espécies ou qualidades da substância, dir-se-á no plural: *ouros, cafés, leites, vinhos, açúcares*, etc.

145. Não se empregam também habitualmente no plural os nomes *abstratos*, os de *ciências, artes, sistemas religiosos: filosóficos* e *políticos*, bem como os nomes de *ventos*, p. ex., *a fé, a física, a pintura, o cristianismo, o racionalismo, o protecionismo, o norte*, etc.

Obs. — São aplicáveis a esta classe as considerações antecedentes. Falando-se, entretanto, de *atos, produtos, ação repetida*, dir-se-á no plural: — as *caridades*; as *físicas* (compêndios), as *pinturas* (de uma galeria), os *nordestes*, as *brisas*. Todavia o uso hodierno e o uso clássico autorizam o plural de muitos nomes *abstratos*, como se vê no seguinte exemplo de A. Vieira: "Que pobrezas, que fomes, que sêdes; que perseguições, que cárceres, que desterros; que afrontas, que desprezos, que ignomínias, que acusações, que injustiças; que açoites, que tormentos, que martírios não padeceram aquêles mesmos apóstolos em tôdas as partes do mundo, e todos os dias e horas da vida."

146. Ao substantivo próprio repugna, pela sua mesma natureza, o plural; todavia, quando aplicado a vários indivíduos, quer no sentido próprio, quer no figurado, dir-se-á no plural: — *os Afonsos, os Maciéis, os Vieiras, os Napoleões*, etc.

147. As palavras SUBSTANTIVADAS, isto é, as que, pertencendo a outras categorias gramaticais, fazem o papel de substantivos, assumem a flexão do plural de acôrdo com as regras já expostas, p. ex.: os *porquês*, os *sins* e os *nãos*, os *prós* e os *contras*.

148. Sôbre o plural dos nomes estrangeiros correntes em nossa literatura e jornalismo há duas opiniões divergentes: uma deixa intacto o vocábulo estrangeiro, acrescentando-lhe apenas um s, ex.: *memorandum* — *memorandums*, *revólver* — *revolvers*, *repórter* — *reporters*, *beef* — *beefs*, *crachat* — *crachats*; a outra nacionaliza o vocábulo estrangeiro, dando-lhe o plural de acôrdo com as regras da língua vernácula.

Esta última opinião obedece à tendência natural de tôdas as línguas, e é preferível segui-la com moderação e critério. O uso mais comum não autoriza, entretanto, a romper de todo com o estrangeirismo gráfico. De acôrdo com êste modo de ver, recomendamos os seguintes plurais:

memorandum	memoranduns	clubs	clubes
álbum	álbuns	líder	líderes
post-scriptum	post-scriptuns	meeting	meetings
te-deum	te-deuns	bife	bifes
criterium	criteriuns	lanche	lanches
crachá	crachás	tramway	tramways
chalé	chalés	esporte	esportes
déficit	déficits	calembur	calembures
colportor	colportores	revólver	revólveres
álcool	álcoois	repórter	repórteres
lazarone	lazarones	dilettante	dilettantes
cicerone	cicerones	bonde	bondes
lady	ladies	vagão	vagões
budget	budgets	lord	lords
shilling	shillings	bill	billes
		toast	toasts
		penny	pence

Nota. — São INVARIÁVEIS: *requiem*, *confiteor*, *magnificat*, *exequatur*, *Dominus tecum*, *benedicite*, *nota bene*, *ecce homo*.

Obs. — *Lazarone*, *cicerone*, *dilettante*, são palavras italianas, que fazem o plural em *i*. Querem alguns que, de harmonia com o italiano, digamos no plural — os *lazaroni*, os *ciceroni*, os *dilettanti*; no que concorda Garrett, que escreveu: "Doutores, antiquários, dilettanti, virtuosi, amateurs e

professores." Uma vez, porém, que o uso varia, melhor é que acompanhemos os que dão a essas palavras o cunho vernáculo. Quanto a *repórter* e *revólver*, já temos na língua o plural *éteres*, além de *açúcares*, *faquires*, etc. — *Bonde* e não *bond* é como se pronuncia. Igualmente *vagão* e não *wagon*, é a pronúncia comum. *Lanche*, *bife*, e não *lunch*, *beef*, é como trazem o *Dicionário Contemporâneo* e o de A. Coelho e é como se pronuncia geralmente. Demos a êstes vocábulos franca naturalização.

149. Muitos substantivos só se usam no PLURAL. Exs.:

Os Alpes, os Andes, os Estados Unidos, os Pirineus, as alvíssaras, os anais, os arredores, as arras, os bofes, as bragas, as calendas, as cãs, as efemérides, as endoenças, os esgares, os esponsais, as exéquias, os fastos, as férias, as fezes, as fauces, os fasces, as hemorróidas, as letras ou humanidades, os manes, os idos, os maiores, as matinas, as nonas, as núpcias, os penates, os lares, as primícias, as sirtes, as urzes, os víveres, as veras, (a) expensas, as andas, os farripas, as côrtes, as ou os pampas.

Obs. — Encontram-se no singular os seguintes substantivos usados ordinàriamente no plural: *trevas*, *cócegas*, *fauces*, *ventas*, *saturnais*, *próceres*, *reféns*, *algemas*. E' mais comum, entre nós, o singular — *uma calça*, *uma ceroula*, *uma tesoura*, quando designam um só objeto, se bem que em Portugal se diga, na boa linguagem, *umas calças*, *umas ceroulas* e *umas tesouras*. No velho português, dizia-se *narizes*, como dizemos *ventas*. O plural dêstes nomes, bem como o de *alforjes*, *óculos*, para indicarem um só objeto, é naturalmente determinado pelas duas partes de que se compõem; é êsse plural uma espécie de *dual*. Alguns têm forma plural e valor singular — *Amazonas*, *Buenos Aires*, *Atenas*.

150. Nomes há que têm duplo sentido no plural: um que corresponde ao singular, e o outro estranho a êle. Exs.:

bem	bens	bens (cabedais)
honra	honras	honras (distinção)
dote	dotes	dotes (prendas)
zêlo	zelos	zelos (ciúmes)
letra	letras	letras (erudição)
liberdade	liberdades	liberdades (atrevimento)

GRAU

151. Grau do substantivo é a propriedade que tem êste de indicar, por terminação ou flexão apropriadas, as dimensões do ser por êle nomeado, como: *livro* — *livrinho* — *livrão*, *Manuel* — *Manuelzinho* — *Manecão*.

152. São três os graus dos substantivos: o POSITIVO OU NORMAL, O AUMENTATIVO e O DIMINUTIVO.

153. O **grau aumentativo** exprime aumentada a idéia do ser expresso pelo grau POSITIVO, e o DIMINUTIVO, diminuída. Exs.:

NORMAL	AUMENTATIVO	DIMINUTIVO
menino	meninão	menininho
rapaz	rapagão	rapazito
espada	espadagão	espadim
Gonçalo	Gonçalão	Gonçalinho

154. As **flexões** ou TERMINAÇÕES AUMENTATIVAS são: *-ão, -ona, -zarrão, -rão, -aço, -aça, -az, -ázio, -orra,* etc.

atrevido	atrevidão, atrevidaço	homem	homenzarrão
barca	barcaça	ladrão	ladroaço, ladravaz
bicho	bichaço	língua	lingueirão, linguaraz
bôbo	bobalhão	lôbo	lobaz
cabeça	cabeçorra	mestre	mestraço
cão	canzarrão, canaz	ministro	ministraço
carta	cartaz	moça	mocetona
casa	casão, casarão	moço	mocetão, moçalhão
chapéu	chapelão, chapeirão	mulher	mulherona, mulherão
copo	copázio	nariz	narizão, narigão
corpo	corpanzil	pecador	pecadoraço
dente	dentão, dentuça	rapaz	rapazão, rapagão
doido	doidarrão	rufião	rufianaz, rufianaço
fatia	fatacaz	santo	santarrão
feio	feanchão	soberbo	soberbão, soberbaço
frade	fradegão, fradalhão	truão	truanaz
fumo	fumaça	velhaco	velhacão, velhacaz
gato	gatão, gatarrão	velho	velhão, velhaças

155. As **flexões** ou TERMINAÇÕES DIMINUTIVAS, na forma masculina, são as seguintes: *-inho, -zinho, -ito, -ete, -eto, -ote, -oto, -ico, -ebre, -ejo, -ilho, -elho, -el, -im, -olo, -ulo, -elo.*

animal	animalejo, animalzinho	barraca	barraquim, barraquinha
Antônio	Antonico	bôbo	bobinho
banco	banquinho, banqueta	bôlo	bolinholo, bolinho
cabra	capréolo, cabrinha	moça	mocinha, moçoila
cão	canito, cãozito, cãozinho	núcleo	nucléolo, nùcleozinho
carta	cartilha, cartinha	obra	opúsculo, obrinha
casa	casebre	pai	paizinho

caudel	caudilho
cela	célula, celazinha
cinto	cintilho, cintozinho
códice	codicilo
colher	colherzinha, colherinha
coluna	colunela
corda	cordel, cordinha
côro	coreto
corpo	corpete, corpinho, corpúsculo
cruz	cruzeta, cruzinha
dito	dichote
espada	espadim, espadinha
feio	feiozinho, feiinho
fogo	fogacho, foguinho
flor	florinha, florzinha, florica, florita
galé	galeota
globo	glóbulo, globinho
grão	grânulo, grãozinho
homem	homúnculo, homenzinho, homenzito
irmã	irmãzinha
irmão	irmãozinho
jôgo	joguête, joguinho
laço	lacinho
lôbo	lobacho, lobato
lugar	lugarejo, lugarzinho
menino	meninote, menininho
pagem	pagenzinho
papel	papelzinho, papelinho, papelucho
parte	partícula, partinha
pele	peliça
perdiz	perdigoto
pinto	pintinho, pintainho
porta	portinhola, portinha
quintal	quintalejo, quintalzinho
raiz	radícula, raizinha
rapaz	rapazelho, rapazinho, rapazito, rapazete, rapagote
rio	riacho, riozinho
riso	risota
saco	saquitel, saquinho, sacola
senhora	senhorita, senhorinha
soberbo	soberbinho, soberbete
sofá	sofàzinho
umbigo	umbiguinho
velhaco	velhaquinho, velhaquete
velho	velhinho, velhote
verão	veranico
verso	versículo, versinho
via	viela

Nota. — Os aumentativos em *-ão*, *-ona*, e os diminutivos *-inho*, *-zinho*, são de uso popular; os diminutivos em *-ulo*, de uso erudito exclusivo. Nas palavras terminadas por vogal tônica ou por ditongo, é de rigor *-zinho* (*pèzinho*, *mãezinha*), nas outras, é, em geral, facultativo — *-inho* ou *-zinho*.

156. Além das funções próprias, admitem os *aumentativos* e *diminutivos* funções acessórias importantes, que convém notar:

1. Os aumentativos e os diminutivos têm, às vêzes, sentido PEJORATIVO, isto é, deprimem a idéia, encarecendo-a ridícula ou irônicamente, tais como: *mulheraça*, *amigalhão*, *homenzarrão*, *ministraço*, *papelucho*, *populacho*, *senhoraço*, *poetaço* ou *poetastro*.

2. O diminutivo tem, não raro, sentido AFETIVO, exprimindo ternura, como — *filhinho*, *amiguinho*, *mãezinha*, *Zequinha*, *Mariquinhas*.

Obs. — A grande variedade das flexões graduais constitui uma das riquezas de nossa língua.

A língua estende até ao adjetivo e advérbio estas flexões do substantivo; com valor superlativo, exs.: *bêbado-beberrão, chegado-chegadinho, dormindo-dormindito, querido-queridinho, bonito-bonitinho, bonitote, bonitota, bonitão, bonitona; pequeno-pequenino, pequenote, pequenito, pequerrucho, pequerruchinho; pouco-pouquinho* ou *poucochinho; tanto-tantinho, cedo-cedinho, longe-longinho.*

Além dessas formas sintéticas, possui a língua formas analíticas para graduar a idéia expressa pelo substantivo, por ex.: *homem grande, homem pequenino.*

2. ADJETIVO

157. Adjetivo é a palavra que tem por função modificar o substantivo, indicando-lhe as qualidades ou determinando alguma circunstância externa da sua existência, tais como: Homem *alto, magro, pálido, inteligente* e *bom* — *êstes* homens; *aquêles* homens, *dois* homens.

Obs. — Os adjetivos não vêm sós na frase, porém sempre agregados a substantivos cujas qualidades descrevem, ou cuja extensão determinam, limitando-a. Por isso dão alguns gramáticos aos qualificativos o nome de *descritivos*, e aos determinativos o nome de *limitativos.*

Cumpre aqui notar dois fenômenos interessantes e opostos: a SUBSTANTIVAÇÃO DO ADJETIVO e a ADJETIVAÇÃO DO SUBSTANTIVO.

Vindo o adjetivo na frase acompanhando sempre um substantivo como: *o homem pobre, o homem justo, o homem criminoso,* sucede freqüentemente eliminar-se êsse substantivo para se abreviar a expressão — *o pobre, o justo, o criminoso.* Neste caso os adjetivos — *pobre, justo* e *criminoso* passam a ter fôrça latente do substantivo suprimido, sem, entretanto, nada perderem de sua significação, isto é, passam à categoria de substantivos *virtuais*, tornando-se adjetivos *substantivados.* Êste processo generalizou-se e qualquer adjetivo qualificativo pode substantivar-se antepondo-se-lhe o artigo ou qualquer outro determinativo, exs.: *O belo e o verdadeiro. — Ri-se o rôto do esfarrapado. — A (carta) pastoral. — Há quem morra por um bom, ninguém morreu por um mau. — O preguiçoso se diz mais inteligente do que sete sábios.*

O substantivo, por sua vez, passa freqüentemente para a categoria de adjetivo qualificativo. Tôdas as vêzes que um substantivo se refere a um outro substantivo na frase, passando a modificar-lhe o sentido, exerce a função de um adjetivo, e, portanto, *adjetiva-se*, por ex.: *O patriota é homem para tal emprêsa.* O substantivo *homem* exprime aqui uma qualidade ou atributo do substantivo ou do sujeito — *patriota*; é, por isso, um adjetivo *virtual*, ou substantivo adjetivado.

Esta *adjetivação* opera-se larga e fàcilmente com certa classe de substantivos, que muitos incluem entre os adjetivos: são os substantivos que designam *estados* ou *ofícios*, chamados *morais*, como: *profeta, filósofo, guerreiro, moço, costureira*, etc. Quando êstes nomes se acham apostos a substantivos, são adjetivos: *Rei filósofo — moço guerreiro* e *guerreiro moço — moça costureira* e *costureira moça — árvore gigante (gigantesca) — menino prodígio (prodigioso.)* Os gramáticos latinos assinalaram a semelhança entre o substantivo e o adjetivo, dando-lhes a designação genérica de *nomen* (nome): *nomen substantivum* (nome substantivo), *nomen adjectivum* (nome adjetivo.) Empregamos ainda o têrmo *nome* com essa extensão.

CLASSIFICAÇÃO

158. Os adjetivos dividem-se, de conformidade com a sua definição, em duas classes: QUALIFICATIVOS e DETERMINATIVOS.

Qualificativos

159. Adjetivo qualificativo é o que modifica o substantivo, indicando alguma de suas qualidades, como: menino *diligente*, trem *rápido*, côr *branca*, *bela* flor, *branca* neve, água *mole* em pedra *dura*.

160. A qualidade expressa pelo adjetivo pode ser ACIDENTAL ou INERENTE ao substantivo: quando é *acidental*, o adjetivo qualificativo se diz RESTRITIVO, como: côr *branca*, *bela* flor, trem *rápido*; quando é *inerente*, se diz EXPLICATIVO. como: *branca* neve, *rápido* corisco, água *mole*, pedra *dura*.

161. Sob outros aspectos, classificam-se ainda os adjetivos em PÁTRIOS e VERBAIS.

162. Pátrios são os qualificativos derivados de substantivos próprios de lugar, que indicam pátria, nacionalidade ou procedência de um ser; assim de —

Inglaterra	— inglês, anglicano	*Noruega*	— norueguês
Portugal	— português	*Suécia*	— sueco
Brasil	— brasileiro, brasilense ou brasiliense	*Suíça*	— suíço
		Bélgica	— belga

Arábia	— árabe, arábico		*Escócia*	— escocês
Pérsia	— persa, persiano, pérsico		*Java*	— javanês, jau
Judéia	— judeu, judaico, judio, judengo		*Rio Grande*	— riograndense
			São Paulo	— paulista, paulistano
China	— chinês, chim, chino		*Minas*	— mineiro
Egito	— egípcio, egiptano, egipciano		*Bahia*	— baiano
			Sergipe	— sergipano, sergipense
Polônia	— polaco, polônio, polonês		*Pôrto*	— portuense
Áustria	— austríaco		*Lisboa*	— lisbonense, lisboeta

Obs. — Os adjetivos *pátrios*, que designam nação, raça, país ou região, denominam-se também *gentílicos*, como: *brasileiro, português, americano, europeu, asiático, saxão, saxônico, hebreu, hebraico, israelita, israelítico*. A grande república da América do Norte chama-se *Estados Unidos* ou *Estados Unidos da América do Norte* e seus *habitantes* dizem-se *norte-americanos*. Os primeiros desta lista dos adjetivos pátrios referem-se, em geral, a PESSOAS e a COISAS, e são freqüentemente substantivados, e os outros a COISAS: *povo brasileiro* e *flora brasileira* ou *brasiliense*, o *brasileiro*, um *árabe*, um *indivíduo árabe*, *regiões arábicas*, o *povo persa*, a *nação persa*, a *terra* e o *produto pérsico*. Análogo fenômeno se observa com *egoísta* e *egoístico*, *monoteísta* e *monoteístico*, etc.

163. Adjetivos qualificativos verbais são os derivados de verbos, como do verbo AMAR — *amando, amado, amante, amador*.

164. As formas verbais — *amando* e *amado* são PARTICÍPIOS: a primeira (*amando, fervendo, partindo, pondo*) chama-se PARTICÍPIO PRESENTE, e a segunda (*amado, ferido, partido, pôsto*) PARTICÍPIO PASSADO, e só são ADJETIVOS quando modificam um substantivo, como *água fervendo*, *água fervida*.

Determinativos

165. Adjetivo determinativo é o que se ajunta ao substantivo para determiná-lo, indicando alguma circunstância externa, p. ex.: *êste* livro, *aquêle* livro, *meu* livro, etc.

166. Os adjetivos determinativos podem ser distribuídos em sete classes, a saber: ARTICULARES, DEMONSTRATIVOS, CONJUNTIVOS, INTERROGATIVOS, POSSESSIVOS, NUMERAIS, INDEFINIDOS.

167. Determinativo articular ou ARTIGO é o adejtivo que precede ao substantivo, individualizando-o, quer de modo preciso, quer de modo vago ; no primeiro caso, temos o ARTIGO DEFINIDO — *o, a, os, as*, e no segundo o ARTIGO INDEFINIDO — *um, uma, uns, umas*, como, p. ex. : *o filho de Pedro*, UM *filho de Pedro*.

168. Demonstrativo é o que determina o apelativo, indicando-lhe alguma circunstância de POSIÇÃO OU IDENTIDADE, como : — *êste* homem, *aquêle* homem, *o mesmo* homem, etc. São DEMONSTRATIVOS :

FORMAS SIMPLES

êste, esta (isto)	*mesmo, mesma*
êsse, essa (isso)	*próprio, própria*
aquêle, aquela (aquilo)	*tal*

FORMAS COMPOSTAS

estoutro, estoutra	aquêle outro, aquela outra
êste outro, esta outra	o mesmo, a mesma
essoutro, essoutra	o próprio, a própria
êsse outro, essa outra	o tal, a tal

Obs. — *Êste, êsse, aquêle* e seus compostos determinam a posição do substantivo, referindo-se à 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoa gramatical : assim — ÊSTE *livro* indica o livro próximo da 1.ª pessoa, a pessoa que fala ; ÊSSE *livro*, o livro próximo da 2.ª pessoa, a quem se fala ; AQUÊLE *livro*, o livro afastado da 2.ª pessoa. *Isto, isso, aquilo*, são formas neutras pronominais.

169. Determinativo conjuntivo ou RELATIVO é o adjetivo que determina um substantivo *conseqüente*, relacionando-o com um *antecedente*. São os seguintes : *o qual, os quais, a qual, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas*.

O QUAL tem *antecedente* e *conseqüente* idênticos : *O livro*, o qual (*livro*) acabei de ler, é excelente. O *conseqüente* vem quase sempre oculto.

CUJO tem sempre diferentes o *antecedente* e o *conseqüente*, significa *do qual*, e traz, em geral, a idéia de *posse*, de modo

que o antecedente é o *possuidor* e o conseqüente é a *coisa possuída*, p. ex.:

O pai cujos filhos (= *os filhos do qual pai*) *são obedientes, é feliz.* — "*Por ventura, José, posso eu achar alguém, que seja mais sábio, mais prudente, e em cujas mãos e conselho esteja mais segura minha monarquia?*" (A. V.)

170. Interrogativo é o determinativo *que, qual, quanto,* quando precede a um substantivo e serve para interrogar direta ou indiretamente. Exs.:

"*Que coisa é uma águia grande, senão um gigante entre as aves?*" (A. V.) — "*Entre um e outro perigo não sei qual* (*perigo* — interrogação indireta) *dos dois seja maior*" (Id.). — "*Quantas mãos e quantas máquinas seriam necessárias para subir esta grande pedra ao mesmo lugar do monte donde tinha descido?*" (Id.) — *Qual dos dois?*

171. Determinativo possessivo é o adjetivo que determina o substantivo, ajuntando-lhe uma idéia de posse em relação às pessoas gramaticais: MEU *livro*, TEU *livro*, SEU *livro*, NOSSO *livro*, VOSSO *livro*; assim *meu* indica posse em referência à 1.ª pessoa do singular; *teu* à 2.ª do singular; *seu*, à 3.ª do singular e do plural; *nosso*, à 1.ª do plural; *vosso* à 2.ª do plural.

Os POSSESSIVOS são:

meu, minha, meus, minhas	nosso, nossa, nossos, nossas
teu, tua, teus, tuas	vosso, vossa, vossos, vossas
seu, sua, seus, suas	dêles, delas

Nota. — O possessivo é usualmente precedido do artigo definido — *o meu, o teu, o seu*, etc., exceto antes do nome de parentesco e tratamento: *meu pai*, e não *o meu pai*, *sua senhoria, vossa excelência*, e não *a sua senhoria, a vossa excelência.*

172. Determinativo numeral é o adjetivo que determina o substantivo, acrescentando-lhe uma circunstância de *quantidade* ou *ordem numérica*, como p. ex.: DOIS *livros*, SEGUNDO *livro*.

173. Divide-se em — CARDINAIS, ORDINAIS, MULTIPLICATIVOS e FRACIONÁRIOS, como se vê no seguinte quadro:

CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS
um	primeiro	simples	
	primário	singelo	
	primo		
dois	segundo	duplo, dúplice	meio
	secundário	binário, dobre	
três	terceiro	triplo, tríplice	têrço
	terciário	ternário	
	tercionário	trino	
	terçã		
quatro	quarto	quádruplo	quarto
	quaternário		
	quartã		
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
	setenário	setêmplice	
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nónuplo	nono
	noveno		
dez	décimo	décuplo	décimo
	decimal		
	dezeno		
onze	undécimo	undécuplo	onze avos
doze	duodécimo	duodécuplo	doze avos
treze	décimo terceiro	—	treze avos
quatorze	décimo quarto	—	quatorze avos
quinze	décimo quinto	—	etc.
dezesseis	décimo sexto	—	—
dezessete	décimo sétimo	—	—
dezoito	décimo oitavo	—	—
dezenove	décimo nono	—	—
vinte	vigésimo	—	—
trinta	trigésimo	—	—
quarenta	quadragésimo	—	—
cinqüenta	quinquagésimo	—	—
sessenta	sexagésimo	—	—
setenta	setuagésimo	—	—
oitenta	octogésimo	—	—
noventa	nonagésimo	—	—
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	—	—
trezentos	tricentésimo	—	—
quatrocentos	quadrigentésimo	—	—

CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS
quinhentos	quingentésimo	—	—
seiscentos	sexcentésimo	—	—
setecentos	setingentésimo	—	—
oitocentos	octingentésimo	—	—
novecentos	nongentésimo	—	—
mil	milésimo	—	—
milhão	milionésimo	—	—
bilhão	bilionésimo	—	—

Obs.

1.ª Não se confunda o numeral cardinal *um* com o articular indefinido *um*. E' *cardinal* quando admite a adjunção de *só* ou *único*, e indica intencionalmente uma idéia de número, tendo por plural *dois*, *três*, etc., e é *articular indefinido* quando admite a adjunção de *qualquer*, *certo*, tendo por plural *uns*, *umas*, ex.: *Li* UM *(um certo) livro.* — *Dize* UMA *(uma só) palavra e o criado ficará são.* Os *cardinais* são freqüentemente usados pelos *ordinais*, por brevidade, por ex.: *Página vinte e dois* — *Casa duzentos e cinqüenta e um* — *Luís XIV (quatorze).* — Diz o Dr. A. G. Ribeiro de Vasconcelos, em sua *Gram. Histórica*, que as formas *dezesseis*, *dezessete* e *dezenove* derivam das expressões do latim popular *decem ad sex*, *decem ad septem*, *decem ad novem*. Por essa razão opina êle e tambem o ilustre Sr. Cândido de Figueiredo que escrevamos e falemos — *dezasseis*, *dezassete* e *dezanove*. Aqui, porém, no Brasil, nenhuma pessoa culta o fará, pois são essas formas entre nós puro *plebeísmo*. Demais, A. Herculano, C. C. Branco, L. Coelho, escrevem *dezesseis*, *dezessete*, etc. — Os fracionários — *meio* (meia parte), *têrço* (têrça parte), etc. — são substantivados na prática. *Avos* é um substantivo *fictício* da terminação de *oitavo*. Em castelhano *avo* assume o caráter de sufixo — *centavo*, *onceavo*.

2.ª Além das classes de numerais indicadas, devemos ainda mencionar os numerais que designam idade ou data, como — *qüinquagenário*, *sexagenário*, *setuagenário*, *octogenário*, *nonagenário*, *centenário*. — Lê-se um numeral composto intercalando-se a conjunção *e* entre as centenas e dezenas, e entre estas e a unidade: 2.345.158, *dois milhões trezentos* E *quarenta* E *cinco mil cento* E *cinqüenta* E *oito*. — *Cem* é forma apocopada de *cento*, e esta só se emprega hoje como adjetivo nos numerais compostos, quando seguido de um número, p. ex.: *cento e vinte laranjas*, e também *seiscentas laranjas* porém, jamais, *cento laranjas*. Fora dêstes casos *cento* é hoje substantivo — *um cento de laranjas*.

174. Determinativo indefinido é o adjetivo que determina o substantivo de modo vago, como: *algum* homem, *alguns* homens, *qualquer* homem, etc.

São os seguintes:

algum	quanto	o mais	bastante	
nenhum	pouco	os demais	certo	antepostos
outro	muito	cada	vários	aos
todo	menos	qualquer	diferentes	substantivos
tanto	mais	quejando	diversos	

Nota. — *Todo* também se chama COLETIVO UNIVERSAL; *cada* DISTRIBUTIVO e os outros PARTITIVOS.

Obs. — Alguns dêstes adjetivos têm formas PRONOMINAIS e ADVERBIAIS, tais são: *algum — alguém — algo — algures; nenhum — ninguém — nada — nenhures; outro — outrem — al — alhures; todo — tudo.* Conhecem-se as formas *pronominais* por não se poderem ajuntar a substantivos: não se diz — *alguém homem, algo negócio.* Todavia encontra-se no português arcaico *ninguém outrem. — Alguém, ninguém, outrem,* já significaram — *algum, nenhum, outro homem* ou *pessoa. Algo, nada, al,* são formas neutras e significam — *alguma, nenhuma, outra coisa. Certo, vários, diversos,* são DETERMINATIVOS quando precedem aos substantivos, QUALIFICATIVOS quando vêm depois, p. ex.: *certa hora* e *hora certa, diferentes coisas* e *coisas diferentes, várias côres* e *côres várias, diversas pessoas* e *pessoas diversas.*

175. Alguns dos adjetivos determinativos, ordinàriamente pronominados, chamam-se CORRELATIVOS quando recìprocamente se relacionam e reclamam, como: *tal... qual, tanto... quanto, um... outro. Eu o acho tal qual o deixei. — Qual pergunta farás, tal resposta terás. — Tantas cabeças, quantas sentenças. — Um falava, outro cantava.*

FLEXÃO DO ADJETIVO

176. Os adjetivos, como os substantivos, flexionam-se em GÊNERO, NÚMERO, GRAU.

A flexão *genérica* e *numérica* do adjetivo é apenas a propriedade que tem de concordar com o *gênero* e *número* do substantivo a que se refere.

Gênero

177. Os adjetivos tomam a forma genérica do substantivo que modificam, subordinando-se, quanto à flexão feminina, às seguintes REGRAS:

1.ª Os adjetivos terminados em **o** mudam esta desinência em **a**, por ex.: *bravo* — *brava*, *estudioso* — *estudiosa*, *morno* — *morna*, *gordo* — *gorda*.

Podemos incluir nestas regras os terminados em *eu* (= *eo*): *europeu* — *européia*, *hebreu* — *hebréia*, *ateu* — *atéia*.

Excs.: *judeu* — *judia*, *meu* — *minha*, *teu* — *tua*, *seu* — *sua*, *sandeu* — *sandia*, *mau* — *má*, *ilhéu* — *ilhoa*, *tabaréu* — *tabaroa*.

Nota. — O feminino dos terminados em EU recebe um I eufônico, como se vê nos exemplos acima. Os terminados em oso e muitos outros, cuja penúltima sílaba é ô fechado tônico, alteram no feminino e no plural o valor fonético desta vogal: — *formôso* — *formósa* — *formósos*; *môrno* — *mórna* — *mórnos*. O adjetivo *só* é invariável em gênero. Os adjetivos compostos, como *luso-brasileiro*, *médico-cirúrgico*, fazem no feminino — *luso-brasileira*, *medico-cirúrgica*, porém *surdo-mudo* faz *surda-muda*.

2.ª Os adjetivos em **ês**, **ol**, **or** e **u** recebem um **a**: *português* — *portuguêsa*, *espanhol* — *espanhola*, *moralizador* — *moralizadora*, *cru* — *crua*.

Alguns terminados em **or**, além da desinência **ora**, admitem a desinência **triz**: *diretor* — *diretora* — *diretriz*; *gerador* — *geradora* — *geratriz*.

Nota. — Seguindo a analogia dos nomes em OR, *senhor* faz *senhôra* no feminino, e não *senhóra*, como vulgarmente se pronuncia no Brasil.

EXCETUAM-SE os seguintes, que são INVARIÁVEIS: *cortês*, *soês*, *montês*, *pedrês*, *reinol*, *superior* e *inferior*, *interior* e *exterior*, *posterior* e *anterior*, *ulterior* e *citerior*, *sensabor*, *bicolor*, *tricolor*, *incolor*, *melhor* e *pior*, *maior* e *menor*, *hindu*. São igualmente invariáveis: *verde-mar*, *verde-gai* ou *verdegaio*, *nômada* ou *nômade*, *indígena*. *Os povos indígenas*, *as plantas indígenas*; *a tribo* ou *o povo nômade* ou *nômada*. Como substantivo, é geralmente empregado no plural — *os nômades*.

3.ª Os adjetivos em **e**, **m**, **s**, bem como os em **l**, **r**, **z**, não incluídos na regra antecedente, são INVARIÁVEIS: *breve*, *forte*, *ilustre*; *comum*, *vacum*, *ruim*; *simples*, *menos*, *mais*; *fatal*, *trivial*, *amável*, *cruel*, *gentil*, *fácil*, *azul*, *taful*; *regular*, *esmoler*; *capaz*, *feliz*, *feroz*, *lapuz*.

EXCETUAM-SE os demonstrativos *êste* — *esta*, *êsse* — *essa*, *aquêle* — *aquela*, e os indefinidos — *um*, *uma*, *algum* — *alguma*, *nenhum* — *nenhuma*. *Andaluz* faz *andaluza*, e *bom*, *boa*.

4.ª Os adjetivos em **ão** mudam esta terminação em **ã**, **ona**, **oa** : *são* — *sã*, *cristão* — *cristã*, *aldeão* — *aldeã*, *alemão* — *alemã*, *temporão* — *temporã* ; *poltrão* — *poltrona*, *chorão* — *chorona* ; *beirão* — *beiroa*. — *São* (= *santo*), *grão* (= *grande*), *bel* (= *belo*), são formas apocopadas de adjetivos, e, por isso, invariáveis.

Número

178. Os adjetivos não só tomam o número dos substantivos, mas ainda se subordinam, na formação do plural, às mesmas regras dêstes.

Basta que sôbre as flexões numéricas dos adjetivos aqui consignemos as seguintes observações :

1.ª Nota-se nos adjetivos o mesmo fenômeno de alteração fonética no plural, que observamos no substantivo, havendo a mesma analogia fonética entre o feminino e o plural : *penôso* — *penósa* — *penósos*, *fôrro* — *fôrra* — *fôrros*.

2.ª Os adjetivos compostos só recebem a flexão do plural no último elemento : — *luso-brasileiro* — *luso-brasileiros*, *médico-cirúrgico* — *médico-cirúrgicos*.

Excs. : São INVARIÁVEIS OU UNIFORMES — *verde-mar*, *verde-gai* ou *gaio*, *côr-de-rosa* (vestidos *côr-de-rosa*) ; porém *surdo-mudo* faz *surdos-mudos*.

Grau

179. Grau de significação do adjetivo qualificativo é a propriedade de enunciar êste a qualidade de três modos : ou *simplesmente*, ou *comparando-a*, ou *encarecendo-a*, p. ex. : *A caridade é* BELA, *é* MAIS BELA *do que a esperança*, *é* BELÍSSIMA.

180. Três são, portanto, os graus do adjetivo : O POSITIVO ou NORMAL, O COMPARATIVO e O SUPERLATIVO.

181. O **grau positivo** ou NORMAL exprime a qualidade simplesmente, como : *homem* HONESTO, *livro* ÚTIL.

182. O **grau comparativo** exprime a qualidade de um substantivo, comparando-a com outra qualidade a que é *igual*, *superior* ou *inferior*. Daí três espécies de comparativos : o de IGUALDADE, o de SUPERIORIDADE e o de INFERIORIDADE : *Napoleão é* TÃO BRAVO *como feliz, é* MAIS BRAVO *do que feliz, é* MENOS BRAVO *do que feliz* — TÃO BRAVO *como Alexandre,* MAIS BRAVO *do que Alexandre,* MENOS BRAVO *do que Alexandre.*

183. O processo para se formarem os comparativos é, como se vê dos exemplos do parágrafo antecedente, o seguinte : ajunta-se ao adjetivo o advérbio TÃO, para o comparativo de *igualdade ;* o advérbio MAIS, para o de *superioridade ;* o advérbio MENOS, para o de *inferioridade.*

184. Há quatro adjetivos que, além dêsse processo, possuem formas especiais, tomadas do latim, para exprimirem o comparativo de superioridade, que são :

bom	mais bom	melhor
mau	mais mau	pior
grande	mais grande	maior
pequeno	mais pequeno	menor

As formas *mais bom* e *mais grande* são geralmente substituídas pelas formas simples — *melhor* e *maior*. Estas formas simples dizem-se SINTÉTICAS, e as compostas, ANALÍTICAS.

185. O **grau superlativo** exprime a qualidade, encarecendo-a para mais ou para menos, quer de um modo ABSOLUTO quer de um modo RELATIVO. Donde duas espécies de superlativos : ABSOLUTOS e RELATIVOS.

186. Superlativo absoluto é o que encarece, para mais ou para menos, a qualidade expressa pelo *positivo*, independentemente de qualquer circunstância, como : *alto* — ALTÍSSIMO = MUITO ALTO = EXCESSIVAMENTE ALTO, POUCO ALTO.

187. Superlativo relativo é o que encarece, para mais ou para menos, a qualidade expressa pelo *positivo*, relativamente a uma circunstância ligada pela preposição *de*, como p. ex.: *alto* — *o* MAIS ALTO *de todos, o* MENOS ALTO *de todos.*

188. O PROCESSO para se formar o *superlativo absoluto* é duplo.

1.º Junta-se ao *positivo* o advérbio *muito* ou *pouco*, ou outro de significação semelhante: — MUITO BELO, POUCO BELO, EXTREMAMENTE BELO. E' o superlativo ANALÍTICO.

2.º Juntam-se à sílaba final do *positivo* as *terminações*: *-íssimo, -limo, -rimo*, p. ex.: JUSTÍSSIMO, FACÍLIMO, SALUBÉRRIMO. E' o superlativo SINTÉTICO.

Obs. — Estas terminações superlativas — *íssimo, limo, rimo*, vêm tôdas da forma latina *timo*, que ainda se conserva em *íntimo*. O T abrandou-se em sua *homorgânica constrita* S — *timo* = *simo*; em *limo* e em *rimo* deu-se a *assimilação progressiva* do S em L e em R: *facilsimo* = *facillimo* = *facílimo, salubersimo* = *salubérrimo*. A sílaba IS é um incremento latino, que finaliza a forma *positiva* ao acrescentar-se a terminação superlativa *simo*.

189. Êste último processo deve subordinar-se às seguintes REGRAS:

1.ª Os adjetivos terminados em **l**, **r** e **u** não sofrem modificação na desinência:

trivial	trivialíssimo	regular	regularíssimo
legal	legalíssimo	cru	cruíssimo

Excs.: Os terminados em **vel** assumem a terminação arcaica **bil**: *terrível* = *terríbil* — *terribilíssimo*; *amável* = *amabil* — *amabilíssimo*.

2.ª Os terminados em **m** e **ão** assumem a terminação arcaica em **n**: *commum* = *commun* — *comuníssimo*; *são* = *san* — *saníssimo*; *chão* = *chan* — *chaníssimo*.

3.ª Os terminados em **e** e **o** deixam cair êstes fonemas: *breve* — *brevíssimo, reto* — *retíssimo.*

Nota. — Os terminados em co e go mudam o c e o g em qu e gu para conservarem o valor gutural do *positivo*: — *rico* — *riquíssimo*, *amigo* — *amiguíssimo*. Seguem, entretanto, a regra — *parco*, *público*, *pudico*, que fazem *parcíssimo*, *publicíssimo*, *pudicíssimo*.

4.ª Os terminados em z assumem a forma arcaica em ce, e seguem a regra antecedente:

feliz	felice	felicíssimo
feroz	feroce	ferocíssimo
rapaz	rapace	rapacíssimo
simples (= simplez)	símplice	simplicíssimo

5.ª Os terminados em ro e re, além de seguirem a 3.ª regra, podem assumir a forma primitiva latina em er, ajuntando-se-lhes rimo.

salubre	(saluber)	salubríssimo	salubérrimo
acre	(acer)	acríssimo	acérrimo
íntegro	(integer)	integríssimo	integérrimo

Exc.: *Nobre* (*nobilis*) faz *nobríssimo* e *nobilíssimo*.

190. Muitos adjetivos, como os antecedentes, têm uma segunda forma de superlativo irregular, alatinada, e outros há em que só vigoram estas:

bom	boníssimo	ótimo
mau (arcaico malo)	malíssimo	péssimo
grande	grandíssimo	máximo
pequeno	pequeníssimo	mínimo
baixo	baixíssimo	ínfimo
alto	altíssimo	supremo, sumo
cruel	cruelíssimo	crudelíssimo
doce	docíssimo	dulcíssimo
amigo	amiguíssimo	amicíssimo
antigo	antiguíssimo	antiquíssimo
fácil	facilíssimo	facílimo
ágil	agilíssimo	agílimo
húmilde	humilíssimo	humílimo
pobre	pobríssimo	paupérrimo
negro	negríssimo	nigérrimo
geral	—	generalíssimo
pulcro	—	pulquérrimo
benévolo (benevolente)	—	benevolentíssimo
sábio (sapiente)	—	sapientíssimo
cristão	—	cristianíssimo
sagrado	—	sacratíssimo
semelhante (símil)	—	simílimo

Obs. — Só os adjetivos qualificativos, em rigor, admitem graus de significação; nem todos, porém, p. ex., os seguintes: *redondo, triangular, quadrado, celeste, infernal, nefando, marítimo, plúmbeo, férreo, sanguíneo, momentâneo, terrestre, onipotente.* Outros não admitem apenas os superlativos absolutos sintéticos como: *repentino, efêmero, juvenil, pastoril, satírico, mortífero, pestífero, político, súbito, lúgubre,* etc. No estilo familiar comunica-se muitas vêzes energia à expressão, dando-se esta forma superlativa a certos adjetivos determinativos e, até, a certos substantivos: *muitíssimo, mesmíssimo, pouquíssimo, cousíssima nenhuma,* etc. — Os determinativos *muito* e *pouco* possuem, como os qualificativos, os três graus de significação: — MUITO — MAIS — MUITÍSSIMO; POUCO — MENOS — POUQUÍSSIMO.

191. O PROCESSO formador do *superlativo relativo* consiste na anteposição do artigo definido *o, a, os, as* aos comparativos de SUPERIORIDADE e INFERIORIDADE, p. ex.:

O MAIS SÁBIO *dos homens,* O MENOS SÁBIO *dos homens,* A MAIS BELA *flor* do jardim, ou — A *flor* MAIS BELA do jardim, AS MAIS BELAS *flores* do jardim.

3. PRONOME

192. Quando falamos ou escrevemos, as pessoas ou coisas mencionadas no discurso entram em uma das seguintes classes relativas ao ato da palavra: 1.ª, *a pessoa que fala;* 2.ª, *a pessoa com quem se fala;* 3.ª *a pessoa de quem se fala.* Chamam-se estas classes PESSOAS GRAMATICAIS, e denominam-se PRONOMES PESSOAIS as palavras que as representam; assim:

	SINGULAR	PLURAL
1.ª	pessoa — eu,	nós
2.ª	pessoa — tu,	vós
3.ª	pessoa — êle, ela	êles, elas

193. Pronome (lat. *pro = em vez de*) é a palavra que tem por função designar os sêres pelas suas relações com a *pessoa gramatical.* Êle não só se põe em lugar do nome, porém indica, ao mesmo tempo, a posição dêste em relação ao ato da palavra.

CLASSIFICAÇÃO

194. Em duas classes dividem-se os PRONOMES: PRONOMES SUBSTANTIVOS e PRONOMES ADJETIVOS.

Pronomes substantivos

195. Pronome substantivo ou PRONOME PESSOAL é o que indica o ser sob simples relação de pessoa, ou substitui o nome sem qualquer outra limitação.

196. Eis os *pronomes pessoais* nas suas VARIAÇÕES ou CASOS, chamados RETOS e OBLÍQUOS:

Casos retos	Casos oblíquos
Sing. 1.ª pessoa — eu	me, mim, migo
Plur. 1.ª „ — nós	nos, nosco
Sing. 2.ª „ — tu	te, ti, tigo
Plur. 2.ª „ — vós	vos, vosco
Sing. 3.ª „ — êle, ela	o, a, lhe, se, si, sigo
Plur. 3.ª „ — êles, elas	os, as, lhes, se, si, sigo

As últimas formas oblíquas só se empregam com a preposição *com* justaposta: — *comigo, contigo, consigo, conosco, convosco.*

As formas *mim, ti* e *si* vêm sempre precedidas de preposição: — A *mim*, SEM *mim*, A *ti*, DE *ti*, etc. Os pronomes — *se, si, sigo*, chamam-se REFLEXIVOS.

197. Fora dêste quadro, existem ainda as seguintes palavras e locuções, verdadeiros pronomes da 3.ª PESSOA: *fulano, beltrano, sicrano, a gente, homem, você, vossa mercê, vossa senhoria* (V. S.), *vossa excelência* (V. Exc.ª), *sua senhoria* (S. S.), *sua excelência* (S. Exc.ª), *vossa majestade* (V. M.), *sua majestade* (S. M.), etc.

198. As formas oblíquas combinam-se entre si do seguinte modo:

Me	o, a, os, as	mo	a, os, as
Te	o, a, os, as	to	a, os, as
Lhe	o, a, os, as	lho	a, os, as
Lhes	o, a, os, as	lho	a, os, as
Nos	o, a, os, as	no-lo	la, los, las
Vos	o, a, os, as	vo-lo	la, los, las

Nota. — SE e o não se encontram jamais na mesma frase, sendo incorreto dizer : *Eles* SE O *arrogam.*

Pronomes adjetivos

199. Pronome adjetivo é o que se põe em lugar de um substantivo ou seu equivalente, na terceira pessoa gramatical, ajuntando-lhe uma limitação, isto é, o que, além da qualidade de substantivo pronominal, reúne a função adjetiva de um determinativo, ex. : AQUILO QUE *o homem semear,* ISSO *também colherá.* Os pronomes adjetivos *aquilo, que* e *isso,* além de conterem em si a idéia de nome, contêm a função determinativa dos adjetivos *aquêle, o qual, êsse,* sendo *aquilo = aquela coisa ; que = a qual coisa ; isso = essa coisa.*

200. Os PRONOMES ADJETIVOS são variantes dos adjetivos determinativos, e se classificam em :

1. DEMONSTRATIVOS : — *o, isto, aquilo.*

Não sei o (aquilo) *que dizes.* — *No dia do nascimento ninguém pode dizer* o (aquilo) *para que nasce* (A. V.) — *Não o digas a ninguém,* isto é *não digas* ISTO *ou* ISSO *a ninguém.*

2. CONJUNTIVOS OU RELATIVOS : — *que, quem.*

Há enganos QUE (= os quais) *nos deleitam, como desenganos* QUE (os quais) *nos afligem* (M.) — *Assim fazem os ímpios e maliciosos, a* QUEM *não há inocência* QUE *satisfaça, nem desculpa* QUE *contente* (M. B.)

3. INTERROGATIVOS : — *quê? o quê? quem? qual?*

Vaie, vaie! QUE *és tu?* (G. D.) — *Logo se não é drama* O QUE *é?* (A. C.) — QUEM *eram?* QUAL *dêles?*

4. INDEFINIDOS : — *alguém* e *algo, ninguém* e *nada, outrem* e *al, tudo, quem quer que, cada qual.*

Obs.

1.ª Considera Grivet, e com êle muitos gramáticos, como pronome todo o adjetivo determinativo que não tem na frase o seu substantivo claro, exs.: MUITOS *vivem e* OUTROS *morrem*. Os *que dizem e não fazem são hipócritas*. TODOS *gritam e* NENHUM *tem razão*. *Êle é* TAL QUAL *eu esperava*. Os NOSSOS *não compareceram*. — Quando, porém, às formas *pronominais* ou *pronominadas* se antepuser o artigo ficam elas SUBSTANTIVADAS, exs.: O TUDO e O NADA. — O SEU a seu dono. — Havia UM QUÊ de indizível tristeza.

2.ª *O, isto, isso, aquilo, tudo, algo, nada, al* — são formas que cor, respondem às formas antigas neutras dos adjetivos. Tendo desaparecido o gênero neutro dos substantivos no português, assumiram êsses adjetivos a função pronominal, desde que, sendo neutros, não se podiam agregar a um substantivo, que é sempre ou masculino ou feminino. Diante, porém de uma forma neutra readquirem êles sua função primitiva de adjetivos, p. ex.: ISSO *tudo*, TUDO *isso*, AQUILO *mesmo*. *Pondo* TUDO *al de parte, venha aqui* (A. C.)

As formas — *quem, alguém, ninguém, outrem*, referem-se a pessoas, e — *que, algo, nada* e *al*, a coisas. *Al* = outra coisa, desapareceu do uso vivo da língua.

O interrogativo — *o quê?*, embora condenado por ilustres gramáticos como Júlio Ribeiro, Dr. Augusto Freire e outros, tem sido modernamente autorizado por escritores de bom quilate, como — A. Castilho, Garrett, A. Herculano, L. Coelho, Rabelo da Silva. Coincide com essas autoridades o uso popular.

4. VERBO

201. Verbo é a palavra que exprime a *ação* atribuída, sob as relações de tempo e de modo, a uma pessoa ou coisa, como: O homem *anda, andou, andará, andaria*. — A árvore *caía, cairá, cairia*.

Obs. — Segundo Ayer e outros distintos gramáticos, exprimir *ação* é caráter fundamental do verbo. Outros, porém, acham que êste caráter pertence a certos verbos chamados por isso ativos, como *andar, amar*, etc., ao passo que os outros verbos exprimem *estados*, como: *estar, ficar, ser, viver*. Daí definem o verbo como a palavra que exprime a *ação* ou o *estado*, ou, ainda, a *qualidade*, atribuída ao respectivo sujeito. Porém nos próprios verbos de *estado* concebe-se algum grau de *atividade* do sujeito. A diferença entre as duas atividades está em ser esta espontânea do sujeito, e aquela refletida.

202. A pessoa ou coisa a que se atribui a ação é o SUJEITO do verbo, como : *O homem* pensa. — *O vício* envenena o corpo. — *O corpo* é envenenado pelo vício.

Nota. — Nestes exemplos — *homem, vício* e *corpo* são sujeitos. — *O homem* é o *sujeito* de *pensa*, pois a êle se atribui a ação de *pensar*. Conhece-se, formulando-se a pergunta : *Quem pensa?* — Resposta : — *O homem.* — *O vício* é o *sujeito* de *envenena*, pois a êle se atribui a ação de *envenenar o corpo. Quem* ou *o que envenena o corpo?* — Resposta : — *O vício.* — *O corpo* é o *sujeito* de *é envenenado*, pois dêle se afirma a ação de *ser envenenado. Quem* ou *o que é envenenado pelo vício?* — Resposta : *O corpo.*

203. Qualquer outra palavra que se refira ao verbo, ou que o modifique, é um ADJUNTO ou COMPLEMENTO do verbo, p. ex. : O homem pensa *no seu destino.* — O vício envenena *o corpo.* — A águia remonta *aos ares* e paira *nas nuvens.*

Nota. — Os verbos — *pensa, envenena, remonta, paira*, são modificados respectivamente pelos seus complementos — *no seu destino, o corpo, aos ares, nas nuvens.*

Vozes do verbo

204. A AÇÃO VERBAL pode ser praticada pelo *sujeito*, como : *O soldado feriu o prêso ;* ou recebida por êle, como : *O prêso foi ferido pelo soldado ;* ou, ainda, praticada e recebida pelo mesmo sujeito, como : — *O soldado feriu-se.* No primeiro caso o sujeito é o AGENTE da *ação verbal*, e o verbo se diz estar na VOZ ATIVA ; no segundo, o sujeito é o RECIPIENTE ou PACIENTE da *ação verbal*, e o verbo se diz estar na VOZ PASSIVA ; no terceiro caso o sujeito é, ao mesmo tempo, o AGENTE e o PACIENTE da *ação verbal*, e o verbo se diz estar na VOZ MÉDIA OU REFLEXA.

O VERBO, pois, em sua expressão característica preeminente, assume três aspectos fundamentais em relação a seu sujeito ; as três vozes — a ATIVA, a PASSIVA e a REFLEXA, são três maneiras em que podemos encarar o enunciado verbal em relação à pessoa ou coisa a que é atribuído.

Nota. — Só na voz ativa tem o verbo formas simples ou *sintéticas : amar, ferir ;* nas outras tem êle forma composta ou *analítica : ser amado, ser ferido — amar-se, ferir-se.*

Classificação dos verbos

205. A maioria dos gramáticos, seguindo os gramáticos de Port-Royal, dividem os verbos em verbo SUBSTANTIVO e verbo ADJETIVO.

Para êles o verbo é a *palavra que exprime a afirmação* e o verbo *ser* é o único que exprime a afirmação, e, portanto, é o único verbo que subsiste por si só, isto é, *substantivo*. Os outros nascem da combinação dêste com um adjetivo encerrado em seu radical. Assim o verbo *amar* origina-se de *amante+ser ; mover* de *movente + ser ; partir*, de *partinte + ser ; pôr*, de *poente + ser*.

Essa teoria, diz A. Darmesteter, é falsa. Contra ela realmente se erguem o desenvolvimento histórico das línguas e a análise dos fatos.

Com efeito, em tempo nenhum revelou a gramática histórica tal combinação, e línguas há, como observa C. Ayer, que não possuem o verbo *ser*, tais as línguas primitivas e muitas na China, África, Polinésia e América. Demais, *amar* é uma coisa, e *ser amante* é outra ; o *sol brilha* tem sentido diverso de — *o sol é brilhante*. Logo a análise lógica e a histórica se insurgem contra a teoria tradicional do verbo substantivo *ser*.

206. São variadíssimos os aspectos que assume o verbo ; por isso, dificílima é a sua classificação sistemática. Antes, porém, do estudo de suas diversas espécies, é de conveniência o conhecimento de tôdas as formas de sua extrema flexibilidade. Subordinaremos, pois, o estudo do verbo aos seguintes tópicos, que são :

I. CONJUGAÇÃO. II. SUJEITO. III. COMPLEMENTO
IV. SIGNIFICAÇÃO

I. O VERBO QUANTO À CONJUGAÇÃO

207. Conjugação é a propriedade que tem o verbo de indicar, pelas suas flexões, as relações de *tempo, modo, número* e *pessoa*.

Chama-se também CONJUGAÇÃO o quadro sistemático do verbo em tôdas as suas flexões.

208. Tempos do verbo são as épocas da duração em que se realiza a ação ou o fato enunciado por êle.

São três as épocas, indicadas por flexões próprias: o PRESENTE, o PASSADO e o FUTURO.

1. O PRESENTE — *escrevo, estudo* — é o momento em que se fala, é o ato da palavra: é único, indivisível.

2. O PASSADO — *escrevi, estudei* — é o tempo anterior ao ato da palavra, é divisível em:

a) *Passado* ou *pretérito perfeito*, quando o fato enunciado pelo verbo é *perfeitamente* acabado ou passado: — *estudei, escrevi*;

b) *Passado* ou *pretérito imperfeito*, quando o fato verbal não se enuncia completamente acabado, sendo *passado* em referência ao ato da palavra, e *presente* em referência a uma outra época ou circunstância indicada; é um tempo de dupla relação, por ex.: *Eu* ESTUDAVA, *quando o professor chegou*;

c) *Passado* ou *pretérito mais que perfeito*, quando o fato é *duplamente passado*: é *passado* em referência ao ato da palavra, e *passado* ainda em referência a uma outra época ou circunstância indicada; é por isso um tempo de dupla relação, p. ex.: *Eu* ESTUDARA OU TINHA ESTUDADO, *quando o professor chegou.*

3. O FUTURO — *estudarei* — é o tempo posterior ao ato da palavra, é divisível em:

a) *Futuro imperfeito* ou *absoluto*, quando o fato verbal é meramente *futuro* ou não realizado, como: — *estudarei, escreverei*;

b) *Futuro perfeito* ou *anterior*, quando o fato, sendo *futuro* em referência no ato da palavra, é *passado* em referência a uma época posterior ou a uma circunstância indicada; é igualmente um tempo de dupla relação, p. ex.: *Eu* TEREI ESTUDADO, *quando o professor chegar.*

209. Os TEMPOS dividem-se, quanto à sua forma, em SIMPLES e COMPOSTOS. São *simples* quando são enunciados por uma só palavra, como *estudo, estudava, estudei;* são compostos quando formados com o *auxílio* dos verbos *ter* e *haver*, que, neste caso, se chamam AUXILIARES, p. ex.: *Tenho* ou *hei estudado, tinha* ou *havia estudado, terei* ou *haverei estudado*, etc.

210. **Modos** do verbo são as diferentes formas flexionais por êle assumidas para indicarem a maneira em que se realiza o fato. São *cinco* os modos:

1. O INDICATIVO, que enuncia o fato verbal de *modo* positivo e categórico, p. ex.: *estudo, estudarei, tenho estudado.*

2. O CONDICIONAL, que enuncia o fato sob a dependência de uma *condição*, p. ex.: *Eu estudaria se pudesse.*

3. O IMPERATIVO, que enuncia o fato com império, exortação ou súplica, p. ex.: *Sai daqui. — Sê forte. — Ouvi-me vós, que sois meus amigos.*

4. O CONJUNTIVO ou SUBJUNTIVO, que enuncia o fato verbal de um *modo* subordinado a algum verbo a que se *junta* para formar sentido perfeito, p. ex.: *Eu desejo que escrevas. — Eu queria que estudasses.*

5. O INFINITIVO ou INFINITO, que enuncia o fato verbal de *modo* vago, indefinido, indeterminado, p. ex.: *Viver é lutar.*

211. **Números** do verbo são as formas flexionais por êle assumidas para indicarem a *singularidade* ou a *pluralidade* do seu *sujeito*, p. ex.: *O menino estuda, os meninos estudam.*

212. **Pessoas** do verbo são as formas flexionais por êle assumidas para indicarem a *pessoa gramatical do sujeito*, p. ex.: *Eu estudo, tu estudas, êle estuda, nós estudamos, vós estudais, êles estudam.*

213. A forma típica ou representativa dos verbos é o PRESENTE do INFINITIVO que uniformemente se caracteriza por uma das quatro seguintes *terminações* ou *desinências*:

1. AR — amar, louvar | 3. IR — partir, unir
2. ER — vender, mover | 4. OR — pôr, compor

214. Cada uma dessas terminações caracteriza uma *conjugação distinta*, isto é, um tipo ou modêlo especial de *flexões gerais*. Há, portanto, em português, QUATRO CONJUGAÇÕES, que se conhecem pelas respectivas terminações do presente do infinito, a saber :

1.ª *Conjugação*	2.ª *Conjugação*	3.ª *Conjugação*	4.ª *Conjugação*
LOUVAR	VENDER	PARTIR	PÔR

Obs. — A 4.ª conjugação só tem o verbo *pôr* e seus compostos : — *propor, prepor, antepor, supor*, etc. No antigo português êste verbo pertencia à 2.ª conjugação, pois tinha a forma *poer*, que se contraiu mais tarde em *pôr*. Por isso alguns gramáticos o consideram apenas como uma irregularidade da 2.ª, e dão ao português sòmente três conjugações. Chama-se a quarta uma conjugação *morta*, por não ir além de um verbo, enquanto as outras, principalmente a 1.ª, se dizem *vivas* por servirem de tipo à formação de novos verbos.

215. Devemos distinguir na forma verbal a TERMINAÇÃO OU DESINÊNCIA, O RADICAL OU TEMA e a VOGAL CARACTERÍSTICA. O que fica à esquerda das *terminações* — *ar, er, ir* e *or*, é o *radical* ou *tema verbal*, e as vogais — *a, e, i* e *o* das terminações são as *características* da conjugação, p. ex. : *louv+ar, vend+er, part+ir, p+or*.

216. Quanto à *conjugação*, o verbo *classifica-se* em REGULAR e IRREGULAR, AUXILIAR e DEFECTIVO.

217. Verbo regular é aquêle cujo *tema* permanece invariável, e a *terminação* se flexiona de conformidade com um tipo geral ou modêlo da conjugação, chamado — PARADIGMA da conjugação, como : *louv-ar, louv-o, louv-as, louv-arei*, etc.

218. Verbo irregular é aquêle cujo *tema* varia, ou o que não se conforma com as variações do *paradigma*, como : *faz-er, faç-o, f-iz ; t-er, t-enho*, etc.

219. Verbos auxiliares são certos verbos que servem para a formação de TEMPOS COMPOSTOS, bem como de certas LINGUAGENS, VOZES OU LOCUÇÕES VERBAIS. Tanto os *tempos*

compostos como essas *linguagens* são expressões *perifrásticas* ou circunlóquios verbais.

Há, pois, duas classes de *auxiliares*: a 1.ª classe forma com os *particípios passados* TEMPOS COMPOSTOS, e a 2.ª forma com o *infinito impessoal* ou com o *gerúndio* CONJUGAÇÕES COMPOSTAS, tais são:

1.ª *Ter, haver, ser* e *estar*.

2.ª *Andar, ir, vir, dever, poder, acertar de, tornar a, estar a, ter de, haver de.*

220. Verbos defectivos são aquêles a que faltam modos, tempos, pessoas, como: *chover, falir, soer.*

221. No estudo das CONJUGAÇÕES observaremos a seguinte ordem:

1.ª Verbos *auxiliares*; 2.ª Paradigmas *regulares*; 3.ª Conjugações *perifrásticas*; 4.ª Conjugações do verbo *pronominal*; 5.ª Conjugação dos verbos *defectivos*; 6.ª Conjugação dos verbos *irregulares*; 7.ª Particípios duplos.

1. Conjugação dos verbos auxiliares

INDICATIVO

Presente

	Ter	Haver	Ser	Estar
S.	Tenho	Hei	Sou	Estou
	Tens	Hás	E's	Estás
	Tem	Há	E'	Está
P.	Temos	Havemos	Somos	Estamos
	Tendes	Haveis	Sois	Estais
	Têm	Hão	São	Estão

Pretérito imperfeito

	Ter	Haver	Ser	Estar
S.	Tinha	Havia	Era	Estava
	Tinhas	Havias	Eras	Estavas
	Tinha	Havia	Era	Estava
P.	Tínhamos	Havíamos	Éramos	Estávamos
	Tínheis	Havíeis	Éreis	Estáveis
	Tinham	Haviam	Eram	Estavam

Pretérito perfeito

S. Tive	Houve	Fui	Estive
Tiveste	Houveste	Fôste	Estiveste
Teve	Houve	Foi	Esteve
P. Tivemos	Houvemos	Fomos	Estivemos
Tivestes	Houvestes	Fôstes	Estivestes
Tiveram	Houveram	Foram	Estiveram

Pretérito mais que perfeito

S. Tivera	Houvera	Fôra	Estivera
Tiveras	Houveras	Foras	Estiveras
Tivera	Houvera	Fôra	Estivera
P. Tivéramos	Houvéramos	Fôramos	Estivéramos
Tivéreis	Houvéreis	Fôreis	Estivéreis
Tiveram	Houveram	Foram	Estiveram

Futuro imperfeito

S. Terei	Haverei	Serei	Estarei
Terás	Haverás	Serás	Estarás
Terá	Haverá	Será	Estará
P. Teremos	Haveremos	Seremos	Estaremos
Tereis	Havereis	Sereis	Estareis
Terão	Haverão	Serão	Estarão

CONDICIONAL

Imperfeito

1.ª FORMA

S. Teria	Haveria	Seria	Estaria
Terias	Haverias	Serias	Estarias
Teria	Haveria	Seria	Estaria
P. Teríamos	Haveríamos	Seríamos	Estaríamos
Teríeis	Haveríeis	Seríeis	Estaríeis
Teriam	Haveriam	Seriam	Estariam

2.ª FORMA

S. Tivera	Houvera	Fôra	Estivera
Tiveras	Houveras	Foras	Estiveras
Tivera	Houvera	Fôra	Estivera
P. Tivéramos	Houvéramos	Fôramos	Estivéramos
Tivéreis	Houvéreis	Fôreis	Estivéreis
Tiveram	Houveram	Foram	Estiveram

IMPERATIVO

Presente

Tem	Há	Sê	Está
Tende	Havei	Sêde	Estai

SUBJUNTIVO

Presente

S.	Tenha	Haja	Seja	Esteja
	Tenhas	Hajas	Sejas	Estejas
	Tenha	Haja	Seja	Esteja
P.	Tenhamos	Hajamos	Sejamos	Estejamos
	Tenhais	Hajais	Sejais	Estejais
	Tenham	Hajam	Sejam	Estejam

Pretérito imperfeito

S.	Tivesse	Houvesse	Fôsse	Estivesse
	Tivesses	Houvesses	Fôsses	Estivesses
	Tivesse	Houvesse	Fôsse	Estivesse
P.	Tivéssemos	Houvéssemos	Fôssemos	Estivéssemos
	Tivésseis	Houvésseis	Fôsseis	Estivésseis
	Tivessem	Houvessem	Fôssem	Estivessem

Futuro

S.	Tiver	Houver	Fôr	Estiver
	Tiveres	Houveres	Fores	Estiveres
	Tiver	Houver	Fôr	Estiver
P.	Tivermos	Houvermos	Formos	Estivermos
	Tiverdes	Houverdes	Fordes	Estiverdes
	Tiverem	Houverem	Forem	Estiverem

INFINITIVO

Presente impessoal

Ter	Haver	Ser	Estar

Presente pessoal

S.	Ter	Haver	Ser	Estar
	Teres	Haveres	Seres	Estares
	Ter	Haver	Ser	Estar
P.	Termos	Havermos	Sermos	Estarmos
	Terdes	Haverdes	Serdes	Estardes
	Terem	Haverem	Serem	Estarem

Particípio presente

Tendo	Havendo	Sendo	Estando

Particípio passado

Tido	Havido	Sido	Estado

Nota. — Além destas formas simples, usadas na composição dos tempos perifrásticos participiais, empregam-se com os verbos *ser* e *estar* formas compostas, como se verá mais adiante, na conjugação da passiva. Os particípios passados *tido* e *havido* dos respectivos auxiliares não entram na formação dos tempos compostos.

2. Conjugação dos paradigmas regulares

	1.ª *Conjugação*	2.ª *Conjugação*	3.ª *Conjugação*	4.ª *Conjugação*
	LOUV-AR	VEND-ER	PART-IR	P-ÔR

INDICATIVO

Presente

S.	Louv-o	Vend-o	Part-o	P-onho
	Louv-as	Vend-es	Part-es	P-ões
	Louv-a	Vend-e	Part-e	P-õe
P.	Louv-amos	Vend-emos	Part-imos	P-omos
	Louv-ais	Vend-eis	Part-is	P-ondes
	Louv-am	Vend-em	Part-em	P-õem

Pretérito imperfeito

S.	Louv-ava	Vend-ia	Part-ia	P-unha
	Louv-avas	Vend-ias	Part-ias	P-unhas
	Louv-ava	Vend-ia	Part-ia	P-unha
P.	Louv-ávamos	Vend-íamos	Part-íamos	P-únhamos
	Louv-áveis	Vend-íeis	Part-íeis	P-únheis
	Louv-avam	Vend-iam	Part-iam	P-unham

Pretérito perfeito

S.	Louv-ei	Vend-i	Part-i	P-us
	Louv-aste	Vend-este	Part-iste	P-useste
	Louv-ou	Vend-eu	Part-iu	P-ôs
P.	Louv-amos	Vend-emos	Part-imos	P-usemos
	Louv-astes	Vend-estes	Part-istes	P-usestes
	Louv-aram	Vend-eram	Part-iram	P-useram

Pretérito perfeito composto

S.	Hei	ou tenho	louv-ado
	Hás	ou tens	vend-ido
	Há	ou tem	part-ido
P.	Havemos	ou temos	p-ôsto
	Haveis	ou tendes	
	Hão	ou têm	

Pretérito mais que perfeito

S.	Louv-ara	Vend-era	Part-ira	P-usera
	Louv-aras	Vend-eras	Part-iras	P-useras
	Louv-ara	Vend-era	Part-ira	P-usera

P.	Louv-áramos	Vend-êramos	Part-íramos	P-uséramos
	Louv-áreis	Vend-êreis	Part-íreis	P-uséreis
	Louv-aram	Vend-eram	Part-iram	P-useram

Mais que perfeito composto

S.	Havia	ou tinha	
	Havias	ou tinhas	louv-ado
	Havia	ou tinha	vend-ido
P.	Havíamos	ou tínhamos	part-ido
	Havíeis	ou tínheis	p-ôsto
	Haviam	ou tinham	

Futuro imperfeito

S.	Louv-arei	Vend-erei	Part-irei	P-orei
	Louv-arás	Vend-erás	Part-irás	P-orás
	Louv-ará	Vend-erá	Part-irá	P-orá
P.	Louv-aremos	Vend-eremos	Part-iremos	P-oremos
	Louv-areis	Vend-ereis	Part-ireis	P-oreis
	Louv-arão	Vend-erão	Part-irão	P-orão

Futuro perfeito

S.	Haverei	ou terei	
	Haverás	ou terás	louv-ado
	Haverá	ou terá	vend-ido
P.	Haveremos	ou teremos	part-ido
	Havereis	ou tereis	p-ôsto
	Haverão	ou terão	

CONDICIONAL

Imperfeito

1.ª FORMA

S.	Louv-aria	Vend-eria	Part-iria	P-oria
	Louv-arias	Vend-erias	Part-irias	P-orias
	Louv-aria	Vend-eria	Part-iria	P-oria
P.	Louv-aríamos	Vend-eríamos	Part-iríamos	P-oríamos
	Louv-aríeis	Vend-eríeis	Part-iríeis	P-oríeis
	Louv-ariam	Vend-eriam	Part-iriam	P-oriam

2.ª FORMA

S.	Louv-ara	Vend-era	Part-ira	P-usera
	Louv-aras	Vend-eras	Part-iras	P-useras
	Louv-ara	Vend-era	Part-ira	P-usera
P.	Louv-áramos	Vend-êramos	Part-íramos	P-uséramos
	Louv-áreis	Vend-êreis	Part-íreis	P-uséreis
	Louv-aram	Vend-eram	Part-iram	P-useram

Imperfeito composto

1.ª FORMA

S.	Haveria	ou teria	louv-ado
	Haverias	ou terias	vend-ido
	Haveria	ou teria	part-ido
P.	Haveríamos	ou teríamos	p-ôsto
	Haveríeis	ou teríeis	
	Haveriam	ou teriam	

2.ª FORMA

S.	Houvera	ou tivera	louv-ado
	Houveras	ou tiveras	vend-ido
	Houvera	ou tivera	part-ido
P.	Houvéramos	ou tivéramos	p-ôsto
	Houvéreis	ou tivéreis	
	Houveram	ou tiveram	

IMPERATIVO

Presente

S.	Louv-a	Vend-e	Part-e	P-õe
P.	Louv-ai	Vend-ei	Part-i	P-onde

SUBJUNTIVO

Presente

S.	Louv-e	Vend-a	Part-a	P-onha
	Louv-es	Vend-as	Part-as	P-onhas
	Louv-e	Vend-a	Part-a	P-onha
P.	Louv-emos	Vend-amos	Part-amos	P-onhamos
	Louv-eis	Vend-ais	Part-ais	P-onhais
	Louv-em	Vend-am	Part-am	P-onham

Pretérito imperfeito

1.ª FORMA

S.	Louv-asse	Vend-esse	Part-isse	P-usesse
	Louv-asses	Vend-esses	Part-isses	P-usesses
	Louv-asse	Vend-esse	Part-isse	P-usesse
P.	Louv-ássemos	Vend-êssemos	Part-íssemos	P-uséssemos
	Louv-ásseis	Vend-êsseis	Part-ísseis	P-usésseis
	Louv-assem	Vend-essem	Part-issem	P-usessem

2.ª FORMA

S.	Louv-ara	Vend-era	Part-ira	P-usera
	Louv-aras	Vend-eras	Part-iras	P-useras
	Louv-ara	Vend-era	Part-ira	P-usera

P.	Louv-áramos	Vend-êramos	Part-íramos	P-useramos
	Louv-áreis	Vend-êreis	Part-íreis	P-useréis
	Louv-aram	Vend-eram	Part-iram	P-useram

Pretérito perfeito composto

S.	Haja	ou tenha	louv-ado
	Hajas	ou tenhas	vend-ido
	Haja	ou tenha	part-ido
P.	Hajamos	ou tenhamos	p-ôsto
	Hajais	ou tenhais	
	Hajam	ou tenham	

Mais que perfeito composto

1.ª FORMA

S.	Houvesse	ou tivesse	louv-ado
	Houvesses	ou tivesses	vend-ido
	Houvesse	ou tivesse	part-ido
P.	Houvéssemos	ou tivéssemos	p-ôsto
	Houvésseis	ou tivésseis	
	Houvessem	ou tivessem	

2.ª FORMA

S.	Houvera	ou tivera	louv-ado
	Houveras	ou tiveras	vend-ido
	Houvera	ou tivera	part-ido
P.	Houvéramos	ou tivéramos	p-ôsto
	Houvéreis	ou tivéreis	
	Houveram	ou tiveram	

Futuro imperfeito

S.	Louv-ar	Vend-er	Part-ir	P-user
	Louv-ares	Vend-eres	Part-ires	P-useres
	Louv-ar	Vend-er	Part-ir	P-user
P.	Louv-armos	Vend-ermos	Part-irmos	P-usermos
	Louv-ardes	Vend-erdes	Part-irdes	P-userdes
	Louv-arem	Vend-erem	Part-irem	P-userem

Futuro perfeito composto

S.	Houver	ou tiver	louv-ado
	Houveres	ou tiveres	vend-ido
	Houver	ou tiver	part-ido
P.	Houvermos	ou tivermos	p-ôsto
	Houverdes	ou tiverdes	
	Houverem	ou tiverem	

INFINITIVO OU INFINITO

Presente impessoal

Louv-ar	Vend-er	Part-ir	P-ôr

Presente pessoal

S.	Louv-ar	Vend-er	Part-ir	P-ôr
	Louv-ares	Vend-eres	Part-ires	P-ores
	Louv-ar	Vend-er	Part-ir	P-ôr
P.	Louv-armos	Vend-ermos	Part-irmos	P-ormos
	Louv-ardes	Vend-erdes	Part-irdes	P-ordes
	Louv-arem	Vend-erem	Part-irem	P-orem

Pretérito impessoal

Haver ou ter { louv-ado, vend-ido, part-ido, p-ôsto

Pretérito pessoal

S.	Haver	ou ter
	Haveres	ou teres
	Haver	ou ter
P.	Havermos	ou termos
	Haverdes	ou terdes
	Haverem	ou terem

} louv-ado, vend-ido, part-ido, p-ôsto

Particípio presente ou imperfeito

Louv-ando	Vend-endo	Part-indo	P-ondo

Gerúndio

Louv-ando	Vend-endo	Part-indo	P-ondo

Particípio passado ou perfeito

Louv-ado	Vend-ido	Part-ido	P-ôsto

Particípio passado composto

Havendo ou tendo { louv-ado, vend-ido, part-ido, p-ôsto

Nota. — O imperativo pode ser presente ou futuro, e o mesmo acontece com as formas simples do condicional. Se bem que rara, não é, todavia,

estranha à língua a forma composta do imperativo, ex.: TENDE ENTENDIDO *que o vosso pecado vos há de apanhar* (A. P.) O mesmo acontece com o composto do pretérito — *eu tive* ou *houve* louvado: "Como El-Rei *houve bebido* o seu último confôrto" (A. C. ap. Cortesão.) O velho português o empregava freqüentemente. Nas formas infinitivas é vaga a noção do tempo.

Observações sôbre a prosódia e ortografia de alguns verbos

PROSÓDIA

1.ª CONJUGAÇÃO

222. O **e** e o **o** SURDOS dos temas verbais do infinitivo presente da 1.ª conjugação tornam-se ABERTOS desde que sôbre êles recaia o acento tônico, o que acontece na 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, bem como na 2.ª do singular do presente do imperativo, exs.:

Zelar — Zélo, zélas, zéla, zélam; zéle, zéles, zéle, zélem; zéla tu.

Provar — Próvo, próvas, próva, próvam; próve, próves, próve, próvem; próva tu.

EXCETUAM-SE:

1. Os verbos em que são estas vozes surdas seguidas pelas nasais — **m, n, nh,** caso em que elas se tornam francamente NASAIS, exs.:

Domar — dõmo, dõmas, dõma, dõmam; dõme, dõmes, dõme dõmem; dõma tu.

Penar — pẽno, pẽnas, pẽna, pẽnam; pẽne, pẽnes, pẽne, pẽnem, pẽna tu.

Empenhar — Empẽnho, empẽnhas, empẽnha, empẽnham; empẽnhe empenhes, empẽnhe, empẽnhem; empẽnha tu.

Dá-se êste mesmo fenômeno prosódico com as vozes **a** e **u**, exs.:

Amar — ãmo, ãmas, ãma, ãmam, etc.

Empunhar — empũnho, empũnhas, etc.

2. Os verbos em **ejar**, **elhar** e **oar**, em que o **e** e **o** tônicos permanecem FECHADOS, exs. :

Desejar — Desêjo, desêjas, desêja, desêjam ; desêje, desêjes, desêje, desêjem ; desêja tu.

Aconselhar — aconsêlho, aconsêlhas, aconsêlha, aconsêlham ; aconsêlhe, aconsêlhes, aconsêlhe, aconsêlhem ; aconsêlha tu.

Voar — vôo, vôas, vôa, vôam ; vôe, vôes, vôe, vôem ; vôa tu.

Acontece o mesmo com o verbo CHEGAR ; entretanto o verbo INVEJAR segue a *regra:* — INVÉJO, INVÉJAS, INVÉJA, etc.

2.ª Conjugação

223. Nos verbos da 2.ª conjugação, observa-se o mesmo fenômeno da abertura da vogal tônica, com exceção da 1.ª pessoa do indicativo presente em que se torna FECHADA, e das do conjuntivo presente que dela se derivam, ex. :

Beber — Bêbo, bébes, bébe, bébem ; bêba, bêbas, etc. ; bébe tu.

Mover — môvo, móves, móve, móvem ; môva, môvas, etc.; móve tu.

Nota. — Abre exceção a esta regra o mesmo fenômeno de nasalação que se realiza aqui nas condições assinaladas em 222, Exc. 1.ª.

3.ª Conjugação

224. Semelhantes alterações fonéticas realizam-se na 3.ª conjugação ; porém aí as alterações são mais profundas, e, por isso, serão estudadas na conjugação dos verbos irregulares.

ORTOGRAFIA

225. Na grafia dos tempos de alguns verbos dão-se as seguintes alterações com o intuito de se conservar o mesmo valor fonético, que tem a última consoante temática do infinito presente, tipo do verbo :

1. Os verbos terminados em **car** mudam o **c** em **qu** sempre que esta letra for seguida de *e : embarc + ar — embarquei, embarque*, etc.

2. Os terminados em **çar, cer, cir**, têm sempre o **c** cedilhado antes de **a** e **o**: *começo, pereça, ressarça.*

3. Os terminados em **gar** tomam um **u** depois do **g**, quando esta letra for seguida de **e**: *carreg + ar — carregue.*

4. Os terminados em **guer** e **guir**, com **u** insonoro, perdem esta letra antes de **o** ou **a**: *ergu + er — ergo, erga; distingu + ir — distingo, distinga.*

Nota. — São tôdas essas anomalias gráficas para se conservar a regularidade fônica.

Obs. — Nas terminações -UAR, -UIR, o U sonoro conserva-se em todos os tempos, e torna-se tônico no presente do indicativo e do subjuntivo, com exceção da 1.ª e 2.ª pessoa do plural, *aguar* e *argüir*, p. ex.: *agúo, agúas, agúa, agúam, agúe, agúes*, etc.; *argúo, argúes, argúe, argúem*, etc. Assim *desaguar, enxaguar, minguar, apaziguar, averiguar, obliquar, apropinquar.* — Há, contudo, vacilação na conjugação dêstes verbos. De acôrdo com o uso popular, aliás apoiado na autoridade de muitos clássicos, recuam alguns a tônica, e pronunciam: — *águo, águas, deságua, deságuam, enxágua, enxáguam, enxágue, míngua, mínguam, apropínqua, apropínque, oblíqua, oblíquam*, etc. F. Franco de Sá considera esta pronúncia a verdadeira (*Língua Port.* p. 24.) — A forma *agoar* e *agôo, agoas*, etc., é popular e clássica. — *Antiquar, adequar, deliquar*, são defectivos. Todavia encontra-se em Morais: "Já se deliqúa o crêspo caramelo" e em Vieira (Dic.): "Deliquam-se todos os sais..."

3. Conjugação perifrástica

226. Conjugação perifrástica são certas locuções verbais em que dois ou mais verbos concorrem para a expressão de uma idéia acessória da ação verbal. O último verbo exprime a ação que se quer manifestar, e os outros o modo de ser da mesma ação, e o tempo em que ela se realiza.

São várias estas locuções ou circunlóquios verbais, a saber:

227. Com os diversos tempos dos verbos SER e ESTAR e os PARTICÍPIOS PASSADOS de alguns verbos, forma-se a conjugação da

I

Voz passiva

INDICATIVO

Presente

S.	Sou	ou estou	louvado, a
	És	ou estás	
	E'	ou está	
P.	Somos	ou estamos	louvados, as
	Sois	ou estais	
	São	ou estão	

Pretérito imperfeito

S.	Era	ou estava	louvado, a
	Eras	ou estavas	
	Era	ou estava	
P.	Eramos	ou estávamos	louvados, as
	Éreis	ou estáveis	
	Eram	ou estavam	

Pretérito perfeito

S.	Fui	ou estive	louvado, a
	Fôste	ou estiveste	
	Foi	ou esteve	
P.	Fomos	ou estivemos	louvados, as
	Fôstes	ou estivestes	
	Foram	ou estiveram	

Pretérito perfeito composto

S.	Hei	ou tenho sido	ou estado	louvado, a
	Hás	ou tens sido	ou estado	
	Há	ou tem sido	ou estado	
P.	Havemos	ou temos sido	ou estado	louvados, as
	Haveis	ou tendes sido	ou estado	
	Hão	ou têm sido	ou estado	

Pretérito mais que perfeito

S.	Fôra	ou estivera	louvado, a
	Foras	ou estiveras	
	Fôra	ou estivera	
P.	Fôramos	ou estivéramos	louvados, as
	Fôreis	ou estivéreis	
	Foram	ou estiveram	

Mais que perfeito composto

S.	Havia	ou tinha sido	ou estado	louvado a
	Havias	ou tinhas sido	ou estado	
	Havia	ou tinha sido	ou estado	
P.	Havíamos	ou tínhamos sido	ou estado	louvados, as
	Havíeis	ou tínheis sido	ou estado	
	Haviam	ou tinham sido	ou estado	

Futuro imperfeito

S.	Serei	ou estarei	louvado, a
	Serás	ou estarás	
	Será	ou estará	
P.	Seremos	ou estaremos	louvados, as
	Sereis	ou estareis	
	Serão	ou estarão	

Futuro perfeito composto

S.	Haverei	ou terei sido	ou estado	louvado, a
	Haverás	ou terás sido	ou estado	
	Haverá	ou terá sido	ou estado	
P.	Haveremos	ou teremos sido	ou estado	louvados, as
	Havereis	ou tereis sido	ou estado	
	Haverão	ou terão sido	ou estado	

CONDICIONAL

Imperfeito

1.ª FORMA

S.	Seria	ou estaria	louvado, a
	Serias	ou estarias	
	Seria	ou estaria	
P.	Seríamos	ou estaríamos	louvados, as
	Seríeis	ou estaríeis	
	Seriam	ou estariam	

2.ª FORMA

S.	Fôra	ou estivera	louvado, a
	Foras	ou estiveras	
	Fôra	ou estivera	
P.	Fôramos	ou estivéramos	louvados, as
	Fôreis	ou estivéreis	
	Foram	ou estiveram	

Imperfeito composto

1.ª FORMA

S. Haveria	ou teria sido	ou estado	louvado, a
Haverias	ou terias sido	ou estado	
Haveria	ou teria sido	ou estado	
P. Haveríamos	ou teríamos sido	ou estado	louvados, as
Haveríeis	ou teríeis sido	ou estado	
Haveriam	ou teriam sido	ou estado	

2.ª FORMA

S. Houvera	ou tivera sido	ou estado	louvado, a
Houveras	ou tiveras sido	ou estado	
Houvera	ou tivera sido	ou estado	
P. Houvéramos	ou tivéramos sido	ou estado	louvados, as
Houvéreis	ou tivéreis sido	ou estado	
Houveram	ou tiveram sido	ou estado	

IMPERATIVO

Presente

S. Sê	louvado, a
P. Sêde	louvados, as

SUBJUNTIVO

Presente

S. Seja	ou esteja	louvado, a
Sejas	ou estejas	
Seja	ou esteja	
P. Sejamos	ou estejamos	louvados, as
Sejais	ou estejais	
Sejam	ou estejam	

Pretérito imperfeito

S. Fôsse	ou estivesse	louvado, a
Fôsses	ou estivesses	
Fôsse	ou estivesse	
P. Fôssemos	ou estivéssemos	louvados, as
Fôsseis	ou estivésseis	
Fôssem	ou estivessem	

Pretérito perfeito composto

S. Haja	ou tenha sido	ou estado	louvado, a
Hajas	ou tenhas sido	ou estado	
Haja	ou tenha sido	ou estado	

P. Hajamos	ou tenhamos sido	ou estado	louvados, as
Hajais	ou tenhais sido	ou estado	
Hajam	ou tenham sido	ou estado	

Mais que perfeito composto

S. Houvesse	ou tivesse sido	ou estado	louvado, a
Houvesses	ou tivesses sido	ou estado	
Houvesse	ou tivesse sido	ou estado	
P. Houvéssemos	ou tivéssemos sido	ou estado	louvados, as
Houvésseis	ou tivésseis sido	ou estado	
Houvessem	ou tivessem sido	ou estado	

Futuro imperfeito

S. Fôr	ou estiver	louvado, a
Fores	ou estiveres	
Fôr	ou estiver	
P. Formos	ou estivermos	louvados, as
Fordes	ou estiverdes	
Forem	ou estiverem	

Futuro perfeito composto

S. Houver	ou tiver sido	ou estado	louvado, a
Houveres	ou tiveres sido	ou estado	
Houver	ou tiver sido	ou estado	
P. Houvermos	ou tivermos sido	ou estado	louvados, as
Houverdes	ou tiverdes sido	ou estado	
Houverem	ou tiverem sido	ou estado	

INFINITIVO

Presente impessoal

Ser ou estar louvado, a, os, as

Presente pessoal

S. Ser	ou estar	louvado, a
Sêres	ou estares	
Ser	ou estar	
P. Sermos	ou estarmos	louvados, as
Serdes	ou estardes	
Serem	ou estarem	

Passado impessoal

Haver ou ter sido ou estado louvado, a, os, as

Passado pessoal

S. Haver	ou ter sido	louvado, a
Haveres	ou teres sido	
Haver	ou ter sido	

P. Havermos	ou termos sido	louvados, as
Haverdes	ou terdes sido	
Haverem	ou terem sido	

Particípio presente e gerúndio

Sendo louvado, a, os, as

Particípio passado

Louvado, a, os, as

Particípio passado composto

Havendo ou tendo sido ou estado louvado, a, os, as

Nota. — Torna-se VARIÁVEL o particípio passado com os verbos *ser* e *estar*, e INVARIÁVEL com os verbos *ter* e *haver*. A êste chamam alguns indèbitamente *supino*.

2

228. Com os AUXILIARES **ter** e **haver** e o INFINITIVO PRESENTE IMPESSOAL de outros verbos, ligados pela preposição **de**, formam-se linguagens do futuro ou *linguagens projetadas*, como lhes chamam, p. ex. : *ter* ou *haver de partir*.

Nota. — O valor dessas expressões perifrásticas é diverso conforme empregamos o verbo auxiliar *ter* ou *haver*. Com *haver* forma-se o futuro *promissivo*, que indica promessa, resolução : *Eu hei de partir ;* com o verbo *ter* forma-se o futuro *obrigatório*, que indica mera obrigação ou dever do sujeito : *Eu tenho de partir*.

229. Conjugam-se êstes verbos perifrásticos em tôdas as vozes, tempos e modos, exceto no imperativo, como p. ex. :

Ter ou *haver de louvar*

Tenho ou hei, tens ou hás, etc., de louvar ; tinha ou havia, tinhas ou havias, etc., de louvar ; tive ou houve, tiveste ou houveste, etc., de louvar ; tivera ou houvera, etc., de louvar ; terei ou haverei, etc., de louvar ; teria ou haveria, etc., de louvar ; tenha ou haja, etc., de louvar ; tivesse ou houvesse, etc., de louvar ; tiver ou houver, etc., de louvar ; ter ou haver, etc., de louvar ; tendo ou havendo de louvar.

Na voz PASSIVA junta-se aos auxiliares a locução infinitiva do verbo *ser* com o *particípio passado*, p. ex. :

Tenho ou hei de ser louvado, a, os, as, etc.; tinha ou havia de ser louvado, etc.; tive ou houve de ser louvado, etc.; tivera ou houvera de ser louvado, etc.; terei ou haverei de ser louvado, etc., etc.

3

230. Com os verbos **estar** e **andar** e o GERÚNDIO ou o INFINITO IMPESSOAL precedido da preposição **a**, de qualquer verbo, formam-se conjugações perifrásticas de verbos FREQÜENTATIVOS, isto é, que exprimem ação reiterada ou freqüente, como, p. ex.:

Eu estou ou *ando estudando* ou *a estudar*, etc. Podem estes igualmente conjugar-se na VOZ PASSIVA: *Eu estou* ou *ando sendo louvado, a, os as*, etc. — *Eu estava* ou *andava sendo louvado*, etc.

Nota. — Com o verbo ESTAR a locução indica às vêzes *início* ou *iminência* de ação: *O trem está partindo* ou *a partir*. Com a preposição *para*, dá-se a *iminência* da ação verbal: *O vapor está para partir.*

4

231. Com os verbos **ir** e **vir** e o GERÚNDIO de qualquer verbo formam-se conjugações perifrásticas de verbos INCOATIVOS, isto é, que exprimem o comêço e desenvolvimento gradual de uma ação, p. ex.:

Êles vão aprendendo. — *Vai amanhecendo.* — *Vem amanhecendo.* — *Êle ia fazendo o bem.*

4. Conjugação do verbo pronominal

QUEIXAR-SE

Presente

S. Eu me queixo	P. Nós nos queixamos
Tu te queixas	Vós vos queixais
Êle se queixa	Êles se queixam

Pretérito imperfeito

S. Eu me queixava	P. Nós nos queixávamos
Tu te queixavas	Vós vos queixáveis
Êle se queixava	Êles se queixavam

Pretérito perfeito

S. Eu me queixei	P. Nós nos queixamos
Tu te queixaste	Vós vos queixastes
Êle se queixou	Êles se queixaram

Pretérito perfeito composto

S. Eu me hei	ou tenho	queixado
Tu te hás	ou tens	
Êle se há	ou tem	
P. Nós nos havemos	ou temos	
Vós vos haveis	ou tendes	
Êles se hão	ou têm	

Pretérito mais que perfeito

S. Eu me queixara	P. Nós nos queixáramos
Tu te queixaras	Vós vos queixáreis
Êle se queixara	Êles se queixaram

Pretérito mais que perfeito composto

S. Eu me havia	ou tinha	queixado
Tu te havias	ou tinhas	
Êle se havia	ou tinha	
P. Nós nos havíamos	ou tínhamos	
Vós vos havíeis	ou tínheis	
Êles se haviam	ou tinham	

Futuro imperfeito

S. Eu me queixarei	P. Nós nos queixaremos
Tu te queixarás	Vós vos queixareis
Êle se queixará	Êles se queixarão

Futuro perfeito composto

S. Eu me haverei	ou terei	queixado
Tu te haverás	ou terás	
Êle se haverá	ou terá	
P. Nós nos haveremos	ou teremos	
Vós vos havereis	ou tereis	
Êles se haverão	ou terão	

CONDICIONAL

Imperfeito

1.ª FORMA

S. Eu me queixaria	P. Nós nos queixaríamos
Tu te queixarias	Vós vos queixaríeis
Êle se queixaria	Êles se queixariam

2.ª FORMA

S. Eu me queixara	P. Nós nos queixáramos
Tu te queixaras	Vós vos queixáreis
Êle se queixara	Êles se queixaram

Imperfeito composto

1.ª FORMA

S. Eu me haveria	ou teria	queixado
Tu te haverias	ou terias	
Êle se haveria	ou teria	
P. Nós nos haveríamos	ou teríamos	
Vós vos haveríeis	ou teríeis	
Êles se haveriam	ou teriam	

2.ª FORMA

S. Eu me houvera	ou tivera	queixado
Tu te houveras	ou tiveras	
Êle se houvera	ou tivera	
P. Nós nos houvéramos	ou tivéramos	
Vós vos houvéreis	ou tivéreis	
Êles se houveram	ou tiveram	

IMPERATIVO

Presente

S. Queixa-te tu
P. Queixai-vos vós

SUBJUNTIVO

Presente

S. Eu me queixe	P. Nós nos queixemos
Tu te queixes	Vós vos queixeis
Êle se queixe	Êles se queixem

Pretérito imperfeito

1.ª FORMA

S. Eu me queixasse	P. Nós nos queixássemos
Tu te queixasses	Vós vos queixásseis
Êle se queixasse	Êles se queixassem

2.ª FORMA

S. Eu me queixara	P. Nós nos queixáramos
Tu te queixaras	Vós vos queixáreis
Êle se queixara	Êles se queixaram

Pretérito perfeito composto

S.	Eu me haja	ou tenha	queixado
	Tu te hajas	ou tenhas	
	Êle se haja	ou tenha	
P.	Nós nos hajamos	ou tenhamos	
	Vós vos hajais	ou tenhais	
	Êles se hajam	ou tenham	

Pretérito mais que perfeito

1.ª FORMA

S.	Eu me houvesse	ou tivesse	queixado
	Tu te houvesses	ou tivesses	
	Êle se houvesse	ou tivesse	
P.	Nós nos houvéssemos	ou tivéssemos	
	Vós vos houvésseis	ou tivésseis	
	Êles se houvessem	ou tivessem	

2.ª FORMA

S.	Eu me houvera	ou tivera	queixado
	Tu te houveras	ou tiveras	
	Êle se houvera	ou tivera	
P.	Nós nos houvéramos	ou tivéramos	
	Vós vos houvéreis	ou tivéreis	
	Êles se houveram	ou tiveram	

Futuro imperfeito

S.	Eu me queixar	P.	Nós nos queixarmos
	Tu te queixares		Vós vos queixardes
	Êle se queixar		Êles se queixarem

Futuro perfeito composto

S.	Eu me houver	ou tiver	queixado
	Tu te houveres	ou tiveres	
	Êle se houver	ou tiver	
P.	Nós nos houvermos	ou tivermos	
	Vós vos houverdes	ou tiverdes	
	Êles se houverem	ou tiverem	

INFINITIVO

Presente impessoal

Queixar-se

Presente pessoal

S.	Queixar-me eu	P.	Queixarmo-nos nós
	Queixares-te tu		Queixarde-vos vós
	Queixar-se êle		Queixarem-se êles

Pretérito impessoal
Haver ou ter-se queixado

Pretérito pessoal

S. Haver	ou ter-me eu	queixado
Haveres	ou teres-te tu	
Haver	ou ter-se êle	
P. Havermos	ou termo-nos nós	
Haverdes	ou terde-vos vós	
Haverem	ou terem-se êles	

Particípio presente
Queixando-se

Gerúndio
Queixando-se

Particípio passado composto
Havendo-se ou tendo-se queixado

Obs. — O pronome oblíquo pode pospor-se ao verbo principal nos tempos simples e ao auxiliar nos compostos, exceto nas pessoas oxítonas do futuro em que se pode intercalar: *Queixo-me, queixas-te, queixaste-te, queixamo-nos, tenho-me queixado, tiver-me queixado, queixar-me-ei, queixar-nos-emos, ter-me-ei queixado, ter-se-á queixado*, etc. O pronome reto (sujeito) só se enuncia quando se quer dar ênfase. Na 1.ª e 2.ª pessoa do plural seguidas de pronome oblíquo, elimina-se, por eufonia, o *s* final.

5. Conjugação dos verbos defectivos

232. Verbos defectivos são os que não se usam em todos os *modos, tempos* ou *pessoas*.

223. Há duas classes de verbos *defectivos*:

1.ª Os IMPESSOAIS, que têm SUJEITO INDETERMINADO, como: *chove, anoitece*, etc.

2.ª Os PESSOAIS, que têm SUJEITO DETERMINADO, como: *brotam as árvores, latem os cães*, etc.

234. Dos *defectivos* IMPESSOAIS há dois grupos:

a) Os IMPESSOAIS ESSENCIAIS, que exprimem fenômenos da natureza inorgânica ou meteorológicos, tais são: *chover*,

trovejar, relampejar, anoitecer, amanhecer, escurecer, nevar, gear, etc.

b) Os IMPESSOAIS ACIDENTAIS, que são verbos pessoais empregados impessoalmente em certas frases, como, p. ex. : *há homens, faz cinco anos, vive-se, passeia-se*, etc.

No sentido impessoal só se conjugam na 3.ª pessoa do singular os verbos dêstes dois grupos, do seguinte modo :

Chove, chovia, choveu, tem chovido, chovera, tinha chovido, choverá, terá chovido ; choveria, teria chovido ; chova, tenha chovido, chovesse, tivesse chovido ; chover, chovendo, chovido.

Há, havia, houve, tem havido, houvera, tinha havido, haverá, terá havido, etc.

Nota. — Os verbos do 1.º grupo podem tornar-se pessoais no sentido figurado, exs.: *Chovam os céus bênçãos sôbre a terra. — As flores amanhecem úmidas com as lágrimas da noite.*

235. Dos *defectivos* PESSOAIS há igualmente dois grupos :

1.º Os verbos ESSENCIALMENTE defectivos, que são :

a) Os que exprimem fenômenos da natureza orgânica ou viva, animal e vegetal, como : *latir, uivar, cacarejar, brotar, florescer, desabrochar*, etc.

b) Alguns verbos como : *soer, prazer, aprazer.*

Isto sói acontecer. — Praza a meus destinos que tal aconteça. — Isto me apraz.

Nota. — Os verbos dêste grupo dizem-se UNIPESSOAIS, por só se conjugarem na 3.ª pessoa do singular e do plural.

Soer só tem presente e imperfeito do indicativo : — *sói, soem, soía, soíam*, p. ex.: *O sol que soía fazer o dia, se há de escurecer* (A. V.) — *O silêncio que sói encobrir as tristezas* (Id.)

2.º Os verbos ACIDENTALMENTE defectivos, que são :

a) Os verbos — *importar, relevar, convir, cumprir, suceder, ser*, etc., nas seguintes frases : *Importa que êle venha. — Convém que êle estude. — Cumpre trabalhar. — Sucedeu haver mortos na cidade. — E'preciso viver.*

b) Certos verbos da 3.ª conjugação, que só se empregam nos tempos em que se conserva o *i*, vogal característica da conjugação. Tais são :

abolir	delinqüir	ganir
adir	demolir	haurir
bramir	discernir	langüir
banir	embair	latir
brandir	emolir	munir
carpir	empedernir	polir
colorir	explodir	renhir
combalir	extorquir	revelir
comedir	falir	retorquir
compelir	florir	ruir
condir	fornir	submergir
	fremir	

Nota. — Os verbos *fremir, carpir, haurir, latir, ganir, banir, brandir, extorquir*, encontram-se nas formas em E e em EM: *freme, fremem, late, latem*, etc.

Nota-se a mesma tendência com os verbos *colorir, explodir, demolir, polir, munir, delir* — *colore, explode, demole* ou *demule, pole, mune, dele.* "As oficinas onde os vocábulos se forjam e polem" (D. N. de Leão). — Esta amor produz, aquela o bane (A. C.)

c) Precaver, a que faltam a 1.ª, 2.ª, 3.ª pessoa do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo, e, conseguintemente, o presente do subjuntivo e a 2.ª pessoa singular do imperativo.

E' regular, pronominal e nada tem com o verbo *ver* ou *vir*. Assim se conjuga: — *nós nos precavemos, vós vos precaveis; eu me precavia, tu te precavias, êle se precavia*, etc.; *eu me precavi, tu te precaveste, êle se precaveu*, etc.

d) Reaver só tem os tempos em que se conserva o *v*: *reavemos, reaveis, reavia, reouve*, etc.

e) Rever, no sentido de *reçumar, verter água*, usa-se em geral nas 3.as pessoas; no pretérito perfeito do indicativo, como *prover*, segue o paradigma regular: *revê, revêem, reveu, reveram.*

6. Verbos irregulares

236. Verbos irregulares ou ANÔMALOS são os que, no seu *tema* ou nas suas *flexões*, ou, ainda, no seu *tema* e *flexões*, não seguem o paradigma regular de sua conjugação. Daí três espécies de irregularidades ou anomalias:

1.ª ANOMALIAS TEMÁTICAS: *perd-er* — *perc-o*; *dorm-ir* — *durm-o*.
2.ª ANOMALIAS FLEXIONAIS: *t-er* — *t-enho*; — *est-ar* — *est-ivera*.
3.ª ANOMALIAS TEMÁTICO-FLEXIONAIS: *traz-er* — *troux-e*; *faz-er* — *f-iz*

Nota. — As variações dos fonemas vogais e das letras consoantes, já estudadas (225), estão fora do quadro dos verbos irregulares.

237. E' de importância notar aqui que os tempos, quanto à sua formação, se dividem em PRIMITIVOS e DERIVADOS, e que qualquer anomalia temática do primitivo passa, em geral, para seu derivado. Os tempos primitivos com os seus respectivos derivados são os seguintes:

Primitivos	Derivados
1. Presente do infinito	futuro do indicativo, imperfeito do condicional, particípios
2. Presente do indicativo 1.ª pessoa singular	presente do subjuntivo
3. Presente do indicativo 2.ª pessoa singular	presente do imperativo singular
4. Presente do indicativo 2.ª pessoa plural	presente do imperativo plural
5. Pretérito perfeito 3.ª pessoa plural	mais que perfeito do indicativo, imperfeito e futuro do subjuntivo.

238. Convém ainda observar que os verbos COMPOSTOS, por ex.: *desfazer*, *contradizer*, *prever*, *referir*, têm por paradigma de sua conjugação os seus SIMPLES — *fazer*, *dizer*, *ver*, *ferir*, etc.

Formam exceções a esta regra os verbos — *prover*, *requerer*, *comprazer*, *preterir* (preter+ir), que em certos tempos ou se deixam influenciar pelo paradigma regular, isto é, se regularizam, ou por outras causas, como, a seu tempo, veremos.

1.ª Conjugação

Verbos em *ear*

239. Os verbos em **ear**, como — *passear*, *sortear*, *recrear*, *cear*, etc., recebem um *i eufônico* depois da última vogal do *tema*, tôda a vez que sôbre ela incide a tônica, o que se dá no presente do indicativo e do subjuntivo (com exceção da

1.ª e 2.ª pessoa do plural) e na 2.ª pessoa singular do presente do imperativo, exs. :

Passear — Passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam; passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem ; passeia tu.

Nota. — Por confusão de formas, escrevem muitos erradamente — *ideiar, ideiado, passeiar, passeiado, ceiar, ceiado, rodeiar, rodeiado* em vez de — *idear, ideado, passear, passeado, cear, ceado, rodear, rodeado,* etc.

Verbos em *iar*

240. Os verbos em **iar**, segundo alguns gramáticos, são sempre regulares, podendo ter por paradigma o verbo — *principiar*. Todavia, o uso mais geral torna irregulares alguns, que recebem um **e** *eufônico* antes da última vogal do tema, tôda vez que sôbre ela recai a tônica, o que se dá nos mesmos tempos e pessoas de que trata o parágrafo antecedente. Como a pronúncia do infinito impessoal, forma típica, é semelhante nos verbos em **ear** e **iar**, houve manifestamente confusão das duas conjugações estabelecendo-se uma falsa analogia. Pode servir de paradigma dos IRREGULARES desta classe o verbo *odiar*.

Odiar — Odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam ; odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem ; odeia tu.

Seguem êste paradigma os seguintes verbos :

Premiar, ansiar, negociar, comerciar, bazofiar, incendiar, mediar, obsequiar, remediar, paliar, cadenciar, agenciar, sentenciar, penitenciar.

Nota. — O verbo *alumiar*, como observa Soares Barbosa, escrevia-se antigamente *alumear* (de lume), do que ainda se conserva vestígio no seguinte anexim popular : *O ignorante e a candeia — a si queima e a outros alumeia.* Ainda se ouve esta pronúncia entre o povo. Monteiro Leite, C. de Figueiredo e outros fazem regular todos os verbos desta classe. O certo é, como observa G. Viana, que se vai operando entre pessoas cultas certa reação contra a confusão dos verbos em — *iar* com os em *ear* e, quando o ouvido não reprova, melhor é de fato regularizá-los.

241. Os três verbos seguintes só são irregulares nas pessoas em que a tônica incide sôbre a vogal do tema.

MOSCAR

Musco, muscas, musca, moscamos, **moscais,** muscam; musca, moscai; musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem.

APIEDAR-SE

Apiado-me, apiadas-te, apiada-se, apiedamo-nos, **apiedai-vos,** apiadam-se; apiedava-me, apiedavas-te, apiedava-se, apiedávamo-nos, apiedávei-vos, apiedavam-se; apiedei-me, apiedaste-te, apiedou-se, apiedamo-nos, apiedaste-vos, **apiedaram-se;** apiedar-me-ei, apiedar-te-ás, apiedar-se-á, apiedar-nos-emos, apiedar-vos-eis, apiedar-se-ão; apiedar-me-ia, apiedar-te-ias, apiedar-se-ia, apiedar-nos-íamos, apiedar-vos-íeis, apiedar-se-iam; apiada-te, apiedai-vos; apiade-me, apiades-te, apiade-se, apiedemo-nos, apiedei-vos, apiadem-se; apiedasse-me, apiedasses-te, apiedasse-se, apiedássemo-nos, apiedássei-vos, apiedassem-se; apiedar-me, apiedares-te, apiedar-se, apiedarmo-nos, apiedarde-vos, apiedarem-se; **apiedar-se,** apiedando-se, apiedado.

Nota. — *Apiadar* é a forma arcaica dêste verbo, a qual se conserva tôda vez que sôbre a vogal temática incide a *tônica*, o que acontece na 1.ª, 2.ª, 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo e na 2.ª do singular do imperativo. — "Nenhuma coisa me *apiada* as estranhas, como achar êstes afetos entre gente não minha" (A. C.)

RESFOLEGAR

Resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolegamos, **resfolegais,** resfolgam; resfolegava, resfolegavas, resfolegava, resfolegávamos, resfolegáveis, resfolegavam; resfoleguei, resfolegaste, resfolegou, resfolegamos, resfolegastes, **resfolegaram;** resfolegara, resfolegaras, resfolegara, resfolegáramos, resfolegáreis, resfolegaram; resfolegarei, resfolegarás, resfolegará, resfolegaremos, resfolegareis, resfolegarão; resfolegaria, resfolegarias, resfolegaria, resfolegaríamos, resfolegaríeis, resfolegariam; resfolga, resfolegai; resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfoleguemos, resfolegueis, resfolguem; resfolegasse, resfolegasses, resfolegasse, resfolegássemos, resfolegásseis, resfolegassem; resfolegar, resfolegares, resfolegar, resfolegarmos, resfolegardes, resfolegarem; **resfolegar,** resfolegando, resfolegado.

Nota. — *Resfolgar* é forma contrata e vigente de *resfolegar*, e exclusivamente usada quando sôbre a vogal temática recai a *tônica*, o que acontece nas mesmas pessoas e tempos que nos do antecedente.

DAR

Dou, dás, dá, damos, **dais,** dão; dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam; dei, deste, deu, demos, destes, **deram;** dera, deras, dera, déramos,

déreis, deram; darei, darás, dará, daremos, dareis, darão; daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam; dá, dai; dê, dês, dê, dêmos, deis, dêem; desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem; der, deres, der, dermos, derdes, derem; **dar,** dando, dado.

2.ª Conjugação

CABER

Caibo, cabes, cabe, cabemos, **cabeis,** cabem; cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam; coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, **couberam;** coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam; caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão; caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam; cabe, cabei; caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam; coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem; couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem; **caber,** cabendo, cabido.

CRER

Creio, crês, crê, cremos, **credes,** crêem; cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; cri, creste, creu, cremos, crestes, **creram;** crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão; creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam; crê, crede; creia, creias, creia, creamos, creais, creiam; cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem; **crer,** crendo, crido.

Nota. — Como êste conjuga-se — *ler.*

DIZER

Digo, dizes, diz, dizemos, **dizeis,** dizem; dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, **disseram;** dissera, disseras, dissera, disséramos, dissereis, disseram; direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam; dize, dizei; diga, digas, diga, digamos, digais, digam; dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem; disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem; **dizer,** dizendo, dito.

FAZER

Faço, fazes, faz, fazemos, **fazeis,** fazem; fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; fiz, fizeste, fêz, fizemos, fizestes, **fizeram;** fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; farei, farás, fará, faremos, fareis, farão;

faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam; faze, fazei; faça, faças, faça, façamos, façais, façam; fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem; **fazer**, fazendo, feito.

PODER

Posso, podes, pode, podemos, **podeis**, podem; podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam; pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, **puderam**; pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam; poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão; poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam; possa, possas, possa, possamos, possais, possam; pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem; puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem; **poder**, podendo, podido.

Nota. — Vieira usou no imperativo êste verbo na seguinte frase: *Se quereis ser onipotente, podei sòmente o justo e o lícito.*

PRAZER

Praz; prazia; prouve; prouvera; prazerá; prazeria; praza; prouvesse; prouver; prazer; prazendo. Por êste se conjugam os verbos *aprazer* e *desprazer*.

Nota. — Sôbre o verbo *aprazer*, observa Constâncio: — "Diz-se também *aprouvermos*; bons autores disseram: *aprazes*, *aprazem*, e não há razão para não se dizer: *aprazerei, aprazerás, aprazeremos*, etc., e *apraza* no subjuntivo". — Os nossos antigos diziam: *praz-vos*? (= *plait-il*, franc.)

Comprazer é pessoal e regular, não seguindo o seu simples *prazer* senão na 3.ª pessoa do indicativo: *compraz*. Há vacilação na conjugação dêste verbo: alguns gramáticos, como o ilustre Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, o conjugam como o seu simples: — *comprouve, comprouvesse, comprouve* etc., *comprouvera, comprouvesse, comprouver*.

QUERER

Quero, queres, quer, queremos, **quereis**, querem; queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, **quiseram**; quisera, quiseras, quisera. quiséramos, quiséreis, quiseram; quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam; queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem; **querer**, querendo, querido.

Nota. — Vieira usou do imperativo dêste verbo na frase seguinte: — *Querei só o que podeis, e sereis onipotentes.* — *Quere* é a forma que em

Portugal preferem o Sr. G. Viana, o Sr. A. G. de Vasconcelos e o Sr. Cândido de Figueiredo para a 3.ª pessoa do presente do indicativo, e também *requere*. No Brasil são estas formas arcaicas, que só podem reaparecer quando se lhes segue o pronome oblíquo — *o, a, os, as*: *quere-o, requere-o*, se bem que A. Herculano, mesmo neste caso, guarde a forma *quer* com antítese do *r*: "Os teus vassalos o querem: quê-lo o teu povo" (*L. e N.*, t. I. p. 88.) — O verbo *requerer* afasta-se do seu simples na 1.ª pessoa do presente do indicativo — *requeiro*, e no pretérito perfeito do indicativo, em que se regulariza: — *requeri, requereste, requereu*, etc., e nos tempos derivados dêste: *requerera, requeresse, requerer*.

SABER

Sei, sabes, sabe, sabemos, **sabeis**, sabem; sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam; soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, **souberam**; soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam; saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão; saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam; sabe, sabei; saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam; soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem; souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem; **saber**, sabendo, sabido.

TRAZER

Trago, trazes, traz, trazemos, **trazeis**, trazem; trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam; trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, **trouxeram**; trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram; trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão; traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam; traze, trazei; traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam; trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem; trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes trouxerem; **trazer**, trazendo, trazido.

VER

Vejo, vês, vê, vemos, **vêdes**, vêem; via, vias, via, víamos, víeis, viam; vi, viste, viu, vimos, vistes, **viram**; vira, viras, vira, víramos, víreis, viram; verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam; vê, vêde; veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; vir, vires, vir, virmos, virdes, virem; **ver**, vendo, visto.

Nota. — Por êste verbo se conjugam todos os seus compostos, exceto *prover*, que segue o paradigma regular no pretérito perfeito e seus derivados, e no particípio passado; exs.: *provi, proveste, proveu*, etc.; *provera, proveras, provera*, etc.; *provesse, provesses, provesse*, etc.; *provido*. Nos outros tempos segue a conjugação do verbo *ver*.

3.ª Conjugação

242. Cumpre observar entre os verbos irregulares desta conjugação dois tipos de anomalias fornecidos pelos verbos que têm na penúltima sílaba **e** e **o**. Sirvam de exemplos os verbos *ferir* e *progredir, dormir* e *sortir*. O 1.º *tipo* ou grupo, tendo por paradigmas *ferir* e *dormir*, só muda essas vogais temáticas em **i** e **u** na 1.ª pessoa do presente do indicativo e em tôdas as do presente do subjuntivo ; e o 2.º *tipo* ou grupo, tendo por paradigmas *progredir* e *sortir*, muda as vogais temáticas em **i** e **u** nas três pessoas do singular e na 3.ª do plural do indicativo, na 2.ª do singular do imperativo e em tôdas as do presente do subjuntivo.

1.º TIPO

FERIR

Firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem ; fira, firas, fira, firamos, firais, firam.

Seguem êste paradigma:

Aderir, vestir, advertir, despir, mentir, sentir, refletir, repetir, seguir, sugerir, gerir, digerir, ingerir, convergir, preterir, repelir, impelir, competir, discernir, divergir, inserir, imergir, servir, emergir, inerir.

DORMIR

Durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem ; durma, durmas, durma, durmamos, durmais, durmam.

Seguem êste paradigma:

Cobrir e tossir

2.º TIPO

PROGREDIR

Progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem; progride, progredi; progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.

Seguem êste paradigma:

Agredir, transgredir, prevenir, remir, denegrir, serzir.

SORTIR

Surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem; surte, sorti; surta, surtas, surta, surtamos, surtais, surtam.

Seguem êste paradigma:

Cortir, ordir, poir.

Nota. — *Remir* e *redimir* são formas do mesmo verbo. Esta, porém, substitui aquela, sempre que houver confusão com as formas do verbo *rimar*, isto é, no presente do indicativo (exceto na 1.ª e 2.ª pessoa do plural), no presente do subjuntivo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo.

SUBIR

243. A irregularidade dos verbos desta classe, que têm **u** na penúltima sílaba, consiste apenas na mudança desta vogal em **o**, na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, e, conseguintemente, na 2.ª pessoa do singular do imperativo, ex. :

Subir : subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem; sobe.

Seguem êste paradigma :

Bulir, engolir, fugir, cuspir, acudir, sacudir, sumir, destruir, construir, exceto *instruir, obstruir,* que são regulares.

Nota. — Já foram regulares êstes verbos, pois escreviam nossos clássicos : *fuge, sume, sube, construe, destrue* e gramáticos há que ainda consideram tais êstes dois últimos.

PEDIR

244. A irregularidade dêste verbo consiste apenas em mudar a última consoante do *tema* em *ç*, na 1.ª pessoa do presente do indicativo e em tôdas as pessoas do presente do subjuntivo, ex. :

Pedir : peço, pedes, etc.; peça, peças, peça, peçamos, etc.

Assim se conjugam: *ouvir, medir, impedir, despedir, expedir.*

Nota. — *Impedir, desimpedir, despedir* e *expedir* não são compostos do verbo *pedir*, e só por uma falsa analogia se conjugam êles hoje pelo verbo *pedir*. Vieira e os nossos antigos clássicos escreviam : — *impido, despido, expido,* modelando a sua conjugação pelo verbo *ferir*. "Com esta última advertência vos despido, ou me despido de vós, meus peixes". (A. V.) — Sei o que digo quando pão pido (Prov.) — Existem na língua os verbos *empecer, empeçar, desempeçar,* que poderiam confundir-se com os verbos *impedir* e *desimpedir* no presente do indicativo e do subjuntivo como, por exemplo, neste trecho, de Sá de Miranda :

Onde há homens há cobiça
Cá e lá tudo ela *empeça*,
Se a santa, se a igual justiça
Não corta, não *desempeça*
O que a má malícia enliça.

ATRAIR

245. A irregularidade desta classe só consiste na inserção de um *i* eufônico na 1.ª pessoa do presente do indicativo e, conseguintemente, em tôdas as pessoas do presente do subjuntivo.

Atrair : atraio, atrais, atrai, atraímos, atraís, atraem; atraia, atraias, atraia, atraiamos, atraiais, atraiam.

IR

Vou, vais, vai, vamos ou imos, **ides,** vão; ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; fui, fôste, foi, fomos, fôstes, **foram;** fôra, foras, fôra, fôramos, fôreis, foram; irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam; vai, ide; vá, vás, vá, vamos, vades, vão; fôsse, fôsses, fôsse, fôssemos, fôsseis, fôssem; fôr, fores, fôr, formos, fordes, forem; **ir,** indo, ido.

RIR

Rio, ris, ri, rimos, **rides,** riem; ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam; ri, riste, riu, rimos, ristes, **riram;** rira, riras, rira, ríramos, ríreis, ríram; rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão; riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam; ri, ride; ria, rias, ria, riamos, riais, riam; risse, risses, risse, ríssemos, ríssseis, rissem; rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem; **rir,** rindo, rido.

VIR

Venho, vens, vem, vimos, **vindes,** vêm; vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; vim, vieste, veio, viemos, viestes, **vieram;** viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam; vem, vinde; venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem; **vir,** vindo, vindo.

Por êstes se conjugam os verbos — *avir, desavir, malavir, convir.*

Nota. — Devemos, pois, dizer: *Vós lá vos avindes — Eles lá se avenham. — Eles se desavieram e estão desavindos. — Não lhes basta para miséria o andarem quase sempre malavindos com a fortuna?* (A. C.) — Êrro grosseiro é confundir-se *avir* com *haver* e dizer-se — *êles se desouveram* por *êles se desavieram.*

Verbos em *uzir*

246. A todos os verbos em *uzir* falta a desinência na 3.ª pessoa do presente do indicativo, sendo esta a única irregularidade: *traduz, luz, produz,* etc.

7. Particípios duplos

247. Muitos são os verbos, nas três primeiras conjugações, que, além da forma regular do particípio passado, possuem outra irregular, como se vê nas listas abaixo:

1.ª Conjugação

INF. PRES.	PART. PASS. REG.	PART. PASS. IRR.
Aceitar,	aceitado,	aceito, aceite.
Afeiçoar,	afeiçoado,	afeto.
Agradar,	agradado,	grato.
Anexar,	anexado,	anexo.
Aprontar	aprontado,	pronto.
Arrebatar,	arrebatado,	rapto.
Assentar,	assentado,	assente.
Benquistar,	benquistado,	benquisto.
Botar,	botado,	bôto (embotado).
Cativar,	cativado,	cativo.
Cegar,	cegado,	cego
Circuncidar,	circuncidado,	circunciso.
Compaginar,	compaginado,	Compacto.
Completar,	completado,	completo
Condensar,	condensado	condenso.
Confessar,	confessado,	confesso.
Concretar,	concretado,	concreto.
Cultivar,	cultivado,	culto.
Curvar,	curvado,	curvo
Densar,	densado,	denso.

INF. PRES.	PART. PASS. REG.	PART. PASS. IRR.
Descalçar,	descalçado,	descalço.
Despertar,	despertado,	desperto.
Dispersar,	dispersado,	disperso.
Entregar,	entregado,	entregue.
Enxugar,	enxugado,	enxuto.
Estreitar,	estreitado,	estreito.
Excetuar,	excetuado,	exceto (*hoje preposição*).
Escusar,	escusado,	escuso.
Expressar,	expressado,	expresso.
Expulsar,	expulsado,	expulso.
Extremar,	extremado,	extremo (*adjetivo*).
Faltar,	faltado,	falto.
Fartar,	fartado,	farto.
Findar,	findado,	findo.
Fixar,	fixado,	fixo.
Ganhar,	ganhado.	ganho.
Gastar,	gastado,	gasto.
Ignorar,	ignorado,	ignoto.
Infetar,	infetado,	infeto.
Infestar,	infestado,	infesto.
Inquietar,	inquietado,	inquieto.
Juntar,	juntado,	junto.
Libertar,	libertado,	liberto.
Limpar,	limpado,	limpo.
Livrar,	livrado,	livre.
Malquistar,	malquistado,	malquisto.
Manifestar,	manifestado,	manifesto.
Matar,	matado,	morto.
Misturar,	misturado,	misto.
Molestar,	molestado,	molesto.
Murchar,	murchado,	murcho.
Ocultar,	ocultado,	oculto.
Pagar,	pagado,	pago.
Pegar,	pegado,	pêgo.
Professar,	professado,	professo.
Quedar,	quedado,	quêdo.
Quietar,	quietado,	quieto.
Quitar,	quitado,	quite.
Rejeitar,	rejeitado,	rejeito (*ant.*).
Requisitar	requisitado,	requisito.
Salvar,	salvado,	salvo
Secar,	secado,	sêco.
Segurar,	segurado,	seguro.
Sepultar,	sepultado,	sepulto.
Situar,	situado,	sito.
Soltar,	soltado,	sôlto.

INF. PRES.	PART. PASS. REG.	PART. PASS. IRR.
Sujeitar,	sujeitado,	sujeito.
Suspeitar,	suspeitado,	suspeito.
Suxar,	suxado,	suxo.
Vagar,	vagado,	vago.
Voltar,	voltado,	vôlto.

2.ª Conjugação

Absolver	absolvido,	absolto ou absoluto.
Absorver,	absorvido,	absorto.
Acender,	acendido,	aceso.
Agradecer,	agradecido,	grato.
Atender,	atendido,	atento.
Benquerer,	benquerido,	benquisto.
Benzer,	benzido,	bento.
Conceder,	concedido,	concesso (*ant.*).
Conhecer,	conhecido,	cógnito.
Conter,	contido,	conteúdo (*ant.*).
Convencer,	convencido,	convicto.
Converter,	convertido,	converso.
Corromper,	corrompido,	corrupto.
Cozer,	cozido,	cozeito ou coito (*ant.*).
Defender,	defendido,	defeso.
Desenvolver,	desenvolvido,	desenvolto.
Deter,	detido,	deteúdo (*ant.*).
Devolver,	devolvido,	devoluto.
Dissolver,	dissolvido,	dissoluto.
Dizer,	dizido (*desus.*),	dito.
Eleger,	elegido,	eleito.
Encher,	enchido,	cheio.
Envolver,	envolvido,	envolto.
Esconder	escondido,	escuso.
Escorrer,	escorrido,	escorreito.
Escrever,	escrevido (*desus.*),	escrito.
Escurecer,	escurecido,	escuro.
Estender,	estendido,	extenso.
Fazer,	fazido (*desus.*),	feito.
Incorrer,	incorrido,	incurso.
Interromper,	interrompido,	interrupto.
Manter,	mantido,	manteúdo (*ant.*).
Morrer,	morrido,	morto.
Nascer,	nascido,	nado ou nato.
Pender,	pendido,	penso.
Perverter,	pervertido,	perverso.
Prender,	prendido,	prêso.

INF. PRES.	PART. PASS. REG.	PART. PASS. IRR.
Propender,	propendido,	propenso.
Querer,	querido,	quisto.
Reconhecer,	reconhecido,	recógnito.
Recozer,	recozido,	recoito (*ant.*).
Refranger,	refrangido,	refrato.
Remover,	removido,	remoto.
Repreender,	repreendido,	repreenso.
Resolver,	resolvido,	resoluto.
Reter,	retido,	reteúdo (*ant.*).
Retorcer,	retorcido,	retorto.
Revolver,	revolvido,	revôlto.
Romper,	rompido,	rôto.
Solver,	solvido,	soluto.
Submeter,	submetido,	submisso.
Subtender,	subtendido,	subtenso.
Surpreender,	surpreendido,	surprêso.
Suspender,	suspendido,	suspenso.
Tanger,	tangido,	tato.
Tender,	tendido,	tenso.
Ter,	tido,	teúdo (*ant.*).
Tolher,	tolhido,	tolheito (*ant.*).
Torcer,	torcido,	torto.
Volver,	volvido,	vôlto (*ant.*).

3.ª Conjugação

Abrir,	abrido (*desus.*),	aberto.
Abstrair,	abstraído,	abstrato.
Adquirir,	adquirido,	aquisto.
Afligir,	afligido,	aflito.
Aspergir,	aspergido,	asperso.
Assumir,	assumido,	assunto.
Cingir,	cingido,	cinto.
Coagir,	coagido,	coato.
Cobrir,	cobrido (*desus.*),	coberto.
Compelir,	compelido,	compulso.
Comprimir,	comprimido,	compresso.
Concluir,	concluído,	concluso.
Confundir,	confundido,	confuso.
Contrair,	contraído,	contrato.
Contundir,	contundido,	contuso.
Convelir,	convelido,	convulso.
Corrigir,	corrigido,	correto.
Difundir,	difundido,	difuso.

INF. PRES.	PART. PASS. REG.	PART. PASS. IRR.
Diluir,	diluído,	diluto.
Digerir,	digerido,	digesto.
Dirigir,	dirigido,	direto.
Distinguir,	distinguido,	distinto.
Distrair,	distraído,	distrato.
Dividir,	dividido,	diviso (*pouco usado*).
Erigir,	erigido,	ereto.
Excluir,	excluído,	excluso.
Exaurir,	exaurido,	exausto.
Eximir,	eximido,	exento.
Expelir,	expelido,	expulso.
Exprimir,	exprimido,	expresso.
Extinguir,	extinguido,	extinto.
Extorquir,	extorquido,	extorto.
Extrair,	extraído,	extrato.
Fingir,	fingido,	ficto.
Frigir,	frigido,	frito.
Haurir,	haurido,	hausto.
Iludir,	iludido,	iluso.
Imprimir,	imprimido,	impresso.
Incluir,	incluído,	incluso.
Induzir,	induzido,	induto.
Infundir,	infundido,	infuso.
Inserir,	inserido,	inserto.
Instruir,	instruído,	instruto.
Introduzir,	introduzido,	introduto.
Obtundir,	obtundido,	obtuso.
Omitir,	omitido,	omisso.
Oprimir,	oprimido,	opresso.
Possuir,	possuído,	possesso.
Recluir,	recluído,	recluso.
Remitir,	remitido,	remisso,
Repelir,	repelido,	repulso.
Reprimir,	reprimido,	represso.
Restringir,	restringido,	restrito.
Submergir,	submergido,	submerso.
Suprimir,	suprimido,	supresso.
Surgir,	surgido,	surto.
Tingir,	tingido,	tinto.

248. Sôbre os PARTICÍPIOS DUPLOS importa observar:

1. Em geral emprega-se a forma REGULAR, que fica *invariável*, com os auxiliares TER e HAVER, na *voz ativa*, e a forma IRREGULAR, que se torna *variável*, com os auxiliares SER e ESTAR, na *voz passiva*, exs.: — *Eu tenho aceitado a oferta* —

A oferta é aceita por mim. — Eu tenho salvado e fui salvo. — Êle tem convencido seus leitores e não : *Êle tem convicto seus leitores. — Êle tem matado e foi morto.*

Todavia os particípios irregulares — *pago, ganho, gasto, eleito, frito, impresso, salvo,* podem empregar-se na *voz ativa* com os verbos *ter* e *haver.*

Tendo caído em desuso as formas regulares — *fazido, escrevido, abrido, cobrido,* são usadas na *ativa* e na *passiva* suas formas irregulares — *feito, escrito, aberto, coberto.*

Por semelhante modo muitas formas regulares como, p. ex., *aceitado, ganhado, gastado, fritado, imprimido, elegido, sujeitado, envolvido, acendido, ocultado,* etc., podem ser empregadas na *passiva* com os verbos *ser* e *estar.*

2. As formas irregulares são formas CONTRATAS, e são freqüentemente empregadas como meros adjetivos, sem fôrça verbal, isto é, sem fôrça de particípio : *homem cego, prazo findo, trem expresso, densa mata, bentos anjos, carga pensa.*

Alguns, até, só se empregam como meros adjetivos, tais são : — *completo, difuso, confuso, escuso, concreto, estreito, inquieto, malquisto, escuro,* etc.

3. *Morto, vôlto, grato, infeto* e *expresso* são particípios irregulares de — *matar, voltar, agradar, infetar* e *expressar,* e de — *morrer, volver, agradecer, inficionar* e *exprimir. Exceto* passou para a categoria das preposições.

II. QUANTO AO SUJEITO

249. Em relação ao seu sujeito, os verbos classificam-se em : — ATIVO, PASSIVO, REFLEXIVO e NEUTRO.

250. Verbo ativo é o que expressa preeminentemente uma ação praticada pelo sujeito que, neste caso, se diz *agente* da ação verbal, exs.: — *Êles feriram o inimigo. — Eu abri a porta. — Pedro vem da cidade. — O pássaro voa. — A lebre corre.*

Os verbos — *feriram, abri, vem, voa, corre,* exprimem uma ação concientemente praticada pelos respectivos sujeitos.

251. Verbo passivo é o que expressa uma ação recebida pelo sujeito que, neste caso, se diz *paciente* da ação verbal, exs.: *O inimigo foi ferido por êles. — A porta foi aberta por mim.*

Os verbos — *foi ferido, foi aberta,* indicam uma ação recebida pelos respectivos sujeitos.

252. Não há em português forma *simples* ou *sintética* para o verbo passivo, como havia no latim e no grego. O que se chama verbo passivo não é mais que a *voz passiva* dos verbos ativos-transitivos. De três processos se vale a língua para indicar a *passividade*.

1.º Com os verbos SER e ESTAR e o PARTICÍPIO PASSADO VARIÁVEL de certos verbos ativos, por ex.: *ferir* = SER FERIDO ou FERIDA, ESTAR FERIDO ou FERIDA; *abrir* = SER ABERTO ou ABERTA, ESTAR ABERTO ou ABERTA.

2.º Com o pronome SE, que se diz então PARTÍCULA APASSIVADORA, tôdas as vêzes que o sujeito não fôr o agente da ação verbal, ou por ser inanimado ou porque o sentido mostra que êle é apenas o *paciente*. Exs.:

Cortam-se árvores. — Aluga-se esta sala. — Compram-se livros usados. — Convidam-se os estudantes a reunirem-se no Largo de São Francisco. — O amigo se conhece nos transes apertados.

3.º Na forma ativa do infinito, como complemento de certos adjetivos, exs.: *osso duro de roer* (= *de ser roído), lição fácil de aprender* (= *de ser aprendida.*)

Nota. — Além de SE, as formas ME, TE, NOS, VOS, podem, ainda que mais raramente, indicar passividade, exs.: *Eu me chamo Antônio. — Nós nos batizamos na Sé.*

253. Verbo reflexivo é o verbo ativo quando exprime uma ação praticada e recebida pelo próprio sujeito, que é, por isso, simultâneamente AGENTE e PACIENTE, exs.: — *Eu me firo, tu te feres, êle se fere — ferir-se.*

Não há igualmente forma especial para o reflexivo, e tal verbo outra coisa não é senão a *voz reflexa* dos verbos ativos-transitivos.

Obs. — O português, como o latim, não possui forma simples ou sintética para os verbos REFLEXIVOS. O grego possui uma forma especial, chamada *voz média* ou *reflexa*, que pouco se diferencia da forma passiva. No português, como no latim, para indicarmos o sentido *reflexo* (*reflectere* = *dobrar*), em que a ação verbal como que se dobra sôbre o próprio sujeito que a pratica, valemo-nos de um pronome oblíquo da mesma pessoa que o sujeito.

Consideradas em sua essência — diz Bournouf — a média e a passiva têm um caráter comum: é exprimirem que a ação recai sôbre o *sujeito*. Há, porém, entre elas a seguinte diferença: a *média* indica uma ação feita pelo próprio sujeito, e a *passiva* uma ação feita por outro. Não é, pois de admirar que se confundam muitas vêzes gradações tão próximas.

254. O verbo REFLEXIVO denomina-se PRONOMINAL por vir sempre acompanhado de um PRONOME oblíquo da mesma pessoa que o sujeito, pronome que tem por função indicar a reflexibilidade.

255. Os verbos PRONOMINAIS dividem-se em duas categorias: PRONOMINAIS ESSENCIAIS e ACIDENTAIS.

256. PRONOMINAL ESSENCIAL é o verbo que nunca aparece na frase desacompanhado dêsse pronome oblíquo, como: *arrepender-se, condoer-se, abster-se, queixar-se, dignar-se, indignar-se*, etc.

Nota. — A reflexibilidade dêstes verbos é quase imperceptível, por isso lhes chama Andrés Bello *quase-reflexos*. Em — *eu me arrependo, êle se queixa*, os pronomes — *me, se*, não indicam claramente uma reflexão da ação verbal sôbre o respectivo sujeito, mas apenas uma revolução do sujeito sôbre si mesmo.

257. PRONOMINAL ACIDENTAL é o verbo ativo quando aparece na frase acompanhado de pronome oblíquo, que claramente determina a reflexibilidade da ação verbal, exs.: *amar-se, envergonhar-se, louvar-se, refletir-se, assentar-se, pôr-se*, etc. Exs.:

Junto dos rios de Babilônia nos assentamos e pusemos a chorar, lembrando-nos de Sião.

Obs. — Cumpre distinguir, entre os verbos pronominais, os verbos chamados RECÍPROCOS. Quando dois ou mais sujeitos praticam a ação verbal entre si, o *pronome oblíquo*, que indica esta reciprocidade de ação, e o *verbo* dizem-se RECÍPROCOS, exs.: *Pedro e Paulo feriram-se reciprocamente. — Nós nos ofendemos um ao outro. —Saudai-vos uns aos outros.* — Se a êstes verbos quiséssemos dar valor *reflexo*, teríamos de dizer: *Pedro e Paulo feriram-se a si próprios. — Nós nos ofendemos a nós mesmos*, etc.

Assim os verbos *reflexos* e *recíprocos* se confundem, e para se evitar a *ambigüidade* é necessário juntarem-se ao verbo RECÍPROCO as expressões *reciprocamente, um ao outro* ou *uns aos outros*, e ao REFLEXIVO — *a si próprios a nós próprios, a vós mesmos.*

258. Verbo neutro (lat. *neuter* = *nem um nem outro*) é o verbo que não é *ativo*, nem *passivo*, pois enuncia apenas um estado ou qualidade do sujeito que, neste caso, não é *agente* nem *paciente*, tais os verbos: *ser, estar, ficar, viver, morrer, dormir, cair.*

Nota. — A designação de verbos neutros é tomada aos gramáticos latinos, que compreendiam nesta categoria os verbos intransitivos, como: O *pássaro* VOA — a *lebre* CORRE.

Obs. — Os verbos neutros não deveriam ter forma passiva nem reflexa, pelo fato de serem *neutros*. Aparece, todavia, freqüentemente, em bons escritores, o pronome oblíquo *se* unido a verbos neutros. *Êle se morre por laranjas.* — *De poesia se vive entre êstes aldeãos* (A. C.) — *Êle se foi embora.* São estas formas semelhantes às dos verbos pronominais essenciais, e o pronome *se*, como ensinam os gramáticos, indica uma certa *espontaneidade* do sujeito. E' também comum encontrar-se o pronome *se* junto a verbos neutros com sujeito indeterminado, exs.: *Mal, com que hoje pela generalidade* SE *vive familiarizado* (A. C.) — *Queremos ir ao céu, mas não queremos ir por onde* SE *vai ao céu* (A. V.) — *Do alto pode-*SE *cair ao baixo, do baixo pode-*SE *cair ao ínfimo; mas do ínfimo, que é o último, não* SE *pode cair, porque não há para onde* (Id.) — *Vive-se.* — *Passeia-se.* O pronome *se* tem neste caso por função indicar a indeterminação do agente. Na Sintaxe estudaremos êste fenômeno gramatical. — Muitas vêzes elegantemente se empregam os auxiliares — *ser* e *estar*, em vez de *ter* e *haver*, com certos verbos *neutros*: *E' chegado o tempo* = *Tem chegado o tempo.* — *Não era ela ainda nascida* = *Não tinha ela ainda nascido.*

III. QUANTO AO COMPLEMENTO

259. Em relação ao complemento, os verbos classificam-se em: TRANSITIVO, INTRANSITIVO, RELATIVO, TRANSITIVO-RELATIVO e de LIGAÇÃO.

260. Transitivo ou OBJETIVO é o verbo ativo de *predicação incompleta*, cuja ação passa diretamente do SUJEITO, que é o seu *agente*, para um OBJETO, que é o seu *paciente*, exs.: *O atirador feriu* O ALVO. — *Êle ama* SUA PÁTRIA.

A ação expressa pelos verbos *feriu* e *ama*, praticada pelos sujeitos — *O atirador* e *Êle*, é recebida pelos *objetos* — *o alvo* e *sua pátria*.

261. Êstes recipientes da ação verbal, que caracterizam os verbos transitivos, chamam-se COMPLEMENTOS OBJETIVOS ou OBJETOS DIRETOS.

Obs.

a) Dizem-se *diretos*, porque se prendem ao verbo diretamente, isto é, sem preposição, que é o liame natural dos complementos que se chamam *indiretos*. Todavia, quando o objeto direto é nome de pessoa ou ente animado, pode ligar-se ao verbo por meio da preposição *a*, exs.: *Bruto assassinou César* ou *a César*. — *O caçador feriu o tigre* ou *ao tigre*.

b) Conhece-se fàcilmente o verbo transitivo e o seu objeto direto, podendo formular-se depois do verbo tomado com seu sujeito a pergunta — o QUÊ? se se trata de coisa e — QUEM? se se trata de pessoa, como, p. ex.: *Bruto assassinou — quem?* Resposta: *a César*. — *O caçador feriu — o quê?* Resposta: *ao tigre*. A resposta é o OBJETO DIRETO, e o verbo que admite a pergunta é TRANSITIVO.

c) Os verbos desta classe dizem-se *verbos de predicação incompleta*, visto que o *predicado*, que êles exprimem, tem sentido incompleto, sem a enunciação dêsse complemento *pedido* pela significação transitiva do verbo.

262. Verbo intransitivo ou SUBJETIVO é o verbo ativo ou neutro de *predicação completa*, cuja AÇÃO fica no sujeito, e que, tendo sentido completo em si, não exige complemento nenhum, exs.: *O homem nasce, vive e morre*. — *A águia voa nas nuvens e dorme nos altos rochedos*.

Nota.

a) Os verbos — *nasce, vive, morre, voa* e *dorme* são verbos *intransitivos*, pois não pedem *objetos*, nem qualquer outro complemento para seu sentido cabal. Os complementos — *nas nuvens* e *nos altos rochedos* não são *pedidos* ou *exigidos* pelos respectivos verbos — *voa* e *dorme*, que sem êles têm sentido inteligível ou completo.

b) São chamados êstes verbos de *predicação completa*, visto que exprimem o predicado de sentido completo.

263. Verbo relativo é o verbo de *predicação incompleta* que pede um têrmo de relação, chamado COMPLEMENTO TERMINATIVO ou OBJETO INDIRETO, para que tenha sentido completo; tais os verbos — *depender, gostar, obedecer, corresponder, vir, ir*, etc. Exs.:

Isto não depende DE MIM. — *Gosto* DE ESTUDAR. — *Obedecemos* ÀS ORDENS. — *Êle correspondeu* À GENTILEZA. — *Venho* DA CIDADE. — *Vou* PARA A EUROPA.

Nota. — A êstes verbos chamam alguns gramáticos *transitivos indiretos*, e ao complemento terminativo dão o nome de *objeto indireto*.

264. **Transitivo-relativo** é o verbo de *predicação duplamente incompleta*, que, como transitivo e relativo, reclama dois complementos para lhe inteirarem o sentido, um OBJETIVO DIRETO, e outro INDIRETO ou COMPLEMENTO TERMINATIVO, tais os verbos :

Dar, contar, dizer, levar, oferecer, receber, atribuir, etc.: — *Êle deu uma esmola a um pobre.* — *Contei o fato à autoridade.* — *Recebemos uma carta de nossos pais.* — *Levamos, oferecemos, atribuímos, dizemos alguma coisa a alguém.*

Nota. — *Bitransitivo* (duplamente transitivo) é o nome que a esta classe de verbos preferem dar alguns gramáticos.

265. **Verbo de ligação** ou CONECTIVO é o verbo de *predicação incompleta*, que prende ao sujeito um têrmo, que lhe completa ao mesmo tempo a sua predicação, p. ex. : *a flor é bela*, onde *bela*, ligado ao sujeito *flor* pelo verbo *é*, o qualifica, ao mesmo tempo que completa a predicação do verbo. Tal têrmo exerce, pois, a dupla função de *complemento completivo* ou *adjunto subjetivo* e *predicativo*. Entram nesta classe os verbos — *ser, estar, andar, ficar, permanecer* e outros. *Pedro é, está, anda, fica, permanece rico.*

Obs. — Freqüentemente um verbo de *predicação incompleta* é empregado com *predicação completa* e vice-versa : *Pedro não* ESTUDA, *e* CORRE *tôda a cidade.* — *Quem* DÁ, RECEBE. — *Tróia já não* É. — *Êle* FICOU e ela FOI-SE. — *A criança já* ANDA. — Além disso, certos verbos podem mudar de categoria, como — *cumprir o dever* ou *com o dever, usar luvas* ou *de luvas, precisar isto* ou *disto*. Na Sintaxe estudaremos êstes casos.

IV. QUANTO À SIGNIFICAÇÃO

266. Em relação a certa modalidade significativa, classificam-se alguns verbos em : — IMITATIVOS, FREQÜENTATIVOS, INCOATIVOS, AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS.

267. Verbos imitativos são os verbos que, derivados de substantivos, exprimem ação imitativa da qualidade ou estado inerente aos sêres designados por êsses substantivos. Exs. :

Subst.	Verbo	Subst.	Verbo
balança	balançar e balancear	pavão	pavonear
		corvo	corvejar
vespa (bespa)	abespinhar-se	parra	esparralhar
grilo	engrilar	pritiga	empritigar e empertigar-se
bigode	bigodear		
cabra	cabrejar	pai	patrissar
cão	encanizar-se	pátria	patrizar
caçapo (= coelho)	acaçapar	Tântalo	tantalizar
caranguejo	caranguejar	grego	grecizar
gato	engatinhar	judeu	judiar e judaizar
gralha	gralhar	latim	latinizar
papagaio	papaguear	mouro	mourejar
pato	patinhar	serpente	serpentear

Obs. — E' excessivamente rica a língua portuguêsa em verbos imitativos ou onomatopaicos, devendo entrar nesta classe os que imitam os sons das coisas e os gritos dos animais, como : — *estrondar, sibilar, roncar, gaguejar, chiar, chilrear, ciciar, chuchar, chupistar, frigir, pipitar, pipilar, miar* (gato), *mugir* (boi), *ganir* (cão), *grunhir* (porco), *grasnar* (pato), *crocitar* (corvo), *arrulhar* (rôla), *cacarejar* (galinha), *coaxar* (rã), *bramir* (leão), *zurrar* (jumento), *urrar* (touro), *coinchar* (leitão), *uivar* (lôbo), *regougar* (rapôsa)

268. Verbos freqüentativos ou ITERATIVOS são os que exprimem a ação *reiterada* ou *freqüente*. Além das formas perifrásticas com *andar, estar* e o *gerúndio*, já estudadas (230), existem formas sintéticas de verbos freqüentativos simples, derivados de nomes e verbos, com as terminações — *ejar, ear, itar, inhar*. Exs. :

bravo	bravejar	doido	doidejar
alma	almejar	voltar	voltejar e voltear
bordo	bordejar	badalar	badalejar
bôca	bocejar, boquejar, boquear	cravar	cravejar
		estalar	estalejar
cabeça	cabecear	espanar	espanejar
pestana	pestanejar	balançar	balancear
palma	palmejar palmear	tornar	tornear
		saltar	saltear, saltitar
couce	escoucear escoucinhar	passar	passear
		pé	pisar e espezinhar

Nota. — As terminações *ejar* e *ear* trazem a idéia de *aumento*, e as terminações *inhar* e *itar* a idéia de *diminuição*. A idéia *freqüentativa* da terminação é, não raro, reforçada pela forma *perifrástica*, exs.: *O navio anda bordejando.* — *Ele andava espezinhando e escoucinhando a vida alheia.* São estas expressões duplamente freqüentativas.

269. Verbos incoativos (lat. *inchoare* = *começar*) são os que indicam princípio de ação ou estado. Além das formas perifrásticas com *ir*, *vir* e o *gerúndio*, já estudadas (231), existem formas *sintéticas*, oriundas, em geral, de nomes, com a terminação *ecer* ou *escer*. Muitos dêstes verbos têm a forma freqüentativa. Exs.:

		FORMA FREQÜENTATIVA	FORMA INCOATIVA
De	alvo	alvejar	alvorecer
„	bravo	esbravejar	embravecer
„	claro	clarear	esclarecer
„	velho	avelhentar	envelhecer
„	flor	florear	florescer
„	raiva	(raivar)	enraivecer
„	doido	doidejar	endoidecer

Nota. — O *incoativo* pode ser reforçado pela forma perifrástica, por ex.: *Os campos vão florescendo.* — *O mar vai embravecendo.*

270. Verbos aumentativos são verbos *derivados* ou *compostos*, cuja significação é encarecida ou exagerada para mais, como se vê abaixo:

atenazar (atanazar)	atenazear	mexer	mexelhar e remexer
estrondar	estrondear	bramar	rebramar
espalhar	espalhagar	contar	recontar
esmurrar	esmurraçar	crescer	recrescer
berrar	berregar	soar	ressoar
esbofetar	esbofetear	suar	tressuar
picar	espicaçar	pousar	repousar
ganir	esganiçar-se	torcer	retorcer e estorcer
perder	esperdiçar	fugir	refugir
cantar	descantar	inquietar	desinquietar

Nota. — A idéia *aumentativa*, como se pode ver, confunde-se freqüentemente com a idéia *freqüentativa*, e, além do processo da terminação ou *sufixo* apropriado, a língua encarece ainda a idéia verbal por meio dos *prefixos* **re, tres, des.**

271. Verbos diminutivos são verbos *derivados*, cuja significação é encarecida ou exagerada para menos, como se vê da lista de verbos que em seguida damos :

adoçar	adocicar	depenar	depenicar
beber	bebericar	tremer	tremelicar
chover	choviscar	saltar	saltitar
chupar	chupitar		saltarinhar
cuspir	cuspinhar	namorar	namoriscar
dormir	dormitar		namoricar
escorrer	escorropichar	ferver	fervilhar
lamber	lambiscar		

Nota. — Na exuberância derivativa de nossa língua, nem sempre se podem traçar limites rigorosos entre os verbos *incoativos, freqüentativos, aumentativos, diminutivos.* As diversas modalidades significativas dêsses verbos interpenetram-se.

Palavras inflexivas

1. ADVÉRBIO

272. Advérbio é a palavra invariável que tem por função modificar o ADJETIVO, o VERBO e o mesmo ADVÉRBIO, juntando-lhes alguma circunstância, p. ex. : *Muito* BOM, *muito* SOFRE, *muito* BEM.

Nota. — O *advérbio, preposição, conjunção* e *interjeição* constituem a classe das palavras *invariáveis*, chamadas *partículas.*

273. Quanto a seu *valor sintático*, os advérbios dividem-se em :

a) SIMPLES, isto é, simples advérbio — *aqui, hoje, talvez*, etc.

b) CONJUNTIVOS, isto é, que acumulam na frase o papel de *conjunção* : — *onde, quando, como, enquanto, entretanto*, etc.

Nota. — Os advérbios conjuntivos são geralmente classificados entre conjunções, exceto o locativo *onde.*

274. Os advérbios, quanto ao *sentido*, distribuem-se em tantas classes quantas as circunstâncias que indicam, tais são :

1. DE LUGAR: *aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, além, aquém, longe, perto, adiante, atrás, dentro, fora, onde, algures, nenhures, alhures, abaixo, acima.*

2. DE TEMPO: *hoje, ontem, amanhã, cedo, tarde, nunca, sempre, ora, agora, então, antes, depois, ainda, entrementes, presentemente, atualmente.*

3. DE MODO OU DE QUALIDADE: *bem, mal, assim, apenas, acinte, adrede, rente, cerce, ainda, alerta, também.* Em geral os terminados em — *mente*, formados de adjetivos: *sàbiamente, justamente, portuguêsmente*, etc.

4. DE QUANTIDADE: *muito, pouco, bastante, assaz, mais, menos, tão, quão, tanto, quanto, que, algo, quase, meio, metade, todo.*

5. DE ORDEM: *primeiro, primeiramente, secundàriamente, antes, depois.*

6. DE AFIRMAÇÃO: *sim, deveras, certamente.*

7. DE DÚVIDA: *talvez, quiçá, caso, acaso, porventura.*

8. DE NEGAÇÃO: *não, nunca, jamais, nada.*

9. DE DESIGNAÇÃO: *eis, eis-que, eis-aqui, eis-aí, eis-ali.*

Obs. — A terminação adverbial *mente* é o substantivo feminino *mente* com a significação de *maneira, intenção.* Mais tarde se justapôs ao adjetivo, perdendo o caráter de substantivo, conservando, entretanto, o adjetivo, sua flexão feminina. *Português* era outrora invariável em gênero, como tôda palavra terminada em *z, r* e *l*, e, por isso, forma-se hoje o advérbio — *portuguêsmente.* — O advérbio *eis* tem fôrça verbal latente de *haveis.*

275. Quanto à *forma*, os advérbios classificam-se em ADVÉRBIOS PRÒPRIAMENTE DITOS e LOCUÇÕES ADVERBIAIS:

a) ADVÉRBIOS PRÒPRIAMENTE DITOS são palavras *simples*, ou *compostas* de elementos justapostos, p. ex.: *não, sempre, adiante, talvez.*

b) LOCUÇÕES ADVERBIAIS são frases compostas de duas ou mais palavras, que exprimem uma das circunstâncias acima mencionadas. Exs.:

Às claras, às cegas, às tontas, às rebatinhas, à pressa, ao longe, à fôrça, à roda, a granel, a ocultas, a súbitas, a cavalo, à bala, a cacete, a esmo, a eito, à tripa fôrra, à uma, a fio, à sorrelfa, à socapa, a prumo, a ôlho, ao vivo, a tiro, de primeiro, de fôrça, de longe, de golpe, de roldão, de chôfre, de vagar, de indústria, de seguro, de gatinhas, de rôjo, de improviso, em barda, sem dúvida, com certeza, pouco a pouco, a pouco e pouco, de mais, nunca jamais, a seu tempo, a tempo, de tempos a tempos, de juro, de fato, pelo contrário, ao contrário, em breve, dentro em pouco.

276. Convém sôbre os advérbios observar o seguinte:

1. E' usual empregarem-se adverbialmente adjetivos na terminação masculina, p. ex.: *Êles falaram* ALTO e GROSSO. — DOCE *cantas,* DOCE *tanges.* — *O remo compassado fere* FRIO (C.)

2. Empregam-se, principalmente no estilo literário, *advérbios* e *locuções adverbiais latinas*, tais como : — *maxime*, *inclusive*, *infra*, *supra*, *retro*, *grátis*, *primo*, *secundo*, *bis*, *ex-abrupto*, *ex-ofício*.

3. Muitos advérbios são suscetíveis dos graus dos adjetivos, como : — *mais longe*, *menos longe*, *tão longe*, *muito longe*, *longíssimo*, *pertíssimo*, *melhor*, equivalente a *mais bem*.

Obs. — No estilo familiar dá-se o grau *diminutivo* a alguns advérbios: — *pertinho*, *longinho*, *cedinho*, *melhorzinho*, *pouquinho*, *bastantinho*. — Forma-se às vêzes o advérbio do superlativo absoluto: — *ligeiríssimamente*. — *Tarde*, *bem*, *mal*, quando precedidos de um *determinativo* ou *preposição*, são substantivos : — *esta tarde*, *de tarde*, *o mal e o bem*. — *Muito pouco*, *bastante*, *mais*, *menos*, *tanto*, *quanto*, quando modificam substantivos, são adjetivos : — *muito povo*, *mais amor* e *menos confiança*. — *Nada* é advérbio quando modifica adjetivo : *Êle não está* NADA *doente*. E' pronome junto a verbos : *Êle* NADA (= coisa nenhuma) *disse*. — NADA (= coisa nenhuma) *lhe sucedeu*. Neste caso é êle sujeito ou complemento do verbo. — *Algo* é também advérbio quando modifica adjetivo : *Êle está* ALGO (= *algum* tanto) *doente*. Nos outros casos é pronome e significa *alguma coisa*. *Onde* e seus compostos — *aonde* e *donde*, são advérbios CONJUNTIVOS, pois fazem o papel de conjunção ; na mesma classe incluem alguns gramáticos — *quando*, *como*, etc. — *Que* é advérbio quando modifica um adjetivo equivalente a *quão* : — QUE (= quão) *belo é êste espetáculo*. — *Meio*, *metade*, são substantivos que funcionam às vêzes como advérbios, p. ex.: *porta meio aberta* ou *metade aberta*.

PREPOSIÇÃO

277. **Preposição** é uma pequena palavra invariável, que se põe entre duas outras para ligá-las, subordinando a segunda à primeira, p. ex. : *Livro* DE *Pedro*, *amor* À *pátria*, *ferido* POR *êle*.

As palavras subordinantes — *livro*, *amor*, *ferido*, chamam-se TÊRMOS ANTECEDENTES e as subordinadas — *Pedro*, *pátria*, *êle*, chamam-se CONSEQÜENTES. O *conseqüente* se diz *complemento* ou *regime* da preposição, e a preposição com seu regime se diz *complemento* do *antecedente*. E', pois, característico da preposição ligar sempre um complemento a um têrmo antecedente.

278. As preposições, quanto ao *sentido*, classificam-se como os advérbios, conforme as circunstâncias ou as relações

que indicam. As principais *relações* indicadas pelas preposições são : — *tempo, lugar, causa, modo, meio, fim.* Elas se diferençam, porém, dos *advérbios*, em serem *conectivas*, ao passo que o *advérbio* é, como o *adjetivo*, uma palavra apenas *modificadora*.

279. Quanto à *forma*, as preposições dividem-se em PREPOSIÇÕES PRÒPRIAMENTE DITAS E LOCUÇÕES PREPOSITIVAS.

a) As principais PREPOSIÇÕES PRÒPRIAMENTE DITAS são : *a, ante, após, até, com, contra, conforme, consoante, de, desde, durante, em, entre, exceto, mediante, para, por, per, sem, sôbre, sob, salvo, segundo, trás.*

Nota. — *Conforme, salvo, consoante, segundo, mediante,* são adjetivos usados eventualmente como preposição. *Durante* e *exceto* são *particípios* que no português atual só funcionam como preposições.

b) As LOCUÇÕES PREPOSITIVAS são : — *além de, aquém de, de fora, depois de, dentro de, dentro em, até a (= até), ao modo de, à maneira de.*

Nota. — A preposição PER usa-se hoje sòmente na frase *de per si*, e nas contrações com o artigo, *pelo, pela, pelos, pelas.*

3. CONJUNÇÃO

280. Conjunção é uma palavra invariável que liga duas orações entre si, ou *coordenando* ou *subordinando* a segunda à primeira, p. ex. : *Quem és* E *donde vens?* — *Desejo* QUE *venhas.* — *A fé* E *a caridade são virtudes.*

Obs. — No último exemplo a conjunção E parece ligar palavras (*fé e* caridade) ; porém há realmente aí duas orações, que são : *A fé é virtude* E *a caridade é virtude.* Algumas frases há, entretanto, que não se podem resolver em duas orações, p. ex.: *Três* E *três são seis.* — *Pedro* E *Paulo são amigos.* Nestas frases a conjunção exerce a função de preposição, e equivale a *com*: — *Três com três são seis. Pedro com Paulo são amigos.*

281. Quanto ao *valor sintático*, as conjunções dividem-se em :

a) SIMPLES, isto é, simples conjunção : *e, ou, mas, que, se.*

b) ADVERBIAIS, isto é, as que conservam seu valor de advérbio: *quando, como, quanto, enquanto, entretanto, finalmente, assim.*

282. Quanto à *forma*, as conjunções são SIMPLES — *e, ou, mas, que;* ou COMPOSTAS, chamadas LOCUÇÕES CONJUNTIVAS — *por conseguinte, logo que, exceto se.*

283. Quanto à *significação*, classificam-se as conjunções em — COORDENATIVAS e SUBORDINATIVAS.

Coordenativas

284. **Conjunções coordenativas** ou de APROXIMAÇÃO são as que ligam orações que têm a mesma função na frase, p. ex.: — *Vim* E *venci.* — *Quero que venha* E *que fique.*

285. Das COORDENATIVAS contam-se *seis espécies:*

1.ª **Aproximativas** ou COPULATIVAS, que ligam aproximando meramente duas orações: — *e, nem, também, não só... mas, então, bem como, que* (= *e*). Ex.:

E ninguém lho disse, *nem* dirá (G.) — Êle soube, *também*, se não soubesse, seria reprovado. — *Não só* a família deve ser amada, *mas* a pátria. — Êle ama a família, *bem como* a pátria. — Mêdo guarda a vinha, *que* não vinhateiro.

Nota. — *Também* é advérbio que assume eventualmente o caráter de conjunção. *Nem* é às vêzes advérbio: "*Nem* remorsos me ficaram cá dentro". (A. H.)

2.ª **Alternativas** ou DISJUNTIVAS, que ligam duas orações que exprimem idéias alternadas: *ou, ou... ou, já... já, ora... ora.* Exs.:

A boda *ou* a batizado não vás sem ser convidado. — *Ou* vais *ou* ficas. — Êle *já* chora, *já* ri. — A maré *ora* sobe *ora* desce.

3.ª **Adversativas**, que ligam orações de sentido adverso ou contrário: *mas, porém, todavia, contudo, senão, aliás, sòmente.* Exs.:

Êle canta, *mas* não entoa. — Caiu, *porém* não se machucou. — Trabalhou muito, *todavia* ou *contudo* não conseguiu nada, senão (conseguiu) o reconhecimento de sua incapacidade. — Não dá quem tem, *senão* quem quer bem. — Êle saiu, *aliás*, aqui estaria. — Tudo o que êle tem está em tuas mãos, *sòmente* não estendas a tua mão contra êle (A. P.)

4.ª **Continuativas** ou TRANSITIVAS, que ligam orações exprimindo apenas uma continuação do discurso ou transição de pensamento: *pois*

(prepositiva), *pois bem, ora, entretanto, no entanto, daí, depois, além disso, além de que* ou *do que, com efeito, demais, de mais a mais, outrossim.* Exs.:

A ociosidade é a mãe de todos os vícios; *ora* os vícios são a ruína do corpo e do espírito; *entretanto* quantos moços não são criados no seio de abastada ociosidade? *Daí* (conclusiva) a causa de chorarem muitos pais a ruína de sua descendência, *pois* em tempo não providenciaram. *Com efeito*, a falta de disposição para o trabalho é a causa de muitas desgraças.

5.ª **Conclusivas** ou ILATIVAS, que ligam exprimindo uma conclusão ou ilação: *logo, pois* (pospositiva), *portanto, assim, então, por conseguinte, por conseqüência, por onde, conseguintemente, porisso, daí.* Exs.:

Êle estudou, *logo* sabe. — Entregou-se ao vício, está, *pois*, perdido. — A vida é breve; *portanto*, aproveitemos o tempo. — Seja, *pois*, como quereis. — És inteligente, *porisso* sair-te-ás bem. — Êle estudou, deve *então* saber.

6.ª **Explicativas**, que ligam explanando na segunda oração o sentido da primeira; *ou, isto é, por exemplo* (*p. ex.*), *a saber, verbi-gratia.* Exs.:

São Paulo *ou* a Paulicéia é uma bela cidade. — Aprendamos a língua materna, *isto é*, fortaleçamos o mais sagrado laço de nossa nacionalidade. — *Isto é, p. ex., a saber, verbi-gratia*, são encarados por alguns como meras locuções adverbiais.

Subordinativas

286. Conjunções subordinativas são as que ligam duas orações, subordinando a segunda à primeira, p. ex.: *Entrei* QUANDO *êle saiu.*

Nota. — As conjunções desta segunda classe denominam-se *circunstanciais*, pois, como já acontece com as da primeira classe, são em geral advérbios que assumem função conectiva.

287. Das SUBORDINATIVAS, contam-se *nove espécies*, a saber:

1.ª **Temporal** ou PERIÓDICA, que liga indicando idéia de tempo: *quando, enquanto, como, apenas, mal, que, desde que, logo que, até que, antes que, depois que, assim que, sempre que, senão quando, ao tempo que, ao passo que.* Exs.:

Quando o ferro está acendido, então há de ser batido. — Não olhes para o vinho *quando* se mostra vermelho, *quando* resplandece no copo e se escoa suavemente. — *Como* êle entrou eu saí. — *Apenas* deu o sinal, rompeu o fogo. — *Mal* saí, êle chegou. — Já cinco sóis eram passados, *que* dali nos partíramos. — *Enquanto* o pau vai e vem, folgam as costas. — Caminhávamos, *senão quando* se apresenta diante de nós um cavaleiro. —

Antes que o galo cante a segunda vez, me hás de tu negar três vêzes (A. P.) — *Ao tempo que* êle chegava, correu a notícia. — Êle entrava *ao passo* que eu saía.

2.ª **Condicional**, que liga exprimindo uma condição : *se, salvo se exceto se, contanto que, sem que, a não ser que, a menos que.* Exs.:

Irei, *se* puder. — Não farei, *salvo se* êle ordenar. — Lá estarei, *exceto se* for impedido. — Farei, *contanto que* êle não se oponha. — Não começarei, *sem que* êle esteja presente. — Vou, *a não ser que* seja impedido. — Não sairei, *a menos que* êle chegue.

3.ª **Causal**, que liga exprimindo circunstância de causa ou motivo *porque, que (= porque), pois que, porquanto, visto que, visto como, uma vez que, como, já que, de modo que.* Exs. :

A flor encanta, *porque* é bela. — Êle foi absolvido, *porquanto* se justificou. — Não mais, Musa, não mais, *que* a lira tenho destemperada, e a voz enrouquecida (C.). — Ela existe, *visto que* eu existia (A. C.) — Exijo-o, *uma vez que* assim o quer. — *Como* temos oportunidade, examinemos o caso. — *Já que* assim o querem, assim o tenham. — Êle guardou, *de modo que* não lhe viesse a faltar.

4.ª **Final**, que liga exprimindo uma circunstância de fim : *para que, que (= para que), a fim de que, porque.* Exs. :

Agora trata de dispor as coisas, *para que* não seja um dia inútil o dia de amanhã (A. H.) — Tu que as gentes da terra tudo enfreias, *que* (= *para que*) não passem o têrmo limitado (C.). — *Porque* seus filhinhos prôva de alimentos, ir dali a Águia não ousa. (*Fab.*, pág. 95).

5.ª **Modal**, que liga indicando circunstância de modo: *como, assim como, bem como, como que, segundo, conforme, consoante.* Exs. :

Sêde símplices *como* as pombas (são símplices), e astutos *como* as serpentes (A. P.) — Ela morreu *como* (morre) a flor. — Filho és e pai serás, *assim como* fizeres, assim acharás. — *Como* dente quebrado e pé desengonçado, é a confiança no desleal em tempo de angústia. — *Bem como* cresce a erva dos telhados, prospera o ímpio. — Êle fez *segundo, conforme* ou *consoante* foi mandado. — Nas frases — *êle foi eleito como deputado, foi recebido como chefe*, e outras semelhantes, a conjugação *como* (= *na qualidade de*) anda roçando pelo domínio da preposição e como tal alguns a consideram.

6.ª **Concessiva**, que liga indicando uma concessão : *embora, quando mesmo, ainda que, pôsto que, por mais que, por menos que, por pouco que, mesmo que, se bem que, dado que, em que (= ainda que), seja que... seja que, quer... quer, conquanto.* Exs. :

Embora busques, não acharás — Ficarei, *ainda que* vás. — Não te limparás, *quando mesmo* te laves com água de nitro. — *Em que* pese a todos não irei. — *Dado* que êle ceda, eu não cederei. — *Seja que* êle vá, *seja que* êle fique, eu irei. — *Quer* chova, *quer* não chova, eu seguirei.

7.ª **Consecutiva**, que liga denotando conseqüência ou resultado. E' ela a conjunção *que* quando liga a um advérbio, adjetivo ou substantivo, de significação intensiva ou relativa, tais como — *tal, tamanho, tão, modo, sorte,* etc., nas locuções — *de modo, de sorte, de jeito* ou *de tal modo, de tal maneira, de tal arte.* Exs.:

Tal foi a sua audácia, *que* ninguém lhe resistiu. — De tal modo amou, *que* se entregou à morte. — Trabalhou de tal maneira, *que* conseguiu. — Morreram-lhe dois, de sorte *que* lhe ficou um. — Tamanho foi o golpe, *que* êle sucumbiu. — Voou tão alto, *que* o perdi de vista. — Nunca fui à sua casa, *que* o não achasse estudando. — Não correu muito tempo, *que* a vingança o não alcançasse.

8.ª **Correlativa**, que liga a um têrmo que a sugere: (tal) *qual, assim como,* (tanto) *quanto,* (tão) *quão, que.* Exs.:

Portou-se tal, *qual* não convinha. — *Assim como* a bonina, tal morreu a pálida donzela. — Fêz êle tanto, *quanto* pôde. — E' êle tão forte, *quão* corajoso. — Vinha tão temerosa, *que* pôs nos corações grande mêdo.

9.ª **Integrantes**, que ligam inteirando a significação *relativa* ou *transitiva* de algum têrmo da proposição antecedente: *que, quando, como.* Exs.:

Sei *que* vem, mas não sei *quando* ou *como* vem. — E' preciso *que* estudes — Convém *que* trabalhes. — Isto depende de *que* sejas diligente.

Esta classe inclui as conjunções:

A) **Comparativas**: E' êle tão sábio *como* Salomão, mais forte *que* Sansão e mais corajoso *do que* Davi. — O herói foi tão valente *quão* magnânimo, e fez tanto *quanto* podia.

B) **Dubitativa**: Não sei *se* virá.

Obs. — Poucas são as conjunções originais: a maior parte é constituída por *advérbios* que, eventual ou habitualmente, assumem a função conectiva de conjunção. Além disso, não é rigorosa esta classificação, pois a mesma conjunção pode entrar em várias categorias, conforme o sentido.

4. INTERJEIÇÃO

288. Interjeição é a palavra invariável que exprime os afetos vivos e súbitos da alma, como a dor, a alegria, o espanto, etc.

289. Quanto à *significação*, as interjeições classificam-se, pelos afetos que exprimem, em interjeição de:

1. DOR: — *ai! ui!*
2. ALEGRIA: — *ah! oh! eh!*

3. DESEJO — *oxalá! oh! tomara!*
4. ANIMAÇÃO: — *eia! sus! coragem!*
5. APLAUSO: — *bem! bravo! apoiado!*
6. AVERSÃO: — *ih! chi! irra! apre!*
7. APÊLO — *ó! olá! psit! pitsiu! halô!*
8. SILÊNCIO: — *chiton! caluda! psio! tá!*

EXS.: *Eia, sus, ó rei, às armas* (G. D.) — *Ai de ti, Moab! pereceste. povo de Camos!* (A. P.) — *Tá, Pedro, embainha a espada* (A. V.)

290. Há interjeições *imitativas* ou *onomatopaicas*, p. ex.: *chape, zás, trás.*

291. Quanto à *forma*, as interjeições classificam-se em SIMPLES — *ai, oh!* e COMPOSTAS OU LOCUÇÕES INTERJETIVAS — *aqui d'el-rei! coitado de mim!*

OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS

292. Classificadas e estudadas as palavras isoladamente em seu elemento ideológico, podemos ainda classificá-las, do ponto de vista comparativo, em relação a certas *analogias* de FUNÇÃO, FORMA, bem como de SIGNIFICAÇÃO e OPOSIÇÃO de *sentido.*

Analogia de função

293. Em relação à ANALOGIA DE SUAS FUNÇÕES, as palavras podem distribuir-se em três grupos:

1.º PALAVRAS NOMINATIVAS, que têm por função *nomear* os sêres, tais são: o *substantivo* e o *pronome.*

2.º PALAVRAS MODIFICATIVAS, que têm por função *modificar* outras palavras, tais são: o *adjetivo*, o *verbo* e o *advérbio.*

3.º PALAVRAS CONECTIVAS, que têm por função *ligar* ou *relacionar* outras palavras entre si, tais são: a *preposição*, a *conjunção*, o *verbo de ligação*, o *pronome* e o *advérbio conjuntivo.*

294. Em relação à ANALOGIA DE FORMA, podemos distribui-las igualmente em três grupos: HOMÔNIMAS, PARÔNIMAS e COGNATAS.

1.° HOMÔNIMAS (gr. *homos* = *o mesmo*, *onyma* = *nome*) são as palavras análogas na forma e diversas na significação, p. ex.: *amo* (verbo) e *amo* (dono de casa), *cesta* e *sexta*.

A homonímia pode dar-se em relação aos *fonemas* e às *letras*; daí duas espécies de homônimas — HOMÓFONAS e HOMÓGRAFAS:

a) HOMÓFONAS (gr. *homos*+*phonê* = *o mesmo som*) são palavras diferentes na significação e idênticas no som, quer escritas com as mesmas letras, quer não. Exs.:

acético	ascético	cerva	serva
acender	ascender (subir)	cédula	sédula (cuidadosa)
acento	assento	cessão	sessão
acêrto	asserto (afirmação)	côcho	coxo
arrear (ajaezar)	arrear (a bandeira)	concelho	conselho
área	ária	condeça	condessa
arrochar	arroxar	coser	cozer (cozinhar)
apreçar	apressar	empoçar	empossar (de posse)
bucho	buxo	hera	era
caça	cassa	laço	lasso
cartucho	cartuxo	paço	passo
cegar	segar	ruço	russo
maça	massa	tacha	taxa
pelo (contr.)	pêlo (subst.)	tenção	tensão
remissão	remição	têsto	texto
cela	sela	vadeação	vadiação
censo	senso	vadear	vadiar
cerrar (fechar)	serrar	sede	cede

b) HOMÓGRAFAS (gr. *homos*+*grapho* = *a mesma grafia*) são palavras diferentes na significação e idênticas na forma escrita, embora possa haver diferença na *qualidade* e *tonicidade* das vogais. Exs.:

livre (adj.)	livre (verbo)	demos (pret. perf.)	dêmos (pres. subj.)
lêste (verbo)	leste (subst.)	sábia (adj.)	sabiá, sabia (verb.)
vêde (ver)	vede (vedar)	cara	cará

sêde (verbo)	sede (subst.)	pêgo (part. pas.)	pego (pres. ind.)
trago (tragar)	trago (trazer)	pegada (subst.)	pegada (part. pas.)
vimos (ver)	vimos (vir)	seria (verbo)	séria (adj.)
vira ver)	vira (virar)	molho (verbo)	môlho (subst.)
amara	amará		

2.º PARÔNIMAS (gr. *para* = *próximo*) são palavras diversas na significação e parecidas na forma. Exs.:

atuar	atoar	desapercebido	despercebido
arrolhar	arrulhar	diferimento	deferimento
consolar	consular	descrição	discreção
descriminar	discriminar	estofar	estufar
degradar	degredar	impotável	imputável
dessecar	dissecar	insolar	insular
despensa	dispensa	mantilha	matilha
dessentir	dissentir	moleta	muleta
desfear	desfiar	mugir	mungir
denodar	denudar	mortal	murtal
estorvar	estrovar	praga	plaga
intercepção	intercessão	pear	piar
invicto	invito	pastoral	pastural
enervar	enevar	série	sério
enformar	informar	treplicar	triplicar
enristar	enrostar	têrço	terso
envolver	evolver	tonante	tunante
entender	intender	trocar	trucar

3.º COGNATAS são as palavras que pertencem à mesma família ou grupo morfológico, isto é, *derivadas* de um mesmo tema com uma raiz ou radical comum. Exs.:

FERRO, FÉRR*eo*, FERR*ar*, FERR*eiro*, FERR*agem*, FERR*ador*, FERR*adura* FERR*aria*, FERR*ôlho*, FERR*amenta*, FERR*ugento*, FERR*uginoso*, *a*FERR*olhar*

Analogia e oposição de sentido

295. Certas palavras apresentam entre si significação análoga e outras sentido oposto: daí as palavras SINÔNIMAS e ANTÔNIMAS.

1. SINÔNIMAS (gr. *syn* = *com*, *onyma* = *nome*) são palavras *diversas* na forma e *idênticas* ou *semelhantes* na significação. Da identidade ou semelhança de sentido provêm:

a) Sinônimos perfeitos: *lábio* e *beiço*, *cara* e *rosto*, *léxico* e *dicionário*, *mortal* e *letal*, *habitar* e *morar*, *avaro* e *avarento*.

b) Sinônimos imperfeitos: *olhar* e *ver*, *cavalo* e *corsel*, *bom* e *misericordioso*, *sábio* e *erudito*.

2. Antônimas são palavras *diversas* na forma e *opostas* na significação: *dia* e *noite*, *bem* e *mal*, *amar* e *odiar*, *sim* e *não*, *pró* e *contra*, *com* e *sem*.

Obs. — Quanto à *significação*, as palavras podem ainda ser tomadas no sentido próprio, como, p. ex.: *pé, cabeça, braço*, falando-se das partes do corpo humano; ou no sentido translato ou figurado, como, p. ex.: *pé de vento, cabeça de revolta, braço da revolução*. Tôdas as vêzes que uma palavra é desviada de seu sentido natural, primitivo, *próprio*, e é aplicada a designar um objeto diferente do primitivo, adquire um sentido chamado *figurado* ou *translato*.

Modêlo de análise taxeonômica

Pelos frutos se conhece a árvore, porquanto não colhem os homens uvas dos espinhos, nem figos dos abrolhos.

Pelos	Contração da preposição *per* com o artigo definido masculino, plural, *os*. Homônimo (homógrafo): *pêlo* substantivo.
frutos	Substantivo concreto, comum ou apelativo, primitivo, simples, positivo, masculino, plural. Forma feminina = *fruta*. Palavras cognatas: *frutuoso, frutífero*. Palavra *nominativa*.
se	Pronome pessoal, 3.ª pessoa, caso oblíquo, reflexivo. Partícula apassivadora, por não ser o sujeito (*a árvore*) *agente* da ação verbal, mas *paciente*. — Palavra *nominativa*.
conhece	Verbo da 2.ª conjugação, presente do indicativo, 3.ª pessoa singular, regular, tem a anomalia gráfica dos verbos em *cer*, devendo o *c* tomar uma cedilha antes de *o* e *a*; ativo, transitivo, voz passiva. Sinônimo: *saber*. — Palavra *modificativa*.
a	Adjetivo determinativo articular definido ou artigo definido, feminino singular. — Palavra *modificativa*.
árvore	Substantivo concreto, apelativo, primitivo, positivo, feminino, singular. Palavras cognatas: *arvoredo àrvorezinha*. — Palavra *nominativa*.

PORQUANTO	Conjunção subordinativa causal, composta. — Palavra *conectiva*.
NÃO	Advérbio de negação, simples. — Palavra *modificativa*.
COLHEM	Verbo da 2.ª conjugação, presente do indicativo, 3.ª pessoa do plural, ativo, transitivo, voz ativa. — Palavra *modificativa*.
OS	Artigo definido, masculino, plural. — Palavra *modificativa*.
HOMENS	Substantivo concreto, primitivo, simples, positivo, apelativo, masculino, plural; feminino = *mulher*, aumentativo = *homenzarrão*, diminutivo = *homenzinho*; *sujeito* de *colhem*.
UVAS	Substantivo concreto, apelativo, primitivo, simples, positivo, feminino, plural. — Palavra *nominativa*. Parônima: *ovas*.
DOS	Contração da preposição *de* com o artigo definido masculino plural, *os*.
ESPINHOS	Substantivo concreto, apelativo, primitivo, simples, positivo, masculino, plural. — Palavra *nominativa*. Palavras cognatas: *espinhar*, *espinheiro*.
NEM	Conjunção coordenativa, aproximativa, negativa. — Palavra *conectiva*.
FIGOS	Substantivo concreto, apelativo, primitivo, positivo, masculino, plural. — Palavra *nominativa*. — Parônima: *figa*.
DOS	Já analisado.
ABROLHOS	Substantivo concreto, apelativo, primitivo, positivo, masculino, plural. Não se usa no singular. — Palavra *nominativa*. Sinônimos: *cardos*, *urzes*.

Exercício analítico

Filho és, e pai serás; assim como fizeres, assim acharás. — Quem não cansa, alcança. — Sofra-se quem penas tem, que atrás do tempo, tempo vem. — Com o bom sol se estende o caracol. — O hábito não faz o monge. — Dêem ofício ao vilão: conhecê-lo-ão. — Mal me querem as comadres, porque lhes digo as verdades. — Ainda que enterrem a verdade, a virtude não se sepulta. — Não é vilão o da vila, senão o que faz vilanias. — Com vilão de beetria não te metas em porfia. — Quanto não valem aos reis salvo-condutos da majestade (A. V.). — Com a rapidez da cólera ou da peste corre por todos os ângulos de Portugal (A. H.).

Etimologia

296. Etimologia é a parte da MORFOLOGIA que estuda a *origem* e a *formação* do *léxico*, isto é, do vocabulário da língua.

Obs. — O português é a transformação do latim popular, através de 2.000 anos, mais ou menos. A conquista da Península Ibérica pelos romanos, 200 anos antes da E. C., determinou a evolução lenta do latim popular ou castrense (*castra* = *quartéis*), falado pelos soldados das legiões conquistadoras, e modificado paulatinamente, em seus sons e formas, pelas populações conquistadas, até constituir-se na bela língua que serve de veículo aos nossos pensamentos. Por esta razão, é o português chamado DIALETO ou FILHO do latim, IRMÃO do *espanhol*, do *italiano* e do *francês*, línguas que com a nossa se dizem *românicas* ou *novo latinas*, por se prenderem tôdas ao latim, que é a LÍNGUA-MÃE ou LÍNGUA-MATRIZ.

O modesto vocabulário que nos forneceu o latim popular foi prodigiosamente aumentado, no decurso de sua evolução histórica, de três modos:

1.° Por DERIVAÇÃO e COMPOSIÇÃO POPULAR.

2.° Por FORMAÇÃO ERUDITA.

3.° Por IMPORTAÇÃO ESTRANGEIRA.

297. À *Gramática Histórica* pertence o estudo da origem e evolução dos vocábulos no tempo e no espaço, e a determinação, por meio de um exame histórico-comparativo, das leis glóticas que presidiram a essa evolução. A *Gramática Expositiva* estuda apenas, na Etimologia, os processos de DERIVAÇÃO e COMPOSIÇÃO.

298. No estudo dêste duplo processo importa que se conheçam os elementos MÓRFICOS ou MORFOLÓGICOS das palavras, isto é, o *tema*, *radical* ou *raiz* e os *afixos*.

299. Tema, RADICAL ou RAIZ é a parte central da palavra não só quanto à *forma material*, mas ainda quanto à *idéia* ou *significação*; e AFIXOS são sílabas que se agregam ao início ou ao final do *tema* para lhe modificarem o sentido, p. ex.: *reformar* = *re*+*form*+*ar*; FORM é o *tema*, RE e AR são os *afixos*.

Obs. — A palavra *raiz* pertence mais ao estudo da gramática histórica e indica mais particularmente o elemento primordial e irredutível da pa-

lavra, podendo não coincidir com o *tema*, p. ex.: *ferruginoso* = ferr+ugin +*oso*; o *tema* é FERRUGIN e a *raiz* FERR. O *tema* é, às vêzes, a expansão ou alongamento da raiz. Max Müller, tomando a palavra — *històricamente*, chega à raiz *id* = *his*; tira primeiro o sufixo adverbial *mente*, depois o sufixo adjetivo *ica* (= lat. *cus*), depois o sufixo *tor* = *dor*, que indica o *agente*, e encontra a forma irredutível *his* ou, antes, *id*. Êste estudo, porém, mais aprofundado dos elementos morfológicos das palavras escapa ao domínio da gramática expositiva.

300. Os AFIXOS dividem-se em PREFIXO, que é o elemento mórfico *preposto* ao *tema*, e SUFIXO, que é o elemento *posposto*; assim em — *re+form+ar*, *trans+form+ista*, *a+punhal+ado*, *com+padr+inho*, RE, TRANS, A, COM, são *prefixos*, e AR, ISTA, ADO, INHO, são *sufixos*.

DERIVAÇÃO

301. Derivação, em geral, é o processo pelo qual de umas palavras se originam outras chamadas DERIVADAS. Em relação a estas chamam-se aquelas PRIMITIVAS.

302. Há dois processos de derivação:

1.ª DERIVAÇÃO PRÓPRIA. 2.ª DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA.

Derivação própria

303. A DERIVAÇÃO PRÓPRIA faz-se por meio de SUFIXOS que, aglutinados ao *tema* das palavras *primitivas*, lhes modificam a significação, determinando-a, p. ex.: *guerr+a*, *guerr+ear*, *guerr+eiro*, *guerr+ilha*.

304. Os SUFIXOS têm significação própria, pois trazem sentido novo à palavra primitiva; porém êste valor significativo, esta vida própria, só se revela em conjunção com o TEMA. Separado do tema, o sufixo não tem vida própria.

Nota. — A terminação da palavra PRIMITIVA não se chama *sufixo*, porém mera *desinência*, como, p. ex., a última vogal de *ferr +o*, *guerr +a*.

305. Os sufixos são — NOMINAIS ou VERBAIS; aquêles formam nomes *substantivos* e *adjetivos*, e êstes, *verbos*.

Nota. — Existe apenas um sufixo ADVERBIAL que é — *mente*: *justamente*.

306. No estudo a que vamos proceder, dessas várias classes de sufixos, procuraremos grupá-los em famílias ideológicas, em vez de estudá-los em ordem alfabética, como geralmente fazem os gramáticos. Êsse estudo por grupo de idéias é um estudo comparativo, e, por isso, parece-nos sistemático e fecundo.

SUFIXOS NOMINAIS

Substantivos

307. Os substantivos podem derivar-se, por meio de sufixação *nominal*, de substantivos, de adjetivos ou de verbos, conforme a origem do tema a que se aglutina o sufixo.

1. **Sufixos** designativos de coleção:

-aria, -eria: — pedraria, livraria, infantaria, cavalaria, vozeria, loteria, grosseria.
-ada: — boiada, rapaziada, vacada, manada.
-edo: — figueiredo, vinhedo, arvoredo, silvedo, lajedo.
-al: — figueiral, laranjal, cafezal, feijoal, bambual, algodoal, meloal, canavial.
-agem: — pelagem, folhagem, plumagem, roupagem, marinhagem.
-eiro: — braseiro, cancioneiro, berreiro, formigueiro.
-alha: — cordoalha, caniçalha, parentalha, miuçalha.
-ama: — dinheirama, courama, mourama.
-ame: — cordame, vasilhame, raizame, pelame.
-ume: — cardume, tapume.
-ulho: — pedregulho, bagulho.
-ena: — centena, novena.
-io: — rapazio, mulherio, brasio, gentio.
-ia: — penedia, clerezia, maresia.
-dade: — cristandade, humanidade, comunidade.

Obs. — Em muitas palavras, em vez da forma *-aria*, prefere-se a forma *-eria*, exs.: *bateria, vozeria, correria, bufoneria, galeria, lavanderia, parceria, sobranceria, poltroneria, leiteria.* Contesta o ilustre Sr. Cândido de Figueiredo, apoiado pelo douto catedrático da Universidade de Coimbra, o Dr. A. G. R. de Vasconcelos, a vernaculidade do sufixo *eria*, que tacha de corruptela francesa. Discordamos do abalizado dicionarista. O uso clássico, desde os primeiros tempos de nossa literatura, repele tal hipótese. O sufixo *-eria*, como atesta A. Coelho (*Dic. Etim. — correria*), é composto de *eiro+ia = eria*, pela condensação do ditongo *ei*

em *e*. Posteriormente, sob a influência do *r*, o *e* ter-se-ia convertido em *a* : *era* = *aria*, como *pera* em *para* (Gonçalves Viana, *Apost.* T. I, pág. 438.) O sufixo *-ia*, tônico, nos veio do grego, por intermédio do Cristianismo, como os sufixos *-ista*, *-ismo*, *-izar*. Assim os sufixos *-eria* e *-aria* são formas divergentes oriundas da contração de dois sufixos.

2. **Sufixos** designativos de AUMENTO :

— *ão* : portão, mulherão, brigão, grandalhão, comilão, raparigão, feanchão, narigão.
— *rão* : chapeirão, toleirão, asneirão, vozeirão, casarão, beberrão, santarrão.
— *zarrão* : homenzarrão, canzarrão.
— *aço* : mestraço, ministraço, poetaço, cartapaço.
— *aça* : barbaça, barcaça, vidraça.
— *astro* : poetastro, medicastro, criticastro.
— *ázio* : demonázio, copázio, balázio.
— *anzil* : corpanzil.
— *eiro* : cruzeiro.
— *alho* : vergalho, ramalho, espantalho.
— *alha* : muralha, fornalha, gentalha.
— *orra* : cabeçorra.
— *arra* : bocarra, naviarra.
— *anha* : montanha.
— *az* : canaz, lavraz, ladravaz, linguaraz, beberraz, doudaz, roaz, machacaz.

Nota. — Alguns dêsses aumentativos são derivados de temas verbais e não têm formas positivas, exs. : *comilão, brigão, beberrão, roaz*, etc. O sufixo — *ão* é o mais popular e produtivo ; nem sempre, porém, traz idéia aumentativa, como em — *cordão, cartão.*

3. **Sufixos** designativos de DIMINUIÇÃO :

— *inho* : portinho, mocinho, pintinho ou pintainho.
— *inha* : portinha, pocinha, mocinha, florinha, ervinha.
— *zinho* : cãozinho, montezinho, poçozinho.
— *zinha* : florzinha, partezinha, ervazinha.
— *ito* : canito, pequenito, granito, franganito.
— *ita* : senhorita, pequenita, Chiquita, florita.
— *ete* : cavalete, archete, pobrete, ramalhete, ramilhete.
— *eta* : valeta, maleta, lingueta, trombeta, ilheta.
— *ote* : fidalgote, meninote, saiote, velhote.
— *oto* : picoto, perdigoto.
— *ota* : Maricota, ilhota, velhota.
— *ilho* : peitilho, cintilho, gatilho, brocadilho, ramilho.
— *ilha* : vasilha, cartilha, mantilha, presilha, palmilha.
— *ino* : Antonino, pequenino.
— *im* : patim, fortim, flautim, camarim, mulherim.
— *ulo* : glóbulo, nódulo.

— *ula:* fórmula, espátula, célula.
— *culo:* pedúnculo, homúnculo, indículo, corpúsculo.
— *cula:* radícula, partícula, minúscula.
— *olo:* capréolo, nucléolo, bolinholo.
— *ola:* gloríola, aldeola.
— *el:* cordel, saquitel, canastrel, fardel, trouxel.
— *elo:* colunelo, portelo.
— *ela:* pagela, viela, costela.
— *elho:* francelho, folhelho.
— *elha:* azelha, chavelha.
— *ejo:* lugarejo, quintalejo, casalejo.
— *ebre:* casebre.
— *eco:* livreco, ministreco, padreco.
— *eca:* folheca, padreca.
— *ico:* burrico, abanico, namorico.
— *ica:* florica, pelica.
— *isco:* chuvisco, pedrisco, lambrisco.
— *il:* pernil, covil, tamboril.
— *acho:* riacho, populacho, vulgacho, fogacho.
— *ucho:* papelucho, gorducho, pequerrucho.
— *ilo:* codicilo, mamilo.

Nota. — Em geral pode usar-se o sufixo *inho* ou *zinho* para a formação dos diminutivos populares: — *florinha* ou *florzinha, feixinho* ou *feixezinho, peixinho* ou *peixezinho.* Porém, se o substantivo termina por vogal oxítona ou *ditongo,* só se emprega *zinho:* — *sofàzinho, cafèzinho, pèzinho, paizinho, mãezinha, mãozinha, capitãozinho.* Com os proparoxítonos dá-se, em geral, o mesmo — *partìculazinha, alfândegazinha.*

4. **Sufixos** designativos de AGENTE:

— *dor:* andador, vendedor, partidor, escritor, *tor* = *dor:* (temas verbais.)
— *nte:* estudante, negociante, pretendente, presidente, servente, constituinte, ouvinte, poente (temas verbais.)

Nota. — As palavras desta última classe eram primitivamente particípios presentes, que passaram para a categoria de substantivos, tendo perdido a fôrça verbal. A êste sufixo, como ao antecedente, precede a vogal característica da conjugação.

— *ário,* — *ária,* — *eiro,* — *eira:* estatuário, lapidário, antiquário, boticário, caudatário, frascário, ginetário, hospitalário, operário, sectário, secretário, legionário, bibliotecário, — bibliotecária, secretária, — ferreiro, padeiro, serralheiro, copeiro, mineiro, lenheiro, madeireiro, cabeleireiro, barbeiro, pedreiro, caminheiro, sapateiro, — costureira, doceira.

Nota. — *Ário* é a forma erudita e *eiro* a popular de um mesmo sufixo: *ário* = *airo* = *eiro* — *primário* = *primairo* = *primeiro.* Da idéia de agente

passa o sufixo *eiro* à idéia de CAUSA PRODUTORA, isto é, da árvore que produz o fruto indicado pelo radical: PINHEIRO, PESSEGUEIRO, FIGUEIRA, LARANJEIRA.

— *ista:* cambista, jornalista, arquivista, droguista, capitalista, especialista, trocista, demandista, fumista, dentista, lojista, oculista. — Indica também adepto de sistema filosófico, religioso ou político: racionalista, positivista, romanista, calvinista, socialista, niilista, monarquista.

Nota. — O sufixo *ismo* denota o sistema: *racionalismo, positivismo, romanismo, calvinismo, socialismo.* Sôbre o sufixo *ista* observa Ayer que vem do latim tomado ao grego pelos escritores cristãos do império romano. O mesmo aconteceu com o sufixo *ismo.*

5. **Sufixos** designativos de AÇÃO OU RESULTADO DELA:

— *ção:* formação, armação, fundação, alegação, estremeção, correção, argüição, punição, posição (temas verbais.)

— *mento:* armamento, fundamento, casamento, doutoramento, estremecimento, oferecimento, agradecimento, ferimento, sentimento, argumento (temas verbais.)

— *ada:* facada, paulada, lançada, badalada, noitada, pincelada, colherada (temas nominais.)

6. **Sufixos** designativos de LUGAR:

— *douro,* — *doura:* matadouro, bebedouro, sangradouro, ancoradouro, babadouro, logradouro, sumidouro, estendedouro, lavadouro, — manjedoura (temas verbais.)

Nota. — Êste afixo tem também a forma *doiro* e *doira,* preferida em Portugal.

— *ário,* — *ária,* — *eiro,* — *eira:* herbário, erário, ovário, abecedário, vocabulário, cinerário, relicário, horário, dicionário, santuário, sacrário, — luminária, secretária, penitenciária, — arrieiro, agulheiro, carneiro, — lapiseira, carteira, fruteira, pedreira, nitreira, carneira.

Nota. — Êste sufixo indica também o agente, como vimos (307, 4), *estatuário, lenheiro.* Da idéia de lugar passa fàcilmente a indicar ainda a idéia de *coleção* dos objetos aí contidos: *vocabulário, abecedário, pedreira.*

— *ório:* dispensatório, cartório, escritório, conservatório, consistório, consultório, genuflexório, locutório, oratório purgatório, repositório.

7. **Sufixos** designativos de ESTADO, aglutinados a temas de adjetivos para a formação de substantivos abstratos:

— *ura:* alvura, brancura, altura, loucura, agrura, abertura, bravura, mistura, direitura, escritura, postura, tonsura.

— *eza,* — *ez:* beleza, presteza, justeza, ligeireza, alteza, braveza, viveza, baixeza, leveza, — viuvez, dobrez.
— *idade,* — *dade:* brevidade, facilidade, idoneidade, amabilidade, comunidade, latinidade, — ruindade, igualdade crueldade, beldade, bondade.
— *ice:* doidice, velhice, caduquice, mouquice, gulosice, meiguice, bernardice, doutorice.
— *ência:* prudência, malevolência, continência, assistência.

8. **Sufixos** designativos de ESTADO:

— *tura,* — *dura:* nunciatura, abreviatura, sindicatura, enviatura, quadratura, — ditadura (temas verbais.)
— *ite* (grego, inflamação de um órgão): laringite, cardite, gastrite, estomatite, hepatite.

9. **Sufixos** designativos de DIGNIDADE e PROFISSÃO:

— *ado,* — *ato:* marquesado, ducado, professorado, — baronato curato, generalato, diaconato.

Nota. — *Tura* e *ato*, *dura* e *ado*, são respectivamente formas eruditas e populares dos mesmos sufixos; o abrandamento do *t*, fonema dental forte, em sua homorgânica branda *d*, indica a corrente popular.

ADJETIVOS

308. Os adjetivos podem originar-se, por meio de sufixos derivativos, de temas *nominais* ou *verbais*.

1. **Sufixos** designativos de NATURALIDADE, ORIGEM, RELAÇÃO

— *ense,* — *ês:* amazonense, mato-grossense, espírito-santense, paraense, paranaense, maranhense, cearense, fluminense, caldense, bejense, conimbricense, bracarense, forense, hortense, — português, francês, inglês, piemontês, japonês, chinês, javanês, braguês, camponês, montanhês.
— *ano,* — *ão:* italiano, alagoano, sergipano, goiano, baiano, boliviano, peruano, mexicano, pernambucano, ribatejano, veneziano, franciscano, — alemão, catalão, lapão, beirão, bretão, saxão, sintrão, cristão.

Nota. — O sufixo *eiro* é sufixo substantivo, que indica o *agente* (307, 4.) *Brasileiro* era primitivamente o que comerciava em pau-brasil, como *mineiro* é o que trabalha em minas. Passando a região a chamar-se *Brasil* e *Minas*, seus derivados passaram naturalmente para a categoria de adjetivos pátrios. O mesmo se deu com *Campinas* e *campineiro*.

— *ino:* bizantino, levantino, argentino, beneditino, florentino, bragantino, alpino, platino.

— *io:* algarvio, sírio, egípcio, índio.
— *eno:* chileno, madrileno, santareno.
— *oto:* minhoto.
— *enho:* portenho, extremenho, ferrenho.
— *ista:* paulista, santista, nortista, lazarista.
— *engo:* flamengo (de Flandres), realengo, avoengo, judengo.
— *ático:* asiático, aquático, hanseático, lunático, indiático.
— *ico:* índico, aristocrático, brasílico, britânico, pérsico, melancólico, parabólico, simbólico, plúmbico.
— *aico:* judaico, hebraico, caldaico, romaico.
— *aco:* aríaco, austríaco, siríaco, egipcíaco.
— *al,* — *él,* — *il:* estadual, atual, visual, processual, pontual, anual, nominal, mensal, serviçal, — fiel, cruel, — civil, juvenil.
— *ar:* regular, militar, familiar, rudimentar, elementar.
— *eo:* vítreo, férreo, níveo, cesáreo.
— *esco:* senegalesco, brutesco, dantesco, principesco, fradesco pedantesco, carnavalesco.
— *estre:* campestre, eqüestre.
— *este:* celeste, agreste.

2. **Sufixos** designativos de POSSE, de posse abundante:

— *oso:* caridoso (= caridadoso), bondoso (= bondadoso), preguiçoso, maldoso, medroso, dificultoso.
— *onho:* tristonho, medonho, enfadonho.

3. **Sufixos** designativos de APTIDÃO, TENDÊNCIA, ESTADO:

— *ável,* — *ével,* — *ível,* — *óvel,* — *úvel:* amável, venerável, notável, — indelével, — visível, terrível, preferível, — móvel, imóvel, — solúvel, volúvel.

Nota. — A desinência VEL tinha no português arcaico a forma latina *bil,* com que aparece em alguns vocábulos de origem erudita: — *flébil, núbil,* e nas formas superlativas: — *amabilíssimo, terribilíssimo, nobilíssimo.*

— *iço:* alagadiço, espantadiço, roliço, feitiço, vindiço, movediço, compradiço, quebradiço, abafadiço, tornadiço, chegadiço, encontradiço, postiço, achadiço, metediço, arrufadiço, lembradiço, esquecediço, sumidiço, assombradiço.

Nota. — De *feitiço* deriva-se *feitiçaria,* nome que deram os portuguêses ao culto supersticioso de tribos africanas e a certos objetos a que atribuiam poder sobrenatural. Os franceses apoderaram-se das palavras e fizeram delas *fetiche* e *fetichisme,* e no-las recambiaram nestas formas. — "Um ramilhete de flores naturais, entre muitas outras feitiças". (A. C.)

— *az:* audaz, capaz, loquaz, contumaz.
— *bundo,* — *cundo:* meditabundo, furibundo, moribundo, — iracundo.

— *ento*: barulhento, bulhento, ferrugento, rabujento, nojento.
— *io*: fugidio, escorregadio.
— *ivo*: instrutivo, auditivo, corrosivo, pensativo, executivo.
— *ório*: finório, simplório, difamatório, satisfatório.

4. **Sufixos** designativos de SUPERLATIVIDADE, ABUNDÂNCIA, INTENSIDADE:

— *timo*, — *simo*, — *rimo*, — *limo*: íntimo, legítimo, — justíssimo, — integérrimo, — agílimo, humílimo.
— *udo*: cabeçudo, cabeludo, barbudo, narigudo, beiçudo, linguarudo, peludo, repolhudo, abelhudo, lombudo.

5. **Sufixos** PARTICIPIAIS:

— *ado*, — *ido*, — *osto* (particípio passado das quatro conjugações): falado, — movido, sorvido, partido, unido, — composto.

Nota. — No português arcaico encontra-se o sufixo UDO do particípio passado da 2.ª conjugação: *conheçudo, sabudo, teúdo, manteúdo.*

— *ando*, — *endo*, — *indo*, — *ondo* (particípio presente e gerúndio, das quatro conjugações): falando, louvando, — movendo, sorvendo, — partindo, unindo, — pondo, compondo.

Nota. — Não se confundam estes sufixos com os sufixos — *ando, endo*, em *venerando = que deve ser venerado, execrando = que deve ser execrado, colendo = que deve ser respeitado.* Estes sufixos vêm do particípio futuro passivo ou gerúndio latino. Os adjetivos dêles derivados passaram, em geral, para a categoria do substantivo, como, p. ex.: *o doutorando, o examinando, a propaganda, o bacharelando, a oferenda.*

— *ante*, — *ente*, — *inte*: amante, semelhante, — corrente, movente, — pedinte, seguinte.

Nota. — Estes sufixos indicavam o particípio presente latino. Perderam a fôrça verbal ou de particípio, com que ainda aparecem no velho português. Grande número dos adjetivos desta classe, como já vimos, passaram para substantivos: o *negociante*, o *mandante* (307, 4.)

— *douro*, — *doiro* (Port.): vindouro, imorredouro, duradouro.

SUFIXOS VERBAIS

VERBOS

309. Os verbos podem derivar-se de substantivo, p. ex.: de *grilo, engrilar-se*; de adjetivos, p. ex.: de *alto, altear*; de outros verbos, p. ex.: de *espanar, espanejar.*

Os principais sufixos verbais são os seguintes

1. **Sufixos** FREQÜENTATIVOS :

— *ejar:* boquejar, estalejar, forcejar, bracejar, doidejar, flamejar, vicejar, murmurejar, espacejar, espanejar, linguarejar, esbocejar, rastejar, harpejar, gotejar, trastejar, pestanejar, fraldejar.
— *ear* (forma sincopada do antecedente) : saquear, golpear, saltear, vaguear, voltear, clarear.

Nota. — Às vêzes, a idéia *freqüentativa* torna-se *intensiva, aumentativa,* como *estrondear.* Muitos dêsses verbos freqüentativos têm forma verbal *primitiva,* como, p. ex. : *forçar — forcejar, espanar — espanejar, adoidar — doidejar, viçar, — vicejar saltar — saltear, galopar — galopear, voltar — voltear.*

— *izar* (sufixo latino oriundo de freqüentativo grego) : batizar, fertilizar, civilizar, fraternizar, patrizar, organizar, canonizar.

Nota. — Não se confunda êste sufixo IZAR com a terminação *isar* de certos verbos nos quais o *is* pertence ao tema donde se derivam, exs.: *precisar, analisar, eletrolisar, guisar, repisar,* de — *preciso, análise,* etc.

2. **Sufixo** CAUSATIVO :

— *entar:* avelhentar, apoquentar, amamentar, amolentar, emagrentar, formosentar, peçonhentar.

3. **Sufixo** INCOATIVO :

— *ecer,* — *escer:* enriquecer (enricar), amarelecer (amarelar), envelhecer, embarbecer (barbar), amanhecer, esclarecer (aclarar), adoecer (adoentar), adormecer (dormir), — florescer.

4. **Sufixos** DIMINUTIVOS :

— *itar:* saltitar, dormitar, volitar, exercitar, apetitar, periclitar.
— *inhar:* cuspinhar, escoucinhar, escrevinhar, esfolinhar, espezinhar, louvaminhar, molinhar.
— *icar:* adocicar, namoricar, bebericar, depenicar, forgicar, tremelicar.

Nota. — Tôdas essas formas diminutivas têm formas PRIMITIVAS.

Obs. — Temos um sufixo adverbial (*mente = maneira*), provindo do substantivo feminino, que, aglutinando-se aos adjetivos, perdeu o caráter de substantivo e assumiu a função de sufixo adverbial de modo, conservando, entretanto, o adjetivo, sua flexão feminina : *justamente, claramente,* etc.

310. Sôbre o importante processo derivativo de nossa língua importa observar :

1. Nêle se revela o gênio da língua, a sua flexibilidade e riqueza

2. Nossos sufixos vieram quase que exclusivamente do latim, com exceção de:

— *ista*, — *ismo*, — *izar*: que nos vieram do grego por intermédio do latim; *ite* (*laringite*), tomado diretamente do grego.
— *engo*: que nos veio do alemão por intermédio dos gôdos, que conquistaram e dominaram a península Ibérica no 5.º século da E. C.
— *orra*: que se atribui à influência do *basco* ou *euscaro*.

3. Vários sufixos têm às vêzes uma mesma função. Vê-se esta sinonímia dos sufixos nas seguintes palavras — *sergipano, sergipense, brasileiro, português*, em que os sufixos — *ano, ense, eiro, ês*, indicam todos naturalidade.

4. Às vêzes dá-se fenômeno contrário: uma mesma forma de sufixo tem várias funções, como, p. ex., o sufixo *eiro* em — *padeiro, arrieiro, pinheiro*, o sufixo *ada* em — *boiada* e *facada*, o sufixo *al* em — *laranjal* e *estadual*.

5. A uma palavra já derivada não raro se superpõe outro sufixo e até um terceiro, exs.: *pequen+ino, pequen+in+inho, bon+dade, bon+dad+oso, bon+dad+osa+mente*.

6. O sufixo pode ser de uso popular, para as *formações populares* como — *ão, inho, eiro, ado, dura*, etc.; ou de uso erudito, para as *formações eruditas*, como — *anzil, arra, ulo, ário, ato, tura*, etc.

7. Uns sufixos, geralmente os populares, são muito PRODUTIVOS outros, em geral os eruditos, são IMPRODUTIVOS.

8. A palavra primitiva, em geral, perde ou altera sua desinência, quando esta é vogal átona ou *ditongo*, ao acrescentar-se-lhe o sufixo: *livro — livreiro, limão — limoal, ato — atual*. Às vêzes se interpõe letra eufônica *cafe-z-al, cafe-t-eira, cha-l-eira*.

Derivação imprópria

311. Chama-se DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA a mudança que sofre uma palavra no sentido ou na categoria gramatical sem intervenção de *sufixos*.

Desta maneira se formam *substantivos, adjetivos, advérbios, preposições, conjunções* e *interjeições*.

1. SUBSTANTIVOS:

a) SUBSTANTIVOS PRÓPRIOS DE APELATIVOS: *Rapôso, Inocência Prado, Leitão, Figueiredo, Ramalho, Silva, Bahia, Pôrto*.

b) SUBSTANTIVOS APELATIVOS DE PRÓPRIOS: *damasco*, *pôrto* (vinho), *vitória* (carro), *casimira*, *bordéus* (vinho), *os Virgílios* (poetas), *lázaro*, *os Vieiras* (escritores.)

Nota. — A êstes dois fenômenos comuns a tôdas as línguas chama Witney, ao primeiro — PARTICULARIZAÇÃO DO GERAL, e ao segundo — GENERALIZAÇÃO DO PARTICULAR.

c) SUBSTANTIVOS DE ADJETIVOS: o *jornal*, os *móveis*, o *corredor*, o *justo*, o *dividendo*, o *brilhante*, o *seu* a seu dono. Chamam-se, em geral, adjetivos *substantivados*.

d) SUBSTANTIVOS DE PRONOMES: O *eu*, os dois *eus* que há em mim, o *tudo*, o *nada*, há nêle um *quê* que não me agrada.

e) SUBSTANTIVOS DE VERBOS: o *combate*, o *acôrdo*, a *venda*, um *gracejo*, uma *caça*, o *querer*, o *poder*, o *estudar*, o *viver*, o *feito*, o *produto*, o *tratado*, o *visto*, os *provarás*, os *considerandos*, os *haveres*.

f) SUBSTANTIVOS DE PALAVRAS INVARIÁVEIS: O *sim* e o *não*, um *talvez*, os *prós* e os *contras*, um *se*, os *porquês*, os *ais*, os *vivas*.

2. ADJETIVOS DE SUBSTANTIVOS: Menino *prodígio*, homem *gigante*, cidade *colosso*, edifício *monstro*, homem *lázaro*, menino *homem*, moço *guerreiro*, guerreiro *moço*.

3. ADVÉRBIOS DE ADJETIVOS: falar *alto*, ver *claro*, amar *muito*, comer *pouco*.

4. PREPOSIÇÕES DE ADJETIVOS: *exceto*, *durante*, *conforme*, *segundo*, *consoante*.

5. CONJUNÇÕES DE VERBOS E ADVÉRBIOS: *seja... seja*, *quer... quer*, *mal*, *apenas*, *ora*.

6. INTERJEIÇÕES DE NOMES, PRONOMES, VERBOS OU ADVÉRBIOS *misericórdia! bravo! viva! qual! avante!*

COMPOSIÇÃO

312. **Composição** é o processo pelo qual se formam palavras novas com a união de dois ou mais elementos, como, p. ex.: *re+fazer*, *couve+flor*, *água+ardente* = *refazer*, *couve-flor*, *aguardente*.

313. Em todo composto existe um elemento principal que contém a idéia *genérica*: é o DETERMINADO; um elemento acessório, que contém a idéia *específica*: é o DETERMINANTE. Em *refazer*, o elemento principal ou *determinado* é FAZER, e o

elemento acessório ou *determinante* é a partícula RE: a idéia genérica de *fazer* é restringida ou especificada pela partícula RE.

Em *couve-flor* e *aguardente*, COUVE e ÁGUA contêm a idéia principal ou *genérica*: são os *determinados*, ao passo que FLOR e ARDENTE trazem a idéia acessória ou *específica*: são os *determinantes*.

314. E' tríplice êste processo formativo do nosso léxico. As palavras podem ser compostas por:

1. PREFIXAÇÃO — 2. JUSTAPOSIÇÃO — 3. AGLUTINAÇÃO

1. Prefixação

315. **Prefixo** é o afixo que se antepõe ao *tema*, para lhe modificar a significação, acrescentando-lhe uma idéia acessória. O prefixo é o *determinante*, e a palavra simples é o elemento *determinado*.

316. O PREFIXO pode ser *expletivo* ou *inexpletivo*, *separável* ou *inseparável*.

317. **Expletivo** é o prefixo que não traz ao tema ou à palavra simples idéia nenhuma, como A em *alevantar* = *levantar*, *acurvar* = *curvar*.

318. **Inexpletivo** é o prefixo significante, que traz ao tema ou à palavra simples uma idéia acessória, exs.: *reformar*, *inverdade*, *prepor*.

319. **Separável** é o prefixo que se emprega também separadamente, independente de composição, exs.: *compor*, *contradizer*, *bendito*; *com*, *contra* e *bem* são partículas que se usam na frase sem ser em composição de palavras.

320. **Inseparável** é o prefixo formado por partícula que só aparece na composição de palavras, exs.: *inábil*, *repisar*, *circundar*; *in*, *re*, *circum*, não aparecem isolados na frase.

321. Os PREFIXOS, quanto à sua origem, são: *vernáculos* *latinos* e *gregos*.

322. Vernáculos são os prefixos latinos com a forma modificada, como se vê na lista abaixo, com as respectivas formas latinas donde se derivam.

F. VERNÁCULA	F. LATINA	F. VERNÁCULA	F. LATINA
bem	bene	sob	sub
em	in	soto	subtus
entre	inter	sôbre	super
mal	male	tres	tris
sem	sine		

323. Latinos, pròpriamente ditos, são os prefixos que conservam intacta sua forma primitiva, tais são:

a	com (= cum)	in	pre	sub
ab	contra	inter	preter	super
abs	de	intro	pro	supra
ad	des	juxta	re	susum (sursum)
ante	dis	male	retro	trans
bene	e	ob	se	tri
bis	es	pene	semi	ultra
ambi	ex	per	sine	vice
circum	extra	post		

324. Gregos são os prefixos seguintes, antepostos, em regra, a palavra da mesma língua:

a, an	cata	hemi	peri
amphi	dia	hyper	pro
ana	dys	hypo	pros
anti	epi	meta	syn
apo	eu, ev	para	

325. Os prefixos são geralmente *preposições* ou *advérbios.* Vamos estudá-los em grupos ideológicos, como fizemos com os sufixos, comparando, tanto quanto possível, os prefixos VERNÁCULOS, LATINOS e GREGOS.

1. **Prefixos** que trazem a idéia de APARTAMENTO, SEPARAÇÃO e PROCEDÊNCIA:

a —, *ab* —, *abs* —: aversão, — abjurar, — abster.
de —: decorrer, degradação, derivar, deposição, deportar, demitir.
dis —: dissolver, discordar, disposição, dispensar, dispersar, disseminar, diferir (dis+ferir.)
ex —, *es* —, *e* —: exorbitar, expor, exonerar, extrair, expatriar, ex-deputado, ex-presidente, — escorrer, espalmar, estender, estirar, — emigrar, emanar, emergir, emancipar.

Nota. — Antes de *f* opera-se, às vêzes, a assimilação perfeita regressiva: *exfeito* = *effeito* = *efeito*.

se — : seduzir, segregar, segregação, seleto, seleção, secessão.
apo — (grego): apogeu, apofonia, afélio (= apo+helio), apóstrofo, apóstolo, apocalipse, apostasia.

2. **Prefixos** que trazem a idéia de MOVIMENTO PARA FORA:

extra — (latino): extraordinário, extravagante, extravazar, extrajudicial.
ec —, *ex* — (grego): eclipse, — êxodo, exegese, êxtase.

Nota. — A forma *ex* funciona antes de vogal.

3. **Prefixos** que trazem a idéia de TENDÊNCIA, MOVIMENTO PARA DENTRO:

en —, *em* — (vernáculo): entronizar, engarrafar, — embainhar, emudecer, empoçar.
in —, *im* — (latino): inundar, injetar, incorrer, infiltrar, ilustrar (= in+lustrar), irrupção (in+rupção), — imergir, imigrar.
intro —, *intra* — (latino): intrometer, intromissão, introduzir, introdução, intrínseco, introversão, — intrafólio, intramarginal, intramedular, intramuros.
en — (grego): encíclica, energúmeno, entusiasmo, energia, emblema, ênfase, embrião.

Nota. — Em composição esta última partícula grega tem a idéia de *em* ou *entre*, segundo Bullions.

4. **Prefixos** que trazem a idéia de MOVIMENTO ATRAVÉS DE:

per —: percorrer, perfurar, perpassar, perambular, perscrutar, permear, pernoitar, perlustrar, perene (= per+annum.)

Nota. — *Per* tem ainda, em composição, mais dois sentidos:
a) traz idéia de PERFEIÇÃO, INTENSIDADE: *perfazer*, *perfeito*, *perdurar*, *perseguir*, *perturbar*; *b*) traz idéia PEJORATIVA: *perder*, *perverter*, *pérfido*, *perverso*.

Nota. — Conjetura Bréal, para explicar sentidos tão diversos, ter havido amálgama de duas ou mais partículas latinas neste prefixo.
dia — (grego): diagonal, diâmetro, diáfano, diagnóstico, diafragma.

5. **Prefixos** que trazem a idéia de MOVIMENTO PARA DIANTE:

pro — (latino): proclamar, profluir, proceder, propugnar (pugnar a favor), pronunciar, propender, prosternar, protrair, prover, providência, progredir, progresso.

Nota. — *Pro* traz, às vêzes, a idéia de substituição — *pronome*, *procônsul*, análoga a *vice* (vice-cônsul.)

pros — (grego): prosélito (o que vem para, um converso), prosódia, prótese.

6. Prefixos que trazem a idéia de MOVIMENTO CIRCULAR:

circum — (latino): circunlóquio, circunferência, circunscrever, circundar, circuito (circum+ito, apócope), circunvalar, circumpolar.
ambi — (latino): ambiente, ambidestro, ambigüidade.
peri — (grego): perífrase, peri-hélio, pericárdio, período, perigeu, peripatético, pericarpo.
amphi — (de ambos os lados — grego): anfíbio, anfibologia, anfíscios, anfiteatro.
ana — (grego): analéptico, anasarca, aneurisma, anafonese.

Nota. — *Ana*, em composição, traz freqüentemente a idéia de REPETIÇÃO, INTENSIDADE, RETROGRADAÇÃO: — *anabatista* (que batiza de novo), *anatomia, análise, analogia, anacronismo.* Não se confunda com *an* = *a* privativo: — *analfabeto, anarquia, anidro.*

7. Prefixo que traz a idéia de MOVIMENTO PARA CIMA:

sus — (*sussum* — *sursum* — latino): sustar, suster, suspender, suspeitar, suspirar, sustentar, sustento.

8. Prefixos que trazem a idéia de APROXIMAÇÃO OU PROXIMIDADE, TENDÊNCIA:

a — (vernáculo): aviar, averbar, alinhar, abordar, acercar-se, avizinhar.
ad — (latino): aderir, adesão, adjunto, adjetivo, adquirir, adicionar, adição, admirar.

Nota. — Antes de *c, f, g, l, n, p, r, s, t,* dá-se a assimilação perfeita regressiva: *accessão, accusar, affirmar, aggravar, aggregar, alludir, alluvião, annexo, annunciar, approvação, arrimar, assentir, attender, attenção,* letras que na nova grafia deixam de ser geminadas, exceto em *arrimar* e *assentir.*

juxta — (latino): justapor, justaposto, justalinear.
quase —: quase-delito, quase-contrato.
pene — (latino): *península* (= quase ilha), penumbra (= quase sombra.)
para — (grego): paraninfo, paracleto, paráclito, paráfrase, parafrástico, parafernais, paradigma.

9. Prefixos que trazem a idéia de POSIÇÃO SUPERIOR:

sôbre — (vernáculo): sobrepor, sobremesa, sobreviver, sobre-umano, sobrestar, sobrepujar, sobretudo, sobressalto.
super — (latino): superpor, superlativo, supérfluo, superexcitar, superabundar, superintendente.
supra — (latino): supranatural, supramundano, supralapsário

hyper — (grego): hiperbólico, hipercrítico, hiperboreal, hipersulfureto.
epi — (grego): epígrafe, epitáfio, epiglota, epigástrico, efêmero (= epi+hemero), epidemia.

10. **Prefixos** que trazem a idéia de POSIÇÃO INFERIOR:

sob — (vernáculo): sobpor, sobraçar (= sob+braçar), socorro (= sob+corro), sorrir (= sob+rir), socapa (= sob+capa), sopé (= sob+pé).
soto —, *sota* — (vernáculo): sotopor, sotoalmirante, sotocapitão, sotoembaixador, sotopiloto, — sotavento.
sub — (latino): supor (sub+por), suplantar, subterrâneo, subdelegado, subalterno, subjuntivo, substantivo, subjugar, subchefe, subsolo, subjacente, subtração.
subter — (latino): subterfúgio, subterfluente.
hypo — (grego): hipogeu, hipócrita, hipótese, hipotenusa.

11. **Prefixos** que trazem a idéia de POSIÇÃO ANTERIOR:

ante — (vernáculo): antepor, ante-sala, anteontem, antedata, antediluviano, anteceder.
pre — (latino): prepor, prever, predizer, predominar, preponderar, preâmbulo, prepotência, preeminência.
pro — (grego): pródromo, programa, proêmio, prolegômenos, prólogo, prógnato, profilático, problema, prótese.

Nota. — Como o *pro* latino, o *pro* grego traz, às vêzes, a idéia de SUBSTITUIÇÃO: *profeta* = o que fala por outro, pela divindade.

12. **Prefixos** que trazem a idéia de POSIÇÃO POSTERIOR:

post —, *pos* — (latino): póstumo, postergar, — pospor, pospositivo, pospôsto, posponto (vulgo pesponto), pospontar (vulgo pespontar).
meta — (grego): metafísico, método (= meta+hodo), metamorfose, metafraste, metonímia.

Nota. — *Meta* traz ordinàriamente, em composição, a idéia de SUCESSÃO, MUDANÇA, COMUNIDADE, PARTICIPAÇÃO.

13. **Prefixos** que trazem a idéia de REUNIÃO, AJUNTAMENTO:

com —, *con* —: combater, comparar, compadre, — construção, contender, conferência, confrade.

Nota. — Antes de *l*, *r*, *n*, dá-se assimilação perfeita do *m*: colaborar (= com+laborar), corresponder (= com+responder), conexo (= com+nexo). Antes de vogal ou *h*, o *m* é apocopado, p. ex.: coordenar (= com+ordenar), cooperar (= com+operar), co-honestar (= com+honestar.)

syn —, *sym* —, *syl* —, *sy* — (grego): sínodo, sincronismo, síntese, — simpatia, símbolo, simetria, — sílaba, silepse, — sistema.

Nota. — *Sym* e *syl* são formas assimiladas, e *sy* é forma apocopada

14. Prefixos que trazem a idéia de PRIVAÇÃO, NEGAÇÃO:

menos — (vernáculo): menoscabar, menoscabo, menosprezar, menosprêzo.
in — (latino, anteposto em geral aos nomes): injusto, incapaz, inábil, inóspito, inegável, inverdade, independência, inimigo (= in+amigo.)

Nota. — Antes de *b, p, m, l, r*, é assimilado o *n*, ex.: imberbe, imbele, impróprio, ímpio, imemorial, imediato, ilegítimo, ilegal, irregular.

des — (anteposto comumente a verbos): desfazer, desenganar, desengano, desculpar, desculpa, descomunal, desmesurar, desmedrar, desmemoriar, desmiolar, desobediência, desmascarar, desviar, desordem, desleal, desonesto, desagradável.

Nota. — Nem sempre *des* tem valor NEGATIVO: é, às vêzes, INTENSIVO: desnudar, desferir, desfear, desinquietar, desinquieto.

a —, *an* — (grego): acatólico, acéfalo, apétala, afonia, apensia, áptero, átono — anervia, anemia, analfabeto, anarquia, anidro.

Nota. — A forma *an* aparece por eufonia antes de vogal ou *h*, e não devemos confundi-la com o prefixo ANA: *anatomia, análise.*

15. Prefixos que trazem a idéia de POSIÇÃO FRONTEIRA, OPOSIÇÃO

contra —, *contro* —: contrapor, contrabalançar, contradizer, contrabaixo — controvérsia, controverter.
ob: — objeto, opor, oposição, obstar, obstáculo, oprimir.

Nota. — Dá-se assimilação perfeita do *b*, antes de *c, f, p*: ocorrer (= ob+correr), ofício (= ob+ficio), opor (= ob+por.)

anti —, *ant* — (grego): antídoto, antipatia, antinomia, antípoda, antítese, antipapa, anticristo, — antagonista, antártica.

16. Prefixos que trazem a idéia de POSIÇÃO INTERMÉDIA:

entre — (vernáculo): entrelaçar, entrelinhar, entreato, entrever, entreabrir.
inter — (latino): interpor, interposição, interrupção, interpolar, interpelar.

17. Prefixos que trazem a idéia de ANTERIORIDADE em relação a um lugar:

aquem — (vernáculo): aquém-túmulo, aquém-Tejo.
cis — (latino): cisalpino, cisplatino, cisgangético.

18. Prefixos que trazem a idéia de uma POSTERIORIDADE local ou excesso:

alem — (vernáculo): além-túmulo, além-mar.
ultra — (latino): ultraliberal, ultramontano, ultramar, ultra romântico.

preter — (latino): preterir, pretermissão, preternatural.
trans —, *tras* —, *tra*, — *tres* — (latino): transitar, transitivo, transcrição, — trasladar, trasbordar, — tramontar, — tresvario, tresmalhar.

19. **Prefixos** que trazem a idéia de REPETIÇÃO e REFÔRÇO:

re —: refazer, reler, reformar, recontar, realçar, rebramar, rebuscar, recolher, repartir, rebarbativo.

Nota. — *Re* traz, por vêzes, a idéia de REPETIÇÃO DE UM MOVIMENTO PARA TRÁS, isto é, de RETROGRADAÇÃO, exs.: *reagir, recorrer, retirar, repelir, reversivo, reação, reacionário, repulsão, revelar.*

bis —, *bi* — (latino = dualidade): bisavó, bisneto, bisseção, biscoito, bissexual, bissexto, bissulco, — bipartido, bípede, bígamo, binômio, binóculo, bimensal, bímano.
tris —, *tri* —, *tres* —, *tre* — (latino = triplicação): trisavô, — trifólio, — tresdôbro, tresloucar, — trecentésimo.
dis —, *di* — (grego = dualidade): dissílabo, dístico, — ditongo, dilema.
tris —, *tri* (grego = triplicação): trissílabo, — tritongo, trilogia, trípode, trigonometria.

20. **Prefixos** que trazem a idéia de RETROGRADAÇÃO:

re — (latino): refluir, refugiar, retrair, refundir, renunciar, repercutir, reprimir, refrear, restringir, revelar, revolver, reduzir, refluxo.
retro —, *reta*: retroagir, retroativo, retroceder, retrocesso, retrogradar, retrogradação, retrógrado, — retaguarda.

21. **Prefixos** que trazem a idéia de MEDIAÇÃO:

meio — (vernáculo): meio-dia, meio-corpo, meio-busto, meio-grosso.
semi — (latino): semicírculo, semicúpio, semidouto, semitom, semifusa, semilúnio, semilunar, semimorto, semivogal, semideus.
hemi — (grego): hemisfério, hemicrania, hemiciclo, hemiplegia, hemistíquio.

22. **Prefixos** que trazem a idéia de MAU ÊXITO:

mal — (vernáculo): malmequer, malquisto, maltratar, malavindo, malfazer, malfeitor, malfazejo, maldizer, maldição.
male — (latino): maledicência, malevolência, malévolo, malefício.
dys — (grego): dispepsia, disfonia, dispnéia, dispnético, disenteria, discrasia, disfasia (dificuldade no falar).

23. **Prefixos** que trazem a idéia de BOM ÊXITO:

bem — (vernáculo): bendizer, benquerer, benquisto.
bene — (latino): benevolência, benemerência, beneplácito.
eu —, *ev* — (grego): eufonia, eufônico, eucaristia, eupepsia, eurritmia, — evangelho.

2. Justaposição

326. A composição por JUSTAPOSIÇÃO dá-se na união de duas palavras para expressar um só objeto ou idéia, conservando ambos os elementos a sua integridade gráfica e prosódica, p. ex.: *madre-silva, couve-flor, obra-prima, pé-de-vento, Carlos Magno, Ricardo Coração de Leão.* Como se vê, os elementos do composto ou se unem por contato, ou por um hífen, ou, ainda, por agrupamento em forma de locução.

327. Nesta classe de compostos, o DETERMINADO, mais comumente, precede ao DETERMINANTE, exs.: *couve-flor, pombo-correio, mestre-escola, escola-modêlo, unha-de-boi, cabo-de-esquadra, doutor em direito, bacharel em letras.*

328. O processo contrário, isto é, a precedência do DETERMINANTE, dá-se mais raramente, como, p. ex., em *mãe-pátria.* Entretanto é êste o processo, como observa Darmesteter, mais comumente adotado no alemão, inglês e latim. E' raro nessas línguas o *determinado* preceder ao *determinante.* As línguas novo-latinas, mais analíticas, apartaram-se neste ponto da construção primitiva.

329. Os substantivos compostos, que seguem êste processo primitivo, são, em geral, formações eruditas, de origem latina e grega. Nos compostos latinos o primeiro elemento assume, geralmente, a desinência *i*, e nos compostos gregos a desinência *o*. Exs.:

LATINOS

Agr*i*cultura, agr*i*doce, alt*i*volo, ap*i*cultura, arm*i*gero, av*i*cultura, boqu*i*aberto, carbon*i*fero, carn*i*voro, centr*i*fugo, clar*i*ficar, eqü*i*ângulo, eqü*i*distante, equ*i*valer, equ*i*vocar, estel*i*fero, febr*i*fugo, flam*i*vomo, fratr*i*cida, frut*i*ficar, frug*i*voro, fus*i*forme, herb*i*voro, ign*i*vomo, lan*i*gero, liqu*i*dar, luc*i*fero, man*i*atar, man*i*rroto, man*i*vela, mund*i*ficar, noct*i*vago, ov*i*paro, ped*i*curo, pern*i*longo, pest*i*fero, priv*i*légio, ciss*i*paro, torc*i*colo, und*i*vago, un*i*gênito, un*i*pessoal, un*i*ssono, viv*i*paro.

GREGOS

Aut*o*gnosia, astr*o*nomia, bibli*o*filo, enciclo*p*édia, ge*o*grafo, hidr*o*céfalo necr*o*mancia, ort*o*grafia, fil*o*sofia, fon*o*grafia, fot*o*grafia, sarc*o*fago.

Nota. — Há, todavia, muitos compostos gregos cujo primeiro elemento não traz a desinência o, p. ex.: *gastralgia, caligrafia, telegrama.* Compostos latinos existem igualmente que têm o primeiro elemento em *o* e outros em *u*, p. ex.: *primogênito, luso-brasileiro, franco-alemão, usufruto, manufatura, manuscrito, quadrúpede, quadrúmano.*

330. De três maneiras se efetua a justaposição das palavras na formação dos compostos desta classe: por COORDENAÇÃO OU CONCORDÂNCIA, por SUBORDINAÇÃO OU DEPENDÊNCIA e por LOCUÇÕES OU FRASES VERBAIS.

331. Por COORDENAÇÃO ou CONCORDÂNCIA formam-se compostos em que os elementos componentes são coordenados ou apostos, sendo o *determinante* ou um ADJETIVO ou um SUBSTANTIVO *apôsto*. Exs.:

Determinante adjetivo		Determinante substantivo	
Amor-perfeito	Sangue frio	Papel-moeda	Pontapé
Livre pensador	Clarabóia	Couve-flor	Lobisomem
Cantochão	Bom senso	Mãe-pátria	Goma-laca
Preamar	Senso comum	Madrepérola	Língua-matriz
Baixamar	Fogo fátuo	Madre-silva	Mestre-escola
Bancarrota	Pintarroxo	Varapau	Couve-flor

332. São chamados ELÍPTICOS os compostos que se formam em uma elipse espontânea. Assim *couve-flor* quer dizer: *couve que tem a forma de flor*; *escola-modêlo* significa: *escola que serve de modêlo.*

333. Com o mesmo processo coordenativo formam-se adjetivos compostos: *surdo-mudo, médico-cirúrgico, verde-negro, verde-gaio.*

334. Por SUBORDINAÇÃO OU DEPENDÊNCIA formam-se compostos, em que o elemento *determinante* está subordinado ao elemento *determinado*, em relação complementar. Exs.:

Terremoto = moto ou movimento de terra, beiramar = beira do mar, quartel-mestre = mestre de quartel, mestre-sala = mestre de sala, mapa-mundi = mapa do mundo, agricultura = cultura do campo, apicultura = cultura da abelha, cosmografia = descrição do mundo, cleptomania = mania do furto, mestre-de-obras, chefe de seção, pé-de-vento, bico-de-papagaio, pé-de-galinha, pé-de-boi, alma-de-gato, fidedigno = digno de fé, semovente = movente por si.

335. Por meio de LOCUÇÕES OU FRASES VERBAIS formam-se muitos substantivos compostos:

O bentevi, o beijamão, o beijaflor, o bota-abaixo, o bota-fora, o buscapé, o cata-vento, o cheira-dinheiro, o chupa-mel, o corrimão, o frege-moscas, o ganha-pão, o ganha-perde, o girassol, o guarda-louça, o guarda-marinha, o *ou* a guarda-roupa, o guarda-chuva, o guarda-livros, o guarda-costa, o *ou* a guarda-prata, o lambe-pratos, o lava-pés, o papa-jantares, o papa-moscas, o pára-quedas, o pára-raios, o picapau, o pinta-monos, o pintalegrete, o pisa-mansinho, o porta-voz, o ruge-ruge, o saca-rôlhas, o saca-trapo, o salva-vidas, o saltimbanco (= salta em banco), o tapa-vento o tapaboca, o tapaolhos, o talhamar, o tira-teimas, o troca-tintas, o traga-mouros, o vaivém, o valhacouto, o viracasaca, a viravolta.

336. Entre os compostos por justaposição devemos contar ainda:

1. As LOCUÇÕES SUBSTANTIVAS de nomes próprios: *Luís de Camões, Visconde do Rio Branco, Colégio Pedro II.*
2. Os NOMES ADJETIVOS de mais de um elemento: *vinte e um mil, novecentos e seis, furtacor, surdo-mudo, médico-cirúrgico, luso-brasileiro.*
3. As LOCUÇÕES ADVERBIAIS: *à pressa, com certeza.*
4. As LOCUÇÕES PREPOSITIVAS: *além de, até a, dentro em, conforme a.*
5. As LOCUÇÕES CONJUNTIVAS: *porque, de modo que, senão.*
6. As LOCUÇÕES INTERJETIVAS: *Aqui d'el rei! Ai de mim!*
7. Os COMPOSTOS ESTRANGEIROS: *high-life, jockey-club.*

3. Aglutinação

337. Os compostos por AGLUTINAÇÃO são aquêles vocábulos em que a justaposição é mais íntima, e o primeiro elemento perde a sua autonomia prosódica, e, modificando a sua desinência, funde-se com o elemento seguinte. Exs.:

Aguardente = água+ardente, vinagre = vino+agre, fidalgo = filho de algo, manobrar = mano+obrar, puxavante = puxa+avante, petróleo = petra+óleo, amarei = amar+hei, amaria = amar+hia (havia).

338. Os compostos por aglutinação são compostos PRÓPRIOS OU PERFEITOS, como os compostos por prefixação, pois os elementos componentes se fundem não só na *forma*, como tambem na *idéia*, para expressarem um conceito único, uma única imagem. Os compostos por justaposição são, em geral,

IMPERFEITOS, ESPÚRIOS ou IMPRÓPRIOS, pois os elementos componentes, embora se reúnam para formarem uma noção única, conservam, todavia, sua integridade vocabular, isto é, seu acento tônico primário e sua forma gráfica, p. ex.: *carta-bilhete, mestre-sala, madre-silva.*

Hibridismo

339. **Hibridismo** é a composição de palavras com elementos de línguas diversas, como *monóculo* (gr. *monos,* lat. *óculos.*)

340. Os compostos HÍBRIDOS opõem-se às normas regulares de composição, e servem de tipo às composições grotescas, como — *verborragia, bestialogia.*

341. Quando os elementos componentes, embora diversos na origem, são de largo uso na língua, não repugna sua união no composto, exs.: *centímetro, miligrama, antialcoólico, anti-social, anti-hipoteca, mineralogia, cipó-chumbo.*

342. Já pela razão dada no parágrafo antecedente, já pela necessidade, são correntes na literatura e nas obras científicas muitos híbridos; eis alguns:

Bígamo = bi+gamo (latino e grego). — Areômetro = areo+metro (latino e grego). — Oleografia = oleo+grafia (latino e grego). — Sociologia = sócio+logia (latino e grego). — Sociocracia = sócio+cracia (latino e grego). — Galvanotipia = galvano+tipia (italiano e grego). — Zincografia = zinco+grafia (alemão e grego). — Alcoômetro = álcool+metro (árabe e grego.)

343. Sôbre o importante processo de composição formativo de nosso léxico, convém observar:

1. No processo COMPOSITIVO, como no DERIVATIVO, revela-se o caráter genial da língua, seu mecanismo íntimo, sua riqueza.

2. A maior parte dos compostos não se formam no seio da língua vernácula e, muitas vêzes, só a gramática histórica pode explicar a sua composição, exs.: *ourives = auri+fex, ouropel = auri+pellem, coser = com +su+ere = co+s+er.*

3. De muitos compostos latinos não nos vieram as palavras simples: apenas temos na língua os COMPOSTOS dos seguintes verbos: *pelir, vergir,*

trair (= tirar), *sumir* (= tomar), *mitir*, *verter*, *primir*, *plicar*, *mergir* — *compelir*, *divergir*, *retrair*, *resumir*, *permitir*, *divertir*, *imprimir*, *implicar*, *emergir*.

4. A uma palavra composta não raro se superpõe outro elemento compositivo no segundo e mesmo no terceiro grau de composição, EXS.: *com+posto*, *de+com+posto*, *in+de+com+posto*.

5. A SINONÍMIA e a POLIONÍMIA (= muitas significações) de alguns prefixos são fenômenos análogos aos observados com os sufixos (310, 3 e 4): *sobpor* e *sotopor*, *desfazer* e *desnudar*, *imprudente* e *imigrante*.

6. Alguns prefixos são empregados nas FORMAÇÕES ERUDITAS, outros nas FORMAÇÕES POPULARES: êstes, em geral, são mais PRODUTIVOS do que aquêles.

7. Dá-se o nome de PARASSINTÉTICAS às palavras em que três elementos justapostos — PREFIXO, TEMA e SUFIXO, concorrem para a formação de uma palavra nova — *em+poço+ar* = *empoçar*, *ex+orbita+ar* = *exorbitar*, *in+justo+iça* = *injustiça*, *em+pego+ar* = *empegar*, *inter+oceano+ico* = *interoceânico*.

Compostos gregos

344. Por serem de largo uso nas ciências e nas artes os compostos de palavras ou elementos gregos, damos abaixo uma lista dêles com a significação do primeiro elemento:

ACRO — TÔPO, EXTREMIDADE: acrópole, acrobata, acrotério, acróstico.
ANEMO — VENTO: anemômetro, anemoscópio.
ANTHROPO — HOMEM: antropologia, antropofagia, antropófago, antropomorfismo.
AUTO — PRÓPRIO, MESMO: autógrafo, autópsia, autobiologia, autóctone, autômato, autócrata, autocracia, autonomia, autônomo, autolatria, autocéfalo.
BARO — PÊSO: barômetro, barometria, barometrografia.
BIBLIO — LIVRO: biblioteca, bibliomania, bibliografia, bibliógrafo.
BIO — VIDA: biografia, biologia, biogênese, biômetro, biodinâmica.
CACO — MAU: cacófaton, cacofonia, cacografia, cacologia.
CEPHALO — CABEÇA: cefalalgia, cefalóide.
CHIRO — MÃO: quiromancia, quirografário, quirografia, cirurgia (chiro+urgia).
CHROMO — CÔR: cromolitografia, cromóforo.
CHRONOS — TEMPO: cronômetro, cronológico, cronológio, cronograma.

CHRYSO — OURO : Crisóstomo (bôca de ouro), crisólito, crisologia, crisântemo, crisópraso.
COSMO — MUNDO : cosmografia, cosmologia, cosmopolita.
CRYPTO — OCULTO : criptógamo, criptogamia, criptografia.
CYANO (CYAN) — AZUL : cianídrico, cianogênio, cianose.
CYCLO — CÍRCULO : ciclóide, ciclóptero, ciclólito, ciclopes, ciclótomo.
CYNO — CÃO : cinegética, cinocéfalo, cinoglossa, cinorrodo.
CYSTO (CYST) — BEXIGA : cistocele, cistomia, cistalgia.
DEMO — POVO : democracia, democrata, democratizar, demagogo.
ELECTRO — ELETRICIDADE : eletroscópio, eletrólise, eletro-dinâmico.
ENTOMO — INSETO : entomologia, entomozoário, entomostráceos.
ETHO — COSTUMES, MORAL : etopéia, etografia, etologia, etognosia, etocracia, etogenia.
ETHNO — POVO : etnografia, etnologia, etnologista.
GALACTO — LEITE : galactômetro, galactografia, galactóforo.
GASTRO — VENTRE, ESTÔMAGO : gastro-enterite, gasterópodos, gastronomia, gastrônomo, gastralgia.
GEO — TERRA : geografia, geógrafo, geologia, geognosia, geodésia, geometria, geomancia, geofagia, geogenia, georama.
GYMNO — NU : ginossofista, ginosperma.
GYN, GYNECO — MULHER : ginandria, ginecocracia, gineceu.
HELI, HELIO — SOL : heliocêntrico, helioscópio, heliotrópio, heliometria, heliografia.
HEMA, HEMO, HEMATO — SANGUE : hematúria, hematocele, hemorragia, hemoptise.
HETERO — OUTRO : heterogêneo, heterorgânico, heterodoxo, heterodermes.
HIERO (HIER) — SACERDOTE, SAGRADO : hierofante, hieroglifo, hierarquia (jerarquia).
HIPPO — CAVALO : hipódromo, hipopótamo, hipomania.
HOMO, HOME — O MESMO : homogêneo, homorgânico, homógrafo, homonímia, homeopatia.
HYDRO — ÁGUA : hidrostática, hidrografia, hidromel.
HYGRO — ÚMIDO : higrômetro, higroscópio.
ICHTYO — PEIXE : ictiófago, ictiologia.
ICONO — IMAGEM : iconoclasta, iconografia.
IDOLO (IDO) — IMAGEM : idolatria (idololatria), idólatra.
IDEO — IDÉIA : ideologia, ideografia.
IDIO — PRÓPRIO : idiopatia, idiossincrasia.
LITHO — PEDRA : litografia, litólogo.
MACRO — GRANDE : macróbio, macrocéfalo, macropétalo.
MEGA, MEGALO — GRANDE : megatério, megalítico, megâmetro, megascópio, megalomania, megalocéfalo, megalofonia, megalossauro.

MICRO	— PEQUENO : micróbio, microcéfalo, microcosmo, microscópio.
MESO	— MÉDIO : mesologia, mesóclise, mesotórax.
METRO	— (= METRON) — MEDIDA : metrologia, metrônomo.
METRO	— (= METER) — MÃE : metrópole, metropolitano.
MISO (MIS)	— ÓDIO : misantropo, misantropia, misógamo.
MORPHO	— FORMA : morfologia, morfogenia.
MYTHO	— FÁBULA : mitologia, mitologista, mitografia.
MONO	— ÚNICO : monarquia, monarca, monarquista, monografia, monandria.
NECRO	— CADÁVER : necrologia, necromancia (nigromancia).
NEO	— NOVO : neologia, neologismo, neófito, neoplatonismo, neo-latino (novo-latino e novi-latino).
NEURO	— NERVO : neuróptero, neuralgia, neurotomia, neuropata
NOSO	— DOENÇA : nosologia, nosogenia, nosografia.
ODONTO	— DENTE : odontologia, odontalgia, odontóide.
ONOMA	— NOME : onomancia, onomatomancia, onomatopéia.
OPHI	— SERPENTE : ofiólito.
OPHTHALMO	— ÔLHO : oftalmografia.
ORNITHO	— PÁSSARO : ornitologia, ornitomancia.
ORTHO	— RETO : ortografia, ortologia, ortodoxia.
OSTEO	— OSSO : osteologia, osteografia.
PALEO	— ANTIGO : paleontologia, paleografia, paleozoologia.
PAN	— TUDO : panteísmo, panteísta, panorama, pan-eslavismo
PATHO	— MOLÉSTIA : patologia, patologista, patogenia.
PHILO	— AMIGO : filologia, filólogo.
PHLEBO	— VEIA : fleborragia, flebotomia.
PHONO	— VOZ : fonografia, fonologia.
PHOTO (PHOS)	— LUZ : fotografia, fotógrafo, fotólito.
PHYSIO	— NATUREZA : fisiologia.
PODO	— PÉ : podóptero, podocarpo, podogro, podômetro.
PSEUDO	— FALSO : pseudônimo, pseudópodos.
PSYCHO	— ALMA : psicologia, psicólogo.
PTERO	— ASA : pterópodos, pterodáctilo.
PYRO	— FOGO : pirotecnia, pirotécnico.
RHINO (RHIN)	— NARIZ : rinoceronte, rinoplastia, rinalgia.
STEREO	— SÓLIDO : estereoscópio, estereometria.
STRATE	— EXÉRCITO : estratagema, estratégia, estratocracia.
TELE	— LONGE : telegrafia, telegrama, telepatia.
THEO	— DEUS : teologia, teocracia, teodicéia.
THERMO	— CALOR : termômetro, termologia.
TOPO	— LUGAR : topologia, toponímia.
TYPO	— MODÊLO : tipologia, tipografia.
ZOO	— ANIMAL : zoologia, zoografia, zoóforo, zoólatra, zoólito.

345. A esta lista convém juntar as palavras compostas de numerais gregos :

MONO, MON — UM, ÚNICO : monossílabo, monômio, monopólio, monoteísmo, monotonia, monografia, monóptero, monarquia, monandro.
DIS, DI — DOIS : dístico, dissílabo, diandria, dilema, ditongo diedro, dióico.
TRI — TRÊS : trissílabo, triandria, triedro, trigonometria, trilogia, tritongo.
TETRA — QUATRO : tetraedro, tetracórdio.
PENTA, PENT — CINCO : pentágono, pentandria, pentápole, pentâmero.
HEX — SEIS : hexâmetro, hexágono, hexaedro.
HEPTA, HEBD — SETE : heptágono, heptaedro, hebdomadário.
OCTO, OCT — OITO : octógono, octaedro.
ENNEA — NOVE : eneágono, eneapétalo, eneacórdio.
DECA — DEZ : decágono, decálogo, decâmetro, decalitro, decaedro.
ENDECA — ONZE : endecágono, endecassílabo, endecandria.
DODECA — DOZE : dodecágono, dodecaedro, dodecacórdio.
ICOS — VINTE : icosaedro, icosandria.
HECATON, HECATO, HECTO — CEM : hecatombe, hectolitro, hectare.
KILO (CHILO é a grafia grega) — MIL : quilograma, quilômetro.
MYRIA — DEZ MIL : miriâmetro, mirianto.
POLY — MUITO : poliandria, poligamia, poliglota, polissílabo
PROTO, PROT — PRIMEIRO : protomártir, protocanônico, protótipo, protocolo, protóxido, protagonista.

Modêlo de análise etimológica

O patriotismo ardente de um povo nobre contém a glória e o penhor de sua independência.

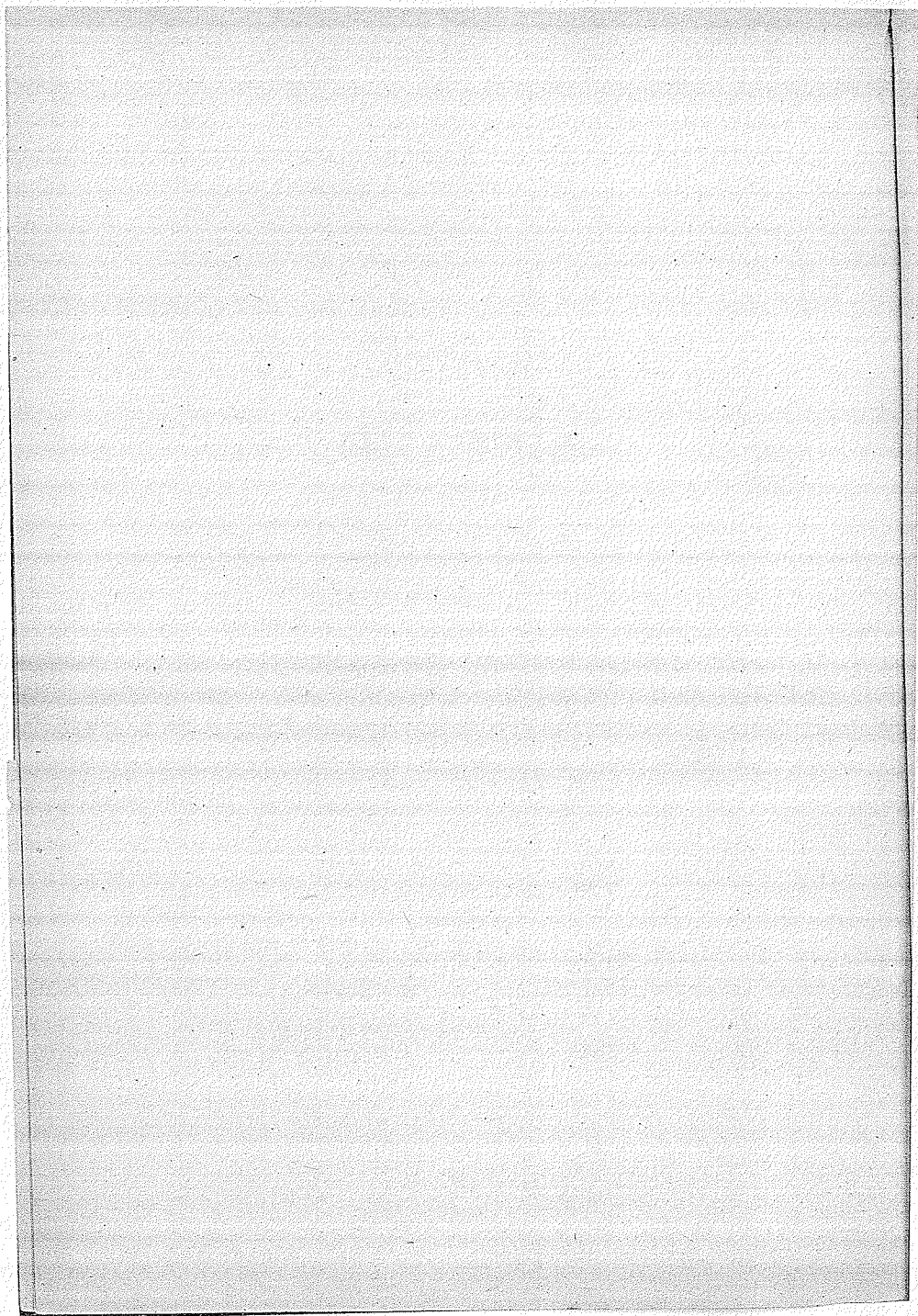
Patriotismo | Palavra *derivada* em 2.º grau, da *primitiva* pátria patri+ot+ismo. O sufixo — *ismo* é de origem grega. Do tema ou radical *patri* forma-se a seguinte família de palavras cognatas : *pátrio, patriota, patriótico, patrioticamente, compatriota, patrício, patriciado, compatrício.*

ardente | Derivada *própria*, por meio do sufixo nominal — *ente* aglutinado ao tema verbal *ard* (arder.) Cognatas :

	arder, ardentíssimo, ardor, ardoroso, ardorosíssimo, ardorosíssimamente.
povo	Primitiva — *pov+o*, simples. Cognatas ou da mesma família filológica: *povoar, despovoar, povoador, povinho, poviléu* ou *povoléu.*
nobre	Primitiva — *nobr+e*, simples. Cognatas ou formadas do mesmo tema: *nobríssimo, enobrecer, enobrecedor, enobrecimento.*
contém	Composta por prefixação *con+tem*; prefixo vernáculo *con* = *com*; sinônimos = latino *cum*, grego *syn.* Cognatas: *conteúdo, continente, continência, ter, teúdo, tenente, reter, retenção, retentiva, retentor, deter, detenção, detença, detençoso, detentor.*
glória	Primitiva — *glori+a*, simples. Cognatas: *gloriar, glorioso, gloriosamente, vangloriar, vanglorioso, glorificar.*
penhor	Primitiva — *penh+or*, simples. Cognatas: *penhorar, despenhorar, penhora, penhoratício.*
independência	Derivada e composta = parassintético, *in+de+pend+encia*. Sufixo nominal — *encia*; tema — *pend*; prefixo *in* latino, inseparável, inexpletivo; prefixo *de*, latino e vernáculo, separável, inexpletivo. Cognatas ou formadas do mesmo *tema, radical* ou *raiz*: *pender, pendor, pendorar, pendente, pendência, propender, propensão, propenso, depender, dependente, independente, independer, expender, despender, suspender, suspenso, impender, impenso, pêndulo, pênsil, apêndice, perpendicular, dispêndio, dispendioso, dispensar, dispensa, pensão.*

Exercício analítico

A cosmogonia mosaica do primeiro capítulo do Gênesis narra a origem do mundo conforme a Bíblia. — A cavalaria rio-grandense portou-se com extrema bravura na guerra do Paraguai. — A honradez dos funcionários públicos é a segurança da república. — A agricultura é o fundamento da riqueza nacional. — O mestre-escola combate o analfabetismo popular. — A fonologia, morfologia e sintaxe são as três grandes partes do estudo gramatical.

SINTAXE

ESTUDO DAS PALAVRAS COMBINADAS

PRELIMINARES

346. Dois aspectos gerais caracterizam as operações do nosso espírito: *idéias* e *combinação de idéias*, isto é, IDÉIAS e PENSAMENTOS; dois aspectos gramaticais devem corresponder ao estudo da língua como instrumento das manifestações de nossa atividade espiritual: — a PALAVRA e a FRASE. A palavra é a expressão da *idéia*, como a frase é a expressão do *pensamento*.

347. O estudo das palavras como expressão das idéias foi o objeto da primeira parte da Gramática, chamada **Lexeologia**; o estudo das palavras combinadas para a expressão do pensamento é o objeto desta segunda parte, denominada **Sintaxe**.

348. A **Sintaxe** tem por objeto o estudo da FRASE. **Frase** é a combinação ou relação de palavras que dá expressão a um pensamento, o qual pode ser COMPLETO, como: *A vida do homem é trabalhosa*, ou INCOMPLETO, como: *A vida do homem*.

349. A *frase de sentido incompleto* é uma expressão que se denomina, em geral, LOCUÇÃO; ao passo que a *frase de sentido completo* se chama ORAÇÃO ou PROPOSIÇÃO. Esta se caracteriza pelo VERBO, claro ou subentendido, que enuncia o fato central do pensamento.

350. As palavras e as frases se combinam ou relacionam para formarem o PERÍODO GRAMATICAL, que pràticamente se

conhece por terminar em *ponto final* (.), e, às vêzes, em *ponto de interrogação* (?) ou de *exclamação* (!).

351. No seio da frase as palavras exercem, em geral, dupla função: FUNÇÃO LÉXICA ou TAXEONÔMICA e FUNÇÃO SINTÁTICA ou LÓGICA. A primeira é a expressão de sua categoria gramatical como *substantivo*, *adjetivo*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição* e *conjunção*; a segunda é a expressão do papel que elas representam como *sujeito*, *predicado* e *complemento*.

352. De dois modos gerais se combinam ou relacionam as *palavras* e as *frases* para a expressão do pensamento, por:

Coordenação — Subordinação

353. A **coordenação** consiste na combinação de palavras e frases da mesma função gramatical, e, ainda, de têrmos que se prendem por concordância, como o *predicado* e o *sujeito*, o *atributo* e o *substantivo*, p. ex.: *O amor à pátria e à humanidade enobrece e dignifica o caráter moral.*

354. As *palavras*, *frases* ou *têrmos* assim combinados, dizem-se COORDENADOS.

355. A COORDENAÇÃO efetua-se de duas maneiras: por *conjunção coordenativa* e por *justaposição*.

1. CONJUNÇÃO COORDENATIVA:

A fé E *a esperança* E *a caridade são três colunas imortais* OU *imperecíveis não só do caráter,* MAS *da vida* E *do destino dos cristãos,* ISTO É, *são elas a síntese de tôdas as virtudes.*

2. JUSTAPOSIÇÃO ou meramente pelo SENTIDO:

A fé, esperança, caridade, são três colunas imortais, imperecíveis, do caráter, da vida, do destino dos cristãos: são elas a síntese de tôdas as virtudes.

No primeiro caso a coordenação se diz SINDÉTICA, e no segundo ASSINDÉTICA.

Obs. — A coordenação de *palavras* é, em muitos casos, mais aparente do que real, pois é da natureza da *conjunção*, que a efetua ou pode sempre efetuar, ligar *proposições*, assim como pertence à *preposição* ligar palavras (280, Obs.)

356. A SUBORDINAÇÃO dá-se quando uma palavra ou frase se combina ou relaciona com um outro têrmo de diferente função sintática: *O amor ao próximo é o fundamento da sociedade.*

357. A *palavra* ou *frase* assim relacionada chama-se SUBORDINADA, e aquela a que se liga ou de que depende denomina-se SUBORDINANTE.

358. A subordinação efetua-se igualmente de dois modos: por *partículas subordinativas* e pelo *sentido.*

1. PARTÍCULAS SUBORDINATIVAS:

a) PREPOSIÇÃO: *Amigo* DE *bom tempo muda-se* COM *o vento.*

b) CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA: *Melhor é mau concêrto* QUE *boa demanda* (que é boa...).

c) ADVÉRBIO CONJUNTIVO: *Não vás à casa* ONDE *não te querem.*

d) ADJETIVO CONJUNTIVO: *Há uma cidade* CUJAS *praças são de ouro.*

e) PRONOME CONJUNTIVO: *Bem ama* QUEM *nunca se esquece.*

2. SENTIDO:

Dá-se êste processo na relação do *advérbio* às palavras por êle modificadas, bem como na do *objeto* para com o verbo. Assim, pois, os *adjuntos adverbiais*, que são expressados por advérbios, e os *objetos* subordinam-se pelo SENTIDO aos têrmos que modificam: *Ele escreveu a carta corretamente.*

359. **Sintaxe** (gr. *syn* = *com* + *taxis* = *arranjo* = *construção* ou *combinação*) é o estudo da frase, isto é, da proposição e do período gramatical, bem como das relações dos seus respectivos membros. Entra ainda no quadro sintático o estudo subsidiário de certas funções das categorias gramaticais, e da pontuação, que discrimina e clareia o sentido da frase.

360. Pode-se dividir o estudo da SINTAXE em quatro partes:

I. Da proposição e seus membros.
II. Do período gramatical.
III. Das particularidades sintáticas sôbre as categorias gramaticais.
IV. Da pontuação.

Obs. — Os fatos sintáticos são extremamente móveis, e difícil é, como nota Darmesteter, traçar em seu estudo uma ordem rigorosamente sistemática. A divisão em três partes — sintaxe de *concordância, regência* e *colocação* (S. Barbosa, Bento de Oliveira, Monteiro Leite), é deficiente. A divisão em duas partes — sintaxe *léxica* e *lógica* (Júlio Ribeiro, Leopoldo da Silva), é defeituosa, visto como todos os fenômenos sintáticos, quer referentes à palavra (léxico), quer referentes à proposição, têm o mesmo caráter lógico ou relacional. A de Ayer, seguida pelo Dr. A. G. R. de Vasconcelos, em sintaxe da *proposição simples* e sintaxe da *proposição composta*, não nos parece suficientemente discriminativa. Melhor se nos afigura a divisão em sintaxe de *palavras* e sintaxe de *proposição* (Brachet e Dessouchet, Dr. A. Freire, João Ribeiro, Pacheco Júnior e Lameira de Andrade.) Tal divisão, porém, é mais teórica do que prática no ensino da matéria.

I. Da proposição e seus membros

361. Proposição, oração ou sentença, é a frase que contém uma declaração formal, constituída por uma ou mais palavras, p. ex. : *Existo — Ninguém é bom juiz em causa própria — Fui, lavei-me e fiquei são.*

Obs. — Observa o eminente gramático suíço N. L. C. Ayer que a definição, dada pela generalidade dos gramáticos francêses (e pelos nossos), de proposição, dizendo ser esta a *expressão*, ou o *enunciado do juízo*, é deficiente. A *proposição*, acrescenta êle, é apenas a representação sensível ou material do pensamento : é o que indica o étimo da palavra : *proponere* em latim, donde ela é derivada, significa *expor à vista, fazer ver.* Ora a frase *expressão do juízo* só pode aplicar-se a uma parte de nossos pensamentos. Quando o professor diz ao aluno : *Trabalhai,* exprime não um *juízo,* mas um *desejo* ou *ordem,* o que é assaz diferente. Aristóteles já havia ensinado que nem tôda a proposição encerra uma afirmação ou juízo, mas sòmente aquela que expressa uma verdade ou êrro, o que não acontece com tôdas as proposições. De fato, as proposições optativas, por ex., que expressam um desejo, são proposições, mas não expressam verdade, nem êrro, não são enunciados de *juízos.* Além de tudo isso, tal definição tem um defeito de método pressupondo no aluno o conhecimento da Lógica.

362. Os elementos de uma PROPOSIÇÃO são os seus MEMBROS em número de três:

1. SUJEITO — 2. PREDICADO — 3. COMPLEMENTO

363. O SUJEITO e o PREDICADO dizem-se membros ESSENCIAIS, porque são indispensáveis à existência de uma proposição, e o COMPLEMENTO se diz ACESSÓRIO, porque dêle não depende em rigor a existência da proposição.

Obs. — Observa ainda o ilustre prof. da Academia de Neuchatel, C. Ayer, que os antigos gramáticos já se serviam da palavra *predicado* para designar o que geralmente se chama hoje o *atributo*. A palavra *predicado* (*praedicatum* = *enunciado*) significa etimològicamente, continua o mesmo ilustre gramático, *o que se diz* do sujeito, e é êste o seu verdadeiro sentido na análise do pensamento. Mas, segundo os gramáticos franceses (e os nossos, em geral), em tôda a proposição há não dois, porém três têrmos *essenciais*: o *sujeito*, o *verbo* e o *atributo*; e o verbo é sempre o verbo *ser*, reunido ao atributo nos verbos chamados *atributivos*: assim — *eu estudo, escrevo, desfaleço*, equivalem a — *eu sou estudante, eu sou escrevente, eu sou desfalecente*. Segundo esta teoria, há realmente apenas um verbo, o verbo *ser*, que é, nesta hipótese, a palavra por excelência (*verbum.*) Já refutamos esta teoria gramatical. — Seguindo a nova corrente, daremos a designação de PREDICADO NOMINAL e PRONOMINAL (*êle é* BOM — QUEM *é êle*?) ao que os velhos gramáticos chamavam ATRIBUTO, e reservaremos o nome de ATRIBUTO para tôda palavra que se junta a um substantivo, a fim de lhe exprimir a qualidade ou determinação, isto é, para os adjetivos e palavras adjetivadas, que modificam diretamente um substantivo (bom menino.)

364. A êstes três têrmos lógicos ou membros da proposição correspondem três RELAÇÕES respectivas:

1. SUBJETIVA — 2. PREDICATIVA — 3. COMPLEMENTAR

365. O **sujeito** está em *relação subjetiva* para com o *predicado*, o **predicado** em *relação predicativa* para com o *sujeito*, o **complemento** em *relação complementar* para com a *palavra* cujo sentido êle modifica.

366. A RELAÇÃO COMPLEMENTAR desdobra-se em quatro RELAÇÕES:

1. **Objetiva** — é a relação do OBJETO para com o verbo TRANSITIVO: *Vi lutas de bravos.*

2. **Terminativa** — é a relação do TÊRMO para com a palavra de significação RELATIVA, exs. : *Obedeço às ordens, obediência à lei, obediente aos pais, obedientemente ao dever.*

3. **Atributiva** — é a do ADJETIVO ou seu equivalente para com o SUBSTANTIVO ou PRONOME : *Em larga roda de novéis guerreiros ledo caminha o festival Timbira, a quem do sacrifício cabe a honra* (G. D.)

4. **Adverbial** — é a do ADVÉRBIO ou seu equivalente para com o ADJETIVO, VERBO ou ADVÉRBIO : *Por casos de guerra caí prisioneiro nas mãos dos Timbiras. — Caminha garboso nas plumas. — Falou muito bem.*

Nota. — Entre as relações conta-se geralmente a VOCATIVA, que é, como veremos, um caso de relação atributiva.

367. Aos três membros da proposição, devemos, com Grivet, acrescentar mais um : é o *conectivo* ou *ligação.*

CONECTIVO ou LIGAÇÃO é o têrmo relacional que liga na frase dois outros têrmos ; é esta função desempenhada pelas *preposições, conjunções,* bem como pelos *adjetivos* e *pronomes conjuntivos* e *verbos de ligação* (265.) Exs. :

O hipócrita coa um mosquito E *engole um camelo.* — PELAS *ondas* DO *mar* SEM *limites, basta selva* SEM *fôlhas hi vem. Não sabeis* A QUE *vem, o* QUE *quer?* (G. D.). — *No arco* QUE *entesa, tem certa uma prêsa,* QUER SEJA *tapuia, condor ou tapir* (Id.)

368. Substituindo-se a *relação complementar* pelos quatro equivalentes, vemos que tôdas as palavras de uma frase podem achar-se nas sete seguintes RELAÇÕES : *subjetiva, predicativa, objetiva, terminativa, atributiva, adverbial, conectiva* ou *ligativa.*

SUJEITO

369. Sujeito é o membro da proposição do qual se declara alguma coisa, p. ex. : EU *vivo* — TU *vives* — ÊLES *vivem.*

370. Da definição se vê que o sujeito deve ser representado por um substantivo *essencial* ou *virtual,* isto é :

a) por um substantivo : A PREGUIÇA *é a chave da pobreza.*

b) por um pronome no caso reto : TU és Marabá !

c) por qualquer palavra substantivada : Seja o VOSSO SIM *sim,* e o VOSSO NÃO *não.*

d) por uma frase de sentido incompleto: INDEPENDÊNCIA OU MORTE *foi o brado glorioso do Ipiranga.*

e) por uma frase de sentido completo: QUEREMOS SER LIVRES *foi o brado de nossos primeiros pais.*

Nota. — O pronome e as frases que servem de sujeito têm fôrça de substantivo. — Quando o sujeito é representado por uma frase, chama-se *fraseológico*, como nos dois últimos exemplos. Quando esta frase é uma oração, o sujeito se diz ainda *oracional*, como: Convém *que estudes.* — E' preciso *estudares.* — Sucedeu *morrer César.*

371. Embora, em regra, o pronome só em caso reto possa funcionar como sujeito, contudo casos há em que o pronome oblíquo representa o sujeito do infinito. Dá-se isto com os verbos — *fazer, deixar, ver, ouvir, mandar*, e sinônimos dêstes, quando o *sujeito do infinito* se põe para com êles em relação complementar, exs.: *Fazei*-os *sentar.* — *Deixai*-os *vir.* — *Mandou*-os o *Senhor prègar* (A. V.) — *Vê*-LOS ou *ver*-LHES cair. — *Ouvi*-LHES ou *ouvi*-os dizer. — *Fiz*-LHES ou *fi*-LOS *esperar.* — *Não* NOS *deixes cair em tentação.*

Nota. — Êrro vulgar é dizer-se: *Fazei êle sentar, deixai êle vir, ouvi êles dizer, vi êles cair, mandou êles prègar.* — *Mandou-os pregar*, porém — *mandou*-LHES *que pregassem* e — *mandou*-LHES *cumprir a tarefa.* (Vid. *Gr. Hist.*, págs. 321, 322.) *Mandou*-LHE *dar* ou *mandou dar*-LHE, pois com *mandar* só aparece o acusativo *o*, quando sujeito do infinitivo por êle regido.

372. O **sujeito** não pode ser regido de preposição, exceto nos casos do parágrafo antecedente, quando um substantivo ocupa o lugar de pronome oblíquo, p. ex.: *Fazei* PEDRO ou A PEDRO *sentar* — *Ouvi* A MEU PAI *dizer.*

Nota. — Quando o SUJEITO é um VERBO no infinito, aparece, às vêzes, em bons escritores, regido da preposição *de*, p. ex.: Desaire real seria *de* a deixar sem prêmio (G.). — Ainda agora nos não pesa *de* o havermos feito (A. C.) (442, 2.ª.)

373. O **sujeito** pode ser da 1.ª, 2.ª ou 3.ª pessoa gramatical. A 3.ª pessoa pode indicar um ser *determinado*, como: PEDRO *vive*, ou um ser *indeterminado*, como: *Não sabe* A GENTE *que fazer.* — Não se deve confundir *ser indeterminado* com *sujeito indeterminado.*

374. Sob vários aspectos podemos classificar o SUJEITO, a saber:

1. *Expresso* ou *oculto*.	4. *Complexo* ou *incomplexo*.
2. *Determinado* ou *indeterminado*.	5. *Gramatical* ou *total*.
	6. *Agente* ou *paciente*.
3. *Simples* ou *composto*.	7. *Agente* e *paciente*.

375. **O sujeito** se diz EXPRESSO quando se acha claro na oração: EU *vivo* e VÓS *vivereis;* OCULTO ou SUBENTENDIDO, quando, não sendo enunciado, fàcilmente se subentende: *Penso, logo existo*, isto é, EU *penso, logo* EU *existo*.

376. **O sujeito** é DETERMINADO, quando é *expresso* ou *oculto*, e INDETERMINADO quando não é enunciado nem conhecido, sendo o verbo *impessoal*, p. ex.:

Chove a cântaros. — Anoitece cedo no inverno. — Há iguarias na mesa. — Dizem que haverá abundância êste ano.

377. **Sujeito simples** é o que representa um único ser ou sêres da mesma espécie, expresso por um nome ou pronome do plural. Exs.:

O HOMEM *é o rei da criação.* — Os HOMENS *passam como sombra.* — *Todos* NÓS *somos mortais.*

378. **Sujeito composto** é o que representa sêres de diferentes espécies, expressos por nomes ou pronomes coordenados entre si, como, p. ex.:

O HOMEM E O ANJO *são sêres racionais.* — A FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE *são grandes virtudes.* — EU E TU *somos mortais.*

379. **Sujeito complexo** é o sujeito modificado por um *complemento* ou por um *atributo*, p. ex.:

A MEMÓRIA DOS JUSTOS *é eterna.* — UM QUÊ MISTERIOSO *aqui me fala* (G. D.) — *Possas* TU, ISOLADO NA TERRA, SEM ARRIMO E SEM PÁTRIA VAGANDO, *ser das gentes o espetro execrando* (Id.)

Obs. — Alguns gramáticos, seguindo a Mason, chamam *ampliado* ao sujeito *complexo*, e reservam esta designação para o *frascológico* ou *oracional*.

380. **Sujeito incomplexo** é o sujeito desacompanhado de qualquer modificação complementar, p. ex.:

TUDO *caminha.* — EU *quero marchar c'os ventos, c'os mundos, c'os firmamentos* (C. Alves.)

381. Sujeito gramatical é o sujeito despojado de qualquer modificativo complementar, que, por ventura, tenha, p. ex.:

O RUGIDO *do leão apavora o viajante no deserto.*

382. Sujeito lógico ou TOTAL é o sujeito que abrange, em sua expressão completa, modificativos complementares, quando os houver, p. ex.:

O RUGIDO DO LEÃO *apavora o viajante no deserto.*

Nota. — Não havendo nenhum modificativo do sujeito, o sujeito gramatical e o total coincidem: *E' morta* INÊS.

383. O sujeito é AGENTE quando exerce a ação verbal da voz ativa, ex.: O ASTRO SAUDOSO *rompe a custo o plúmbeo céu.* E' PACIENTE quando recebe a ação verbal na voz passiva, ex.: O PLÚMBEO CÉU *é rompido a custo pelo astro saudoso.* E' AGENTE e PACIENTE, ao mesmo tempo, quando na voz reflexa exerce e recebe a ação verbal, ex.: O IRADO MONSTRO SE *enrosca no cipreste.*

PREDICADO

384. Predicado é o membro da proposição que exprime a coisa declarada do sujeito. E' êle expresso pelo verbo: *O sol* BRILHA.

385. Com os *verbos de ligação*, além do verbo, que se chama predicado gramatical, aparece um outro elemento predicativo que pode ser um *nome* (substantivo ou adjetivo), um *pronome*, um outro *verbo*, e, às vêzes, o *advérbio* (de qualidade), que, ligados ao sujeito, constituem respectivamente predicado *nominal*, *pronominal*, *verbal*, *adverbial*:

Predicado
- gramatical — *O sol* BRILHA
- nominal
  - *O sol é* ASTRO
  - *O sol é* BRILHANTE
- verbal — *Viver é* LUTAR
- adverbial — *Êle está* BEM

386. Êste segundo elemento qualifica o sujeito e ao mesmo tempo completa o predicado gramatical, constituindo com êste uma *predicação perifrástica*. Dêste duplo fato recebe êle o nome de *completivo subjetivo* e *completivo predicativo* (265.) Êstes completivos ou adjuntos do sujeito e do predicado são chamados pelos velhos gramáticos *atributo*, em se tratando do verbo SER, e *subatributo*, dos outros.

Obs. — Os verbos que admitem esta construção, como já indicamos, são: *ser, estar, permanecer, andar, ficar, continuar, parecer*, além dos que eventualmente assumem êste caráter pela conversão de advérbio em adjetivo — *a águia voou* RÀPIDAMENTE ou RÁPIDA. Na lista dêsses verbos conectivos podemos incluir: *a*) os *auxiliares secundários*, seguidos do infinitivo, que faz o papel de *predicado verbal*; tais são: *dever, poder, acertar* (de) — *eu devo, posso* FAZER; *acerto de* FAZER; *b*) os *auxiliares* de formas gerundiais — *eu ando, estou, vou, venho* APRENDENDO; *c*) outros verbos que regem o infinito, quando êste tem o mesmo sujeito que o verbo regente — *eu quero, desejo, consigo* ESTUDAR, *êles parecem* ESTAR DOENTES (*estar* é o predicado *verbal* e *doentes, nominal*); *negros vultos se viam* VAGUEAR (*vaguear*, predicado *verbal*.) — Em *êle tornou-se* TRISTE *e viu-se* OBRIGADO, *triste* e *obrigado* são completivos *objetivos* e não pròpriamente *subjetivos*, pois conquanto o *sujeito* e *objeto* sejam aí lògicamente idênticos, são, contudo, gramaticalmente distintos.

387. Êste COMPLETIVO SUBJETIVO OU PREDICATIVO pode ser expresso por uma frase, e, na passiva, por dois têrmos. Exs.:

Era DE VER *a alegria da criançada.* — *Noemi ficou* SEM MARIDO (*desmaridada.*) — *O exército estava* SEM MUNIÇÕES. — *Êle estava* DE LUTO (*enlutado.*) — *Nós estávamos* DE PÉ. — *Êle foi* APELIDADO SÁBIO. — *Êle será* ELEITO DEPUTADO. — *Êles foram* RECOLHIDOS PRESOS. — *Êle foi* CHAMADO ANTÔNIO. — *Vós fôstes* NOMEADO GENERAL.

Pode êste segundo nome ser convertido em uma frase: *Êle foi eleito* COMO DEPUTADO. — *Êles foram recolhidos* COMO PRESOS. — *Antônio foi chamado* DE TOLO. — *Êle é tido* POR HOMEM DE BEM OU COMO HOMEM DE BEM.

Obs. — Sendo passiva a voz, a preposição *por* pode trazer alguma confusão com o *agente* da passiva, p. ex.: *Êle foi reconhecido* POR UM HOMEM DE BEM. — Postas estas frases na *voz ativa*, êste segundo nome do *completivo subjetivo* passa a ser complemento do objeto, isto é, COMPLEMENTO OBJETIVO: *Reconheceram-no* HOMEM DE BEM. — *Apelidaram-no* SÁBIO. — *Os soldados os recolheram* PRESOS OU COMO PRESOS. — *O govêrno nomeou-o* GENERAL OU COMO GENERAL.

388. Predicado indireto. Denomina Mason *predicado indireto* o *adjetivo* ou o *verbo* no infinitivo presente e no parti-

cípio, que qualificam um substantivo ou pronome, complementos de um verbo, os quais podem ser ligados a êsse adjetivo ou a essas formas infinitivas por *ser* ou *estar*, p. ex.:

Achei a criança DOENTE. — *Achei-a* DOENTE = *achei a criança* ESTAR DOENTE. — *Fiz as armas brancas* VERMELHAS, *fi-las* VERMELHAS = *fiz as armas brancas* SEREM VERMELHAS. — *Ouvi os pássaros* CANTAR — *ouvi-os* ou *ouvi-lhes* CANTAR = *ouvi os pássaros* ESTAR A CANTAR. — *Vi-os* ENTRANDO = *vi-os* ESTAR ENTRANDO. — *O leitor viu o padre prior* (*estar*) CAMINHANDO *pela estrada dolorosa da moral evangélica* (A. H.). — *Vêde o Corão* (*estar*) AGLOMERANDO e ASSIMILANDO *o beduíno e o egípcio* (A. H.) — *O vício faz o homem* (*ser*) MISERÁVEL.

Obs. — Passando essas frases para a passiva temos: *Achei a criança doente* = *a criança foi achada doente por mim*, o que nos dá um predicado nominal de dois têrmos (*achada doente*.) — Importa não confundir o *predicado indireto* com o *completivo objetivo*, que não admite de permeio o verbo conectivo. Assim em *nomeei-o* GENERAL, elegeram o *candidato* DEPUTADO, *general* e *deputado* são *completivos objetivos*, ou complementos dos objetos — *o* e *candidato*.

389. A predicação expressa pelo *verbo* ou pelos outros elementos da *predicação perifrástica* será COMPLETA, se os têrmos não exigirem *complementos*, e INCOMPLETA, se os exigirem para o seu cabal sentido. Assim o verbo *intransitivo* e os têrmos que, como êle, tiverem significação *absoluta*, são de predicação COMPLETA, e os verbos *transitivos* e *conectivos* (essenciais ou acidentais), e os têrmos que, como êles, tiverem significação *relativa*, são de predicação INCOMPLETA.

O **predicado** classifica-se em: *complexo* e *incomplexo*, *gramatical* e *total*. — *Complexo*, o que tem complemento, e *incomplexo* o que não o tem; *gramatical*, o despojado de complemento, e *total*, o que abrange o complemento, se o houver.

O **predicado gramatical** não pode ser *composto*, pois mais de um verbo seria mais de uma proposição (*vim, vi, venci*); porém o podem os adjuntos predicativos, p. ex.: *Pedro é* BOM e DIGNO *de louvor*, onde *bom* e *digno* é um *predicado nominal composto*, além de ser *complexo*, porquanto *digno* tem um complemento (*de louvor*.) Exs.:

Nós *vivemos*. — Quem *não cansa, alcança*. — A vida *depende do caráter*. — Quem *tem bôca vai a Roma*. — Quem *é êle?* — *Obra é de vilão* atirar a pedra, e esconder a mão. — *Bom é* o trabalho, e *perigosa* a ociosidade.

Indeterminação do sujeito

390. O SUJEITO e o PREDICADO são têrmos correlativos, mùtuamente se reclamam, e a coordenação de ambos nos dá o conceito da proposição gramatical. São, por isso, chamados membros *essenciais* da proposição, que sem êles não se concebe.

Entretanto, as proposições de verbos *impessoais* não têm sujeito gramaticalmente conhecido. Quando dizemos — *contam cousas espantosas*, evidentemente existe algures um sujeito-agente responsável pela ação expressa no verbo *contam*, empregado impessoalmente. Êsse sujeito-agente, lògicamente afirmado, é gramaticalmente indeterminável, e, portanto, *indeterminado*. Essa indeterminação do sujeito de modo nenhum nega a sua existência real.

Além dêsse processo, a que se prestam os verbos — *contar, dizer, referir, falar* e outros, de se impessoalizarem eventualmente na 3.ª pessoa do plural, a cada passo aparecem na frase verbos, mormente no modo infinitivo, com indeterminação do sujeito-agente, p. ex. : *Convém* ESTUDAR *para* APRENDER, *pede-se não* CUSPIR *no chão, aqui* SE ENTRA *e* SE SAI *sem licença.*

A dificuldade de se conhecer um sujeito refere-se apenas aos impessoais *próprios* (*chover, trovejar*, etc.) e certas expressões verbais *neutras* (*ser tarde, fazer calor*, etc.) De fato, mais por analogia do que pelo sentido, supomos um sujeito indeterminado nas seguintes *proposições* : *Chovia a cântaros, trovejou tôda a noite, amanheceu cedo, fêz calor, ficou tarde, é cedo, há homens.* A natureza dêsses predicados não reclama com a mesma clareza a existência algures de um sujeito. Todavia, os gramáticos romanos imaginavam, para os impessoais próprios, *Júpiter* ou o *céu : Jupiter pluit = Júpiter chove.* Seguindo-lhes a traça, nossos velhos gramáticos vão buscar na fantasia um sujeito adequado a tôdas as orações de verbos impessoais : *o céu* ou *a nuvem chove, o tempo faz frio, a sociedade há homens, a mesa tem iguarias.* Análise esta artificial e absurda ; êstes sujeitos são meras ficções. Impelida, contudo, por essa corrente analógica, há a tendência, no português popular, como sucede normalmente no francês e no inglês, de

dar o pronome pessoal *êle* como sujeito fictício : — *Êle é muito dia* (A. P.), *êle vai chover* (vide *Gr. Histórica*, 401-406.) O sujeito de tais verbos é *indeterminado*, e qualquer determinação nos leva a uma análise rebuscada, artificial e bárbara.

Como veremos, ao tratar mais adiante da sintaxe do verbo, podemos dar aos *impessoais essenciais* sentido *translato* ou *fictício* e dizer : *choveram impropérios, trovejaram tapas* ou *o céu choveu, a nuvem trovejou*, dando-lhes dêste modo sujeitos determinados.

COMPLEMENTO

391. Complemento, COMPLETIVO ou ADJUNTIVO é o têrmo ou membro *acessório* da proposição que serve para inteirar, limitar ou determinar a significação da palavra a que se junta. Exs.:

Flor DO JARDIM. — *Obediência* ÀS LEIS. — *Comer* MAÇÃ. — *Misturar* ALHOS COM BUGALHOS. — *Unhas* DE GATO *e hábito* DE BEATO.

Obs. — O têrmo *adjunto* é de moderna importação, porém vai-se generalizando o seu uso ; vem do particípio irregular do verbo *adjungir* = *jungir a*. Traz a idéia de palavra que se prende a outra, como os adjetivos e advérbios, para lhes modificar o sentido. E' mais geralmente aplicado às funções atributivas e adverbiais. — *Complemento* ou *regime* são expressões mais antigas, e aplicam-se mais comumente ao *objeto* e às *expressões* ligadas por preposição.

392. Entra na classe de complemento tôda palavra que na frase explana, amplia ou restringe o sentido de outra palavra, como os *adjetivos* e os *advérbios*.

a) O ADJETIVO, na frase, é ou *atributo* de substantivo, se a êle se prende diretamente, ou *predicado*, se a êle se prende por meio do *verbo de ligação ;* no primeiro caso, constitui-se um *adjunto atributivo*, no segundo *adjunto predicativo :*

A bela flor encanta a vista. — Êste guerreiro ganhou brilhante vitória. — A flor é bela. — A vitória parece brilhante. — Achei a criança doente.

b) O ADVÉRBIO constitui o *adjunto adverbial* ou *circunstancial* das palavras com que se relaciona :

E' extremamente útil falar claro e bem.

393. Os complementos podem ser divididos em duas classes:

1. ESSENCIAIS — 2. ACIDENTAIS

Obs. — A classificação de *diretos* e *indiretos*, adotada nas edições anteriores desta Gramática, não satisfaz plenamente aos fatos da língua, e determina, na exposição dêles, inevitáveis incongruências e confusão. Isso não acontece com a teoria, exposta pelo ilustre filólogo E. Bourciez, em sua esplêndida obra *Eléments de Linguistique Romane*, teoria que não só prima pela clareza, como pela lógica. E' a que ora adotamos neste capítulo.

COMPLEMENTOS ESSENCIAIS

394. Complemento essencial é o complemento exigido pela significação do têrmo completado.

São tais complementos de duas categorias:

OBJETIVO — TERMINATIVO

Complemento objetivo

395. Complemento objetivo ou OBJETO DIRETO é o têrmo que recebe a ação expressa pelo verbo *transitivo*, é o paciente da ação verbal, cujo *agente* é o *sujeito*: Não *bebas* COISA, QUE *não vejas, nem assines* CARTA, QUE *não leias.*

Nota. — Ao complemento objetivo dá-se o nome de complemento *direto* ou *objeto direto*, que corresponde ao *acusativo* latino, por oposição ao complemento ou *objeto indireto*, que corresponde ao *dativo* latino. Diz-se *direto* pelo fato de nêle se empregar a ação verbal imediatamente, isto é, quase sempre sem o intermédio de preposição, ao passo que o *indireto* exige quase sempre a intervenção desta partícula.

396. O complemento objetivo corresponde ao ACUSATIVO em latim e, sendo o PACIENTE da ação verbal, de que o sujeito é o AGENTE, deve ser sempre representado por *substantivo, pronome*, palavras ou frases *substantivadas*. Exs.:

Faze boa *farinha*, e não toques *buzina*. — Quem *abrolhos* semeia, *espinhos* colhe. — Arrima-*te* aos bons, serás um dêles. — Ovelha farta, do rabo *se* espanta. — Quem *tudo* contou com bois, não arou. — Mais vale *um dou*, que *dois te darei*. — A calúnia turba o *sábio*. — Com um *não* se livrou o Senhor de dizer *dez nãos* e *setenta nãos* (A. V.) — Se queres *enfermar*, lava *a cabeça* e vai-te deitar. — Queres *que te siga o cão*, dá-lhe *pão*.

Nota. — Certas locuções têm fôrça de verbo transitivo e pedem *objeto direto*, ex.: Quem não tem cabeça, não *há míster* (= necessita) carapuça.

397. Os PRONOMES OBLÍQUOS que podem funcionar como *objeto direto* ou *acusativo* são : *me, te, se, o, a, os, as, nos, vos*. Dêsses, só — *o, a, os, as* funcionam exclusivamente como *objeto direto*.

Autoriza, entretanto, o uso de bons escritores, empregarem-se pelo OBJETO DIRETO de certos verbos transitivos as formas *dativas* LHE e LHES, que, substituídas por um substantivo, admitem a preposição *a*, tais os verbos *fazer*, *chamar*, *ouvir*, *ver*, *deixar*. Exs. :

Fi-lo ver, fiz-lhe ver, fiz o menino ver, fiz ao menino ver — chamei-o ilustre, chamei-lhe ilustre, chamei o homem ilustre, chamei ao homem ilustre — desejava vê-lo fazer algum milagre, desejava ver-lhe fazer algum milagre — ouvi-o contar, ouvi-lhe contar, ouvi meu pai contar, ouvi a meu pai contar. — Os danos ou cômodos desta abusão a *que* chamam riqueza (F. M. de Melo.) — Como *o* chamará colega? (G. D.)

> A quantos *via passar*,
> *Com vozes desesperadas*,
> Os *fazia esperar* (B. Ribeiro.)

Obs.

1.ª Quer o Sr. G. Belegarde, em seus *Vocábulos e Locuções da Língua Portuguêsa*, que seja incorreto dar *acusativo* ao verbo *chamar*, na acepção de apelidar, dizendo-se *chamei-o sábio* em vez de *chamei-lhe sábio*. Esta última regência é, de fato, mais comum entre os clássicos. Da outra, todavia, encontramos também exemplos : *Pois se elas têm bons dentes e aquilo* QUE CHAMAM *graça na bôca e cova na face* (F. M. de Melo.) — *Se pois Davi* O CHAMA *seu senhor, como é seu filho?* (A. P.) — *Isso* QUE CHAMAM *fama é glória vã* (Constâncio, *Dic.*) — Não se deve, pois, tachar de incorreta essa regência, que, embora não seja tão vulgarizada, melhor se conforma, aliás, com o caráter transitivo do verbo, revelado em sua forma passiva : *Êle foi chamado sábio.*

2.ª E' êrro vulgar no Brasil dar ao caso reto dos pronomes substantivos funções *objetivas*, p. ex. : *Eu vi* ÊLE, *êle viu* NÓS, *chama* EU, em vez de — *eu o vi, êle* NOS *viu, chama*-ME. Dêstes *brasileirismos* encontram-se, todavia, exemplos em clássicos portuguêses : *E el-rei... degredou* ÊLE *e os filhos* (Fern. Lopes, apud. R. Barbosa.) — *Que em tal caso houvessem* ELA *por sua rainha e senhor* (Ib.) — *Mas assi de longe ordena* ÊLES *a ventura...* (B. Ribeiro.) — TODO ÊLE *aplicam* (A. V.) — *Êles falem por mim,* ÊLES *só ouve* (A. de F.)

398. Com os verbos *cognominar, declarar, chamar, apelidar, nomear, eleger, deixar, supor, tornar, trazer* e outros semelhantes, o *objeto direto* vem muitas vêzes seguido de um *adjetivo* ou *substantivo*, que a êle se refere *em relação atributiva* como *atributo do objeto*. Exs.:

Chamei-o SÁBIO (ou chamei-lhe sábio.) — *Nomeei-os* CAPITÃES. — *Deixei-o* MORTO. Êste nome, pôsto em relação atributiva para com o objeto, denomina-se COMPLETIVO OBJETIVO (387, Obs.)

Obs. — Êste atributo do objeto direto é enunciado de modo vário, p. ex.: *Chamei-o* DE SÁBIO. — *Nomeei-o* COMO CAIXEIRO. (387.) — Não se confunda êste caso com o *predicado indireto* (388.) Há realmente diferença entre — *chamei-o sábio* e *fi-lo sábio*. No primeiro exemplo o adjetivo *sábio* é mero ATRIBUTO do objeto *o*; no segundo, apresenta-se com o caráter de predicado dêsse objeto. Distingue-se êste do primeiro caso em admitir o verbo SER ou ESTAR, ex.: *Fi-lo sábio* = *fi-lo ser sábio*. — *Achei-o doente* = *achei-o estar doente*.

399. O COMPLEMENTO OBJETIVO ou OBJETO DIRETO pode ser: *simples, composto, complexo* e *incomplexo*.

400. Objeto direto simples é o que é expresso por um só substantivo, pronome, frase ou palavra substantivada. Exs.:

O hábito não faz O MONGE. — *Ninguém* SE *meta onde não* O *chamam*. — *Êle bradou* "INDEPENDÊNCIA OU MORTE". — *Quem tem* BÔCA *não manda* ASSOPRAR.

401. Objeto direto composto é o que é expresso por mais de um substantivo, pronome, frase ou palavra substantivada. Exs.:

Fénelon amou A FAMÍLIA, A PÁTRIA e A HUMANIDADE. — *Se queres* VIVER e MORRER *feliz, guarda tua língua do mal*. — *Amei* A TI e A ELA.

402. Objeto direto complexo é o que é modificado por adjuntos ou complementos. Exs.:

El-rei viera satisfazer OS ÓDIOS DE D. LEONOR (A. H.) — *Viva a gente, que sulca* A AZUL CAMPINA (F. E.) — *Êles sacudiram contra a cidade* O PÓ DE SEUS SAPATOS.

403. Objeto direto incomplexo é o objeto desacompanhado de qualquer adjunto ou complemento. Exs.:

Pedra movediça não cria BOLOR. — A necessidade não tem LEI. — Quem TUDO quer, TUDO perde.

404. O COMPLEMENTO OBJETIVO chama-se *direto*, porque se prende diretamente ao verbo transitivo, sem auxílio de preposição; todavia, admite-se a anteposição da preposição *a* nos seguintes casos:

1. Quando o *complemento objetivo* é constituído por um nome de PESSOA, ou, em geral, de SÊRES VIVOS do reino animal. Exs.:

Bruto assassinou A César. — Êle subjugou AO tigre. — Júlio César e seus sucessores tinham por herdeiros e testamenteiros AO santo pescador do mar de Tiberíades (A. C.) — Não achareis A um Jó que a sirva; não achareis A um Jó que a venere (A. V.) — Os homens perseguindo A Antônio, querendo-o lançar da terra... (Id.) — Quem não conhecesse A V. Ex.ª... (A. H.)

Obs. — A preposição neste caso é de rigor, quando houver perigo de ambigüidade, isto é, de confusão entre o *sujeito* e o *objeto direto*. Exs.: Feriu o inimigo AO soldado. — Assassinou A César Bruto. — A Pompeu venceu César.

Que aqui gente de Cristo não havia
Mas a que *a Mafamede* celebrava (C.)

Lia Alexandre *a Homero* de maneira
Que sempre se lhe sabe à cabeceira (C.)

Nestas construções a preposição indica claramente qual o paciente da ação verbal, e a sua ausência traria incerteza entre o agente e o paciente, ou poria êste no lugar daquele, dando à frase sentido contrário ao que se lhe quer dar, por ex.: *Venceu César Pompeu*, ou *Pompeu César venceu.*

2. Quando o *complemento objetivo*, constituído por um nome de SER INANIMADO, for anteposto ao verbo, ou quando houver necessidade para clarear o sentido ou dissipar a ambigüidade, e, ainda, quando a significação do verbo reclama habitualmente, por objeto direto, um ser animado. Exs.:

Sòmente AO *tronco, que devassa os ares, o raio ofende* (G. D.) — *Vence o dia* À *noite, ou* — À *noite vence o dia.* — *Vêem os nossos olhos* AO *sol, duas vêzes nascido* (A. C.) — *Não ameis* AO *mundo* (A. P.) — *Esta é a fé que vence* AO *mundo* (Id.) — *Êle pode suster com o freio* A *todo o corpo* (Id.) — *A preposição rege* AO *verbo.*

3. Quando o *complemento objetivo* é representado pelas seguintes formas pronominais: *mim, ti, si, êle, ela, nós, vós, êles, elas.* Exs.:

Êle escolheu A *mim, e* A *ti te rejeitou.* — *O ignorante e a candeia* A *si queima e a outros alumeia.*

Obs. — Cumpre restringir a êstes casos os complementos objetivos *preposicionais*, apesar de achar Grivet que a presença da preposição faz que o complemento objetivo ou direto perca o seu caráter, tornando-se indireto. Quando o aparecimento de uma preposição é habitual ou determina mudança na acepção do verbo, tem plena fôrça a observação dêsse ilustre gramático : o verbo assume outro caráter e o complemento respectivo torna-se indireto, exs. : *Pegar* ALGUMA COISA e *pegar* NALGUMA COISA. — *Saber* ALGUMA COISA e *saber* DE ALGUMA COISA. — *Usar* GRAVATA e *usar* DE GRAVATA. — *Cumprir* O DEVER e *cumprir* COM O DEVER. — *Esperar* ALGUÉM e *esperar* EM ALGUÉM.

Complemento terminativo

405. Complemento terminativo é o têrmo de relação ou o têrmo exigido pela significação relativa da palavra completada. Podem ter êste complemento os *substantivos, adjetivos* e *verbos* de significação relativa (263.) Exs.:

Amor à virtude. — *Título de eleitor.* — *Direito à herança.* — *Filho de pais ilustres.* — *Desejoso de aprender.* — *Útil à pátria.* — *Ferido pelo inimigo.* — *Obedecer às ordens.* — *Gostar de boas leituras.* — *Depender de proteção.* — *Proceder contra alguém.*

Dá-se o nome de OBJETIVO INDIRETO ao complemento terminativo do verbo *relativo*. Exs. :

Melhor é dar A RUIM, *que pedir* A BONS. — *Quem* EM TODOS *crê, erra; e quem* A NENHUM, *não acerta.* — *Cuida bem* NO QUE *fazes, não te fies* EM RAPAZES. — *Quem a porcos há mêdo, as moitas* LHE *roncam.*

406. São de quatro espécies os COMPLEMENTOS TERMINATIVOS : *atribuição, direção, origem* e *relação.*

1. O TERMINATIVO DE ATRIBUIÇÃO é o têrmo de relação dos verbos transitivos-relativos. Exs. :

A quem *te* dá uma pássara, dá-*lhe* uma asa. — Faze bem *ao bom varão*, haverás galardão. — *Ao vilão* dão-*lhe* o pé, e toma a mão.

Nota. — Tais complementos são, geralmente, postos em *dativo* no latim : em português são êles regidos de *a* ou *para*, exceto quando expresso por — *me, te, se, lhe, nos, vos* : Dou-*me* os parabéns. — Arrogas-*te* o direito. — Obedeço-*vos*. — Ele *lho* disse. — Eu *vo-lo* declaro.

2. O TERMINATIVO DE DIREÇÃO é o têrmo que exprime o lugar para onde se dirige o movimento expresso pelo *verbo* e pelo *substantivo* ou *adjetivo verbais*, p. ex.: *partir para a Europa, ida ao Rio, dirigido contra o Sul.* Exs.:

Quando fores *ao conselho*, fala do teu e deixa o alheio. — O mal e o bem *à face* vêm. — Mete a mão *no teu seio*, não dirás do fato alheio.

Nota. — Tais complementos são geralmente, em latim, postos em *acusativo* regido de *ad* ou *in*.

3. O TERMINATIVO DE ORIGEM é o têrmo que exprime o ponto de partida de uma ação expressa por *verbo* e *substantivo* ou *adjetivo verbais*: *vim de casa, vinda de casa, vindo de casa, partida do Rio para São Paulo, receber do pai uma carta.* Exs.:

Pêso e medida tiram o homem *de fugida.* — Se queres água limpa, tira-a *da fonte viva.* — O mal que *de tua bôca* sai, em teu seio cai.

Nota. — Tais complementos são em latim expressos pelo *ablativo* regido de *ex* ou *de*, e em português caracteriza-os a preposição *de*.

4. O TERMINATIVO DE RELAÇÃO é o têrmo que, fora dêstes casos especificados, completa, regido de preposição adequada, o sentido do *verbo, adjetivo* e *substantivo relativos*, p. ex.: *depender dêle, contente com a sorte, o desejo de viver.* Exs.:

Honra e proveito não cabem *em um saco só.* — Faze *por ter*, e vir-te-ão ver. — Quem em velho engorda, *de boa mocidade* se logra. — Nunca se queixa *de engano* quem pela amostra compra o pano. — Besteiro torto atira aos pés e dá *no rosto.*

Obs.

1.ª Como os verbos, têm os substantivos e os adjetivos significação *absoluta* ou *relativa*. Os substantivos e adjêtivos de significação relativa pedem um *têrmo de relação* ou *complemento terminativo* para lhes inteirar o sentido, tais são: *inclinação, gôsto, desejo, aspiração, amor, filho, pai,* etc., *inclinado, desejoso, aspirante, obediente.* Ao passo que outros substantivos e adjetivos têm significação *absoluta*, que exprime idéia completa, como: *mesa, vida, alma — morto, bom, vital, perfeito,* etc.

2.ª Emprega-se, às vêzes, a preposição DE para indicar o *têrmo de relação* em vez da preposição A: *Amor da virtude*, por *amor à virtude.* Desta equivalência das duas preposições origina-se por vêzes ambigüidade, que importa evitar, ex.: *O amor de minha mãe me fortalece. De minha mãe* pode ser complemento *restritivo* ou *terminativo:* no primeiro caso MÃE é o *sujeito* de *amor* — é o amor dela para comigo; no segundo é o *objeto* — é o meu amor para com ela. Sendo, pois, *terminativo*, dir-se-á: *O amor a minha mãe me fortalece.*

3.ª Substitui-se elegantemente o *possessivo* pelos *pronomes oblíquos*, postos em relação complementar terminativa para com o verbo da proposição, p. ex. : *Tomei*-LHE *o livro* = *Tomei o* SEU *livro*. — *Levou*-ME *o chapéu* = *Levou o* MEU *chapéu*. — *Conheço*-LHE *as manhas* = *Conheço as* SUAS *manhas*. Contudo, pode-se em tais construções enunciar o possessivo : "*Os homens perseguiam a Antônio, porque lhes repreendia* SEUS *vícios*..." (A. V.)

4.ª Entram na classe dos *essenciais* os *adjuntos predicativos* ou completivos subjetivos (386.)

COMPLEMENTOS ACIDENTAIS

407. Complemento acidental é o complemento não exigido pela significação do têrmo completado, é um mero *adjunto*, que acidentalmente dá mais precisão ao sentido do têrmo.

408. São tais complementos de duas categorias :

ATRIBUTIVO E CIRCUNSTANCIAL

409. Complemento atributivo ou ADJUNTO ATRIBUTIVO é o que explica ou restringe a significação de um *substantivo*.

Tal complemento é sempre expresso por um *adjetivo* ou têrmo equivalente, p. ex. : *homem* HONRADO, *homem* DE BEM.

410. São de duas espécies os complementos atributivos — EXPLICATIVO e RESTRITIVO :

1. Complemento atributivo EXPLICATIVO é o que explana uma qualidade *inerente* ou *compreendida* no substantivo modificado, p. ex. : *A* BRANCA *neve* — *esta coroa* DE OURO — *êste* BELO *rapaz* — *êsse relógio* DE PEDRO — *água* MOLE *em pedra* DURA, *tanto dá até que fura* (160.)

2. Complemento atributivo RESTRITIVO é o que limita ou restringe a significação do *apelativo*, p. ex. : *papel* BRANCO — *coroa* DE OURO — *rapaz* BELO — *dois relógios* DE PEDRO — *pó* PARA DENTES (160.)

411. APÔSTO. E' complemento atributivo o chamado — APÔSTO. Dá-se o nome de APÔSTO ao substantivo que modifica

outro, sem o auxílio de preposição, e o substantivo modificado chama-se FUNDAMENTAL. Exs.:

SALOMÃO, FILHO *de Davi.* — TITO, DELÍCIAS *da humanidade.* — *Correi, correi, ó* LÁGRIMAS SAUDOSAS, LEGADO *acerbo da ventura extinta, dúbios* ARCHOTES, *que a tremer clareiam!* (F. Varela.) — A CASA GARRAUX. — O RIO AMAZONAS.

Os substantivos *filho, delícias, legado, archotes, Garraux, Amazonas,* são APOSTOS, e *Salomão, Tito, lágrimas, casa, rio,* são FUNDAMENTAIS.

Obs. — O *apôsto* deixa de ser separado do seu *fundamental*, por vírgula, quando forma com êle uma *locução substantiva*; neste caso pode ser destruída a *aposição* com a intervenção da preposição DE: *A casa do Garraux, o rio das Amazonas.* — Quando o *apôsto* tem por *fundamental* um nome próprio, ou, em geral, um apelativo individual, é *complemento* EXPLICATIVO, salvo o caso em que há intenção de distinguir entre indivíduos do mesmo nome: *Alexandre, o Grande.* — *D. Manuel, o Venturoso.*

412. VOCATIVO é um *apôsto* especial da 2.ª pessoa, com que se relaciona. Exs.:

Miguel, Miguel, não tens abelhas e vendes mel! — *Correi, correi, ó lágrimas saudosas!* — *Agora, tu, Calíope, me ensina.* — *O' tu, que tens de humano o gesto e o peito, a estas criancinhas tem respeito.* — *Oceano terrível, mar imenso, enfim... enfim, te vejo.* — *Meninos, eu vi.*

Nota. — A aposição vocativa é patente: *Não tens tu, Miguel.* — *Correi vós, ó lágrimas saudosas.* — *Tem respeito tu, ó tu que tens...* — *Enfim, vejo-te, oceano terrível.* — O vocativo insulado na frase relaciona-se com o sujeito da proposição implícita, como em — *Meninos, eu vi: Atendei-me vós, meninos.*

413. Complemento circunstancial é o que modifica o *adjetivo*, o *verbo* ou o *advérbio*, a que se liga, em geral, por preposição adequada, *clara* ou *oculta*, exprimindo alguma circunstância, ex.: *Duro* DE ROER. — *Vive* COM DIFICULDADE. — *Vive mal* DE SORTE.

Nota. — Êstes complementos, como os advérbios, põem-se em *relação adverbial* para com as palavras modificadas, e, como êles, podem ser denominados *adjuntos adverbiais.*

414. As circunstâncias que êles exprimem podem ser *essenciais* ou *virtuais*, conforme forem próprias ou analógicas. Damos aqui as circunstâncias principais:

Tempo: — POR SANTA LUZIA *cresce a noite, míngua o dia.* — DIA DE SÃO VICENTE (EM DIA) *tôda a água é quente.* — DE PEQUENINO *se torce o pepino.*

Lugar: — *De vagar se vai* AO LONGE. — EM CASA DE ENFORCADO *não falar em corda.* — *Quem cospe* PARA O CÉU NA CARA *lhe cai.* — *Êle está* NO ASSUNTO (*lugar onde virtual*). — *Êle saiu-se* DA DIFICULDADE (*lugar donde virtual*). — *Passou* POR GRAVES PERIGOS (*lugar por onde virtual*). — *Olha* PARA A RECOMPENSA (*lugar para onde virtual*).

Modo: — *Se queres ser pobre* SEM O SENTIR, *mete obreiros e deita-te a dormir.* — *Onde te querem muito, não vás* AMIÚDE. — *Êle vive* À MODERNA.

Causa: — *O seguro morreu* DE VELHO. — *Amigo que desavém* POR UM PÃO *de centeio... ou a fome é muita ou o amor pequeno.*

Companhia: — *Duro* COM DURO *não faz bom muro.* — *Não jogues as peras* COM TEU AMO.

Fim: — *Não façais as vossas boas obras* PARA SERDES VISTOS *dos homens.*

Instrumento: — *Quem* COM FERRO *fere,* COM FERRO *será* FERIDO.

Meio: — *Os filhos* POR MÃO *de Atreu comia* (C.).

Matéria: — DA MATÉRIA *das nuvens parecia* (C.). — *Feito* DE OURO.

Oposição: — CONTRA UMA DAMA, *ó peitos carniceiros, feros vos amostrais e cavalheiros* (C.).

Preço: — *Vendeu* PELO CUSTO. — *Pagou* COM A VIDA.

Conformidade: — *Fez* CONFORME À ORDEM. — *Vivem* DE HARMONIA.

Distância: — *Dista* (até) *três léguas.* — *A cidade está* A QUATRO LÉGUAS *para o sul.*

Afirmação: — *Vireis* COM CERTEZA. — *Irás* DE CERTO.

Negação: — DE MODO NENHUM *consentirei.*

Dúvida: — *Êle* POR VENTURA *virá.* — *Terão* POR ACASO *misericórdia de nós?*

Exclusão: — *Tudo perdeu,* EXCETO A HONRA. — *Tudo ganhou,* MENOS A GLÓRIA.

Obs. — Entre o complemento terminativo e o circunstancial nem sempre há limites rigorosos. Tôdas as vêzes que a circunstância é exigida pela significação relativa do *adjetivo* ou do *verbo*, o complemento assume os dois aspectos, e torna-se um complemento TERMINATIVO CIRCUNSTANCIAL: *Venho* DA CIDADE. — *Vou* PARA O RIO. — *Passei* PELA PONTE. — *Foi ferido* PELO SOLDADO. Em geral o advérbio pode resolver-se em um complemento circunstancial regido de preposição. *Aqui = neste lugar, hoje = neste dia, sàbiamente = de modo sábio.*

415. O plano geral da frase portuguêsa é idêntico ao da frase latina. Nesta como naquela o pensamento é sempre enunciado por meio de três têrmos — *sujeito*, *predicado* e *complemento*. Porém na indicação especial do sujeito e do complemento divergem os processos. O latim indica a função lógica da palavra ou a sua relação por meio de desinências especiais chamadas *casos*, ao passo que o português, não possuindo êsses processos, lança mão ora de *posição* ora da *preposição*, e, às vêzes, do *sentido óbvio*, para indicar as relações sintáticas dos têrmos na frase vernácula.

O latim possuía seis casos, geralmente conhecidos, com que indicava tôdas as relações sintáticas ou o papel dos têrmos na frase, excluído o predicado ou verbo, que numa e noutra língua se revela pela própria forma. Os *casos* com as correspondentes relações em português são os seguintes:

Nominativo	=	relação	subjetiva
Genitivo	=	„	atributiva
Dativo	=	„	terminativa
Acusativo	=	„	objetiva
Vocativo	=	„	vocativa
Ablativo	=	„	adverbial

416. A relação PREDICATIVA, expressa pelo verbo, revela-se pela forma e pela concordância com o sujeito.

Obs. — Neste confronto geral da sintaxe relacional latina e portuguêsa, convém notar que a preposição *de* indica em português o genitivo latino (*liber-Petri* = *livro de Pedro*), e que nesse genitivo atributivo se discriminam três funções — *predicativa*, *subjetiva* e *objetiva* (Ayer.)

1. *Genitivo predicativo*, quando pode ser pôsto em relação predicativa: *liber Petri* = *livro de Pedro* = *livro é de Pedro*.

2. *Genitivo subjetivo*, quando expressa o *sujeito* ou *agente* do fato indicado pelo substantivo regente: *oratio Ciceronis* = *oração de Cícero*.

3. *Genitivo objetivo*, quando expressa o *objeto* ou *paciente* do fato indicado pelo substantivo regente: *remedium doloris* = *remédio da dor*.

Entre o genitivo subjetivo e objetivo há ambigüidade de sentido, desde que sejam constituídos por têrmo que possa ser o agente ou o paciente do fato, ex.: *amor Petri* = *amor de Pedro*, onde não se sabe se Pedro é o sujeito ou o objeto do *amor*.

PROCESSOS SINTÁTICOS

417. Tendo estudado os têrmos lógicos da frase, cumpre-nos agora estudar os *processos sintáticos* em relação a êles.

418. São três êsses processos: *concordância, regência* e *colocação.*

419. Cada um dêsses processos tem dois aspectos: o *normal* ou *natural* e o *anormal* ou *figurado.* Daí a divisão em — SINTAXE REGULAR e SINTAXE IRREGULAR OU FIGURADA de cada um dêles.

420. A SINTAXE FIGURADA é a constituída pelas FIGURAS DE SINTAXE.

FIGURA, em gramática, são as alterações da *forma* que não influem no *sentido,* autorizadas pelo uso de pessoas cultas. Assim, as *figuras de palavras* ou *metaplasmos* são alterações que fazemos nos vocábulos, *aumentando, diminuindo* ou *transpondo* sons (88); semelhantemente as *figuras de sintaxe* são alterações que fazemos na proposição, *aumentando, diminuindo* ou *transpondo* palavras, como a seu tempo veremos.

SINTAXE REGULAR DE CONCORDÂNCIA

421. Concordância é o processo sintático pelo qual umas palavras mudam de flexão para se porem de acôrdo com o *gênero, número* e *pessoa* de outras, a que se referem.

A CONCORDÂNCIA realiza-se:

1. Do VERBO com o SUJEITO.
2. Do PREDICADO NOMINAL e PRONOMINAL com o SUJEITO
3. Do ADJETIVO com o SUBSTANTIVO.
4. Do PRONOME com o NOME a que se refere.

Concordância do verbo com o sujeito

422. Regra geral:

O VERBO concorda com o SUJEITO em NÚMERO e PESSOA de sorte que o número e a pessoa do sujeito determinam o número e a pessoa do verbo. Exs.:

O tigre devora a prêsa, e *dorme*; *os homens tornam-se* assassinos, e *velam*. — *Convidam-se as tribos* de seus arredores (G. D.) — Quem *és tu*, visão celeste? (G. D.) — Quantas ou que *horas são*? *São* dez *horas*. — Quantos *são* hoje? Hoje *são vinte*. — Ao seguinte dia que *eram nove* do mês de março (J. de Barros.) — *Eram três* de setembro (A. C.) — *Eram* perto das (quase) seis *horas* da tarde do dia seis de maio de 1389 (A. H.) — Havia, até, quem asseverasse que na alcáçova e no terreiro de S. Martinho se *começavam* a ajuntar *homens* d'armas e besteiros (A. H.) — Deus guarde a excelentíssima pessoa de vossa excelência como... os criados de vossa excelência havemos mister (A. V., *Cart.*) — Com rêdes alheias ou feitas por mãos alheias, *podem-se pescar peixes, homens* não *se podem pescar* (A. V.)

Obs. 1.ª PODEM-SE *pescar* PEIXES, HOMENS *não se* PODEM *pescar* (A. V.) — *Mal* SE PODEM *pintar* GIGANTES *em pequena tábua* (A. C.) — Nestas frases manifestamente apassivadas pela partícula SE, *peixes, homens* e *gigantes* são sujeitos dos *verbos perifrásticos* — *podem pescar* e *podem pintar*, expressões equivalentes a: PEIXES PODEM *ser pescados*, HOMENS *não* PODEM *ser pescados*, GIGANTES *não* PODEM *ser pintados*. Vê-se que a concordância de Vieira e de Castilho no plural é lógica e segura.

Opinam, porém, alguns, que os verbos PODER, DEVER e outros auxiliares do infinitivo presente podem ficar no singular, tendo como sujeito êste mesmo infinitivo; destarte poder-se-ia dizer: PODE-SE *pescar* PEIXES, pois o sujeito seria — *pescar peixes*. De fato, encontram-se em alguns escritores tais construções, se bem que raramente. Tal concordância, todavia, não é segura, e parece-nos que só teria sua justificação no caso de ser o SE sujeito. — Alexandre Herculano e outros empregam o plural em caso análogo com os verbos VER, OUVIR, etc., em construções apassivadas, p. ex.: *Negros uns vultos, vaguear* SE VIAM. — *E as ribas êrmas sussurrar* SE OUVIAM. Todavia, com tais verbos, a concordância poder-se-ia efetuar facultativamente no singular, dando-se por sujeito a oração infinitiva — *ribas êrmas sussurrarem se ouvia, negros uns vultos vaguearem se via.* "Um dia ao romper do sol *via-se* ao longe... resplandecerem as cumiadas das montanhas" (A. H., *Eur.* 84.) — Assim neste passo dos *Lusíadas*: — *Qual roxa sanguessuga se veria fartar c'o sangue alheio a sêde ardente*, o *sujeito* da locução verbal apassivada (*se veria fartar*) é *sanguessuga*, e no plural dir-se-ia: *Quais roxas sanguessugas* SE VERIAM *fartar c'o sangue alheio a sêde ardente.* — Em outras locuções do infinitivo, em que se vê clara-

mente ser êste o sujeito do verbo do modo finito, dá-se a concordância no singular: *Quer-se* inverter as leis (João Ribeiro.) — *Intenta-se* demolir aquêles muros (Id.) — *Parecer* admite duas construções: *êles parecem estar doentes*, e *êles parece estarem doentes* ou *que estão doentes*.

2.ª Familiarmente é mais comum dizer-se: *Quanto é hoje? Hoje é vinte.* Expressão esta perfeitamente analisável, desde que tomemos o cardinal pelo ordinal: *Hoje é o dia vinte* ou *vigésimo dia do mês*. — E' mais comum entre eruditos e mais consentâneo com os antecedentes da língua, formular-se a pergunta e a resposta no plural: *Quantos são hoje? Hoje são dez* (dez dias andados do mês).

423. Regras especiais:

1.ª O SUJEITO COMPOSTO leva o verbo para o PLURAL:

O sol e a lua brilham no firmamento. — *Pedro e Paulo morreram.* — Tanto a *igreja* como o *estado eram* até certo ponto inocentes (A. H.)

2.ª Se o SUJEITO COMPOSTO fôr de diferentes pessoas gramaticais, o verbo concorda no plural com a que tem PRECEDÊNCIA na ordem das pessoas gramaticais, tendo a 1.ª precedência sôbre a 2.ª, e a 2.ª sôbre a 3.ª.

Eu e tu iremos à cidade. — *Tu e êle ireis* à cidade. — *Eu, tu e êle iremos* à cidade. — *Ou eu ou êle seremos eleitos* presidente. — *Nem eu nem êle seremos eleitos* presidente do Estado. — *Só faltamos eu e os meus amigos* (A. H.)

Nota. — Subentende-se no plural o pronome da pessoa que tem precedência: *eu* e *tu* = *nós*, *tu* e *êle* = *vós*.

3.ª Quando o SUJEITO é constituído por palavras SINÔNIMAS ou tomadas como um TODO, o verbo fica no SINGULAR, pois o sujeito é apenas aparentemente composto. Exs.:

A vida e o tempo nunca *pára*. — Eva e a mulher *ensine* (A. V.) — A luz e a ciência só *veio* ao mundo em nossos dias (A. H.) — Que ameaço divino ou que segrêdo *êste clima* e *êste mar* nos *apresenta*, que mor cousa parece que tormenta? (C.). — *Esse ouro* e *prata*, pôsto que naturalmente *desce* para baixo, *havia* de subir para cima (A. V.) — E já sòmente o *céu* e *o mar se via* (S. de Menezes.)

Obs. — A concordância do verbo com o sujeito, observa o Sr. Vasconcelos, em sua *Gramática Histórica*, obedece atualmente a leis muito variadas e complexas, tendo sido isto o resultado do trabalho evolutivo da língua.

No antigo português passava-se tudo muito mais simplesmente. Sendo o sujeito composto ou múltiplo, o verbo concordava geralmente com o mais próximo; sendo um coletivo, empregava-se o verbo ordinària-

mente no plural, concordando com a idéia que era plural e não com o vocábulo que era singular, exs. : *Os céus, e o mar e a terra* APREGOA *a glória de Deus.* — *Compadecei-vos de tôda esta gente que* MORREM *de fome.*

Nos velhos adágios de nossa língua encontramos freqüentes confirmações dêsse fato atestado pelo ilustre gramático português : *Amor e senhoria não* QUER *companhia.* — *O amor e a fé nas obras se* VÊ. — *Amor, dinheiro e cuidado não* ESTÁ *dissimulado.* — *O ignorante e a candeia a si* QUEIMA *e a outros* ALUMEIA.

4.ª O SUJEITO COMPOSTO deixa de levar o verbo para o plural, desde que haja uma gradação, caso em que o verbo concorda com o último enunciado. Exs.:

Uma palavra, um gesto, *um olhar bastava.*

5.ª Dá-se o mesmo fenômeno de concordar o verbo com o último enunciado, desde que haja uma ENUMERAÇÃO terminada por *tudo, nada, nenhum, ninguém, cada um.* Exs.:

a) O ouro, os diamantes e as pérolas, *tudo é* terra e da terra (A. V.)
b) Jogos, conversações, espetáculos, *nada* o *tirava* de seu retiro (S. Barbosa.)
c) A noz, o burro, o sino e o preguiçoso, sem pancadas *nenhum faz* o seu ofício (M. B.)
d) As plantas, rios, flores, prados, fontes, *cada um* com língua muda ao sol *falava* (G. Pereira.)

6.ª Se o SUJEITO COMPOSTO se POSPUSER ao verbo, pode êste ficar no singular. Exs.:

Passará o céu e a terra, mas não passarão as minhas palavras (A. P.) — Cantando espalharei por tôda a parte, se a tanto me *ajudar engenho e arte* (C.) — Do mesmo pai *nasceu Esaú* e *Jacó.* — Na estatuária passou Fídias e Lisipo ; na pintura Timantes e Apeles ; na arquitetura passou Meliágenes e Demócrates ; na música passou Orfeu e Anfião (A. V.)

Tentou Piriteu e Teseu de ignorantes
O reino de Plutão horrendo e escuro (C.)

E' muda a *dôr* e o *gôzo* (A. H.) — Foge-me a *côr* e a *voz* (A. C.) — Cf... lugar onde caibam êle, eu e meu ódio (A. H.)

Nota. — Sendo o *sujeito composto* de nomes próprios, melhor se fará a concordância no PLURAL, e se dirá com o próprio Antônio Vieira : — *Passaram Heitor e Aquiles ; passaram Aníbal e Cipião ; passaram Pompeu*

Julio e César. Esta concordância no plural é de rigor, quando, sendo *ser* o verbo da oração, a êle seguir substantivo no plural: *Foram inventores dêste jôgo Hércules, Pito, Teseu e outros heróis* (A. V.)

7.ª O SUJEITO COMPOSTO ORACIONAL deixa o verbo no singular. Exs.:

Perdoar erros e engrandecer bons intentos é de espírito generoso (F. R. Lôbo.) — *Basta ser Gonçalo e ser Fernandes* para ser grão-capitão. — *E' necessário* que êle vá e eu fique. — Serem os homens uma coisa e parecerem outra *é fácil* (A. V.)

8.ª Se houver, porém, CONTRASTE entre os sujeitos fraseológicos ou oracionais, ou se forem INDIVIDUADOS por um determinativo, vai o verbo para o plural. Exs.:

Amar, agravar e empecer não se *compadecem.* — *O ler e o escrever que foram* e que não *puderam* deixar de ser na origem extremamente símplices... *haverão* dado um passo de gigante para os máximos futuros (A. C.) — *O não posso* dos negligentes e *o não quero* dos contumazes, *valem* quase o mesmo (M. B.)

9.ª UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO, MAIS DE UM, seguidos ou não de substantivo, levam o verbo indiferentemente ao *singular* ou ao *plural.* Exs.:

Um e outro é bom ou *são bons, nem um nem outro é bom* ou *são bons* (CONSTÂNCIO.) — *Uma e outra coisa se aprende* (L. S.) — De repente, *um e outro desapareceram* (A. H.) — Pôsto que *uma e outra emprêsa fôssem* mui *semelhantes* (A. V.) — *Um e outro serviço exigem* iguais cuidados (A. C.) — *Mais de um* lhe *rota* na consciência. — *Mais de um coração teria de bater apressado* no meio da eminente luta (A. H.) — Sabemos que *mais de um milhão* de cruzados *foram* ilegalìssimamente desviados das arcas do tesouro (L. C.) — *Mais de um sócio*, ao terminar a sessão, se *insultaram, mais de um companheiro* se *desavieram* (E. Carneiro.) — E' um belo e nobre exemplo em que *mais de um escritor* europeu bem *poderiam* aprender (A. C.)

Obs. — E' preferível o singular com *mais de um*, desde que não seja êste sujeito seguido de um coletivo com o complemento no plural, e não exprima reciprocidade de ação, como nos exemplos citados de Latino Coelho e do Dr. Ernesto Carneiro, casos em que o plural é de regra: Mais de um milhão de cruzados *foram*... — Mais de um sócio *se insultaram.* — *Mais de dois, de três*, etc., reclama o plural: *Mais de dois foram mortos.* — *Seguiram-se* mais de *trinta* homens de armas (A. H.) — *Um e outro* reclama substantivo no singular, ainda mesmo no caso de ter o predicado no plural: *Uma e outra milícia* (A. V.) — *Uma e outra emprêsa são semelhantes.* — *Correm com luzes um e outro soldado* (*Malaca conquis-*

tada). Não é digna de imitação a seguinte concordância de Fr. L. de Sousa: *Um e outro arcebispos.*

10.ª As disjuntivas OU e NEM, ligando sujeito composto, levam o verbo ao *singular*, se houver EXCLUSÃO; no caso contrário, irá o verbo para o *plural*, de acôrdo com a regra 1.ª. Exs.:

O pai *ou* o filho *será* eleito presidente. — Nem o pai nem o filho *será* eleito presidente. — Hortelã, manjerona ali respiram, onde *nem* frio *inverno, ou* quente *estio*, as *murcharam* jamais ou sêcas *viram* (C.) — A nulidade *ou* a validade do contrato *eram* assunto de direito civil (A. H.)

Nota. — Pospondo-se o *sujeito*, concorda o verbo com o 1.º: Sei que não *seriam* nem *êles* nem *eu*, quem pusesse êsse remate (A. M.) — Sendo o sujeito de diferentes pessoas, observa-se a regra 2.ª, se bem que alguns prefiram concordar com o pronome mais próximo: *ou êle ou eu serei eleito presidente*, ou — *seremos eleitos presidentes.*

11.ª O SUJEITO no singular, que tem um complemento regido da preposição de companhia COM, pode levar o verbo ao *plural* quando a intenção é indicar cooperação por igual de ambos os elementos do sujeito. Exs.:

Que *eu c'o grão Macedônio e c'o Romano demos* lugar ao nome lusitano (C.) — Ao quarto dia, D. Rosa Guilhermina com a sua amiga *ocuparam* a casa do Laranjal (C. C. B. *ap. M. Barreto.*)

12.ª Dois SUJEITOS ligados por COMO, ASSIM COMO, DO MESMO MODO QUE, deixam o verbo no SINGULAR concordar com o primeiro. Exs.:

A vida, como a guerra, é cheia de peripécias.

Nota. — Às vêzes dá-se a COMO o valor de E, indo o verbo ao *plural:* Assim *Saul como Davi*, debaixo de seu saial, *eram* homens de tão grandes espíritos, como logo mostraram suas obras (A. V.) — Tanto a *igreja como o estado eram* até certo ponto inocentes (A. H.)

13.ª QUEM, que se decompõe analìticamente em — O QUE, AQUÊLE QUE, AQUÊLA PESSOA QUE, é, em regra, da 3.ª pessoa do singular, e para essa pessoa leva o verbo de que é SUJEITO. Exs.:

Quem diz o que quer, ouve o que não quer. — *Quem* tudo *quer*, tudo perde. — *Quem paga* sou eu. Somos nós *quem paga*. — Como se fôsse eu, e não os que o escolheram por mandatário, *quem houvesse de perdoar-lhe* (A. H.)

Todavia, antecedendo expresso na frase a QUEM um pronome pessoal, pode êle deixar-se influenciar pelo NÚMERO, PESSOA e GÊNERO dêste:

Sou eu *quem pago*, és tu *quem pagas*, somos nós *quem pagamos*, sois vós *quem pagais*, são êles *quem pagam*. — Não foram êles só *quem* vos *imitaram* (M. B.) — Eu sou *quem falo* (J. S. Barbosa.) — *Pois fui eu quem lhe vali* (C. C. B.) (*N. Estudos*, M. Barreto, pág. 234.) — *Dize-lhe que sou eu quem te mando* (A. A. Cortesão.)

14.ª QUE, pronome conjuntivo, e QUANTO são sempre do número, pessoa e gênero de seu ANTECEDENTE OU ANTECEDENTES para os efeitos da concordância. Exs.:

Sou eu *que pago* (= o que pago), és tu *que pagas*, é êle *que paga*, somos nós *que pagamos* (= os que pagamos), sois vós *que pagais*, são êles *que pagam*. — Todos (nós) *quantos* aqui *estamos*, vivemos bem. — Cesteiro *que faz* um cêsto, faz um cento. — Eu e tu, *que somos inocentes*, nada temos (423, 2.ª.) — O homem, a mulher e o menino *que foram* presos, são culpados. — O homem, a mulher, e o menino *que foi* prêso, são culpados. — *O que quer, vai; o que não quer, manda* (= *quem quer, vai; quem não quer, manda*.)

15.ª Dá-se com o QUE, AQUÊLE QUE, a mesma dupla sintaxe que notamos em relação a seu equivalente QUEM, uma vez que os determinativos *o* e *aquêle*, em relação predicativa, podem perder sua autonomia pessoal e absorver a pessoa do sujeito. Exs.:

Sou *eu o que fala* ou *o que falo*. — Eu sou *aquêle* oculto e grande *cabo que* nunca a Ptolomeu, Pompônio, Estrabo, Plínio, e quantos passaram, *fui notório* (C.) — *Os que somos* honestos *devemos* pagar as nossas dívidas (nós, os que...), ou — *os que são* honestos *devem*... "Os criados de V. Exa. havemos mister (A. V.) = *nós que somos* os criados... havemos."

16.ª Certos substantivos próprios na forma plural, como *Alpes*, *Andes*, *Estados Unidos*, *Amazonas*, *Campos*, etc., só levam o verbo ao *plural*, quando não se oblitera a noção de sua pluralidade. Exs.:

Os Andes *lançam* no espaço seus píncaros nevados. — Os Estados Unidos *são* uma das nações mais poderosas. — Os Lusíadas *eram* antecipado panegírico proferido nas exéquias soleníssimas de um herói (L. C.) — O Amazonas *corre* majestoso para o oceano. — Campos *está* edificada às margens do Paraíba.

17.ª As palavras que estiverem no plural quanto à forma, mas no singular quanto à idéia, quando sujeitos deixam o verbo no *singular*, p. ex.: *Dançou-se os Lanceiros* (C. C. B.) — *Casas* é substantivo — *Vozes* está no plural — *Árvores* é sujeito da oração.

18.ª O pronome conjuntivo QUE, precedido de — UM DE, UMA DE, UM DOS, UMA DAS, leva o verbo de que é sujeito para o *singular* ou *plural*, conforme se refere ao nome plural que o precede, ou ao pronome singular *um*. Exs.:

Eu sou um dos que *pensam* desta maneira. — O Vouga é um dos rios de Portugal que *entram* no mar (Lião). — E' êle um dos poucos que se *distinguiram* na guerra. — E' um dos filhos que te *nasceram* em Portugal. — Eu sou um dos presentes, que *pensa* diferentemente. — O Vouga é um dos rios de Portugal, que *corre* para o oeste. — E' êle um dos poucos veteranos, que *acaba* de morrer. — E' êste um de teus filhos, que te *nasceu* em Portugal.

O sentido do primeiro exemplo *plural* é manifestamente: Eu sou uma pessoa dentre as pessoas que *pensam* desta maneira. O sentido do primeiro exemplo *singular* é: Eu sou dentre as *pessoas* presentes uma *pessoa* que pensa diferentemente. Assim o singular ou o plural do verbo podem ser de rigor conforme o sentido. Infelizmente nem sempre se c ngem a êste critério lógico alguns escritores.

19.ª Na frase — *Nós é que somos patriotas*, não há discordância idiomática do verbo com o sujeito, como querem alguns, pois *nós* manifestamente é sujeito de *somos*, resolvendo-se a frase anallticamente em "Que nós somos patriotas *é*, ou *é fato, é certo*".

Podemos ainda explicar êste idiotismo vernáculo, admitindo ser *é que* mera locução expletiva, cujo único fim é realçar, dar ênfase à asserção.

20.ª Há um caso curioso em que o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicado nominal. Quando o sujeito da 3.ª pessoa do singular é nome de coisa e não de pessoa, e o predicado nominal é um substantivo no plural, atrai êste para si a concordância do verbo. Exs.:

Tudo *são trevas*. — Isso *são ossos* do ofício. — O mundo *são homens* (M. B.) — Tudo neste mundo *parecem espinhos* e *dores* (A. G. R. Vascon-

celos.) — *Eram* tudo *memórias* de alegria (C.) — Nem tudo na terra *são searas e frutos* (A. C.)

Nota. — Esta concordância não se dá quando o sujeito, sendo nome de pessoa, impõe ao verbo a concordância regular: O homem é cinzas. — Maria é as delícias de sua mãe. — Ainda que menos comum, encontra-se a concordância regular nos casos da regra antecedente: E' tudo flores (C.) — A sua carne de hoje era ainda ontem vegetais (A. C.) — O maior trabalho que tenho, é os pastores com quem trabalho (F. R. Lôbo.)

21.ª Nas frases em que o sujeito plural — *quais* (interrogativo), *quantos, alguns, nenhuns,* fôr seguido de um pronome como complemento, êste chama a si a concordância verbal, p. ex.:

Quais de vós sois, como eu, desterrados? (A. H.) — *Quantos de vós olhareis* com desprêzo (A. Ribeiro, *apud. E. Dias.*)

Com o sujeito no singular não se dá tal *atração:*

Qual de vós me *arguirá* de pecado? (A. P.)

22.ª Com os verbos ou expressões verbais que indicam *suficiência, abastança, carência, falta,* registam-se casos autorizados de discordâncias, tais como:

Cinco mil libras é muito (A. H.) — Dois capítulos é pouco. — Falta muitos dias para os exames (Júlio Ribeiro.) — Basta os ditos que êle atira aos filhos e aos criados (Júlio Ribeiro.)

Nota. — E' usual dizer-se: Quanto é dois terços (2/3) de um meio (1/2)? E' dois sextos (2/6.)

Concordância do predicado nominal e pronominal com o sujeito

424. Regra geral:

O PREDICADO NOMINAL e O PRONOMINAL concordam com o sujeito em GÊNERO e NÚMERO. Exs.:

A música é bela. — *O avarento é escravo* do dinheiro. — *Êle é rei* e *ela é rainha.* — Era *êle o juiz?* Era-*o*.

425. Regras especiais :

1.ª O PREDICADO NOMINAL, constituído por substantivo *abstrato* ou por substantivo de uma só forma *genérica*, deixa de concordar com o sujeito. Exs. :

Os grandes generais são *a glória* militar das nações. — *A filha* é *as delícias* de sua mãe. — As côres que no camaleão são *gala*, no polvo são *malícia* (A. V.)

2.ª O PREDICADO NOMINAL, constituído por um substantivo no plural, atrai para si, freqüentemente, a concordância do verbo, como vimos (423, 20.ª.) Exs. :

O mundo *são homens*. — Tudo *são instrumentos* necessários ao meu ofício (F. R. Lôbo.)

3.ª Há casos curiosos de discordâncias do predicado nominal com o seu sujeito quando êste, sem qualquer determinação, é expresso em sua generalidade abstrata, exs. : "*Cerveja* não é *bom* para a saúde" — "*Pimenta* é *bom* para estimular" "E' *necessário paciência*" — "E' *proibido entrada*."

Os predicados nominais *bom*, *necessário*, *entrada*, assumem a forma aparentemente masculina, porém realmente *neutra*, visto que os substantivos a que se referem, tomados em sua generalidade abstrata, assumem o sentido vago, no qual como que se oblitera o conceito genérico.

E' bom tôda cautela. — Foi sempre necessário Gramática (A. C.) — E' preciso cautela com semelhantes doutrinas (C. C. B.) — *N. Est. da L. Port.*, M. Barreto, pág. 285.

E' êste um dos vestígios interessantes do gênero neutro em português. Logo que êsses sujeitos recebam uma determinação positiva, despojam-se do caráter *neutro*, e o predicado assume a flexão genérica correspondente, p. ex. : — *Esta cerveja* não é *boa* para a saúde. — *Aquelas* pimentas são *boas* para estimular. — E' *necessária* a paciência. — E' *proibida* a entrada (cf. Castilho no § antecedente.)

Obs. — Mais consentânea com os fatos da linguagem nos parece esta explanação dessa curiosa anomalia, do que a elipse, suposta por alguns, de um substantivo masculino, nos dois primeiros exemplos, com que concorda o predicado nominal, e do verbo *ter* no último, equivalendo os exemplos às seguintes construções analíticas : O *uso* da cerveja ou da pimenta *é* bom. — E' necessário *ter* paciência. O mesmo fenômeno da forma neutra do predicado nominal observamos em : Isso é *bom*. — Calar é *necessário*.

4.ª O PREDICADO PRONOMINAL concorda, como vimos, com o nome a que se refere: "Eram êles os juízes? Eram-*os*" — Sois a mãe dêste menino? Sou-*a*". Quando, porém, essa referência é feita a um adjetivo, a um sentido ou a um substantivo indeterminado, tomado em sua generalidade abstrata, o predicado pronominal assume a forma *neutra*. Exs.:

Os maus nem sempre *o são* (= nem sempre são maus.) — Eram êles juízes? Eram-*o* (= eram *isso*, tinham a qualidade de juízes.) — Sois mãe? Sou-*o* (= sou *isso*, tenho a qualidade de mãe.) — Esta história acabará de desenganar os que devem sê-*lo* (= desenganados) (A.V.)

Obs. — Critica J. Soares Barbosa, em sua *Gr. Filosófica*, esta frase de Vieira, porque o pronome neutro *o* substitui o adjetivo particípio *desenganados*, que, entretanto, não se acha antecedentemente enunciado. E' sintaxe, segundo o douto crítico, viciosa. — As outras regras concernentes à concordância do predicado nominal e pronominal são comuns à concordância do adjetivo com o substantivo e do pronome com o nome, e vão ser estudadas nos capítulos seguintes.

Concordância do adjetivo com o substantivo

426. Regra geral:

O ADJETIVO, quer seja *atributo* quer *predicado*, concorda com o substantivo a que se refere em GÊNERO e NÚMERO. Exs.:

O homem *bom*, *o* homem é *bom*; os homens *bons*, *os* homens são *bons*; a *boa* mulher, *as boas* mulheres; *os* meninos andam *bons*, *as* meninas tornaram-se bem *educadas*.

427. Regras especiais:

1.ª Mais de um substantivo no singular leva o adjetivo ao *plural*, e, se forem de gêneros diversos, assume o adjetivo a flexão MASCULINA, que tem *preferência*. Exs.:

Nessa *leitura* e *escrita* tão *arrepiadas* de dificuldades (A. C.) — Entrego ao *juízo* e *sentença* final *competentes* (A. C.) — O *homem*, a *mulher* e o *menino* foram *mortos*. — As angústias que resultam da *esperança* e do *temor combinados*... (A. H.) — Êste decreto tinha entrado nos costumes da Espanha com as *colônias* e com a *civilização romanas* (A. H.)

2.ª Quando o adjetivo está em relação atributiva ou direta com o substantivo, é *facultativa* a concordância com o último substantivo. Exs.:

Prodígios de *bondade* e *onipotência divina* (ou *divinas*) (M. B.) — *Leitura* e *escrita nova* (ou *novas*)... *leitura* e *escrita velha* (ou *velhas*) (A. C.) — *Preço* e *estimação ordinária* (A. V.) ou *estimação* e *preço ordinários*. — *A coragem* e *a consagração invencível* ou *invencíveis dos mártires*.

Nota. — Se os substantivos forem sinônimos, o adjetivo concorda com o mais próximo: "As maldições se cumpriram no *povo* e *gente hebréia*" (A. V.)

3.ª Precedendo o adjetivo em relação atributiva, concorda com o substantivo mais *próximo*. Exs.:

Escolhestes *mau lugar* e *hora* para renovar a requesta (A. H.) — Mudo está o arraial: *mudo o céu e rio* (A. C.) — ...a autoridade de tantos ministros de todos os maiores tribunais, sôbre *cujo conselho* e *conciência* se costumam descarregar as dos reis (A. V.) — Estava Moisés só de uma parte e da outra todos os magos do Egito, *presente* o rei e a côrte, *suspenso* êle e tôda ela na expectação do sucesso (A. V.) — Que assim mereça *eterno* nome e glória (C.)

Precedendo um substantivo, título ou pronome, opera-se a concordância no plural: *Os apóstolos* Barnabé e Paulo (A. P.) — *Os irmãos* Joaquim e José (A. H.) — *Os Srs.* Silva & Cia.

Nota. — Não é para se imitar a seguinte concordância que se acha no *Monasticon* de A. Herculano: À mão esquerda entre *cujos índice* e *polegar* pendia o pergaminho; nem a seguinte de A. F. Castilho: ...pelas exigências cada vez maiores *destas devoradoras e insaciáveis fome e sêde de leitura* (*Os Fastos*, t. I, pág. 315.)

4.ª Se houver vários substantivos do plural, o adjetivo *atributo*, *posposto*, concorda com o mais *próximo*, ou com os que estiverem no *plural*, se forem de diferentes números. Exs.:

As armas e os barões *assinalados* (C.) ou — Os barões e as armas *assinaladas*. — Seus temores e esperanças *vãs* ou — Suas esperanças e temores *vãos*.

Nota. — O adjetivo *predicado* guarda a concordância com o masculino: *Êstes meninos e meninas são estudiosos*. Igualmente: *Pedro e Maria são irmãos*.

5.ª Se os substantivos forem SINÔNIMOS ou exprimirem GRADAÇÃO, a concordância do adjetivo opera-se com o *último*. Exs.:

O amor e a *amizade verdadeira*. — Os tempos e *ocasião presente*. — A inteligência, o esfôrço, a *dedicação extraordinária*, venceu tudo.

6.ª E' comum vir um substantivo no *plural* com dois ou mais adjetivos no *singular*, os quais exprimem as partes em que se decompõe o plural. Exs. :

As gramáticas portuguêsa, francêsa e inglêsa. — As literaturas grega e latina. — Os poderes temporal e espiritual (A. H.) — O Velho e o Novo Testamentos. — O primeiro e o quinto Afonsos (C.)

Poder-se-á dar à frase outro torneio, preferido por alguns gramáticos, p. ex. :

A língua portuguêsa, a francêsa e a inglêsa. — A literatura grega e a latina. — O poder temporal e o espiritual. — O Velho e o Novo Testamento.

E, ainda, sem repetição do artigo, p. ex. :

...a terceira, quarta, quinta e sexta idade (A. V.) — Sejam os dois maiores da igreja grega e latina Nazianzeno e Agostinho (A. H.) — ... o juízo universal e particular de vivos e mortos (Id.) — No tempo dos celtas e do domínio cartaginês e romano (Id.)

7.ª Os adjetivos *numerais cardinais*, empregados pelos ordinais, não recebem flexão feminina, p. ex. :

Página dois. — Casa vinte e um.

Nota. — Na linguagem forense se diz : Aos 24 dias do mês de abril — A fôlhas trinta e duas.

8.ª Os adjetivos — *um e outro, nem um nem outro*, reclamam no singular o substantivo que modificam, e no plural o adjetivo ou substantivo postos em relação predicativa (423, 9.ª.) Exs.:

Uma e outra *margem* do Tejo (A. C.) — Um e outro *advogado* são *hábeis*. — Em um e outro caso *paralelos* se verificou a sentença de Santo Agostinho (M. B.)

9.ª Nestas expressões idiomáticas — "pobre do homem", "desgraçado de ti", a interposição da preposição *de* não impede a concordância do adjetivo, p. ex. :

Desgraçados dos homens. — Onde, a mais não poder, dormiam juntas as *pobres* das criadas (F. E.)

10.ª Os adjetivos *mesmo* e *próprio* unidos a um pronome concordam com o nome que êste representa, p. ex. :

Eu mesmo ou mesma. — Vós próprio ou própria, próprios ou próprias.

11.ª O substantivo *apôsto*, que equivale a um adjetivo, concorda com seu *fundamental* em gênero e número, sempre que fôr possível, p. ex. :

O ódio, *filho* do orgulho. — A esperança, *filha* da fé. — Os condores *reis* dos ares. — A lua, *rainha* da noite.

Concordância do pronome

428. Regra geral :

O PRONOME, quando se flexiona, concorda em GÊNERO e NÚMERO com o nome a que se refere. Exs. :

Para isso é preciso mais esfôrço que para afrontar a morte. Mas tu *o* terás. Inspirar-*to*-ão o meu exemplo e a santa memória de nossos pais. — Quero tê-*lo*, Vasco, porque tu *o* desejas (A. H.)

429. Regras especiais :

1.ª Os pronomes oblíquos *o, a, os, as,* referindo-se a substantivos de gêneros diversos, tomam no PLURAL a flexão MASCULINA. Exs.:

Porque essas *honras* vãs, êsse *ouro* puro,
Verdadeiro valor não dão à gente :
Melhor é merecê-*los* sem *os* ter
Que possuí-*los* sem *os* merecer.

2.ª Referindo-se a um substantivo modificado por outro regido da preposição de companhia *com*, pode o pronome ir para o plural, como acontece com o verbo (423, 11.ª.) Exs.:

Passava um dia de inverno o arcebispo com sua comitiva a serra de Gerez... salteou-*os* uma chuva fria e importuna (Fr. L. S.)

SINTAXE IRREGULAR OU FIGURADA DE CONCORDÂNCIA

Silepse

430. Sintaxe irregular ou FIGURADA de concordância consiste em se operar a concordância do VERBO, ADJETIVO ou PRONOME, não com o têrmo expresso, porém com um têrmo LATENTE, fàcilmente subentendido pelo sentido da frase ou intenção do que fala. Esta concordância *latente, lógica* ou *semiótica*, constitui a figura de concordância denominada SILEPSE.

431. Silepse (gr. *syn* = *com*, *lepsis* = *tomada, compreensão*) é a figura de sintaxe em que um dos elementos é mentalmente suprido, p. ex.:

Vossa Excelência é *generoso*, subentende-se — *homem* (generoso.)

432. A SILEPSE pode ser de GÊNERO ou de NÚMERO.

Nota. — Já vimos alguns casos anormais ou silépticos (423, 2.ª, 16.ª, 17.ª, 427, 10.ª), que por amor da clareza foram estudados em conexão com outros.

433. A SILEPSE de GÊNERO dá-se:

1. Na concordância do adjetivo com o nome subentendido nas expressões de tratamento. Exs.:

V. M. é (rei) *poderoso*. — V. A. é (príncipe) *bondoso*. — V. S.ª está *nomeado*. — V. está *iludida*.

2. Com os nomes próprios de *cidades* e *rios*, operando-se a concordância mental com êstes apelativos da classe. Exs.:

A luxuriosa Cartago foi *destruída*. — O Sena corre *manso* através de Paris, cidade edificada em tempos imemoriais.

3. Em frases como esta:

Conheci uma criança de índole imperiosa e má, cuja nascença custara a vida à sua mãe. Mimos e castigos pouco podiam com *êle*; mas em lhe falando na mãe e no que custara para lhe dar a vida, *o infeliz* que nunca a vira, enternecia-se (G. apud. L. da Silva Pereira).

434. SILEPSE de NÚMERO dá-se:

1. Quando, sendo o sujeito COLETIVO no singular, vai entretanto, o verbo para o plural, conformando-se com a pluralidade lógica do coletivo. Exs.:

Grande *parte*, porém, dos membros daquela assembléia *estavam* longe destas idéias (A. H.) — *Povoavam* os degraus *muita sorte* de gente (M. B.) — *Estavam pegados* com êle *uma infinidade* de homens (Fr. L. de S.) — Simão Mago apelidou um dia todo o *povo* para o *verem* subir ao céu (A. V.) — Logo ao outro dia ao romper da alva se abalou o *exército*, ao som de muitos instrumentos bélicos, com as bandeiras desenroladas, que se viam tremular dos nossos, e chegando aos muros, *começaram* em tôrno da fortaleza a arvorar escadas (J. Freire.)

Nota. — Esta silepse se realiza sempre que o espírito concebe a ação verbal praticada não pela coletividade como um todo, porém separadamente pelos indivíduos, p. ex.: *A máxima parte dos homens morrem* antes dos cinqüenta. — *Grande número de insetos têm* vida curtíssima (A. G. R. Vasconcelos.)

2. Quando os pronomes NÓS e VÓS são empregados por EU e TU, pode o predicado nominal ir para o *singular*, concordando com a idéia. Exs.:

Antes sejamos *breve* que *prolixo* (J. de Barros). — Apesar da benevolência com que fomos *acolhido*, disseram-*nos*... (J. de Castilho). — *Chegado*, porém, à conclusão dêste livro, por-lhe-emos remate com uma reflexão (A. H.) — Vós estais *enganado*. — Sêde *juiz* entre nós.

Obs. — Preferem muitos a concordância regular: Somos *chegados* com a história aos anos do Senhor (Fr. L. de S.) — Somos *chegados* ao último sonho de Xavier (A. V.) — Mui *felizes* nós se fizermos numa ou noutra nota reconhecer a devida toada dessas canções inimitáveis (A. C.) — Estamos *persuadidos* de que, ao menos em grande número dêstes, a conversa era fingida (A. H.) — A êste digno oficial somos *devedores* pelo que nos tem auxiliado (L. C.) — Podemos ainda acrescentar *silepse de pessoa* na seguinte concordância do padre Vieira: "A muito alta, e poderosa pessoa de vossa majestade, guarde Deus, como *a cristandade* e *os vassalos* de vossa majestade *havemos* mister (A. V., *Cart.*)

SINTAXE REGULAR DE REGÊNCIA

435. Os têrmos da proposição em sua combinação lógica para a expressão do pensamento mantêm entre si duas *relações*

fundamentais: a relação de COORDENAÇÃO e a de SUBORDINAÇÃO.

A relação de subordinação ou dependência dos têrmos uns dos outros é o objeto da sintaxe de regência.

436. Regência gramatical é a propriedade de terem certas palavras, sob sua dependência, outras que lhes completam ou explicam o sentido.

As primeiras chamam-se REGENTES OU SUBORDINANTES, e as outras, REGIDAS OU SUBORDINADAS.

437. As RELAÇÕES DE REGÊNCIA são indicadas na frase de três modos — pela POSIÇÃO, pela PREPOSIÇÃO e pela CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA.

Nota. — A *preposição* rege palavras, e a *conjunção* subordinativa proposições subordinadas. Têm o mesmo valor regencial desta — o *adjetivo, pronome* e *advérbio conjuntivos.*

438. A **posição** de certos têrmos na proposição revela sua função sintática. O *sujeito* e o *objeto,* p. ex., em muitos casos, só se podem conhecer — aquêle pela sua *posição* ANTES e êste DEPOIS do verbo ou predicado: *o pai ama o filho, o filho ama o pai.* Além do *objeto,* a regência do *advérbio* ou *locução adverbial* acusa-se igualmente, em freqüentes casos, pela sua *posição.* O objeto é regido pelo *verbo ativo transitivo,* e o advérbio por qualquer *verbo, advérbio* ou *adjetivo,* e, às vêzes, *substantivo,* constituindo-se um *adjunto adverbial* dêsses têrmos regentes. Exs.: *Minha residência* AQUI *é conhecida* e *minha residência é conhecida* AQUI. *Asno* COM FOME *bugalhos come — asno come bugalhos* COM FOME. E assim, em geral, os complementos na frase revelam a sua regência pela sua *posição* junto aos têrmos completados ou regentes. A colocação dos têrmos foi um dos recursos neo-latinos para suprir a perda dos *casos* latinos, em indicar as relações sintáticas.

439. A **preposição** rege, em regra, um substantivo, pronome ou palavra substantivada, prendendo-os a um têrmo *regente,* que é *antecedente,* do qual se constitui, com o têrmo regido, *complemento: A sorte* DO *preguiçoso é digna* DE LÁSTIMA.

— *Cansado* DE *falar, calou-se* EM *tempo.* — Em frases adverbiais pode reger um adjetivo: — *ela sofreu de* ATREVIDA.

440. As **conjunções subordinativas** regem proposições *subordinadas*, como veremos quando se estudar o período complexo.

Obs. — A *preposição* é, pois, um conectivo *intervocabular*, como a *conjunção* o é *interproposicional.* Esta função característica, porém, da conjunção, mormente nas conjunções de *coordenação*, é, freqüentes vêzes, latente. — *A fé, a esperança* e *a caridade são virtudes*; a conjunção E liga aí aparentemente *palavras*, que diremos *coordenadas* por ela; mas realmente *proposições* latentes, que assim se desdobram: *A fé é virtude e a esperança é virtude e a caridade é virtude.* O mesmo acontece com qualquer outro têrmo coordenado. Casos há, entretanto, em que a conjunção invade o terreno da preposição, ligando palavras que não podem ser desdobradas em proposições, p. ex.: *Dois e dois são quatro, Pedro e Paulo são amigos, a bola é branca e azul.* Os sujeitos e os predicados nominais, aí coordenados, formam um todo indivisível, e as proposições só são verdadeiras encarando-as no conjunto. A conjunção E equivale aí à preposição COM. — A mesma tendência de invasão nota-se na conjunção COMO: *êle,* COMO *chefe* (NA QUALIDADE DE *chefe*), *não pode ser prêso.* A análise, porém, revela o seu valor próprio: *êle não pode ser prêso,* COMO *chefe não pode ser prêso.* — *Vi uma* COMO *nuvem* (*uma cousa* SEMELHANTE A *nuvem*) = *vi uma coisa* COMO *uma nuvem é vista.* São proposições contratas, em que a língua condensou na frase o pensamento.

441. O **sujeito** não pode estar subordinado a outra palavra, e por isso não pode ser regido da preposição. Não se dirá: — *E' tempo dêles irem embora,* mas: *E' tempo de êles irem embora,* ou *de irem êles.* Exs.:

Quando os inglêses se rirem *de êles* terem muito dinheiro e nós pouco, torçamos a orelha e choremos (A. H.)

Nota. — São, portanto, condenáveis as seguintes construções: Em vez *dos* ladrões levarem os reis ao inferno... (A. V.) — E' tempo *dos* patriotas erguerem-se. A preposição rege o verbo e não o sujeito. Dir-se-á, pois: E' tempo de *os patriotas* erguerem-se, ou, melhor: E' tempo *de* se erguerem *os patriotas.*

442. A regra antecedente, abonada por Grivet, sujeita-se, entretanto, às seguintes *exceções*:

1. Quando o sujeito do infinito de certos verbos se põe em relação complementar com o verbo que rege o infinito, pode vir regido da preposição *a*. Exs.:

Eu fiz ver isto *a Carlos*. — Ouvi *a meu pai dizer*. — Deixem *aos chacais* o revolverem sepulturas, e cevarem em ossos (A. C.)

2. Quando o sujeito é um verbo no infinito, aparece, às vêzes, em escritores de boa nota a preposição *de*. Exs.:

Desaire real seria *de a deixar sem prêmio* (G.) — Belo *é de imaginar êste varão rusticando* (A. C.)

Obs. — A preposição que rege o infinito não se contrai com o objeto anteposto: Invoca o tempo *de os* pagar co'as sombras (A. C.) — Fiz *por os* ligar (G.) Não se dá o mesmo com a preposição PER: Forcejam *pelo* explicar (A. C.) — A contração não se opera nem mesmo com o advérbio: Ia-me esquecendo de vos restituir a chave que me destes para haver *de aqui entrar* (A. H.)

443. **O objeto direto** regido pelo predicado, que é sempre, neste caso, um verbo *transitivo*, como atrás dissemos, a êle se prende pela sua simples *posição*, a não ser nos casos já mencionados em que se interpõe a preposição *a* (404.)

Exs.:

Gente que segue o *torpe Majamedes* (C.) — Quem ama *Beltrão*, ama *seu cão*.

Nota. — Casos há curiosos em que o *valor transitivo* está numa frase equivalente a um verbo transitivo, a qual pede por isso um objeto direto, p. ex.: Todos *havemos mister* (= precisamos) os bens da terra, e mais os do céu (A. V.) — *Tenho mêdo* (= temo) que isso aconteça. — *Estou com esperança* (= espero) que êle venha.

444. Qualquer verbo TRANSITIVO pode tornar-se INTRANSITIVO, empregado em sentido absoluto, sem objetivo expresso ou subentendido, p. ex.:

O preguiçoso *quer* e não *quer*, mas a alma dos que trabalham engordará (A. P.)

445. Reciprocamente, muitos INTRANSITIVOS tornam-se TRANSITIVOS do seguinte modo:

a) Dando-se por objeto um substantivo COGNATO do verbo, ou sinônimo do cognato, acompanhado de um ADJUNTO ATRIBUTIVO. Exs.:

Êle viveu *vida feliz* e *anos regalados*. — Vivamos *o seu viver* e pratiquemos *o seu praticar* (A. C.) — Morrerás *morte vil* da mão de um forte (G. D.) — Êle chorará *lágrimas amargas* e *dores sem têrmos*. — A criança

brinca *maus brinquedos.* — O viajante caminha *longas jornadas.* — O guerreiro feriu *largas feridas, golpes feros e cruentas requestas.* — A juventude sonha *belos sonhos e risonha felicidade.* — Jonas dormia *profundo sono* no porão do navio. — Cavalgava ela *fogoso ginete.*

b) Com os verbos CAUSATIVOS ou FACTITIVOS.

Verbos CAUSATIVOS ou FACTITIVOS são os verbos intransitivos que assumem o caráter de uma atividade FACTÍCIA, que se comunica a um objeto. Êstes verbos podem parafrasear-se com os verbos *fazer* ou *tornar*. Exs. :

Eu *adormeci* a dor, isto é, *fiz adormecer* a dor. — Êle lhe *cresceu* o ordenado, isto é, lhe *fêz crescer* o ordenado. — Êle *entrou* estacas no chão, isto é, *fêz entrar* estacas no chão. — O general *cessou* o ataque, isto é, *fêz cessar* o ataque. — O cão *correu* a caça, isto é, *fêz correr* a caça. — O sol *secou* a roupa, isto é, *tornou sêca* a roupa. — O frio *murchou* as plantas, isto é, *tornou murchas* as plantas.

c) Com a autoridade de escritores abalizados e do uso geral. Exs. :

Andei longas terras, lidei cruas guerras (G. D.) — *Corri montes e vales.* — *Subi e desci o rio.* — *Bradei socorro.* — *Gritei o cão.* — *Calei razões.* — *Anelei os bens eternos.* — *Errei o caminho, passei a ponte e saltei o valo.* — *Passei frio e fome.* — *O tempo não sofre delongas.* — *Passeei todo o jardim.*

Nota. — O verbo *poder* rege acusativo ou objetivo representado por um pronome neutro : O *que* eu já pude, posso-*o* ainda hoje (A. C.) — Explicam alguns êste objeto com a elipse do verbo *fazer*. *Êle pode tudo,* isto é, *êle pode fazer tudo.*

446. Os verbos CUSTAR, PESAR e VALER assumem um caráter *fictício* de transitivos, quando têm por objeto substantivos que indicam o *custo*, *pêso* ou *valor*, p. ex. :

Isto custa *dez mil réis,* pesa *três arrobas* e vale *muita coisa.*

447. Duas ou mais palavras podem ter um complemento comum, desde que tenham a mesma regência, por ex. :

O desejo e o amor *da glória.* — Êle deseja e ama *a glória.*

Seria incorreto dizer-se : Êle é infenso e incapaz *de amizade.* Conheço e gosto *dêste livro.* — Êle *lhe* obedece e ama. Dir-se-á : Êle é infenso *à amizade e dela incapaz.* — Conheço *êste livro e gosto dêle.* *Êle lhe obedece e o ama.*

Obs. — Infringiu Camilo esta regra no seguinte trecho: O visconde postava espias no Rocio para espreitarem as pessoas que *entravam e saíam do hotel dos Irmãos Unidos*. (Vide Mário Barreto, *Estudos da L. Portuguêsa*, pág. 133). Igualmente A. Vieira: Adão não *coube*, nem se *contentou com um império tão vasto*. Sendo o pronome oblíquo complemento comum a dois ou mais verbos, deve vir anteposto ao primeiro verbo: Eu o vi e saudei. — Nela se consubstanciam e resumem as feições... (L. C.)

448. Alguns verbos TRANSITIVOS são empregados pelos clássicos como regentes da preposição *de*. Exs.:

Comerás *do* leite, ouvirás *dos* contos, e partirás quando quiseres (R. Lôbo.) — Tirou o freio aos cavalos, porque pascessem *da* erva (F. M. Melo.) — Ao longo de uma ribeira folgando e apanhando *das* flores...— Nunca digas: *Desta* água não beberei, *dêste* pão não comerei.

Nota. — Pela supressão do objeto — *uma parte* ou *porção*, o verbo passou para a categoria dos *relativos*. Outros há que analisam à francesa essas expressões, considerando o verbo *transitivo* e dando à preposição DE o valor do partitivo francês — *du, de la, des*, o que julgamos preferível.

449. Verbos há que têm DUPLA, TRIPLA e até QUÁDRUPLA REGÊNCIA, como, p. ex.:

Usar isto ou *disto*; *cumprir o dever* ou *com o dever*; *precisar tratar-se* ou *de se tratar*; *pegar a pena, na pena* ou *da pena*; *arrancar a faca* ou *da faca*; *tirar a espada* ou *da espada*; *subir a escada* ou *na escada*, ou *pela escada*; *passar a ponte, na ponte* ou *pela ponte*; *presidir o congresso* ou *ao congresso*; *preceder o cortejo* ou *ao cortejo*; *atender o pedido* ou *ao pedido*; *responder isto* ou *a isto*; *fazer que êle venha* ou *fazer com que êle venha*; *querê-lo* e *querer-lhe*; *crer isso* ou *crer nisso*; *esperar o amigo, pelo amigo, do amigo* e *no amigo*.

A mudança de regência implica, às vêzes, mudança de sentido; assim *querer a alguma pessoa* ou *a alguma coisa* é estimá-las, amá-las, querer bem a elas; daí a diferença entre *eu lhe quero* e *eu o quero*. "Ambos queriam à mesma dama" (A. C.)

Obs.

1.ª — O verbo *obedecer* foi empregado por A. Vieira *transitivamente*: *obedecê-lo*; hoje, porém, só é empregado *relativamente*: *obedecer-lhe, obedecer à ordem*. Não obstante, é êle empregado, como os verbos transitivos, na voz passiva: *A ordem foi obedecida*. — O verbo *ensinar* é de regência vária; pode-se ver no seguinte: *Ensinei-o a ler* e — *ensinei-lhe a leitura*. Fui eu que o ensinei a falar, meu pai! (C. C. B.) (Vide M. Barreto, *Estudos da Língua Portuguêsa*, pág. 28.)

2.ª — O verbo *começar*, seguido do infinito, admitia no português antigo três regências: *começar fazer, a fazer* e *de fazer*. Arcaizou-se a primeira

regência. — Nota-se ainda hoje a tendência, que foi outrora de largo uso clássico, de se pospor a preposição DE a muitos outros verbos (transitivos) seguidos de infinito: *desejar de, determinar de, esperar de, usar de, recear de, propor de, costumar de, afetar de,* etc. Exs.: Receio *de* não responder como deves (F. E.) — E vos prometo *de* estar pelo que êle diga (F. E.) — Afeto *de* o tratar de igual a igual (F. E.) — Usa *de* sustentar-se com o fácil rabisco de antigos periódicos (A. C.) — Não merecia *de* ter morrido (Id.) — Determina *de* se casar com a princesa Julieta (Id.) — Continuarem *de* consentir (Id.) — Escusa *de* esfalfar-se (Id.) — Juro *de* o proscrever (Id.) — Aos que desejarem *de* o saber (Id.) — Não receio *de* saltar por cima do cadáver do monge (A. H.) — O trato mercantil principiou *de* rasgar mais largo vôo (L. C.) — Sucedendo *de* passar pela rua de S. Antão (L. C.) — Pegou *de* berrar que tudo aquilo era impostura (C. C. B.)

A preposição DE aparece, às vêzes, mesmo quando o infinito é sujeito. Desaire real seria *de a deixar sem prêmio* (G.) — E' seu propósito *de* mor glória lhe *dar* no ignoto oriente (G.) — Ainda agora nos não pesa *de o havermos feito* (A. C.)

Esta última sintaxe, porém, algo arcaica, tende a desaparecer.

450. Alguns verbos TRANSITIVOS, seguidos de um infinito, assumem facultativamente a preposição DE. Exs.:

Devo falar ou *de falar, preciso estar* ou *de estar, devo escrever* ou *de escrever, arrenegar a pátria* ou *da pátria.*

Obs. — O aparecimento de uma preposição após certos verbos TRANSITIVOS determina a passagem dêles para a categoria dos RELATIVOS, desde que a preposição não seja A, avocada eventualmente pela clareza da frase (404) e por certos verbos de que já tratamos (397, 448.) Alguns verbos empregam-se hodiernamente, em geral, com regência diversa da que tinham em nossos clássicos, p. ex.: *agradar, desagradar, suceder, perdoar, socorrer.* Assim, em vez de — *agradá-lo, desagradá-lo, sucedê-lo, perdoá-lo, socorrer-lhe,* dir-se-á: *agradar-lhe, desagradar-lhe, suceder-lhe, perdoar-lhe, socorrê-lo.* Como *lhe* hás *de agradar?* (A. C.)

SINTAXE IRREGULAR OU FIGURADA DE REGÊNCIA

451. As irregularidades na regência dos têrmos determinam quatro FIGURAS, que, usadas criteriosamente, trazem concisão, viveza e elegância à frase; são elas:

ELIPSE, PLEONASMO, ANACOLUTO, IDIOTISMO

452. Elipse é a figura de sintaxe que consiste na supressão de têrmos fàcilmente subentendidos.

Obs. — Observa criteriosamente Andrés Bello, em sua *Gramática de la Lengua Castellana*, que deixa de haver elipse desde que a palavra suprimida já não apareça mais no uso vigente da língua, de modo que as palavras, entre as quais mediava outrora o têrmo elidido, contraem entre si vínculo natural direto. Ao espírito não se apresenta mais êsse têrmo, não existe êle tàcitamente; é uma elipse que pertence apenas aos antecedentes históricos da língua.

453. Elipse do sujeito:

Já vi (*eu*) cruas brigas. — Não deixes (*tu*) para amanhã o que podes (*tu*) fazer hoje. — A embira cede a custo, sim; mas (*a embira*) cede. — (*Nós*) os criados de vossa excelência havemos mister (A. V.)

Obs. — A elipse dos pronomes-sujeitos nas diversas pessoas dos tempos verbais não se dá quando se quer dar ênfase à expressão e contrastar os diversos sujeitos: Eu pasmo! eu tremo! eu gelo! eu me arrepio! (A. C.) — Agora *tu*, Calíope, me ensina (C.) — O que quereis que os homens façam, fazei *vós* a êles. — Êsses Turcos e Janízaros, que dêste lugar estamos vendo, vêm restaurar conosco a honra que no primeiro cêrco perdemos: porém nem *êles* valem mais que os que então foram vencidos, nem *nós* valemos menos que os *vencedores* (J. Freire.)

454. Elipse do verbo:

No mar (*há*) tanta tormenta e (*há*) tanto dano!
Tantas vêzes a morte (*é*) apercebida!
Na terra (*há*) tanta guerra, (*há*) tanto engano
Tanta necessidade aborrecida (*há*)!

Uns que, por (*serem*) inúteis, não foram recebidos (J. Freire.) — Ainda que o amava por (*ser*) valoroso, lhe era pouco afeiçoado por (*ser*) ativo (Id.) — Os nossos sôbre (*serem*) tão poucos, vencidos do trabalho... (Id.) — Dar mostra de (*ser*) insofrida (A. C.) — Merece (*ser*) lida. — Não sei que (*posso*) fazer. — Não há um momento que (*possamos*) perder (A. H.) — Quando tiverdes medida por onde (*possais*) aferir (Id.) — Acharás fàcilmente soldados com que (*possas*) guarnecer teus muros (A. C.) — Os têrmos para serem entendidos do leitor estudioso não hão mister (*ser*) definidos (A. J. Viale.) A anedota merece (*ser*) referida (J. F. Lisboa.) — Esta efígie carece de (*ser*) contemplada (A. C.) — Essas precisam (*ser*) desagravadas (G.)

455. Elipse da ligação :

Quando êle já tornou, estava a Côrte aposentada naqueloutra cidade, mas chegou (*em*) um dia e (*em*) o outro partiu (B. Ribeiro.) — Barbas (*de*) côr de neve (A. H.) — Desceu (*pelo*) rio abaixo. — Seguiu (*por*) seu caminho. — Ir foz em fora = ir pela foz em fora, ou ir em fora da foz. — Espada em punho, abriu caminho = com a espada em punho, abriu caminho. — Navegar (*com*) vento à pôpa. — Dormiu (*durante*) duas horas. — Requeiro (*que*) consinta deixar o mundo e as armas (F. E.) — Alumia minh'alma, (*para que*) não se cegue no perigo em que está (A. Ferreira.) — Cuido (*que*) me seguireis (G.) — A França lhe pedia (*que*) anulasse (A. H.) — Peço-vos (*que*) mandeis inscrever-me. — Mandou (*que*) se gravasse (A. C.) — Os lírios com o seu azul lindíssimo parece (*que*) estão gritando : Oh ! céu ! oh ! alturas ! (M. B.). — Lembra-te (*de*) que és pó. — Estai certos (*de*) que eu estarei convosco (A. P.)

Nota. — E' freqüente e elegante a elipse da conjunção QUE depois dos verbos *mandar*, *requerer*, *pedir*, *pensar*, *parecer*, e seus sinônimos. Tem essa elipse por vêzes a vantagem de desembaraçar a frase da demasiada repetição do conectivo QUE.

456. Dá-se o nome de ZEUGMA (gr. *zeugma* = *junção, conexão*) à *elipse* que subentende têrmos já enunciados na frase antecedente, embora sejam êstes modificados em seus acidentes de GÊNERO ou NÚMERO :

A tôrre de São Tiago entregou a Alonso de Bonifácio, escrivão da alfândega ; o baluarte São Tomé, (*entregou*) a Luís de Sousa ; o de São João, (*entregou*) a Gil Coutinho ; o que fica sôbre a porta, (*entregou*) a Antônio Freire, etc. (J. Freire.) — Foi vencido o inimigo, e (*foram*) soltos os prisioneiros. — A um é dada a palavra de sabedoria, a outro (*é dado*) o dom de curar moléstias.

457. Pleonasmo é a figura de sintaxe que consiste na redundância de expressão, p. ex. :

Vi *com os meus próprios olhos*.

Obs. — Quando o pleonasmo não traz energia à expressão, é vicioso, p. ex. : Vi com os olhos, ouvi com os ouvidos, fui com os pés, morreu morte, pescar peixe.

Porém, se a estas expressões se acrescenta um modificativo, uma circunstância ou comparação, a expressão adquire graça e virtude : Vi com êstes olhos, que a terra há de comer, ouvi com os meus próprios ouvidos, fui com os meus próprios pés, morreu morte gloriosa, êle sabe pescar peixe, porém não sabe pescar homens. — *Morrerás de morte* é a expressão da Vulgata — *morte morieris*, na qual ela procura dar a ênfase do hebraico

que duplica o verbo : *morrendo morrerás.* E', pois, um pleonasmo consagrado pelo uso religioso. — No mesmo caso está a expressão bíblica : Êste povo ouvirá com os ouvidos e não entenderá.

EXPRESSÕES PLEONÁSTICAS :

Os sinos, já não há quem *os* toque (A. H.) — *Vi claramente visto* o lume vivo (C.) — Ao qual recado *êle Hidalcão* não respondera (J. de Barros.) — *Sabedor*, nunca *o* fui (A. H.) — O *dia êsse* passava-*o* como embriagado na agitação tumultuosa de peregrino (A. C.) — *A mim me* parece. — Eu sou bem informado que a embaixada que de teu reino me deste, *que* é fingida (C.)

458. Devem entrar na classe de expressões pleonásticas as partículas chamadas de REALCE, e palavras expletivas, que servem para dar REALCE à expressão. Exs.:

Tu *é que* és nosso pai (A. P.) — Onde *é que* se escondeu a antiga fortaleza? (A. H.) — *Era* aos capitães das hostes da Germânia *que* os romanos imbeles davam o nome de reis (Id.) — *Certo que* não sei eu outra (F. Lôbo.) — Quase *que* enlouqueci (E. Dias.) — Se soubessem quão negra era a predestinação do poeta, por ventura *que* essa espécie de culto se converteria em compaixão (A. H.) — Desde o alvor da aurora *que* vos procuro (G.) — Oh! *que* é muito (A. H.)

459. **Anacoluto** é a figura de sintaxe em que um têrmo se acha como que sôlto na frase, sem se ligar sintàticamente a outro. Exs.:

O que me *eu* parece é que nós temos cedo muita facada rija (G.) — A *terra* em que tu morreres, nessa morrerei (A. P.) — Mudemos a casa, que (= porque) vem *quem* (aquele *que*) lhe dói a fazenda (M. B.). — *Quem* lhe dói o dente, vá ao barbeiro. — *Os três reis orientais*, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da igreja que um era prêto (A. V.) — E *o desgraçado* tremiam-lhe as pernas, sufocando-o a tosse (G.) — Portuguêses, se estou bem informado, é escusado esperarem lá algum (C. C. B.)

460. **Idiotismo** (gr. *idios* = *próprio*) é o têrmo ou dição de uma língua que não tem correspondente em outra língua, ou, ainda, frases peculiares que se apartam das normas da sintaxe, sendo, porém, consagradas pelo uso de pessoas cultas.

Êsse têrmo ou expressões idiomáticas, quando usadas criteriosamente, são verdadeiras belezas da língua.

1. Idiotismos léxicos:

a) Entre êstes devemos contar o INFINITO PESSOAL que, fora do português, só o possui o DIALETO GALEGO.

b) E' um processo idiomático a mudança do sentido de certas palavras pela mudança do GÊNERO, NÚMERO, e, ainda, da POSIÇÃO, p. ex.:

A cabeça e *o cabeça*, *a língua* e *o língua*, *o zêlo* e *os zelos*, *a honra* e *as honras*, *homem grande* e *grande homem*, *homem simples* e *simples homem*.

c) O verbo HAVER, empregado no singular com sujeito indeterminado, pode ainda entrar como um idiotismo da língua, como: *há* homens, *houve* frutas. Na mesma classe entra a anteposição do ARTIGO ao POSSESSIVO: *o meu* livro, *os nossos* pesares.

Nota. — São êstes idiotismos convencionais, pois se observam construções análogas em outras línguas.

d) A palavra SAUDADE não pode, em rigor, ser traduzida em outras línguas, por não ter equivalente.

2. Idiotismos fraseológicos:

Triste de mim, pobre do homem, coitadas delas, o maldito do rapaz — são frases idiomáticas, expressivas, refratárias à análise.

Nota. — Os ANACOLUTOS, sancionados por escritores competentes, são idiotismos fraseológicos, que trazem ao dizer energia e beleza.

SINTAXE REGULAR DE COLOCAÇÃO

461. Colocação, que também se chama CONSTRUÇÃO ou ORDEM, é a parte da SINTAXE que estuda a posição dos têrmos na estrutura da frase.

462. Há, na colocação dos têrmos, uma ordem ANALÍTICA, que corresponde à seqüência lógica das idéias, cuja combinação gera o pensamento expresso na frase. Há também uma ordem SINTÉTICA ou FIGURADA que obedece mais ao

movimento precipitado das paixões ou às combinações estéticas dos sentimentos.

A ordem ANALÍTICA deve predominar nos discursos didáticos, na esfera pura da inteligência; a ordem sintética no domínio da arte, da literatura afetiva. Ambas são naturais, pois correspondem ambas ao estado psíquico que exprimem.

463. Duas são as ordens em que podem estar os têrmos da proposição: — a ORDEM DIRETA OU ANALÍTICA, e a ORDEM INVERSA, SINTÉTICA OU TRANSPOSTA.

464. Na ORDEM DIRETA os têrmos se colocam segundo suas relações de COORDENAÇÃO e DEPENDÊNCIA, de acôrdo com as seguintes:

Regras gerais:

1.ª O SUJEITO antes do PREDICADO;

2.ª O PREDICADO imediatamente depois do SUJEITO;

3.ª Os COMPLEMENTOS depois da PALAVRA REGENTE;

4.ª Os ADJETIVOS depois dos SUBSTANTIVOS por êles modificados;

5.ª A LIGAÇÃO entre os TÊRMOS ligados.

Qualquer desvio desta ordem determina a ORDEM INVERSA.

1. ORDEM DIRETA OU ANALÍTICA:

Espalharei as armas e os barões assinalados, por tôda a parte, cantando, se engenho e arte ajudar-me a tanto.

2. ORDEM INVERSA OU SINTÉTICA:

As armas e os barões assinalados, cantando, espalharei por tôda a parte, se a tanto me ajudar engenho e arte (C.)

Obs. — A inversão do *sujeito* e do *objeto direto* deve operar-se dentro dos limites da *clareza*. São, portanto, viciosas, por ambíguas, as seguintes colocações: — Até os pescadores nos tomavam os Mouros (A. de F.) — E' ainda mais ridículo o das maçarocas, cujos executores apedrejaram as mulheres no Pôrto (Id.) — Deixa, porém, de haver vício, quando o sentido revela claramente o sujeito: ... enquanto o mar cortava a armada (C.)

465. Casos há em que a correção e a clareza exigem uma determinada ordem dos têrmos, e por isso convém observar a respeito da COLOCAÇÃO as seguintes

Regras especiais:

1.ª O SUJEITO POSPÕE-SE, em geral, ao PREDICADO:

a) Nas proposições INTERROGATIVAS, quando não é êle representado pelos pronomes interrogativos **que** e **quem**, p. ex.:

Está *ela* doente? — Em que pode *a virtude* prejudicar o homem? — Fica *essa* taba? — Que fez *êle*? — *Quem* está aí? — *Que sucedeu*?

b) Nas PROPOSIÇÕES OPTATIVAS e IMPERATIVAS, p. ex.:

Seja *êle* feliz! — Faze *tu* o bem!

c) Nas PROPOSIÇÕES INTERCALADAS, p. ex.:

Timbira, *diz o índio enternecido*, és um guerreiro ilustre, um grande chefe (G. D.)

d) Quando o PREDICADO é expresso por uma das formas nominais do verbo (infinitivo presente, particípios e gerúndios):

E' tempo de *falarem os fatos*. — *Acabado o discurso*, ou *sendo acabado o discurso*, desceu o orador da tribuna. — *Acabando o orador* de falar, ou *tendo o orador acabado* de falar, encerrou-se a sessão.

Nota. — Sendo *isto* sujeito dos particípios *pôsto*, *suposto*, *obstante*, é mais comum a anteposição para evitar-se a colisão de consoantes fortes: *Isto pôsto*, prossigamos. — *Isto suposto*, a nossa língua conta nem mais nem menos que dezesseis ditongos (S. Barbosa.) — *Isto não obstante*, a construção é das mais simples e agradáveis. — Em Camões, como nos antigos clássicos, temos, contràriamente à regra, a anteposição do sujeito com o particípio: prósperamente *os ventos assoprando* (C.) — *Isto feito, isto dito* (C., *Lus.* 8-51.)

e) Em certas proposições de caráter NARRATIVO:

Corria *o ano de nosso Senhor Jesus Cristo de* 1170, era *Sumo Pontífice Alexandre III*, e *Imperador da Alemanha Frederico I, chamado Barba-Roxa* (L. de S.) — Passaram *anos*; levantou-se o *véu negro* (A. C.)

Nota. — Casos há em que a inobservância destas regras dá mais graça e energia à frase: Agora *tu*, Calíope, me *ensina* (C.) — O *amor* vende-

se? A *alma* vende-se? (A. C.) — *Tu* não viste dos bosques a coma sem aragem vergar-se e gemer? (G. D.)

f) Em certas proposições do sujeito FRASEOLÓGICO, p. ex.:

E' preciso *ter paciência*. — E' necessário *que êle venha*. — Convém *que estudes*.

g) Quando o PREDICADO é expresso pelo verbo **ser** em sentido concreto ou absoluto, p. ex.:

Era *uma tarde de abril serena e fresca*.

h) Quando o PREDICADO VERBAL é apassivado pelo pronome **se**, p. ex.:

Cortam-se *árvores*. — Consertam-se *relógios*.

Nota. — A anteposição ao predicado neste caso traz certa energia à expressão: O dia certo ignora-se ainda (Júlio de Castilho.) — O amor vende-se? (A. C.) — Os bulrões e enliçadores punem-se. — As consciências esclarecem-se e não se forçam (A. H.)

2.ª Com o verbo **ser** na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo formam-se frases idiomáticas em que o sujeito sofre singular deslocação, p. ex.:

Nós é que *somos os verdadeiros patriotas*. — *Os gentios* é que *se cansam com essas coisas* (A. P.)

Nota. — *E' que* — é locução *expletiva*, que pode ser eliminada sem prejuízo do sentido, mas que serve para dar graça e energia à expressão, salientando o sujeito.

3.ª Há uma elegante deslocação idiomática dos têrmos da proposição nas seguintes frases:

Fácil é isso de dizer e difícil de fazer — por — Isso é fácil de dizer e é difícil de fazer. — *Velozes* corriam os dias — por — Os dias corriam velozes. — *Chegados que foram* — por — Logo que foram chegados. — Damião e Píteas, *discípulos que foram* do grande Pitágoras, abalizaram-se tanto na amizade... isto é, que foram discípulos. — *Êles que fujam* — por — Que êles fujam.

4.ª Quando modificam o verbo vários COMPLEMENTOS, aconselha a clareza e a elegância distribuírem-se os complementos de modo que uns venham antes do predicado e outros

depois, e entre êstes seja colocado por último o que mais longo fôr, v. g.:

Com a rapidez da cólera ou da peste *corre* por todos os ângulos de Portugal e *encasa-se* em todos os povoados uma coisa hedionda e torpe que, inimiga do passado e do futuro, se *chama* ilustração; que, tendo por lógica o escárnio e por silogismo o camartelo, se *chama* filosofia (A. H.)

5.ª O APÔSTO segue-se ao fundamental, como: "Liberdade, *nome santo, meu primeiro doce canto, minha sacra aspiração*". Todavia, no estilo elevado, não raro se transgride esta regra, p. ex.:

Herodes da moral pública, a comissão revisora decretava a degolação de todos os inocentes (A. H.)

6.ª Os adjetivos QUALIFICATIVOS colocam-se facultativamente antes ou depois do substantivo por êles modificado; há, entretanto, a tendência de se colocar *antes*, se êle é *explicativo*, e *depois*, se é *restritivo*, por ex.:

A *dura* pedra e a vida *dura*. — O *branco* leite e o vestido *branco*. — O *rubro* sol e a gravata *vermelha*.

Nota. — No estilo elevado e na linguagem proverbial há mais liberdade: Água *mole* em pedra *dura* tanto dá até que fura. Alguns adjetivos, entretanto, têm sua colocação obrigada *depois* ou *antes* do substantivo *mão direita, código civil, gravata vermelha, mero homem.*

7.ª Em muitos casos a anteposição ou posposição do qualificativo determina MUDANÇA DE SENTIDO. Exs.:

Bom homem (homem ingênuo)	homem bom (de boas qualidades)
Rico homem (homem nobre)	homem rico (homem endinheirado)
Grande homem (homem eminente	homem grande (homem alto)
Pobre homem (homem infeliz)	homem pobre (homem sem dinheiro)
Simples homem (mero homem)	homem simples (homem singelo)
Santo homem (homem bom)	homem santo (homem sem mancha)
Verdadeiro homem (homem real)	homem verdadeiro (homem veraz)
Certo relógio	relógio certo
Santos padres	padres santos
Vários meninos	meninos vários
Diferentes coisas	coisas diferentes

Gigantes há ladrões, e ladrões gigantes (A. de F.) — Uma coisa é ser verdadeira unha, e outra coisa é ser unha verdadeira (Ib.)

8.ª Os ADJETIVOS DETERMINATIVOS, em geral, *antepõem-se* ao substantivo por êles modificado.

O homem, *êste* livro, *minha* pátria, *três* árvores, *alguns* amigos.

9.ª Às vêzes se pospõe o DETERMINATIVO, dando ao dizer graça, energia e, até, sentido diverso, p. ex. :

Homem *êste* que eu não conheço. — Que dureza *essa!* — Filho *meu*, dá-me o teu coração. — Venturas *mil*. — Homem *algum* nos deu tanto trabalho. — Êle *mesmo*. — Volume *primeiro*.

Nota. — A posposição do *possessivo* dá ternura à expressão, e *algum* posposto torna a frase negativa, como se vê nos exemplos dados.

10.ª Os CARDINAIS *pospõem-se* ao substantivo quando por brevidade se empregam pelos ordinais, p. ex. :

Página *dois*, a casa *vinte e um*, por página *segunda*, e casa *vigésima primeira*.

11.ª A proposição dos ORDINAIS é de rigor, quando indica a sucessão de reis e papas, p. ex. :

Pedro II (segundo), *Leão X* (*décimo*.)

12.ª Os DETERMINATIVOS antepostos admitem a interposição dos *qualificativos* entre si e seus substantivos, p. ex. :

O *belo* e *edificante* exemplo. — Êstes *bons* livros.

Nota. — No estilo poético se interpõe, às vêzes, uma *locução*, p. ex. O *das águas gigante*.

Colocação dos pronomes oblíquos

466. As formas oblíquas dos pronomes pessoais — *me, te, se, o, lhe, nos, vos, os, lhes,* são monossílabos *átonos* ou *fracos*, que, pospostos, se incorporam, por isso, na leitura corrente, aos verbos de que são complementos, ou a partículas antepostas ao verbo. Esta incorporação se opera de três maneiras, conforme o pronome se coloca *antes*, *depois* ou no *meio* do verbo ; daí as três posições dêsses complementos pronominais, denominadas — PRÓCLISE, ÊNCLISE e MESÓCLISE.

467. Dá-se a PRÓCLISE quando o pronome vem *antes* do verbo, chamando-se então — PROCLÍTICO, p. ex.: "Eu *me* arrependo"; a ÊNCLISE, quando vem *depois* do verbo, chamando-se ENCLÍTICO, p. ex.: "Pedro arrependeu-*se*"; a MESÓCLISE ou TMESE, quando vem no *meio*, chamando-se MESOCLÍTICO, p. ex.: "Pedro arrepender-*se*-á".

468. Algumas REGRAS referentes à colocação das formas oblíquas *átonas*, firmadas principalmente no uso dos clássicos portuguêses, serão de utilidade.

ÊNCLISE

469. São ENCLÍTICOS:

1. Quando o período gramatical se inicia pelo verbo, pois é, em geral, vedado começar-se período com pronome oblíquo: *Levantou-se para sair*, e não — *Se levantou para sair.*

Obs. — Não é absoluta esta regra, ao menos no Brasil. *Me parece, me traga*, são expressões generalizadas em nosso falar doméstico. Em Portugal atesta o Sr. Cândido de Figueiredo que — *me melem* é *idiotismo* comum. De fato, dêle usou A. Herculano, no *M. de Cister*: "*Me melem se entendo o doutor*". Igualmente A. Castilho na seguinte frase: "*Me melem se eu percebo tal doutor.*" E nas cartas de A. Vieira encontra-se "*Me avisam em muito secreto que a Espanha tem resoluto romper a guerra com a França.*"

2. Junto aos PARTICÍPIOS PRESENTES e GERÚNDIOS, p. ex.:

O polvo, *escurecendo-se* a si, tira a vista aos outros (A. V.) — O levita, *tendo-se levantado* o sol, partiu.

Abrem EXCEÇÃO à regra as *locuções perifrásticas* e o *gerúndio* precedido da preposição em, p. ex.:

O sol *ia-se pondo*. — Tudo, *em me vendo chegar*, me perguntava por ela e ma pedia (A. C.)

Nota. — AO PARTICÍPIO PASSADO nunca se pospõe pronome átono, não se dirá — *Eu tinha falado-lhe*, mas — *Eu lhe tinha falado* ou *tinha-lhe falado*. São, pois, condenáveis as seguintes colocações de Filinto Elísio: Tinha d'Olmacé *trazido-me* já o meu sustento nesse dia — tinha eu feito o retrato de meu amigo e *metido-o* em uma bocetinha que nunca larguei de mim.

3. Nas frases IMPERATIVAS, p. ex.

E' tempo, *apressa-te, faze-te* ao largo. — Todavia, Camões escreveu: "Agora tu, Calíope, *me ensina*".

4. Junto aos infinitos puros, em geral, e aos regidos da preposição a:

Foi bom dizer-lho, foi bom ter-lho dito (E. Dias.) — O meu (fantasma) tinha sido a Primavera e continuava a *sê-lo* (A. C.) — Corríamos a *abraçar-nos* com ela (A. H.) — Acostumado a *sofrê-la* (M. B.)

Obs. — Foi a necessidade de evitar o *hiato*, provocado às vêzes pela *próclise* — acostumados *a a sofrer*, que generalizou a *ênclise*. Todavia, Vieira não fugiu ao *hiato*: para que não continue *a o ser*, nem M. Bernardes ... pois muitas vêzes chegam *a os* açoitar. — Não havendo hiato, a regra deixa de ser imperativa: Oferecendo-se os cercados *a se vender* a partido (A. V.) — As boas obras que fizeres, em ordem *a te dispor* mais com elas... — ... dando lugar a *se fazerem* discursos (L. S.) — Nas orações *intercaladas* é facultativa a *ênclise*: Monstro fero lhe digo (ou digo-lhe): não te espantes (E. Dias.) — Não *lho posso* dizer, ou — Não posso dizer-lho (E. Dias.) — Quem *lho pode* dizer, ou — Quem pode dizer-lho (Id.) — Não *as pode* começar a plantar, ou — Não pode *começá-las* a plantar, ou — Não pode começar a *plantá-las* (Id.) — Se o auxiliar *poder* estiver no infinito, poder-se-á dizer — não *podê-las* começar a plantar (Id.)

PRÓCLISE

470. São PROCLÍTICOS:

1. Nas frases NEGATIVAS, visto que a negativa, sempre anteposta aos verbos, atrai para si o pronome. Exs.:

Não me confiei de vós (M. B.) — *Nada lhe* pode resistir (A. V.) — *Ninguém vos* vence em amar (M. B.) — Flores de urzes e amoras de silva *não se* levam ao mercado (A. C.) — *Nenhuma* coisa *se* exclui (A. V.) — *Nenhuma* civilização antiga *se* prezou de eloqüente (L. C.) — *Jamais se* cumpriu. — *Nem se* assegura a idade anciã... (M. B.)

Nota. — Quando a negativa modifica o infinito, é facultativa a *próclise*: E' um *não contentar-se* de contente. — Mas quem, por *não deixar-te*, a não deixara! (C.)

Obs. — E' mui comum entre os clássicos e entre escritores portuguêses antepor-se o pronome oblíquo ao advérbio *não*. A Aquiles *lhe não* bastou um mundo (A. V.) — Velei a pira enquanto *se não* extinguiu. — Eu é que *me não* atrevo a explicar-lho. — Ainda que menos comum, encontra-se a posposição, que, em geral, é preferida no falar dos brasileiros: Flores de urzes *não se* levam ao mercado (A. C.) — Tirou-lhe Jacó da mão o

cetro e *não* lho deu (A. V.) — Há uma colocação clássica interessante do pronome oblíquo antes do sujeito, estranha ao falar no Brasil: Isto que *vos eu* escrevo. — Uma tarde de verão que *me eu* estava acompanhado só de minhas cogitações (A. C.) — Nomes com que *se o povo* néscio engana (C.

2. Nas proposições subordinadas ligadas pelos RELATIVOS — *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde*, e pelas CONJUNÇÕES DE SUBORDINAÇÃO — *que, quando, enquanto, se, porque, para que, segundo, conforme, quer... quer*, etc. Exs.:

Amores menos entendidos das turbas a *quem se referiam* (A. C.) — ... igreja *cujas* portas *se lhe abriram* (M. B.) — Vêde o mundo *que* eu *vos mostro* (Id.) — Vieram-se avizinhando temporais *que* por derradeiro *nos arrancaram* também a nós (Id.) — Não há estudo, nem mais apetitoso, nem mais aproveitado, que o da fala da nossa terra, *quando se tem* por mestra uma mulher a *que se ama* (A. C.) — E *que me importam* a mim? (A. H.) — *Enquanto a teve* (C. C. B.) — Perdoai, *se vos ofendi* (G.) — *Como se chama*? (Id.) — Vêde *como se conformou* com ela... (C. C. B.) — A civilização, *segundo se admite*, com irrefragáveis fundamentos (L. C.) — *Conforme* eu *te possuir*, assim serei rico (M. B.) — *Quer o diga, quer o não diga* (E. Dias.)

Obs. — Exceções numerosas encontram-se máxime em relação às conjunções — *que* e *porque*, exs.: Sejam liberais, *porque* o povo *paga-se* muito desta virtude (A. de F.) — Antigamente convertia-se o mundo; hoje por que se não converte ninguém? *porque* hoje *pregam-se* palavras e pensamentos, e antigamente *pregavam-se* palavras e obras? (A. V.) — *Que* a quem não quer a sua graça, *castiga-o* com o privar da glória (Id.) — Notai *que* os dois primeiros *escusaram-se* com a fazenda (Id.) — Fiquem-se com o Senhor, que eu *vou-me* (A. C.) — E' verdade *que* V. Exa. *pede-me* apenas reflexões ao correr da pena (A. H.) — E' princípio de direito *que* quem invoca um documento na parte útil *aceita-o* na parte nociva (Id.) — *Porque* D. Teresa *ergueu-se* imediatamente (Id.) — *Porque* mestre João *mostrava-se* assaz cioso da própria autoridade (Id.) — Rua! *que* o almotacé *traz-me* de ôlho (Id.) — Vai, *que* eu logo *procuro-te* (C. C. B.) — Mate-me, que eu *perdôo-lhe* a morte (Id. *Ap.* E. *Carneiro.*) — E' que nós conhecemos a vida pública dos visigodos, e não a sua vida íntima, *enquanto* os séculos da Espanha restaurada *revelam-nos* a segunda (A. H.) — ... o dos pés era um crânio humano, *cujas* bordas negras *dir-se-ia* haverem sido queimadas (Id. *M. de Cister.*)

3. Nas proposições OPTATIVAS, p. ex.:

Bons olhos o vejam. — *Bom proveito lhe faça* (A. H.)

4. Com os INDEFINIDOS — *todo, tudo, isto, isso, muito, pouco*, etc., quando precedem ao verbo

De tôdas lhe resultam harmonias... *de tôdas se reflete* o amor e a sabedoria (A. C.) — *Todos se lembram hoje* (L. C.) — *Isto se explica* bem com o símil (M. B.)

Nota. — Numerosas exceções em bons escritores mostram que esta regra assinala apenas uma tendência, que ao ouvido educado compete determinar em cada caso. O mesmo se poderá dizer quanto aos outros determinativos — adjetivos e pronomes.

5. Com os ADVÉRBIOS, quando precedem ao verbo:

Agora me dizem que é chegada a ratificação da paz (A. V.) — *Bem se viu* nos que estavam já pegados (Id.) — *Já se sabe* que há de ser Santo Tomaz (Id.) — *Assim me sentia* eu levado para uma ilheta de amores (A. C.) — *Aqui se vê* a providência e a previdência (A. V.) — E *então se desposam* Israel e Raquel (M. B.) — *Ainda me restam* algumas perguntas (Id.) — *Tarde vos comecei* amar (Id.) — *Sempre me justifico* de mim para comigo mesmo (Id.) — *Quando mais se sobe,* maior queda se dá.

Obs. — Como no antecedente, o ouvido educado é o melhor juiz neste caso, pois não raro aparecem exceções, como, p. ex.: *Antigamente convertia-se* o mundo. Porque *hoje pregam-se* palavras (A. V.) — *Agora lembra-me* tudo (A. H.) — *Depois deu-se* a si própria (Id.) — *Hoje usa-se* outra coisa (Id.) — *Aqui vê-se* a luz do céu, e *tudo isto vê-se* para se ter mais fome (Id.) — Quiseram *antes baldear-se* para o jardim (A. C.) — O papa *então chamava-me* o banana (Id.) — *Agora estava-as* fixando em si próprio?! (Id.)

A lei que determina a *ênclise* ou a *próclise* neste e noutros casos, segundo o inteligente professor Said Áli, é a *pausa* ou a *sua ausência* na pronúncia dessas palavras de *atração*, sendo êsse o segrêdo de sua fôrça atrativa; assim, fazendo-se *pausa,* não há atração: — *Isto passava-se* um dia antes (L. S.) — *Ali falavam-se* verdades aos reis e grandes (Júlio de Castilho). — *Aqui, canta-se; ali, dança-se.* Havendo pronúncia ligada, observa-se a regra: *já se vê, cá me tens, aqui se canta.*

MESÓCLISE

471. São MESOCLÍTICOS:

No futuro imperfeito e no imperfeito do condicional as vêzes em que não for obrigatória a *próclise*, como, p. ex.:

Dai e dar-se-vos-á (A. P.) — *Far-se-á juízo sem misericórdia aos que não usaram de misericórdia* (Id.) — *Faltar-me-ia o tempo se eu quisesse falar de tudo.*

Nota. — As pessoas *oxítonas* do fut. imperfeito repelem a ênclise, por antieufônica. Ninguém dirá *falarei-te, falarás-nos, falará-vos.* — Neste caso só é admissível a *próclise* e a *mesóclise.* Semelhantemente as pessoas

proparoxítonas repugnam, em geral, a *ênclise*, como: *amáramos-te, amássemo-lo.* — São raríssimos, se não impossível, no Brasil, os seguintes *bis-esdrúxulos* do Sr. Gonçalves Viana: — *louvávamos-to, louvávamo-vo-lo* (*Exposição da pronúncia normal portuguêsa*, pág. 86).

Obs.

1.ª Nas *conjugações perifrásticas do infinito* pode o pronome, quando a isso não se opuserem as regras que acabamos de estabelecer, ocupar quatro posições, *antes* e *depois* do auxiliar, *antes* e *depois* do infinitivo, como, p. ex.:

Pedro se tem de calar	Pedro tem de calar-se
Pedro tem-se de calar	Pedro tem de se calar

Sendo negativa a proposição, o pronome só poderá ocupar três posições: *a*) P. não se tem de calar, *b*) P. não tem de calar-se, *c*) P. não tem de se calar. — As construções: *O diretor mandou*-me *inscrever* e *o diretor mandou inscrever*-me — não são equivalentes: no primeiro caso *me* é o *agente* (sujeito) de inscrever, no segundo é o *paciente* (objeto direto).

2.ª E' manifestamente levar ao exagêro a topologia pronominal o ensinar que o *pronome reto*, as *conjunções coordenativas*, os *adjetivos possessivos* e *numerais* atraem normalmente o *oblíquo*: *Eu busco-a, ela se oculta* — *Mas despe-se* (A. C.) — *Entretanto* as intenções *tinham-se dirigido* exclusivamente para a nave central (A. H.) — A *sua* fronte *enxugou-se* (Id.) — *Um* dos cavalheiros *afastou-se* (Id.)

SINTAXE IRREGULAR OU FIGURADA DE COLOCAÇÃO

472. O português, mais que suas irmãs, herdou o gênio da língua latina na liberdade da colocação dos têrmos da frase. Mais que elas, presta-se nosso idioma à ORDEM SINTÉTICA. Às perturbações da ORDEM ANALÍTICA dá-se a designação genérica de INVERSÕES, que se reduzem a quatro FIGURAS:

1. HIPÉRBATO; 2. TMESE; 3. ANÁSTROFE; 4. SÍNQUISE

473. **Hipérbato** (gr. *hyperbaton* = *transposição*) é a figura de sintaxe que consiste na ordem interrupta, isto é, na transposição de um têrmo pela interposição de outro, que o separa daquele com que se relaciona naturalmente. Exs.:

O das águas *gigante* caudaloso (D. J. G. de Magalhães.) — E contudo os *olhos* de ignóbil pranto secos *estão* (G. D.) — Por *mares* nunca

d'antes *navegados* (C.) — Esta *queixa* mil vêzes *repetida* (S. Barbosa.) — A carta, que *vos* eu *escrevo*. — *Amo* acima de tudo *minha pátria*.

474. **Anástrofe** (gr. *anastrophe* = *inversão*) é a figura de sintaxe que consiste pròpriamente na inversão dos têrmos, isto é, na deslocação pela anteposição ou posposição dos têrmos. Exs.:

O *das águas* gigante caudaloso. — No *riso* é o *homem conhecido*. — E *em montes alquebrado o dorso* enruga (J. G. de Magalhães.) — E contudo os olhos de *ignóbil pranto* secos estão. — *Com papas e bolos* se enganam os tolos. — Filho *meu*, onde estás? (G. D.) — Era naquele tempo clara *a fama de D. Duarte de Menezes* (J. Freire). — Praza *o carvalho* a Jove (A. C.) — *Dêle* se encontram vestígios mais antigos (A. H.)

475. **Tmese** (gr. *tmesis* = *corte*) é a figura de sintaxe que consiste na intercalação de pronome oblíquo no futuro imperfeito do indicativo e no imperfeito do condicional. Exs.:

Amar-te-ei, dir-lho-ias, far-vo-lo-ei.

476. **Sínquise** (gr. *synchysis* = *confusão*) é a figura de sintaxe que consiste na *transposição* violenta de têrmos, produzindo uma certa confusão artística das palavras. Exs.:

Enquanto manda as ninfas amorosas, *grinaldas* nas *cabeças* pôr *de rosas* (C.) — A *grita* se levanta ao céu, *da gente* (Id.)

Obs. — Estas figuras de construção tornam-se *vícios de linguagem*, desde que produzam na frase obscuridade ou confusão de sentido. São elas de largo uso na poesia, onde dependem do critério e bom gôsto do poeta. Com razão critica Soares Barbosa as seguintes transposições de Camões e de Mousinho:

.... Que em *terreno*
Não cabe o altivo peito, tão *pequeno*.

Entre *todos* com o dedo eras notado,
Lindos moços de Arzila, *em galhardia*.

TIPOS SINTÁTICOS DIVERGENTES

477. **Tipos sintáticos divergentes** são as variações que sofrem certos têrmos na *concordância*, *regência* e *colocação*, sem alteração do sentido.

Preferem alguns chamar-lhes *tipos sintáticos equivalentes*.

TIPOS SINTÁTICOS DIVERGENTES DE CONCORDÂNCIA

Era tudo flores	Eram tudo flores
Passará o céu e a terra	Passarão o céu e a terra
Chamam-te fama e glória soberana (C.)	Chamam-te fama e glória soberanas
Mas contigo se acabe o nome e a glória (C.)	Mas contigo se acabem o nome e a glória
Os primeiros lugares leve-os João e Diogo (A. V.)	Os primeiros lugares levem-n'os João e Diogo
A língua e a poesia portuguêsa	A língua e a poesia portuguêsas
Antes sejamos breve que prolixo (J. de Barros.)	Antes sejamos breves que prolixos

TIPOS SINTÁTICOS DIVERGENTES DE REGÊNCIA

Usar de roupa branca	Usar roupa branca
Êle deve de fazer	Êle deve fazer
Começou a escrever	Começou de escrever
Tirou a espada	Tirou da espada
Cercado de soldados	Cercado por soldados
Anda falando	Anda a falar
Eu amo a minha família	Eu amo à minha família
Perecer à fome	Perecer de fome
Chamei-o sábio	Chamei-lhe sábio
Tenho-o por honesto	Tenho-o como honesto
Creio ser êle bom	Creio que êle é bom
Entrar à barra	Entrar na barra
Esta água não beberei	Desta água não beberei
As povoações parece terem sido habitadas por indígenas (A. H.)	As povoações parecem ter sido habitadas de indígenas

TIPOS SINTÁTICOS DIVERGENTES DE COLOCAÇÃO

Ao campo damasceno o perguntara(C.)	Perguntara-o ao campo damasceno
Gália ali se verá	Ver-se-á Gália ali
Esta é a ditosa pátria minha amada (C.)	Esta é a minha ditosa pátria amada
Nomes com que se o povo néscio engana (C.)	Nomes com que o povo néscio se engana
Novos mundos ao mundo irão mostrando (C.)	Irão mostrando ao mundo novos mundos

Nota. — O *tipo sintático* pode ser duplo, triplo, quádruplo, etc., p. ex.: *Amor às letras, para as letras.* — *Bruto matou César, a César matou Bruto, Bruto a César matou, Bruto matou a César, matou a César Bruto, matou Bruto a César.*

Vícios de linguagem

478. Às FIGURAS de sintaxe, que dão ao dizer vernáculo graça e energia, se contrapõem os vícios, que o deturpam e desvirtuam.

479. Os VÍCIOS DE LINGUAGEM são:

1. *Barbarismo*	7. *Eco*
2. *Solecismo*	8. *Colisão*
3. *Anfibologia*	9. *Arcaísmo*
4. *Obscuridade*	10. *Neologismo*
5. *Cacofonia*	11. *Brasileirismo*
6. *Hiato*	12. *Provincianismo*

480. **Barbarismo** ou PEREGRINISMO é o emprêgo de têrmos estranhos à língua, quer na sua FORMA, quer na sua IDÉIA.

481. Os BARBARISMOS na FORMA são erros PROSÓDICOS ou ORTOGRÁFICOS. Exs.:

Abissoluto	por	absoluto	Canterbury	por	Cantuária
Adijitivo	„	adjetivo	Champagne	„	Champanhe ou Champanha
Anvers	„	Antuérpia	Décano	„	decâno
Bordeaux	„	Bordéus	Deshouveram	„	desavieram
Bâle	„	Basiléia	Passeemos	„	passeámos
Fizésteis	„	fizestes	Preguntar	„	perguntar
Falemos	„	falámos	Precurador	„	procurador
Fuge	„	foge	Percurar	„	procurar
Fáçamos	„	façâmos	Percisa	„	precisa
Havéra	„	houvera	Poribir	„	proibir
Hájamos	„	hajâmos	Qúatorze	„	quatorze (catorze)
Mayença	„	Mogúncia	Sastifeito	„	satisfeito
Pégada	„	pégáda	Têrça-feira	„	têrça-feira
Púdico	„	pudíco			
Brutus	„	Bruto			

Nota. — Dá-se o nome de CACOGRAFIA (gr. *kakos* = *mau*) aos erros ortográficos, como: — *saptisfazer*

482. Os BARBARISMOS na IDÉIA consistem no uso desnecessário de têrmos estrangeiros e de têrmos em acepção estranha à língua.

Exs. :

Abandonado por *dissoluto*	*Bizarro* por *esquisito*
Adresse por *subscrito, endereço*	*Desapercebido* por *despercebido*
Avançar por *afirmar*	*Emprestar de* por *tomar emprestado.*
Brusco por *precipitado*	

483. Larga cópia de BARBARISMOS nos fornecem as línguas estrangeiras, já nos têrmos, já nas frases, que não se amoldam ao gênio da língua vernácula. Êstes ESTRANGEIRISMOS tomam o nome da língua donde procedem : *germanismo* (Germânia, antigo nome da Alemanha), do alemão ; *anglicismo*, do inglês ; *italianismo*, do italiano ; *espanholismo*, do espanhol ; *galicismo* ou *francesismo* (Gália, antigo nome da França), do francês ; *hebraísmo*, do hebraico ; *helenismo* (*heleno* = *grego*), do grego; *latinismo*, do latim.

484. Mais do que qualquer outra língua, tem o francês concorrido para abastardar ou barbarizar a nossa. As causas desta influência achamo-las não só nas primitivas relações históricas de Portugal com a França, que lhe forneceu a dinastia fundadora de sua nacionalidade no século XII, como também na disseminação entre nós da literatura francesa. Por esta razão bradam constantemente nossos puristas contra o GALICISMO OU FRANCESISMO, não só léxico ou no TÊRMO, mas também sintático ou na FRASE. Muitos GALICISMOS já foram definitivamente incorporados na língua por necessidade, ou por uso prolongado e universal, tais são : *audacioso, bom-tom, comportamento, ponto de vista, baixo clero, boas graças, autoridade constituída, ministro do culto, tomar a palavra.*

Outros galicismos, porém, são verdadeiras deturpações da língua, contra os quais devemos estar premunidos. Damos em seguida uma pequena lista dêstes.

485. **Galicismos léxicos :**

Abat-jour	em vez de	quebra-luz, sombreira, pantalha
Afixe	,,	edital
Afroso	,,	espantoso
Avançar	,,	afirmar
Barricar	,,	entrincheirar

Bouquet	em vez de	ramilhete ou ramalhete
Carnagem	”	carniceria, matança
Coalição	”	coligação, liga
Confinar	”	encantoar-se
Constatar	”	certificar, mostrar
Deboche	”	devassidão
Dessert	”	sobremesa
Desolado	”	aflito
Debutar	”	estrear-se
Desgostante	”	asqueroso
Ecluse	”	dique
Elançar-se	”	arremessar-se
Embelecer	”	adornar
Frapante	”	notável
Galimatias	”	palavrório
Governante	”	aia, mestra
Grimaça	”	trejeitos
Interdito	”	enleado, suspenso
Nuança	”	matiz
Petimetre	”	casquilho
Remarcável	”	notável
Rendez-vous	”	entrevista
Reproche	”	censura
Reprochar	”	censurar
Soirée	”	sarau
Sortida	”	invectiva, investida
Sucesso	”	vitória, bom êxito
Supercheria	”	embuste
Surmontar	”	vencer

486. Galicismos fraseológicos:

Boa manhã	por	madrugada
Chefe de obra	”	obra prima
Estar ao fato	”	pôr-se ao fato
Sei bem	”	bem sei
Estar sôbre as suas guardas . . .	”	andar sôbre aviso
Golpe de vista ou de olhos . . .	”	olhadela, relance
Grande mundo	”	alta sociedade
Guardar o leito	”	estar de cama ou doente
Jogos de espírito	”	chistes
Mal a propósito	”	não vir a propósito
Peça de eloqüência	”	discurso oratório
Picar-se de nobreza	”	gloriar-se da nobreza
Redator-em-chefe	”	chefe da redação, redator-chefe
Saltar aos olhos	”	ser mais claro que o sol
Tratar do trem da vida	”	tratar do modo da vida
Barco a vela	”	barco *de* vela

Mais eu penso, mais me convenço	por	quanto mais penso, mais me convenço
Feito *sôbre* modêlo	,,	feito *conforme* o modêlo
Aluga-se quartos.	,,	alugam-se quartos
O moço o mais garrido, o mais amável, o mais bom, dar-se-á por ditoso	,,	o moço mais garrido, mais amável, mais bom, dar-se-á por ditoso (A. C.)
Frei Domingos, vindo de Fortosa... se lhe ajuntou no caminho um moço muito confiado (M. B.) . .	,,	Vindo Frei Domingos de Fortosa... se lhe ajuntou, etc. (A. C.)
Vem de publicar-se o anunciado livro	,,	Acaba de se publicar.. (C. de Figueiredo.)
Apresentou-se no baile em costume de odalisca	,,	Apresentou-se no baile em traje de odalisca (Id.)
O discurso acabado, ressoou uma salva de palmas.	,,	Acabado o discurso, ressoou uma salva de palmas (Id.)
Não se o diz	,,	Não o dizemos

487. Solecismo é qualquer êrro sintático de concordância ou regência. Exs.:

Haviam muitas senhoras na sala, por *havia* muitas senhoras. — *Fazem* vinte dias que cheguei, por *faz* vinte dias. — Vi *êle* na rua, por vi-*o* na rua. — Fui *na* cidade, por fui *à* cidade. — Laranja para *mim* comer, por laranja para *eu* comer. — Não vá sem *eu*, por não vá sem *mim*. — Não *condenai* o réu, por não *condeneis* o réu. — Entre *eu* e êle, por entre *mim* e êle. — Entre vós e *eu*, por entre *mim* e vós. — *Havemos morrer todos*, por havemos *de* morrer todos. — Ter amor *pelas* armas, gôsto *pela* caça, respeito *pelos* pais. — Eu *lhe* amo, por eu *o* amo. — Eu *o* obedeço, por eu *lhe* obedeço. — Eu *o* agradei, por eu *lhe* agradei.

Nota. — A palavra *solecismo* vem de *Soles*, colônia grega, cujos habitantes corromperam de tal forma a língua grega, que *solecismo* veio a significar *falar errado*.

Obs. — Escreve Leoni, citado pelo professor Francisco Brou: "Um dos muitos erros de sintaxe com que atualmente estamos vendo perverter a boa e genuína linguagem em obras de literatura, é o emprêgo da preposição *por* na acepção de referência. Assim, é freqüente lermos: Confesso que tenho amor *por* êle; — tinha muito respeito *por* seu pai. E' exatamente a contextura francesa: J'avoue que j'ai du penchant *pour* lui; — il avait beaucoup de respect *pour* son père". Não podemos deixar de declarar que será isto tudo quanto quiserem, menos português. Nestas frases, requer indispensàvelmente a língua que se empregue a preposição *para*, seguida da preposição *com*, ou, ainda, a preposição *a*. Todavia A. Herculano escreveu: "O gôsto que reinava *pela* nova ciência, e a veneração que os homens instruídos tinham *pelas* máximas dos jurisconsultos romanos, deviam estender-se às que diziam respeito à constituição da família." (*C. Civil*, pág. 38.)

488. **Anfibologia** ou AMBIGÜIDADE consiste em oferecer a frase sentido duplo ou duvidoso. Exs. :

Ama o povo o bom rei e dêle é amado, onde o *objeto* do verbo *ama* se confunde com o *sujeito* do mesmo verbo. — O amor de minha mãe me fortalece, onde não se sabe se *mãe* é o recipiente ou o agente de *amor*. — Êle prendeu o ladrão em sua casa, onde fica duvidoso se na casa *dêle* ou na do *ladrão*. — Vence a dor a razão, vence amor fôrça (B. Ferreira.)

489. **Obscuridade** consiste na falta de clareza pela disposição enleada da frase, como se vê no seguinte exemplo :

Certo é que quaisquer histórias muito melhor se entendem, se perfeitamente e bem ordenadas, que o sendo por outra maneira (Fernão Lopes.)

490. **Cacofonia** ou CACÓFATO consiste na junção de duas palavras de modo tal que se forme uma outra de sentido torpe ou ridículo. Exs.:

Al*ma minha* gentil, que te partiste (C.) — Deixar-*me já*, Caterina (A. C.) — Sofrer aqui não pode o Ga*ma mais* (C.) — E' um nun*ca acabar*. — Bus*ca guerra* (Id.) — A bô*ca dela*.

491. **Hiato** consiste na concorrência de vozes acentuadas. Exs.:

Vou à aula. — Os necessitados e os pobres buscam água e *não a há* (A. P.)

492. **Eco** é a concorrência desagradável de palavras que terminam nos mesmos fonemas. Exs. :

Contrato cujo *valor* não *fôr superior*. — O *instrumento* do *consentimento* de *casamento*. — E' válida a *disposição* para a *criação* de uma *fundação*. — De longe *venho*, porque *tenho empenho* de te ver.

Nota. — O *eco* deixa de ser vício quando judiciosamente empregado para efeito *imitativo*. "O mar todo com fogo e *ferro ferve*" (C.)

493. **Colisão** é a concorrência desagradável de consonâncias idênticas ou semelhantes. Exs. :

Zunindo as asas azuis. — *As rosas sêcas*. — *Não sei se será servido*. — *Pôsto isto*. — *Se só se achara* (C.) — *Rica graça*.

494. **Arcaísmo** é o uso de palavras ou expressões antiquadas, caídas em desuso, p. ex. : *bofé, al, a la fé, começar fazer, sucedê-lo*.

Nota. — As palavras, como as modas, passam e desaparecem; porém, como estas, reaparecem muitas vêzes. Aos escritores abalizados e criteriosos cumpre abrir "a veneranda fonte dos genuínos clássicos" e soltar "as correntes da antiga sã linguagem".

495. Neologismo é o fenômeno contrário ao arcaísmo, e consiste no emprêgo de palavras *novas*, quer formadas no seio da língua, como — *bilontra, ferrovia, ferroviário, bisar*; quer importadas de línguas estrangeiras, como — *fonógrafo, velódromo, decímetro,* etc.

Obs. — O NEOLOGISMO obedece, em geral, à lei do progresso ou evolução linguística, e deixa de ser um vício quando necessário para expressão de uma idéia nova, ou quando formado de acôrdo com o gênio da língua. Não obedecendo ao critério esclarecido de judiciosas conveniências literárias, o *arcaísmo* e o *neologismo* constituem elementos de obscuridade e tornam-se verdadeiros *barbarismos.*

496. Brasileirismo são têrmos e frases peculiares ao português falado no Brasil. Dá-se o nome de LUSITANISMO às peculiaridades do português falado em Portugal.

Não são, por certo, viciosas as peculiaridades nacionais que se realizam dentro das leis da analogia gramatical. Mencionaremos no parágrafo seguinte algumas daquelas que ultrapassam essa analogia, constituindo-se VÍCIOS DE LINGUAGEM.

497. Os BRASILEIRISMOS VICIOSOS são *barbarismos* ou *solecismos* vernáculos, generalizados no Brasil, tais são:

Púdico	por	pudíco	Pônhamos	por	ponhâmos
Tenham	,,	têm	Sêjamos	,,	sejâmos
Ver (fut.)	,,	vir	Fáçamos	,,	façâmos
Pégada	,,	pegáda	Senhóra	,,	senhôra
Décano	,,	decâno	Ouvisto	,,	ouvido

Vou na cidade	por	vou à cidade
Vi êle	,,	vi-o
Para mim comer	,,	para eu comer
Sem eu	,,	sem mim
Estar na janela	,,	estar à janela

498. Dá-se o nome de **provincianismo** às diferenças locais no modo de falar, existentes nas diversas províncias ou territórios de um mesmo país.

499. Essas particularidades locais, menos acentuadas do que as que se notam em regiões mais vastas, revelam-se, todavia, do mesmo modo, na *pronúncia*, no *vocabulário* e na *fraseologia*.

500. O uso de pronúncia, frases e têrmos restritos a uma província ou Estado é um elemento de OBSCURIDADE, e torna-se um vício entre pessoas cultas.

Obs. — Em Portugal são notáveis essas diferenças locais ou, antes regionais. No Brasil, é perceptível a diferença fonética entre os *nortistas* e *sulistas*. Esta mesma diferença nota-se entre os Estados do Sul. Em S. Paulo, pronuncia-se geralmente — *ménino, tiu, naviu, cómes, Antóninha ;* em Minas — *mininu, tiiu, naviiu, cômes, Antuninha.* Há vocábulos e expressões peculiares a certos Estados ; em S. Paulo — *mecê, nhô ;* em Minas *você, seo* (seo José), *sea* (sea Maria.)

Análise das relações sintáticas

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram (C.)

As	Relação atributiva para com o substantivo — *filhas:* coordenação por concordância.
filhas	Relação subjetiva para com o predicado — *memoraram:* coordenação.
de	Conectivo, relaciona o seu têrmo conseqüente — *Mondego* com o seu têrmo antecedente — *filhas*, indicando uma relação de subordinação.
o	Relação atributiva para com *Mondego.*
Mondego	Relação terminativa para com *filhas:* subordinação pela preposição *de.*
morte	Relação objetiva para com o verbo transitivo — *memoraram:* subordinação.
escura	Relação atributiva para com o substantivo — *morte.*
longo	Relação atributiva para com o substantivo — *tempo.*
tempo	Relação adverbial para com o verbo — *memoraram,* regido da preposição *por* ou *durante*, oculta pela figura elipse : subordinação.
chorando	Relação adverbial para com o verbo — *memoraram:* subordinação.
memoraram	Relação predicativa para com o sujeito — *filhas:* cordenação por concordância.

Análise sintática dos membros da proposição

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram.

1.° **Sujeito**: *As filhas do Mondego;* simples, complexo, lógico ou total, agente, 3.ª pessoa plural; suj. gramatical: *filhas*, ordem direta.

2.° **Predicado**: *morte escura longo tempo chorando memoraram;* complexo, total ou lógico; pred. gram.: *memoraram.*

3.° **Complementos**: 1.° *As*, adjunto atributivo de *filhas;* 2.° *do Mondego*, essencial terminativo de *filhas;* 3.° *a morte escura*, essencial objetivo do verbo transitivo — *memoraram*, ordem inversa ou sintética, anástrofe; 4.° *longo tempo*, acidental circunstancial de tempo, do verbo — *memoraram*, regido da preposição oculta — *durante*, ordem inversa, anástrofe; 5.° *chorando*, acidental circunstancial de modo de *memoraram*, ordem inversa, anástrofe; 6.° *o*, adjunto atributivo de *Mondego;* 7.° *a*, adjunto atributivo de *morte;* 8.° *escura*, adjunto atributivo de *morte;* 9.° *longo*, adjunto atributivo de *tempo.*

4.° **Conectivo**: *de*, subordinativo, antecedente ou subordinante — *filhas*, conseqüente ou subordinado — *Mondego.*

Exercícios Analíticos

Mas o que aí narram as Histórias não faz ao nosso propósito (A. C.) — Pelos eirados e miradouros... *viam-se olhar*, gesticular, correr, sumir-se, aparecer de novo, *centenares* de cavaleiros (Id.) — E' o pudor virginal *quem* vos *obriga a rejeitardes* a moral de tão gentil cavaleiro? (A. H.) — Girando de uma pára outra parte, êle cogitava no modo *por que* poderia obedecer ao pensamento irresistível *que o* agitava (Id.) — E' necessário *que não o* saiba D. Teresa (Id.) — Mas *entre ti e mim* estão estas pesadas abóbadas (Id.) — O elmo e o perponte não *se cortavam*, mas *podiam abalar-se* (Id.) — Dois pagens em pé, cada um com sua tocha apagada na mão, *parecia terem* acompanhado até ali D. João! (Id.) — Pagens! *são dez horas;* as horas *de* sua mercê se retirar (Id.) — Se bem *me* fizeres, contigo *me* irei (Id.) — Vós, chanceler, sabeis de direito e de regimentos e de *tudo o que* tange à paz (Id.) — Onde *está a justiça* e a *providência*? (Id.) — A providência assim o *ordenara;* e o *combater* e o *estrebuchar* do privilégio, que queria viver de vida própria, *eram vãos* (Id.) — Era uma consideração a que não *havia resistir* (Id.) — Sêde vós *quem abra* os tesouros da misericórdia divina. Sêde vós *quem lhe aponte* a estrada que conduz ao céu (Id.) — Adoravam os maniqueus *ao sol*, e por seu respeito também *a lua* (M. B.)

II. Do período gramatical

501. Tendo estudado a proposição em seus membros ou têrmos constitutivos, encaremo-la agora no PERÍODO GRAMATICAL.

502. **Período gramatical** é uma ou mais proposições, orações ou sentenças que formam sentido completo ou independente. O *ponto final* indica o fim do *período*. Tem o mesmo efeito o *ponto de exclamação* e o de *interrogação*, quando equivalem a *ponto final*.

O período gramatical pode ser *simples*, *complexo* ou *composto*, conforme for simples, complexa ou composta a proposição que o constitui.

Nota. — *Período* (= *circuito*) é um composto grego de *peri* = *em tôrno*, e *odo* = *caminho*. No período gramatical estudam-se as proposições em si e em suas relações recíprocas.

CLASSIFICAÇÃO DAS PROPOSIÇÕES

503. As PROPOSIÇÕES do PERÍODO GRAMATICAL podem ser classificadas:

I Quanto à FORMA	III Quanto à FUNÇÃO
II Quanto à ESPÉCIE	IV Quanto aos MEMBROS

I. QUANTO À FORMA

504. Em relação à FORMA, a proposição, como o período gramatical, pode ser:

1. *Simples*. — 2. *Complexa*. — 3. *Composta*.

1. A PROPOSIÇÃO SIMPLES é a que contém uma só declaração expressada por um só verbo, p. ex.:

Pela bôca morre o peixe.

2. Proposição complexa é a que contém duas ou mais proposições simples, tendo uma delas o sentido principal modificado pela outra ou outras, que a ela se prendem por partículas subordinativas, que são — *adjetivo, pronome* e *advérbios conjuntivos* e *conjunções subordinativas*, bem como pelo *verbo no modo infinitivo puro* ou *preposicional*, p. ex.:

Quando *os homens* / que *governam* / *não sabem* / *nem podem fazer-se* estimar, / *recorrem à tirania* / para *se* fazerem *temidos* (M. M.) — Quem *com farelo se mistura* / *porcos o comem.*

3. Proposição composta é a que contém duas ou mais proposições simples ou complexas coordenadas, que, quanto ao conectivo, são sindéticas ou assindéticas e justapostas (355), p. ex.:

No jôgo se perde o amigo / e se ganha o inimigo. — Come caldo, / vive em alto, / anda quente / e viverás longamente — guarda que comer, / não guardes que fazer.

II. QUANTO À ESPÉCIE

505. Em relação à sua espécie, as proposições dividem-se em:

1. *Declarativa.* — 2. *Interrogativa.* — 3. *Exclamativa.* — 4. *Imperativa.* — 5. *Optativa.*

1. Declarativa ou enunciativa é a que exprime um juízo e tem o verbo no indicativo, podendo ser afirmativa: — *Vivem longa vida os filhos obedientes,* ou negativa: *Nem tudo a todos se diz.*

2. Interrogativa é a que encerra uma pergunta *direta* ou *indireta*, p. ex.:

Quem está aí? — Quero saber quem está aí.

3. Exclamativa é a que exprime um sentimento de admiração, p. ex.:

Assim dos frágeis humanos o tempo as memórias some! (A. C.)

4. Imperativa é a que exprime, com o verbo no imperativo ou subjuntivo, mando ou súplica, p. ex.:

Cumpre o teu dever. — Cumpra o seu dever. — Repousa lá no Céu eternamente (C.) — *Não deixes o certo pelo duvidoso. — Socorrei-me.*

5. Optativa é a que exprime desejo ou permissão, p. ex.:

Viva eu cá na terra sempre triste (C.) — *Seja feliz. — Cumpra-se a tua vontade. — Bons ventos o levem!*

III. QUANTO À FUNÇÃO

506. Quanto à função ou *relação* que as proposições mantêm no período gramatical, podemos classificá-las em:

1. *Independente.* — 2. *Principal.* — 3. *Subordinada.*

1 — PROPOSIÇÃO INDEPENDENTE

507. Proposição independente, também chamada absoluta, é aquela que, quer isolada no período simples, quer coordenada no período composto, quer ainda constituindo o período complexo, forma por si sentido completo ou independente, p. ex.:

O sono da morte exclui os sonhos e pesadelos da vida (M. M.) — *Os vícios antecipam a velhice e as virtudes a retardam* (Id.) — *Declaro-te que hoje me negarás três vêzes.*

508. Tais proposições têm sempre o seu verbo no modo *indicativo, condicional* ou *imperativo,* pois que só êstes modos podem enunciar fatos positivos ou independentes. Quando o *subjuntivo* ou o *infinito* aparecem nessas orações, são êles equivalentes ao imperativo, p. ex.:

Não sejais cobiçosos de vanglória (A. P.) — *À direita volver* (= *volvei à direita*).

509. Com os verbos — *dizer, responder, exclamar, prosseguir* e outros semelhantes, formam-se as proposições inde-

PENDENTES chamadas INTERCALADAS ou INTERFERENTES, por virem, de ordinário, entre os membros de outra proposição, p. ex.:

A flor, disse êle, é uma maravilha. — *Os cachorrinhos, respondeu a mulher, comem as migalhas da mesa de seus senhores.* — *Vós por aqui, tia Domingas, e hoje!* — *exclamou o judeu admirado* (A. H.) — *E'* — *prosseguiu o moço com exaltação dolorosa e sem reparar na visagem do abade* — *é o ferro que nos rasga as entranhas sem tirar logo a vida* (Id.)

Obs. — Estas proposições independentes são apenas *intercaladas no período*, e não influem *gramaticalmente* nas outras proposições, embora, muitas vêzes, exprimam *lògicamente* o objeto da proposição intercalada. Esta relação lógica, todavia, não determina subordinação gramatical. Manifestamente são mui diversas as seguintes construções: *Eu venho, disse êle*, e *Êle disse que vem.* No primeiro caso temos um *período composto*, e no segundo um *período complexo*. — A análise é ainda a mesma, embora se tire à proposição o caráter de *intercalada*, dando-se o seguinte torneio à frase: *Êle disse: Eu venho.* Neste caso de citação o período é igualmente composto.

510. A forma composta **o que** dá origem à seguinte construção: *Êle portou-se mal*, o QUE *muito me contrariou.* Considera Mason a proposição — *o que muito me contrariou*, INDEPENDENTE. De fato, — *o que*, neste caso, tem fôrça de um substantivo precedido do artigo, equivale a *isto*, sendo a proposição, pelo sentido, COORDENADA JUSTAPOSTA.

Nota. — Ayer encara-a como proposição *subordinada adjetiva* IMPRÓPRIA.

2 — PROPOSIÇÃO PRINCIPAL

511. Proposição principal é a que tem o sentido principal da *proposição independente complexa* (504, 2.º) e que, tendo o seu verbo no *indicativo*, *condicional* ou *imperativo*, não depende de outra proposição, mas cujo sentido é inteirado por outra ou outras, que dela dependem, p. ex.:

Convém que êle vá. — *Desejo que êle vá.* — *Isso depende de que êle vá.* — *A ignorância não duvida, porque desconhece que ignora.*

As proposições *principais* — *Convém*, *Desejo*, *Isso depende*, *A ignorância não duvida*, são completadas ou inteiradas pelas outras, que são delas membros: — *que êle vá* é *sujeito* da 1.ª, *objeto* da 2.ª, *complemento terminativo* da 3.ª e — *porque desconhece que ignora* é *complemento circunstancial* da 4.ª.

3 — PROPOSIÇÃO SUBORDINADA

512. Proposição subordinada, DEPENDENTE ou SECUNDÁRIA, é a que, tendo o seu verbo em qualquer modo, exceto no imperativo, modifica o sentido de outra de que depende, chamada SUBORDINANTE, e à qual se subordina por *partículas subordinativas* ou pelas formas do *infinitivo*, p. ex. :

Não dês o dedo ao vilão, porque te tomará a mão. — Deixar de gozar para não sofrer é segrêdo de bem viver.

A subordinada se caracteriza, pois, pelo *sentido dependente*, pelas partículas *conectivas de subordinação* ou pela *forma infinitiva.*

513. As SUBORDINADAS classificam-se : *a*) pelo CONECTIVO ou LIGAÇÃO ; *b*) pela FUNÇÃO.

514. *A*) Em relação ao CONECTIVO, elas são :

1. *Conjuncional.* — 2. *Relativa.* — 3. *Infinitiva.* — 4. *Participial.*

1. CONJUNCIONAL, quando se liga por uma *conjunção subordinativa* (286) :

a) **Temporal :** Eu sairei, *quando* êle entrar.
b) **Condicional :** Eu sairei, *se* êle entrar.
c) **Causal :** Eu sairei, *porque* êle entrou.
d) **Final :** Eu sairei, *para que* êle entre.
e) **Modal :** Eu sairei, *como* êle entrou.
f) **Concessiva :** Eu sairei, *embora* êle entre.
g) **Consecutiva :** Eu sairei tal *qual* êle entrou.
h) **Integrante :** Não sei *se* êle entrou, sei *que* entrará.

2. RELATIVA, quando se liga por *pronome, adjetivo* ou *advérbio relativos* ou *conjuntivos,* p. ex. :

Os dias QUE (*os quais*) correm, são perigosos. — E' formoso o país, ONDE nasceste.

3. INFINITIVA, quando se liga pela forma do *infinito presente,* que pode ser *preposicional,* quando regido de *preposição,* ou *puro,* quando não regido de *preposição,* p. ex. :

Tomé quis VER para CRER.

4. PARTICIPIAL, quando se liga pela forma do particípio; p. ex.:

ACABADA a festa, dispersaram-se os convidados. — PROFERINDO o orador estas palavras, a assembléia rompeu em aplausos.

Nota. — Os particípios formam oração quando têm sujeito próprio, diverso do do verbo da oração subordinante, como acima.

515. *B*) Em relação à FUNÇÃO, classificam-se em *cláusulas subordinadas* :

1. *Substantiva*. — 2. *Adjetiva*. — 3. *Adverbial*.

1 — CLÁUSULA SUBSTANTIVA

516. **Cláusula substantiva** é aquela que, em sua relação com a *cláusula subordinante*, equivale a um SUBSTANTIVO, p. ex.:

Desejo *que sejas feliz* = Desejo *a tua felicidade*.

517. Como o substantivo, pode esta cláusula exercer a função de *sujeito, predicado, objeto direto, complemento terminativo* e *atributo*, e assim teremos *cláusula substantiva :* 1. *subjetiva*, 2. *predicativa*, 3. *objetiva*, 4. *terminativa*, 5. *atributiva*. Exs.:

1. CLÁUSULA SUBSTANTIVA SUBJETIVA :

Dura coisa é para ti *recalcitrares contra o aguilhão*.
E' bom *que estudes*.
E' então *que o catolicismo lhe oferece as pompas das suas solenidades*.
Convém *que te apliques às artes*.
Importa *viver honestamente*.
E' admirável *o como a instrução modifica as nações*.
E' sabido *quando êle vem*.
Não é certo *que êle morreu ontem*.
Obra é de vilão *atirar a pedra e esconder a mão*.

2. CLÁUSULA SUBSTANTIVA PREDICATIVA :

Sou eu *quem fala*. — Uma coisa vos confessarei eu, Senhor Leonardo, *(que é) que os portuguêses são homens de ruim língua* (F. R. L.)

3. Cláusula substantiva objetiva:

O Brasil espera *que cada um cumpra o seu dever* (Almirante Barroso.)
Amo *a quem quero* (*amar.*)
Dize-me *se sabes a lição.*
Vêde *como o tempo voa.*
Creio *estarem elas preparadas.*
Êle esperava *vir.*
Tenho mêdo (= temo) *que êle sucumba.*
Estou com esperança (= espero) *que êle seja aprovado.*
Êle é de opinião (= opina) *que fiques.*

Nota. — Êstes três últimos casos são curiosos: nêles se vê que é a locução que tem a fôrça transitiva equivalente a um verbo transitivo.

Não raro aparece nestas construções a preposição DE antes da conjunção QUE, transformando as orações em cláusulas terminativas: Tenho mêdo *de que êle sucumba.* — Estou com esperança *de que sejas aprovado.*

Obs. — Consideram alguns como substantivas objetivas as cláusulas interrogativas, cuja subordinante (*pergunto, dize-me*) vem quase sempre subentendida: *Quem és?* Pergunto, quero saber *quem és.* — *Que é dêle, Pedro?* Dizei-me *que é* (feito) *dêle, Pedro.* — Outros, porém, mais razoàvelmente, consideram tais *interrogativas,* bem como as *exclamativas,* quando não vem expressa a *subordinante,* como proposições independentes. — Uma *citação,* como diz Mason, não é uma *cláusula substantiva,* pois é ela uma proposição *gramaticalmente* independente da proposição de que é *lògicamente* o objeto: Leônidas respondeu: *Vem buscá-las!*

4. Cláusula substantiva terminativa:

Isto depende *de que sejas feliz* ou *de seres feliz* = *de tua felicidade.* — Êle está inclinado *a que estudes medicina* = *ao teu estudo de medicina.* — O fato *de que falas várias línguas* ou *de falares várias línguas* é de si vantajoso.

Nota. — Quando a *cláusula substantiva terminativa* se refere a um substantivo, pode colocar-se na forma de *aposição* sem a preposição DE: O fato QUE indivíduos, povos inteiros de uma raça, falam línguas, etc. (A. Coelho.) — A idéia (de) QUE eu darei meu consentimento, é ridícula.

5. Cláusula substantiva atributiva:

Agulha *de marcar.* — Tábua *de bater roupa.* — Facão *para abrir picadas.*

2 — CLÁUSULA ADJETIVA

518. Cláusula adjetiva é aquela que, em sua relação com a cláusula subordinante, equivalente a um ADJETIVO QUALIFICATIVO.

Ela exerce, como adjetivo, a função sintática de *atributo* de um substantivo ou pronome, a que está sempre ligada por meio de *pronome, adjetivo* ou *advérbio conjuntivos* — *que, quem o qual, cujo, onde.* Exs. :

Guarda-te d'homem *que não fala,* e de cão *que não ladra.*
Aquêle *que ama a vida,* guarde sua língua do mal.
A pessoa *com que trato,* é honesta.
O *que é a baleia entre os peixes,* era o Gigante Golias entre os homens (A. V.)
Pedro não é o *que parece.*
Viste jamais alguém *que seja verdadeiramente feliz?*
Êle, *que é incapaz de mentir,* foi acusado de hipocrisia.
A cidade *onde* (= *em que*) nasceste, prima pela beleza de seus arredores.

519. O *antecedente do conjuntivo,* que prende a *cláusula adjetiva,* não raro vem ELÍPTICO, p. ex. :

Não tenho (*coisa*) *com que* me alimente. — Não sei (*a pessoa*) *de quem falas.* — Ignoro (*o lugar*) *donde* vens.

Obs. — Aos conjuntivos — *quem, onde,* andam implícitos os antecedentes quando não expressos, podendo aquêles resolver-se do seguinte modo : *quem* = *aquêle que, onde* = *o lugar em que.* Dêsse modo se poderão resolver em *cláusulas adjetivas* tôdas as cláusulas ligadas por êsses *conjuntivos.* Contudo, tôda vez que a regência não exigir o *antecedente,* é preferível tomarem-se essas palavras como meros conjuntivos e considerar--se *substantiva* a cláusula, que de outra sorte seria *cláusula adjetiva ;* assim nas seguintes frases : Não tenho *quem me socorra.* — Não sei *quem está aí.* — Ignoro *onde estou.* — *Quem quer,* vai ; *quem não quer,* manda — as proposições subordinadas são *cláusulas substantivas.* — *Quem* só pode ter antecedente expresso quando é preposicional : *O homem de quem falei.*

520. As *cláusulas adjetivas* são geralmente denominadas — QUALIFICATIVAS, RELATIVAS OU INCIDENTES.

521. As ligadas pelo relativo QUE, sem preposição, dizem-se PURAS: "O livro *que comprei é útil*"; as ligadas por preposição dizem-se PREPOSICIONAIS: "O livro *de que falei*, aqui está".

As que se ligam pelo advérbio conjuntivo *onde*, denominam-se LOCAIS, e podem ser PURAS: — "A cidade *onde* eu moro", ou PREPOSICIONAIS: — "A cidade *donde* (de onde) venho".

522. As *cláusulas adjetivas*, como os adjetivos qualificativos, são EXPLICATIVAS e RESTRITIVAS.

1. EXPLICATIVAS são as que desenvolvem um sentido *inerente* ao substantivo a que se referem, e podem ser eliminadas sem prejuízo do sentido da cláusula subordinante, p. ex.:

O homem, *que é mortal*, passa rápido sôbre a terra.

2. RESTRITIVAS são as que exprimem um sentido acidental, e não podem ser eliminadas sem prejuízo do sentido da cláusula subordinante, p. ex.:

O homem *que é justo*, deixa na terra memória abençoada.

Nota. — No primeiro exemplo a cláusula adjetiva explicativa — *que é mortal*, pode ser retirada sem ofensa do sentido da cláusula subordinante. — O homem passa rápido sôbre a terra; no segundo, não sucede o mesmo com a cláusula adjetiva restritiva — *que é justo*.

523. Casos há notáveis em que o pronome conjuntivo ou relativo que, servindo de ligação a uma *cláusula adjetiva*, é ao mesmo tempo *membro* de uma *cláusula subseqüente*, p. ex.: *São estas as leis* QUE *êle ordenou que fôssem promulgadas*. O relativo QUE é a ligação da cláusula adjetiva — *êle ordenou*, e ao mesmo tempo é o sujeito da cláusula substantiva *que fôssem promulgadas*.

Nota. — Coisa semelhante se observa com outros conjuntivos: Êle deu-me os livros, *os quais* eu julgava ter perdido. — Tu não sabes *quantas* lições afirma êle que estuda por dia. Os conjuntivos — *os quais* e *quantas* ligam as proposições imediatas, e são *objetos* dos verbos das proposições subseqüentes.

3 — CLÁUSULA ADVERBIAL

524. **Cláusula adverbial** é aquela que, em sua relação com a cláusula subordinante, equivale a um ADVÉRBIO.

Esta cláusula exerce, como o advérbio, a função sintática de *complemento circunsiancial* (413) de um *verbo*, de um *adjetivo* ou de um *advérbio* da cláusula subordinante, p. ex. :

Quando o ferro está acendido, então há de ser batido.
Por onde vás, assim como vires, assim farás.
Mais asinha se apanha um mentiroso, *que (se apanha) um coxo.*

525. As CLÁUSULAS ADVERBIAIS são ligadas às subordinantes ou por *conjunção subordinativa*, de que recebem o nome, ou por *advérbios* e *pronomes conjuntivos*, ou pelas *formas nominais* do verbo. Exs. :

A) CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS (286) :

1. **Cláusula adverbial temporal :**

Quando nos lembramos do passado, receamo-nos do futuro (M. M.) — *Enquanto temos tempo*, façamos bem a todos (A. P.)

2. **Cláusula adverbial condicional :**

Feliz seria o gênero humano, *se os homens fôssem tais* como geralmente se inculcam, ou desejam parecer que são ! — *Se queres sáber* quem é o vilão, mete-lhe a vara na mão. — As palavras boas são, *se assim fôsse o coração.*

3. **Cláusula adverbial causal :**

A ignorância não duvida, *porque desconhece* que ignora (M. M.) — Sustentai o fogo, *que a vitória é nossa* (Alm. Barroso.) — Ela existe, *visto que eu existo* (A. C.) — Levanta-te, esclarece, Jerusalém, *porque chegou a tua luz* (A. P.) — Eu se vou ao teatro, é *porque gosto das representações dramáticas.*

4. **Cláusula adverbial final :**

Retira o teu pé da casa de teu próximo, *para que não suceda* que êle de enfastiado te venha a aborrecer (A. P.) — As gentes da terra tôda enfreias, *que não passem o têrmo limitado* (C.)

5. Cláusula adverbial modal:

Há economias ruinosas, *como há prodigalidades proveitosas.* — Êle fêz *segundo foi mandado.* — *Como me tangerem,* assim bailarei. — *Como (é) dente quebrado e pé desengonçado,* é a confiança no desleal em tempo de angústia.

6. Cláusula adverbial concessiva:

Ainda que enterrem a verdade, a virtude não se sepulta (A. V.) — *Ainda que vistas a mona de sêda,* mona se quêda.

7. Cláusula adverbial consecutiva:

Perdeu êle o crédito de sorte *que ninguém se fia dêle.* — De tal maneira nos amou *que se deu por nós.* — Tal foi a sua audácia *que ninguém lhe ousou resistir.* — Dize-me com quem andas, *que te direi quem és.* — Trabalhou de tal modo, *que conseguiu.* — Voou tão alto, *que o perdi de vista.* — Tamanho foi o golpe, *que êle sucumbiu.* — *Assim como fizeres,* assim acharás. — Nunca foi à sua casa, *que não o achasse estudando.* — Não correu muito tempo, *que a vingança o não alcançasse.* — *Onde está teu tesouro,* aí está o teu coração.

8. Cláusula adverbial correlativa:

Quanto mais se sobe, (tanto) maior queda se dá. — *Qual é Maria,* tal é sua cria. — Portou-se tal *qual não convinha.*

9. Cláusula adverbial comparativa:

Dão-se os conselhos com melhor vontade, *do que geralmente se aceitam* (M.) — A atividade sem juízo é mais ruinosa *que a preguiça* (Id.) — Ninguém se agasta tanto do desprêzo, *como* (se agastam) *aquêles que mais o merecem* (Id.) — Melhor é só, *que mal acompanhado.* — Sempre nos deleitamos mais em falar, *do que os outros em nos ouvir* (Id.) — Na Índia primeiro os homens devem, *do que tenham.* — À Índia mais vão *do que tornam.* — Mais sofrível é inimigo prudente, *que amigo impertinente.*

Obs. — As orações do verbo HAVER, quando indicam noção de tempo — *há muito* (tempo), *havia anos,* aparecem na frase com feições diversas:

1. Há muito tempo que moro nesta casa.
2. Há muito moro nesta casa.
3. Moro há muito nesta casa.
4. Moro nesta casa muito há.
5. De há muito moro nesta casa.

O primeiro *tipo* é manifestamente de uma proposição complexa, em que — *há muito* é a proposição principal e *moro nesta casa* é cláusula adverbial temporal, subordinada pela partícula subordinativa *que* (= desde

que). A esta análise subordinam-se os seguintes exemplos: *Havia poucos dias que era chegado* (A. H.) — *Talvez não haja uma hora que passou pelo retiro.*

Os 2.°, 3.° e 4.° *tipos* só divergem entre si quanto à colocação das proposições, devendo a análise ser a mesma. Aí as orações do verbo *haver* têm caráter independente, de *intercalada* e *coordenada* pelo sentido com a outra do período. A esta análise subordinam-se os seguintes exemplos: *Vi-o há pouco.* — *E andam a prometer há um ano que se hão de levar lá.* O conectivo *que* pertence ao verbo *prometer.*

O 5.° *tipo* assume a feição de uma mera expressão ou locução adverbial de tempo. Sôbre ela escreve A. Coelho: "Influência semelhante (influência analógica) se nota na expressão freqüente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito. Há muito,* fixa-se como a indicação de um tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o antepor-se-lhe *de* por analogia de expressões como *de então* (para cá, até hoje), *de ontem, de muito*". A esta análise se reduz, p. ex.: *Uma lei de há três séculos* (Aulete.)

Quando encravada em cláusulas subordinadas, como — *creio que há muito está doente,* tais expressões existenciais assumem igualmente o caráter de uma locução adverbial ou complemento circunstancial de tempo. Tal análise poder-se-ia estender mesmo aos 2.°, 3.° e 4.° *tipos* (há muito = desde muito).

A ela com certeza devemos subordinar o seguinte passo de Camões, considerando expletivo o segundo *que:*

E navegar meus mares ousas,
Que eu *tanto tempo há já que guardo e tenho.*

Vê-se, todavia, que êsse segundo *que* denota um cruzamento com o 1.° *tipo.*

B) Advérbios e pronomes conjuntivos

Onde bem me vai, acho mãe e pai.
Onde está teu tesouro, aí está teu coração.
Para onde eu vou, não podeis vir agora (A. P.)
Donde êle vem, ninguém o sabe.
Vive *para quem te ama.*

Nota. — O advérbio conjuntivo onde liga cláusulas *adjetivas locais,* tôda a vez que tem antecedente expresso, e é conversível na expressão *em que:* O lugar *onde* estou = O lugar *em que* estou.

C) Formas nominais do verbo:

Êle trabalha *para tornar-se rico.*
Acabado o discurso, desceu o orador da tribuna.

Obs. — As *subordinadas*, como as *independentes*, podem ligar-se entre si por *conjunção coordenativa* ou por *justaposição*, sendo, neste caso, *subordinadas coordenadas, sindéticas* ou *assindéticas* (355): Convém *que êle cresça e que eu diminua* (A. P.) — Desejo *que êle estude, seja aprovado, faça carreira.*

IV. QUANTO AOS MEMBROS

526. Relativamente a seus MEMBROS ou *têrmos sintáticos*, as *proposições* classificam-se em:

1. *Contrata.* — 2. *Plena.* — 3. *Elíptica.* — 4. *Pleonástica.*

Proposição contrata é a proposição que, tendo *membros coordenados*, pode razoàvelmente desdobrar-se em tantas proposições, quantos forem *êsses membros*:

Os *homens*, as *mulheres* e os *meninos* foram mortos = Os homens foram mortos, as mulheres foram mortas, os meninos foram mortos. — Aquêle que exercita a *justiça* e a *misericórdia*, achará *vida, justiça* e *glória* (A. P.) — Neste último exemplo, cinco proposições foram contraídas ou reunidas em duas, pois o verbo *exercita* tem dois *objetos* coordenados e *achará*, três.

527. Deixará, porém, de ser CONTRATA desde que os membros coordenados não se possam desdobrar em proposições separadas, p. ex.:

Pedro e *Paulo* são irmãos. — A bola é *branca* e *vermelha*. — Êle misturou *alhos* e *bugalhos*.

528. Dá-se a CONTRAÇÃO igualmente no período composto, quando as proposições *coordenadas* têm qualquer membro comum, p. ex.:

Alexandre invadiu a Ásia e penetrou até a Índia. — *Minh'alma* suspira e desfalece *por ti*, Jerusalém.

529. Proposição plena é a que tem claros ou expressos todos os seus membros, p. ex.:

A esperança é o sonho do homem acordado.

530. Proposição elíptica é a que tem um ou mais de seus *membros* ocultos ou subentendidos pela figura *elipse* (452), p. ex.:

Antes que cases, olha o que fazes.

Neste exemplo as formas verbais indicam a elipse do sujeito — *tu*.

531. São de freqüente uso e de belo efeito as proposições elípticas, que dão concisão ao dizer, procurando acompanhar a rapidez do pensamento. Estudemos alguns tipos mais comuns:

1. A SABEDORIA É MELHOR DO QUE O OURO.

Da proposição subordinada comparativa só se enuncia o conectivo *do que* e o sujeito — *o ouro*; o predicado está *elíptico*, supre-se êste tomando-se o positivo do comparativo da proposição subordinante e o verbo na pessoa própria: A sabedoria é melhor *do que o ouro é bom*. — Êle é mais sábio *do que eu* = Êle é mais sábio do *que eu sou sábio*.

2. ÊLE É COMO EU.

Neste exemplo está elíptico o *predicado nominal* da subordinante, que é o antecedente correlativo de *como* (tal), e o *predicado total* da subordinada (sou tal). A proposição plena será: *Êle é tal como eu sou tal.*

3. PEDRO PORTOU-SE COMO CONVINHA.

Nesta proposição complexa está elíptico o sujeito da proposição subordinada: Pedro portou-se como convinha *Pedro portar-se.*

4. ÊLE FÊZ COMO SE NÃO VISSE.

Nesta proposição complexa, apenas se enuncia o têrmo de *ligação* ou o *conectivo* (*como*) da primeira subordinada. As elipses são supridas do seguinte modo: Êle fêz como *êle faria* se não visse isso. Da segunda subordinada está elíptico o objeto — *isso*.

Quando *como* vem seguido da conjunção condicional *se*, há quase sempre *elipse* total dos têrmos da proposição por êle ligada. Como se vê no exemplo, supre-se com o verbo da subordinante no *condicional*. A proposição neste caso é *latente* ou *implícita*, semelhante às proposições *implícitas* sugeridas pelas interjeições.

5. Eu faço como queres.

A forma plena é: Eu faço *isso* como queres *que eu faça isso.*

Aqui há não só *elipse* de todos os têrmos, mas até do próprio *conectivo;* os *têrmos latentes* (*que eu faça isso*) são, porém, sugeridos pelo sentido dos verbos transitivos *fazer* e *querer,* que exigem *objeto.*

6. Êle escreveu mais do que eu.

Êle escreveu mais do que eu *escrevi muito,* é a forma plena equivalente. *Muito* é a forma *positiva* do comparativo de superioridade *mais* (190, obs.)

7. Êle escreveu tanto como eu.

Êle escreveu tanto como eu *escrevi muito.*
Tanto é a forma *comparativa* sintética de igualdade do *positivo muito.*

8. Êle leu mais livros do que nós.

Êle leu mais livros do que nós *lemos muitos livros.*

Semelhantemente, a frase — Êle leu tantos livros como nós, analisada, daria: Êle leu tantos livros como nós *lemos muitos livros.* (Vide 454.)

9. Fiz quanto me cabia e fiz quanto em mim cabia = *Eu fiz tudo* ou *tanto* quanto me cabia *fazer,* e *Eu fiz tudo* ou *tanto* quanto em mim cabia.

532. Proposição pleonástica é a que contém *pleonasmo* (457), isto é, algum têrmo redundante. Exs.:

Os sinos, já não há quem *os* toque (A. H.) — A mim *me* parece ser acertado êste passo. — Tudo isso que vemos *com os nossos olhos* é aquêle espírito sublime, ardente, grande, imenso: a alma (A. V.) — Os bens dêste mundo, como são corrutíveis, ainda que não haja quem os furte, *êles mesmos* se nos roubam (Id.)

Nota. — A *perissologia* (gr. *rodeio de palavras*) e a *tautologia* (gr. *repetição de palavra*) são formas especiais de pleonasmos viciosos, que consistem no emprêgo de palavras cognatas ou sinônimas, sem *necessidade* ou *ênfase:* Êle apoderou-se do poder, por — apoderou-se da autoridade (Grivet.) — Aconteceu um acontecimento notável, por — aconteceu um fato notável ou — Deu-se um acontecimento notável.

CONVERSÃO DAS PROPOSIÇÕES

533. Opera-se a conversão gramatical das proposições sem alteração lógica do pensamento por elas expresso, de vários modos:

1. Uma proposição da voz ATIVA pode converter-se em uma outra da voz PASSIVA, sem alterar o sentido (252).

FORMA ATIVA:	FORMA PASSIVA:
Eu amo com entranhado afeto a minha pátria.	Minha pátria é amada por mim com entranhado afeto.
A má vizinha empresta a agulha sem linha.	A agulha é emprestada sem linha pela má vizinha.

2. Uma CLÁUSULA SUBSTANTIVA pode muitas vêzes converter-se no seu SUBSTANTIVO equivalente, p. ex.:

Desejo *que êle venha* = Desejo *a sua vinda.*

3. Uma CLÁUSULA ADJETIVA igualmente pode converter-se no seu ADJETIVO equivalente, p. ex.:

O pai, *que é severo,* castiga seus filhos = O pai *severo* castiga seus filhos. — A filha, *que era o encanto* da mãe, faleceu = A filha, *encanto* da mãe, faleceu.

Às vêzes pode converter-se em uma *coordenada* com a principal, p. ex.:

Comprei uma casa, *de que já estou de posse* = Comprei uma casa e *já estou de posse dela.*

4. A CLÁUSULA ADVERBIAL, que exerce sempre as funções de um advérbio, o qual é, em geral, conversível em substantivo regido de preposição, pode ser convertida em uma LOCUÇÃO ADVERBIAL, isto é, em um substantivo regido de preposição, p. ex.:

Êle chegou *quando eu entrava* = Êle chegou *na minha entrada.*

5. A CLÁUSULA ADVERBIAL é ainda conversível, às vêzes, em uma *coordenada* com a *principal*, p. ex.:

Êle chegou *quando eu entrei* = Êle chegou e *eu entrei*.

REDUÇÃO DA PROPOSIÇÃO SUBORDINADA

534. As CLÁUSULAS SUBSTANTIVAS, ADJETIVAS e ADVERBIAIS podem freqüentemente ser reduzidas a formas mais breves do infinito, dando êste fato mais viveza, variedade e concisão à frase. Exs.:

1. CLÁUSULA SUBSTANTIVA:

E' bom *que estudes* = E' bom *estudares*.
Julgo *que deves ir* = Julgo *deveres ir*.
O que me vinga de sua ignorância é *que êles acreditam* a sua opinião (F. R. L.) = O que me vinga de sua ignorância é *acreditarem êles* a sua opinião.
Isto depende de *que sejas feliz* = Isto depende de *seres feliz*.

2. CLÁUSULA ADJETIVA:

O menino que estudar as lições, *aprende* = *Estudando* o menino as lições, aprende.

PROCESSOS SINTÁTICOS

535. As proposições no período complexo exercem, como dissemos, funções análogas às dos têrmos lógicos na proposição. Desta analogia de função nasce, *mutatis mutandis*, certa analogia dos processos sintáticos de CONCORDÂNCIA, REGÊNCIA e COLOCAÇÃO.

Concordância das proposições

536. O fenômeno gramatical da CONCORDÂNCIA realiza-se na influência que as formas de umas palavras exercem nas formas de outras, p. ex.: o *número* e a *pessoa* do SUJEITO

determinam o *número* e a *pessoa* do PREDICADO. Ora, sob êste aspecto, observa-se que o tempo e, muitas vêzes, o modo verbal da proposição subordinante determinam o tempo e o modo do verbo da proposição subordinada.

A concordância das proposições se reduz a certa *correlação* ou *correspondência* dos tempos nas proposições *complexas*.

Correlação dos tempos

537. Esta correlação se diz SINCRÔNICA ou HOMOGÊNEA, se a correspondência se der com o mesmo tempo. Exs. :

Declaro *que êle* vem
Duvido *que êle* venha
Direi *que êle* virá
Estimava *que êle* viesse.

538. A correlação se diz ANACRÔNICA ou HETEROGÊNEA, se a correspondência não se efetuar com o mesmo tempo, p. ex. :

Declaro *que êle* vinha, veio, tem vindo, tinha vindo, viera, virá, há de vir, etc.

539. A prática de bons autores, mais que quaisquer regras, ensinará a bem correlacionar os tempos nas PROPOSIÇÕES COMPLEXAS.

Nota. — Critica A. F. de Castilho a seguinte correlação de M. Bernardes : "...os quais *faziam* o que ainda de longe podia valer-lhe, *que foi* ajudá-lo com orações", em vez de — *que era*.

Regência das proposições

540. A proposição SUBORDINANTE rege, por intermédio, em geral, de seus têrmos de ligação, as proposições SUBORDINADAS.

As relações de dependência das subordinadas para com as subordinantes na proposição complexa, já foram estudadas, quando discriminamos e classificamos as proposições subordinadas.

Colocação das proposições

541. As proposições coordenadas do período COMPOSTO colocam-se na ordem lógica da seqüência natural dos fatos. Exs.:

Vai ao tanque de Siloé e lava-te. Eu fui, lavei-me e acho-me com vista (A. P.) — Meti-me entre o povo e segui o saimento (A. H.)

O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada:
. . . .
Bramando duro, corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, mata, e põe por terra (C. 1, 88).

Não se pode alterar, sem absurdo, a ordem dessas proposições.

Todavia, casos há em que a violação desta regra traz, no estilo elevado, o belo efeito de certa confusão premeditada. E' assim que o poeta pinta os ciúmes de Baco:

Arde, morre, blasfema e desatina (C.)

542. Na proposição complexa há uma ordem DIRETA e outra INVERSA, determinadas pelas relações lógicas de dependência.

A ORDEM DIRETA OU ANALÍTICA reclama em primeiro lugar a proposição *subordinante* e depois as *subordinadas*, p. ex.:

Lancei para lá os olhos, quando abriram o ataúde, sem saber o que fazia.

Na ORDEM INVERSA OU SINTÉTICA vêm as *subordinadas* antes da sua *subordinante*, p. ex.:

Quando abriram o ataúde, lancei para lá os olhos sem saber o que fazia (A. H.)

543. A clareza e a elegância da frase dependem da boa colocação das proposições no período composto e complexo, bem como da boa disposição dos têrmos no seio da proposição. O espírito disciplinado e o traquejo literário na leitura dos bons autores dispensam as regras, aliás pouco seguras, que se possam dar sôbre o assunto, e a ausência de qualquer daqueles elementos torná-las-ia completamente improfícuas, se as déssemos.

Sinopse da classificação das proposições do período gramatical

	Forma	Espécie	Função	Conectivo	Função	Conectivo	Membros
Proposição	simples	declarativa	independente			coordenada sindética	contrata
		interrogativa					
	complexa	exclamativa	principal	conjuncional	substantiva		plena
		imperativa	subordinada	relativa	adjetiva	coordenada assindética ou justaposta	elíptica
	composta	optativa		infinitiva	adverbial		pleonástica
				participial			

Análise das proposições do período gramatical

Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande mêdo:
Bramindo o negro mar, de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
O' potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segrêdo,
Êste clima, e êste mar nos apresenta,
Que mor coisa parece, que tormenta?

Esta estrofe é constituída por dois períodos gramaticais COMPOSTOS e COMPLEXOS, cujas proposições DIVIDIDAS e CLASSIFICADAS, com os seus respectivos membros, são as seguintes:

I — *Tão temerosa vinha e carregada, que pôs nos corações um grande mêdo:* complexa, independente, ordem direta, concordância anacrônica ou heterogênea; compõe-se das seguintes proposições:

1. *Tão temerosa vinha e carregada:* declarativa afirmativa, cláusula principal ou subordinante, elíptica, ordem inversa ou sintética.
   a) SUJEITO: *nuvem* (elíptico), simples, agente.
   b) PREDICADO: *Tão temerosa vinha e carregada:* complexo, total ou lógico; gramatical — *vinha.*
   c) COMPLEMENTO: 1) *tão*, adjunto adverbial de *temerosa* e *carregada;* 2) *temerosa* e *carregada*, adjuntos predicativos do sujeito *nuvem*, dá-se anástrofe na colocação de *temerosa.*
   d) CONECTIVO: *e*, coordenativo; coordenante — *temerosa*, coordenado — *carregada.*

2. *Que pôs nos corações um grande mêdo:* declarativa afirmativa, conjuncional, cláusula subordinada, adverbial, comparativa, elíptica.
   a) SUJEITO: *nuvem* (elíptico).
   b) PREDICADO: *pôs nos corações um grande mêdo:* complexo, total ou lógico; gramatical — *pôs.*
   c) COMPLEMENTOS: 1) *um grande mêdo*, essencial objetivo, objeto direto complexo; 2) *nos corações*, essencial terminativo; 3) *os* (nos = *em os*), adjunto atributivo de *corações;* 4) *um*, adjunto atributivo de *mêdo;* 5) *grande*, adjunto atributivo ou atributo de *mêdo.*

II — *Bramindo o negro mar de longe brada, como se desse em vão nalgum rochedo:* complexa, independente, coordenada, assindética.

1. *Bramindo o negro mar de longe brada:* proposição declarativa, cláusula principal ou subordinante, plena, ordem inversa.

a) Sujeito: *o negro mar*, simples, complexo, total ou lógico; gramatical — *mar*.

b) Predicado: *Bramindo de longe brada*, complexo, total ou lógico; gramatical — *brada*.

c) Complementos: 1) *Bramindo*, adjunto atributivo de — *mar*, ordem inversa, anástrofe; 2) *de longe*, acidental circunstancial de distância, ordem inversa, anástrofe; 3) *o*, adjunto atributivo de — *mar*; 4) *negro*, adjunto atributivo de — *mar*.

d) Conectivo: *de*, intervocabular subordinativo.

2. *Como* (o mar bradaria); declarativa, afirmativa, cláusula subordinada conjuncional, adverbial modal, elíptica.

a) Sujeito: *o mar*, elíptico, simples.

b) Predicado: *bradaria*, elíptico, complexo.

c) Complementos: 1) *o*, adjunto atributivo de — *mar*; 2) *se desse nalgum rochedo*, acidental circunstancial ou adjunto adverbial de *bradaria*.

d) Conectivo: *como*, interproposicional, subordinativo.

3. *Se desse em vão nalgum rochedo*, conjuncional, cláusula subordinada, adverbial condicional, elíptica.

a) Sujeito: *o mar*, elíptico.

b) Predicado: *desse em vão nalgum rochedo*, complexo, total ou lógico; gramatical — *desse*.

c) Complementos: 1) *em vão*, acidental circunstancial de modo; 2) *nalgum rochedo*, essencial terminativo; 3) *algum*, adjunto atributivo de — *rochedo*.

d) Conectivo: 1) *se*, interproposicional, subordinativo; 2) *em*, intervocabular, subordinativo, 3) *em*, idem.

III — *O' Potestade, disse, sublimada! que ameaço divino, ou que segrêdo êste clima e êste mar nos apresenta, que mor coisa parece, que tormenta?* — composta e complexa; uma independente simples, outra independente complexa.

1. *Disse*; declarativa afirmativa, independente, intercalada ou interferente, elíptica.

a) Sujeito: *Vasco da Gama* (elíptico.)

b) Predicado: *disse*, incomplexo, gramatical e total.

2. *O' potestade sublimada* (*dizei-me vós*): exclamativa, independente, elíptica.

a) Sujeito: *vós, ó Potestade sublimada*, simples, complexo; gramatical — *vós*, elíptico.

b) PREDICADO: *dizei-me*, elíptico, complexo.

c) COMPLEMENTOS: 1) *O' potestade*, vocativo, apôsto de *vós*, complemento atributivo, explicativo; 2) *sublimada*, adjunto atributivo de *potestade*; 3) *me*, essencial terminativo, objeto indireto.

3. *Que ameaço divino, ou que segrêdo, êste clima e êste mar nos apresenta:* interrogativa, subordinada, conjuncional (adjetivo interrogativo *que* = conj. subordinativa), substantiva, objetiva, inversa.

a) SUJEITO: *êste clima e êste mar:* complexo, composto (tomado como simples, representando um todo.)

b) PREDICADO: *que ameaço divino, ou que segrêdo, nos apresenta:* complexo, total ou lógico; gramatical — *apresenta.*

c) COMPLEMENTOS: 1) *que ameaço divino ou que segrêdo*, objeto direto composto e complexo; 2) *que*, adjunto atributivo; 3) *divino*, adjunto atributivo; 4) *êste*, adjunto atributivo; 5) *nos*, objeto indireto ou complemento terminativo, proclítico.

d) CONECTIVO: 1) *que*, de subordinação (*dizei-me que ameaço*); 2) *ou*, de coordenação (disjuntiva); 3) *e*, de coordenação ou coordenativo aproximativo.

4. *Que mor coisa parece* (ser): declarativa, afirmativa, relativa ou incidente, adjetiva, explicativa pura, elíptica.

a) SUJEITO: *que*, simples, complexo, gramatical e total.

b) PREDICADO: *mor coisa parece* (ser), complexo, total ou lógico; gramatical — *parece.*

c) COMPLEMENTOS: 1) *ser*, adjunto predicativo de *parece* e subjetivo de *que*, predicado *verbal;* 2) *mor coisa*, adjunto predicativo de *ser* e subjetivo de *que*, predicado nominal, complexo; 3) *mor*, adjunto atributivo de *coisa;* 4) *ser mor coisa*, adjunto predicativo complexo de *parece* e subjetivo de *que.*

5. *Que* (*parece ser*) *tormenta:* declarativa afirmativa, conjuncional, adverbial, integrante, complexa, comparativa, elíptica.

a) SUJEITO: *ameaço divino ou segrêdo*, elíptico, composto, complexo.

b) PREDICADO (parece ser) *tormenta*, simples, complexo, elíptico.

c) COMPLEMENTOS: 1) *ser*, adjunto predicativo de *parece* e subjetivo de *ameaço ou segrêdo*, predicado *verbal;* 2) *tormenta*, adjunto predicativo de *ser* e subjetivo de *ameaço ou segrêdo* (elíptico), predicado nominal; 3) *ser tormenta*, adjunto predicativo de *parece* e subjetivo de *ameaço ou segrêdo.*

Exercícios analíticos

Disse então a Veloso um companheiro
(Começando-se todos a sorrir):
Olá, Veloso amigo, aquêle outeiro
E' melhor de descer que de subir (C.)

E' possível: — replicou o chanceler, encolhendo os ombros (A. H.) — Parece, porém, quererdes acusar-me de pôr peias aos vossos desenhos pelo que tange à milícia (Id.) — Agora não se tratava só de trono; tratava-se também do povo; e se a grei é pelo rei, o rei deve ser pela grei (Id.) — Se o voador não quisera passar do segundo ao terceiro, não viera a parar no quarto (A. V.) — O mar e a poesia parece que seriam o principal enlêvo de Camões, durante os últimos tempos de Coimbra, e os que em Lisboa estacionou até o primeiro exílio do poeta (L. C.) — Quem ouviu dizer nunca que em tão pequeno teatro como o de um pobre leito, quisesse a fortuna representar tão grandes desventuras? (C.) — Alfim acabarei a vida e verão todos que fui tão afeiçoado à minha pátria, que não só me contento de morrer nela, mas de morrer com ela (C.) — O engenho que nêle madrugou como quem tinha jornada longa que fazer, começou desde a puerícia a extremá-lo singular entre todos os alunos das primeiras escolas (A. C.)

III. Das particularidades sintáticas sôbre as categorias gramaticais

SUBSTANTIVO

544. O substantivo tem por função taxeonômica nomear os sêres reais ou abstratos, e exerce na frase as funções sintáticas de *sujeito, predicado nominal, complemento* e *atributo*.

545. As funções de *sujeito* e de *complemento* são, em rigor, as que lhe são próprias; quando figura de *predicado* e *atributo*, assume virtualmente as funções de um adjetivo, como em: "Êste menino, *aluno* do ginásio, é a *flor* da família". O substantivo *aluno*, como *apôsto* de *menino*, é o seu *atributo*, indica, de fato, uma *qualidade* do *menino*, tendo por isso o valor de um *adjetivo qualificativo*. Aplica-se o mesmo racio-

cínio ao substantivo *flor* (predicado nominal), que exprime manifestamente uma qualidade do sujeito — *menino*, valendo, portanto, um adjetivo qualificativo.

O substantivo não é mais que a expressão sintética de um conjunto de *qualidades*; por aí se vê que não é grande a distância que o separa dos adjetivos *qualificativos*. E' por isso, que a cada passo, na frase, o substantivo e o adjetivo qualificativo revezam elegantemente os papéis: o substantivo adjetiva-se, e torna-se um substantivo *adjetivado*; o adjetivo substantiva-se, e torna-se um adjetivo *substantivado*, como p. ex.:

O avarento rico é *homem* miserável e *inutilidade* social. — Mau é o rico *avarento*, mas pior é o *pobre* soberbo. — Haviam de achar homens *homens*, haviam de achar homens *brutos*, haviam de achar homens *troncos*, haviam de achar homens *pedras* (A. V.)

Claro é que o *substantivo adjetivado*, valendo por um *adjetivo*, pode ser modificado por um *advérbio* (272), p. ex.:

Êle é *muito menino*, *muito criança*. — Isto é *muito verdade*. — Ela é *muito moça* e *quase menina*.

546. O substantivo, mesmo na função que lhe é própria, é, às vêzes, modificado por advérbios, que assumem neste caso funções de adjetivo, p. ex.:

Minha *residência aqui* é provisória. — *Sòmente Colombo* descobriu a América. — *Até Bruto* se ergueu contra César. — A *vida assim* é insuportável. — *Dias depois*, êle veio. — Êle escreveu *linhas atrás*. — Saiu *barra fora*. — Subiu *rio* acima (A. C.)

547. **Substantivo próprio** é o que designa sempre um ou alguns indivíduos de uma classe, que lhe comunicam seu valor gramatical, isto é, o *gênero*, o *número* e a *função*. Assim os nomes próprios de homens, mulheres, cidades, rios, ilhas, etc., são masculinos ou femininos, conforme o gênero do *apelativo* ou *nome da classe*, p. ex.:

O inspirado Tasso, a desgraçada Dido, a bela Cartago, o velho Sena, a fértil Marajó.

Nota. — Quase sempre os nomes próprios de sêres inanimados oriundos de substantivos comuns, guardam o gênero dêste, p. ex.: *O Pôrto foi cercado.* — *O Amparo* é uma bela cidade.

548. Os substantivos PRÓPRIOS, bem como os ABSTRATOS e os nomes de QUANTIDADES CONTÍNUAS (*produtos naturais*),

repugnam o *plural*, pois que se apresentam ordinàriamente ao espírito humano em um certo aspecto de *unidade*. Isto, todavia, não obsta a que possamos concebê-los sob um aspecto múltiplo e reuni-los em a noção de *pluralidade*, dando-lhes regularmente o plural, p. ex.:

O primeiro e o quinto *Afonsos* (C.) — Pedro é homem e as Marias mulheres (A. V.) — Dominem soberanos, irresistíveis com os *Gamas*, os *Albuquerques*, os *Pachecos* (L. C.) — Na vida são os *Mecenas* que douram com os mundanos clarões, que lhes sobejam, os louros altivos dos *Virgílios*. Na morte são os *Virgílios* que iluminam e perpetuam com os reflexos de sua glória os vultos secundários dos *Mecenas* (Id.)

Obs. — Os próprios franceses já dão regularmente plural aos nomes próprios de pessoas, segundo nos informa A. Darmesteter. Já são, portanto, um *galicismo arcaico* as seguintes construções: Sempre na vanguarda dos combatentes e êmulo dos *Antão* e dos *Pacômio* (Mont'Alverne.)

549. Os substantivos CONCRETOS, regidos da preposição de em frases nominais como — *geléia de marmelo*, *bala de ovos*, ficam no *singular*, se são tomados em sentido *genérico*, e vão para o *plural*, se são tomados em sentido *específico*. Nas frases — *eu como laranja* e *eu como laranjas*, o singular *laranja* indica o *gênero* ou *sentido genérico* e o plural *laranjas* a *espécie* ou o *sentido específico*. O português prefere, em geral, o sentido genérico, isto é, o singular. Exs.:

Vinho de laranja, geléia de marmelo, pastel de camarão, lavoura de cana, conserva de pimenta, plantação de batata, canteiro de violeta, viver de peixe, ações de graça, dois alqueires de milho, quatro metros de chita.

Em muitos casos, porém, já por *atração* do plural, já por fôrça do sentido, a espécie é preferida e o substantivo concreto vai para o plural. Exs.:

Fios d'ovos, uma dúzia de xícaras, uma junta de bois, uma parelha de cavalos, um par de rôlas, uma súcia de velhacos, grande quantidade de ovos.

550. Na expressão — *filho famílias*, o substantivo apôsto *famílias* representa o genitivo *arcaico* latino *pater famílias*, pai de família; *mater famílias*, mãe de família, p. ex.:

Quanto ao consórcio dos filhos famílias, pediam que fôssem declarados nulos (A. H.)

551. Quando se quer dar intensidade à idéia, repetem-se, às vêzes, os substantivos, p. ex.:

Êle levou *horas* e *horas*; ganhou *dinheiro* e *dinheiro*. *Dias* e *dias* passei-os orando com a fronte unida às lajes do pavimento sagrado (A. H.)

ADJETIVO

552. O **adjetivo** tem por função taxeonômica indicar as qualidades e determinações dos sêres, isto é, exerce na frase a função sintática de modificador do substantivo. Ora o substantivo só pode ser modificado quanto à sua *compreensão* e quanto à sua *extensão*. Daí a discriminação das duas categorias de adjetivos — *qualificativo* e *determinativo*.

Qualificativo

553. **Adjetivo qualificativo** é o que modifica a *compreensão* do substantivo, exercendo na frase as *funções* de — ATRIBUTO e PREDICADO. Está sempre em relação ATRIBUTIVA para com o SUBSTANTIVO, ou em relação PREDICATIVA para com o SUBSTANTIVO ou coisa eqüivalente, que funciona como sujeito, p. ex.:

A calças *curtas*, atacas *longas*. — O preguiçoso é sempre *pobre*. — Fiz as armas (ser) *vermelhas*. — Vi o inimigo (estar) *prostrado*.

Obs. — A diferença que há entre o *atributo* e o *predicado* é que o predicado é uma qualidade enunciada positivamente do substantivo (sujeito) por intermédio do verbo, ao passo que o *atributo* se liga ao substantivo imediatamente, sem qualquer afirmação positiva, p. ex.: O livro é *bom* — O *bom* livro. Gramáticos há que não fazem esta diferença, e outros há que dão ao predicado a designação exclusiva de *atributo*. — Em ter a consciência *tranqüila*, tornar a vara *torta*, os qualificativos funcionam como *apostos* aos respectivos substantivos.

554. O GRAU COMPARATIVO de superioridade e inferioridade exige, como *têrmo de ligação*, as conjunções — *que* ou *do que*: "Êle é mais sábio *que* ou *do que* seu irmão".

555. Em certos COMPARATIVOS serve de *têrmo de ligação* a preposição **de**: "Há mais *de* vinte anos, menos *de* duas léguas, maior *de* vinte e um anos".

556. Os COMPARATIVOS de SUPERIORIDADE e INFERIORIDADE são suscetíveis de graus superlativos: "José foi *muito mais sábio* que seus irmãos, e *muito menos invejoso* que êles".

557. As *formas* em — **or** de *melhor, pior, maior, menor*, são comparativos *sintéticos* ou *orgânicos* alatinados de *bom, mau, grande* e *pequeno*, que coexistem paralelamente com as formas *analíticas* ou *perifrásticas*: — *mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno*. Vão caindo em desuso estas formas exceto *mais pequeno*.

Muitos adjetivos em **or** *existem*, tomados de comparativos latinos, cuja fôrça comparativa se obliterou em português, e se portam como *positivos*, tais são: *interior, exterior, ulterior, citerior, inferior, superior*.

558. Em *boa fé, má fé, boa vontade, boa obra, má vontade*, não assume o adjetivo a forma SINTÉTICA do comparativo. Dir-se-á no comparativo: *melhor boa fé, pior má fé, melhor boa vontade, pior má vontade*.

O mesmo se deve observar com — *bom humor, mau humor, bom gôsto, bom senso*, pois que a língua tende a considerar essas expressões como substantivos compostos (*bom-senso, bom-humor*, etc.).

Todavia, não é estranho aos adjetivos, nessas locuções, o comparativo ANALÍTICO, p. ex.:

Sendo igualmente incontestável que, na discussão havida, mostrou *mais bom* senso e moderação do que êle (J. F. Lisboa, ap. M. Barreto.) — Enquanto estava devedor, por *mais boas obras* que fizesse, nem mesmo Cristo o podia absolver (A. V.)

559. Comparando-se duas qualidades, não se empregarão os comparativos *sintéticos*, mas os *analíticos*, p. ex.:

Pedro é mais bom do que mau, é mais mau do que bom, é mais grande do que pequeno, e não — *Pedro é melhor do que mau*, etc.

560. O SUPERLATIVO RELATIVO forma-se com a anteposição do artigo aos *comparativos* de *superioridade* e *inferioridade*, tendo por têrmo de ligação a preposição **de**. O *artigo* que precede ao substantivo não se repete diante do *adjetivo comparativo*, p. ex.: "O homem *mais sábio* do mundo" e não — "O homem *o mais sábio* do mundo". Seria isso galicismo.

561. Também se pode formar o *superlativo relativo* à latina, antepondo-se o artigo ao superlativo *absoluto*, p. ex. :

O sapientíssimo dos homens, *a misérrima* das criaturas, *o máximo de*, *dentre* ou *entre* os oradores.

Brandão, *o judiciosíssimo* dos nossos historiadores (A. C.) — E' o homem na pequenez *da mais misérrima* e limitada existencia (C. C. B.)

562. Adjetivos há que por sua própria natureza não admitem graus de significação, p. ex. : *infinito, imenso, redondo, quadrado, plúmbeo, argênteo, áureo, lateral, angular, infalível, mortal, imortal*, etc.

Em estilo familiar, porém, poder-se-á dizer por ênfase : — *imensíssimo, redondíssimo, infalibilíssimo*, etc.

563. O ADJETIVO **leso** em composição com substantivo concorda com êle : *crime de leso-patriotismo, de lesa-majestade.*

564. Os ADJETIVOS **grande** e **santo** aparecem, às vêzes, *apocopados* nas formas — *grand, grã, grão, sã, são* : *grã pressa, São Pedro*, etc. Nestas formas são invariáveis : — *o grand-almirante* — *os grand-almirantes, o grão-mestre* — *os grão-mestres.*

Nota. — A forma *santo* emprega-se antes dos nomes próprios que começam por vogal, e a apocopada *são* antes dos que começam por consoante, p. ex. : *Santo Antônio, São João.* Abrem exceções — Santo Tomaz e Sã Tiago. Sã Tiago veio, por confusão, de Sant'Iago. "Argumenta assim Santo Tomaz, o qual é hoje o meu doutor" (A. V.)

565. Aos PRONOMES — **nada, algo, o que**, prende-se o adjetivo qualificativo ou diretamente ou com a intercalação da preposição **de** : *nada novo, algo estranho, o que há bom na vida*, ou — *nada de novo, algo de estranho, o que há de bom na vida.*

Nota. — Esta última regência é vestígio da sintaxe latina : *nihil boni, aliquid pulchri, quod pulchri erat.*

566. Por uma ATRAÇÃO sintática concorda, às vêzes, o adjetivo com um substantivo da frase a que se prende pelo *sentido* e não pela *posição* gramatical, p. ex. :

Sabe que quantas *naus* esta viagem,
Que tu fazes, fizeram de *atrevidas*,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas (C.)

O mesmo fenômeno de *atração* se observa em: *uma* POUCA D'ÁGUA, MUITOS DÊLES.

Determinativo

567. ADJETIVO DETERMINATIVO é o que modifica a *extensão* do substantivo, exercendo na frase, como o qualificativo, as funções sintáticas de ATRIBUTO e PREDICADO: "*Muita* parra... e *pouca* uva". — "*O meu* livro não é *êste*".

568. O ADJETIVO QUALIFICATIVO, não sendo expresso na oração o seu substantivo, assume o caráter de *substantivo*, por *derivação imprópria* (311), e torna-se virtualmente substantivo; o adjetivo *determinativo*, nas mesmas circunstâncias, torna-se *pronome*, p. ex.:

Aquêle que é sábio guarda sua língua do mal. — Amigo de *um* inimigo de *nenhum*. — Amigo de *todos* e de *nenhum*, tudo é *um*.

Artigos

569. Os ARTIGOS DEFINIDOS — o, a, os, as, servem para individuar o apelativo, ou indicar a individuação determinada por um outro *atributo* ou por um *complemento*. Que o artigo por si mesmo individue, provam-no os gramáticos de Port-Royal nos seguintes exemplos:

1. "Luís, filho de Carlos".
2. "Luís, *o* filho de Carlos".
3. "Luís, *um* filho de Carlos".

A ausência do artigo no 1.º exemplo torna *indeterminado* o apelativo *filho*, e nada indica a existência ou inexistência de outro filho de Carlos. A presença do *artigo definido* no 2.º exemplo indica ser Luís o *único*, e a do *artigo indefinido* no 3.º faz sentir que há outros filhos, sendo Luís um dêles. Vê-se que os artigos não são *vazios* de sentido, pois, sendo as frases idênticas, tôda a diferença de sentido que nelas se nota é determinada por êles.

Esta mesma individuação revela o seguinte trecho de Vieira :

Pois todos êstes que aqui tendes presentes não são também filhos vossos? Sim, são : são meus filhos ; mas não são *o meu filho*. Os outros também eram filhos ; não o negara Jacó ; mas *o seu* filho era José. Vai muito de ser filho a ser o *seu* filho (A. V.)

Nota. — A forma arcaica do artigo — *lo, la*, aparece, às vêzes, cristalizada em frases feitas, como : *a la fé, a la par, a la mira, a l'obra, a la moda.* Manos a l'obra ! (A. C.) — A-la-fé que não o sei eu (A. H.) — A unânime aclamação dos povos, tese sofrìvelmente revolucionária, figura a la par da graça... (J. F. Lisboa) — ...a tal beleza, por certo ar *alamoda*, certo não sei quê de atrevido nos olhos... (Garrett.)

570. Uso do artigo :

1. Os NOMES PRÓPRIOS de pessoas podem levar artigo na linguagem *familiar*, ou quando apelidos de *vultos preeminentes : o José, a Maria, o Camões, o Gama, o Castro Alves.*

2. Também leva o artigo quando *apelido de família* ou indicativo de uma *classe : Os Albuquerques, os Camargos, os Vieiras, os Alexandres, o Cícero do Brasil.*

3. Os NOMES PRÓPRIOS GEOGRÁFICOS levam em geral artigo : *O Brasil, a Bolívia, o Chile*, etc. Há algumas exceções, p. ex. : *Portugal, Castela, Goiaz, Sergipe, Pernambuco, Minas, S. Paulo, S. Catarina, Samaria, Gibraltar.* — *Europa, Ásia* e *África* não levavam outrora artigo, daí o dizer-se : "Meter lança em África". Todavia êstes nomes, bem como os de alguns países como *Espanha, França, Inglaterra, Holanda*, não exigem obrigatòriamente o artigo, quando regidos de preposição — vir *de França*, Leão *de França*, estar *em Holanda*. Os nomes de *cidade*, quando não oriundos de substantivos apelativos, recusam, em geral, o artigo : *em Roma, em Paris. Flandres* não pede artigo (fôlha *de Flandres*).

4. Os NOMES PRÓPRIOS indicativos de OBRAS DE ARTES: — *A Ilíada, os Lusíadas, o Panteão.*

5. Os NOMES PRÓPRIOS DE EMBARCAÇÕES : — *O Aquidabã, o Tupi, a Gustavo Sampaio, o Barroso.*

6. Os EPÍTETOS, AGNOMES OU ALCUNHAS : Alexandre, *o Grande* — Carlos, *o Calvo.*

571. Repetição do artigo :

1. E' de rigor entre têrmos coordenados a *repetição do artigo* nos CONTRASTES : *o dia e a noite, a luz e as trevas, o bem e o mal*, e nas DISCRIMINAÇÕES : *o imperador da Alemanha e o rei da Inglaterra, a opinião de Pedro e a (opinião) de Paulo.*

2. Repete-se ainda o artigo quando queremos dar ênfase aos têrmos coordenados, e, em geral, quando são de diferentes gêneros e números :

O cabo Tormentório é um vulto gigante e animado, em que *a disforme e grandíssima estatura, o gesto, as feições, a voz, a catadura*, com *as paixões, os desenganos*, e *as mágoas* de um coração chagado pela dor, atribuem ao infortunado amante da espôsa de Peleu as tremendas proporções de uma trágica figura (L. C.)

572. Omissão do artigo :

1. Dá-se com os nomes PRÓPRIOS, exceto os já assinalados : "*Napoleão* foi vencido em *Waterloo*".

2. Nos ADÁGIOS ou PROVÉRBIOS :

Água mole em *pedra* dura tanto dá até que fura. — *Gato* escaldado *d'água* fria tem mêdo. — *Asno* com fome *bugalhos* come. — *Pobreza* não é vileza.

3. Quando ao apelativo se quer dar tôda a GENERALIDADE, ou é êle empregado predicativamente :

Geografia é uma ciência. — *Glórias, honras, riquezas*, são na terra *vaidades*. — Isto é *verdade*.

4. Nos VOCATIVOS :

Ouvi, *céus*, e tu, *ó terra*, escuta ! (A. P.) — Que ordena, *senhor doutor*?

Nota. — Obliterado o vocativo, aparece o artigo : Que ordena *o* senhor doutor? Que quer *o* nobre deputado?

5. Nas frases EXCLAMATIVAS : Ato heróico ! Belo rapaz !

Nota. — Em A. Herculano, todavia, lê-se : Oh ! os insensatos ! os insensatos ! (*L.* e *N.*, t. I, pág. 34.)

6. Nos nomes de PARENTESCO e DIGNIDADES precedidos do *possessivo : meu pai, minha mãe, nosso Senhor, vossa mercê, sua senhoria* (608, 609.)

7. Em têrmos *coordenados* SINÔNIMOS, ou que designem o mesmo indivíduo :

A ira, *cólera* ou *furor*, é uma moléstia do espírito. — O imperador da Alemanha e *rei* da Prússia.

8. Nas DATAS : 7 de setembro de 1822.

Obs. — O ARTIGO DEFINIDO, na ausência do substantivo, torna-se PRONOME DEMONSTRATIVO com o sentido de *aquêle, aquela, aquilo, isso:*

Sabia o Camões engrandecer *os* que o mereciam (L. C.), isto é, *aquêles que, os homens que isso* mereciam. — *O* que eu digo não *o* sabes agora, sabê-*lo*-ás depois — isto é, *aquilo* que eu digo, *isso* não sabes agora, saberás *isso* depois.

Demonstrativos

573. Êste, êsse, aquêle. Êstes demonstrativos indicam posição em relação às pessoas gramaticais.

Êste relaciona-se com a 1.ª *pessoa* ; *êsse* com a 2.ª e *aquêle*, com a 3.ª ou indica posição distanciada da 2.ª.

Êste livro (que *eu* tenho) é melhor que *êsse* (que *tu* tens) e que *aquêle* (que Carlos tem ou que está *ali* sôbre a mesa).

Nota. — No discurso *êste* indica têrmo mais próximo e *aquêle* mais afastado, p. ex. : Diante de ti está a bênção e a maldição : rejeita *esta* e escolhe *aquela*. Aparece às vêzes como apôsto enfático : — O marido *êsse* adorava-a (E. Queiroz.)

574. Elegantemente se interpõe a conjunção **como** entre êstes demonstrativos ou entre o artigo indefinido *um, uma*, e o seu substantivo, formando expressões IDIOMÁTICAS :

Êste *como* brado de revolta repercutiu em todos os peitos. — Do meio do fogo aparecia uma *como* espécie de eletro (A. P.) — Sinto passar em volta de nós uma *como* aura fugitiva (A. H.)

575. Cada um dêsses demonstrativos possui três terminações genéricas : — *masculina, feminina* e *neutra :* — *êste, esta, isto ; êsse, essa, isso ; aquêle, aquela, aquilo.* A terminação neutra é uma forma *pronominal*, e só funciona como adjetivo diante de outras formas neutras, como : — *isto tudo, isso mesmo, aquilo tudo.*

576. Mesmo, próprio, tal :

a) Êstes DEMONSTRATIVOS admitem outros DETERMINATIVOS que êles reforçam.

O mesmo homem, o próprio homem, ou o tal homem de que falamos, êste mesmo homem, meu próprio pai.

b) **Mesmo**, quando reforça os pronomes pessoais, recebe o *gênero* e o *número* da pessoa que o pronome representa :

Eu *mesmo* ou *mesma.* — Nós *mesmo* ou *mesma, mesmos* ou *mesmas.* — A si *mesmo, mesma, mesmos* ou *mesmas.* O mesmo acontece com *próprio.*

c) MESMO funciona como PRONOME em frases como estas : *E' o mesmo*, isto é, *isso é o mesmo* (= *a mesma coisa*) : *o mesmo* é forma neutra e *predicado nominal.*

d) MESMO funciona ainda como advérbio : — "Aqui *mesmo*, êle morreu *mesmo*". Admite na linguagem popular flexão de superlativo : *mesmíssimo.*

e) **Tal** tem o caráter de PRONOME na frase seguinte :

Não há *tal*, isto é, não há *tal coisa* ; *tal* é pronome, e o objeto do impessoal *há.*

f) TAL é *adjetivo qualificativo*, quando posposto ao substantivo, ou quando correlativo de — *tal, qual, como, que :*

Coisas *tais*, nunca vi. — *Tal* rei, *tal* grei. — *Tal* é o servo, *como* o senhor

Conjuntivos ou relativos
(169, 200, 2.°)

577. Que. Mui variada é a função que êste têrmo exerce na frase, sendo por essa função determinada sua categoria gramatical. Dessa variedade nasce o fato de poder ser êle incluído em, pelo menos, seis categorias de palavras :

1. CONJUNÇÃO, quando vem depois do verbo, ou não se refere a têrmo antecedente :

Nunca esperes *que* te faça o teu amigo o que tu puderes. — Amor do pai, *que* todo o outro é ar. — Mêdo guarda a vinha, *que* não o vinhateiro. — *Que* se me permita, todavia, fazer aqui uma digressão (A. H.)

2. ADJETIVO INTERROGATIVO, quando, nas frases interrogativas, é seguido de substantivo :

Que tesouro tão precioso será êsse, meus irmãos? — E *que* gente! (A. C.) — Por *que* enormes pecados hás chegado a êsse estado de infâmia e miséria? (G.)

3. ADJETIVO INDEFINIDO, quando, seguido da preposição *de*, equivale a *quanto*.

E *que de* enigmas que hão de ali solver-se (A. C.)

4. ADVÉRBIO, quando modifica um adjetivo:

Que (= *quão*) alegre estava o espírito do Criador! (M. B.)

5. INTERJEIÇÃO, quando isolado, seguido de um ponto de exclamação:

Que! vós fareis dos defeitos irremediáveis de vosso irmão um objeto de passatempo! (Mont'Alverne.)

6. SUBSTANTIVO, quando precedido de um adjetivo determinativo:

Um *quê* mal definido (G. D.) — Isto de sangue é burundanga que tem seu *quê* (A. C.)

7. PRONOME INTERROGATIVO, quando nas frases interrogativas é seguido de verbo:

Que leva aí consigo? (A. H.)

8. PRONOME CONJUNTIVO ou *relativo*, quando vem depois de um substantivo, que é o seu *antecedente*, sendo, neste caso, conversível em *o qual, a qual, os quais, as quais*. Exs.:

Os bens *que* (= *os quais*) a virtude não dá ou não preserva, são de pouca duração (M. M.) — Amigo *que* (= *o qual*) não presta, e faca *que* (= *a qual*) não corta, que se percam pouca importa.

Obs. — Antecedendo vários substantivos ao pronome conjuntivo, é, em geral, seu *antecedente* o *substantivo determinado* mais próximo, ex.: *O chapéu de palha que comprei* e *o chapéu da palha que comprei*. No primeiro exemplo comprei *o chapéu* e no segundo *a palha*, pois no primeiro exemplo o substantivo *palha* (mais próximo) está indeterminado, sem artigo, o *antecedente* do relativo (*que*) será forçosamente *chapéu*, determinado pelo artigo. — Todavia, no segundo caso em que ambos os substantivos são determinados, o regido e o regente, pode haver ambigüidade quanto à referência do *relativo*, como no seguinte caso apresentado por S. Barbosa: *A glória da virtude, que é constante*, onde não se sabe o *que é constante*, se a *glória*, se a *virtude*.

578. O pronome conjuntivo *que* vem sempre no rosto da oração, que êle liga a seu *antecedente*, funcionando sempre como *sujeito* ou *complemento* do verbo dessa oração, p. ex.:

O homem *que* me *viu*, o homem *que* eu *vi*, o homem de *que* eu *falei*.

579. O que (*neutro*), **o que, a que, os que, as que**, são equivalentes a — *aquilo que, aquêle* ou *aquela que, aquêles* ou *aquelas que*. — O **o** é, como se vê, um pronome demonstrativo e o *antecedente* do relativo *que* (200).

Obs. — O *que* é sempre *sujeito* ou *complemento* do verbo da oração seguinte subordinada, ao passo que o seu antecedente é sempre um têrmo da oração antecedente subordinante, podendo entre êles interpor-se uma preposição reclamada pelo verbo que se segue ao relativo, p. ex.:

Sei o que dizes: *o* é objeto direto de *sei*; *que*, objeto direito de *dizes*. — *O que dizes, não é verdade*: *o* é sujeito do predicado *não é verdade*; *que*, objeto direto do predicado *dizes*. *Não sei o de que se trata*: *o* é objeto direto de *sei*; *de que*, complemento terminativo do verbo relativo — *trata*. Permite a língua, neste último ex., deslocar-se a preposição regente para antes do demonstrativo: *não sei do que se trata*. — Eis do que nos acusa o Sr. Visconde (A. H., ap. C. D.) — Do que me admiro, é... (E. D.) — por — *o de que* me admiro é... — E' corrente no falar comum: *Não é disto que se trata*, por — *não é isto o de que se trata*.

580. Quem equivale analìticamente a *o que*, *o homem que*, isto é, equivale ao *relativo* com *seu antecedente*. Êle exerce neste caso uma função dupla: em virtude do *antecedente* que encerra em si, é êle têrmo do predicado que precede, e, em virtude do *relativo*, é têrmo do predicado seguinte, p. ex.:

Eu amo quem me ama. *Quem* desempenha o duplo papel de *objeto* direto de *amo*, e de *sujeito* de *ama*; torna-se visível êste fato, desdobrando-se analìticamente o pronome relativo: Eu amo *aquêle que* me ama.

581. QUEM emprega-se igualmente como conjuntivo de *relação simples*, equivalendo a *que*, com a diferença de que êste pronome tem por antecedente *pessoa* ou *coisa*, enquanto *quem* tem em regra por antecedente *pessoa* ou ente animado, p. ex.:

O homem de quem ou *de que falei*. — *A coisa de que tratei*.

582. Quando o relativo QUE sofre regência do verbo seguinte diversa da do verbo antecedente, é mister separarem-

se os dois elementos analíticos do *relativo*, a fim de que cada um tenha a regência que exige o respectivo verbo; não se dirá, p. ex.: *Eu amo de quem falas*, porém sim — *Eu amo o de quem falas, eu amo aquêle* ou *o homem* ou *a pessoa de quem falas.*

Nota. — Entre os clássicos o relativo *quem* tem muitas vêzes *coisa* por antecedente: *Quem* mais temia eram as *terras* de Gibraltar. — Não lhes basta para miséria o andarem quasi sempre malavindos com a fortuna? o duvidarem amiúde da *glória* por *quem* se matam? (A. C.) — Jaz a soberba *Europa, a quem* rodeia... o Oceano (C.)

583. Há um uso clássico de *quem* com a significação partitiva de *êste, aquêle, aqueloutro.*

Quem rompe a cabeça, *quem* o braço (*Dic.* D. V.)

Quem se afoga nas ondas encurvadas.
Quem bebe o mar e o deita juntamente (C.)

584. Sendo objeto direto, é QUEM facultativamente regido da preposição *a*:

Eu sei *quem* procuro (A. C.) — Nós sabemos *a quem* procuramos (Id.)

Nota. — O *eco* determina que evitemos reger *quem* da preposição *sem*, não sendo por isso para imitar a seguinte frase de Camões: "O doce e amado espôso, *sem quem* não quis amor que viver possa". Dir-se-á *sem o qual.*

585. Qual, ordinàriamente precedido do artigo — *o qual, a qual, os quais, as quais*, é a forma adjetiva do pronome conjuntivo *que*, e lhe serve às vêzes de substituto, concorrendo destarte para a clareza e variedade da frase. Tem êle neste caso *antecedente* e *conseqüente* idênticos, sendo êste apenas expresso, quando necessário, para a clareza ou ênfase. Exs.:

Uma herança honrada de avós, *a qual* era preciso salvar (A. H.) — Salvas, todavia, as liberdades poéticas: *as quais* liberdades não são, inda assim, a anarquia das doidices românticas exageradas (G.). — Perguntas-me se bastam palavras ùnicamente, e *quais* palavras bastam, para se contrair matrimônio (A. H.)

586. QUAL é *qualificativo*, quando se emprega como correlativo de TAL:

Qual o rei, *tal* a grei. — *Quais* palavras te dizem, *tal* coração te fazem. — *Qual* pergunta farás, *tal* resposta terás. — *Qual* é Maria, *tal* filha cria. — Dois anos, pouco mais, durou a nossa união sempre harmoniosa e íntima, sempre *tal, qual* ma haviam prometido os meus devaneios poéticos tão ambiciosos (A. C.)

587. Dos correlativos TAL e QUAL, *tal* é o têrmo subordinante, que não raro vem oculto:

Alexandre, Marília, *qual* o rio
Que engrossando no inverno tudo arrasa,
Na frente das coortes
Cerca, vence, abrasa
As cidades mais fortes (T. A. Gonzaga.)

Fui dos filhos aspérrimos da terra,
Qual Encelado, Egeu e Centimano (C.)

Soldados briosos, *quais* são os Portuguêses, não usam coisa de faiança (A. de F.)

Nestes exemplos está elíptico o correlativo *tal:* Alexandre cerca, vence, abrasa *tal qual* o rio, etc. — Fui um dos filhos aspérrimos da terra *tal qual* foi Encélado. — Soldados briosos *tais quais* são os Portuguêses.

588. Elegantemente se usa QUAL como partitivo, do mesmo modo que os pronomes — *quem* e *tal*.

Todos esperavam *qual* muito, *qual* pouco. — Deputa-os desde logo aos vários seus ofícios: *quais* para geração, *quais* para as sacras aras, *quais* para a lavra rija (A. C.) — *Qual* mais, *qual* menos, tôda a lã é pêlo (Prov.)

Qual do cavalo voa, que não desce;
Qual c'o cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual c'os penachos do elmo açoita as ancas (C.)

Aparece em certas frases parentéticas: — os trances, *qual* mais doloroso, por que sucessivamente passava (A. H.)

589. Emprega-se ainda QUAL precedido da preposição A, no sentido do pronome composto *cada qual:*

Os ouvintes sôfregos regressam, *a qual* mais prestes se apresente em Roma, *a qual* nos maternais saudosos lábios, colhendo um beijo, colherá o império (A. C.) As horas dêsse dia foram contadas minuto a minuto, *a qual* mais pesado e lento de volver, quanto mais se aproximava o derradeiro (Garrett.) — Um sistema de regras *a qual* mais desvariadas, encontradas de repugnâncias, *a qual* mais oposta (Id.) — Rompem já aí portentos e portentos *qual a qual* mais possantes a enfeitiçar-me (A. C.)

590. Ainda como *interjeição* é comum o seu uso para exprimir dúvida: "*Qual!* não arranja nada!" — "*Qual* o que!" *Qual* arranjos! *qual* nada!

591. Cujo é o adjetivo conjuntivo ou relativo que reclama de ordinário *antecedente* e *conseqüente* expressos; exprime

freqüentemente *posse*, sendo o *possuidor* o *antecedente* e a *coisa possuída* o *conseqüente*; por isso o antecedente e o conseqüente não podem ser idênticos; é analìticamente conversível em *do qual, da qual, dos quais, das quais*, p. ex.:

O monge, *cujo* corpo, *cujo* olhar, *cujo* gesto pareciam de uma estátua, creu sentir bater com mais fôrça o coração de Beatriz (A. H.) — O *monge*, o corpo *do qual*, o olhar *do qual*, etc.

592. Diante da regra antecedente, o emprêgo correto de CUJO deve preencher as seguintes *condições*:

1. Deve ter *antecedente* e *conseqüente* diferentes.

2. Deve ser conversível em *do qual, da qual, dos quais, das quais*.

Nota. — E', portanto, incorreto, o seguinte exemplo de Filinto Elísio, e muitos outros do mesmo autor, por não satisfazerem as *condições* acima: Trata-se da batalha contra Filipe *cuja* nós perdemos. Deveria ser — *a qual* nós perdemos.

Justifica o Sr. Cândido de Figueiredo a F. Elísio, dizendo que *cujo* significa excepcionalmente *o qual*. Com razão discorda desta opinião do ilustre lexicógrafo português o eminente gramático baiano, Dr. Ernesto Carneiro.

Obs. — Acha o Sr. Adriano Pimentel que o emprêgo correto de *cujo* reclama ainda uma 3.ª condição, que é a idéia de *posse* ou *relação propriativa*, de sorte que o antecedente seja o *possuidor* e o conseqüente a coisa *possuída*: em outros têrmos, *cujo* é sempre *genitivo subjetivo* e nunca *objetivo*. De acôrdo com a sua teoria é incorreto o emprêgo dêsse relativo na frase: A febre amarela *cujo* temor afugentava outrora a população do Rio, extinguiu-se. Não há aí, de fato, no antecedente, idéia de *posse*, visto como o antecedente *febre amarela* não é *sujeito* do *temor*, mas sim *objeto*. O que repugna nesse tipo de frase é a confusão entre os dois *genitivos*, confusão que nem sempre desaparece substituindo-se *cujo* por *do qual*, p. ex.: Minha mãe, *cujo* amor me confortava, não existe mais; subsiste ainda a confusão entre os dois genitivos mesmo se dissermos: Minha mãe, o amor *da qual* me confortava, onde *mãe* pode ainda ser *sujeito* ou *objeto*. Em suma, o uso geral de nossos clássicos não autoriza a teoria daquele ilustre latinista, como se vê nos seguintes exemplos: Ouvia ao longe uns brados espantosos *cujo* mêdo me arrepiava tôda (A. F.) O velho monarca mostrava repugnância para com o faquir, *cujo* aparecimento em Azzahrat cada vez se tornava mais freqüente (A. H.)

Eis aquí se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali da Europa tôda:
Em *cujo* senhorio e glória estranha,
Muita volta tem dado a fatal roda (C.)

Ao menos a história das suas aventuras a pudesse ler essa mulher para *cujo* amor nascera poeta, e *cujo* desamor o fizera soldado e aventureiro (L. C.)

593. CUJO admite antes de si a preposição DE ou qualquer outra, reclamada pelo verbo que se lhe segue, p. ex.:

O homem *de cujo* interêsse *se trata*, isto é, "o homem *do* interêsse *do qual se trata*", "o homem *para cuja* casa nos *dirigimos*" isto é, "o homem *para* a casa *do qual* nos *dirigimos*".

594. E' clássico, porém modernamente pouco usado, o emprêgo INTERROGATIVO de CUJO:

E *cuja* foi esta misericórdia que coroou a Davi vitorioso? (A. V.) — *Cuja* é esta caveira? (Id.) — E *cujo* é êsse nome? (A. H.) Em vez de *cujo*, emprega-se neste caso — *de quem*.

595. E' também raro o emprêgo de *cujo* nas seguintes construções em que, aliás, se preenchem as condições acima exaradas:

O poeta lírico, *cujo* sou *intérprete* (A. C.) — Sendo a memória rápida como o pensamento, *cujo* ela se faz *tradutora* (Id.) — Aquêle imperador é assim, sabe também como o século *cujo* se preza de ser *filho*, que nenhum modo lhe resta para crescer senão para crescer entre os sábios (A. C.) — O sangue que há de correr será dos vossos vassalos e dos peões, *cujo* príncipe *sois* (A. H.) Nestes exemplos o adjetivo *cujo*, que de rigor se põe no resto da proposição, modifica o predicado nominal, o qual, em regra, se pospõe ao verbo da mesma oração.

Interrogativos

(170, 199, 3.°)

596. Os INTERROGATIVOS são os mesmos conjuntivos interrogativamente. Exs.:

Que horas são? *Que* hora é? São três horas. E' uma hora (*Dic.* D. V.) — *Que* foi o que fizeste assassinando as esperanças da salvação pública? (A. H.) — *Quem* és tu? — *Qual* será o amor bastante de ninfa que sustente o de um gigante? (C.) — *Quanto* é hoje?

597. Reprovam muitos gramáticos o empregar-se a forma *o que* interrogativamente. Não só é comum o seu uso interrogativo no falar do povo, como ainda se encontra êle abonado em escritores acima de qualquer suspeição, embora M. Bernardes e os velhos clássicos evitassem êsse emprêgo.

Exs. :

Cortam-se as amarras, embarcai-vos : e *o que sucede?* (A. V.) — Véde *o que* faria? (Id.) — Reis da terra, *o que* sois? (G. D.) — Logo, se não é drama, *o que* é? (A. C.) — *O que* vai por esta alma, ó Rei? (G.) — *O que* será, Padre? (Id.) — *O que* te fez, meu filho? (O. Mendes.) — *O que* será feito de Frei Timóteo? (A. H.) — *O que* é direito de propriedade? (Id.) — *O que* importa? (R. da Silva.) — *O que* fariam êles, que em vida se humilham para subir? (L. C.) — *O que* era isto? (C. C. B.) — *O que* acharam? ouro e prata? (J. F. Lisboa.) — *O que* são sílabas? (C. Aulete.)

Possessivo

(171)

598. Todo POSSESSIVO reclama dois têrmos — o *possuidor* e a *coisa possuída*, e, conseguintemente, mantém na frase dupla relação, relaciona-se com o *possuidor*, acomodando-se à sua pessoa gramatical pela forma respectiva, e à *coisa possuída* pelas flexões genéricas e numéricas. Exs. :

Eu perdi o *meu tempo*. *Nós* perdemos a *nossa paciência*. *Vós* perdestes as *vossas bengalas*. *Êle* perdeu os *seus escrúpulos*. *V. Exa.* foi infeliz no *seu negócio*. *Você* não trouxe o *seu lápis*. Queira (*o senhor*) dizer-me o *seu nome*. Cumpre *tu* o *teu dever*, aconteça o que acontecer. Fazei (*vós*) justiça ao *vosso próximo*. Lance (*o senhor*) a bênção neste *seu* filho, lançai (*vós*) a bênção nesta *vossa* filha. Peço-*te notícias tuas*. Rogo-*vos* as *vossas ordens*. Traze (*tu*) o *teu lápis*. Êle trouxe o *vosso livro* (= que pertence a vós).

599. **Seu, sua, seus, suas,** que significam — *dêle* ou *dela*, *dêles* ou *delas*, e se referem a um possuidor da 3.ª *pessoa*, trazem ambigüidade quando houver na oração mais de uma 3.ª pessoa, que possa ser o possuidor, p. ex. :

Êle levou o menino a *seu pai*. O sujeito *êle* e o objeto *menino* são ambos da 3.ª pessoa, qualquer dêles pode ser o *possuidor* do *pai*; o *pai* pode gramaticalmente ser do sujeito *êle* ou do objeto *menino*. Não é fácil fugir da *ambigüidade* desta e outras construções. Aproximando-se o *possessivo* do *possuidor* e reforçando-o com o adjetivo *próprio*, dir-se-á com mais clareza : *Êle a seu próprio pai* levou o *menino*, ou *Êle* levou o *menino ao próprio pai* ou *a seu respectivo pai*.

Nota. — Para remover ambigüidade, elucidar a referência, emprega-se às vêzes — *seu, dêle, dela, dêles* ou *delas*. *O seu grande amigo dela* (Garrett.)

600. **Meu, teu, seu, nosso, vosso,** não indicam a mesma relação que *de mim, de ti, de si, de nós, de vós* ; estas expressões

não trazem a idéia de posse, não são complementos *restritivos*, mas *terminativos*; assim divergem as seguintes expressões: *minhas saudades* e *saudades minhas*, *teu amor* e *amor de ti*, *vossa compaixão* e *compaixão de vós*, *sua pena* e *pena de si*.

E', pois, incorreto dar a estas expressões o valor do possessivo como — *livro de mim*, *pátria de vós*; diga-se — *meu livro*, *vossa pátria*. Na 3.ª pessoa poder-se-á dizer — *livro dêle*.

601. O POSSESSIVO, posposto a algumas palavras *abstratas*, de significação relativa, que indicam *afetos* ou *paixão*, tem o valor de complemento terminativo, equivalendo então ao pronome correspondente regido da preposição DE: *de mim*, *de ti*, *de si* (= *dêle*, *dela*, *dêles*, *delas*). *Saudades minhas* = *Saudades de mim*. "Mova-te a *piedade sua* e *minha*" (C.)

Daí as diferenças de sentido nas seguintes expressões:

Saudades tuas e tuas saudades. — Ódio vosso e vosso ódio. — Piedade sua e sua piedade. — Notícias tuas e tuas notícias.

602. Posposto ao substantivo, o POSSESSIVO repele o artigo, e, fora dos casos do parágrafo antecedente, dá *carinho* à expressão, p. ex.:

Pátria minha amada. — Mas por que, *coração meu*, de temor triste palpitas?

603. Omite-se comumente o POSSESSIVO tratando-se de partes do corpo ou faculdades de espírito: — *cortei o dedo*, por *cortei o meu dedo*, *o boi perdeu o chifre*, por *o seu chifre*; *o homem perdeu o juízo*, por *o seu juízo*. Igualmente nas expressões — *vim de casa*, *vou para casa*, *êle está em casa*, por *vim de minha casa*, *vou para minha casa*, *êle está em sua casa*. — Enfàticamente se dirá, entretanto — *vim de minha casa*, *êle está em sua casa*.

604. Em linguagem familiar exprime o POSSESSIVO cálculo aproximado nestas expressões: — *teria eu meus vinte anos*, *e êle seus quarenta*.

605. Elegantemente é o POSSESSIVO substituído pelo respectivo pronome oblíquo — *levou-me o chapéu*, *captei-lhe*

a confiança, feriu-te o coração, por — *levou meu chapéu, captei sua confiança, feriu teu coração.*

606. O POSSESSIVO é muitas vêzes pronominado :

A justiça consiste em dar *o seu* a seu dono. — A propriedade funda-se na distinção entre *o meu* e *o teu*. — Fez-se a expensas de *tudo seu*, mestre-escola de plebeus e descalços (A. C.)

607. E' facultativo o uso do ARTIGO antes dos adjetivos *possessivos*, se bem que modernamente tal uso é mais comum : dir-se-á, pois, igualmente — *meu livro*, ou *o meu livro, teu livro*, ou *o teu livro*, etc.

E' de rigor o uso do ARTIGO no caso de ênfase ou individuação ; vê-se a diferença nas seguintes expressões :

Êste é *meu dever* e êste é *o meu dever*. — Êste livro é *teu* e êste *livro* é *o teu*.

608. E' de rigor a omissão do ARTIGO quando ao possessivo se segue o nome de *parentesco, título* ou *dignidade* :

Honrarás a *teu* pai e a *tua* mãe para teres uma dilatada vida sôbre a terra (A. P.) — *Meu* tio, *minha* prima. — *Sua* Majestade, *Vossa* Alteza, *Sua* Senhoria, *Nosso* Senhor. — Por mais desejos de *meu* irmão que meus (A. C.)

609. Aparece, todavia, o ARTIGO, nos casos do parágrafo antecedente, toda vez que houver necessidade de ênfase ou individuação, p. ex. :

Sim, são : são *meus filhos*, mas não são *o meu filho*. Os outros também eram filhos ; não o negara Jacó : mas *o seu filho* era José. Vai muito de ser filho a ser *o seu filho* (A. V.) — Êste é o *meu* filho *amado* (A. P.)

Numerais

(172)

610. Os nomes dos ALGARISMOS e das CARTAS DE JOGAR são substantivos : — *o zero* e *os zeros, o quatro* e *os quatros, o dois de paus.*

611. Cento é substantivo coletivo determinado, porém em composição funciona como *adjetivo* : — *Cento e vinte mil homens.*

612. Na formação dos números interpõe-se a conjunção e entre as *ordens*, e também entre a penúltima e a última *classe*, se esta tiver zero na centena, p. ex.:

(225,042,406,458,042) *duzentos* E *vinte* E *cinco trilhões, quarenta* E *dois bilhões, quatrocentos* E *seis milhões, quatrocentos* E *cinqüenta* E *oito mil* E *quarenta* E *dois.*

613. Na computação dos dias dos meses emprega-se o *cardinal*: VINTE de *janeiro, aos* VINTE *de janeiro,* exceto tratando-se do primeiro dia, em que se emprega o ordinal: PRIMEIRO *de maio.*

Em longas séries como as páginas de um livro ou as casas de uma rua, emprega-se pelo ORDINAL O CARDINAL, que se conserva invariável, p. ex.: *página vinte e dois,* por *vigésima segunda*; *casa trinta e um,* por *trigésima primeira.*

Na sucessão de reis e papas usa-se do ORDINAL até DEZ, e do CARDINAL daí para cima, p. ex.: *Pedro primeiro, Henrique quarto, Leão décimo,* e *Luís onze, Luís quatorze,* etc.

Obs. — *Ambos* é *dual,* e traz, de ordinário, a idéia de par, p. ex.: *ambas as mãos* ou *as mãos ambas.* As expressões clássicas de *ambos os dois, ambos de dois, ambos e dois,* são arcaicas, se bem que em alguns escritores modernos se leia ainda *ambos os dois.* — Os números *fracionários* de 2 a 10 são adaptações dos *ordinais* por brevidade, substantivados: — *um têrço* (1/3), *dois quartos* (2/4), por *uma têrça parte, duas quartas partes,* etc. Por igual motivo, forma-se, de 11 para cima, um número fracionário, que é um substantivo composto do cardinal com a terminação *avos* de *oitavos um onze avos* (1/11), *dois quinze avos* (2/15), etc. — Contam-se ainda entre os *ordinais* os oriundos dos *distributivos* latinos, ex.: *noveno, onzeno, quatorzeno, vinteno,* e os que indicam tempo, etc.: *tercenário, quaternário, setenário, quinqüagenário, sexagenário, nonagenário, centenário.*

Indefinidos
(174)

614. Todo. Êste adjetivo indefinido, chamado por alguns COLETIVO UNIVERSAL, reclama o artigo depois de si, p. ex.: "*Todo o homem é mortal, e todos os homens são mortais*".

No singular, significando *cada,* é facultativo o uso do artigo, contra a opinião de Constâncio, e outros gramáticos, que acham ser a omissão do artigo uso *arcaico* e *antieufônico*: "*Todo o homem* de bem ou *todo homem* de bem é trabalhador".

Nota. — No plural é um arcaísmo a omissão do artigo: *Tôdas Espanhas* (A. C.)

615. Posposto ao substantivo, *todo* é *qualificativo*, e significa *inteiro*, *total*, p. ex.: "*Todo o* homem é mortal, porém o homem *todo* não é mortal".

No singular funciona por vêzes como *advérbio*, quando modifica *adjetivo* ou *verbo*, conservando, entretanto, por *eufonia* ou *atração*, sua flexão *genérica*: "Ela está *tôda* (*totalmente*) molhada". — "Ela se molhou *tôda*".

Nota. — A mesma função adverbial exerce junto a substantivo que desempenha o ofício de atributo e predicado nominal (545), p. ex.: Êle é *todo* doçura, ela é *tôda* ouvidos. — Uma princesa, *tôda* suavidade e virtude; um príncipe, *todo* virtude e talento; um frade, *todo* talento e majestade (A. C.) — A almofada súbita de um braço *todo extremos*, de um seio *todo* suspiros, de um coração *todo divindade* (Id.)

616. Tudo. E' forma neutra de *todo*, e funciona como *pronome*, exceto quando se lhe agrega uma outra forma neutra:

Tudo isso, *tudo* o caído, *tudo* o contrário (A. V.) — De *tudo* o dito se colhe (A. de F.) — *Tudo* o precioso (M. B.) — E' mais comum hoje, nessas expressões, usar-se *todo* — *todo* o necessário, imperatriz de *todo* o criado (A. V.)

617. Seguido de QUE, *tudo* pede regularmente o artigo **o**, que se torna pronome DEMONSTRATIVO: — "*Tudo o que* êle disse."

Obs. — Encontra-se, entretanto, em bons escritores, elidido o artigo Há discípulos de Pitágoras que guardam silêncio, porque *tudo que* se faz é ao som de campas tangidas (Diogo do Couto.) — Com tal melindre de afeto, como *tudo que* dêle vinha para mim (A. C.) — Escrupulosa exatidão em *tudo que* possível for (Id.) — Precedido do artigo, *tudo* desempenha o papel de pronome: *O tudo* e o *nada*. — E' *o tudo* do homem (A. P.) — Um *tudo-nada* de cobre (A. C.)

Nota. — *Todos dois* ou *todos os dois* é galicismo *os dois* ou *ambos* é forma vernácula.

618. Algum, alguma, alguém, algo (=*alguma coisa*). São formas cognatas com funções diversas. *Algum* é *adjetivo*; *alguém*, *pronome* de *pessoa*, *algo*, *pronome* de *coisa* e *advérbio*, significando *algum tanto*, p. ex.:

Homem que madruga de algo tem cura. — *Quem se gaba em algo se atreve* — Êle está *algo* doente.

Obs. — *Algo* arcaizou-se na linguagem popular, porém aparece ainda na linguagem literária. *Algures* = em alguma parte, é *advérbio* que pertence ainda ao mesmo grupo. *Algum tanto* é uma *locução adverbial*.

619. **Nenhum, nenhuma, ninguém, nada.** São formas cognatas e vigentes, negativas, que correspondem em suas funções às do parágrafo antecedente. NADA é forma neutra pronominal, como *algo*, e funciona, também, como *advérbio*, quando modifica *adjetivo* ou advérbio : — "Êle é *nada* agradável". Precedido de artigo ou de preposição, *nada* é pronome : "*O nada, um nada, uma coisa de nada* é um nonada". NENHUM é contração de *nem um*, sendo esta forma composta mais enérgica negativa que sua forma *contrata*.

620. **Outro, outra, outrem, al** (= *outra coisa*). São formas cognatas : a primeira e a segunda são *adjetivos*, a terceira *pronome* referente a *pessoa*, a quarta *pronome* referente a *co sa*. Esta quarta forma (*al*) arcaizou-se no falar comum ; aparece apenas nos prolóquios populares e na linguagem literária :

O que não pode al ser deves sofrer. — As mãos no pandeiro e em al o pensamento. — Oficial tem ofício, e al.

As formas adjetivas admitem antes de si outros determinativos :

Os outros homens, algumas outras coisas, nenhum outro meio, êstes outros livros, as duas outras opiniões.

621. Funcionando como *predicado*, OUTRO é adjetivo *qualificativo* e admite grau : A questão é *outra, muito outra ;* isto é, *diferente, muito diferente.* Precedido do artigo funciona como pronome na seguinte frase : Faze o bem e não olhes a quem, como diz o *outro*.

622. **Muito, pouco, mais, menos, tanto, quanto.** Êstes indefinidos quantitativos podem funcionar na frase como — *adjetivos, pronomes* e *advérbios.*

1. São ADJETIVOS DETERMINATIVOS INDEFINIDOS quando modificam um substantivo expresso :

O coração do homem é mui generoso ; quer por *pouco bem, muito prêmio* e por *muito mal*, nenhum castigo (A. V.) — *Mais amor* e *menos confiança.* — *Tantas cabeças, quantas sentenças.*

2. São PRONOMES ADJETIVOS INDEFINIDOS quando, servindo de *sujeito* ou de *objeto*, não se referem a nome expresso na frase. Exs.:

Muitos figuram de Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres (M. M.) — *Muito* se perde por falta de inteligência, porém *mais* (se perde) por preguiça e aversão ao trabalho (Id.) — Perdeu êle tudo *quanto* ganhou.

3. São ADVÉRBIOS DE QUANTIDADE quando modificam o adjetivo, o verbo e outro advérbio. Exs.:

O direito *mais legítimo* para governar os homens é o de ser *mais inteligente* que os governados (M. M.) — A natureza fêz o comer para viver, a gula fêz o *comer muito* (= *em grande quantidade*) para o *viver pouco*. — Certo silêncio *mais persuade* que a palavra (Id.) — Êle saiu-se *menos bem*. — Pedro trabalhou *tanto quanto* Paulo.

Nota. — *Pouco e pouco, pouco a pouco, mais ou menos, mais e mais*, são LOCUÇÕES ADVERBIAIS.

4. São PRONOMES quando precedidos de artigo ou outro determinativo. Exs.:

O que é fiel *no menos*, também é fiel *no mais* e o que é injusto *no pouco*, também é injusto *no muito* (A. P.) — Êle fêz *seu tanto* ou *quanto*.

623. Cada é um distributivo invariável, que se une com *qual*, para formar o pronome *cada qual*, e com *um* na forma composta *cada um*, que raramente vem acompanhado de substantivo claro: "...faz sôbre *cada uma coisa* reparos de menino" (A. C.)

Obs. — DÊLES, DELAS. São pronomes partitivos (caídos em desuso) como se vê no seguinte trecho de Gil Vicente:

Dêles fazem que não ouvem.
E êles ouvem muito bem;
Dêles fazem que não vêem,
E *dêles* que não entendem
O que vai nem o que vem.

PRONOMES PESSOAIS

(192,193)

624. Os PRONOMES PESSOAIS, sendo na frase o substituto do substantivo, desempenham, em geral, tôdas as funções de substantivo: a de *sujeito, complemento* e *predicado*.

625. O PRONOME PESSOAL é a única palavra que conservou em português alguns *casos* das declinações latinas.

Os CASOS RETOS são : *eu, tu, êle, ela, nós, vós, êles, elas.*

CASOS OBLÍQUOS : *me, mim, migo ; te, ti, tigo ; se, si, sigo ; nos, nosco ; vos, vosco.*

Nota. — Os casos *retos* correspondem ao *nominativo* latino ; os casos *oblíquos* — *me, te, se, nos, vos,* correspondem ao *acusativo*, e, às vêzes, ao *dativo* ; *mim, ti, si,* ao *dativo*, e *migo, tigo, sigo, nosco, vosco,* ao *ablativo.*

626. Emprega-se o CASO RETO quando o pronome é *sujeito.* Exs. :

Eu VIVO, *tu* VIVES, etc., e, às vêzes, quando predicado : Eu sou *tu* e tu és *eu* (M. B.)

Nota. — *Se eu fôsse a ti, a ela, a vós,* em vez de *se eu fôsse tu, ela, vós* são expressões arcaicas. Todavia em Eça de Queiroz se lê : *Eu se fôsse a ti.*

627. Empregam-se os CASOS OBLÍQUOS quando são *complementos :*

Êle *me viu.* — És a enfermeira? Sou-*a* (425, 4.ª).

Nota. — Se perguntássemos — És *enfermeira?* a resposta seria — sou-*o.* A razão é que a omissão do artigo nos faz perder de vista a *pessoa*, e ter em mira o *cargo.* A palavra *enfermeira* se adjetiva, como predicado nominal, com a ausência do artigo : faz-se mister recorrermos a outro pronome que não ao *pessoal*, e lançarmos mão do *demonstrativo neutro* *o* = *isso.*

628. ME, TE, SE, NOS, VOS, podem funcionar como complementos *objetivo* (acusativo) ou *terminativo* (dativo). Exs. :

C. objetivo	C. terminativo
Êle *me* feriu	Êle *me* obedeceu
Eu *te* estimo	Eu *te* dou os parabéns
Êle *se* esforça	Êle *se* arroga o direito
Nós *nos* amamos	Nós *nos* impomos o dever
Eu *vos* acuso	Eu *vos* perdôo
Êles *se* respeitam	Êles *se* querem muito

629. **Nós, vós, nos, vos,** embora sejam formas do plural, empregam-se pelo singular :

1. Quando fala um *rei, papa* ou *bispo,* que são órgãos de uma coletividade : Nós havemos por bem = Eu hei por bem.

2. Quando o escritor quer, por modéstia, tornar menos saliente sua individualidade: Escrevemos ontem = Escreví ontem.

630. As formas MIM, TI, SI, são *preposicionais*, devendo vir sempre na frase regidas de qualquer preposição, exceto a preposição *com*, que rege as formas *migo, tigo, sigo, nosco, vosco*, justapondo-se a elas: *comigo, contigo, consigo, conosco, convosco*.

Nota. — Em vez de *conosco mesmos, convosco mesmos, conosco próprios*, determina a eufonia que se diga — *com nós mesmos, com nós próprios, com vós próprios*.

631. Também podem ser regidas de preposição as formas — *êle, nós, vós: dêle, dela, dêles, delas, de nós, de vós, por vós, por êles*, etc.

632. O, lhe, se. Destas formas oblíquas da 3.ª pessoa, a primeira (*o, a, os, as*) relaciona-se com o verbo transitivo como complemento objetivo, e corresponde ao *acusativo* latino: *Amai*-o; a segunda (*lhe, lhes*) relaciona-se com o verbo relativo e corresponde ao *dativo* latino: *Obedecei*-LHE; a terceira (*se*) pode relacionar-se com ambas essas categorias de verbos, sendo complemento objetivo ou terminativo: "Êle *se* achou na revolta, e *se* dá ares de inocente".

Obs. — As formas *o, a, os, as*, prendem-se às vêzes como enclítica ao advérbio de designação EIS: *ei-lo, ei-los, ei-la, ei-las*. O uso geral dos bons escritores antigos e modernos não autoriza a combinação destas formas com o reflexivo *se*. Não se dirá: — Quando menos *se o* esperava, surgem dificuldades. Dir-se-á: Quando menos se esperava, surgem dificuldades. Igualmente não se diz: *Pedro êle mesmo não sabia*, mas — *O próprio Pedro não sabia.*

O REFLEXIVO *SE*

633. Largo debate têm provocado as funções sintáticas do pronome SE.

Êste pronome, chamado reflexivo pela propriedade característica de recambiar a ação verbal para o mesmo sujeito que a pratica, não possui em latim, donde nos veio, *caso reto*. Daí o princípio aceito pela maioria dos gramáticos de não poder ser êle *sujeito* do verbo no modo finito.

Querem, entretanto, alguns que em certas construções, como — *faz-se a barba*, seja SE pronome indefinido com a significação de *alguém*, sujeito do verbo, correspondente ao *on* francês. Tal análise é artificial, está em antagonismo com os fatos atuais da língua e com os seus antecedentes históricos.

Nos seis casos seguintes, figuramos tôdas as funções vernáculas do pronome SE, tratando em seguida da função francesa, que se vai generalizando.

1. { *Êle se feriu.* / *Êle se arroga o direito.*
2. { *Ele se arrependeu* / *Êle se vai embora*
3. *Ele e ela amaram-se reciprocamente.*
4. *Alugam-se quartos.*
5. { *Vive-se.* / *Entra-se na sala.*
6. *Ama-se a Bernardes.*

1.º CASO

634. *a*) *Êle se feriu.* Neste caso o pronome *se* é *objeto* ou *acusativo*, e faz recair ou refletir a ação verbal para o mesmo sujeito que a pratica, tornando-se *agente* e *paciente* da mesma ação expressa pelo verbo. O pronome é proeminentemente *reflexivo*, e a voz do verbo se diz *média* ou *reflexa*, devendo o verbo ser *transitivo*. Os pronomes — *me, te, nos, vos*, exercem a mesma função reflexa, desde que sejam da mesma pessoa que o sujeito: "*Eu me firo, tu te feres, nós nos ferimos, vós vos feris.*"

b) *Êle se arroga o direito.* O pronome *se*, neste exemplo, não é *objeto direto*, mas *indireto* ou *dativo*, o têrmo de relação, *complemento terminativo*. Apesar disso, porém, a ação tem um caráter reflexo apreciável, e o exemplo caracteriza uma variante do mesmo caso.

2.º CASO

635. *a*) *Êle se arrependeu.* O pronome *se* é aqui *objeto direto* (*acusativo*, ou, segundo Diez, *dativo*), com referência

reflexa ao sujeito; porém a reflexão é atenuada, e o *objeto* é mais *aparente* ou *fictício* que real. Dá-se êste caso com os verbos *pronominais essenciais: esquecer-se, condoer-se, abster-se, queixar-se,* etc.

b) *Êle se vai embora.* Êste tipo pode considerar-se uma extensão do tipo antecedente. Muitos verbos *neutros* ou *intransitivos* se tornam *acidentalmente pronominais*, indicando, como êstes, uma certa reflexão atenuada, na expressão de Andrés Bello, uma certa revolução do sujeito sôbre si mesmo, dando-lhe *espontaneidade* de ação, comunicando graça e energia ao dizer. Percebe-se a diferença nos seguintes exemplos:

Ela vai embora, e ela se vai embora. — Êle morre de tristeza, e êle se morre de tristeza. — De poesia vive entre êstes aldeões, e de poesia se vive entre êstes aldeões (A. C.) — Alma minha gentil, que partiste, e alma minha gentil que te partiste (C.) — Êle saiu bem, e êle saiu-se bem — Êle estava mui descansado em seu palácio, e êle se estava mui descansado em seu palácio (A. V.)

Era mais comum, nos velhos textos de nossa língua, esta pronominalidade dos verbos intransitivos. Hoje, convém usar dela com critério e parcimônia, seguindo os bons escritores modernos.

3.º CASO

636. *Êle e ela amavam-se recìprocamente.* Neste caso o advérbio *recìprocamente*, ou qualquer outra circunstância da frase, mostra que a ação *refletida* para o sujeito *composto* não recai, entretanto, no indivíduo que a pratica. Com esta diferença, a análise é a mesma que no 1.º *caso.*

Designam muitos gramáticos esta reflexão especial, chamando ao verbo e ao pronome *recíprocos.*

4.º CASO

637. *Alugam-se quartos.* Neste caso a ação reflete-se para o sujeito — *quartos*, porém êste é incapaz de a praticar por ser *inanimado*, só a recebe; não pode ser *agente*, só é *paciente*: o verbo ou a voz torna-se *passiva*, e o pronome reflexo *assume*

o nome de partícula apassivadora ou apassivante — "*Alugam-se quartos*" equivale a — "*Quartos são alugados*".

O caráter passivo dêste caso prova-se:

1. Porque é manifestamente sujeito, o paciente da ação verbal (embora, em regra, posposto ao verbo), visto que impõe a êste a concordância numérica: *Alugam-se quartos*, e não *aluga-se quartos*.

2. Porque aparece, às vêzes, nos clássicos e até em escritores modernos o agente característico da passiva, regido da preposição *por* ou *de*:

Aqui enquanto as águas não refreia
O congelado inverno, se *navega*
Um braço do Sarmático Oceano
Pelo Brúsio, Suécio e frio Dano (C.)

Duro nó *pelas mãos do algoz cruento*,
Estreitar-se no colo o réu já sente (Bocage.)

Os males que *se executam pela mão dos homens* (A. V.)

638. Quando o sujeito é *ente animado* ou tomado por tal, e, conseguintemente, capaz de ação, o pronome *se* torna-se objeto direto, desaparece o caráter passivo da expressão, a qual, nesta hipótese, se reduz ao 1.º *caso*:

Alugam-se êstes homens para ganharem a vida. — *Ergueu-se* o astro do dia, atingiu a meridiana, e *inclinou-se* para o seu ocaso.

Convém cautela no emprêgo destas frases, a fim de evitar ambigüidade, visto que muitas vêzes a expressão é passiva, apesar de ser o sujeito ente animado, p. ex.:

O protomártir de nossa independência *chama-se* Joaquim José da Silva Xavier. — *Convidam-se* os estudantes a se reunirem no largo de S. Francisco. Claramente se vê que os sujeitos destas orações — *O protomártir* e *os estudantes* são *pacientes* e não *agentes* da ação verbal, sendo elas por isso *passivas*.

Nota. — Nem sempre, porém, se revela com a mesma clareza a função do sujeito: *Castigaram-se os culpados*, onde fica duvidoso se o pronome *se* indica *passividade*, *reflexibilidade* ou *reciprocidade*.

639. As formas *me*, *te*, *nos* e *vos* também funcionam, às vêzes, como partículas *apassivantes*:

Eu *me* batizei na infância. — Vós *vos* chamais Alexandre.

640. Tem ainda a mesma função apassivante o reflexivo *se* na seguinte frase típica: *Conta-se que êle vive*, em que a

oração *que êle vive* é o sujeito paciente de *conta-se*, equivalente a *é contado*.

Nestas formas passivas o *agente* fica, em geral, indeterminado. Por isso o sentido desta última frase pode ser expressado na seguinte forma ativa de sujeito indeterminado: *Contam que êle vive.*

Nota. — São, pois, *solecismos*, que importa evitar, as expressões: *Corta-se árvores.* — *Vende-se queijos.* — *Conserta-se relógios.* — *Compra-se livros usados.* — *Ferra-se cavalos.*

5.° CASO

641. *Vive-se* — *Entra-se na sala.* Neste caso, o pronome refere-se a um sujeito *indeterminado*: é uma *passiva impessoal*, assim como o antecedente é uma passiva *pessoal*.

Estabelecida esta diferença, êste *caso* identifica-se com o antecedente, como o 2.° com o 1.°.

642. Êste processo estende-se aos verbos *intransitivos* e *relativos*, usados impessoalmente. Exs.:

Queremos ir ao céu, mas não queremos ir por onde *se vai* ao *céu* (A. V.) — Só ali *se vive* sem desejo, sem temor, sem esperança, sem dependência e sem cuidado algum (Id.) — Não *se sabe* dêle (Id.) — Também em Roma *se morre* (Id.) — A morte tem duas portas: uma porta de vidro por onde *se sai*, outra porta de diamante por onde *se entra* à eternidade (Id.) — *Sai-se* por onde *se entra* (A. C.) — *Morre-se* como *se vive.* — Aqui *se obedece* aos chefes e *se resiste* aos rebeldes.

643. A passividade dêste caso é determinada pela analogia com a língua-mãe. Para exprimir sentido idêntico empregava o latim a forma passiva de verbos *neutros* e *relativos*: *vivitur* = *vive-se*, *itur* = *vai-se*, *pugnatum est* = *pelejou-se.* — *Sic itur ad astra* (Virgílio.)

6.° CASO

644. *Ama-se a Bernardes.* A frase — *Ama-se a Bernardes* filia-se manifestamente a êste processo geral apassivante do reflexivo *se*, e se identifica, *mutatis mutandis*, com o *caso antecedente*.

Embora o verbo seja *pessoal* e *transitivo*, torna-se elegantemente *impessoal* e *intransitivo*, e o têrmo *Bernardes* é pôsto em relação *terminativa*, que corresponde ao *dativo*. Assim se analisa o seguinte trecho de A. F. de Castilho:

Por tudo isto se admira a Vieira, a Bernardes admira-se e ama-se.

Esta *apassivação impessoal* de verbos *transitivos* é um recurso da língua para expressar sentido diverso do da *voz reflexa* (1.º *caso*) e do da *recíproca* (3.º *caso*.) Percebe-se fàcilmente a diferença entre as seguintes frases:

Admira-se a Vieira (A. C.) e *admira-se Vieira, a Bernardes ama-se* (Id.) e *Bernardes ama-se, louva-se ao deus Término* (Id.) e *louva-se o deus Término, louva-se aos juízes* e *louvam-se os juízes, previne-se às pessoas presentes* e *previnem-se as pessoas presentes.*

Na primeira construção a voz é *passiva* (com sujeito indeterminado), visto que não se lhe pode dar *acusativo* ou *objeto direto*, característico da voz ativa como prova o *caso oblíquo admissível* — **lhe** e nunca — **o**: *admira-se-lhe, ama-se-lhe, louva-se-lhe*, e em hipótese nenhuma: *admira-se-o, ama-se-o, louva-se-o, previne-se-o*. Assim — *a Vieira, a Bernardes, ao deus Término, aos juízes, às pessoas presentes*, são *dativos* ou complementos *terminativos*, e não dispensam a preposição **a**, como poderiam dispensar se fôssem *objetos* ou *acusativos*, na hipótese de ser **se** *sujeito*.

Na segunda construção, a voz é *reflexa* (ou *recíproca*, a penúltima), e o *dativo* da primeira passa para *nominativo* da segunda, isto é, para a relação *subjetiva*, por ser o *sujeito* agente e paciente da ação verbal.

Quando a palavra posta em *dativo* é *coisa*, incapaz de ser o agente da ação verbal, a voz na segunda construção deixa de ser *reflexa* ou *recíproca*, torna-se *passiva* com sujeito determinado do tipo do 4.º *caso*, p. ex.: (1.ª) "E' muito justo que *se respeite aos dotes*" (Diogo Paiva), e — (2.ª) "E' muito justo que *se respeitem os dotes*". Neste caso o sentido é idêntico em ambas as construções, mas a sintaxe é diferente. E' rara, entretanto, esta construção com *dativos de coisa*.

Os verbos *transitivos-relativos* não se prestam a estas construções, mas às do caso antecedente.

Obs. — Em abono da solução dada a êste 6.° *caso*, temos a opinião competentíssima do exímio gramático Andrés Bello, que assim se exprime à pág. 208, de sua excelente *Gr. de la Lengua Castellana:*

Cuando decimos "Se admira A LOS GRANDES HOMBRES", "Se colocó A LAS DAMAS en un magnifico estrado", ¡ debemos mirar estos complementos A LOS GRANDES HOMBRES, A LAS DAMAS, como verdaderos acusativos? to me inclino a creer que no: lo primero, por la modificación de significado que esta construción produce en el verbo: SE ADMIRA es SE SIENTE ADMIRACIÓN; SE COLOCA es SE DÁ COLOCACIÓN; SE ALABA es SE DAN ALABANZAS; sentido que parece pedir más bien um dativo. Lo segundo, porque si el complemento tiene por término el demonstrativo EL, no le damos otras formas que las del dativo: SE LES ADMIRA (A LOS GRANDES HOMBRES) no SE LOS ADMIRA. Lo tercero, porque si el complemento lleva por término un nombre indeclinable, es de toda necesidad ponerle la preposición A que en el dativo de estos nombres no puede nunca omitir-se como puede en el acusativo: así, o decimos "Se desobedece A LOS PRECEPTOS de la ley divina", en construcción impersonal, o "Se desobedecen LOS PRECEPTOS", en construcción regular, haciendo a LOS PRECEPTOS sujeto, pero no podemos decir "Se desobedece los preceptos".

645. Não obstante a teoria antecedente, que obedece à corrente genial da língua, há manifestamente uma corrente moderna francesa, que já vai constituindo o 7.° *caso* da função do pronome SE, como se vê na seguinte frase de A. F. Castilho:

Assim SE ERA AMADO, *porque* SE AMAVA, *e* SE AMAVA, *porque* SE ERA AMADO (*Fel. pela Agricultura*, pág. 25, *Obs. compt.*, 2.ª ed., Vol. 1.)

Não há dúvida que essa construção é francesa, mas, amparada por tão alto nome, está sendo incorporada na língua. Aí a análise francesa se impõe, e o SE é pronome indefinido e *sujeito* do verbo, idêntico ao ON francês. Dêstes desvios modernos da tradição da língua encontram-se outros exemplos:

E'-se invadido do humor no restaurante de Star and Garter (C. C. B.) — *E'-se inclinado a admitir* (A. C.) — *Não se é grande no mundo se não quando se é fanático por uma idéia* (P. Chagas.) — *Quando se é bom, é-se obrigado a ligar as duas palavras* (O. Mendes.) — *E nunca se é assim: é-se invariàvelmente assado, como dizia o padre Marques* (Eça.) — *Lá, se era e se fazia tudo isso fadadamente como fadadamente se é e se faz hoje o diverso ou o contrário* (A. C.) Os puristas evitam tal sintaxe.

Obs. — E' antigo na língua o processo apassivante do pronome *se*; mas, do século XVI em diante é que adquiriu pleno desenvolvimento, substituindo freqüentemente as formas pesadas de nossa passiva analítica, e superpondo-se às construções ativas: O que *homem* traz na fantasia (B. Ribeiro) = O que *se* traz na fantasia.

646. Além dos pronomes pessoais, existem os pronomes de *reverência* ou *tratamento* — *V. S.*, *V. M.*, *V. Ex.ª*, *V. Rev.ma*, *o Senhor*, etc., bem como *Fuão*, *Beltrano*, *Fulano*, *Sicrano*, *a gente*, *homem*, *um*, *o outro*. Todos êstes pronomes são gramaticalmente da 3.ª pessoa, embora os de reverência se refiram lògicamente à pessoa com quem se fala (2.ª.) Não só, portanto, devem os verbos de que são *sujeitos concordar* com êles na 3.ª pessoa, mas, ainda, nessa mesma pessoa devem acomodar-se os pronomes oblíquos e os possessivos que a êles se referem.

V. S. engano*u-se* em *suas* conjeturas. — *Você se* eleva demais em *seu* próprio conceito. — *Abençoe* o senhor êste *seu* filho. — A GENTE *não sabe que fazer.* — Venha com a gente (= conosco.) — *Deita-se* HOMEM *pelo chão para ganhar gabão.* — *Quanto um mais alto sobe, maior queda dá* (Morais.) — *Anda* HOMEM *a trote, para ganhar capote.* — A única moeda com que o *homem* pode comprar o proveito de outrem (A. C.) — Cuida *o outro* que, quando dá esmola, que a dá para a perder, e engana-se (A. V.)

Obs. — Sôbre o uso dêstes pronomes transcrevemos as seguintes interessantes observações do Sr. Antônio Feliciano de Castilho:

Usamos nós o tratamento de terceira pessoa em vez do da segunda, do *vós* e *tu*, tão nobre e tão constantemente seguido por quase tôdas, senão tôdas as demais nações. Já tivemos êsse também. Quem nos trouxe êste não o sei eu. Ou fôsse, porém, uma degradação na língua, ou fôsse a fúria civilizadora, o certo é que com êle temos de lutar. E não se estranhe a palavra *lutar* de que uso, porque entalado entre a necessidade de aceitar as práticas contemporâneas, para ser verdadeiro, e a necessidade de conservar a dignidade a que tal prática evidentemente se opõe, para ser conveniente e nobre, as diligências do que tentar satisfazer ambas estas imperativas necessidades tornam-se uma verdadeira e mui séria luta.

647. Em uma carta ou em qualquer outro escrito, é de regra que guardemos uniformidade no uso do pronome escolhido. Todavia casos pode haver em que um motivo superior determine o rompimento dessa uniformidade. São pertinentes ao caso as seguintes palavras do mesmo ilustre escritor acima citado:

Em algumas cenas (do drama *Camões*) se estranhará talvez que D. Caterina para Camões, e Camões para D. Caterina alternem o *vós* e o *tu*: se defeito é, confesso que o pus de propósito. Entendi eu, por o ter observado mais de uma vez na vida real, que essas incertezas continham verdades, e exprimiam as hesitações naturais que se padecem, quando, especialmente sem concordata prévia, se passa do tratar cerimoniático para o

tutear. Demais, a posição em que êles se acham um diante do outro neste drama autorizava e persuadia tais variedades.

648. Si, consigo, são casos oblíquos do reflexivo **se**, e, como tais, se referem sempre ao sujeito de seu verbo : *"Pedro* fala *consigo"* e *"Paulo* está fora *de si"*.

Nota. — E' antiga e geral a tendência de se empregar no tratamento familiar o — *si, consigo,* referindo-se à 2.ª pessoa: *Eu falo consigo, de si, a si, por si, para si.* Sendo o sujeito da 1.ª pessoa, não há nisso inconveniência e há vantagem prática. Justifica-se o distinto prof. J. Leite Vasconcelos de tal uso e cita em seu abono A. Herculano : — A carta que me dirige tem um sabor acre... queimei-a... Não é por mim ; é *por si.* O mesmo A. Herculano escreveu ainda : — Há dois períodos na sua carta que me afligem, não por mim, mas *por si* (*Cartas,* t. 1, p. 10) — ... nem mesmo consigo, Sra. D. Josefa (E. de Queiroz, ap. E. D.)

VERBO

(201-271)

649. Verbo é a categoria gramatical que tem por função representar, na frase, a vida, o movimento, a atividade dos sêres. Por isso define-o Ayer como a palavra que exprime a ação. Esta ação, porém, característica da função verbal, pode ser concebida apenas latente ou inerente nos sêres, como acontece com os verbos NEUTROS — *ser, estar, viver, morrer, sofrer ;* ou formal e expressa, como acontece com os verbos ATIVOS — *lançar, andar, correr, escrever, partir, subir.*

650. Ser. Chamam muitos gramáticos *substantivo* ao verbo *ser* em contradistinção dos outros, que denominam *adjetivos* ou *atributivos.* A teoria, porém, do verbo *substantivo* tem a sua origem na lógica da escolástica, antes que nos fatos da linguagem, como o demonstramos (205.)

O verbo *ser* é um verbo *atributivo, predicativo* de existência, ou *concreto,* e como tal empregado freqüentemente em latim e português. Exs. :

Et campos ubi Troja *fuit* (Virgílio) = Campos onde foi Tróia (O. M.) — Não sei, disse um dêles, como isso *será* (F. de Morais, *Palmeirim.*) — Tomadas sem o socorro das artilharias, que ainda então não *eram* (A. C.)

O' mar, o teu rugido é um eco incerto
Da criadora voz, de que surgiste :
Seja, disse; e tu *f[illegible]ste*, e contra as rochas
As vagas compeliste (G. D.)

Era um dia ao anoitecer (A. H.) — *Era* por uma dessas noites vagarosas de inverno em que o brilho do céu sem lua é vivo e trêmulo (Id.) — *Era* sôbre a tarde (L. S.)

O valor predicativo do verbo *ser*, porém, atenua-se e como que desaparece nas frases chamadas *nominais*, em que um novo elemento predicativo é por êle ligado ao sujeito, p. ex. : *O homem é mortal, o Brasil foi descoberto em* 1500.

Nestas frases o verbo como se esvazia de sentido, e é geralmente tratado como mero verbo *abstrato* ou de simples *relação*. Exs. :

Quando o médico *é piedoso, é* o doente *perigoso*. — Querer *é poder*. — Não fales sem *ser perguntado*, e *serás estimado*. — *Prata* é o bom falar, *ouro é* o bom calar. — Assaz *é de pouco saber*, quem se mata pelo que não pode haver.

651. Estar. Como o verbo *ser*, é o verbo *estar* empregado freqüentemente como verbo de *ligação*, p. ex. : *O homem está destinado à morte, o Brasil está descoberto desde* 1500. Porém, nestas frases nominais, a sua predicação resiste melhor que a do verbo *ser*, e êle não perde seu caráter de verbo *concreto*.

A predicação do verbo *estar* traz sempre a idéia de uma *existência atual* ou *estado acidental*, ao passo que o verbo *ser*, como verbo de relação ou abstrato, indica uma *existência remota* ou *estado inerente* e *permanente*. Exs. :

Ser	Estar
Êste homem *é* doente	Êste homem *está* doente
O céu *é* azul	O céu *está* azul
Eu *sou* feliz	Eu *estou* feliz
A ordem *era* firmada pelo general	A ordem *estava* firmada pelo general
Isso *é* claro	Isso *está* claro.

Obs. — Quando no fato enunciado não se distingue claramente a atualidade da permanência, difícil é discriminar-se a diferença entre os dois verbos, p. ex. : *A carta é escrita com correção* e *a carta está escrita com correção*. — *Estar a* ou *para*, seguido de verbo no infinito, indica proximidade de ação, com a preposição *a*, maior *proximidade* : *estar a* ou *para*

partir. — Com ressaibo quinhentista, aparece, às vêzes, o verbo *ser* pelo *estar*, ex.: D. Afonso vos congregou para declarar se *sois* conteutes com ser êle Rei nosso (A. C.).

652. Elegantemente substitui-se o verbo *estar* pelo verbo *ser* na acepção concreta:

Amanhã, pois, tu e teus filhos *sereis* comigo (= estareis) (A. P.) — Minha dona muitas vêzes me contava quando *era* no lavor (A. C.)

Chamei-me Adamastor; e *fui na guerra*
Contra o que vibra os raios de Vulcano (C.)

653. **Ter e haver.** Êstes dois verbos, quando unidos aos particípios passados dos verbos, perdem o seu sentido próprio, e tornam-se, como o verbo *ser* nas *frases nominais*, vazios de sentido e meros verbos *abstratos* ou de *relação*. São, neste caso, chamados *verbos auxiliares*, pois que auxiliam a formação dos *tempos compostos*: *eu tenho* ou *hei estudado, eu tinha* ou *havia estudado*, etc.

Com alguns verbos, que não se empregam na passiva, o verbo *ser* substitui elegantemente, na formação dos tempos compostos, êsses auxiliares: *ser chegado, nascido, vindo, partido*, etc., por — *ter chegado, nascido, partido*, etc. "Aqui foi nado e criado certamente" (Garrett.) — "Já cinco sóis eram passados" (C.)

Nota. — Êstes verbos auxiliares abstratos são estranhos ao latim, que não possui os *tempos compostos*. Foi no século XVI que se consumou o esvaziamento do conteúdo significativo de *ter* e *haver* com a imobilização flexional dos particípios passados na voz ativa.

654. Ainda no caráter de verbo auxiliar, TER e HAVER, juntos aos presentes impessoais do infinito, regidos da preposição DE, formam duas *conjugações perifrásticas*, chamadas de *linguagem projetada*, que trazem ambas a idéia de futuridade:

a) Com o auxiliar TER, formam-se os tempos perifrásticos do futuro OBRIGATÓRIO — *tenho de estudar, tens de estudar*, etc.; *tinha de estudar, tinhas de estudar*, etc.

b) Com o auxiliar HAVER, formam-se os tempos perifrásticos do futuro PROMISSIVO — *hei de estudar, hás de estudar*, etc.; *havia de estudar, havias de estudar*, etc.

O futuro *promissivo*, que implica uma resolução, é mais forte que o *obrigatório*, que encerra uma obrigatoriedade moral.

VOZES

(204 252)

655. Vozes do verbo são as diversas maneiras de se relacionar o *predicado* com o *sujeito*. A voz se diz *ativa*, se o sujeito é *agente* da ação verbal ; *passiva*, se o sujeito é *paciente*, e *média* ou *reflexa*, se o sujeito é *agente* e *paciente* ao mesmo tempo, p. ex. : *Eu* conheço, *eu* sou conhecido, *eu* me conheço.

656. Para a voz *passiva* e para a *média*, *reflexa*, ou *médio-passiva*, não há forma *sintética*, *orgânica* ou expressão simples, como há no grego e (*passiva*) no latim ; porém empregamos formas *perifrásticas*, *compostas* ou *analíticas* (204, N.)

657. O AGENTE da *passiva* é expresso por um *complemento terminativo*, chamado de *causa eficiente*, regido da preposição POR ou, às vêzes, DE. Exs. :

O exército foi repelido *pelo inimigo*. — Êle é amado *de todos*. — Prostrado *pelo cansaço*, o guerreiro sucumbiu. — Mares que se navegam *do feio foca* (C.) — O *réu* sente estreitar-se duro nó no colo *pelas mãos* do algoz cruento (Bocage.) — Mandou-o prender *pelo soldado*.

658. Já estudamos os diversos processos da língua para a formação da passiva (252) ; cumpre-nos agora discriminar-lhe o uso. Com vimos, três são êsses PROCESSOS :

1. Com os verbos SER e ESTAR e o *particípio passado* ou *passivo* de qualquer verbo TRANSITIVO : *ser amado*, *estar condenado*.

Nota. — Com alguns outros verbos pode-se indicar a voz passiva : Êle *ficou condenado*. — Êle *veio desacompanhado* de seu paraninfo.

2. Com o *pronome reflexivo* SE, quando o sujeito não é *agente*, ou por ser incapaz da ação verbal, como *ente inanimado*, ou porque o sentido mostra que não o é : "*Escrevem-se cartas*, isto é, *cartas são escritas*". — "*Convidam-se os alunos*".

3. Com o *infinito na forma ativa*, servindo em certas locuções de *complemento* de *verbo* ou de *adjetivo* :

Mandou-o *prender* à ordem do chefe de polícia, isto é, mandou *ser* êle *prêso*. — Fados não se consentem *rogar* (B. R.), isto é, *ser rogados*. — Duro de *roer*, isto é, de ser *roído*. — A guerra faz-se *para ter* paz (A. de F.) — Fizemo-lo *carregar pela cavalaria*. — ...fazendo-o *assassinar por seus próprios filhos* (A. P., Is. 30.) — Não é para *imitar* tal exemplo. — A casa está para *alugar*. — Seria para *desejar* que êle viesse. — Isso de *tirar* e *pôr* príncipes *pelo povo*, são opiniões mal soantes (A. H.)

659. Emprega-se de preferência a passiva com o verbo *ser* e *estar*, quando queremos enunciar o fato com clareza e precisão, mencionando ou, às vêzes, deixando de mencionar o agente:

As cartas *foram escritas* pelos secretários. — As árvores já *estão cortadas*. — Os quartos *foram alugados* aos estudantes.

660. A passiva com o pronome reflexivo SE é preferida quando, sendo o sujeito *ente inanimado*, queremos enunciar o fato vagamente, e não denunciar o agente:

Escrevem-se cartas. — *Cortam-se* árvores. — *Alugam-se* quartos.

661. Não é, todavia, absolutamente vedado, se bem que raro modernamente, terem estas formas passivas o *agente expresso*. Exs.:

Por mim se aumentarão o número de teus dias, e acrescentados serão novos anos à tua vida (A. P.) — Os males que *se executam pelas mãos dos homens* (A. V.)

Duro nó *pelas mãos* do algoz cruento
Estreitar-se no colo o réu já sente (Bocage.)

. . . . *se navega*
Um braço do Sarmático Oceano
Pelo Brúsio, Suécio e frio Dano (C.)

Por êle o mar remoto navegamos,
Que só *dos feios focas se navega* (Id.)

662. Só podemos empregar esta *forma passiva* com sujeito representado por *ente animado*, capaz de ação, quando não houver perigo de ambigüidade com a *voz média* ou *reflexa*. Exs.:

Convidam-se as testemunhas a comparecerem. — *Êle se chama* Pedro — Por tudo isso *se admira* a Vieira, a Bernardes, *admira-se* e *ama-se* (A. C.)

663. Para evitar a possível confusão em certos casos com a voz *média*, fixou a língua o sujeito *depois* do verbo, nessas frases passivas; contudo aparece, no caso de ênfase, o sujeito anteposto. Exs.:

O amor vende-se? *a glória* vende-se? *a alma* vende-se? (A. C.) — *As palavras* ouvem-se, *as obras* vêem-se (A. V.)

Conversão da voz ativa para a passiva

664. Uma oração da voz ativa, com o verbo transitivo, passa para a passiva sem alterar o seu sentido, observando-se as seguintes regras:

1.ª O *objeto* da ativa passa para *sujeito* da passiva.

2.ª O *sujeito agente* da ativa, para *complemento terminativo de causa eficiente*, regido da preposição POR ou DE, que é o agente da passiva.

3.ª O verbo vai para o tempo correspondente da forma passiva, auxiliada pelo verbo *ser*.

4.ª Quaisquer outros têrmos da oração ficam intactos. Exs.:

No passo de Itororó *os brasileiros seguiram* corajosamente *ao marquês de Caxias* = No passo de Itororó *o marquês de Caxias foi seguido* corajosamente *pelos brasileiros*.

Aquêle *que eu vi* e aquêle *que me viu*, são pessoas diferentes = Aquêle *que foi visto por mim* e aquêle *pelo qual eu fui visto*, são pessoas diferentes.

Nota. — O verbo *poder* — empregado transitivamente. — *Êle pode fazer tudo, êle pode tudo*, não se presta à conversão ou inversão passiva, pois não se diz: *Fazer tudo é podido por êle, tudo é podido por êle.*

VERBOS IMPESSOAIS

665. **Verbos impessoais** são os que exprimem fatos sem referência à pessoa de sujeitos determinados. Contrapõem-se tais verbos aos *pessoais*, que apresentam sempre a sua ação em relação à causa produtora, à pessoa ou coisa que a produz (233.)

666. **Classificação.** Há dois tipos de IMPESSOAIS: — o *essencial* e o *acidental*.

1. IMPESSOAL ESSENCIAL é o verbo que designa fenômenos meteorológicos, e que se apresenta normalmente na frase em relação com a causa produtora da ação verbal, isto é, sem sujeito determinado, como — *chover, trovejar, anoitecer, gear.*

De dois modos pode a língua torná-los PESSOAIS :

a) Em sentido FACTITIVO (445, *b*) dando-se-lhes por sujeito o que se apresenta ao espírito como *causa* ou *origem* do fato verbal : *chove o céu* (*o céu faz chover*), *trovejou a nuvem* (*a nuvem faz trovejar*), *os dias amanhecem claros* (*fazem amanhecer*), *chovem abundantes chuvas.*

b) Em sentido TRANSLATO OU FIGURADO :

Trovejam canhões, anoitece-lhe a vida, amanhece-lhe a inteligência, chovei-lhe incenso (A. C.) — Muitas graças chovem (Id.) — Chovem canivetes, chovam as nuvens o justo (A. P.) — Chovem setas e pedradas (C.) — Choviam de cima penedos (A. C.) — Chovem ódios, que, em se evaporando, terão feito desenvolver malquerença (Id.) — O povo trovejava gargalhadas (C. C. B.)

2. IMPESSOAL ACIDENTAL é o verbo *pessoal* eventualmente *impessoalizado*. Há dêle dois grupos : os da forma *ativa* e os da *passiva*.

a) Na voz ATIVA o uso impessoaliza certos verbos na 3.ª *pessoa do singular* e outros na 3.ª *do plural*, como se vê nas seguintes frases, com os verbos — *haver, ser, estar, fazer, ir.*

Há homens, *é* tarde, *é* cedo, *está* quente, *faz* frio, *fazia* escuro, *dizem* que é tarde, *contam ter havido* terremotos. — Há homens que, ainda depois de falar, são mudos : falam pelo que dizem e são mudos pelo que falam (A. V.) — Falarem de herdar são facadas mortais (A. C.) — Cá e lá más fadas há. — Três anos faz (M. B.) — Vai fazer quatro anos que começou a guerra. — Mal vai à raposa quando anda aos grilos. — Muitos ministros há no mundo e em Portugal mais que muitos (A. V.) — Em mim há dois eus (A. C.)

b) Na voz PASSIVA, muitos verbos *intransitivos relativos* e *transitivos intransitivados*, seguidos de SE, como partícula apassivadora, são freqüentemente empregados sem sujeito determinado, p. ex. :

Passeia-se (lat. *ambulatur*), vive-se (lat. *vivitur*), come-se, quando se entra e se sai e se admira. — A morte tem duas portas : uma de vidro por onde *se sai*, outra porta de diamante por onde *se entra* à eternidade (A. V.) — Queremos ir ao Céu, mas não queremos ir por onde *se vai* ao Céu (Id.) — Só ali *se vive* sem desejo, sem temor. — Teme-se muito à Sicília, que também consigo não está pacífica (Id.) — Por tudo isto se admira a Vieira ; a Bernardes admira-se e ama-se (A. C.) — Louva-se ao deus Término (Id.) (V. parágrafo 644.)

Obs. — Os verbos impessoalizados na 3.ª pessoa do plural podem ser levados para a *passiva* com a partícula SE, tornando-se *sujeito determinado*, como é de regra, o *objeto*: *contam* QUE ÊLE VIVE = *contou-se* QUE ÊLE VIVE — *dizem* TER ÊLE MORRIDO = *diz-se* TER ÊLE MORRIDO. — Nesta acepção, tais verbos de *impessoais* na *ativa* tornam-se *pessoais* na *passiva*. Na frase — *parece que êles estão doentes*, o verbo *parece* é empregado com *predicação completa*, tendo por sujeito a oração — *que estão doentes*. Podemos mudar o torneio da frase e dizer — *êles parece estarem doentes* (= *parece estarem êles doentes*), sem mudar a sua sintaxe. Porém se dissermos — *êles parecem estar doentes*, o verbo volve a ser de *predicação incompleta*, sendo completada pelo predicativo — *estar doentes*. São correntes em português as três construções. — Parece que será lícito ao legionário retrair-se para o acampamento da civilização (A. H.) — Os que parece terem sido indisputàvelmente aditos ao jesuitismo são os dois primeiros (A. H.)

667. Aos *impessoais*, bem como aos *unipessoais*, dá-se, às vêzes, a modo dos franceses e inglêses, um sujeito *fictício*, representado por um pronome pessoal anteposto ao verbo. E' sintaxe arcaica, que ainda aparece no dialeto popular. Exs.:

Êle é ainda muito dia (A. P.) Pois se *êle* há dôres como lâminas de ferro (C. C. B.) — Ah! sim... *êle* é isso (G.) — *Ele* é certo que muitos se envergonham de fazer oração e penitência (M. B.) — *Ela* é cousa admirável, que os conselheiros de Castela se conformem tanto com os nossos (A. V., G. V., pág. 215.)

668. Os verbos *auxiliares* de verbos *impessoais* impessoalizam-se, inclusive os que entram na formação de locuções verbais ou conjugação perifrástica. Exs.:

Tem chovido, *há de* chover, *poderá* chover. — *Deve* haver grandes acontecimentos êste ano. — *Poderá* fazer trinta anos que se proclamou a emancipação dos escravos. — *Começa* a fazer frio. — Era eu nos jogos que então costumava haver (A. C.)

Obs. — 1.ª O verbo HAVER conserva nas construções impessoais (*há homens*) sua acepção transitiva de TER, POSSUIR, sendo objeto o substantivo que se lhe segue. — Quer Morais, e com êle muitos gramáticos, que ao verbo HAVER nessas frases se *determine* ou *subentenda* sujeito do singular adequado, p. ex.: *Há iguarias*, isto é, *a mesa* há iguarias. — *Há frutas*, isto é, *a estação* há frutas. — *Há homens*, isto é, *a sociedade* há homens. A artificialidade dêsse processo se revela não só no fato de jamais tolerar a língua tais construções, como no fato comum de se constituírem êsses sujeitos imaginários em complementos circunstanciais, p. ex.: Há iguarias *na mesa*. — Há frutas *nesta estação*. — Há homens *na sociedade*. — Querem alguns que na frase — "Faz dezoito anos que se proclamou a república", o sujeito

seja a oração — *que se proclamou a república*. E' manifestamente errônea tal análise, pois que essa oração é equivalente a um complemento circunstancial de tempo, e pode ser expressa do seguinte modo: Faz dezoito anos *desde* que se proclamou a república. O fato é que êsses verbos, como os *impessoais próprios*, têm sujeito *indeterminado*, e qualquer *determinação* dá lugar a uma análise rebuscada e artificial.

2.ª Quer Morais que se empregue *impessoalmente* o verbo *dar* na frase — *Deu dez horas*, subentendendo-se o sujeito *relógio*. Se, porém, dissermos — *Deu dez horas no relógio da tôrre*, já se torna necessário irmos à caça de outro sujeito. Contesta-lhe Constâncio a vernaculidade da frase, dizendo que *dez horas* é o sujeito, e que a frase correta é: *Deram dez horas*. De fato, esta construção é a mais comum nos escritores de boa nota: *Deram seis horas* (J. F. Lisboa.) — *Deram as onze ao entrarmos na pousada* (A. C.) Dir-se-á, todavia, corretamente: *O relógio deu dez* horas, como faz A. Herculano.

MODOS

(210)

669. Indicativo. "O INDICATIVO é o modo da realidade". Êle exprime de modo real e categórico o *fato verbal*, em um juízo *afirmativo*, *negativo* ou *interrogativo*, nas diversas épocas do tempo: *Eu estudo.* — *Não irei.* — *Que fizeste?*

670. Condicional. O CONDICIONAL nasceu, no português e nas línguas congêneres, da aglutinação do imperfeito do indicativo do verbo *haver* (*havia*) com o presente do infinito de outros verbos: *amar havia* — deu *amaria*, forma aglutinada e contrata. A noção de tempo nesta forma é obscura: pode ser *presente* — "*Eu falaria agora mesmo* com êle, se pudesse"; pode ser *futuro* — "*Eu falaria amanhã* com êle, se pudesse". Na forma composta a idéia de tempo é definida: "*Eu teria falado ontem* com êle, se tivesse podido".

Saindo do indicativo, não raro é êste modo substituído por tempos do *indicativo*:

Ainda falta por dizer o que mais vos havia (= *haveria*) de destruir e assolar (A. V.) — Êste modo de acrescentar fazenda... também me *atrevera eu* (= *atreveria eu*) a dizer que *era* (= *seria*) bom, se, neste mundo, não houvera uma conta, e, no outro mundo, outra. Se no outro mundo não houvera inferno, e, neste mundo, não houvera justiça, *era* (= *seria*) muito bom (Id.)

671. Imperativo. "O IMPERATIVO é o modo da necessidade", pois exprime uma *ordem* ou *súplica*, discriminada pelo

tom próprio de quem manda ou de quem pede: "*Dá-me isso*, eu te ordeno", ou — "*Dá-me isso*, eu te rogo."

672. O IMPERATIVO repele a negativa; havendo negativa, é substituído o IMPERATIVO pelo *subjuntivo*. E' incorreto dizer-se:

Não fazei caso disso, *não condenai* o réu; usar-se-á do presente do subjuntivo: — *Não façais* caso disso, *não condeneis* o réu.

673. **Subjuntivo.** O SUBJUNTIVO ou CONJUNTIVO "é o modo da possibilidade." Em regra, êle se prende a um verbo, sob cuja dependência se acha (*subjuntos* = *postos debaixo*.) Nesta dependência é êle empregado quando o fato é duvidoso ou indeterminado; no caso contrário é êle substituído pelo indicativo. Exs.:

Duvido que *vençam*	Asseguro-te que *vencem*
Creio que êle *seja bom*	Creio que êle *é bom*
E' incerto que *venha*	E' certo que *vem*
Não sei quem *escreva*	Não sei quem *escreve*
Irei para onde não *possas* ir	Irei para onde não *podes* ir
Ensina-me caminho que *vá* ter ao Céu	Ensina-me o caminho que *vai* ter ao Céu
Não conheço pintor que *faça* êste quadro	Não conheço o pintor que *fêz* êste quadro

674. O SUBJUNTIVO emprega-se ainda em frases isoladas para exprimir *desejo, concessão, dúvida*:

Seja feliz. — *Passe* bem. — *Morra* Sansão e os que aqui estão. — Enquanto temos tempo, *façamos* bem a todos (A. P.)

Nota. — O advérbio *talvez*, precedendo ao verbo, pede o *subjuntivo* e, posposto, o *indicativo*: — *Talvez seja* isso exato. — Isso *é talvez* exato.

675. **Infinitivo.** O INFINITIVO ou INFINITO é um nome verbal, e as suas formas — *amar, amando, amado* — são *formas nominais* do verbo, em que a noção de tempo apenas transparece.

TEMPOS

(208)

676. **Presente do indicativo.** Emprega-se elegantemente êste tempo:

1. Pelo *pretérito perfeito* simples no estilo narrativo:

Napoleão *chega* (= *chegou*) a Waterloo, *dispõe* (= *dispôs*) suas fôrças, *trava* (= *travou*) o combate e *é vencido* (= *foi vencido*). Chamam-lhe, neste caso, *presente histórico*.

2. Pelo *futuro imperfeito*, quando se anuncia um acontecimento próximo:

Parto amanhã (= *partirei*). — *Em uma hora estou lá* (= *estarei lá*). — *Na próxima semana vou ao Rio* (= *irei ao Rio*).

3. Pelo *futuro imperfeito do subjuntivo*, quando se quiser dar mais energia à expressão:

Se *replicas*, esmago-te (= se replicares, esmagar-te-ei). — Se *queres* (= *quiseres*) ser pobre sem o sentir, mete obreiros e deita-te a dormir (M. B.) — Se os olhos *vêem* (= *virem*) com amor, o corvo é branco (A. V.)

677. Imperfeito do indicativo. E' um tempo êste de *dupla relação*: relaciona-se com o *ato* da palavra e com um *fato* contemporâneo no passado: "Eu *escrevia* a carta, quando o trem chegou." O ato de escrever era passado em relação ao *ato* da palavra, porém presente ou contemporâneo à *chegada* do trem. Emprega-se ainda para designar um acontecimento habitual ou continuado:

No tempo que do reino a rédea leve,
João, filho de Pedro, *moderava*,
Depois que sossegado e livre o teve
Do vizinho poder que o *molestava*
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, *semeava*
A fera Erinis dura e má cizânia,
Que lustre fôsse à nossa Lusitânia (C.)

678. Pretérito perfeito simples. Indica um ato completamente *feito* ou *perfeito*, ao passo que o **composto** indica um ato que, praticado no *passado*, estende seus efeitos até o *presente*, e, às vêzes, substitui o seu simples em ato praticado recentemente: "Eu *li* êste livro" e "eu *tenho lido* êste livro". — O orador diz ao acabar o discurso: *Disse* ou *tenho dito*.

679. Pretérito mais que perfeito do indicativo. E' igualmente de *dupla relação*, é o passado no passado: *eu tinha estudado, quando êle chegou*. — Era comum entre os clássicos

o empregar êste tempo, tanto na forma simples como na composta, pelo imperfeito do subjuntivo e do condicional; por isso muitos gramáticos o consideram, além de pretérito mais que perfeito do indicativo, também 2.ª forma dos imperfeitos do subjuntivo e do condicional. Exs.:

E se Deus não *cortara* a carreira ao sol com a interposição da noite, *fervera* e *abrasara-se* a terra, *arderam* as plantas, *secaram-se* os rios, *sumiram-se* as fontes, *foram* verdadeiros e não fabulosos os incêndios de Faetonte (A. V.) — Senhor, se tu *houveras* estado aqui, não *morrera* meu irmão (A. P.) — Se as baleias *roncaram*, tinha mais desculpa a sua arrogância na sua grandeza (A. P.)

Nota. — O emprêgo desta 2.ª forma do imperfeito do condicional determina, como se vê nos exemplos acima, a mudança do imperfeito do subjuntivo pela forma do mais que perfeito do indicativo: *cortara* por *cortasse* — *se houveras estado* aqui, não *morrera* meu irmão = se tu *houvesses estado* aqui, não MORRERIA (teria morrido) meu irmão.

680. Futuro imperfeito do indicativo. Emprega-se êste tempo:

1. Pelo *presente do indicativo* nas frases *dubitativas* ou *exclamativas*: "A esta hora quantos não *estarão* com fome!"

2. Pelo presente do *imperativo* e do *subjuntivo*:

Farás o que te mando. — Não *furtarás*. — Não *dirás* falso testemunho contra teu próximo. — Não *cobiçarás*.

681. Presente do imperativo. E' substituído:

1. Pelo *presente do subjuntivo* sempre que a frase fôr negativa:

Não faças a outrem o que não queres que te façam a ti.

2. Pela 3.ª *pessoa do subjuntivo*, quando queremos atenuar o imperativo:

Fale alto, *falem* alto, *seja* bom, *sejam* bons.

3. Pelo *presente do infinitivo*:

Deixar falar modernos e modernices, petimetres e neologistas de tôda especie (G.)

Nota. — Não possuindo o presente do imperativo a 1.ª e a 3.ª pessoa, tanto do singular como do plural, é esta falta suprida pelas respectivas pessoas do *presente do subjuntivo*: *Morra* eu, e *viva* a pátria.

682. Presente do infinitivo. E' um substantivo verbal, que, *puro* ou *preposicional*, funciona na frase ora como *sujeito*, ora como *objeto*, *predicado* ou *complemento* :

Viver é *lutar*. — Quero *aprender*. — De *falar* a *dizer* vai distância.

683. E' *idiotismo* do português flexionar-se o presente do infinito, dando-nos assim o INFINITO PESSOAL e O IMPESSOAL.

REGRAS PARA O USO DO INFINITO PESSOAL E IMPESSOAL

684. Para o correto uso do *infinito pessoal* e *impessoal*, há duas regras, uma formulada por Jerônimo Soares Barbosa, em sua *Gramática Filosófica* (1803), e a outra por Frederico Diez, em sua *Gramática das Línguas Românicas* (1836-1844).

685. Regras de Soares Barbosa :

1. Usa-se o *infinito pessoal* quando tem êle *sujeito próprio*, diverso do de seu verbo regente ; e o *impessoal*, quando os sujeitos são idênticos. Exs. :

Pessoal	Impessoal
Declaramos (nós) *estarem* (êles) prontos.	Declaramos (nós) *estar* (nós) prontos.
O bom cavaleiro sentiu as asas da morte *roçarem-lhe* frias pela fronte e *gelarem* as bagas de suor (A. H.)	Êles sentiram *estar* longe da pátria.
Julgo *seres* tu sabedor.	Queres *fazer* êste trabalho.
Creio *termos sido* enganados.	Julgamos *ter jeito* bem.
A *haverem* de chegar amanhã, *está* tudo preparado.	Ontem disseram êles *ter* de *partir* amanhã.
Trabalha, meu filho, para *agradarem* tuas obras a Deus (F. Mendes Pinto.)	Trabalha, meu filho, para *agradar* a teu pai.
	Desejamos *trabalhar*.
	Prometem os homens *perseverar* na continuação do pecado.

2. Usa-se ainda o *infinito pessoal* quando o infinito é empregado como *sujeito*, *predicado* ou *complemento* de proposição, em sentido não já abstrato, mas pessoal. Exs. :

O *louvares-me* tu me causa novidade. — Para me *louvares* com verdade, farei aquilo de que me louvas. — Os maus, com se *louvarem*, não deixam de o ser.

686. **Regra de F. Diez :**

Só se emprega o *infinito pessoal* quando é possível ser substituído por um modo finito, e, por consequência, pode êle subtrair-se à relação de dependência que o prende ao verbo principal. E' indiferente que êsse infinito tenha sujeito próprio ou não. Exs. :

Tempo é de *partires* = de que tu partas.
Basta *sermos* dominantes = que sejamos dominantes.
Não me espanto de *falardes* tão ousadamente = de que faleis.
Viu *nascerem* duas fontes = que nasciam.
Não hás vergonha de *ganhares* tua vida tão torpemente = de que ganhes. — Êles sentiram *estarem* longe = que estivessem longe.
Todos são alegres por *terem* paz = porque têm paz.
Folgarás de *veres* (C.) = de que vejas.
Que traça dariam para todavia *comerem* até fartar-se? (M. B.) = para que comessem.
Aqui, alguns mancebos mais destros fingiam *acometer-se, pelejarem, vencerem, serem* vencidos (A. H.) = que se acometiam, pelejavam, etc.
Assaz mostraste *seres cabal* para *dizer* verdades (A. C.) = que és cabal. — Declaramos *estarmos* prontos = que estamos prontos.

Obs. — Ambas as regras dêsses mestres eminentes são boas, pois encaram o mesmo problema por duas faces diferentes ; ambas se completam na parte em que não se contradizem, e servem de fio condutor no labirinto do uso clássico do infinito pessoal. Porém ambas ficam aquém dos fatos, que, em grande variedade e incerteza, não se subordinam à disciplina gramatical. Contra a teoria de S. Barbosa, insurgem a cada passo *fatos* de incontestável vernaculidade clássica, muitos dos quais vão igualmente fazer rosto ao eminente gramático alemão. Por exemplo : Não nos deixeis *cair* em tentação. — Deixai *vir* a mim os pequeninos. — Fazei-os *sentar*, são frases em que os infinitos — *cair, vir, sentar*, têm sujeito próprio, e podem ser substituídas por frases do modo finito, e, todavia, são pelos clássicos usadas no infinito impessoal. Notemos ainda, nos dois últimos exemplos de Herculano e de Castilho, a liberdade com que êles amenizam a monotonia das flexões pessoais, deixando de flexionar dois verbos (*acometer* e *dizer*) que tinham o mesmo motivo que os outros para se porem no infinito pessoal. Desta liberdade encontramos freqüentes exemplos nos clássicos. — Será, de certo, de utilidade suplementarmos estas regras gerais dos dois mestres com alguns conselhos especiais.

687. **Regras especiais :**

1. Tôdas as vêzes que o *sujeito* do infinito se relaciona ou pode relacionar-se com o verbo regente como *complemento objetivo* ou *terminativo*, emprega-se de preferência o *infinito impessoal*, não obstante as regras dos dois mestres :

Não *nos* deixeis *cair* em tentação (A. P.) — Deixai *vir* a mim *os pequeninos* (deixai-*os vir*) (Id.) — Fazei-*os sentar* (Id.) — Peço-*vos mandar* inscrever-me. — Provoca *os filhos* a *voar* (provoca-*os a voar*) (L. de S.) — Fazemos *trabalhar aos elementos* (A. V.) — Até o *sol* e a *lua* e as *estrêlas* não deixamos *estar* ociosos (Id.) — Dissera o dono do campo a seus criados que tratassem de meter a fouce, se vissem *estar os pães* sazonados (M. B.) — Obrigai-*nos* a *confessar* que sois amigos dos brasileiros (M. Alverne.) — Não *vos* ensinou a *temer* (J. F.) — Napoleão viu *seus batalhões cair.* — Obrigando-*os* por via de tormento a *restituir* aquilo que tinham ocupado (A. H.) — Mandou Rumecão *entrar quinhentos turcos* pelas minas do baluarte abrasado (J. F.) — Mandou-*os prender.* — Convida *os homens a perseverar* na continuação do pecado (A. V.)

Nota. — Chama o ilustre Dr. A. Freire da Silva a êste fenômeno *latinismo*, pois que êle se dá quando o sujeito do infinito tem fôrça de acusativo latino : *Sperare nos amici jubent* = nossos amigos nos mandam esperar. Não raro se encontra em bons escritores transgressão dêste princípio.

2. Exige a clareza a *forma pessoal* quando os infinitos preposicionais *precedem* aos verbos regentes, ou quando dêles se *distanciam* :

Verdades sem *trabalhares* e *padeceres* não as *verás* tu jamais (M. B.) — Foram dois amigos à casa de outro a fim de *passarem* as horas da sesta (Id.) — *Deixas* criar às portas o inimigo por *ires* buscar outro de tão longe (B. de Oliveira.) — Bem a ponto *acodem* os loiros, mestre, para vos *desenganarem* (A. C.) — *Bastam* os frios de Coimbra, para *satisfazerem* a vontade de meus amigos (A. V.)

Obs. — Melhor iria êste último exemplo no impessoal, segundo Sotero, a não ser que antepuséssemos o infinito : Para *satisfazerem* a vontade de meus amigos, *bastam* os frios de Coimbra. A mesma crítica aplicar-se-ia ao exemplo antecedente de Castilho. O fato é que reina neste ponto entre os bons escritores grande liberdade, e o critério seguro é a eufonia e a clareza.

3. Quando o infinito é regido da preposição *a*, em frases semelhantes às seguintes, deve-se empregar a *forma impessoal.*

As lágrimas *a cair-lhe* (A. C.) — E lá Entre-Douro-e-Minho aquêles cavaleiros *a pelejar* (Id.) — Enormes caldeirões *a ferver* (G.) — E tu *a reprovar* (C. C. B.) — Os santos *a prègar* pobreza, e *segui*-la em tudo; e eu que me meta em fausto. Os santos *a persuadir*-me humildade, e *meter*-se debaixo dos pés de todos ; eu que mostre brios e ufanias ! (L. S.)

Obs. — Tais locuções são variantes de verbos perifrásticos gerundiais: As lágrimas a cair = estão a cair ou caindo, etc. Há nesses exemplos a elipse do verbo regente que justifica a *forma impessoal*, tornando-a obrigatória, segundo *Grivet* : As lágrimas estão a cair, aquêles cavaleiros estão

ou estavam a pelejar, eram enormes caldeirões a ferver, etc. Apesar desta elipse, que mostra ser o sujeito do infinito idêntico ao do verbo regente próximo, encontram-se exemplos do pessoal: Sacos de farinha a *rolarem* (A. H.) — Futuros a *rasgarem-se* (C. C. B.) — Era a revolução e a democracia a *infiltrarem-se* em tôda a parte (L. C.) — E instantes dêstes a *perderem-se* (A. C.) — Pareciam serpentes negras a *colearem* pela ribanceira (C. C. B.)

4. Emprega-se geralmente a forma impessoal, quando o infinito preposicional é regido de substantivo ou adjetivo, do seguinte modo:

Estâncias de propósito *fabricadas para hospedar* os peregrinos (M. B.) — Afrontas *duras de sofrer*. — *Penas para escrever* cartas. — *Instrumentos para lavrar* a terra. — *Desejosos de alcançar* vitória. — *Destinados a conseguir* grandes coisas.

Nota. — Encontram-se muitas vêzes na forma pessoal, quando o infinito não tem sentido passivo: Olhos tão *cansados de a chorarem* ao longe (A. C.); porém — lições *difíceis de estudar* = de ser estudadas.

688. Como se vê, o emprêgo do infinito pessoal é assunto sôbre que não se pode dogmatizar. A única regra absoluta é talvez a seguinte: *Não se emprega o infinito pessoal, quando, sendo o sujeito idêntico ao do verbo regente, não é êle conversível no modo finito.* Exs.:

Queremos ser felizes	e nunca	Queremos sermos felizes
Podes falar	„ „	Podes falares
Deveis de estar cansados	„ „	Deveis de estardes cansados
Havemos de ser aprovados	„ „	Havemos de sermos aprovados.
Êles começaram por dizer a verdade	„ „	Êles começaram por dizerem a verdade.
Hás de ser	„ „	Hás de sêres
Podemos utilizar-nos	„ „	Podemos utilizarmo-nos.

Contudo, quando o infinito se distancia do verbo, mesmo no caso da regra antecedente, encontramos transgressões autorizadas. Exs.:

Miquéias, *devemos* nós ir pelejar contra Ramoth de Gallaad, ou *ficarmos* quedos (A. P.) — *Possas tu*, descendente maldito de uma tribo de nobres guerreiros, implorando cruéis forasteiros, *sêres* prêsa de vis Aimorés (G. D.) Neste último caso, o do contato imperfeito, *podem* ainda os órgãos fat res interceptar a passagem do ar em um ponto e *deixarem-na* livre no outro (Gonçalves Viana.) — Os conflitos *deviam* ser aí mais frequentes e *ligarem-se* de modo mais direto (A. H.)

Obs. — Não se podem tachar de erradas as seguintes frases: *Afirmavam* os zagais *terem visto* (A. H.), isto é, que *tinham visto*. — Assaz *mostraste sêres* cabal para dizer verdades (A. C.), isto é, *que és cabal*. — Dos vencidos tapuias inda *chorem serem* glória e brasão d'imigos feros (G. D.), isto é, *que sejam glória*... O mesmo não se pode dizer dos seguintes trechos: Não que *queiramos recomendarmo-nos* a vosso conceito (A. P.) — Devíamos de *satisfazermos* (F. M. M.) — Nos outros casos devem reger o gôsto literário o ouvido culto e o critério gramatical do escritor. A harmonia da frase e a clareza da expressão são as duas leis regulamentares do emprêgo *correto* do infinito pessoal. As *regras especiais* que aí ficam só têm valor à luz dêstes dois grandes princípios. As regras absolutas dadas pelos gramáticos são artificiais, não condizem com os *fatos* do idioma vernáculo e lançam a confusão no espírito dos escritores principiantes.

689. Particípios. São geralmente considerados dois os particípios em português: o *particípio passivo* ou do *passado* e o *particípio ativo* ou do *presente*. O nome de particípio lhes vem do fato de participarem da natureza do verbo, conservando a respectiva regência, e da natureza do adjetivo, modificando na frase um substantivo, p. ex.: *derramar agua* FERVENDO *sôbre a ferida* ABERTA *pelo ferro inimigo*.

Obs. — Os *particípios presentes latinos* deram em português as formas *ante, ente, inte* — *amante, movente, constituinte*, relativos à 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugação. Estas formas perderam o valor dos particípios: são meros adjetivos, tendo muitas delas passado para a categoria de substantivos: homem bem falante, coração amante, o *assistente*, o *crente*, o *constituinte*, o *lente*. No velho português tinha esta forma valor verbal, isto é, de particípio: Per'las ricas e *imitantes a côr* da aurora (C.) — Aníbal *passante os montes* Alpes (*Gr.* S. Barbosa.) — Mandou recados a certos Mouros *estantes* em Cananor (J. de B.)

690. Particípio passivo. O *particípio passivo*, também chamado *particípio passado* ou *perfeito*, é um adjetivo verbal variável: *filho amado, meninos queridos por seus professores*. Êle indica a *passividade* do *sujeito* ou *substantivo* modificado, com que concorda em gênero e número; assim, nos exemplos acima, *filho* e *meninos* são os recipientes ou pacientes da ação do verbo — *amar* e *querer*. Além disso, a sua fôrça verbal é conservada na regência do mesmo complemento que o verbo passivo rege, isto é, no fato de ter ou poder ter o agente da passiva regido da preposição *por* ou *de*: "filho *amado por seus pais*, ou *de seus pais*". Com os verbos *ser* e *estar*, forma o particípio passivo a conjugação passiva; assim um dos verbos,

p. ex. *julgar*, *condenar*, forma a conjugação da voz passiva com os tempos dos verbos *ser* e *estar* e com seu *particípio passado declinável* ou *particípio passivo*: *ser julgado*, *estar condenado* (227.)

691. Quando o particípio passado formava com os verbos *ter* e *haver* os *tempos compostos*, conservava, no velho português, seu valor *passivo* e *forma flexiva* ou *variável*, concordando com o objeto.

Cartas que êle *tinha escritas*. — A qual obra será posta no catálogo das *mercês*, que êste reino dêle *tem recebidas* (J. de Barros.)

E porque, como vistes, *tem passados*
Na viagem tão ásperos *perigos*,
Tantos climas, e Céus *exp'rimentados* (C.)

Do século XVI em diante operou-se importante fenômeno lingüístico: os verbos *ter* e *haver esvaziaram-se* de *sentido* e tornaram-se *auxiliares*, e os *particípios passados* adquiriram sentido *ativo*, imobilizando-se na forma indeclinável, a que muitos errôneamente chamam *supino*.

E' clara e importante a diferença que hoje fazemos nas seguintes frases: *Eu tenho escrito cartas* e *eu tenho cartas escritas*.

Nota. — No francês ainda se conserva o particípio passivo ativo variável, concordando com o *objeto* quando êste precede ao verbo: *La lettre* que j'ai *écrite*. — Não raro funcionam os particípios passados como meros adjetivos, sem fôrça verbal — *amados filhos*, *mortas esperanças*; e outros há que só como tais são usados: *completo*, *estreito*, *confuso* (248, 2.)

692. Independentemente dos tempos compostos com os *auxiliares ter* e *haver*, assumem, às vêzes, certos particípios passados sentido ativo, apesar de conservarem a forma variável da passiva. Dá-se-lhe, como em latim, o nome de particípios *depoentes*, isto é, com forma passiva e significação ativa. Exs.:

Acreditado	a,	os,	as,	que	tem crédito, reputação
Agradecido	,,	,,	,,	,,	agradece
Arriscado	,,	,,	,,	,,	arrisca
Arrufado	,,	,,	,,	,,	se arrufa
Atrevido	,,	,,	,,	,,	se atreve
Calado	,,	,,	,,	,,	cala

Cansado	a,	os,	as,	que	cansa
Comedido	,,	,,	,,	,,	tem comedimento
Confiado	,,	,,	,,	,,	confia em si, confiante
Costumado	,,	,,	,,	,,	costuma
Crescido	,,	,,	,,	,,	cresceu
Desconfiado	,,	,,	,,	,,	desconfia
Desesperado	,,	,,	,,	,,	desespera
Despachado	,,	,,	,,	,,	se despacha
Determinado	,,	,,	,,	,,	se determina
Dissimulado	,,	,,	,,	,,	dissimula
Engraçado	,,	,,	,,	,,	tem graça
Esforçado	,,	,,	,,	,,	se esforça
Fingido	,,	,,	,,	,,	finge
Lido	,,	,,	,,	,,	lê
Moderado	,,	,,	,,	,,	tem moderação
Ocupado	,,	,,	,,	,,	se ocupa
Ousado	,,	,,	,,	,,	tem ousadia
Parecido	,,	,,	,,	,,	tem semelhança com outro
Pausado	,,	,,	,,	,,	obra com pausa
Precatado	,,	,,	,,	,,	tem precaução
Presumido	,,	,,	,,	,,	presume de si
Recatado	,,	,,	,,	,,	tem recato
Sabido	,,	,,	,,	,,	sabe muito
Sentido	,,	,,	,,	,,	sente muito (qualquer injúria)
Sofrido	,,	,,	,,	,,	tem sofrido
Valido	,,	,,	,,	,,	tem valimento

693. Dá-se o mesmo fenômeno da *depoência* do particípio passado quando, por elegância, empregamos o verbo *ser* pelos auxiliares *ter* e *haver* com os verbos *intransitivos*:

São chegados os visitadores da cidade (A. P.) — Já cinco sóis *eram passados* (C.)

694. O *particípio perfeito ativo invariável* só se emprega com os auxiliares *ter* e *haver* EXPRESSOS; desde que esteja ELÍPTICO o *auxiliar*, é êste sempre o verbo *ser*, e o *particípio* tem sempre a forma *passiva variável*: "*Chegados* ao têrmo da viagem, completaram sua missão, isto é, *sendo chegados*, e não *tendo chegado*.

Obs. — Os particípios do futuro latinos em *urus*, perderam em português sua fôrça verbal e nos deram adjetivos terminados em *ouro*: *tempos vindouros, glória imorredoura, obra duradoura*. Tambem perdeu sua fôrça verbal o *particípio do futuro da passiva latina* ou o em — *andus* e *endus*, dando-nos *adjetivos* ou *substantivos*: — *ancião venerando, colendo tribunal*,

reverendo padre, razões despiciendas, coisa execranda, abominanda, memoranda ou *adoranda* ; *a leganda, as educandas, os examinandos, a vivenda, a oferenda.*

695. **Particípio ativo ou do presente.** O chamado particípio do presente ou, mais geralmente, particípio presente, como as outras formas nominais do verbo, tem obscura a noção de tempo ; e, não obstante a sua designação, pode indicar o presente, o passado e o futuro, conforme as circunstâncias da frase : *Vejo um pássaro voando, vi um pássaro voando, verei um pássaro voando.*

Êste particípio coincide etimológica e morfològicamente com o gerúndio, e dêle só se distingue funcionalmente : o particípio tem a função de um adjetivo verbal e o gerúndio a de um substantivo. No latim, como no velho português, êste particípio era constituído pelas formas em — **nte** (*amante, movente, pedinte, ponente*) : *mandou recados a certos mouros estantes em Cananor* (J. de Barros) — *per'las ricas e imitantes a côr da aurora* (C.)

No português moderno, porém, tais formas passaram para a categoria de meros adjetivos ou substantivos, e foram substituídas pelas formas gerundiais (*-ndo*). Apenas em algumas frases feitas, como — *temente a Deus, não obstante isso, salvante o caso,* conservam ainda tais formas seu valor participial. Arcaizado o particípio presente, passou o gerúndio a exercer suas funções.

Dada a identidade de formas e semelhanças de funções, dúvidas se levantam sôbre quando devemos encarar a forma gerundial em — *ndo* como particípio do presente, e assim dêle distinguir analìticamente o gerúndio em português. O estudo da evolução da língua leva-nos a restringir a função participial do gerúndio ao caso em que êste modifica um substantivo, que se acha em relação complementar na frase, como, p. ex. : *Meterão as vossas relíquias em caldeiras fervendo* (*in ollis ferventibus*) (A. V.) *Fervendo* aí se acha em relação *atributiva* para com o substantivo *caldeiras*, que é um *complemento* do verbo *meterão*, e equivale a *ferventes* (*in ollis ferventibus = em caldeiras ferventes*).

Verifica-se ainda a sua função participial atributiva, em ser conversível na cláusula *adjetiva* — *que ferviam* (*em caldeiras que ferviam*). O mesmo se dá com o seguinte passo de A. Vieira, em que o particípio modifica o objeto direto: *Ouvi a Isaías falando* (que falava) *com a mesma república de Jerusalém.*

Em suma, as formas verbais em — *ndo* devem ser consideradas como substitutas das formas — *nte* no português atual, isto é, os *gerúndios* devem ser considerados como *particípios do presente* tôda vez que modificarem um substantivo ou pronome complemento (*vi-o voando, vi uma águia voando, aquilam volantem*), e fôr conversível em uma cláusula *adjetiva* ou *relativa* (*vi uma águia que voava.*)

Contudo, o emprêgo atributivo do gerúndio, nos casos que acabamos de estudar, não tem o largo uso do particípio presente francês, e traz consigo algumas reservas, já de ordem estilística, já de ordem sintática, que convém atender. Alguns gramáticos, porém, levam o seu escrúpulo a ponto de só admitir o emprêgo participial ou atributivo do gerúndio na expressão popular — *água fervendo* = *água fervente.*

Os seguintes exemplos, porém, de abalizados escritores mostram que a língua se vale freqüentes vêzes da forma gerundial para exercer a função atributiva do particípio presente, sendo-lhes lícito empregá-la pela *cláusula adjetiva* ou *relativa.* Exs.:

O poeta é a própria nacionalidade *incarnando* num só homem, *respirando* um só espírito, e *soltando* por uma só bôca as expansões de sua glória (L. C.) — De repente um tinir de espada *roçando* pelas armaduras... veio distrair a atenção do trovador (A. H.) — Podemos ver ao longe contornos indefinidos, o vulto de Camões *meditando* e *carpindo* suas desditas na grande Macau (L. C.) — Fazemos o milagre de Anfião *arrastando* as pedras (C. C. B.) — Pare a terra gigantes *ameaçando* Jove (A. C.) — Mando que me tragas já um copo *transbordando* da sabida mistela (Id.) — Com os olhos *vagando* por êste quadro imenso e formosíssimo a imaginação tomava-me asas e fugia pelo vago indefinido das regiões ideais (G.) — Ouvindo Tobias, que era cego, a voz de um animalzinho *balando*, advertiu que acaso não fôsse furtado (A. V.) — Do lado do primeiro Adão *dormindo* foi formada Eva (Id.) — O quarto animal era semelhante a uma águia voando (*aquilae volanti*) (A. P.) — Fala do duque de Coimbra *recusando* a estátua (Garção, ap. C. C. B.) — Ao Infante D. Pedro não *consentindo* que se lhe levantasse uma estátua (Id., ib.) — Olha o Cione *morrendo* que suspira (C.)

Um a par doutro os vimos
(Nunca cheia a vontadinha)
Nadando, mergulhando,
Correndo à tona d'água (F. Elísio.)

696. Gerúndio. O gerúndio é uma forma nominal do verbo correspondente a um substantivo, como o particípio do presente é correspondente a um adjetivo. Morfològicamente e, não raro, sintàticamente, confundem-se, em português, o gerúndio e o particípio presente, tornando-se, por vêzes, difícil à análise discriminá-los. Por essa razão não distinguem muitos gramáticos entre gerúndio e particípio ativo, como já advertimos.

Tendo-se arcaizado o particípio do presente em *ante*, *ente*, *inte*, oriundo do particípio do presente latino, o gerúndio invadiu-lhe a esfera, como mostramos no parágrafo antecedente, sem perder, antes ampliando, as próprias funções. Deve servir-nos de critério na discriminação analítica de um e de outro o fato de ser o gerúndio um *substantivo verbal invariável*, e o particípio semelhantemente um *adjetivo verbal invariável*. Buscando assim na índole primitiva dêstes dois têrmos o seu caráter diferencial, verificamos que o gerúndio não só conserva em português o seu emprêgo latino, mas adquire outros, de sorte que, além de sua função participial, já estudada, podemos assinalar, pelo menos, quatro aspectos sintáticos do seu papel na frase vernácula.

1. Emprega-se o gerúndio em português, como em latim, para modificar o predicado gramatical ou o verbo, ajuntando-lhe uma circunstância, como, p. ex. : *Eles fortaleceram a conjuração nascente não crendo* (*conjurationem nascentem non credendo corroboraverunt*) (Cic.) — O gerúndio *crendo* (*credendo*) apresenta-se como um adjunto adverbial de modo do predicado *fortaleceram* (*corroboraverunt*.)

E' freqüente formarem-se com o gerúndio locuções verbais ou *vozes freqüentativas* ou *iterativas* e *incoativas*, auxiliado pelos verbos — *andar*, *estar*, *ir*, *vir* : *andar estudando*, *estar trabalhando*, *ir aprendendo*, *ir indo*, *vir vindo*.

Por semelhante modo, prende-se o gerúndio a outros verbos: *viver penando, morrer vencendo, acabar brigando, ficar chorando, levantar dançando, falar cantando, dormir roncando,* etc.

Nessas expressões verbais o gerúndio pode ser substituído pelo infinito preposicionado: *andar a estudar, estar a trabalhar, viver a penar, ficar a chorar,* etc. Escapam, porém, a esta substituição as vozes *incoativas* (*ir aprendendo, ir indo, vir vindo.*)

Importa, entretanto, observar que a forma gerundial sintética em — *estar caindo,* etc., diverge do sentido da forma analítica infinitiva — *estar a cair,* etc.: esta indica iminência da ação verbal, e aquela, atualidade. Exs.:

Já vêm os céus *estrelejando* (A. C.) — Enquanto indiferente a natureza vai *torcendo* no fuso o eterno fio (Id.) — Que belo assento em que eu me estou aqui *repetenando!* (Id.) — Marta vai *enfeitando* Margarida com jóias, enquanto esta se está *narcisando* ao espelho (Id.) — Há i uns que *calando* falam, e outros que *falando* calam (Heitor Pinto.) — E êsse também que me esquecia anda *bebendo* os ventos por mim (Jorge Ferreira.)

2. Emprega-se ainda o gerúndio como *predicado nominal* e, mais raramente, como *sujeito,* p. ex.: ÊLE ESTÁ LUTANDO *para vencer.* — *Seria satisfazer a vossos desejos* CALANDO-ME.

Não possuindo o gerúndio latino *nominativo,* é-lhe naturalmente estranho êste emprêgo subjetivo e predicativo do gerúndio em português. Podemos ainda a êste caso filiar o uso insulado do gerúndio: *Viajando* — *Meditando,* etc. Exs.:

E o modo com que êle toma êste tempo é não lho *dando* (A. V., ap. O. Mota, *Q. Filológicas.*) — Mas ... respondera que o partido havia de ser *tirando-lhes* a todos os olhos (Id., ib.) — Parece (perguntou Píndaro) que *nomeando* logo as pernas dos homens não será êrro (R. Lôbo, ib.) — Pois, atenciosos leitores, seria não corresponder a vossa reconhecida bondade, *omitindo-vos* a interessante nova ... (C. C. B., ib.)

3. Emprega-se ainda o gerúndio como *apôsto* ao sujeito da oração. Dá-se neste caso uma franca invasão do gerúndio português na esfera do particípio presente latino, p. ex.: *Tudo, vendo-me chegar, me perguntava por ela. Vendo,* que em latim seria o adjetivo-particípio (*videns*) com a função atributiva para com o sujeito (*Tudo*), guarda seu valor de substantivo-

gerúndio, como se vê pela preposição *em* que o pode reger: *Tudo, em me vendo chegar, me perguntava por ela* (A. C.)

Não obstante a sua função atributiva (como apôsto ao sujeito), conserva aí o gerúndio seu valor substantivo, denunciado pela preposição, que, em rigor, não rege adjetivo. Exs.:

Dessem-me uma capa de tal condão, que, em me *emboscando* nela, me visse por encanto em longes terras (A. C.) — Depois, *tirando* o chapeirão, cortejou a turbamulta por um e outro lado (A. H.) — A febre *havendo* entrado com grande vigor, não quer despir de todo (A. V.) — *Comendo* alegremente, perguntavam (C.) — O sol logo em *nascendo* vê primeiro (Id.) — (Pedro) em *tomando* do Reino a governança, a tomou dos fugidos homicidas (Id.) — Em *vendo* o mensageiro... lhe disse (Id.) — Mas, logo em não vos *vendo entristecida* se murcha (Id.) — Chega esfaimado um lôbo, *andando* a corsa (F. Elísio.)

4. Finalmente, emprega-se o gerúndio com o seu valor próprio de substantivo verbal, pelo particípio presente latino, no chamado, em latim, *particípio absoluto*, p. ex.: *Reinando Tarquínio veio Pitágoras para a Itália* (*regnante Tarquinio.*) — Como no caso antecedente, usurpou neste o gerúndio a função do particípio, conservando, entretanto, seu valor substantivo, revelado pela anteposição da preposição *em*: *Em reinando Tarquínio, veio Pitágoras para a Itália.*

Neste emprêgo, como no antecedente, a preposição *em* é facultativa, e, entre nós, limita-se o seu uso à língua culta. Exs.:

Frolalta, como ficava Antíoco, *em* te tu *vindo*? (C.) — Tudo quanto há na Capital do Pará, *tirando* as terras, não vale dez mil cruzados (A. V.) — *Em despontando* a aurora, adeus Bootes (A. C.) — Os Portuguêses *vendo* estas memórias, dizia o Catual ao Capitão (C.)

> Porém, já cinco sóis eram passados,
> Que dali nos partíramos, cortando
> Os mares nunca de outrem navegados,
> Prósperamente os ventos *assoprando*,
> Quando hua noite, estando, descuidados,
> Na cortadora proa vigiando,
> Hua nuvem que os ares escurece
> Sôbre nossas cabeças aparece (C.)

Obs. — Em seus interessantes *Estudos da Língua Portuguêsa*, pág. 95 — observa o Sr. Júlio Moreira que modernamente se manifesta grande tendência para largo emprêgo abusivo das formas do gerúndio. Assim,

continua o abalizado gramático, a cada momento se poderão lér frases como a seguinte : — uma casa tendo o n. 40, correspondente à expressão francesa — une maison portant le n. 40. Frases como esta serão expressas no português popular ou familiar, ou na linguagem literária não imbuída da construção francesa, do seguinte modo : — uma casa *que tem* o n. 40 ou uma casa com o n. 40.

Em seguida corrige êle as seguintes frases de Eça de Queiroz : uma vasta associação *tendo* por fim estudar, em vez *que tem por fim* — vultos escuros, *tendo* a vaga aparência de sêres humanos — por — *que têm a vaga* aparência ou *com a vaga* aparência. — E' difícil considerar Roma um ninho *balouçando-se* no ramo de um ulmeiro — por *a balouçar-se* no ramo de um ulmeiro. — Estas considerações do ilustre professor Júlio Moreira, sancionadas pelo seu discípulo, ainda mais ilustre, Leite de Vasconcelos, exageram certas reservas no emprêgo atributivo do gerúndio, e vão, como mostramos no parágrafo 695, contra o uso geral de bons escritores.

ADVÉRBIO

(272-276)

697. O advérbio tem por função na frase exprimir sintèticamente certas circunstâncias que modificam a significação do *adjetivo*, do *verbo* e do próprio *advérbio*. A prática fàcilmente ensina quais os advérbios que podem modificar o adjetivo, o verbo ou o advérbio.

698. Embora pôsto entre as palavras *inflexivas*, muitos advérbios são suscetíveis de *graus* de significação e se flexionam em grau e, até, em gênero, p. ex. :

Perto — mais perto — pertíssimo ou *muito perto — pertinho, longe — mais* ou *menos longe — longíssimo, muito longe — longinho, muito mais, pouquinho, poucochinho, cedinho, tôda molhada.* Existiu no português antigo o superlativo analítico *mui muito.*

699. A expressão *sinitética adverbial* pode, quase sempre, ser desdobrada em uma expressão *analítica* ou *locução*, p. ex. : *aqui = neste lugar, hoje = neste dia, sàbiamente = de modo sábio.* Vê-se que o advérbio se resolve, em geral, numa preposição com o seu complemento.

700. Aparecem, às vêzes, advérbios ou locuções adverbiais unidas na frase a *substantivos.* Dá-se isto :

1. Quando o substantivo, empregado indeterminadamente, se acha adjetivado:

Já és quase homem. — Sou *todo ouvidos.* — E' *muito verdade.*

Para exício da Líbia tornar-se-ia
A larga rei, belipujante povo (O. M.)

2. Com substantivos determinados

A vida assim é difícil de suportar. — *Sòmente Cabral* descobriu o Brasil. — *Até Bruto* ergueu-se contra César. — *Apenas êste menino* soube a lição. — *Minha residência aqui* é provisória. — A existência ou *não existência* (A. H.) — Sob pretexto de *não observância* das leis (Id.) — Subiu rio *acima.* — Neste caso o advérbio tem fôrça de adjetivo.

701. O ADVÉRBIO modifica não raro uma *locução adverbial* ou *adjetiva:*

Digo-o *muito de propósito.* — Reconheceria em mim o cavaleiro *mais capa em colo,* e maltrapilho de tôdas (as) Espanhas? (A. C.) — Amália e eu pacìficamente sentados *muito mão por mão* a uma sombra do jardim (Id.)

702. A terminação *mente* dos advérbios de modo foi outrora um substantivo feminino, que significava *intenção, modo, maneira,* como ainda se vê na locução — *de boa mente.* E' esta a razão por que se forma esta classe de advérbios da terminação *feminina* dos adjetivos, e por que, ainda, se pode suprimir êste sufixo, justapondo-o ao último, quando há mais de um advérbio: "Êle falou *sábia, erudita* e *eloqüentemente*". Por ênfase, conserva-se às vêzes a terminação em cada um: "Isto foi encomendado sem escarcéu, sem mistério, *chãmente, singelamente*" (A. H.)

703. Mau forma seu advérbio — *malmente* da forma *feminina* (*mal*) apocopada de *mala.* — De *português, francês, inglês,* etc., se formam — *portuguêsmente, francêsmente, inglêsmente.* Os adjetivos terminados em *ês* eram invariáveis em gênero no velho português, época em que se formou o advérbio, e por isso abre hoje esta classe de adjetivos exceção no processo formativo dêsses advérbios de modo. "Carta escrita em português e *portuguêsmente*" (A. C.)

704. O sufixo adverbial *mente* justapõe-se não só ao grau normal, mas aos superlativos, e, às vêzes, aos comparativos sintéticos :

Êle falou *belìssimamente*. — Devendo eu fazer hoje a minha defesa na tua presença, ó rei Agripa... me tenho por ditoso, *mormente* (por *maiormente*) sabendo que tu conheces tôdas as coisas, e os costumes e as questões que há entre os judeus (A. P.)

705. Não se devem confundir *melhor* e *pior*, comparativos dos advérbios *bem* e *mal*, com as formas dos comparativos dos adjetivos *bom* e *mau*, p. ex. : *melhor* (= mais bom) é o coração que a cabeça. — O que fiz, *melhor* (= mais bem) o sabes tu. — Quanto *pior*, melhor (advs.)

706. São geralmente preferidas as formas analíticas *mais bem* e *mais mal* às sintéticas *melhor*, *pior*, diante de um particípio passivo : — *mais bem feito*, *mais bem informado*, *mais mal escrito*. Todavia, não faltam autorizados exemplos das formas sintéticas : "...a demonstração de que sou hoje o que era então seja *melhor confirmada* pelos fatos" (A. H.) — "Santarém é das terras de Portugal *a melhor situada* e *qualificada* (Garrett) — "...para serem *melhor governados*." (A. de F.)

707. E' comum empregarem-se os adjetivos na forma masculina ou antes, neutra, como advérbios : *falou alto*, *cantou baixo*, *fere frio*.

708. **Aqui, aí, ali,** são advérbios demonstrativos de *lugar*. *Aqui* = *neste lugar*, relaciona-se com a 1.ª *pessoa*; *aí* = *nesse lugar*, com a 2.ª, e *ali* = *naquele lugar*, com a 3.ª. — *Cá* corresponde também à 1.ª *pessoa* — *Vem cá* (= *aqui*).

Nota. — Muitas vêzes *cá* é enfático.

Eu *cá* me entendo. — Também *cá* temos dêsses vilões ! (A. H.) — *Lá* e *acolá* correspondem ainda à 3.ª *pessoa*, porém indicam maior afastamento da 2.ª *pessoa* do que *ali* : Digo a um : Vai *acolá*, e êle vai ; e a outro : Vem *cá*, e êle vem (A. P.) — *Lá* dá por vêzes ênfase negativa à expressão: Ali ficava eu muito tempo a cismar. Em que? Eu sei *lá* (A. H.)

709. **Aquém** (= *da parte de cá*), **além** (= *da parte de lá*), são ainda advérbios demonstrativos de lugar : "Ir muito *além*, ficar *aquém*, *daquém* e *dalém*". — "Agarrou no seu fatinho, abalou por aí *além*".

710. Acima, abaixo, fora, antes, depois, além, pospõem-se, às vêzes, aos substantivos com suma elegância, exercendo função semelhante à dos adjetivos :

Êle seguiu rio *acima* e rio *abaixo*. — Êle saiu barra *fora*. — À mesma classe pertencem as expressões — *dias depois, dias antes* (= dias posteriores, dias anteriores), *mundo, além*.

711. Aliás é *advérbio de modo*. — "Disposição em que, *aliás*, tanto tinham insistido os representantes da França" (A. H.) Não raro funciona na frase como conjunção, p. ex. : Trabalha, *aliás* não conseguirás. — Rio, 2 de abril, *aliás* de maio.

712. Onde é advérbio pronominal *relativo* ou *conjuntivo*, com antecedente expresso ou latente : "A cidade *onde* nasci" : *cidade* é o *antecedente* do advérbio conjuntivo *onde*. — "Eu nasci *onde* tu nasceste", isto é, "Eu nasci *no lugar onde* tu nasceste" ; *lugar* é o *antecedente* implícito ou latente do advérbio *onde*.

Nota. — *Aonde*, em virtude da preposição *a* justaposta, indica movimento para algum lugar e *donde*, em virtude da preposição *de*, movimento de algum lugar : *Onde estou, donde venho* e *aonde vou* ou *para onde vou*, é o tríplice objeto da filosofia. Não se subordinam os nossos clássicos e alguns escritores modernos a estas distinções quanto aos advérbios *onde* e *aonde* : — *Aonde* os maus estavam temerosos (C.)

713. Quando, enquanto, como, são advérbios conjuntivos, vulgarmente incluídos entre as *conjugações*.

Nota. — Em geral emprega-se o *quando* no caso de referência a uma época vaga, p. ex. : Nesse quadro da vida, o moribundo só desata os braços e deixa fugir a esperança *quando*, no seu leito de agonia, a morte lhos faz pender para um e outro lado (A. H.) — Quando, porém, há um antecedente que indica com precisão o tempo, emprega-se *em que* : *no dia em que nasci*, e não — *no dia quando nasci*.

714. Agora, ora, são advérbios de tempo que vieram do substantivo *hora* e da locução latina *hac hora* (= nesta hora.) *Ora* não raro funciona como conjunção coordenativa. O mesmo acontece com *agora*, quando repetido :

Agora lhe pergunta pelas gentes
De tôda a Hispéria última, onde mora
Agora pelos povos seus vizinhos ;
Agora pelos úmidos caminhos (C.)

715. Não. Sôbre êste advérbio de negação cumpre observar:

1. E' êle muitas vêzes reforçado por si próprio ou por outras palavras negativas:

Não quero *não*. — *Não* digas *nada*.

2. Êste refôrço se efetua, não raro, na linguagem faceta do povo, com palavras diversas, que assumem o caráter de uma negação *figurada* ou *metafórica*:

Não sabe *patavina* de latim, *não* possui *pataca*, *não* vale *um real*, *não* lhe dou *um caracol*.

3. Não admite refôrço negativo antes de si: *Ninguém não nos veja*, porém — *Não nos veja ninguém*.

Nota. — *Nunca jamais* é uma negativa reforçada ou intensiva ainda vigente: Não vi coisa *nunca jamais* que tanto horror me produzisse como aquela carranca (A. C.)

4. Perde em certas frases seu valor *negativo*:

Quantos a esta hora *não* suplicam pão... — Dali não sairás até que *não* pagues o derradeiro ceitil (J. F. Almeida.) — ...até que *não* vendesse a própria pessoa, não a julgava a lei por impossibilitado à restituição (A. V.) — Até *não* me ouvirdes, não me condeneis (Id.)

5. *Pois não* e *pois sim* têm ambos valor negativo ou afirmativo, conforme o tom em que forem proferidos.

716. Meio. Esta palavra pode ser:

a) Substantivo: A virtude está no *meio*. *b*) Adjetivo: meio-*dia* e *porta meia aberta*, paredes *meias*. *c*) Advérbio: *Porta meio aberta*. *Porta meia aberta* quer dizer — *meia porta aberta*, *metade aberta*, e *porta meio aberta*, *um tanto aberta*. Chegaram aos ouvidos as estrofes *meio* zombeteiras, *meio* graves do ousado repreensor (L. C.)

Nota. — Com estas distinções modernas, nem sempre se conformavam os clássicos, p. ex.:

Uns caem *meios mortos* e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão (C.)

717. Muito, pouco, mais, menos, tanto, quanto, podem funcionar na frase como *adjetivos* e *pronomes indefinidos*, como *substantivos* e *advérbios de quantidade*. A função sintática é que lhes determina a categoria gramatical.

São sempre *advérbios* quando modificam *adjetivo* e *advérbio* ou *locução adverbial*:

Muito bom, muito bem, muito pouco ardor, *muito mais* gente, pátria *muito minha, muito sem cerimônia, tanto melhor, quanto pior.*

Também são *advérbios* quando modificam o verbo no caráter de *complemento acidental circunstancial*, p. ex.:

Êle *muito* (= em grande maneira, excessivamente) ama a seus pais. — Êle come *pouco* (= em pequena quantidade) para viver *muito* (= por longo tempo). — Êle corre *tanto* (= por tal extensão) *quanto* (= por qual extensão) pode correr.

Porém, desde que o verbo avoca intencionalmente tais palavras como *sujeito* ou *objeto*, passam elas para a categoria de pronomes adjetivos indefinidos (quantitativos), p. ex.: *Muitos* são os chamados e *poucos* os escolhidos. — Quem *muito* quer, tudo perde. — Quero-lhe *muito* (muito bem). — Quem *muito* abarca, *pouco* abraça. — Êle fêz (tudo) *quanto* (= quantas coisas) *quis*.

Nota. — *Tanto* e *quanto*, prendendo-se imediatamente à palavra modificada no grau normal, assumem a forma apocopada *tão* e *quão*: Salomão foi *tão sábio quão magnânimo*. — *Tão formosos quão negros* êstes (dias) em que a plebe peleja pela licença (A. H.)

QUANTO e QUÃO são *correlativos* (175) de TANTO e TÃO.

718. Muito tem formas gradativas: — comparativas = *mais* e *tanto*; superlativas = *muitíssimo* (arcaica = *mui muito*), *muito mais, tantíssimo*. **Pouco** possui comparativo = *menos*, superlativo = *muito menos, pouquíssimo*.

Obs. — Faz engano o eminente filólogo português Adolfo Coelho na análise da frase — *amar muito a alguém*. — A analogia, diz êle, tem também grande influência na sintaxe. Eis um exemplo interessante: na construção *amar muito a alguém*, *muito* pode ser gramaticalmente o regime direto (objeto direto), *a alguém* o regime indireto, como prova o conhecido exemplo *pelo muito que amava a seu filho*, no qual *que*, pronome relativo, é o objeta gramatical representando *muito* como nome. Essa construção resulta do influência da analogia do verbo *querer*.

Diz-se *querer bem, querer mal a alguém, querer muito bem, querer muito mal a alguém*, elìpticamente *querer muito* = *querer muito bem a alguém*. Assim *querer* e *muito* fixa-se no sentido de *amar* e ficou a construção determinada pelo caráter objetivo (gramatical) de *muito*; daí por analogia *amar muito* com a mesma construção (*A Língua Portuguêsa*, 3.ª edição, pág. 82.)

Na frase *pelo muito que amava a seu filho*, QUE não pode ser *objeto* de *amar*, por avocar a si essa função manifestamente o têrmo — A *seu*

filho, como se vê substituindo-o pelo pronome acusativo — *pelo muito que o amava.* A ausência da preposição que lhe dá essa aparência pode explicar-se por uma elipse: *pelo muito* COM *que amava a seu filho, pelo muito amor* COM *que amava a seu filho.* A elipse da preposição antes de *que* é comum: *há muito* QUE *moro aqui* = *há muito* DESDE QUE *moro aqui; há mais de sessenta anos* QUE *nasci* detrás daquele penedo (F. R. L.) = DESDE QUE *nasci;* já cinco sóis eram passados QUE *dali nos partíramos* (C.) = DESDE QUE *dali*...; *lembra-te* QUE *és pó* = DE QUE *és pó.* — Na frase — *amar muito* (= com muito amor a *alguém*), *muito* é *advérbio* ou *adjunto adverbial,* e *a alguém* é o *objeto;* a presença da preposição A não lhe tira o caráter de regime direto (404), como prova a construção: *amá-lo muito.* Em — *querer muito a alguém, muito* é pronome adjetivo indefinido e objeto, e *a alguém* complemento terminativo, como se prova com a substituição pronominal: querer-LHE muito (*bem.*) A presença do dativo LHE neste caso e a do acusativo no outro indicam que não houve influência analógica dêste para aquêle.

719. Só pode ser *advérbio* e *adjetivo.*

E' ADVÉRBIO quando é conversível em = *sòmente, ùnicamente,* e ADJETIVO quando é conversível em = *sòzinho, único.* A tendência é fixar-se como *advérbio,* quando *anteposto* ao substantivo modificado, e como *adjetivo,* quando *posposto.* Modificando um verbo, é sempre advérbio. Exs.:

1. *Só* Colombo descobriu a América = *sòmente* (advérbio.)
2. Colombo, *só,* descobriu a América = *sòzinho* (adjetivo.)
3. Colombo *só* descobriu a América = *ùnicamente* (advérbio.)
4. Colombo descobriu *só* a América = *ùnicamente* (advérbio.)
5. Colombo descobriu, *só,* a América = *sòzinho* (adjetivo.)
6. Colombo descobriu a América *só* = *sòzinha, única* (adjetivo.)

O homem é salvo *só* pela fé, porém não pela fé *só.*

As vírgulas nos exemplos 2 e 5 clareiam a referência e determinam a classificação. Como adjetivo, *só* varia em número:

Elas estão sós. — Fitar-nos-emos em *sós* alguns quadros (A. C.)

Os Naires *sós* são dados ao perigo
Das armas: *sós* defendem da contrária
Banda o seu Rei (C.)

720. Repete-se o advérbio quando se quer dar *intensidade* à idéia:

Aqui! Aqui! Lançar-te *já já* aos pés do Mestre! (A. C.)

721. Onde, aqui, aí, assim, então, quando, etc. chamam-se *advérbios pronominais*, por exercerem a função de pronome, lembrando nome antecedente ou latente.

722. Além dos *advérbios* e *locuções adverbiais latinas* já mencionadas (276, 2) são correntes ainda em nossa literatura as seguintes:

A priori, á posteriori, vice-versa, ipso facto, per fas et per nefas, ex-professo, mutatis mutandis, currente calamo, ibidem, ad referendum, in perpetuam, exempli gratia, inter pocula, ex-corde.

PREPOSIÇÃO

(277-279)

723. **Preposição** é uma palavra *conectiva*, que relaciona sempre na frase dois têrmos, um *antecedente*, que é o seu têrmo *regente*, e outro *conseqüente*, que é o seu têrmo *regido* ou *complemento*.

A preposição não indica simples relação de nexo, mas também *circunstâncias adverbiais*, diferençando-se dos *advérbios* apenas pelo seu caráter *conectivo*.

724. As PREPOSIÇÕES ligam sempre complementos a seus antecedentes, devendo, na ordem direta ou analítica, colocar-se entre os dois têrmos:

As palavras compostas são um *favo* DE *mel*. — *A doçura* D'*alma* é a *saúde* DOS *ossos* (A. P.).

O *têrmo conseqüente* deixa raramente de vir imediato à preposição de que é complemento; o *antecedente*, porém, freqüentes vêzes deixa de preceder imediatamente a preposição que êle rege:

Para quem não tem juízo os maiores bens na vida se *convertem* em gravíssimos males (M. M.)

Os têrmos relacionados pela preposição *para* são *convertem* e *quem*, sendo êste o *conseqüente* e aquêle o *antecedente*, devendo dizer-se na ordem analítica: Os maiores bens da vida se *convertem* PARA *quem* não tem juízo em gravíssimos males.

725. Apesar do número relativamente diminuto de nossas *preposições*, pois Soares Barbosa apenas conta dezesseis pròpria-

mente ditas, são variadíssimas as relações que elas indicam, e só o trato constante dos bons autores nos pode habituar ao manejo correto, elegante e vívido dessas importantes *partículas*.

Tôdas essas *relações*, porém, se reduzem, segundo o gramático acima citado, a duas classes : — PREPOSIÇÕES DE ESTADO OU EXISTÊNCIA e PREPOSIÇÕES DE AÇÃO OU MOVIMENTO.

726. Uma mesma preposição, porém, pode indicar o *estado* com um verbo de *quietação* : — "Êle está à janela", e *ação* com um verbo de *movimento* : "Êle foi à cidade".

727. Se uma mesma preposição pode indicar relações diversas, duas ou mais preposições podem indicar a mesma relação ou relações semelhantes :

Conhecido POR *êle ou* DÊLE ; *cercado* POR *soldados* OU DE *soldados* ; *estar* DE *pé* OU EM *pé*.

728. Como acontece com o artigo, é de rigor a repetição da preposição que rege têrmos coordenados, quando êstes têrmos são *contrastados*, *discriminados* ou *enfáticos*, p. ex. :

Êle trabalha *de* dia e *de* noite, *na* cidade e *no* campo, *na* saúde e *na* doença, *na* prosperidade e *na* adversidade. — A vida *do* homem e *do* animal. — Então os desprezos, as ignomínias, os maus tratos... caíram sôbre sua cabeça humilhada, cerrados como granizo, *sem* piedade, *sem* resistência, *sem* limite (A. H.)

729. A, para. Além de outras relações que lhes são peculiares, exprimem ambas estas preposições a relação comum de movimento para alguma parte. Exs. :

Dirigir-se *ao* mar ou *para* o mar. Com o verbo *ir* nota-se diferença entre as duas preposições, p. ex. : Vou *à* Europa, vou *para* a Europa. Vou *à* Europa significa *ir para voltar*, e — Vou *para* a Europa significa *ir para ficar lá*.

730. A preposição **a**, pedida pelo têrmo antecedente, funde-se com o artigo **a**, pedido pelo conseqüente, ou com o pronome demonstrativo **a**, formando a *crase*, assinalada pelo acento grave e exigindo mais fôrça na *prolação*. Exs. :

Êle chegou *às* duas horas. — Êle se veste *à* francesa (= à moda francesa). — O chão pintado à flamenga (G.) (= à moda flamenga.) — Ela calça *à* Luís XV (= à moda de Luís XV.) — Mal vai a casa onde a roca manda *à* espada (Prov.) — Bradar *às* armas, beber *à* saúde de alguém, correr *à* revelia, viver *à* míngua, *à* fé de cavaleiro.

Quando o conseqüente não pede o artigo, não há *crase*: "Ferir *a* bala, *a* cacete, *a* chumbo"; "tendendo *a* côr de cinza" (G.) — "Comem *a* dois carrilhos" (A. de F.) Porém para evitar a confusão da preposição *a* com o artigo *a*, confusão que traz ambigüidade à frase, é, por vêzes, necessário acentuar-se a *preposição*, quando o seu conseqüente é substantivo feminino. Exs.:

Floriano Peixoto declarou que receberia a intervenção estrangeira *à bala*. *Bala* nesta locução adverbial não tem artigo, é tomada indeterminadamente; entretanto, a ausência do acento poderia trazer confusão, fazendo da expressão — *à bala* o complemento objetivo de *receberia*, em vez de complemento circunstancial, que é. Além disso, a legenda — *À bala* ninguém a escreveria sem acento. — As frases — Matou *a fome*, matou *a fome* a Pedro e matou *à fome* a Pedro, têm sentidos diversos, indicados pela preposição acentuada.

Desta necessidade eventual generalizou-se a praxe de acentuarem muitos escritores a preposição quando o seu conseqüente é um têrmo feminino. Exs.:

Entregara *à* espada seu povo (L. S.) — Os seus valentes postos *à* espada (A. H.) — Comem lôbos *à* sôfrega (F. Elísio.) — Foi *à* pata até Belém! (Aulete.) — Valha-nos S. Tiago! *à* uma os cavaleiros dizem (G.)

731. Em. Esta preposição é de estado e indica lugar onde: "Mora *na* cidade". E' incorreto fazê-la indicar lugar *para onde*: "Vou *na* cidade" em vez de — "Vou à cidade". Todavia aparece, às vêzes, regida de palavras de movimento, quando no lugar *para onde* se associa ao espírito o lugar *onde*:

Êle lançou-se *no* mar ou *ao* mar, traduzir *em* português ou *a* português, ir de casa *em* casa, passar de mão *em* mão, cair *em* ruína, dar *em* pantanas. — Passando *em* África todo o poder e nobreza dêste reino, a sepultou com sua pessoa nos campos de Alcácere (L. S.)

Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu (C.)

Nota. — Os dois últimos exemplos não são para imitar, por arcaicos. A preposição *em* não se contrai com o pronome oblíquo e anteposto ao verbo: — *Em* o vendo. — Êle se comprazeu em *os* deter. Nos outros casos não é sempre de rigor a contração: *Em* a nova época, *em* o novo ano.

732. Por, per. Eram de uso diverso estas duas preposições nos velhos textos de nossa língua. Correspondia *por* à

preposição *pro* latina, e *per* à preposição *per* da mesma língua. Houve confusão entre elas e recíproca invasão de sentido, de sorte que, no uso atual da língua, se emprega *per* sempre que se lhe segue o artigo, com o qual se contrai : — *pelo, pela, pelos, pelas*, e ainda na locução — *per si, de per si, de per meio*. Sôbre elas escreve José da Fonseca:

Há diferença entre as preposições PER e POR. *Per* indica o *agente*, o *meio*; e *por* denota o *objeto*, o *motivo*, etc., como em francês *par* e *pour*. Os modernos escritores confundem estas preposições, e, ignorando êste princípio lógico, cometem anomalias absurdas. O nosso ilustre Hierônimo Osório, em uma de suas cartas, dá-nos um exemplo assaz notório da diferença das sobreditas preposições, e numa só frase : E viu o rei que as pessoas *per* que se governa el-rei, eram da Companhia, de sua cevadeira e feitas *per* ela, e *por* ela e *para* ela ser tudo em tudo.

A despeito, porém, destas observações, a confusão das duas preposições é infelizmente fato consumado. Foi debalde que o Sr. Santos Saraiva procurou modernamente restaurá-las a seu uso primitivo na sua tradução dos Salmos, a *Harpa d'Israel*: "Oxalá Israel tivesse andado *per* meus caminhos."

Contràriamente ao que se dá com as preposições *por* e *de*, *per* pode contrair-se eufônicamente com o pronome *o* anteposto ao verbo no infinito, p. ex. :

Fazem *pelos* merecer (A. de F.) — Forcejam *pelo* explicar (A. C.) — Verdades... que *pelos* ver confusamente, o levaram a inferências opostas (L. C.) — Um momento depois *pela* não ter ouvido (Garrett.)

733. **Até.** E' *advérbio*, no sentido de *ainda, mesmo* :

Disse, *até*, que não iria. E' *preposição* quando ata dois têrmos : Sê fiel *até* o fim. — *Até* a morte, pé forte. — O abade abaixou-se, animou-o *até* si (A. H.) — Esta legislação vigorou no império do Oriente *até* o reinado do imperador Leão VI (Id.)

Quando preposição, usam muitos escritores pospor-lhe a preposição *a* :

... Não tardará muito que eu vá dar um passeio *até ao* outro mundo sem tenção de voltar (A. H.) ... desde a foz do Minho *até à* foz do Guadiana (Id.). — *Até ao* mar. — *Até à* França (*Dic.*, Cons.).

Nota. — Acha Morais isto desnecessária redundância : impugna-lhe, porém, Constâncio, dizendo que a eliminação da preposição *a* podia trazer confusão com o advérbio. Observa Aulete que os clássicos não empregam a preposição *a* depois da preposição *até*: Vendo ora o mar *até* o

inferno aberto (C.) — Epifânio Dias escreve: Até o séc. XVII sempre se disse *até*, e não (com a preposição *a*) *até a*; no séc. XVII principia a aparecer *até a*.

734. **Segundo, conforme, consoante,** são preposições derivadas impròpriamente de adjetivos (311, 4), tôda vez que ligam palavras, p. ex.:

Fazer *segundo, conforme* ou *consoante* o modêlo. *Levantarás* o tabernáculo *conforme* o modêlo, que te foi mostrado no monte (P. A.)

Nota. — Conforme acontece com *até*, pospõem alguns a preposição *a* às preposições *conforme* e *consoante*: E percebia-se de acompanhamento *conforme a* seu estudo (L. S.). — *Conforme a* êstes exemplos (*A. de Furtar.*)

Obs. — Quando o segundo têrmo ligado é uma *proposição*, essas palavras passam para a categoria de *conjunção*: Êle fêz *segundo, conforme, consoante* foi mandado.

735. **Durante, tirante, salvante** e **exceto** são formas nominais de verbos, imobilizadas entre as preposições, e como tais são empregadas. São arcaicas as formas flexionadas — *excetos* e *excetas*, ainda usadas pelo Pe. A. Vieira.

736. São ANTÔNIMAS as preposições que indicam relações opostas: *com* e *sem*, *sob* e *sôbre*, *ante* e *trás*.

CONJUNÇÃO

(280-287)

737. A **conjunção,** como a *preposição*, é uma palavra *conectiva*; porém é ela uma *conectiva proposicional*, ao passo que a preposição é uma *conectiva vocabular*; quer isto dizer que a *conjunção* se interpõe entre proposições ou períodos, e a *preposição* entre dois vocábulos ou têrmos, para ligá-los.

Quando as *conjunções* parecem ligar têrmos ou palavras, ligam de fato *orações* ou *proposições elípticas*:

A verdade *e* o azeite andam à tona d'água, isto é, a verdade anda à tona d'água *e* o azeite anda à tona d'água. — Comi uma laranja *e* uma maçã, isto é, comi uma laranja *e* comi uma maçã.

738. Casos há, entretanto, em que a *conjunção* invade, de fato, o terreno da *preposição*, assumindo-lhe a função de ligar palavras que não podem desdobrar-se em proposições:

Pedro *e* Paulo são irmãos. — Dois *e* dois são quatro. — Misturar alhos *e* bugalhos.

739. De dois modos, como vimos, ligam as *conjunções:* ou coordenando as proposições, ou subordinando a segunda à primeira: daí as duas classes — COORDENATIVAS ou *primeira classe,* e SUBORDINATIVAS ou *segunda classe.*

740. E. E' simples *aproximativa,* indica mera relação de nexo; por isso é comumente suprimida, sem ofensa do sentido, em uma série coordenada e só é expressa entre o penúltimo e o último têrmo, p. ex.: "Sócrates, Platão *e* Aristóteles são filósofos gregos de nomeada".

Quando, porém, queremos pintar com viveza uma certa aglomeração de coisas, é de belo efeito torná-la expressa entre os membros da série, p. ex.:

Porém da gente de guerra e hostes e de arrancada e de cavalaria e de besteiros e de frecheiros e de ases e de trons e engenhos, disso sei eu mais a dormir do que vós acordado, mestre João das Regras (A. H.)

Nota. — A tradução latina chamada *Vulgata,* bem como as traduções vernáculas da Bíblia, conservam a superabundância desta partícula existente no original. Daí o chamarem alguns autores de estilo bíblico à exuberância desta conjunção.

741. Também funciona como conjunção, quando liga duas orações: "Êle vai, *também* eu irei". — Entra muitas vêzes como refôrço das conjunções *mas, porém, senão:* "Não só êle, *mas também* eu". — E' freqüentes vêzes advérbio: "Se amas a êste, ama *também* aquêle". — "De Egas Muniz, a lealdade e honra aqui *também refere*".

Não se confunda *também* com *tão bem,* mera locução adverbial: "Êle portou-se *tão bem,* que mereceu louvores".

742. Nem. Esta conjunção coordenativa pode ser APROXIMATIVA e DISJUNTIVA. Como *aproximativa* equivale a *e não,* e liga frases negativas: "Não ata, *nem* desata". Como *disjuntiva* ela não só se repete, mas separa as idéias: "*Nem* um, *nem* outro será escolhido". — "*Nem* para trás, *nem* para diante". — "Ninguém lho disse, *nem* diz".

743. A aproximativa NEM só em certos casos enfáticos deixa de ligar frases negativas:

E' a maior cousa que se pode dizer, *nem* imaginar (A. V.)

NEM é, às vêzes, advérbio:

Nem a todos dá o túmulo a bonança das tempestadas do espírito A. H.) — *Nem* por sombras. — *Nem* por isso.

744. Que nem = *como:*

"O erudito fez-se vermelho, *que nem* uma romã" (R. da Silva.)

745. Mas, porém, senão. São coordenativas *adversativas*, pois indicam oposição entre o coordenante e o coordenado. PORÉM distingue-se de MAS em indicar oposição mais forte e em poder ser *pospositiva*, isto é, em poder pôr-se *depois* do têrmo coordenado, ao passo que *mas* é sempre *prepositiva*, vem sempre antes do coordenado; às vêzes se repete por ênfase. Exs.:

E' bom, *mas* não o parece. — A civilização, *porém*, que suavizou a rudeza dos bárbaros, era uma civilização velha e corrupta (A. H.) — Tirano injusto, *mas* forte, *mas* audaz (A. C.)

Nota. — E' *arcaico* e *plebeu* o emprêgo conjunto de *mas porém*: *Mas porém* quando as gentes Mauritanas... (C.)

SENÃO exprime contraste com frase negativa.

Assinavam não como testemunhas, *senão* como consentidores (L. S.) — Porque debaixo das lorigas dos cavaleiros não havia *senão* ânimos gelados (A. H.)

746. Senão quando equivale a *porém quando menos se esperava;* é advérbio:

Senão quando à vista de ambos os campos se apresenta da nossa parte um cavaleiro (L. S.)

Nota. — Não se confunda *senão* com *se não* (*conjunção* e *advérbio*). Eu irei *se não chover*. A preposição *com* na afirmativa e *sem* na negativa têm elegantemente o valor de *adversativas* com orações de verbo no modo infinito: *Com ser* escravo, tinha pensamento d'homem livre (F. de Morais.) — *Sem ser* escravo, obedecia.

747. Logo, pois. São coordenativas *conclusivas*. LOGO é *advérbio* quando modifica o verbo — *Êle veio logo;* é *conjunção* quando indica na proposição coordenada uma ilação ou conclusão da coordenante: "*Êle veio, logo* não ficou".

Pois é *conclusiva* quando *pospositiva*:

O claustro acercou-se, *pois*, do povoado (A. C.) — Tu choraste? *Pois* meu filho não és! (G.) — Eu creio que o senhor chamou: *pois* não chamou? (A. C.)

Nesta acepção é mais comumente pospositiva.

Quando prepositiva, é, em geral, *continuativa*:

Pois, meu menino, sou por dizer-lhe que acertou com a porta (A. C.) — E' às vêzes advérbio: — *Pois sim*, *pois não*, e entra, não raro, em *locuções interjetivas*: — *Pois que!* *ora pois!*

748. Que. São variadíssimos os aspectos analíticos que assume esta conjunção:

1. E' ela *coordenativa aproximativa*, equivalente a *e* nas seguintes frases:

Mêdo é que guarda a vinha, *que* não vinhateiro. — Uma hora cai a casa, *que* não cada dia. — Dize-me com quem andas, *que* eu te direi quem tu és. — Mexe *que* mexe. — A mim *que* não a êle compete fazê-lo!

2. E' *subordinativa integrante* nos seguintes casos:

a) Quando liga o *objeto* ao verbo transitivo: Quero *que* estudes.

b) Quando liga o *sujeito oracional*: E' certo *que* todos desejais o descanso; é certo *que* todos o buscais com grande trabalho por diversos caminhos, e *que* não o achais (A. V.)

c) Quando funciona como correlativo de palavras de *comparação*: — *mais*, *menos*, *tão*, *antes*, *primeiro*, *igual*, *tanto*, *outro*, etc. Exs.:

Mais vale ciência intelectual, *que* riqueza mineral. — Não subas *tão* alto, *que* a queda seja mortal. — Não *tanto amém*, *que* se dane a missa. — Nem *tão* bom *que* o papem as moscas. — *Primeiro que* Filipe te chamasse, te vi eu quando estavas debaixo da figueira (A. P.) — No mesmo ponto ficou totalmente mudado e *outro* do *que* era (A. V.) — Cantam *que* nem uma sereia (A. C.), isto é, cantam tão bem que nem uma sereia canta assim. — Não pude *tanto* pecar *que* mais não pudésseis perdoar (Aulete.) — A justiça não é *outra* coisa *que* uma perpétua e constante vontade de dar a cada um o que merece (A. V.) — Ficou nesta côrte com *igual* opinião de orador *que* de político (Id.) — *Antes* sejamos breve *que* prolixo (J. de Barros.)

Nota. — Autoriza o uso empregar-se também *do que*: — Antes corrigir *do que* punir. Êste uso veio provàvelmente da confusão com a velha ligação comparativa *de*: Por que razão está hoje o vosso semblante mais triste *do* costumado? (A. P.) Esta forma em *de*, ainda vigente com os numerais — maior *de* 21 anos, ter-se-ia misturado com a forma *que*, e teria dado origem a *do que*.

d) Quando elegantemente prende uma oração com o verbo no subjuntivo a uma outra negativa:

Ninguém foi visitá-la, *que* não a encontrasse ocupada. — Para nenhum lado se volviam os olhos, *que* não encontrassem objeto de horror. — Nunca deu a sua palavra *que* não a cumprisse.

e) Em frases *imperativas* e *optativas*:

Que venham! — *Que* me dêem algum alimento (A. H.)

3. E' *subordinativa temporal* depois de alguma circunstância de tempo:

Há mais de sessenta anos *que* nasci de trás daquele penedo (F. R. L.) — Foi então *que* nós dissemos isto (Aulete.) — Porém já cinco sóis eram passados, *que* dali nos partíramos (C.)

4. E' *subordinativa causal*, quando empregada em vez de — *porque, visto que*:

Não mais, Musa, não mais, *que* a lira tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida (C.)

5. E' *subordinativa final*, quando empregada em vez de — *para que*:

Ali com o amor intrínseco, e vontade
Naquele por quem morro, criarei
Estas relíquias suas, que aqui viste
Que refrigério sejam da mãe triste (C.)

6. E' *partícula expletiva*, mera partícula de *realce*, nas seguintes expressões:

Certamente *que* irei. — Oxalá *que* êle vá. — Quase *que* enlouquece (E. Dias.) — Certo *que* não sei eu outra (F. R. Lôbo.) — Desde o alvor da manhã *que* vos procuro (G.) — Oh! *que* é muito (A. H.) — Que inepto *que* fui! (Id.) — Quão formosos *que* foram (S. Passos.)

Quantos montes então *que* derribaram
As ondas que batiam denodadas! (C.)

Nota. — Como partícula de *realce* aparece ainda na expressão expletiva *é que*: Eu *é que* não quero, nós *é que* não queremos, êles *é que* não querem. Êste idiotismo de nossa língua só se dá com a 3.ª pessoa do presente do indicativo, pois não se diz: Eu *foi que* não quis, nem: Tu *era que* não querias. — Entretanto, poder-se-á dizer: *Eu fui que* não quis, ou — *o que* não quis, *fomos nós que* ou *o que* não quisemos, etc. (458.)

749. Apenas, mal, deixam de ser advérbios, e tornam-se conjunções *subordinativas temporais*, quando atam duas orações. Exs.:

Êle saiu, *apenas* eu *cheguei*. — *Mal* desembarcou na Bahia, começou êste a estudar os primeiros rudimentos e humanidades (J. F. Lisboa.) São advérbios nas seguintes frases: Êle *apenas* atingiu a média. — Êle *mal* pode desembarcar. — Vós andastes *mal*.

750. Em que (= ainda que.) E' ainda vigente esta locução conjuntiva na frase: Em que *pese a F., farei isto ou aquilo*. Era de mais amplo uso no século de Gil Vicente:

Em que eu seja lavradora
Bem vos hei de responder (G. V.)

Nota. — E' arcaico e vai sendo evitado pelos escritores modernos o uso pleonástico de duas conjunções ligando as mesmas proposições como — *mas porém, e porém, mas contudo, e contudo, e mas, e nem.*

INTERJEIÇÃO
(288-291)

751. Interjeição é um brado subitâneo.

E' mais um grito instintivo animal, do que uma palavra — dizem alguns gramáticos — e, portanto, está fora da esfera gramatical. Seja muito embora um grito animal é, porém, grito de animal racional, e, se não exprime uma *idéia*, exprime um *pensamento*, é uma palavra sintética: não está, pois, inteiramente fora da alçada gramatical.

Mas, por isso que é a expressão rápida e apaixonada do pensamento, pouco se subordina a regras gramaticais, e muito pouco tem a gramática que dizer sôbre ela.

752. A interjeição, sendo a expressão sintética de um pensamento, deve encerrar uma oração *implícita*, que é o desdobramento dêsse pensamento, sua expressão analítica. Exs.:

Ai! = tenho dor. — Aqui d'el-rei = acudam aqui os oficiais do rei. — Cáspite = eu aplaudo ou admiro.

753. A conjunção que aparece como partícula expletiva depois de várias interjeições.

Aqui d'el-rei! aqui d'el-rei! *que* me mataram! (A. H.) — Oxalá *que* êle venha! — Oh! *que* é muito! (Id.)

IV. Da pontuação

754. Os sinais gráficos usados na escrita são de três categorias:

1. *Abreviaturas.*
2. *Notações ortográficas* ou *léxicas.*
3. *Notações sintáticas* ou *lógicas.*

Já estudamos as duas primeiras categorias, resta-nos tratar da terceira, que é a que se chama pontuação.

Nota. — As notações ortográficas ou léxicas são chamadas *sinais diacríticos*, o que vale dizer — sinais discriminantes, porque servem para discriminar o valor fonético ou prosódico das letras.

755. **Pontuação** é o conjunto dos sinais gráficos ou notações que têm por fim discriminar os diversos elementos sintáticos da frase, mirando a clareza, as pausas e modulações próprias na leitura.

Os sinais da pontuação são de TRÊS ESPÉCIES (Ayer.)

1. NOTAÇÕES OBJETIVAS: *Vírgula* (,), *ponto e vírgula* (;), *dois pontos* (:), *ponto final* (.)

2. NOTAÇÕES SUBJETIVAS: *Ponto de interrogação* (?), *ponto de exclamação* (!), *pontos de reticência* (...), *parênteses* ().

3. NOTAÇÕES DISTINTIVAS: *Aspas* ou *vírgulas dobradas* (" "), *travessão* (—), *parágrafo* (§), *chave* ({.)

Obs. — A teoria da pontuação é vária, e no seu uso não há uniformidade entre os nossos escritores. Uns têm pontuação mais forte e abundante, outros mais frouxa e apoucada. Salvo alguns poucos casos, não há regras absolutas. Do uso vário dos bons escritores, tiramos as que nos parecem mais aceitáveis. Com a invenção da imprensa é que as notações sintáticas se foram definindo e multiplicando até chegar ao estado atual. Nos velhos documentos vernáculos anteriores ao século XVI, tôda a pontuação consistia no uso irregular da *coma* (dois pontos), do *cólon* (ponto), das *vergas* ou *vírgulas*. Dos clássicos pouco seguras, em geral, seriam as regras da pontuação que pudéssemos induzir. A pontuação tem por fundamento, segundo Beauzé, os seguintes princípios: 1.º a necessidade de respirar; 2.º a distinção dos sentidos parciais, que constituem um discurso; 3.º a diferença dos graus de subordinação, que convém a cada um dêsses sentidos parciais no conjunto do discurso (*Apud.* E. Carneiro.)

NOTAÇÕES OBJETIVAS

Vírgula

756. A VÍRGULA (,) indica uma pequena pausa na leitura, e emprega-se:

1. Para separar, em geral, todos os MEMBROS COORDENADOS ASSINDÉTICOS da proposição:

A água, o fogo, o ar, a terra, constituíam os quatro elementos dos antigos.

Era *feio, medonho, tremendo,*
O' guerreiros, o espetro que eu vi

Que faz o requerente nos tribunais, *pedindo, alegando, replicando, dando, prometendo, anulando*? Busca pão (A. V.)

A luz, em sua natureza, é uma qualidade *branda, suave, amiga* (Id.)

Contra unhas, contra dentes, vinham salvos-condutos (F. E.)

Finalmente os mesmos vícios nossos nos dizem o que é a alma: *uma cobiça* que nunca se farta, *uma soberba* que sempre sobe, *uma ambição* que sempre aspira, *um desejo* que nunca aquieta, *uma capacidade* que todo o mundo a não enche (A. V.)

Nota. — Não se põe a *vírgula* antes e depois do último membro da série coordenada, quando é êste ligado ao penúltimo por uma conjunção copulativa ou disjuntiva, e só se põe antes quando o último absorve o sentido dos antecedentes, como, p. ex.:

A água, o fogo, o ar e a terra constituíam os quatro elementos dos antigos. — Camões foi poeta, soldado, aventureiro, amante, náufrago e desditoso (L. C.) — Uma palavra, um gesto, *um olhar* era bastante.

Igualmente se omite a vírgula (se bem que nem todos o façam), quando êsses têrmos coordenados de curta extensão são atados pelas conjunções *e, ou, nem:* A contradição ou o cepticismo neste assunto não chega a ser êrro; é um sintoma de afecção cerebral (A. H.) — Bem vos ficava, que sois cavaleiros de Portugal... de Portugal ou de Castela, segundo o vento fizer esvoaçar as bandeiras das tôrres e dos bestantes ou dos leões e castelos... (Id.)

Todavia, em uma série enfática não se omitirá a vírgula, a despeito da presença da conjunção: E, ou êle vá, ou pare, ou retroceda (A. C.)

Êle fêz o céu, e a terra, e o mar, e tudo quanto há nêles (A. P.)

2. Para separar os VOCATIVOS:

Ouve, *filho meu*, a instrução de teu pai e não largues a lei de tua mãe (A. P.)

Até quando amareis, *ó crianças*, a infância, e os insensatos cobiçarão as cousas que lhes são nocivas? (Id.)

3. Para separar os APOSTOS:

Diógenes, *filósofo cínico*, queria tão pouco das cousas dêste mundo que nem uma choupana tinha em que viver, e morava dentro de uma cuba (A. V.)

Até o cadáver do avarento mais em paz fica com os bichos da sepultura, do que estava com a alma, *sua inquilina*.

Job, o Idumeu, no corte das angústias levanta o seu espírito (R. S.)

4. Para separar os COMPLEMENTOS CIRCUNSTANCIAIS de certa extensão, principalmente quando TRANSPOSTOS ou INTERPOSTOS entre membros que se pedem reciprocamente (*sujeito* e *predicado*, *verbo* e *objeto*):

Por cobiça de florim, não te cases com mulher ruim.

No tempo da aflição e trabalho do amigo, é lei indispensável assistir-lhe com alívio, conselho, préstimo e ainda com a pessoa (M. B.)

Têm os reis bobos, que dão aso a rirem, *a vossa conta*, os amos (F. E.)

Em tempos de guerra, voam mentiras por mar e por terra.

Pôsto que os avarentos, *por não gastar*, costumem andar a pé, a avareza anda sempre de carroça (A. V.)

Os reinos e os impérios, *segundo a sentença do Eclesiástico*, passam, de umas a outras gentes, pelas culpas dos que os perdem (Id.)

Dizei-me: se, *no monte de piedade em Roma, ou no banco de Veneza*, se dera a cento por um, houvera quem ali não metera seu dinheiro? (Id.)

Os males padecem-se, porque se temem; os bens padecem-se, porque se esperam; e, *para afligir*, o mal basta ser possível; *para molestar*, o bem basta ser duvidoso (Id.)

5. Para evitar ambigüidade na sínquise ou deslocação violenta dos complementos:

A grita se levanta ao céu, *da gente* (C.)

6. Para separar, nos COMPLEMENTOS PLEONÁSTICOS, o que menos intimamente se prende ao verbo:

Aos outros peixes, mata-os a fome, e engana-os a isca; *ao voador*, mata-o a vaidade de voar, e a sua isca é o vento (A. V.)

Ama o teu inimigo, porque, *amigos*, já os não há (Id.)

A roça, haviam-vo-la de embargar para mantimentos das minas; *a casa*, haviam-vo-la de tomar de aposentadoria para os oficiais das minas (Id.)

Nota. — Deixa-se, contudo, de pôr a vírgula quando não se quer dar ênfase ao pleonasmo: O último tinha-o descido quando o sol, envolto em sua vermelhidão da tarde, entestava com a terra lá no horizonte (A. H.) — A pior bomba deixei-a para o fim (C. C. B.) — Não intervém a vírgula nas explanações pleonásticas dos pronomes: *A mim* me parece. — Outros, por extrema desesperação, mataram-se *a si mesmos*.

7. Para separar nas datas o nome da LOCALIDADE:

S. Miguel de Seide, 27 de fevereiro de 1882 (C. C. B.)

8. Para separar as frases PARTICIPIAIS e GERUNDIAIS:

Estando o santo pregando, havia na igreja um doido que inquietava o auditório (A. V.) — *Lançado fora o mofador*, vai-se a contenda. — Em *amanhecendo o dia*, partirei.

Damon, *condenado à morte*, impetrou ir primeiro à sua casa dispor algumas coisas (M. B.)

9. Para separar as proposições INTERCALADAS:

Agora sim, *disse então aquela cotovia astuta*, agora sim, irmãs, levantemos o vôo, e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda (M. B.)

10. Para separar as CLÁUSULAS ADVERSATIVAS de suas subordinantes, principalmente quando exprimem circunstâncias dispensáveis ao sentido destas:

Segue a formiga, *se queres viver sem fadiga*. — *Aonde te querem muito* não vás a miúdo. — Os males padecem-se, *porque se temem* (A. V.)

11. Para separar as CLÁUSULAS ADJETIVAS EXPLICATIVAS:

O homem, *que é mortal*, é apenas forasteiro na terra.

Alexandre, *que venceu a Ásia*, sucumbiu em Babilônia.

Nota. — Sendo RESTRITIVA, não admite vírgula antes do *que*: Homem *que chora*, mulher *que não chora*, homem muito cortês, fugir de todos três — O moço escudeiro avalia tôda a extensão dos dois sentimentos *que dominavam a alma* daquela *que amava* (A. H.)

12. Para indicar ELIPSE DO VERBO:

Tu, até agora, fôste meu soldado, e eu, teu capitão: desde êste ponto tu serás meu capitão, e eu, teu soldado (A. V.)

Os valorosos levam as feridas, e os venturosos, os prêmios (Id.)

13. Para separar os ELEMENTOS PARALELOS de uma expressão proverbial. Exs.:

Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.
Nem sempre galinha, nem sempre rainha.
A pai muito ganhador, filho muito gastador.
Um ôlho no prato, outro no gato.
Pão quente, muito na despensa, pouco no ventre.

14. Para separar certas CONJUNÇÕES POSPOSITIVAS, tais como — *porém, contudo, pois, todavia*:

Havia, *contudo*, povoações fixas naqueles ermos (A. H.) — Vens, *pois*, anunciar-me uma desventura? (Id.) — Ora, *pois*, sossega e não chores (Id.) — Naquele dia, *porém*, as lanças e as espadas dos vinte cavaleiros eram bôtas (Id.)

15. Para dar ênfase a certas CONJUNÇÕES, ADVÉRBIOS e LOCUÇÕES ADVERBIAIS:

Chamo-me assim, porque o segundo tem de o ser enquanto não constituir a propriedade, e pode, *até*, não vir a constituí-la (A. H.)

... cuja tez docemente pálida suaviza, *ainda mais*, o brando raio do luar (Id.)

Mas, *apesar disso*, não deixarei de abençoar a tua presença (Id.)

Todavia, a civilização, tornando cada vez mais íntimo o trato das nações entre si, faz naturalmente atuar as idéias de umas sôbre as outras, e o homem é, *ordinàriamente*, mais propenso a contentar-se das idéias alheias do que a refletir e a raciocinar (Id.)

O homem tem direitos e deveres; *ora*, tu és homem; *logo*, tu tens direitos e deveres (F. de Carvalho.)

Mas, note bem o que eu digo (J. Ribeiro.) — Al-barr, disse, *por fim*, um dos sarracenos (A. H.) — Alguém vela, *talvez*, no paço de Merwan (Id.)

16. Para separar certas LOCUÇÕES EXPLANATÓRIAS, tais como: — *isto é, por exemplo, verbi gratia, por assim dizer, a meu ver, por outra, além disso, a saber*, etc.

Porei todavia aqui mais um exemplo, *isto é*, acrescentarei mais uma demonstração (G.)

Os seus olhos eram portuguêses, *isto é*, reflexo perene dos íntimos pensamentos (A. H.)

Nota. — Por vêzes a vírgula tira a ambigüidade de uma frase: Pagou-se, com o dinheiro do amigo, de tanto sacrifício e de tantas importunações que sofreu. Sem a vírgula, *de tanto sacrifício* pareceria complemento terminativo de *amigo*, quando o é de *pagou-se*. Desde, porém, que a vírgula apareça depois de *amigo*, necessário é que apareça antes de *com*, tornando intercalada a frase tôda — *com o dinheiro do amigo*. A mesma função explanatória da vírgula aparece no seguinte trecho de Frei L. de Sousa: E ficou murada, a uso daqueles tempos, de boa cantaria (S. Valente.) —

Ponto e vírgula

757. **O ponto e vírgula** (;) indica uma pausa mais forte que a vírgula, e emprega-se:

1. Para separar as orações INDEPENDENTES COORDENADAS, quando estas têm certa *extensão*, ou possui alguma delas têrmos separados por *vírgulas*. Exs.:

Empregaram-se as armas mais opostas; assestaram-se todos os sofismas; chamaram-se de socorro os antigos e os modernos auxiliares (R. S.)

O mundo moderno descende do Calvário; a sua origem foi na raiz da cruz; mais tarde ou mais cedo os povos, que o formaram, vieram ali fundir-se e regenerar-se (Id.)

O que era falível e humano, pereceu; o que vinha de cima e estava prometido, ainda permanece e reina! (Id.)

Vamos, filho; é necessário que por uma vez acabem essas tristezas, que denotam estar ainda muito enraizada na tua alma uma paixão mundana (A. H.)

Nota. — Quando as COORDENADAS são de pouca extensão, basta a vírgula para separá-las: — Os povos dividiram-se, as raças combateram-se, os colossos dissolveram, e a unidade moral não se obteve senão pela aliança da Igreja (R. S.)

2. Para separar quaisquer ORAÇÕES OU MEMBROS, COORDENADOS OU SUBORDINADOS, desde que êstes contenham em si partes mais intimamente relacionadas separadas por *vírgulas*. Exs.:

Há aí o vulgo que faz o que sempre fêz; que saúda o vencedor, sem perguntar donde veio, nem para onde vai; que vocifera injúrias junto

ao patíbulo do que morre mártir por êle, ou vitoreia a tirania quando passa cercada de pompas que o deslumbram (A. H.)

Isto é grave, porque é atroz; mas ainda há aí coisa mais grave (Id.)

Pelo antigo fôro dos nobres homens de Espanha, e pelo fôro dos francos; como filho de um barão lionês e como filho de barão de Borgonha; por uso da lei daquém e dalém serras, toca a herança da honra de Portugal ao mui ilustre infante D. Afonso (Id.)

A vinda d'Egas a Guimarães disfarçado podia ter bem diverso motivo; mas a influência da filha de D. Gomes Nunes para com a paixão do alferes-mor de um homem que aliás ela parecia prezar; a missão inútil que êste deu a Trutezindo, e que o falador e inquieto pagem não tardará a relatar ao seu poderoso parente e senhor; o empalidecer de Garcia Bernardes apenas ouviu proferir o nome d'Egas Moniz; tudo isto foi para êle um raio de luz (Id.)

Entre os políticos, Xenofonte, Tácito, Cassidoro; entre os historiadores, Tito Lívio, Quinto Cúrcio; entre os filósofos, Sêneca, Plutarco, Severino, Boécio; entre os Santos Padres, Jerônimo, Crisóstomo, Gregório, Agostinho, Bernardo (deixando os demais), todos, só com discrepância no encarecimento, dizem e ensinam concordemente que os inimigos dos reis, e os maiores inimigos, são os aduladores (A. V.)

Cada um era, na gravidade do aspecto, um Saturno; no valor militar, um Marte; na prudência e diligência, um Mercúrio; na altivez e magnanimidade, um Júpiter; na religião, na fé, e no zêlo de a propagar e estender, entre aquelas vastíssimas gentilidades, um Sol (Id.)

O bem é um; o mal se divide e não tem número; uma saúde, muitas as doenças; uma harmonia, muitas as dissonâncias (Id.)

Se em nossos costumes há frouxidões e descuidos, não está a culpa nos defeitos das leis, senão no defeito da execução delas; — porque as leis sem execução não são mais do que uma penada de tinta, umas letras ou figuras pintadas (F. E.)

3. Para separar os CONSIDERANDOS (com exceção do último) que constituem o preâmbulo de um decreto, portaria, sentença, acórdão, ou outro documento análogo. Exs.:

Considerando que o recorrente, valando o seu olival, usou do direito de tapagem que lhe conferia o artigo 234 § 6.º, do código civil;

Considerando, porém, que no uso dêste direito deixou de observar o artigo 84.º do código de posturas;

Considerando que, por essa falta, o valado em questão foi arrasado conforme depuseram as testemunhas no auto, fls.;

Considerando que no processo não há um único documento que justifique a servidão pública no terreno recorrente;

Considerando, etc.:

Hei por bem revogar o acórdão recorrido e remeter as partes para as justiças ordinárias.

(Dec. publicado em Port., 1876, *apud.* S. Valente.)

Nota. — Dá-se o nome de *virgulação* à parte da pontuação que trata da *vírgula* e do *ponto e vírgula*. *Virgular* tem, pois, sentido mais restrito que *pontuar*.

Dois pontos

758. Os dois pontos (:) indicam, em geral, maior pausa que o *ponto e vírgula*, e empregam-se:

1. Para indicar uma CITAÇÃO OU ENUMERAÇÃO. Exs.:

Um dia em que o Lôbo e o Cordeiro se achavam na margem de um regato, indo beber, disse o Lôbo mui encolerizado contra o Cordeiro: Por que me turvais a água que vou beber? Respondeu êle mansamente: Senhor Fulano Lôbo, como posso eu turvar a Vmcê. a fonte se ela corre de cima e eu estou cá mais abaixo? (M. B.)

Estando Salomão nestas felicidades, e voltando os olhos a tudo quanto tinha feito: O que vi, disse, e achei em tudo, é que tudo é vaidade e aflição de espírito (A. V.)

A moralidade desta fábula explica-se perfeitamente com o provérbio português: Quem quer, vai; quem não quer, manda; ou por estoutro: Quem de rico quer pobre vir a ser, mete trabalhadores e não os vai ver; ou ainda por outro: Se queres ser pobre sem o sentir, mete obreiros e deita-te a dormir (M. B.)

Bias, um dos sete sábios da Grécia, perguntado qual era o animal mais venenoso, respondeu: que, dos bravos, o tirano; dos mansos, o adulador (A. V.)

Aquêles ministros, ainda quando despachavam mal aos seus requerentes, faziam-lhes três mercês: poupavam-lhes o dinheiro; poupavam-lhes o tempo; poupavam-lhes as passadas. Os nossos ministros, ainda quando vos despacham bem, fazem-vos os mesmos três danos: o do dinheiro, porque o gastais; o do tempo, porque o perdeis; o das passadas, porque as multiplicais (Id.)

2. Para indicar algum DESENVOLVIMENTO OU EXPLANAÇÃO da sentença antecedente. Exs.:

A lepra é doença que não pode encobrir-se: a usura é vício que logo se faz público (M. B.)

Lá dizia Sócrates que as raízes da virtude são amargosas, e os frutos dela suaves: símbolo natural desta virtude é a erva lôto, amargosa nas raízes e doce nos frutos (Bluteau.)

Metiam a ferro homens, mulheres e velhos: as crianças arrancavam-nas dos peitos das mães e, pegando-lhes pelos pés, esmagavam-lhes os crânios nas paredes dos aposentos (A. H.)

Vós tende-la ouvido: resta que ela a ouça (Id.)

Abul-assan ia propor algumas dificuldades: as últimas palavras de Egas Moniz as haviam aplanado (Id.(

3. Para separar o PREÂMBULO e o ÚLTIMO de uma série de considerandos das leis, decretos, portarias, alvarás, sentenças, acórdãos e diplomas sociais (757, 3.) Exs.:

Tomando em consideração o relatório do Ministro e Secretário dos Negócios da Fazenda: Hei por bem decretar, etc.

Sua majestade El-rei, Atendendo ao que lhe representou F.: Houve por bem, etc.

F., juiz de direito da comarca de Santarém: Mando ao escrivão F., etc.

Apud. Ort. Port. Dr. S. Valente, Lisboa, 1886.)

4. Para substituir o PONTO E VÍRGULA no período composto e complexo, quando esta notação aí já estiver separando relação diversa:

Golpes se dão medonhos e forçosos;
Por tôda a parte andava acesa a guerra
Mas o de Luso, arnês, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha (C.)

Os corredores cristãos volteiam na frente da linha dos cavaleiros, correm, cruzam para um e outro lado, embrenham-se nos matos e transpõem-n'os em breve; entram pelos canaviais dos ribeiros; aparecem, somem-se, tornam a sair ao claro: mas, no meio de tal lidar, apenas se ouvem o trote compassado dos ginetes e o grito monótono da cigarra pousada nos raminhos da giesteira (A. H.)

Ponto final

759. **O ponto final** (.) indica a finalização do período gramatical, com pausa correspondente à entoação própria.

760. O *período* é absoluto, quando constituído por uma sentença isolada, simples, composta ou complexa, como nas máximas, provérbios ou anexins. Exs. :

Asno com fome, bugalhos come.
Quem ao longe vai casar, ou se engana, ou vai enganar.
Depressa se apanha o rato, que só conhece um buraco.

761. Mais comumente os *períodos* se relacionam entre si para constituírem o *discurso*. Neste caso devem êles conter um pensamento completo e gramaticalmente independente na série dos pensamentos parciais, cuja totalidade forma o discurso. Não há, nem pode haver, regras fixas para a divisão dos períodos assinalados pelo *ponto final*. Em nossos clássicos havia a tendência de amplificar o pensamento em *longos períodos*, recheados de multiplicadas circunstâncias, dificultando a inteligência da frase.

A tendência moderna é resolver essas circunstâncias em novos períodos, encurtando-os e multiplicando-os, e tornando, destarte, a expressão do pensamento geral mais analítica e mais clara. Do critério e traquejo literário do escritor depende a boa divisão dos períodos no desenvolvimento de qualquer assunto.

Obs. — O ponto é também empregado nas abreviaturas : *Sr.*, *Dr.*; *Glz.*, *Roiz.*, *Subst.*, etc.

NOTAÇÕES SUBJETIVAS

Ponto de interrogação

762. **O ponto de interrogação** (?) é uma notação colocada no fim da sentença para indicar uma pergunta *direta*, com entoação apropriada :

Por que não partistes? perguntou o cavaleiro. — Que mistérios são êstes? (A. H.) — Acabaste? interrompeu Fernando Peres com voz prêsa e um leve tremor de lábios (Id.)

Nota. — Para as interrogações *indiretas* não há sinal gráfico: Não sei quem está aí. — Ignoro quando virá o fim de tôdas as coisas.

Ponto de exclamação

763. O **ponto de exclamação** ou de ADMIRAÇÃO (!) é uma notação colocada no fim da sentença ou após uma interjeição, para designar surprêsa, com modulação apropriada da voz:

Oh! — exclamou êle — como a vida é rápida e ao mesmo tempo eterna para o que sabe que vai morrer! (A. H.)

Ergue-te, põe-te de pé, e reveste a tua fortaleza, Sion! Cobre-te com as vestes da glória, Jerusalém, cidade do Santo! (R. S.)

764. Reúnem-se, às vêzes, as duas notações subjetivas para exprimir os dois movimentos da alma de quem pergunta e se admira:

Ah, sois vós?! — exclamou D. Henrique Manuel, dirigindo-se ao sábio decretalista (A. H.). — A paz?! Oh, isso nunca! (Id.) — Já ?! — murmurou a donzela (Id.).

Nota. — O ponto de interrogação e o de exclamação podem equivaler, quanto à pausa, a qualquer das notações *objetivas*. — Não admite ponto de exclamação, depois de si, a interjeição *ó:* O' meu filho, meu filho! — replicou Fr. Hilarião (A. H.)

765. Os espanhóis antepõem à frase, invertidos, os PONTOS DE INTERROGAÇÃO e de EXCLAMAÇÃO, para advertência do leitor. Quando a frase se inicia por admiração e termina por interrogação, é anteposto, invertido, o ponto de exclamação, e vice versa, se o contrário se dá.

Antônio F. de Castilho tentou introduzir tal uso em português. Exs.:

¿Ter trabalhado tôda a minha vida com o maior afã para colhêr o quê? (S. Valente.)

¿ A pedrada ? ! ; ¡ Credo ! ¡Nomes de benta hora ! ¡ E a minha estufazinha nova ! ¡ E os meus vasos ricos do Japão, que são mesmo por baixo !... (A. C.)

¿ Se ardo por ti, se me abrasaste e abrasas,
que admira ? ¿ não se diz que a origem tua
fôra fogo do céu ? ¿ que à luz vieste,
pela paterna mão roubada às chamas ? (Id.)

Pontos de reticência

766. **Os pontos de reticência** (...) indicam suspensão ou interrupção do pensamento, com a entoação de quem se interrompe :

Contar-tas ?... Como tas contaria ? (A. H.)

Nestes paços eu ficarei segura... Depois... Se tu soubesses... oh, nada !... absolutamente nada... Sou eu que não sei o que digo... (Id.)

Parênteses

767. **Parênteses** ( ) são dois semi-círculos que servem para separar palavras ou frases explanatórias, intercaladas no período, que são proferidas em tom mais baixo :

Tinha ela (a velha, não a barraquinha) uma filha (A. H.)

Como o *dux* entre os romanos, o *herzog* (condutor do exército), chefe transitório e eletivo, capitaneava a hoste (Id.)

O claríssimo autor das *Memórias do conde D. Henrique* rejeita, ao que parece, neste ponto, a autoridade dos historiadores compostelanos (pôsto que na *Memória* sôbre a origem de Portugal os houvesse qualificado de *não suspeitos*) por serem *exagerados e apaixonados* (Id.)

Quando a frase intercalada é curta, é êle geralmente substituído por *vírgulas*, como acontece com as *proposições interferentes* (509.) Os parênteses muito longos são viciosos, pois embaraçam a clareza do trecho.

E' também costume incluir-se dentro do parêntese o *nome* do autor e da obra mencionada no texto, uma *data*, uma *palavra* ou *frase subentendida*, *número*, *letra* ou *asterisco* (*.)

Libertados os cativos (13 de maio de 1888), foi no ano seguinte proclamada a República (15 de novembro) em nosso país, representando papel preeminente dois militares distintos (Benjamim Constant e Deodoro.)

Nota. — Dá-se também ao *parêntese* a forma angular [ ], tendo então o nome de *colchête* ou *parêntese quadrado*.

NOTAÇÕES DISTINTIVAS

Aspas

768. As aspas, VÍRGULAS DOBRADAS OU COMAS (" "), indicam transcrições ou textuais ou trechos oferecidos para exemplo do que se diz:

E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que êle contava,
Tornava prudente: "Meninos, eu vi" (G. D.)

E o mesmo rei, mandando aliviá-lo
De algemas e prisões, lhe disse afável:
"Qual és, tu serás nosso, os teus deslembra.
Quem, fala-me a verdade, o imano vulto
Fabricou dêste monstro? a que o dedicam?
E' religião? é máquina de guerra?" (O. M.)

Travessão

769. Travessão (—) é uma risca maior que o *hífen*(-), e tem por fim chamar a *atenção* do leitor para a palavra ou palavras que lhe seguem, ou para indicar a mudança de *interlocutor*:

E's tu que do oceano a fúria insana
Pões limites e côbro, — és tu que a terra
No seu vôo equilibras, — quem dos astros
Governas a harmonia, como notas
Acordes, simultâneas, palpitando
Nas cordas d'Harpa de teu Rei Profeta (G. D.)

Retumba no templo augusto
A voz medonha de — Alá (Id.)

— Tu prisioneiro, tu?
— Vós o dissestes.
— Dos índios?
— Sim.
— De que nação?
— Timbiras (Id.)

O *travessão* substitui muitas vêzes o *parêntese*, as *vírgulas* e os *dois pontos*:

A la fé — disse Mem Moniz — que a festa de vossos anos, senhor Gonçalo Mendes, será mais de mancebo cavaleiro que de capitão encanecido e prudente (A. H.) — Vim pois dizer-te — Lidador, é tempo de combater (Id.) — E bradando acrescentou — Estás por isso, Pardalo? (Id.).

770. **Parágrafo** ou ALÍNEA são as pequenas seções de um livro, capítulo ou discurso, cuja primeira linha começa além do ponto em que começam as outras. O *parágrafo* pode conter um ou mais períodos, e encerra um pensamento ou grupo de pensamentos que, em geral, têm com o parágrafo antecedente uma relação menos íntima do que a que liga os períodos de um mesmo parágrafo. Êle denota, pois, uma pausa mais forte do que o simples ponto final. Todavia, para formar parágrafo, como para formar período, não se podem dar regras seguras: fica isso, até certo ponto, ao arbítrio, gôsto ou critério do escritor, a não ser nos decretos, leis, etc., em que os parágrafos são determinados pelo próprio assunto.

O símbolo ou sinal indicativo do parágrafo (§) é constituído por dois *ss* entrelaçados, iniciais de duas palavras latinas: *signum sectiones = sinal de seção.*

Nota. — *Parágrafo*, grego: *para* = perto, *grafo* = escrevo. *Alínea*, latino: *a* = de (afastamento), *linea* = linha.

771. **A chave** ({) serve para se indicarem as partes ou divisões de um assunto, como se vê no esquema que se segue:

SINOPSE DÊSTE CURSO

- **Gramática**
  - **Lexeologia**
    - Fonologia
      - Fonética
        - Fonemas
          - Vozes
          - Consonâncias
      - Prosódia
        - Sílaba
          - Quantidade
          - Tonicidade
          - Metaplasmo
      - Ortografia
        - Sistemas, notações e regras
    - Morfologia
      - Taxeonomia
        - Categorias gramaticais
          - flexivas
          - inflexivas
        - Outras classes
          - Função
          - Forma
          - Sentido
      - Etimologia
        - Derivação
          - própria
          - imprópria
            - Sufixos
              - nominais
              - verbais
        - Composição
          - Prefixação
          - Aglutinação
          - Justaposição
            - Híbridos
            - Compostos gregos
  - **Sintaxe**
    - Proposição simples
      - Relações
        - Membros
          - Processo sintático
            - regular
            - irregular
              - Tipos sintáticos divergentes
    - Período
      - Classific.
      - Conversão
      - Redução
        - Das proposições
          - Processos sintáticos
            - Pontuação
              - objetiva
              - subjetiva
              - distintiva
    - Particularidades sintáticas
      - Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção, interjeição.

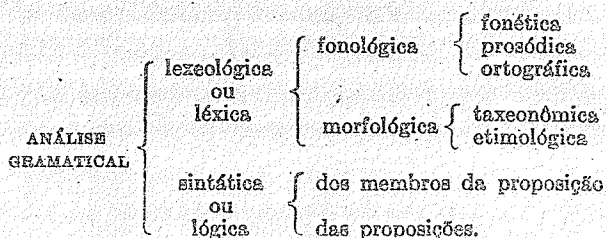
ANÁLISE GRAMATICAL

772. Análise (gr. *analysis* = *decomposição, separação*), em gramática, é a decomposição das *frases* e das *palavras* em seus elementos constitutivos, e a sua classificação.

A *análise gramatical* deve naturalmente abranger todo o domínio da gramática, e dividir-se em tantas espécies quantas as partes desta.

Seguindo, entretanto, os franceses, os nossos gramáticos reservam a expressão — *análise gramatical* para a análise das palavras, sua classificação e formas, e dão o nome de *análise lógica* à análise das frases ou proposições, em geral à análise sintática.

Tal divisão, sôbre ilógica, destoa da nova corrente histórica a que, desde Júlio Ribeiro, se vai abrindo largo curso nos estudos gramaticais de nossa língua.

Esquema de análise gramatical

Obs. — Já demos nos lugares competentes *modelos* dessas respectivas análises acompanhados de *exercícios analíticos* adequados: *análise fonética*, pág. 38; *análise prosódica*, pág. 51; *análise taxeonômica*, pág. 174; *análise etimológica*, pág. 202; *análise sintática dos membros da proposição*, pág. 275; *análise das proposições e seus membros*, pág. 296.

Damos em seguida o *modêlo* de *análise geral* sôbre todo o idioma, da gramática expositiva. Para maior clareza desta síntese analítica seguiremos caminho inverso do estudo feito: desceremos da sintaxe à fonética, dando sucessivamente as seguintes análises: *sintática, etimológica, taxeonômica,*

prosódica, fonética, assinalando com ponto e vírgula(;) a passagem de uma análise a outra. Para esta última, entretanto, aproveitaremos principalmente os monossílabos, por amor da brevidade.

Análise geral

O jogador desonra o seu caráter, e à própria família faz miserável.

Período gramatical composto, formado de uma proposição composta por conter duas proposições independentes : a coordenante — declarativa, plena, ordem direta ou analítica, e a coordenada — sindética, declarativa, contrata, ordem inversa ou sintética.

O	Adjunto atributivo ; palavra primitiva, simples ; artigo definido, masculino, singular ; monossílabo átono ; fonema oral, surdo.
JOGADOR	Sujeito simples, complexo ; palavra simples, derivada própria pelo sufixo *dor* (jogador) ; substantivo apelativo, concreto, masculino, singular, positivo ; trissílabo, oxítono.
DESONRA	Predicado gramatical ; palavra composta por prefixação (des +honra), derivada própria, parassintética (des+hon+rar); verbo regular, 3.ª pessoa, presente do indicativo, ativo, transitivo, voz ativa ; trissílabo, paroxítono.
SEU	Adjunto atributivo ; palavra primitiva, simples ; adjetivo determinativo possessivo, masculino, singular ; monossílabo tônico ou forte ; composto do fonema consoante ou consonância lingual dental sibilante forte *s*, e do ditongo *eu*, cuja prepositiva é fechada.
CARÁTER	Objeto direto ; palavra primitiva, simples ; substantivo apelativo, abstrato, masculino, singular, plural = caracteres, com deslocação excepcional da tônica ; trissílabo, paroxítono ; o *c* antes de *e*, *i*, perde seu valor alfabético de gutural forte, explosiva, e torna-se lingual dental sibilante forte (apical), constrita.
E	Conectivo coordenativo ; palavra primitiva, simples ; conjunção coordenativa aproximativa ; monossílabo átono ; fonema oral, surdo.
À	Conectivo subordinativo ; contração da preposição *a* e do artigo definido, feminino, singular *a* ; monossílabo tônico ou forte, crase ; fonema oral, aberto.
PRÓPRIA	Adjunto atributivo ; palavra primitiva, simples ; adjetivo determinativo, demonstrativo, feminino, singular ; trissílabo, proparoxítono ; o grupo vocálico — *ia* é semi-ditongo ou ditongo imperfeito.

FAMÍLIA	Objeto direto; palavra primitiva, simples; substantivo apelativo, coletivo geral, indeterminado; polissílabo.
FAZ	Predicado gramatical; parônimo = *vás*; palavra primitiva, simples; verbo ativo, transitivo, irregular, 3.ª pessoa singular, 2.ª conjugação, presente indicativo; monossílabo tônico, composto da labial dental forte explosiva *f*, da voz oral aberta *a*, e da consonância lingual dental, branda, constrita, *z*.
MISERÁVEL	Predicado indireto; palavra simples, derivada, própria; *miser+avel*, tema e sufixo, nominais; antônimo = *feliz*, sinônimo = *infeliz, desgraçado*; adjetivo qualificativo, restritivo, grau normal; superlativo sintético = *miserabilíssimo*; polissílabo, paroxítono.

APÊNDICE

Sintaxe e Estilística

1. A SINTAXE e a ESTILÍSTICA têm por objeto comum a fraseologia: a SINTAXE, porém, mira a *correção* da frase, e a ESTILÍSTICA, a sua *beleza.*

A SINTAXE estuda a combinação das palavras para a expressão *correta* do pensamento, e a ESTILÍSTICA para a sua expressão *estética.* Uma estabelece as regras induzidas do uso contemporâneo de abalizados escritores; a outra expõe os preceitos e as formas colhidas no uso geral dos que tiveram a intuição do belo no manejo artístico da palavra.

As regras da SINTAXE tendem a fixar-se em moldes uniformes de expressão, ao passo que as normas da ESTILÍSTICA não tolhem a liberdade ao gênio nas combinações estéticas da palavra. Por isso aquela é geral, e esta individual.

ESTILÍSTICA, também denominada *sintaxe literária,* é uma parte da retórica que tem por objeto o *estilo.*

ESTILO

2. ESTILO é o modo peculiar de dar cada escritor expressão a seus pensamentos.

Estilo (do latim *stylus* ou *stilus*) era na antiguidade o ponteiro de ferro ou estilete que, aquecido, servia para se escrever em tabuinhas enceradas.

Por uma transladação natural de sentido, a palavra que indica o instrumento de se escrever nos tempos antigos, indica hoje o modo de se expressar o pensamento.

A maneira e o assunto dessa expressão dão-nos a conhecer, de um modo geral, o caráter do escritor; daí o dizer-se, com Taine, que "o estilo é o homem".

De fato, o estilo traz o cunho particular do escritor, é a sua feição individual. Mas, além das feições peculiares que distinguem os indivíduos na sociedade, existe a feição *geral* de indivíduos relacionados pelo sangue: é o *ar de família*, que denuncia a parentela. Acima desta feição geral ou tipo comum, superpõe-se ainda uma feição mais geral: é o tipo da raça.

Assim o estilo: acima das diferenças individuais no modo de escrever de cada escritor, percebem-se os caracteres gerais da sua *escola literária*; e, mais alto ainda, descortinam-se as feições estilísticas de amplas *correntes literárias* de diversas épocas.

Neste rápido esbôço estudaremos a CLASSIFICAÇÃO e as QUALIDADES do estilo.

I. — CLASSIFICAÇÃO

3. O estilo classifica-se em relação à — MATÉRIA, FORMA e HISTÓRIA.

1. Matéria

4. O estilo, em relação à *matéria* ou *assunto*, classifica-se pelos *gêneros literários* ou de *composição*.

Os gêneros ou composições literárias dividem-se em *poesia* e *prosa*. O estilo será então **poético** ou **prosaico**.

I. **Estilo poético.** Compreendem as composições poéticas três gêneros fundamentais:) a EPOPÉIA, a LÍRICA, o DRAMA. Daí três estilos poéticos:

1. **Épico.** E' o estilo próprio de poesia épica ou *epopéia*, poesia heróica, *objetiva*, narrativa dos grandes acontecimentos, como o descobrimento do caminho das Índias, assunto da grande epopéia de Camões — *os Lusíadas*.

2. **Lírico.** E' o estilo próprio da poesia lírica, poesia sentimental, *subjetiva*, descritiva dos diversos estados da alma.

3. **Dramático.** E' o estilo próprio da poesia dramática ou *drama-poesia* dialogada, expositiva de uma situação da vida humana *subjetivo-objetiva*.

II. **Estilo prosaico.** Na grande variedade das composições prosaicas, podemos igualmente destacar três gêneros fundamentais : o DIDÁTICO, o HISTÓRICO e o ORATÓRIO. Daí três estilos prosaicos :

1. **Didático** ou DIDASCÁLICO (gr. *didaskein* = *ensinar*). E' o estilo próprio das obras destinadas ao ensino de qualquer ciência ou arte.

2. **Histórico** ou NARRATIVO. E' o estilo próprio para a narração de fatos e descrição de cenas, quadros, costumes ou caracteres

3. **Oratório.** E' o estilo próprio do orador no uso da eloqüência.

Embora característicos da prosa, êsses estilos não são estranhos à poesia. Dentro dessas classificações gerais, o estilo pode ser ainda CÔMICO, ESPIRITUOSO, HUMORÍSTICO, FACETO, EPISTOLAR, PARLAMENTAR, FORENSE etc.

2. Forma

5. **O estilo,** em relação à FORMA, pode considerar-se quanto à *qualidade* e à *quantidade* no modo de expressar o pensamento.

A) **Qualidade.** O estilo, quanto à QUALIDADE na expressão, pode ser — *simples, moderado* e *sublime.*

1. **Simples** ou SINGELO. E' o estilo desataviado, que mira ùnicamente a *clareza* na exposição de qualquer assunto, e tem por único fim a *convicção.* E' próprio das obras *didáticas* e assuntos *familiares.*

2. **Moderado** ou TEMPERADO. E' o estilo sòbriamente *ornado* ou *florido,* que mira não só a *clareza,* mas ainda o agrado, o *deleite.* E' próprio dos trabalhos *históricos* ou *narrativos.*

3. **Sublime,** NOBRE ou VEEMENTE. E' o estilo exuberante de ornatos, vivo, imaginoso, que além da *convicção* e *deleite,* mira a *persuasão.* E' próprio dos discursos oratórios e composições épicas.

B) **Quantidade.** O estilo, quanto à QUANTIDADE na expressão, pode ser : *preciso, conciso, redundante* e *médio.*

1. **Preciso.** E' o estilo em que as palavras correspondem com exatidão às idéias. Chamam-lhe alguns *estilo ático,* por analogia com o estilo dos escritores da Ática, região da Grécia antiga.

2. **Conciso.** E' o estilo apanhado, enigmático, sugestivo, em que uma palavra corresponde a mais de uma idéia. Chamam-lhe *estilo lacônico*, por analogia com o estilo dos habitantes da Lacônia, outra região da Grécia antiga.

3. **Redundante.** E' o estilo palavroso, empolado, em que a uma idéia correspondem muitas palavras. Chamam-lhe *estilo asiático*, por analogia com os escritores da região asiática da Grécia antiga.

4. **Médio.** E' o estilo que ocupa a posição média entre o PRECISO e o REDUNDANTE, entre o ÁTICO e o ASIÁTICO. Chamam-lhe *ródio*, por analogia com o estilo dos escritores da ilha de Rodes, pertencente à Grécia antiga.

3. História

6. **O estilo,** em relação à HISTÓRIA, classifica-se pelas correntes literárias, que em diversas épocas têm dominado nossa língua.

Três grandes épocas dividem a história da nossa literatura : *medieval, clássica* e *romântica*. Daí três grandes estilos históricos :

1. **O medieval** ou ANTE-CLÁSSICO. E' o estilo do século XII ao século XV, desde o aparecimento dos primeiros documentos escritos até o aparecimento dos grandes escritores quinhentistas.

E' o estilo arcaico, que foi o veículo da Escola Provençal (1200-1385) e da Escola Espanhola (1385-1521).

2. **O clássico.** E' o estilo iniciado pelos grandes escritores do século XVI, chamados *quinhentistas* (1521-1580), que, sob o influxo do renascimento das letras antigas, gregas e latinas, deram fecundo impulso à língua, à literatura e ao estilo. O estilo clássico caracteriza-se pela imitação dos autores gregos e latinos, que serviam de modêlo nas aulas ou *classes* das universidades. E', por isso, cheio de latinismos e helenismos léxicológicos e gramaticais.

Três grandes escolas literárias vieram influir no estilo clássico : a *Escola Italiana* ou *Quinhentista* (1521-1580), a *Escola Gongórica* ou *Seiscentista* (1580-1750), a *Escola Francesa* ou *Arcádica* (1750-1826).

a) O estilo QUINHENTISTA é o estilo da *Renascença*, poderoso movimento que partiu da Itália e dominou a Europa, produzindo o renascimento das antigüidades grega e latina.

b) O estilo GONGÓRICO, introduzido por Gôngora na Espanha, e Marini na Itália, também chamado *marinista* ou *cultista*, é o estilo da decadência, empolado, afetado, hiperbólico, cheio de equívocos e trocadilhos.

c) O estilo da corrente *clássica francesa* ou ARCÁDICA é uma reação contra o estilo nebuloso e intrincado dos gongoristas, e, nas arcádias ou

academias literárias, operou êle um largo movimento de reforma que preparou o advento do Romantismo.

3. **Romântico.** E' o estilo do ROMANTISMO, poderosa corrente literária que, partindo da Alemanha, se generalizou na Europa. E' um movimento de liberdade dos espíritos, que *reage* contra os férreos cânones exclusivos do classicismo e vai buscar livremente nas crenças, superstições e tradições populares da Idade Média, expressadas no *romanço* ou língua do povo da Europa ocidental os assuntos de suas composições literárias.

Foram corifeus e iniciadores do *Romantismo* na Alemanha Goethe e os irmãos Schlegel; na França, Chateaubriand, Lamartine e Vítor Hugo; na Inglaterra, Walter Scott e Byron; na Itália, Manzoni; na Espanha, Zorilla, Espronceda e Campoamor; em Portugal, Garrett, Herculano e Castilho; no Brasil, Dr. J. A. G. Magalhães, Pôrto Alegre e Gonçalves Dias, a que se seguiram Álvares de Azevedo, Varela e Casimiro de Abreu.

O Romantismo decaiu no *ultra-romantismo* de Soares Passos e outros provocando a reação do *naturalismo* ou *realismo*, contra o qual reage por sua vez o *parnasianismo*.

O estilo *contemporâneo* continua a receber influxo da Escola Romântica, caracterizando-se por períodos mais curtos, ordem menos transposta e adjetivação abundante.

II. — QUALIDADES

7. A) **As boas qualidades gerais do estilo são:** NOBREZA, CORREÇÃO, PRECISÃO, DECORO, CLAREZA e HARMONIA.

1. **Nobreza.** ESTILO NOBRE é o estilo digno, elevado e puro, que evita as expressões *triviais* e *plebéias*, bem como as *cacofonias* (490.)

2. **Correção.** ESTILO CORRETO é o estilo que obedece às regras da gramática e ao gênio da língua, fugindo dos *solecismos* (487) e *barbarismos* (480.)

3. **Precisão.** ESTILO PRECISO é o estilo que ajusta as palavras às idéias, evitando *impropriedades de têrmos*, *difusão redundante* de palavras e *prolixidade*.

4. **Decoro,** DECÊNCIA ou CONVENIÊNCIA. ESTILO DECOROSO, DECENTE ou CONVENIENTE é o estilo natural que se ajusta à natureza do assunto opõe-se à *afetação*, ao *exagêro*, ao *pedantismo*.

5. **Clareza.** ESTILO CLARO é o estilo fàcilmente inteligível, que reflete a nitidez do pensamento, e refoge à *obscuridade* (489), à *anfibologia* (488), ao *arcaísmo* (494), ao *neologismo* (495), ao *provincianismo* (498) e ao *tecnismo* científico e artístico.

6. **Harmonia.** ESTILO HARMÔNICO é o estilo melodioso e suave, numeroso e rítmico. *Número* é "o efeito agradável resultante de um certo arranjo das palavras"; *ritmo* é "cadência musical devida ao modo de sucessão das palavras acentuadas e não acentuadas". A harmonia é o resultado

da disposição artística das palavras e frases na formação do período, e se opõe à *colisão* (493), ao *eco* (492) e ao *hiato* (491).

8. B) **As boas qualidades especiais do estilo são** : SIMPLICIDADE, ELEGÂNCIA e SUBLIMIDADE.

1. **Simplicidade.** ESTILO SIMPLES ou *singelo* é o estilo espontâneo, fácil, desataviado, próprio de assuntos familiares e didáticos, de epístolas e relatórios.

2. **Elegância.** ESTILO ELEGANTE é o estilo belo, imaginoso, ataviado de *figuras* de sintaxe, tais como — *silepse* (431), *elipse* (452), *pleonasmo* (457), *anacoluto* (459), *hipérbato* (473), *anástrofe* (474), *tmese* (475), *sínquise* (476) e ornado de *figuras* de pensamento ou *tropos*. E' próprio dos gêneros LÍRICO, DESCRITIVO e HISTÓRICO.

3. **Sublimidade.** ESTILO SUBLIME é o estilo grandioso, enérgico, veemente, patético, arrebatador, exuberante de figuras de sintaxe e de pensamento, próprio do gênero ÉPICO e do ORATÓRIO. Os *ornatos*, *pinturas*, *conceitos* e *adornos* representam papel preeminente no estilo **sublime.** Três tropos principais ou figuras de pensamento comunicam ao ESTILO SUBLIME vigor e beleza — a *metáfora*, a *metonímia* e a *sinédoque*.

a) METÁFORA (gr. *translação*) é a figura que tem por fundamento a *semelhança*, comunicando às palavras sentido *translato* por semelhança entre as idéias : Ela é um *anjo* de bondade, e êle um *leão* na coragem. — O *pêso* dos cuidados. — A *primavera* da existência. — A *serra* do mar. — Os *róseos* sonhos. — Os *abutres* do ciúme.

b) METONÍMIA (gr. *mudança de nome*) é a figura que tem por fundamento a *contigüidade* ou *coexistência*, que substitui uma palavra por outra, por conexão natural ou artificial : "A defesa do *trono* e do *altar*" (realeza e religião), "ganhar a *vida*" (os meios de subsistência), "as *pálidas* doenças" (que produzem a palidez), "uma taça de *Xerez*" (do vinho de Xerez), "ler *Vieira*" (livro escrito por Vieira), "praticar *caridade*" (atos de caridade), "o *homem* vive há séculos sôbre a terra" (a humanidade.)

c) SINÉDOQUE (gr. *compreensão*) é a figura que tem por fundamento a *compreensão*, que substitui uma palavra por outra, por uma conexão lógica ou racional : "Soa o *bronze*" (sino), "ao *mortal* não assenta o orgulho" (ao homem), "os cânticos do Salmista" (Davi), "a *mulher*, o *velho* e a *criança* merecem respeito" (as mulheres os velhos e as crianças.)

Formação e aperfeiçoamento do estilo

9. As boas qualidades do estilo se formam e aperfeiçoam : *a*) no constante versar dos bons escritores modernos, tais como — Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, Garrett, Rabelo da Silva, Latino Coelho, Gonçalves Dias, J. Fran-

cisco Lisboa e outros, não se descurando, entretanto, os venerandos clássicos de nossa língua, como — Vieira, Bernardes, Camões, etc.; *b)* no conhecimento do rico vocabulário contemporâneo de nosso idioma; *c)* no estudo cuidadoso de seu mecanismo gramatical; *d)* na análise literária de seus grandes modelos.

COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

1. Composição literária é a expressão desenvolvida e metódica, por escrito, de nosso pensamento sôbre qualquer assunto.

2. De nenhum proveito é o mero conhecimento teórico da gramática. Armazenar apenas na memória as regras da linguagem, sem saber aplicá-las nas composições escritas sôbre os assuntos que constituem a vida nos múltiplos aspectos do intercâmbio social, é conseguir do ensino da língua resultado negativo, e, até, prejudicial à boa educação da mocidade.

E' com a pena na mão, no versar constante de temas conhecidos, sob a sábia direção do mestre, que pode o aluno assenhorear-se da língua materna, e habituar-se a manejá-la proveitosamente, como instrumento admirável, que é, da vida de seu espírito.

O exercício sistemático de composições literárias, porém, não só clareia e fixa a teoria da língua, como alarga o uso apropriado do vocabulário, dá facilidade e vigor à expressão do pensamento e mais, ainda, dá consistência, vida e desenvolvimento às faculdades do espírito. Mais que as matemáticas, mais que o latim e o grego, a análise e a prática metódica de nossa língua nacional oferecem decisiva vantagem à ginástica intelectual da mocidade brasileira ou portuguêsa. Como órgão natural do pensamento, é a língua, em seu cultivo prático, a melhor disciplina de nossa mentalidade.

Em dois grupos separam-se as composições literárias: a PROSA e a POESIA.

PROSA

3. Em três gêneros fundamentais dividem-se as composições prosaicas: o DIDÁTICO, o HISTÓRICO e o ORATÓRIO.

4. Esta classificação, que não é rigorosa, abre espaço a muitos *gêneros* secundários, tais como — *exposição, descrição, narração, diálogo, dissertação, cartas* ou *epístolas*.

5. Antes de dar os conselhos particulares aos diversos aspectos das composições em prosa, convém expor certos preceitos gerais úteis em tôdas elas.

6. **Invenção.** Ao iniciar a composição, deve o aluno refletir primeiro sôbre a natureza do assunto em relação ao qual vai escrever. Entendido o assunto, começará a investigar o que há de dizer, a descobrir as idéias para o seu desenvolvimento, a reunir, escrevendo em papel à parte, os materiais para o trabalho, a que se propõe. E' o que se chama INVENÇÃO.

a) **Disposição.** Investigadas as idéias, reunido o material mais importante, releva, em seguida, coordenar êsses elementos, dispor em ordem conveniente o material mais ou menos em desordem, observando um plano lógico, harmônico, para conseguir o fim proposto. E' o que se chama DISPOSIÇÃO.

b) **Elocução.** Disposto o plano, dada aos pensamentos uma seqüência natural e conveniente, passa o aluno a redigir, a dar uma forma definitiva, uma expressão clara, observando com cuidado as regras da gramática e da estilística. E' a *redação* final, em que se revela o *estilo*, e que se chama ELOCUÇÃO.

7. Na *invenção* deve o aluno proceder com *método* ou *ordem*. Primeiro, deverá atender à natureza do assunto, procurando fazer dêle uma idéia exata, dar-lhe uma interpretação verdadeira, uma definição justa. Definido o objeto ou assunto, passa depois a decompô-lo, a dividí-lo em suas partes, a refletir sôbre seus diversos aspectos, a analisá-lo, enfim. Nesta análise, cumpre fugir ao exagêro, cingir-se rigorosamente ao que é verdadeiro ou plausível, evitar extravagâncias e manter a *naturalidade;* igualmente deverá repelir o incongruente e desconexo, e averiguar a *propriedade* dos têrmos: refugir à obscuridade e conseguir a *clareza* na apresentação de idéias e pensamentos discriminados.

Naturalidade, propriedade e *clareza* são três virtudes fundamentais que devem inspirar o preparo do material.

8. Na *disposição* de todos os elementos obtidos, e mais ou menos desordenadamente lançados em um borrão, é indispensável guardar *ordem*, que é a colocação racional, lógica, natural, dêsses elementos, a simetria e proporção dessas partes integrantes, no plano traçado para o desenvolvimento do assunto. Além da ordem, deve haver *ligação* ou *transição* natural de uma parte para outra, em um entrelaçamento harmônico. As conjunções de coordenação e subordinação são pontes gramaticais, inventadas para essas ligações ou transições. Importa fazer delas uma escolha boa e apropriada. E' igualmente de importância guardar *movimento* na marcha progressiva, quanto à disposição dos elementos ligados, partindo, em regra, do menor para o maior, estabelecendo uma gradação racional. Enfim, a ordem, a ligação e o movimento, em sua *variedade*, devem constituir a *unidade*, que é a virtude máxima no desenvolvimento do tema. As considerações fora do assunto, as digressões, os episódios, quando introduzidos, devem ser curtos, e não embaraçar a *união* íntima das partes, convergentes tôdas a um *fim*.

Ordem, ligação, movimento e *unidade* são qualidades indispensáveis, que devem presidir à organização ou disposição dos materiais obtidos.

9. Na *elocução* ou *redação* da forma definitiva, que assumir a composição literária, dará o aluno escrupulosa atenção ao *estilo*. Deve ser êste acomodado ao assunto. Sôbre êste ponto enviamos o aluno para o que dissemos, da página 391 a 393, em relação à *qualidade* e *quantidade* do estilo, às suas *qualidades gerais* e às *espécies*, e às *figuras*, que o amenizam e lhe dão vigor.

Em seguida vem a correção gramatical, que é essencial : terá o aluno cuidadoso esmêro na *concordância* dos têrmos, na sua *regência* e colocação. Estará de sobreaviso contra os *barbarismos* e *solecismos*, e outros vícios de linguagem, como o *cacófato, hiato, eco, colisão, anfibologia* e *obscuridade* (pág. 270.)

Quanto ao emprêgo das palavras, é importante fugir : — *a*) da *impropriedade*, tais como — *coragem enorme, enorme beleza* ; *b*) do *plebeísmo*, que é o uso de têrmos vulgares, baixos ou plebeus, como — *barriga, beiço, cara, tripas, fedor*, por — *ventre, lábio, rosto, intestino, mau cheiro* ; *c*) de têrmos ou expressões poluídas por acepção pejorativa ou torpe, tais como — *traficar, tratante, sujeito*, etc.

Finalmente, a *ortografia* (pág. 52) e a *pontuação* (pág. 371) deverão merecer cuidadosa atenção.

Em suma, a composição deve trazer um cunho manifesto de *dignidade, naturalidade* e *singeleza*.

Para utilidade dos alunos e facilidade do professor, damos, em seguida, assuntos, sumários e modelos sôbre as formas principais de composição literária.

Narração

Assunto : O BOM SAMARITANO.

Sumário : — Ferido por salteadores, gemia na estrada, que vai de Jerusalém a Jericó, pobre desconhecido. — Passa de largo um sacerdote judaico, logo depois um levita, homens da religião. — Mais tarde, montado, passa um samaritano, de Samaria, cidade desprezada pelos judeus, como ímpia. — Apeia, inclina-se caridoso, aplica lenitivos, toma-o em sua cavalgadura, leva-o à próxima estalagem, recomenda-o ao estalajadeiro, paga e se compromete a pagar o resto na volta. — Quem melhor compreendeu os intuitos da religião e o amor do próximo?

Assunto : O FILHO PRÓDIGO.

Sumário : — Um pai rico tinha dois filhos, o mais moço pede a sua parte da herança e vai morar em país estrangeiro, longe das vistas paternas. — Rodeado de amigos e comparsas, esbanja seus bens no jôgo e orgias. — Esgotado, somem-se-lhe os amigos. — Apertado pela miséria, bate de porta em porta, e apenas um cidadão manda-o guardar os porcos. — De-

baido deseja comer das bolotas trazidas aos porcos. — No extremo da penúria, lembra-se da casa paterna e reflete que lá os próprios empregados têm pão em abundância, e êle morre à fome. — Resolve voltar, confessar a sua falta, e pedir um lugar entre os criados. — Descalço, maltrapilho, é reconhecido de longe pelo pai, que lhe sai ao encontro, e o aperta ao peito antes que erga a pálida fronte. — Apenas abre êle os lábios, dá o velho ordem aos criados que tragam sapatos, anel, a melhor vestimenta, preparem um banquete. — Iluminou-se a casa, e o ruído da festa encheu os vastos salões. — O filho mais velho, volvendo à noite, recusa entrar, queixando-se de que nem um cabrito lhe dera o pai para banquetear-se com seus amigos. — Roga-lhe o pai que entre, pois tudo o seu era dêle, e era justa a expressão de alegria pelo filho e irmão, que, morto, reviveu, perdido, se achara ! — Tal o amor de Deus !

Assunto : UM ATO HERÓICO.

Sumário : — Em uma casa da cidade aparece violento incêndio. — O povo acode. — Ouvem-se os gritos dolorosos de uma mulher desgrenhada, que quer lançar-se às chamas, para salvar uma filhinha, que ficou dormindo em seu quarto. — Um homem rompe a multidão, galga uma janela, desaparece entre o fumo e chamas, e, no meio da ansiedade geral, traz nos braços salva a criança !

Assunto : 15 DE NOVEMBRO.

Sumário : — As idéias democráticas agitam o Brasil. — Campos Sales, Prudente de Morais, Bernardino de Campos, Glicério, Rangel Pestana, Bocaiúva, Benjamim Constant e outros fazem a propaganda republicana. — Raia o dia 15 de novembro de 1889. — Deodoro, Peixoto, Benjamim Constant movimentam as fôrças de mar e terra. — Baqueia sem resistência a monarquia. — A família imperial singra em paz barra fora. — Entre flores e vivas aclamações, proclama-se a república. — Às extremidades do país leva o telégrafo a boa notícia, e num frêmito de patriotismo saúda o Brasil a era nova ! — Herdeira das nobres aspirações e sacrifícios de uma geração, que desapareceu, seja a mocidade de hoje a fiel depositária dos grandes ideais de nossas instituições democráticas.

Temas :

O 7 DE SETEMBRO.

A BATALHA DE RIACHUELO.

Descrição

A boa descrição é a que pinta com exatidão e clareza o objeto descrito Daí a necessidade de ser ela o fruto de uma observação cuidadosa do objeto ; de uma seleção criteriosa das partes ou circunstâncias características. Ex-

posição, pois, CLARA, FIEL, METÓDICA, NATURAL, é o que fundamentalmente se reclama em uma composição descritiva.

Assunto : UMA NOITE DE LUAR.

Sumário : — Silêncio profundo interrompido apenas pelo ramalhar das árvores ao perpassar da brisa. — Cintilam as estrêlas. — Grave e pálida, desliza-se a lua por entre elas. — O luar, iluminando a terra, empresta aos objetos formas fantásticas. — Vaga e doce tristeza derrama a noite de luar sôbre os espíritos contemplativos ; gera o sentimento da pequenez do homem e da grandeza de Deus.

Assunto : UM INCÊNDIO.

Sumário : — Um clarão sinistro aparece altas horas da noite em uma parte da cidade. — Os sinos dão o sinal. — Ouvem-se o ruído e apitos dos carros de bombeiros. — Acorda apavorada a população. — Aglomera-se o povo. — As chamas avançam em línguas medonhas. — Sobem os bombeiros corajosamente, trabalham as mangueiras. — Ouvem-se gritos lancinantes nas janelas. — Alguns populares, compadecidos, afrontam o fumo e as labaredas, e salvam mulheres e crianças. — O teto abate e um bombeiro ousado desaparece nas chamas, vítima do seu dever. — Sucumbem igualmente alguns dos moradores do vasto prédio. — Finalmente consegue a atividade heróica dos bombeiros circunscrever e dominar o incêndio. — Espetáculo doloroso ! — O povo comovido presta homenagem ao bombeiro que morreu nobremente no seu pôsto de honra, e cuja família ficou amparada por uma subscrição popular. — O nome dos heróicos populares corre de bôca em bôca com respeito e gratidão.

Assunto : PÔR DO SOL.

Sumário : — Toca o sol o limite de sua carreira diária. — Cresce o seu disco afogueado. — Nuvens purpúreas, franjadas de ouro resplandecente, formam-lhe brilhante cortejo. — Desce pouco a pouco o astro triunfante, e pouco a pouco apaga-se o brilho do poente. — O artista, o operário, o lavrador, buscam no lar o repouso das fadigas do dia. — Surge a estrêla vespertina, e acendem-se as lâmpadas do firmamento. — A noite invade a terra : silêncio.

Assunto : O NAUFRÁGIO DO "TITANIC".

Sumário : — Alta noite esbarra o "Titanic" com uma montanha flutuante de gêlo. — Abalo, e pavor entre milhares de passageiros. — O capitão Smith, calmo, mantém a ordem. — Arreiam-se escaleres, e primeiro descem as mulheres e crianças, depois os homens. — Uma criança esquecida a bordo é levada a nado, pelo capitão Smith, a um bote que partia. — Volta o capitão ao pôsto de seu dever. — Os músicos de bordo, igualmente em seu

pôsto, tocam o hino religioso: "Mais perto quero estar, meu Deus, de ti". — Um ruído medonho sufoca as últimas notas, que se perdem na vastidão do oceano: o "Titanic" desce ràpidamente ao fundo. — Vagam milhares na escuridão da noite, pelas ondas tranqüilas do oceano, erguendo para o Céu angustiosas súplicas.

Temas:

1. UM PASSEIO FLUVIAL.
2. A VIDA E A MORTE MISERÁVEL DE UM AVARENTO.
3. UMA PAISAGEM CAMPESTRE.
4. O MAR.
5. O BRASIL.

Dissertação

Dissertação é a discussão de qualquer assunto moral, filosófico ou científico. — E' ela essencialmente subjetiva, e concorre poderosamente para desenvolver a reflexão, as faculdades lógicas e sensitivas do aluno. Ela reclama clareza e concatenação lógica das idéias, método e lucidez de expressão. Refugindo sempre ao exagêro e ao pedantismo, o estilo tem aí, em regra, campo livre para se elevar às alturas.

Assunto: O TRABALHO.

Plano: — *Definição* do trabalho. — Decompor, dividir, *analisar* os diversos aspectos do trabalho: manual e intelectual. — Aplicação ordenada: — o *manual* — cultiva a terra, constrói casas, tece panos; o *intelectual* — inventa instrumentos, traça o plano de uma casa, compõe livros, instrui a outros. — O trabalho intelectual e o trabalho manual ligam-se intimamente um ao outro; são igualmente úteis, igualmente nobres. — Provar esta verdade. — O trabalho moraliza e consola. — Dar disto prova. — O que não trabalha, chama contra si a culpa da preguiça.

Desenvolvimento. Chama-se trabalho o emprêgo de nossas fôrças no que é útil a nós mesmos ou a outrem. Há duas espécies de trabalho: o trabalho manual e o trabalho intelectual.

E' trabalhando com as próprias mãos que os homens arroteiam e cultivam a terra, abrem estradas, constroem casas, fundam cidades, tecem panos.

Em socorro do trabalho das mãos vem o trabalho do pensamento. Homens mais inteligentes que outros, de espírito mais refletido, mais vivo, fabricam instrumentos e máquinas, que permitem aos trabalhadores de mãos produzirem, em menos tempo, mais obra e melhor.

Impossível seria dizer qual dessas duas espécies de trabalho é mais útil à humanidade. Temos todos necessidade de alimentar-nos: e, sem os cultivadores da terra, morreríamos de fome, pois sem êles não nos daria ela nem colheitas, nem frutos.

Temos todos necessidade de nos vestirmos: sem os tecelões, os alfaiates e as costureiras, os chapeleiros e as modistas, e os sapateiros, não teríamos vestimentas, chapéus e calçados.

De abrigo todos precisamos e, sem os homens que trabalham em pedra, madeira e ferro, não possuiríamos casa.

Mas o homem tem ainda outras necessidades, diferentes das que satisfaz o trabalho manual, e, por isso, êle pede aos trabalhadores do pensamento aperfeiçoar outra coisa melhor que os instrumentos de trabalho.

Possui o homem um espírito que deve ser cultivado, uma alma que deve ser enobrecida e purificada.

Os trabalhadores do pensamento a instruem, ensinam-lhe seu dever, e lhe mostram o ideal, isto é, a perfeição. Inspiram-lhe êles o desejo de o realizar, e lhe comunicam a fôrça moral, que lhe permite dêle se aproximar pouco a pouco.

Entre os obreiros do pensamento, alguns há que se dedicam a inspirar o sentimento do belo. Chamam-se artistas.

Tanto os que trabalham com a mão, como os que trabalham com a inteligência, todos têm direito ao respeito e reconhecimento de cada um de nós. Êles se honram trabalhando, pois é o trabalho nosso moralizador, porque cultiva nosso espírito e purifica nossa alma; é nosso benfeitor, porque nos faz esquecer de nossas penas. O que não trabalha, o preguiçoso, a si se desonra. O trabalho é a garantia da ordem e a oficina do progresso: o homem ocioso é, pois, um desordeiro e um embaraço ao desenvolvimento e bem estar social.

Assunto: A PÁTRIA.

Sumário: — Definição da pátria: o berço, os avós, a tradição, a língua. — O que ela custou a nossos pais para fundá-la e mantê-la, coragem, abnegação, trabalho, perseverança, lealdade. — O amor, respeito e dedicação que lhe devemos. — Duas ordens de deveres: os deveres quotidianos em tempos de paz, e os deveres excepcionais em tempo de guerra. — A bandeira, símbolo da pátria, que resume as glórias do passado, a segurança do presente e as aspirações do futuro. — O patriotismo, prestígio da bandeira, fôrça e honra da nação, vibrante compreensão dos deveres cívicos, elevada expressão de nacionalismo.

Assunto: A VERDADE E A MENTIRA.

Sumário: — Oposição e definição. — A verdade nas relações sociais: veracidade, sinceridade, franqueza, fidelidade, lealdade, base do caráter. — O homem veraz atrai o respeito e estima de todos. — Mentira, falsidade nas relações sociais: hipocrisia, calúnia, fraude, fracasso completo do ca-

ráter. — O mentiroso provoca contra si o desprêzo de todos, a reprovação de Deus e dos homens, e cava sua ruína temporal e eterna.

Provérbio: Mais asinha se toma um mentiroso que um coxo. — A verdade e o azeite andam de cima.

Temas :

1. A LIBERDADE FÍSICA, MORAL, INTELECTUAL E RELIGIOSA, FUNDAMENTO DA RESPONSABILIDADE MORAL.
2. O IDEAL NA VIDA E NAS ARTES : A PERFEIÇÃO.
3. A EDUCAÇÃO FÍSICA, INTELECTUAL, MORAL E RELIGIOSA.

Explicação de provérbios e máximas.

1. QUEM QUER, VAI ; QUEM NÃO QUER, MANDA.
2. O HÁBITO NÃO FAZ O MONGE.
3. ANTES QUE CASES, OLHA O QUE FAZES.
4. O NASCIMENTO EM TODOS É IGUAL ; AS OBRAS FAZEM OS HOMENS DIFERENTES.
5. COAR UM MOSQUITO E ENGULIR UM CAMELO.
6. SÊDE SIMPLES COMO AS POMBAS, E PRUDENTES COMO AS SERPENTES
7. HONRA E PROVEITO NÃO CABEM NUM SACO SÓ.
8. MAL VAI A CASA, ONDE A ROCA MANDA À ESPADA.
9. QUEM NÃO CANSA, ALCANÇA.

Cartas

A arte de escrever cartas reclama um estilo especial chamado *epistolar* (*lat. epistola = carta.*) Brota o estilo da natureza da carta. Que é uma carta? Uma conversa ao longe, entre pessoas ausentes ; porém uma conversa escrita. O estilo, pois, deve ser primeiramente claro, depois simples e natural, sem ser baixo, trivial, nem desalinhavado. Na conversa falada permite-se certa negligência, descuido e prolixidade ; não assim na conversa escrita : o leitor é menos paciente e mais exigente que o ouvinte. Deve-se escrever naturalmente como se fala, porém melhor do que se fala.

As cartas são, em geral, de amizade, de cortesia e de negócio.

Nas primeiras o coração se expande com franqueza e sinceridade, a pena pode correr com liberdade e alongar-se na efusão de afetos.

Outra, porém, é a exigência das cartas de *cortesia.* Exigem elas mais cuidado e arte, sem perder o tom próprio de naturalidade e simplicidade. Os assuntos são variados, como os incidentes da vida social : pedido, promessa, felicitações, pêsames, agradecimento, recomendação, apresentação,

conselhos, queixas, repreensão, confôrto. Em todos êstes assuntos, reclama a boa educação a observância estrita das leis de conveniência e polidez, bem como da concisão e apuro da linguagem.

As cartas de *negócio* têm um caráter particular, e exigem rigorosamente clareza e brevidade. Para isso se deve cingir, exclusivamente, ao assunto, quer seja êste comercial, quer seja administrativo.

Em suma, no escrever uma carta, devemos refletir em três condições — quem somos, a quem é que nos dirigimos, e qual é o objeto de que nos queremos ocupar. O tom deve ser sempre respeitoso para com os superiores, afetuoso para com os amigos e parentes, polido e cortês para com todos.

E' preceito ainda da boa educação que as cartas sejam escritas, nitidamente, em papel apropriado, pondo-se a data por extenso em cima, com o nome do lugar. Em seguida o nome, títulos e qualificativos da pessoa a quem nos dirigimos, e, nas mais cerimoniais, o lugar de sua residência. Pode-se iniciar a carta com amistosas saudações e desejos, e deve-se terminar, encimando-se a assinatura com expressões de amor, respeito ou gratidão.

Mais uma observação. E' necessário haver uniformidade no tratamento da pessoa, a quem nos dirigimos. Podemos tratá-la na 2.ª pessoa do singular (tu), na 2.ª do plural (vós) e na 3.ª do singular (Você, V. S., V. Ex.ª, Senhor, etc.). Não devemos misturar, na mesma carta, êsses diversos tratamentos, e a cada um dêles deve corresponder o *pronome oblíquo* e o *seu possessivo: a tu, te* e *teu ; a vós, vos* e *vosso ; a Você, V. S.*, V. *Ex.ª, Sr., se* e *seu.*

MODÊLO DE UMA CARTA DE APRESENTAÇÃO

Val-de-Lôbos, 26 de julho de 1872.

Exº. Amº. e Sr.

Esta é uma carta de apresentação, apresentação de um escritor novel, que deseja ocupar algumas colunas do folhetim do *Jornal do Comércio* com um trabalho literário. Veio-me falar nisto, sem se lembrar de que eu hoje sou um dos indivíduos mais impróprios para tais apresentações, eu que me transformei num rude *barrão* (o sábio de Santarém), inteiramente estranho a tais assuntos. Não pude convencê-lo de que, quando muito, estou no caso de apresentar a um merceeiro, qualquer lavrador, como bom fabricante de azeite.

Não houve, portanto, remédio senão escrever esta carta, contando com a sua velha amizade (e ainda mal para nós ambos que é velha) para me absolver dêste pecado, não de protetor, mas de procurador de coisas literárias.

Disponha do seu

Amº. Obrigº.

Alexandre Herculano

MODÊLO DE UMA CARTA COMERCIAL (O Sec. Moderno)

Guarapara, 7 de abril de 1917.

Ilmo. Sr. José Rodrigues da Silva.

Paranaguá.

Por êste venho oferecer a V. S. uma partida de mil sacas de café, tipo n.º ...., devidamente beneficiado e pronto a embarcar.

Sirva-se V. S. de me mandar o preço por telegrama para resolver e enviar, no caso de aceitar preço que me fizer.

De V. S.ª atº. crdº.

Brígido Silva

Temas :

1. A carta de um aluno a seu pai, expondo as matérias que estuda o tempo e diligência empregados no estudo delas, e as dificuldades relativas, que nelas encontra.

2. Carta de pêsames a um amigo pela morte de seu pai.

3. Carta a um irmão mais moço, aconselhando-o a que seja obediente, estudioso, serviçal e afável, e não desanimar com as dificuldades.

4. Carta de recomendação por um moço, que pretende uma colocação, alegando a favor dêle merecimento e pobreza.

5. Carta repreendendo e aconselhando a um amigo, que, sendo rico, julgava inútil a instrução e afabilidade.

6. Carta de um filho a sua mãe, narrando a morte repentina de um pai de família e descrevendo a tristeza e desamparo desta.

POESIA

As composições poéticas reclamam qualidades especiais, que poucos indivíduos possuem; daí o dizer-se *poeta nascitur*. As regras, porém, de tais composições estão ao alcance de todos.

Poesia é a linguagem viva da paixão e da imaginação, sujeita de ordinário a certa medida regular.

Poeta é o conhecedor desta linguagem; poema, uma composição poética; estro, a inspiração ou entusiasmo do poeta; poética, a arte que dirige o gênio na composição de poemas.

Verso é, rigorosamente, um conjunto de palavras, às vêzes uma só palavra, com número certo de sílabas, e determinada ordem de acentos e consonâncias.

ESTÂNCIA ou *estrofe* "é um grupo de versos semelhantes na forma e número."

As estâncias de dois versos são *parelhas;* de três, *tercetos;* de quatro, *quadras:* de cinco, *quintilhas;* de seis, *sextilhas;* de sete, *setilhas;* de oito, *oitavas;* de dez, *décimas.*

São três os gêneros fundamentais das composições poéticas: ÉPICO, LÍRICO e DRAMÁTICO.

VERSIFICAÇÃO é a parte da poética que ensina a fazer versos.

MÉTRICA ou *metrificação* tem por objeto a medição do verso.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERSOS

Os versos portuguêses classificam-se:

1.° Pelo número das sílabas.

2.° Pela posição do último acento predominante.

3.° Pela melodia ou cadência final.

I. Número de sílabas

Os versos portuguêses podem ter de uma até treze ou quatorze sílabas.

A contagem, porém, das sílabas poéticas diverge da contagem das sílabas gramaticais.

A gramática desce a uma análise mais rigorosa dos sons constitutivos das sílabas de que se compõe o vocábulo; o metrificador, porém, atendendo ùnicamente à cadência do verso e não à integridade do vocábulo, é menos rigoroso, e só conta por sílaba os sons que lhe ferem o ouvido na recitação corrente do verso. Assim, duas ou mais vogais, justapostas na mesma palavra ou no final de uma palavra e princípio de outra, fundem-se numa sílaba *poética,* embora se discriminem em duas ou mais sílabas *gramaticais,* p. ex.:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
No mais, Mu-sa, no mais; que a lira te-nho (p.)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
No mais, Mu-sa, no mais; que a li-ra te-nho (g.)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
Des-tem-pe-ra-da, e a voz en-rou-que-ci-da (p.)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13
Des-tem-pe-ra-da, e a voz en-rou-que-ci-da (g.)

As vogais átonas, ou quando a primeira o é, absorvem-se em uma sílaba poética, por *sinérese,* no meio de um vocábulo — *pi-e-da-de* = *pie-da-de, ci-u-me* = *ciu-me,* e por *sinalefa* em palavras consecutivas *ci-u-me-e-*

-*a-mor* = *ciu-mea-mor*, *min-nha-al-ma* = *mi-nhal-ma*. Não seria, em rigor, errado, mas abusivo, segundo Castilho, a absorção de quatro vogais, como — *glo-ri-a e a-mor* = *glo-ra-mor*. Sendo fortemente acentuada a primeira vogal, ou sendo ditongo, não se efetua a absorção — *só eu*, nunca *seu*, *viu uma*, nunca *vuma*.

Uma das liberdades poéticas se acha no emprêgo da *sístole*, recuo da tônica, e da *diástole*, avanço, permitindo êste emprêgo, às vêzes, diminuir ou aumentar o número de sílabas em certas palavras, como fêz Camões em — *Dário*, *Próteo*, *Téseo* (sístole), e em — *Semirâmis*, *Naiádes*, *Cleopátra*, *Eólo*, *Etiópes* (diástole). Além dêsses recursos poéticos, o uso criterioso dos *metaplasmos* dá ainda aos *metrificadores* a vantagem de poderem aumentar ou diminuir o número de sílabas em muitos vocábulos.

Propõe Castilho contar-se o número de sílabas de um verso até a última tônica ou acentuada desprezando-se a sílaba ou sílabas átonas da última palavra. Assim contadas, o verso que se dizia de quatorze sílabas, contém treze; os de treze, doze; os de doze, onze; os de onze, dez, etc.

I. Versos de 14 ou 13 sílabas, com acento na 6.ª e 13.ª:

O saber, a vir*tu*de, o valor, a probi*da*de,
Os homens engran*de*ce, em paz governa o *mun*do.

II. Versos de 13 ou 12 sílabas *alexandrinos*, com acento na 6.ª e 12.ª

Oh! santas que emba*lais* os berços das cri*an*ças,
E assim lhos reves*tis* de flóreas espe*ran*ças,
Que andais sempre a cui*dar* das almas por a*brir*
E a verter-lhes no *sei*o o germe do por*vir*.
. . . .

III. Versos de 12 ou 11 sílabas, ou de *arte maior*, com acento na 5.ª e 11.ª:

D'espigas e *pal*mas c'roemos a en*xa*da,
Morgado e não *ce*na dos filhos de A*dão*
Mais velha que o *ce*tro, mais útil que a es*pa*da,
Tesoiro é só *e*la, só ela bra*são*.

IV. Versos de 11 ou 10 sílabas, *endecassílabos*, com acento na:

a) 6.ª e 10.ª: "Que da ocidental *prai*a lusi*ta*na".
b) 2.ª, 6.ª e 10.ª: "As *ar*mas e os ba*rões* assina*la*dos".
c) 3.ª, 6.ª e 10.ª: "E tam*bém* as me*mó*rias glori*o*sas".
d) 2.ª, 4.ª, 8.ª e 10.ª: "Sal*var* a *gló*ria da na*ção* la*ti*na".
e) 4.ª, 8.ª e 10.ª: "Nuvem cer*ra*da do fe*roz* Ma*vor*te".

V. VERSOS de 10 ou 9 sílabas, com acento na 3.ª, 6.ª e 9.ª:

> Que me *importam* de *estranhos* os *loiros*?
> Que me *importa* essa *glória* d'*além*?
> Têm *acaso* estran*geiros* tes*oiros*,
> Com que *paguem* a *pátria* a nin*guém*?

VI. VERSOS de 9 ou 8 sílabas com acento na 4.ª e 8.ª:

> Acompa*nhai* meu vão la*mento*
> Auras li*geiras*, que pa*ssais*!
> Tu, caro *amor*, doce instru*mento*,
> Casa c'os *meus*, teus frouxos *ais*!

VII. VERSOS de 8 ou 7 sílabas, ou *redondilha maior*, com acento na 2.ª e 7.ª, ou 3.ª e 7.ª, ou 4.ª e 7.ª:

> Que eu *fôsse* enfim desgra*çado*,
> Escre*veu* do fado a *mão*:
> Não se *mu*dam leis do *fado*,
> Triste do *meu* cora*ção*!

VIII. VERSOS de 7 ou 6 sílabas, ou *heróico quebrado* ou *menor*, com acento na 6.ª:

> Salve florinhas *sím*plices
> Que em ditas me igua*lais*;
> Belas sem arti*fí*cios,
> Felizes sem ri*vais*.

IX. VERSOS de 6 ou 5 sílabas, ou de *redondilha menor*, com acento na 2.ª e 5.ª e também na 3.ª e 5.ª:

> O in*ver*no que im*por*ta
> Se o *fo*go em meu *lar*,
> Fe*cha*da esta *por*ta,
> Nos *vem* ale*grar*?
>
> Ado*rai*, mon*ta*nhas,
> Tam*bém* as ver*du*ras,
> Ado*rai* de*ser*tos
> E *ser*ras flo*ri*das,
> O *Deus* dos se*cre*tos,
> O Se*nhor* das *vi*das (G. V.)

X. VERSOS de 5 ou 4 sílabas, ou *quebrado de redondilha maior* com acento na 4.ª:

Doces des*po*jos
Tão bem guar*da*dos
Dos olhos *meus*,
Enquanto os *fa*dos,
Enquanto *Deus*
O consen*ti*am!

XI. VERSOS de 4 ou 3 sílabas, de *redondilha quebrada*, com acento na 3.ª:

De amor *fo*ge
Cora*ção*,
Não te ar*ro*je
Num vol*cão*.

XII. VERSOS de 3 ou 2 sílabas, com acento na 2.ª:

Às *tes*tas
Cin*ja*mos.

XIII. VERSOS de 2 ou 1 sílaba, com acento na 1.ª:

De *ho*mem
Só
*Ten*de
Dó.

II. Posição do último acento

Quanto à posição do último acento predominante ou tônico, os versos portuguêses são: AGUDOS, GRAVES ou INTEIROS, ESDRÚXULOS ou DATÍLICOS, conforme incide o acento na *última*, *penúltima* e *antepenúltima* sílaba da última palavra do verso. Exs.:

Agudo: A ajuda convocando do Alco*rão*.

Grave: Cale-se d'Alexandre e de Tra*ja*no
A fama das vitórias, que ti*ve*ram.

Esdrúxulo: O rosto carregado, a barba es*quá*lida.

III. Cadência final

Em relação à cadência final ou melodia, os VERSOS são *rimados* ou *soltos*.

RIMA é a conformidade ou semelhança fônica das sílabas finais das palavras de dois ou mais versos. A *rima* pode ser *consoante* ou *toante*. Dá-se a *rima consoante*, quando há conformidade perfeita entre as consoantes e vogais da ultima palavra, a contar da vogal tônica, p. ex.: firmeza e beleza, hist*ória* e gl*ória*, *dôr* e *amor*, pro*fundo* e *mundo*; a RIMA *toante* ou *assoante*, quando há mera correspondência de vogal, p. ex.: *mirífico* e *santíssimo*, *pá* e *metal*, *manto* e *casto*. Está esta RIMA em completo desuso.

A *rima* consoante classifica-se em — *encadeada*, *emparelhada* e *interpolada*.

ENCADEADA é a *rima* da última palavra de um verso com outra do meio do verso seguinte:

> As flores d'alma que se alteiam belas,
> Puras, singelas, orvalhadas, vivas,
> Têm mais aromas, e são mais formosas,
> Que as pobres rosas num jardim cativas (T. Rib.)

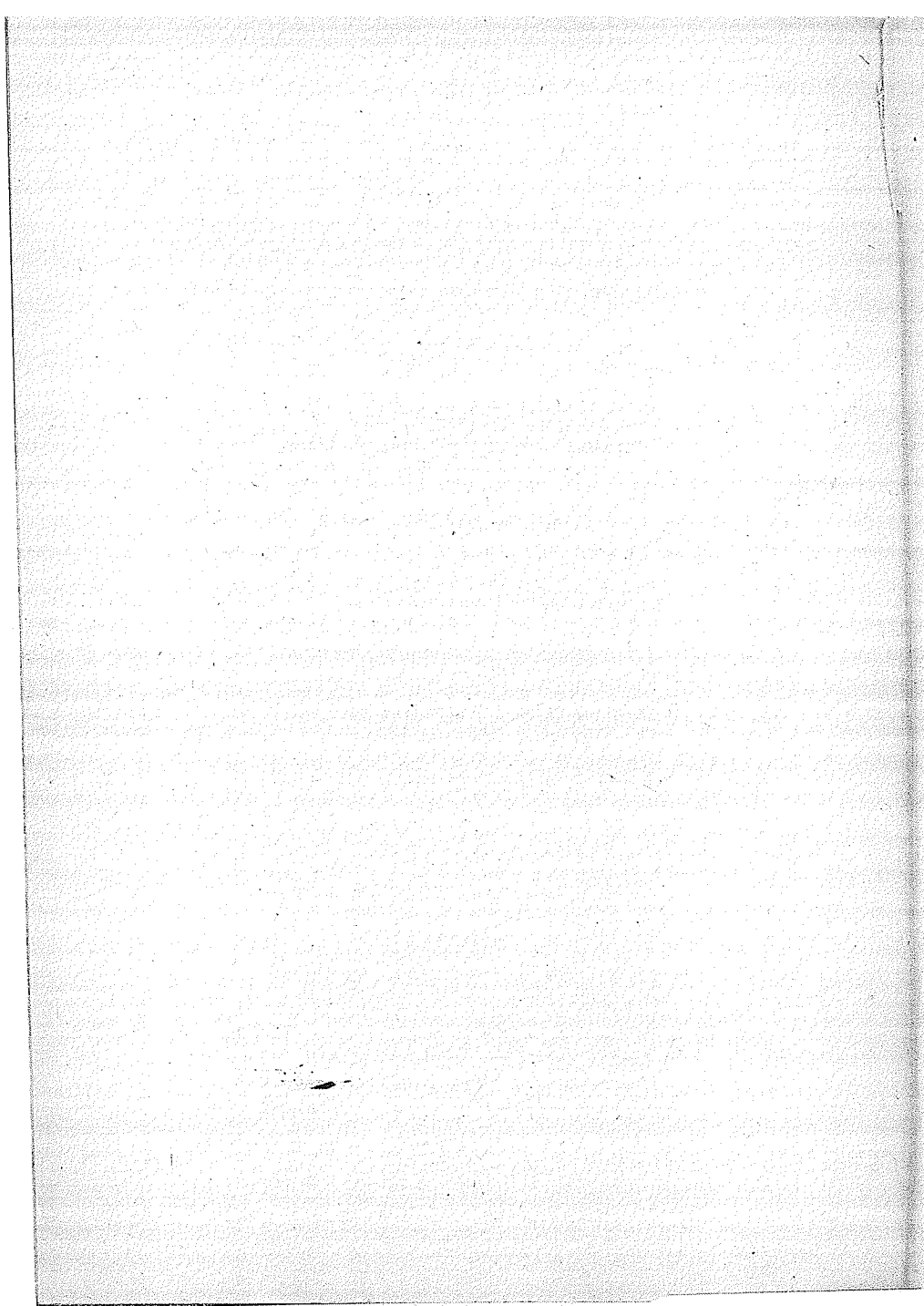
EMPARELHADA — quando as palavras finais de dois ou mais versos consecutivos rimam entre si:

> Inimiga não há tão dura e fera
> Como a virtude falsa da sincera.

INTERPOLADA — quando os versos que rimam entre si são permeados de um até seis versos de rima diferente. Ex.:

> Alma minha gentil, que te partiste
> Tão cedo desta vida descontente;
> Repousa lá no céu eternamente
> E viva eu cá na terra sempre triste.

VERSOS *soltos* ou *brancos* são os desembaraçados da *rima*, que só se ajustam bem com os versos HERÓICOS e ENDECASSÍLABOS. EXS.:

> Longe, por êsse azul dos vastos mares,
> Na solidão melancólica das águas
> Ouvi gemer a lamentosa Alcione,
> E com ela gemeu minha saudade.
> Alta a noite, escutei o carpir fúnebre
> Do nauta que suspira por um túmulo
> Na terra de seus pais; e aos longos pios
> Da ave triste ajuntei meus ais mais tristes...
> Rosa de amor, rosa purpúrea e bela,
> Quem entre os goivos te esfolhou da campa?
>
> (Garrett)

ÍNDICE ALFABÉTICO DA MATÉRIA

Os números indicam os parágrafos, exceto quando precedidos de pág.

ÍNDICE GERAL

Gramática Expositiva

Pág.

Págs.

Págs.

Págs.

Modelos de Análise e Exercícios Analíticos

Quadros Sinópticos

Sintaxe e Estilística

Composição Literária